João Cândido Ferreira

"Uma existência glorificada na prática e no ensino da Medicina"

SÉRIE GALERIA MÉDICA DO PARANÁ

COMISSÃO EDITORIAL PRÓ-TEMPORE

Leilah Santiago Bufrem (Presidente)
Antonio Pianáro
Ivens de Jesus da Fontoura
Izaura Hiroko Kuwabara
Olavo Guimarães

FICHA CATALOGRÁFICA

Catalogação na Fonte: Biblioteca Central

Ferreira, João Cândido.
João Cândido Ferreira : uma existência glorificada na prática e no ensino da medicina : opera omnia / organizado por Eduardo Corrêa Lima. — Curitiba : Scientia et Labor : Fundação Santos Lima, 1988.
xxvii, 620 p. — (Galeria médica do Paraná ; v. 9)

1. Medicina — Coletânea. 2. Ferreira, João Cândido. I. Lima, Eduardo Corrêa. II. Título. III. Série.

CDD 610
CDD 610.92
CDU 61(081)

Normalização: Lígia Neves da Silva
Capa: José Roberto Meireles
Revisão: Eduardo Corrêa Lima

Galeria Médica do Paraná

Volume IX

João Cândido Ferreira

"Uma existência glorificada na prática e no ensino da Medicina"

Opera Omnia

Organizado por

Eduardo Corrêa Lima

SCIENTIA et LABOR
EDITORA DA UFPR

Fundação
Santos Lima

Curitiba
1988

© Copyright by Fundação Santos Lima Pró-Memória Médica do Paraná

Scientia et Labor — Editora da UFPR
Travessa Alfredo Bufrem, 140 — Térreo
Fone (041) 264-2522 — Ramal 174
80020 — Curitiba — Paraná

ISBN 85-85132-11-6

Composto e impresso na
Imprensa Universitária da UFPR
Rua Bom Jesus, 650
Fone 252-6712
80030 - Curitiba - PR

A Fundação Santos Lima, ao publicar mais um volume de sua "Galeria Médica", tem a honra, desta feita, de homenagear o Prof. João Cândido Ferreira, contando um pouco de sua grande vida, glorificada na prática e no ensino da medicina.

Verdadeiro apóstolo da Medicina, escritor emérito, uma das expressões da nossa Cultura, deixou ele obras variadas, enriquecendo, assim, nosso patrimônio científico-literário.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos especialíssimos à Professora Nancy Westphalen Corrêa, incentivadora da concretização da idéia, pelo que nos auxiliou, catando no bau dos guardados da família João Cândido Ferreira, preciosidades lá quase esquecidas, dando-nos a oportunidade de, colecionando-as, reverenciar a memória deste grande vulto da medicina paranaense.

"Aos que contribuíram com seus depoimentos, pesquisas bibliográficas e sugestões, para o enriquecimento desta coletânea, a Fundação Santos Lima, aqui consigna também seus sinceros agradecimentos".

HOMENAGEM AO PROFESSOR CELSO FERREIRA

"Ao nosso presadíssimo Prof. Celso, exemplo de dignidade humana, traduzida de forma incomparável no exercício da medicina — sacerdócio, por sua tranqüila bondade e grandeza de alma, com humildade e profundo respeito, dedicamos esta coletânea, revivendo o político, o homem de letras e, sobretudo, o Médico e admirável Professor de Clínica, João Cândido Ferreira, seu ilustre pai".

"Quem viveu uma existência longa, útil, como o grande Mestre João Cândido Ferreira, por certo, ela confortou espíritos, consolou aflitos, minorou sofrimentos, cicatrizou feridas, balsamisou dores, legando às gerações, o saber e o exemplo.

. . . . . .

. . . . . .

Aí está uma vida para ser lembrada.
Aí está um médico para ser imitado!
Aí está um mestre para ser cultuado!
Aí está um cidadão para ser revivido!"

Benedito Nicolau dos Santos Filho.

FUNDAÇÃO SANTOS LIMA PRÓ-MEMÓRIA MÉDICA
DO PARANÁ

PATRONO



MANOEL PEDRO DOS SANTOS LIMA
1843-1898

MANOEL PEDRO DOS SANTOS LIMA

Discurso proferido pelo Prof. Dr. ARNALDO MOURA, por ocasião da Instalação Solene da Fundação Santos Lima, no Auditório da Associação Médica do Paraná, em 18-10-84.

O Prof. Arnaldo Moura ocupa, na Academia Paranaense de Medicina, a Cadeira n.º 34, cujo Patrono é o Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima

"Foi num dia assim, frio, a geada enfeitando a natureza.

E faz tanto tempo!

Um século exato.

Sonhos, ilusões, fantasias, quase tudo o tempo foi levando.

Levando...

O tempo leva quase tudo...

Só a vida, o tempo não leva...

A vida, quando a vida se prolonga noutras vidas...

O passado e o presente sempre se encontram.

Um túmulo que se abre, um berço que se embala!

É a vida vivendo dentro de um sorriso...

É a vida vivendo dentro de uma lágrima ...

Foi num dia assim, frio, a geada enfeitando a natureza.

A cidade acordou em festa.

Tão modesta era a cidade, com a sua centena de casas, a sua vida simples, a serenidade que tudo envolve. na doçura de uma paz perfeita.

Plangia o sino da igreja, chamando os fiéis.

Era dia de São Pedro.

E pelas esquinas se erguiam, na geometria de um quadrilátero, as pilhas de lenha...

Fogueiras em louvor do Santo!

A petizada, impaciente, ansiava pela chegada da noite,
quando as fogueiras, numa bizarria de luz, iluminavam todas as esperanças...

Foguetes riscavam o céu.

A noite desceu.

Na fazenda Santa Amélia tinha nascido, naquele instante, um menino.

Era a festa dentro de outra festa.

O pai olhava de longe, os foguetes que subiam, subiam...

E, subindo, iluminavam o caminho das preces.

O pensamento paterno seguia aquele rumo, murmurando mil coisas.

No enlevo de um supremo conforto.

Dia de São Pedro!

Sim, o menino teria no seu, o nome do Santo.

Seria MANOEL PEDRO!

Aconteceu isto na cidade da Lapa, na Fazenda Santa Amélia no dia 29 de junho de 1843.

Eram pais do menino o Dr. José Gaspar dos Santos Lima e D. Ana Messias de Oliveira Lima, natural de Itú, onde casaram.

José Gaspar dos Santos Lima, magistrado ilustre, era uma espécie de caixeiro viajante da Justiça.

Serviu como juiz em Sabará, comarca do Rio das Velhas, em Minas Gerais, depois em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, e em seguida em São Paulo, na comarca de Taubaté.

Não tinha quase um pouso fixo.

Andava espalhando Justiça."

Cem anos depois do nascimento daquele que foi, na palavra do Dr. João Cândido Ferreira, seu contemporâneo, " o maior vulto da medicina paranaense", a Associação Médica do Paraná, promoveu sessão solene comemorativa da passagem do centenário natalício do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima.

Ali falou a alma paranaense, na palavra do poeta e médico, também lapeano — Dr. Dirceu de Lacerda — nos versos do poema que transcrevi no início deste trabalho.

Manoel Pedro dos Santos Lima matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1862, aos 19 anos de idade e recebeu o grau de doutor em Medicina, em 27 de novembro de 1868. Era Diretor da Faculdade o Conselheiro Dr. José Martins da Cruz Jobim, e Vice-Diretor o Conselheiro Dr. Luiz da Cunha Feijó. O Professor de Clínica Interna era o mais importante nome da medicina brasileira, Dr. João Vicente de Torres Homem.

Torres Homem organizou e dirigiu o Serviço de Clínica Médica da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Ali impulsionou a pesquisa, o estudo e o ensino de medicina interna, estimulando os seus assistentes e internos nessas atividades docentes a par do atendimento humano dos doentes. Baseado nos princípios rigidamente científicos da ciência médica, formou escola que frutificou nos nomes mais ilustres dos professores de medicina que o sucederam.

Ali na Santa Casa de Misericórdia, qual Território de Epidauro encravado na cidade do Rio de Janeiro, novo templo de Esculápio, tal aquele da cidade sagrada da Grécia antiga, os novos sacerdotes dos templos de Esculápio e de Artemis estudavam, praticavam e ensinavam a medicina.

Foi neste Serviço, e com esses Mestres que estudou e praticou Manoel Pedro dos Santos Lima.

Levou para a sua vida profissional os ensinamentos ali adquiridos, e que o tornaram o maior vulto da medicina paranaense. Levou mais do que isto, os preceitos de moral e de ética, alicerces do código de virtudes que se impôs e cumpriu durante toda a sua vida. Exemplo de dignidade como homem e como médico, que fez da caridade, da honestidade e da modéstia os padrões maiores.

Estudante no Rio de Janeiro, Manoel Pedro dos Santos Lima conviveu com dois paranaenses. Habitaram a mesma pensão. Outros dois predestinados a serem os maiores entre os seus: João Teixeira Soares, que se diplomou em engenharia e veio realizar no Paraná o milagre da técnica — a estrada de ferro Curitiba-Paranaguá. O outro, Antonio Gomes Carneiro, foi o General que resistiu ao cerco da Lapa, trinta anos depois, e que morreu pelo seu ideal republicano.

O Dr. Manoel Pedro dedicou-se à clínica na cidade da Lapa até 1897 — 30 anos de medicina na prática diuturna que consome a vida nas suas canseiras e preocupações. Faleceu a 1.° de setembro de 1898, aos 55 anos de idade, ferido no coração por infecção contraída no exercício da profissão.

A par da medicina, e com a mesma dedicação e maestria, o Professor Manoel Pedro dos Santos Lima lecionava história universal, botânica, inglês, francês, latim e música.

Nos 30 anos que dedicou à sua terra ainda fez construir o Teatro São João, criou a biblioteca municipal e fundou a Associação Literária Lapeana. Ao tempo que exerceu a presidência da Câmara Municipal inaugurou a escola municipal.

Por todos os serviços prestados à comunidade, foi nomeado por D. Pedro II, em 1884, Oficial da Ordem da Rosa.

Dentre todos os mistéres a que se dedicou, foi a medicina que mais o absorveu, e à qual dedicou a sua vida.

A modéstia caracterizava a sua personalidade. Refratário a toda espécie de exibição. Não falava em público e não escrevia para jornais.

Tinha predileção pelas doenças do coração e pelas doenças infecciosas, em especial a febre tifóide, endêmica na Lapa. Por duas vezes combateu, com sucesso, surtos epidêmicos da doença. Reuniu experiência ímpar nesses campos da medicina. Manteve correspondência com Pasteur na permuta de informações. Nada publicou. Transmitia a sua erudição verbalmente. Exposição clara e segura, como atestam os seus contemporâneos, que tiveram o privilégio de ouví-lo.

Por modéstia, ou por vocação, nos deixou poucos escritos e destes vários se perderam.

Só tivemos possibilidade de manusear as suas teses de doutoramento, publicadas em 1868 — Da eclampsia durante a prenhez e o parto. — Do ópio e suas preparações pharmacêuticas. — Aconito considerado pharmacológica e therapêuticamente. — Da diphteria das feridas.

* * *

Se a modéstia foi traço característico da personalidade do

Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, a honestidade e a honradez fizeram de sua figura exemplo para os pósteros.

Honestidade no convívio com os colegas de profissão. "Era leal e acolhedor, não tinha ciúmes do oficial do mesmo ofício". Estas foram as palavras do Dr. João Cândido Ferreira ao contar dos seus receios de recém formado, ao atender uma paciente em crise de eclâmpsia pós-parto, cliente do mestre, naquele dia em viagem. Exatamente o assunto da tese do Dr. Manoel Pedro. E a da surpresa e júbilo inefável que experimentou naquela noite, quando do regresso do médico da família.

Transcrevo a emoção do Dr. João Cândido nas suas próprias palavras:

— "Referi tudo quando havia feito.

Examinou, calmamente, a doente, confirmou o diagnóstico e acalmou a família angustiada.

Decorrida cerca de uma hora, o marido, trazendo o vidro de remédio por mim prescrito, e dirigindo-se ao recém-chegado, disse-lhe que tinha terminado a poção.

O Dr. Manoel Pedro, recebendo-o leu vagarosamente a prescrição, enquanto eu, aflito, esperava a sentença inapelável. Terminada a leitura, restituiu o vidro e apenas disse: — Mande repetir...

Nunca se apartou de minha memória esse gesto fidalgo e alviçareiro, por parte de quem, estando em situação privilegiada de aniquilar para sempre o modesto colega, que apenas iniciava seu tirocínio, eleva-o no conceito dos clientes dedicados, conquistando-lhe a estima e a consideração."

Assim era o Dr. Manoel Pedro na sua vida profissional, e como cidadão. Foi esta honradez e honestidade que não lhe permitiram aderir aos florianistas durante a revolução federalista de 1893, que culminou com o cerco da Lapa, em fevereiro de 1894.

Em 1892 a política do Estado do Rio Grande do Sul havia se definido entre duas correntes. De um lado os partidários de Julio de Castilhos, identificados com a sorte de Floriano Peixoto e da própria República nascente. Defensores de um presidencialismo exclusivo, pelo qual não havia, inclusive, limite para o mandato presidencial.

Do outro lado reuniram-se políticos oriundos das mais variadas origens e tendências, agrupados em torno da oposição a Julio de Castilhos, e sob a bandeira das teses liberais de Silveira Martins.

A tônica principal de Silveira Martins era o parlamentarismo, com Monarquia ou com República, tendendo para a Constituição baseada nos princípios de uma República Parlamentarista.

Ao se prolongar o mandato, ou mesmo perpetuar um governo ou chefe da Nação em regime presidencialista extremado, corre-se o risco de entregar o comando da Pátria à incompetência, por tempo indeterminado.

A Nação há de ser sustentada por quatro colunas: a cultura dos sábios, a justiça dos grandes, as preces dos virtuosos e o valor dos bravos. Mas tudo isso é nada sem um governo honesto, e que conheça a arte de governar. Façamos disto a ciência de nossa tradição.

Julio de Castilhos, sob a proteção do General Bernardo Vasques, assalta o poder no Estado do Rio Grande do Sul, e nele se faz empossar.

Silveira Martins e Joca Tavares, não desejando a guerra civil, desarmam a tropa, renunciam à liderança, e retiram-se, com grande número de companheiros, para o Uruguai.

Não cumprem, os castilhistas, os acordos com eles firmados e submetem os opositores políticos a toda sorte de violências, fazendo recrudescer a agitação revolucionária.

Não se pode confiar em governantes que traem a palavra empenhada.

Os federalistas, tendo como chefe espiritual Silveira Martins, e como condutores militares Joca Tavares, Gumercindo Saraiva e Vasco Martins, invadem o Rio Grande do Sul, em 1893, vindos do Uruguai, onde se haviam concentrado.

Era a guerra aberta entre "maragatos" e "pica-paus".

Maragatos os federalistas de Silveira Martins, com suas fitas vermelhas onde inscreveram — Viva a Liberdade. Pica-paus com divisas brancas, cor do pássaro que picava a madeira para destruí-la.

A revolução ganha terreno com o apoio do almirante Waldenkolk e do general Salgado. Custódio de Melo, convencido da traição de Floriano, deixa o Ministério e revolta a Armada, fortalecendo a revolução federalista.

Os federalistas, comandados por Gumercindo Saraiva ultrapassam Santa Catarina e entram no Paraná, onde o governo estadual era-lhes francamente hostil.

A luta armada se desenvolve, no Paraná, em três frentes principais: Paranaguá, Tijucas e Lapa.

Custódio de Melo força a entrada da barra de Paranaguá, conquista a cidade e progride até Curitiba.

Em Tijucas, Gumercindo Saraiva derrota os legalistas do Coronel Adriano Pimentel.

A passagem estava livre para os chefes revolucionários. Entre eles e o norte do país se interpunha a Lapa, guarnecida pelo General Antonio Gomes Carneiro.

A 17 de janeiro de 1894, travou-se o primeiro combate entre as tropas federalistas de Gumercindo Saraiva e as tropas regulares do General Gomes Carneiro, apoiadas por voluntários arregimentados pelo Coronel Joaquim Lacerda.

Prolongam-se os combates até o dia 17 de fevereiro, particularmente sangrento, mortos Amintas de Barros e Dulcídio Pereira e gravemente ferido o próprio General Carneiro, que morre no dia 9. Proposta a capitulação a praça da Lapa rendeu-se com todas as honras da guerra, "atendendo a forma heróica por que defenderam a praça".

Com a chegada de novas forças legalistas, que avançavam por Itararé, sufocada a revolta da Armada, e mercê de dissenções que enfraqueceram os revolucionários, os federalistas perdem o terreno conquistado, retiram-se para Palmas, e abandonam o Paraná.

Com a volta do legalismo, recrudescem os ardores das paixões políticas, com prisões e mortes, violências e injustiças. Nas palavras de Niepce da Silva — "O domínio da lei transmuda-se no domínio do terror, dos pesadêlos, das inquietações das ruas e dos lares... O vento da insânia sopra, numa sucessão de rajadas sinistras".

No quilômetro 65 da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá é fuzilado Ildefonso Pereira Correia — Barão do Cerro Azul, com mais cinco companheiros: Matos Guedes, Balbino Carneiro de Mendonça, Presciliano Correia, José Lourenço Schleder e Joaquim Ferreira de Moura; Francisco Braga é fuzilado em Curitiba, José Antonio Colona e Pedro Nolasco em Paranaguá.

Chora a Pátria na pena do poeta que sentiu, vibrou, exaltou-se e entristeceu-se. Chora Luiz Ferreira França ao compor "Finis Patria":

Pátria minha infeliz, pátria minha!
Ninguém hoje haverá, que te aviste
Sem que a sorte te chore, mesquinha,
— De tão alto caíste... caíste...
Pátria minha infeliz, pátria minha!

Pátria minha infeliz, pátria minha:
Das espadas cruzando-se em riste
O teu corpo serviu de bainha
E a sua alma de luto vestiste,
Pátria minha infeliz, pátria minha...

Pátria minha, infeliz, pátria minha:
Os teus filhos que mortos tu viste
Nessa luta cruenta e daninha
Te fizeram ser triste... tão triste!?...
Pátria minha infeliz — pátria minha!

No entrevero dessa guerra fraticida o Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima formou com a oposição ao governo estadual, apoiando os ideais de Silveira Martins.

Chefe de grande prestígio, gozando de incontrastável influência entre seus correligionários, adversários dos sitiados na praça da Lapa, foi ele preso em fevereiro de 1894 e recolhido à Câmara Municipal.

Com a retomada do Paraná pelas forças florianistas, sobrevindo os dias tristes da nossa história, foi obrigado a deixar a Lapa e ocultar-se fora do Município, enquanto rugia a tormenta dos fuzilamentos sem julgamento, nem processo.

Do meio desse torvelinho, exilado da sua terra natal, escreve ao Coronel Joaquim Lacerda, e nas cartas que ainda se encontram no Museu David Carneiro, traça o perfil da sua própria personalidade:

— "Fui para a Lapa moço ainda, dediquei-me com entusiasmo à minha profissão, não como meio de fazer fortuna, mas como um sacerdócio".

— "Nunca persegui ninguém, nunca fiz mal a pessoa alguma, sempre procurei fazer bem a todos". ,

Estas palavras brotando do fundo de uma alma apreensiva e atribulada sintetizam a personalidade do homem de bem, dentro da pureza de sua honestidade e honradez, que não pode entender que se persigam pessoas por divergirem de suas idéias. Não renega os seus ideais, maragato continua, persiste fiel aos ideais de Silveira Martins, com vontade férrea resiste ao infortúnio, com a mesma convicção de Dante Alighieri, no Canto IV do Paraíso:

"Não se abate a vontade, se persiste;
Sempre se ergue, qual flama cintilante:
A força a estorce, vezes mil resiste".

Retornou à sua terra digno e respeitado, tão logo cessada a noite triste da nossa história; na altivez da sua honra e da sua honestidade sustentadas.

* * *

O traço mais acentuado e característico da personalidade do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, sem dúvida, foi a caridade. A caridade infinita. A caridade definida por Pascal: — "Se há infinita distância entre o corpo e a mente, maior é a distância entre a mente e a caridade, pois, esta é supernatural".

A caridade do amor ao próximo. A caridade perene, imorredoura, eterna. Diferente do amor passional que é egoista, a caridade é um amor de dilecção, só procura, só almeja, só se compraz no bem do próximo. Confunde-se com o amor. Reune-se à fé e à esperança nas três virtudes teológicas; e delas é a maior. Assim afirmou São Paulo aos cristãos de Corinto:

— "A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz

de inconveniente, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta".

— "A caridade jamais passará".

— "Agora permanecem estas três virtudes: fé, esperança e caridade. A maior delas, porém, é a caridade".

Jesus deixou-nos a mesma lição em uma frase:

— "Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Faze isto e viverás".

Manoel Pedro dos Santos Lima morreu pobre dos bens deste mundo, mas rico da bondade que semeou enquanto viveu." — Fiz da medicina um sacerdócio..." E neste sacerdócio que foi a sua vida, a caridade, o amor ao próximo, foi o mais nítido traço da sua personalidade completa.

A modéstia poderia tê-lo levado ao esquecimento das gerações. A honradez e a honestidade poderiam ter cerceado a sua vida, mas a caridade elevou-o à IMORTALIDADE.

O Dr. Manoel Pedro não é lembrado pela sua erudição, que era muita,tanto na medicina que amou, como na cultura humanística, pois nada deixou para os pósteros, em escritos que perpetuassem a sua memória.

Não é lembrado pela sua atuação política, pois limitou-se a conservar puros os ideais que sempre defendeu.

Talvez mesmo não lembrem os que passam diante de escolas, museus e teatros que construiu, que da sua vontade se constituem as pedras dos seus alicerces.

É lembrado, apenas, pelo bem que personificou, pelo médico perfeito que foi, pelo exemplo imorredouro para todos nós que exercemos o divino sacerdócio da medicina.

Em 1898 o povo da Lapa, por contribuição expontanea, erigiu no seu cemitério, um mausoléu de mármore branco, onde depositaram os restos mortais do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima. É um monumento sóbrio, como modesto foi o médico; de mármore branco, símbolo de sua honestidade impoluta. No alto do monumento, a quatro metros de altura, paira a estátua sím-

bolo da caridade, o traço mais acentuado e característico do grande e humanitário médico.

A Academia Paranaense de Medicina instituiu, como Patrono da Cadeira que tenho a honra de ser o primeiro titular, a figura ímpar do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima.

Cumpriu-se o que disse o Apóstolo: — "A CARIDADE JAMAIS PASSARÁ."

Cumpriu-se o que disse Cristo: — "FAZE ISTO E VIVERÁS."

* * *

Inauguraram-se hoje as atividade da FUNDAÇÃO SANTOS LIMA PRÓ-MEMÓRIA MÉDICA DO PARANÁ.

No preâmbulo da sua escritura pública de constituição, consta, em seu item 3.°:

"Imbuídos do melhor propósito humanístico e com o sentido de cultuar a memória do insigne médico que foi o Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, deliberaram instituir, nos termos dos artigos 24 e 30 do Código Civil Brasileiro, uma Fundação tomando-o com justificado orgulho como patrono, e in memoria dos doutores Eduardo dos Santos Lima, Manoel Pedro Corrêa Lima. Lysandro Santos Lima, Conradino dos Santos Lima e Paulo dos Santos Lima, filho, netos e bisneto do Dr. Manoel Pedro.

Assinam a escritura descendentes do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, amigos da Família, e admiradores do insigne Patrono.

A humanidade, desde as suas origens, organizou-se em sociedade, pois o homem é por natureza, e por necessidade, um animal gregário. De início em família, em vilas, em comunidades tribais, a sociedade civil progrediu para a formação de nações.

Do mesmo modo que a personalidade humana, as nações foram criadas à sua imagem e semelhança — têm corpo e alma. A sociedade é um organismo vivo dentro do seu corpo político.

O fundamento físico da Nação é o seu território, com suas características geográficas, com sua anatomia. Ele está diante de nós, palpável concreto, mas não é o principal. A Nação pode existir e sobreviver sem território, sem o aspecto físico da sua personalidade, desde que preserve as demais características.

O povo constitui o substrato biológico da Nação. Organizado sob uma das formas políticas do Estado é indispensável à sua existência, pois não poderá haver sociedade sem a integração material dos membros que a constituem. Entretanto, povo e Nação são coisas diferentes.

Para que a Nação se constitua na plenitude da sua personalidade é necessário que se desenvolva neste corpo físico e biológico alguma coisa mais — a verdadeira alma nacional.

A Nação só existe quando reune um acervo cultural de costumes, moral, religião, artes, ciências e sobretudo história, que a individualizam dentre os demais povos que constituem a humanidade.

A Nação só existe quando o seu corpo físico e biológico se completa pela consciência nacional, pelo amor à Pátria, pela dedicação ao seu povo, e pela memória que se expressa no culto aos seus heróis, não apenas pelo que fizeram, mas por que o fizeram, e como o fizeram. Esta a verdadeira HISTÓRIA da Nação.

A história em seu sentido amplo engloba toda a forma de conhecimento. O significado educacional da história, e dos exemplos históricos, na educação do povo, é fundamental para o progresso da Nação. A história entendida como pesquisa permanente do passado, para aplicação nos métodos utilizados no presente, e previsão das conseqüências futuras, representa a bússola segura que aponta a direção a ser seguida pelos condutores da Nação. Neste conteúdo o historiador é um filósofo que se torna um profeta.

A vida dos heróis e dos grandes homens do nosso passado histórico, parte importante da memória nacional, é fundamental para o culto da nacionalidade. Exemplo vivo aos pósteros de qualidades e virtudes a serem seguidas, e de vícios a serem desprezados.

Bem houveram os que instituiram em nosso meio a Fundação que tem por finalidade principal o culto à memória médica do Paraná.

Bem houveram os organizadores desta festa inaugural em associá-la à Academia Paranaense de Medicina e à Associação Médica do Paraná, pois, em grande parte, os seus objetivos são

comuns, e os seus caminhos diferentes, são paralelas que se encontram no infinito.

— Preservar a memória médica do Paraná.

— Prestar auxílio, colaboração e incentivo na área médico-social em nosso Estado.

— Apoiar a pesquisa científica, procurando preservar a memória médica do Paraná.

— Criar bolsas de estudo de pós-graduação na área médica.

— Incentivar o estudo e os trabalhos que visem a preservação do meio ambiente.

— Colaborar e auxiliar a pesquisa e a publicação de trabalhos versando sobre a história da medicina, e assuntos relacionados com a ciência médica.

"FAZE ISTO E VIVERÁS."

Prof. Arnaldo Moura

SUMÁRIO

1) Traços Biográficos
José Loureiro Fernandes

2) Reminiscências
Eduardo Corrêa Lima
Moysés Paciornik
Atlântido Borba Côrtes

3) Homenagens Póstumas
Orlando de Oliveira Mello
Ruy Noronha de Miranda
José Pereira de Macedo
Carlos Osborne

4) Ecos de Seu Jubileu Profissional

5) Victor do Amaral e Nilo Cairo

6) Para Lembrar...
Bento Munhoz da Rocha Netto
João Cândido Ferreira — sua vida Política
Túlio Vargas

7) Bibliografia — Opera Omnia

8) Índice Remissivo

Traços Biográficos

PROFESSOR JOÃO CÂNDIDO FERREIRA

JOSÉ LOUREIRO FERNANDES

Nasceu o Prof. João Cândido Ferreira na Fazenda Taboão a 21 de abril de 1864; pertencia essa florescente propriedade agrícola ao seu avô materno Com. Gregório Antunes Maciel.

Decorreram os primeiros anos de sua existência no ambiente rural da Fazendinha, residência habitual de seus pais, o Alferes João Cândido Ferreira e D. Ana Leocádia Maciel Ferreira e posteriormente no borborinho vilarejo da Lapa, onde iniciou o estudo das primeiras letras com o professor Pedro Fortunato.

A Vila Nova do Príncipe, surgia no século XVIII de um pouso habitual de tropeiros, tornara-se, no remanso dos Campos Gerais, notável entreposto comercial entre São Paulo e as províncias mais meridionais do Império.

Rudes figuras de tropeiros, percorrendo incessantemente o caminho de tropas, que de Sorocaba se estendia até Viamão, mantinham esse pequeno núcleo de concentração humana do planalto paranaense em constante e benéfico intercâmbio com centros irradiadores da incipiente civilização brasileira.

Foi por esse velho caminho que, por volta de 1878, demandou João Cândido o tradicional colégio do Lageado, onde os seus desejavam se consolidasse a sua instrução primária e tivesse início a preparação para o curso de humanidades.

Sorocaba, "foco de tropas e boiadas, desfrutava já grande importância como centro comercial que lhe dava mil atrativos", e por esse tempo contava, no bairro de Jundiacanga, a meio caminho de Campo Largo (São Paulo), com o afamado colégio de S. João do Lageado. Dirigido pelo professor Francisco de Paula

Xavier de Toledo, auxiliado pelos seus parentes e filhos, grangeara renome pedagógico, não só por proporcionar sólidas bases de cultura como, especialmente, pelo cunho aristocrático da educação ministrada aos rapazes ali internados.

No Lageado, permaneceu João Cândido durante dois anos, findos os quais regressou à Lapa, de onde demandou a Côrte para fazer, no colégio Alberto Brandão, o seu curso de humanidades, brilhantemente coroado com o êxito dos exames parcelares realizados perante a Junta de Instrução Pública.

Matricula-se em 1883 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se revelou, como estudante, o grande clínico que seria na vida profissional, pela aplicação ao estudo e pelo devotamento que consagrava aos trabalhos de Clínica Médica. Pontificava nesa época, na cátedra de Clínica, o eminente mestre Torres-Homem, a cujo influxo formou a sua cultura médica.

A dedicação que votava aos estudos não lhe embotara o espírito cívico. As campanhas republicana e abolicionista, que agitavam a mocidade acadêmica da época, encontraram no jovem paranaense um adepto entusiasta. Silva Jardim, Patrocínio, Nabuco e toda a valiosa coorte de abolicionistas e republicanos tiveram-no entre os que mais vibravam, aplaudiam e apoiavam as suas inflamadas pregações libertárias. E, assim, no culto de amor à Pátria e à Medicina, decorreram os anos da vida acadêmica de João Cândido.

Em princípios de dezembro de 1888, agravando-se o estado de saúde de seu venerando pai, e tendo sido chamado à Lapa, obteve do diretor da Faculdade autorização para colar grau antecipadamente, a 21 de dezembro, depois de haver brilhantemente defendido a sua tese inaugural, "Diagnóstico e Tratamento das Nevrites Periféricas".

Não figurou, assim, entre os doutorandos que a 26 de dezembro de 1888 colavam grau na presença do augusto Imperador Pedro II e da Família Imperial, que pela última vez participavam de uma solenidade dessa natureza no Brasil.

A formação médica de João Cândido processou-se, no último quartel do século passado. sob a influência das grandes mutações então ocorridas nas doutrinas médicas.

Não obstante o ensino da prática clínica, em nosso meio,

continuar hipocráticamente e como sempre à cabeceira do doente, começava a melhorar com as conquistas da prática laboratorial.

João Cândido pertenceu à geração dos jovens médicos que, no Rio de Janeiro, capital que ainda conservava muito da velha cidade colonial, assistiram às primeiras mutações no setor médico, tendo em mira as melhoras de condições de vida dos agrupamentos humanos.

A Medicina adquiria, por outro lado, uma nova feição, "tornava-se social, fundamentalmente social. A Higiene era uma das suas mais progressivas e apaixonantes lavouras".

Diplomado, João Cândido inicia as suas atividades profissionais no torrão natal, repartindo nos seus primeiros anos de trabalho, com o conceituado clínico Manoel Pedro de Santos Lima, as agruras da clínica de sertão.

A Lapa, nessa época modesto povoado sem condições sanitárias satisfatórias, pagava anualmente um tremendo tributo em vidas aos surtos periódicos de febre tifóide. Alarmava-se a população, particularmente nos meses de fevereiro, março e abril, quando a doença se manifestava em verdadeiros surtos epidêmicos.

Nas árduas contingências da vida médica numa remota cidadezinha do interior, o jovem clínico, empolgado pelas doutrinas da etiologia hídrica que então começava a dominar nos sectores de estudo da dotienenteria, realiza um inquérito epidemiológico, que revela não se tratar de propagação da infecção por contágio direto mas sim por veículos contaminados.

Era a grande fase da etiologia hídrica, a maioria dos autores timbrando em assinalar "a importância do papel da água na propagação da febre tifóide; a maior parte das grandes epidemias não têm uma outra origem".

Seu inquérito epidemiológico vinha também apurar que outro não poderia ser o veículo de contaminação da população da Lapa, a não ser a água do seu chafariz, em cuja vizinhança se registravam casos de febre tifóide.

Essa fonte de moldes coloniais, construida numa barroca, tinha as águas facilmente poluídas, não só pela infiltração pro-

veniente das fossas de casas pobres vizinhas, como também pela penetração de águas de superfície no seu reservatório, por ocasião das chuvas .

Ao declarar a água suspeita, mas sem a possibilidade de fazer uma demonstração direta, não teve João Cândido outro recurso para convencer a população senão lançar mão de meios indiretos, fazendo reconhecer a poluição da fonte. Aliás, em seu espírito não pairava dúvida de que mesmo em centros bem aparelhados de material de laboratório a prova direta, revelando a presença do bacilo de Eberth na água ,não era fácil de obter.

Ao interditar, de comum acordo com o Prefeito, a água da tradicional fonte, forçados, se viram ambos, a dar uma solução para o abastecimento de água à população. Com o subvencionamento, pela Câmara, de um aguardeiro, o qual diariamente fornecia à população água de uma nascente situada nas fraldas da encosta do célebre Morro do Monge, encontraram uma feliz solução ecológica. Para a coleta conveniente, havia uma pipa, que distribuia água várias vezes por dia, aos habitantes. As pessoas abastadas contribuiam com pequena importância mensal e às pessoas destituidas de recursos era a distribuição feita gratuitamente.

Essa solução ecológica, do ponto de vista médico não deixava de ser um retrocesso; mas foi a única possível para evitar que aquela população ingerisse água de cuja contaminação achava-se João Cândido inteiramente convencido.

Como testemunho do acerto dessa medida, registremos que nos anos que se seguiram não mais ocorreram surtos epidêmicos de febre tifóide e nunca mais a população viveu os momentos de angústia com que todos os anos, ao iniciar-se o mês de fevereiro, aguardava a mortifera ação da terrível febre.

João Cândido demonstrava assim, ao orientar em acertados rumos higiênicos os seus conterrâneos, sua brilhante cultura médica e perfeita compreensão da função social que cumpre seja exercida pelos profissionais da Medicina. Aliás, entre os clínicos do seu tempo, pertenceu ao grupo daqueles, raros sempre prontos a dedicar qualidades oratórias e atividades literárias em prol da educação higiênica de nossa população.

Vem a pelo recordar sua primeira contribuição nesse sentido, quando clínico na Lapa e membro da Diretoria do clube

local, "Congresso Recreativo", na qual ocupava o cargo de orador. O Congresso Recreativo, era associação que sendo recreativa não deixava no entanto à margem a parte educacional; a par de divertimentos, promovia não só sessões como também posteriormente organizava conferências cientificas de alto interesse educacional para os seus associados.

Em outubro de 1897, ao inaugurar-se esta série de conferências, coube a primeira, ao Dr. João Cândido Ferreira, que adrede escolheu como tema assunto de relevância e utilidade imediata para o meio: "Profilaxia da Tuberculose". Como médico, conhecedor das precárias noções de higiêne da população a que constantemente ministrava serviços profissionais, vale-se da conferência para divulgar noções seguras tendo em mira impedir o contágio da tuberculose, e nesse sentido doutrina com segurança, transmitindo os resultados a que conduzem os cuidados higiênicos na luta contra a infecção.

Digno de registro é a dominante preocupação do ambiente; na conferência há sempre a nota ecológica; lá deparamos particular referência ao clima da Lapa, à fama de salubridade de que gozava, propício aos "doentes do peito" que, não raro, vinham ali buscar o restabelecimento da saúde alterada.

Lá está a observação do clínico local, relativa ao contágio pela tuberculose, tentando mostrar num esquema de história nosológica seu progresso, particularmente no que chama "uma terceira época", cujo princípio data de 1885 e na qual as manifestações tuberculosas tornam-se tão frequentes que dificilmente realizar-se-ia "o trabalho de grupar os casos numa série única"; aponta ainda que os casos que abrem essa era nefasta, propagando a enfermidade de modo assustador, não pertencem à população local, mas são filhos de outras plagas que ali tinham vindo à procura da almejada cura; menciona a marcha invasora da infecção para provar existir uma certa regularidade na maneira de se efetuar o contágio.

Após dissertação atraente e bem dosada erudição, tendo em mira a finalidade educacional de tais conferências, encerra suas palavras com uma síntese dos preceitos de profilaxia mais recomendáveis face à infecção tuberculosa. E bem compreenderam seus conterrâneos quão meritória havia sido a iniciativa do ilustre médico, orientando, com sua cultura e incontestável

autoridade, o meio social em que vivia, relativamente à luta a assumir contra a disseminação de tão terrível moléstia, quando mandaram publicar em folheto esse trabalho, para mais ampla divulgação.

Aliás, todas as iniciativas de caráter cultural na Lapa tiveram integral apoio de João Cândido, no início da sua vida médica. Embora isolado no interior do Paraná, continuava ele a acompanhar com interesse o progresso científico e literário da capital da República e, particularmente, da França.

O prestígio de que então desfrutava o jovem médico foi, à instância de amigos, colocado a serviço de sua terra: Prefeito Municipal da Lapa em 1892, Deputado Estadual em 1896, Deputado Federal em 1901, Vice-Presidente do Estado em 1903 e Presidente eleito do Paraná em 20 de outubro de 1907.

Quando Prefeito de sua cidade natal, a Lapa se imortaliza na nossa história republicana, pela resistência heróica que apôs aos federalistas. Durante o angustioso cerco, foi João Cândido o médico desvelado que a todos prestou assistência, procurando mitigar os sofrimentos da população sitiada.

Integra-se à epopéia guerreira, declarando-se "soldado da legalidade", mas na qualidade de médico diretor do hospital de sangue. O hospital de sangue, montado de emergência na Lapa, no velho casarão senhorial do negociante português Santos, abria sua fachada acolhedora no largo da Matriz e dominava pelos seus fundos o alto do Cemitéric; na grande sala posterior fora instalada a modesta sala de operações e muitas vezes, no fragor dos combates, a fuzilaria do inimigo alojado por trás dos muros do Cemitério, alvejou o seu teto.

Os médicos eram forçados, nesses momentos, a mandar cerrar as espessas portadas das janelas e terminar, à luz de velas, a intervenção iniciada, no cumprimento do dever profissional de salvar vidas humanas, enquanto lá fora "as balas espoucavam, sibilando, tétricas as granadas estrugiam esfuziando, alígeras, os canhões ribombavam em convulsões titânicas", e "os úivos da fuzilaria repercutiam em todos os corações, como um canto lúgubre de morte".

Singular contraste, para o seu coração de jovem médico, este que se desenrolou ante seus olhos no memorável cerco,

"uma odisséia de dor a confundir-se com uma epopéia de heroismo. Odisséia escrita com lágrimas, epopéia escrita com sangue".

Nesses trágicos dias fratricidas, João Cândido muito cedo se dirigia ao hospital de sangue, para fazer sua visita médica e orientar os numerosos curativos. A 7 de fevereiro de 1894, cerca das nove horas, quando, na porta do prédio do hospital de sangue, "esperava que arrefecesse o tiroteio para atravessar a praça e entrar na casa de Pedro Fortunato", onde se achava instalado, viu, "com grande emoção, o Cél. Carneiro dirigir-se para essa casa, ladeado por Lacerda e Libero Guimarães".

A contemplação, naquele angulo da praça, dos três homens, — derradeira marcha de uma chefe guerreiro que procurava trair a gravidade dos ferimentos, tentando conservar com heróico estoicismo seu garboso porte militar — permitiu-lhe avaliar "toda a extensão do infortúnio" que, "nessa hora de infernal fuzilaria", tombava sobre o destino da cidade sitiada.

Maior emoção se seguiu ao exame do doente, dada a gravidade dos ferimentos e a impotência de seus recursos.

Dessa manhã de 7 até a tarde de 9 de fevereiro, quando faleceu Gomes Carneiro, João Cândido cercou-o de todos os cuidados médicos ao seu alcance e daquelas horas, angustiantes mas reais, traz o seu honrado testemunho a ressaltar "o alto valor militar de Gomes Carneiro, a sua inquebrantável decisão de resistir, a todo e qualquer preço".

Nessa fase inicial de sua vida pública, que decorreu de 1892 a 1903, podemos sentir que as preocupações políticas não absorvem a sua atuação médica, pois assinala os lazeres da clínica com a publicação de vários trabalhos de sua autoria: "Profilaxia da Tuberculose" (1897), "Higiene Pública" (1897), "Feridas do Coração" (1898), "Influência do Casamento sobre as Cardiopatias" (1898); com a aprovação da memória "Influência da Gravidez sobre as Moléstias do Coração", em 1899, conquista o título de membro correspondente da Academia Nacional de Medicina.

Pouco depois foi João Cândido, pela única vez, e mau grado seu, obrigado "a sustentar polêmica pela imprensa, a qual se prolongou por dois anos, com pequenas interrupções". Ousara

o médico provinciano iniciar pela imprensa uma campanha contra a super-alimentação no regime do tuberculoso, lançando-se assim "contra a corrente impetuosa das mais autorizadas opiniões".

Invocando noções elementares da biologia e da fisiologia da época, o médico lapeano criticava o tão apregoado e geralmente aconselhado agente terapêutico, por "inexequível, ineficaz e até nocivo". Atitude tão ostensiva a tratamentos de rotina, tidos como de real eficiência na cura da tuberculose, deveria forçosamente encontrar, na classe médica da época, formal resistência. Foi o que sucedeu em Curitiba, onde dois dos mais ilustres e destacados membros da classe médica vieram à liça, estabelecendo-se em nosso meio a memorável polêmica, na qual, se a dialética propriamente científica foi muitas vezes prejudicada por fina ironia tão ao sabor dos pendores literários daqueles tempos, por outro lado veio revelar-nos traços muito característico da cultura literária dos contendores.

São os pendores médicos que avultam nessa fase da vida de João Cândido e nenhum traço encontramos, na história política, que revele entusiasmo no exercício dos mandatos que lhe foram conferidos em pleitos eleitorais no Paraná. Parece aceitá-los como cumprimento de um dever cívico e neles se mantém, com dignidade, por insistência de chefes políticos, sem pessoalmente se empolgar pelo fastígio das altas investiduras partidárias.

Profundamente expressiva é a maneira lacônica, como, no seu jubileu profissional, achou devia dar conta aos amigos e colegas da sua atuação política: "Como deputado estadual, apresentamos um projeto, que foi convertido em lei, reorganizando a Repartição de Higiene. Como deputado federal, fomos acometido de moléstia grave no primeiro ano de legislatura, e nossa atividade não passou de alguns pareceres sem importância".

Pareciam falecer-lhe qualidades para as tramas intrincadas da política. Não obstante, os fados contribuiam para que não se afastasse desse gênero de atividade.

Na Lapa, Vicente Machado o obriga a chefiar o partido dominante, posição política na qual, em 1903, foi de novo buscá-lo, incluindo-lhe o nome como candidato ao cargo de 1.º Vice-Presidente do Estado; eleito, toma posse do cargo a 25 de feve-

reiro de 1904, e nesse quadriênio governamental (1904-1908), nas ausências presidenciais, motivadas pela pertinaz enfermidade que havia de vitimar Vicente Machado, forçado foi a substituí-lo, por várias vezes; ao exercer o supremo cargo administrativo do Estado, revela através de suas atitudes um desejo de sempre servir com lealdade e dedicação ao Paraná; cumpriu assim "o seu dever patriótico, reailzando uma administração civilizadora e progressista, das mais ativas e operosas que teve o Paraná", como opinou um contemporâneo.

Sua influência administrativa se fez sentir nos sectores da instrução, da viação e da colonização.

Nos domínios da instrução, a par de um estímulo nos trabalhos de rotina, merece referência, pelo seu cunho particular, a criação do ensino agrícola no bairro citadino do Bacacheri, transmitindo noções técnicas de agronomia aos agricultores, cujos trabalhos até então eram condicionados à iniciativa individual e às práticas de rotina no amanho da terra e nas lides do gado.

A Escola Agrícola do Bacacheri foi inaugurada em 18 de maio de 1907, e teve desde a sua fundação como diretor e orientador o provecto agrônomo Oscar Von Mein. Sob a direção desse conceituado técnico, diplomado por universidade européia, prodigalizou a Escola do Bacacheri bons serviços à lavoura paranaense, "quer com as experiências realizadas nos seus férteis campos, quer com o ensino prático da lavoura, de acôrdo com os métodos mais adiantados da agricultura científica, extinguindo aos poucos os rotineiros processos que a atrofiavam".

Nesse zelo do Dr. João Cândido pelo progresso no amanho da terra, podemos sentir a influência sempre preponderante que teve o meio rural na formação das aristocracias intelectuais de nosso Estado no século passado. Sentimo-la no seu entusiasmo pela excelência da tranquilidade campezina e nas atitudes em prol do progresso agrário; bem expressivas, a esse respeito, são as palavras do clínico paranaense ao evocar o seu labor de outrora na terra lapeana, acurado e venturoso, onde "ao mesmo tempo exercia com toda solicitude e aferro as profissões de médico e agricultor, e nessa lida diuturna" — são palavras de João Cândido — "encontrava as mais suaves alegrias, as mais compensadoras distrações".

Nos domínios da colonização merece particular referência o estabelecimento de um núcleo colonial, próximo à Capital, na antiga fazenda Águas Belas, nas vizinhanças de São José dos Pinhais. Recebeu essa núcleo de colonização eslava, ao ser fundado pelo governo do Estado, a denominação de "Colônia Afonso Pena", e nessa homenagem à suprema autoridade da nação revivia-se não só o espontâneo entusiasmo com que o povo paranaense, em agosto de 1906, aclamava o benemérito brasileiro, mas também se fazia ato de justiça ao eminente estadista que, no seu plano de política colonizadora, pronta e devidamente aquinhoara o Paraná.

A João Cândido afigurou-se também digno de estudos, pela sua importância, outro problema da administração: o da viação. A extensão insignificante das estradas dificultava enormemente a penetração e o povoamento do nosso "hinterland"; várias tentativas coloniais do Império haviam fracassado, dada a situação de isolamento em que ficavam os núcleos povoados, e sua produção, em relação aos centros consumidores.

A estrada de Mato Grosso era aspiração acalentada por sucessivos governos, e tinha, para o Paraná, particular significado como via de penetração do nosso sertão. Baseado em estudos anteriores, no governo de João Cândido houve um acordo com o governador de Mato Grosso no sentido de ser aberta, através do oeste paranaense, uma estrada que ligasse nossa Capital ao vizinho Estado. Concluídos os estudos, chegou a ser aberta a concorrência para construção e concessão da balsa sobre o rio Paraná. Através dessas pleadas iniciais cogitava-se de trazer gado matogrossense para incremento da pecuária e consequentemente aproveitamento de nossos campos.

A morte de Vicente Machado criava, na sucessão da chefia do partido no Paraná, sérias dificuldades para os membros do Partido Republicano.

João Cândido, na presidência do Estado, surgia naturalmente como indicado para chefe da política dominante. Mas ele próprio faz sentir que essa não deveria ser sua suprema aspiração quando, sem falsa modéstia, apela para a maior experiência em negócios públicos que possuia Xavier da Silva.

Antes de tudo era médico, amava a glória de sua profissão, a única que lhe parecia digna de ser aspirada.

Seu "Manifesto Político", publicado a 27 de fevereiro de 1908, é a explicação dos motivos por que, depois de eleito Presidente do Estado, renunciou de um momento a todas as prerrogativas e investiduras na política, e é por demais significativo da superioridade de seu espírito nesses domínios.

Hoje, através o depoimento de elementos pertencentes a ambas as facções daquela fase de nossa vida política, sentimos que, pelas suas qualidades pessoais, João Cândido não podia realmente assumir o mando de um político afeito, até então, ao pulso férreo e hábil de Vicente Machado, contra o qual se desmantelavam as múltiplas tentativas de seus contendores.

Vicente Machado centralizara por tal fórma as atividades políticas que sua morte forçosamente traria tremendas dificuldades a quem quer fosse seu sucessor imediato na política. Foi o que sucedeu com João Cândido, não obstante o seu nome haver sido sufragado unanimemente. Muito significativo é, a este respeito, o trecho biográfico da pena de Francisco Negrão:

"Eleito presidente do Estado para o quatriênio 1908-1912, em eleição em que foi unanimemente sufragado o seu nome, por não haver luta eleitoral por falta de contendor, viu-se na necessidade de renunciar o mandato, pela rebelião daqueles que, pouco antes, o aclamavam chefe do partido, e indicavam o seu nome à governança do Estado, e que pelo desejo de mando, e obedecendo a insinuações indébitas de poderoso político extranho ao Estado, se coligaram ao adversário, atirando ao ostracismo grande número de antigos companheiros de todos os tempos, que tiveram a hombridade de se tornar coerentes com seus princípios, ficando alijados do poder".

No ardor das palavras do ilustre linhagista, sentimos que o manifesto político de João Cândido, divulgado em 27 de fevereiro de 1908, quando desprestigiado do poder, não pôde ser imputado com a pecha de falsidade histórica, para justificar uma retirada estratégica da política dominante. Pois, em testemunho à verdade de suas palavras, invocou o nome de personalidades então no fastígio da política, e essas deixaram passar sem o contestar, em julgado, para a posteridade, a veracidade do relato feito pelo seu ex-correligionário.

Aqueles dos seus contemporâneos que viam em João Cândido o médico ilustrado e operoso, bem compreenderam "que

houve lógica e hombridade" em seu proceder, "que à primeira vista parece incoerente e irrefletido".

Com este manifesto, renunciou completamente ás atividades políticas, afastando-se para sempre das fileiras do Partido Republicano Federal no Paraná, nas quais "nada mais havia feito que cumprir com altiva solidariedade o dever, como um soldado disciplinado".

Tendo renunciado a seus cargos políticos, volve "ao conchego e serenidade do lar doméstico, na cidade natal", onde prossegue com o mesmo entusiasmo de sempre as suas atividades médicas. Se nos primeiros tempos se consagra inteiramente ao exercício da clínica, que realizava "com o cuidado, a obrigação e o empenho de um ministério sagrado", aí não estacou sua atuação médica, que nos anos que se seguiram, só "se ampliou e hipertrofiou, projetando-se em funções correlatas de intensa atividade intelectual e dilatada repercussão social".

Quatro anos após, dá um vivo testemunho do apuro no conhecimento da literatura médica, quando divulga, na revista profissional de projeção nacional "Brasil-Médico", um seu trabalho intitulado "Taquifagia, polifagia, artritismo e arterioesclerose".

No ano seguinte (maio de 1913), viajava para a Europa. Ao visitar grandes centros da civilização européia, constantemente recrudesce o amor ao seu rincão natal, evocando "a prodigalidade com que a natureza entornou sobre o Brasil a cornucópia de todas as belezas, atrações e opulências". Mas "o excursionista curioso e bem-humorado" não esconde o médico quando, em Paris, visita velhos hospitais e, na Suiça, ao percorrer cidades, detém-se especialmente nas dos cantões de Grison, em visita aos mais famosos sanatórios do mundo.

Com que satisfação pôde aquele médico lapeano registrar então, que a propósito do regime desses sanatórios, "em todos eles já estava proscrita a super-alimentação no tratamento da tuberculose".

Regressando do Velho Mundo, fixa definitivamente residência em Curitiba, onde passa a exercer a clínica, grangeando desde logo alto conceito profissional.

Já no ano seguinte vamos encontrar João Cândido presidente eleito da Sociedade de Medicina do Paraná. Quando a 12

de setembro de 1914, assume esse cargo, profere brilhante alocução, desenvolvendo a antitese "Guerra e Medicina", verdadeira profissão de fé no progresso da Medicina no momento em que o mundo iniciava as suas perigosas fases guerreiras deste século.

Valiosa foi a sua cooperação nos trabalhos da Sociedade de Medicina do Paraná cuja presidência voltou a ocupar várias vezes, e onde desenvolveu intensa atividade científica não só através de numerosas comunicações de casos clínicos, como também pelos eruditos comentários que levava ás discussões de temas palpitantes ventilados nas suas sessões.

Na história do nosso progresso médico, os debates desenrolados nas reuniões da Sociedade de Medicina, merecem lugar de particular relevo, pois, contribuiram para estimular a produção científica dos abnegados profesores da incipiente Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná e criar o necessário ambiente de mútua cooperação e melhor entendimento que deve existir para o progresso da ciência.

Aliás, em 1915, nas enfermarias da Santa Casa, já João Cândido ministrava conhecimentos de propedêutica e clínica médica aos raros e entusiastas estudantes que constituíram as primeiras turmas da Faculdade de Medicina. Seu entusiasmo pela profissão, sua cultura médica, exerceram, notável influência sobre essas primeiras gerações de uma Universidade que enfrentava audaciosamente todos os obstáculos que se contrapunham á continuidade de sua obra benemérita.

De sua dedicação inicial ao magistério — campo vasto, a cujo amanho dedicaria a mór parte de sua vida — nos fala sua "Lição Inaugural", proferida a 20 de março de 1917, quando, na qualidade de professor interino, iniciou o curso de propedêutica médica.

A sua formação científica e literária, fortemente influenciada pelos mestres franceses, calcada no seu constante convívio, deve João Cândido aquele método todo seu de ensinar, expondo com simplicidade e clareza as particularidades dos casos clinicos, junto ao próprio leito do doente.

Fazendo o ensino da prática clínica á cabeceira do doente, não se descurou João Cândido, logo de início, de obter os recursos complementares de diagnóstico oferecidos pelas con-

quistas da prática laboratorial. Nesse sentido, merece particular referência a criação, sob sua influência, do primeiro laboratório de pesquisas clínicas anexo ás enfermarias da Santa Casa.

Durante três décadas, como professor de clínica médica, envidou "todos os esforços para transmitir aos alunos tudo quanto um longo tirocínio e o trato dos bons livros" tem posto a sua disposição. Louvável, sob todos os pontos de vista, a sua dedicação á cátedra de clínica médica, que dignificou e honrou, e a que sempre imprimiu o caráter de centro irradiador das mais recentes aquisições médicas nos grandes centros mundiais.

Muito significativo da influência exercida pelo Mestre sobre em seus alunos é o fato de haver sido várias vezes eleito paraninfo dos doutorandos, particularmente da primeira turma de diplomados pela Faculdade de Medicina do Paraná, seus primeiros alunos de clínica médica, e ter merecido, na sua jubilação de cátedra, a especial distinção de figurar como patrono da última turma a que ministrou seus conhecimentos.

* Excertos do magnífico estudo bibliográfico de Loureiro Fernandes, publicado, na Revista Médica do Paraná nos numeros de dezembro de 1947 e março de 1948.



O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

FAÇO SABER aos que esta Carta Patente virem, que attendendo a que por Decreto de [illegible] de Setembro de 1894, forão concedidas ao Dr. João Candido Ferreira, as honras do posto de Capitão Medico de 4ª Classe do Exercito, pela bravura com que se portou durante o ditio da Lapa, resolvi determinar que se lhe expeça a presente Patente.

Pelo que mando á autoridade a quem compete, que por tal o tenha e reconheça. Em firmeza do que lhe mandei passar a presente Carta

CIDADE DO RIO DE JANEIRO, aos quatro dias do mez de Junho de mil oitocentos e noventa e cinco Setimo da Republica.

Presidente J. Moraes Barros

Bernardo Vasques

[illegible]

[illegible]

Carta Patente pela qual forão concedidas ao Dr. João Candido Ferreira as honras do posto de Capitão Medico de 4ª Classe do Exercito como acima se declara.

Por Decreto de 9 de Setembro de 1894.

O Coronel Guilherme de Barros e Vasconcellos, Secretario do Supremo Tribunal Militar, a fez escrever.

Regto. a fl. 132 v. do Lº 83 de Patentes.
Secretaria do Supmo. Trib.al Militar,
em 14 de Setembro de 1895
Arthur [illegible]

Regto. a fl. 53 do Lº 6º de Patentes
Repartição de Ajudante General
em 1º de Outubro de 1895
Liberato J. Feliciano da S. Filho
Coronel.

Compra-se. Repartição de Ajudante General em 1º de Outubro de 1895.

Carlos Machado de Bittencourt
Mar.al g.do Ajud.e Gen.al

Joaq.m Ferr.a da C.a Barbosa a fez

Nº 33. Rs. 44$000

Pagou quarenta e quatro mil reis de sello.
Agencia Fiscal em Coritiba, 14 de Janeiro de 1897.
O Agente
Manoel José da C.a Bittencourt

Registrada nos livros [illegible] a folha 23.
Arthur de Oliveira [illegible]
[illegible]

REMINISCÊNCIAS

1) Eduardo Corrêa Lima
2) Moysés Paciornik
3) Atlântido Borba Cortes

MEU PROFESSOR DE CLÍNICA MÉDICA

"Recompor o passado, trazendo-o até nós com sua lição, que mais belo dever da vida?"

(Aloysio de Castro)

Foi um dia, já bem longe, que conheci João Cândido Ferreira.

Lembro-me de suas preleções no velho galpão de madeira, anexo à Santa Casa de Misericórdia, lá pelos idos de 1940, onde eram improvisadas duas salas de aula — uma à maneira de anfiteatro, outra, com as clássicas carteiras, tão queridas de nossa memória de estudante.

Guardo na lembrança o médico e, sobretudo, o Professor, humano, carinhoso com os doentes, tolerante com as indagações estudantis, pois o que mais impressionava em sua complexa personalidade, multiforme e variada, era a grandeza simples do expositor de fatos clínicos. Suas preleções não se limitavam ao caso concreto que lhe servia de tema, era o pretexto para divagações mais amplas no domínio da Patologia, demonstrando o valor de suas convicções, provando a inutilidade dos estudos teóricos, quando divorciados da clínica.

Clínico sábio, sempre à par das mais recentes aquisições da Medicina, em especial, francesa, dominante em sua época; cativante pelo trato, empolgava pela lógica de raciocínio e pela observância rígida dos preceitos de ética médica.

Figura austera, transmitia com firmeza sua cultura de clínico altamente experiente, mas não se jactava das doutorices palavreiras; ao contrário, era prudente, sabia analisar os fatos clínicos, atento ao justo limite da boa observação.

Médico e Professor de Medicina, marcou sua presença em nosso Estado, graças ás suas qualidades personalíssimas e um aguçado espírito crítico. Nunca se acomodou na aceitação de doutrinas que se repetiam mais por tradição. Nada o empedia de refutar conceitos que lhe parecessem errôneos (saliente-se a sua luta contra a superalimentação na tuberculose). Nisto se resumia sua honestidade intelectual.

Cultor intransigente da Propedeutica Médica, afirmava que um exame bem conduzido, sempre levava à conclusões seguras, desde que calcado em sólidos conhecimentos de Patologia e Ciências Básicas.

No Hospital, crescia a justa medida do quanto valia. Entre os leitos de enfermaria, o grande Professor tinha a modéstia de não dizer tudo o que sabia, mas sòmente tudo o que o estudante deveria saber. Essa qualidade, fazia de João Cândido o Profesor de Clínica em sua mais alta expressão.

Hoje, quase 50 anos decorridos, revejo, em minha memória, a imagem de meu Professor de Clínica Médica, ao lado de um leito de enfermaria, transformando as inquietudes de um pobre doente, em esperanças e, a nós, ensinando que a prática médica é, sobretudo, calor humano.

Eduardo Corrêa Lima.

...E ERA MALÁRIA MESMO...

Prof. Moysés Paciornik, ex-aluno do Prof. João Cândido, em agradável crônica, lembra o comportamento ético do ilustre mestre, frente a aflito médico recém-formado.

COLEGA!

Quando a febre do Alberto Slud — dono da fábrica de móveis das Mercês e da loja da Praça Zacarias — passa dos quarenta, ele começa a delirar.

Chamado às pressas, o inexperiente mediquinho não sabe o que fazer ao ver aquele homão queimando em febre, dizendo bobagens e forcejando por levantar, entra em pânico.

— O que é que ele tem?

— Espera um pouco, Dona Gusta. Não fique nervosa...

— Não vê como ele está? O que é que ele tem?

— Não tenha medo, espere um pouco. Volto já.

— Onde é que vai?

— Onde é que vai?

— Vou chamar um especialista. Volto já.

Em menos de dez minutos, volta mesmo. O Dr. João Cândido o acompanha.

Morava perto, na Rua André de Barros.

O experiente professor atravessa a loja, cheia de móveis, sobe as escadas — os Sluds moravam no sobrado — olha o doente, faz algumas perguntas. Conversa, ouve.

— Antes do exame, gostaria de lavar as mãos.

— Doutor, venha còmigo.

— Seu doente está com malária.

— Malária?

— É...

— Como que descobriu, o senhor ainda nem o examinou.

— Olhando, conversando, vendo.

— Mas professor, o Slud há meses que não viaja. Malária em Curitiba?

— Que tem isso? Por que não?

— Aqui não tem mosquito de malária.

— Habitualmente não tem. Você não reparou na loja, aqueles móveis entalhados?

— Reparei.

— Vieram do Rio, por Paranaguá. Duas caixas ainda estão fechadas. Com este calor — este ano não teve inverno — provavelmente mosquitos infectados vieram do litoral dentro dessas caixas.

— É... talvez... isto é possível. Não tinha percebido. Não tinha pensado em malária. Pensei em tifo.

— É falta de prática... Com o tempo, ela vem. Que não era tifo, sabia assim que entrei na casa...

— Como?

— Pelo cheiro. Tifo tem um cheiro característico e a febre nunca dá de repente. Os sintomas de malária estão completos.

— Interessante, bem que o senhor nos ensinou a olhar, ouvir, cheirar. Qual o tratamento que sugere?

— Conhece a atebrina?

— Não. Pensei no quinino. Em atebrina nunca ouvi falar.

— É um medicamento novo, alemão. Está em fase de experiência. Já experimentei na enfermaria. Excelente. Recebi algumas amostras. Se quiser posso lhe ceder uma série. São vinte comprimidos, três por dia.

— Dá para dar para o Slud?

— Dá. Como não dá. Vamos examiná-lo.

— Precisa? O senhor já sabe o que ele tem.

— Precisa. Exames complementares desnecessários não. Exame físico geral, sim. Nunca deixe de fazê-lo, não sabe quanto ajuda. Nunca confie na sua primeira impressão, nem acredite em tudo que os outros dizem. Pense com sua cabeça, conclua por você mesmo.

O professor volta, examina o paciente minuciosamente.

Concordo plenamente com a opinião do meu jovem colega. Concordo com ele. Seu Alberto está com malária. Naturalmente,

não tem perigo. Ainda mais com o remédio que o doutor pensa em empregar. Daqui a algumas horas, com certeza estará bom. A febre voltará mais uma vez, depois de amanhã, bem fraquinha. Depois passa tudo. Tenham confiança no doutor. É moço mas sabe o que faz. Meus parabéns, doutorzinho.

— Quando é que o senhor volta para o doente?

— Não volto mais. Não seria preciso. Vocês escolheram um bom médico, ele tem muito futuro. Vocês verão...

— Então me diga, professor, quanto são seus honorários?

— Nada. Estou mais que satisfeito em ter sido chamado para colaborar com um aluno meu. Estas coisas não têm preço.

No dia seguinte o Slud estava bom. A febrinha do terceiro dia não assustou ninguém.

Dona Gusta e a Rosinha pensaram que o doutorzinho era o maior.

A notícia correu. Os idn do Café Gaúcho ficaram orgulhosos, não podiam imaginar que fosse diferente...

E vocês, acreditaram que era malária?

No que o Dr. João Cândido saiu, resolvi seguir o conselho que me dera.

— "Nunca acredite inteiramente nos diagnósticos dos outros, pense com sua cabeça, conclua por você mesmo".

Colhi uma gota de sangue do Slud, preparei uma lâmina, levei ao laboratório. A Dra. Falce de Macedo corou a lâmina, colocou no microscópio, fez cara de admiração. Ficou resmungando com ela mesma, olhou, mandou que eu olhasse.

Incrível, inacreditável. Que é que vocês pensam que era?

Era malária, mesmo...

JOÃO CÂNDIDO FERREIRA

ATLÂNTIDO BORBA CÔRTES

Considerado, em sua época, como o principe dos clínicos paranaense, como o foram, no cenário nacional, Miguel Couto e Torres Homem.

Médico de cultura invulgar, abarcava com maestria todos os intrincados problemas clínicos, sabendo distribuir, sem vaidades, o melhor de seus aprofundados conhecimentos a todos que a ele apelavam ou se aproximasse para haurir um pouco de seu saber hipocrático.

Lembro-me muito bem de suas aulas magistrais, de sua impressionante didática que o alçava ao nivel de um grande Dieulafoy; lembro-me de seu porte avantajado, seu requinte no trajar, contrastando com sua meiguice paternal, em especial com seus doentes de enfermaria, seus familiares, seus colegas e alunos, que sempre o enalteceram por seus méritos incontestáveis.

Conta-se que ele, de uma certa feita, ao visitar seu grande amigo Prof. Miguel Couto, aproveitou a oportunidade para assistir a uma aula de clínica. Por um motivo urgente, Miguel Couto foi obrigado a interrompe-la pedindo a João Cândido que continuasse o tema. Ele o fez com tanta erudição, dando provas de sua segurança e cultura médica que, ao findar a preleção, foi cumprimentado pela assistência com uma vibrante salva de palmas.

João Cândido foi, também, politico, tendo ocupado o cargo de Presidente do Estado do Paraná, de Deputado Federal, mas a política só lhe trouxe dissabores e decepções. Ao abandoná-la, passou dedicar-se à medicina de modo exclusivo, sem esmorecimento, fazendo da Santa Casa de Misericordia e da Enfermaria D. Alberto seu segundo lar.

Com ele, ao lado de Murilo Ferreira, aprendemos muito e pela força inexplicável do destino fomos substitui-lo na Cátedra de clinica Médica.

Nestes longos anos em que ocupamos a Cátedra por ele fundada, procuramos exercer nosso cargo com dignidade, honrando, e sempre lembrando, seu nome respeitável por tantos méritos.

Ao findar este rápido depoimento quero manifestar o desejo de que a geração médica de hoje, ao conhecer um pouco da vida deste grande mestre, aprenda a admirar sua personalidade tão marcante, num momento em que a medicina departamentalisa o corpo do homem e não o compreende globalmente. Departamentos, de **per si** sofisticados pela cohorte de especialistas, gradativamente parcelados em multiplas sub-especialidades. Se compararmos os meios hoje disponíveis, com a medicina de ontem, poderemos avaliar o que João Cândido Ferreira representou no cenário médico do Paraná.

HOMENAGENS PÓSTUMAS

"Momentos há, em que as palavras se manifestam como uma imposição.
Outros momentos, são mudas.
É quando o médico tomba.
Repousa.
Diante do túmulo, a vida se ajoelha. E é só ajoelhada, que a vida comprende o sentido de uma existência, que não se mede com palmas e palavras".

Dirceu P. Lacerda.

ORAÇÃO A BEIRA DO TÚMULO

ORLANDO DE OLIVEIRA MELLO

"A Associação Médica do Paraná, desejosa de prestar derradeira homenagem ao seu sócio benemérito, representa-se neste momento, unindo sua palavra a de outras entidades, também honradas com a presença do nome do Prof. João Cândido entre seus membros.

Dizer do profundo sentimento que nos acomete na hora extrema da derradeira despedida, é penosa incumbência que, se nos pesa sobre os ombros, mais confrange o coração do antigo discípulo e paraninfado.

Pelos desígnios imperscrutáveis da Providência estamos aqui, na placidez amorável da campa, acompanhando o corpo hirto e inanimado daquele que foi o mestre erudito, o professor autêntico, o clínico de nomeada, o farol alumiador de tantas gerações médicas no Paraná.

Aqueles lábios, agora cerrados para sempre pelo cruel sinete da Parca, incontáveis ocasiões se descerraram, espargindo no ambiente o colorido da palavra culta, tersa, orientadora; aqueles sentidos sempre atilados, agora mergulhados na inação da morte inenarráveis vezes pressentiram graves doenças salvando pelo tratamento adequado centenas de preciosas vidas.

Dizer do labor profícuo do ilustre clínico e emérito professor João Cândido seria o rememorar larga e expressiva parte da história da clínica médica em nosso Estado e em nossa Universidade.

Foi no exercício cotidiano da profissão vivida com amor e carinho, no trato dos livros e na lida com os pacientes, que o eminente mestre argamassou sólida cultura que lhe outorgou, com justeza, foros de sabedoria incomum.

Porém o que edificava, despertando admiração, era sua fidelidade e afeto acendrado à clínica, era o vê-lo na Santa Casa ou sabe-lo na Cátedra, não obstante o árduo peso dos muitos anos; embora isso, não era menor seu desejo de ensinar, de irradiar conhecimentos fundamentais em longa experiência profissional.

Bem sabia o Professor alquebrado, mas de ânimo potente, que "cada instante da vida é um passo para a morte" (Corneille), o que aconselha a perlustrá-la não alapardado no aconchego das glórias do pretérito, mas impulsionado sempre pelo louvável anseio de aumentar as contas do rosário de benefícios, lutas, estudos, para na Eternidade exibir cristãmente a soma de deveres cumpridos bem mais ampla que a dos prazeres fruidos.

O Prof. João Cândido não se deu treguas enquanto pôde reagir, revitalizado fartamente pelo anelo de se desdobrar em outras inteligências, de plasmar discípulos atentos e numerosos e sobretudo, receber os carinhos da exma, esposa e dos bons reconhecidos filhos.

A vida é uma preparação para a morte, pois cedo ou tarde ela nos baterá a porta, e nada nos aligeira o fardo ,a não ser o bem que praticamos.

Nessa preparação que deve ser uma luta decidida pelos valores que sinceramente cremos verdadeiros, o Prof. João Cândido não cuidou só do setor médico de si já complexo, mas internou-se pelos relevantes problemas políticos entendendo-os no elevado senso de servir à coletividade para solver as cruciantes necessidades que angustiam os desprovidos da sorte. Nem, contudo, nesta perigosa e movediça conjuntura se lhe desfigurou o senso clínico, mas conservou-se intacto no retornar a lida de profissional sintonizado perfeitamente com sua vocação.

Na vida do ilustre Mestre três traços se distinguem muito nitidos: o amor ao estudo, a constância no trabalho e a dedicação aos sofrentes.

Os livros ele os amou enquanto os olhos lhe deram o auxílio imprescindível e quando começaram a lhe trair o intento de mais aprender, lançou mão de lentes para ler, tal era a satisfação que desfrutava no estudo. Não arrefeceu o ânimo mesmo

nesta circunstância, nem desmaiou, com os anos, a sede de curiosidade.

A constância no trabalho ele a demonstrou com o exemplo, pois mais vale um nada de exemplo que um punhado de conselhos. Lá estava o Prof. João Cândido na Enf. D. Alberto a examinar um doente, a conversar com outro, a ensinar aos moços médicos o seguro caminho para os diagnósticos acertados.

A dedicação aos sofrentes ficou bem estampada inumeras vezes pela bondade no trato com os infelizes indigentes, na palavra dócil e amiga que lhes dirigia. Quando em 1938, como paraninfo, o prof. João Cândido citou uma frase de Miguel Couto que também citámos, por coincidência, na mesma ocasião; essa frase assim ensinava: — "Se a medicina toda não reside na bondade, menos vale separada dela". Esse pensamento o Prof. João Cândido integrou na sua vida profissional e nos parece que constituiu traço marcador de sua individualidade.

Entretanto tudo está imerso no passado e a realidade é que as boas obras vêm a tona e influem sobre o futuro.

O prof. João Cândido morreu como um cristão.

Portanto ele bem compreendeu as palavras da quarta-feira de cinzas que a Igreja lembra como única certeza que temos cá no mundo: que pó seremos um dia e pó deitado. Mas o consolo compensador que alenta a penosa porfia pelo bem e pela vitória da verdade traz-nos Vieira falando aos mortos: "Lembre-se o pó caido que há de ser pó levantado. Ninguém morre para estar sempre morto: por isso a morte nas Escrituras se chama sono. "Os vivos caem em terra com o sono da morte: os mortos jazem na sepultura dormindo sem movimento, nem sentido, aquele profundo e dilatado letargo: mas quando o pregão da trombeta final os chamar a juizo todos hão de acordar-se e levantar outra vez" (Vol. I, Sermão de 4.ª Feira de Cinzas).

Crendo sinceramente nesse ensinamento, originariamente magistério de Deus, pedimos, prezadíssimo Mestre, na piedade de nossas orações, que a coroa de glórias que na terra vos ornou a fronte, sirva de ponderável penhor para vosso descanço sem fim.

Não morrem os que permanecem nos corações que ficam.

O amor e o respeito servem de liame entre o que ainda pulsa e o que não mais pulsa.

Prof. João Cândido.

Os corações que continuam batendo, assegurando aproveitar o precioso legado do exemplo dignificante hão de sempre lembrar nas preces de pedir ao Criador que vos abençoe e vos receba na glória imarcescível da bemaventurança imorredoura.

(Transcrito da Revista Médica do Paraná — março 1948)

EVOCAÇÃO DE UMA GRANDE VIDA E SEU GRANDE LABÔR

Discurso proferido no Centro de Letras do Paraná, a 21 de abril de 1949, no ato da colocação do retrato do Prof. João Cândido Ferreira na "Galeria da Saudade" dos acadêmicos extintos.

Ruy Noronha Miranda

Lembro-me de ter lido um poema de Catullo — nosso sempre lembrado autor de "Terra Caída" — que a fonte inspiradora do poeta é uma só e constituida pelo sentimentalismo, pela emotividade. É, porém, inexgotável. E, inspirando um sem número de criaturas que nela vai buscar alento, é sempre nova também, criando, através da eternidade, obras sempre diversas, apesar de se conservar a mesma.

A personalidade de João Cândido Ferreira pode ser comparada a essa fonte simbólica que a imaginação do poeta criou. É sempre a mesma — e, isso, garantiram a sua linha reta de carater e as invariáveis belezas de sua alma — e, no entanto tem servido de fonte inspiradora de um sem número de biógrafos, de exaltadores durante a vida e na posteridade, sem que, jamais se possa exgotar e sem deixar nunca de oferecer motivos novos que venham engrandecer e embelezar a vida. É que a personalidade desse grande médico, mestre e cidadão, constituida em nossa fonte inspiradora, foi organizada pela reunião e aprimoramento de tôdas as boas qualidades que possa ter uma criatura humana e forjada à custa de tôdas as grandes atividades que possa desempenhar um homem no seio da sociedade.

Foi por tal diapasão que vibrou a existência do companheiro que estamos evocando. Foi um grande médico, um mestre sábio

e venerável, uma alma boníssima e um espírito justo: assim como soube ser, também, um heróico guerreiro, um político sereno e coerente, um cidadão acatado e um chefe de família exemplar.

É impossível que fixemos numa expressão ou num termo, o traço marcante de sua vida, à maneira de como certo escritor, que para sintetizar a vida de seu biografado, disse, simplesmente, "foi um homem"; à maneira, ainda, de outro, que para fazer altissonante a memória do grande morto, disse que ele fôra "um sábio e um santo". Tão múltiplo foi o papel que João Cândido Ferreira desempenhou entre os homens e tão grandes soube tornar as facetas de sua personalidade, que não sabemos qual delas exaltar e não temos vocábulo que, único, diga bem de sua vida. Ele foi feliz e aprimorado em tudo que fez e, se quisermos insistir em simbolizar sua existência em uma palavra, só poderemos chama-la de **grande.** Foi, de fato, uma grande vida.

* * *

A atividade que mais cativou o nosso saudoso companheiro, foi o exercício da Medicina. Foi nela que se empenhou por agrado e vocação, foi nela que converteu o prazer de suas atividades, a que deu os melhores esforços de sua vida, as suas maiores emoções. E que emoções não teve à cabeceira de seus doentes! Magnânimo como era deve ter, até, sofrido pelo sofrimento de seus pacientes. Sim. Porque o médico compartilha das penas de quem trata. Relembram-me, agora, as palavras do grande Miguel Couto, que ouvi da boca do nosso João Cândido: "Em redor do doente todos sofrem, mas quem mais sofre é o médico porque sofre com angústia..." Sofre... porque é o único que tem a responsabilidade da vida do doente, podemos acrescentar.

Formado em 1888, aos 24 anos de idade, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro onde defendeu tese de doutoramento voltou à cidade natal — a gloriosa Lapa —, onde se entregou, de corpo e alma, às atividades clínicas. Da intensidade dos trabalhos desenvolvidos e das agruras da medicina do interior, onde à incompreensão de grande número de elementos de sua massa e as distâncias a vencer em lombo de animal, são exigentes de esforços que atingem os limites das humanas possibilidades, podemos avaliar pelo seu aparente silêncio cien-

tífico até 1897. Sim, porque João Cândido era um homem de Ciência e disso deu provas na qualidade de estudante e ao terminar o curso médico quando defendeu tese. E se passou os nove primeiros anos de formado sem produzir obra escrita, algum motivo importante estaria agindo. E foi ele — o motivo — tão importante, que só serve para aureolar o trabalho do jovem médico. Era o estudo e, o consequente combate à febre tifóide que, nos meses quentes, acometia os habitantes da cidade e ceifava suas vidas; era o estudo e o plano de combate à tuberculose que, por lá, já andava fazendo suas bravatas. Este último, fez romper o seu silêncio bibliográfico, com a elaboração e publicação de notável conferência que fez na cidade natal. Dai por diante, sua produção científica passou a ser ininterrupta, quer durante o tempo em que clinicou em sua cidade, quer quando passou a exercer, depois de 1913 — quando voltou de excursão que fez ao Velho Mundo —, a profissão em Curitiba, onde já estivera como Deputado Estadual, Vice-Presidente e Presidente do Estado, quer — e melhor ainda — como Professor Universitário que foi até morrer. Foi assim que deixou uma produção de quasi cinco dezenas de trabalhos médicos, inclusive a "memória" que lhe valeu o título de Membro Correspondente da Academia Nacional de Medicina.

O nome de profissional acatado e culto e o bem querer que grangeára entre seus conterraneos da Lapa, rapidamente recobrou em Curitiba, onde, ao lado da clínica privada — reduto da caridade que sempre esteve habituado a praticar —, também exercia a medicina gratuita no Hospital da Santa Casa. Na Capital, seus grandes dotes médicos e morais foram logo aproveitados, sendo já em 1914, eleito Presidente da então "Sociedade de Medicina", começando, em o ano seguinte, a lecionar Clínica Propedêctica aos primeiros alunos de nossa Universidade, criada em 1912.

Os frutos de sua influência não tardaram em amadurecer. Em 1915 criava um laboratório de pesquizas clínicas na Santa Casa, talvez o primeiro a ser instalado no Paraná. O sucesso de seus casos clínicos corria de ouvido em ouvido, aumentando o seu conceito de médico. Os ensinamentos que transmitia aos alunos, à beira das camas dos doentes do hospital, primeiro como professor de Clínica Propedêutica, depois de Clínica Medica, despertava neles o entusiasmo para a grande Ciência-Arte

Hipocratica e faziam "escola". E, assim, João Cândido tornou-se um grande médico e um mestre inesquecível.

* * *

A atividade política desenvolvida por esse grande paranaense — apesar de nela, nuca se ter sentido bem — bastaria, por si mesma, para marcar bem uma vida, fazendo-a elogiável e meritória. João Cândido ocupou, por sua Terra, os seguintes e importantes postos: Prefeito Municipal da Lapa, a partir de 1892: Deputado Estadual, em 1896; Deputado Federal, em 1901; Vice Presidente do Estado, de 1903 a 1907; Presidente Eleito do Paraná, em 20 de outubro de 1907.

Onde sua atuação política se torna heroica, legendária mesmo, foi na chamada Revolução Federalista que teve início em 1893. Aos primeiros dias do ano seguinte, as tropas revolucionárias chegaram ás portas da Lapa e cercaram-na. João Cândido, então Prefeito local, declara-se, segundo nos diz o historiador, "soldado da legalidade", e, como médico, integra-se, ao lado de Gomes Carneiro, Coronel Dulcídio e tantos outros herois, na luta épica que durou os 27 dias de cerco. Gomes Carneiro, ferido mortalmente a 7 de fevereiro, morre em seus braços a 9. A idéia do que foram esses dois dias de luta implacável da Medicina contra a Morte, que já avassalava o corpo do herói ferido, enquanto que, fóra da alcova de dôr, os homens se empenhavam em outra luta tremenda, foi concretizada em uma grande tela do pintor paranaense Theodoro De Bonna.

João Cândido, entretanto, nunca se deu bem na política. viveu nela como cumprimento aos seus imperativos de cidadão e dever, para corresponder à vontade de seus conterrâneos que sufragavam seu nome nas urnas. Mesmo assim, quando Presidente Eleito do Estado em 1907, renuncia seu mandato e volta à sua clínica de cidade do interior. Era a vocação e aquele agrado pela profissão — que referi páginas atrás — que o chamavam para lá...

* * *

João Cândido foi, também, literato. E não poderia, como homem de Ciência, deixar de ser artista. Ciência e Arte, nas suas mais altas expressões, estão sempre juntas, atestam-nos Pasteur que foi atraente desenhista, Einstein que é hábil violi-

nista, Francisco de Castro, excelente pianista e Afrânio Peixoto, grande literato.

Não publicou obra volumosa de prosa ou verso mas deu vasão às suas qualidades de escritor em grande número de artigos, conferências e esboços biográficos, entre os quais estão os de Vicente Machado, João Mauricio Faivre e de Miguel Couto. Pode-se verificar o seu espírito de crítica e fina ironia, também, em uma série de interessantes e gostosos diálogos que, sob o pseudônimo de Dr. Anselmo, publicou em 1920 e 1921, intitulados "Em torno do Espiritismo". Em seus escritos médicos percebe-se bem os seus pendores de cultor das letras e, para citar um só exemplo, vejamos as belas linhas que fazem parte de sua "Lição Inaugural de Clínica Médica", proferida em 1924 na Faculdade de Medicina e, pouco depois, publicada, onde podemos conhecer os altos propósitos morais que animavam sua conduta de médico e professor.

"Eu" — disse João Cândido — "como companheiro mais velho, serei o vosso guia solicito, pontual e acessível. Iremos marchando e lutando juntos, — eu na frente para desbravar a estrada, rompendo os impérvios, afastando, os estrepes, quando, para tanto, ajudar-me a dedicação, o estudo e o já longo tirocínio".

Mais adiante... "Nas enfermarias seremos todos aprendizes, pesquisando a verdade com solicitude, movidos por mutua confiança e respeito recíproco; cheios todos da caridade para com os míseros enfermos, que nos vão servir de campo de estudo-e que nem o direito têm de escolher o médico de sua confiança".

Pelos seus méritos literários foi, com muita justiça, eleito Sócio Correspondente da Academia de Letras José de Alencar, Membro da Academia Paranaense de Letras e Sócio Efetivo desta Casa que, hoje, pranteia a sua perda e saúda a sua memória.

* * *

Foi, entretanto, como Professor Universitário que João Cândido mais brilhou. Não que preferisse os arroubos da oratória e da teoria empolgante mas infrutíferas na Cátedra. Isso ele mesmo condenava, delicadamente, quando dizia: "Outróra o pro-

fessor de clínica procurava, nos vastos e solenes anfiteatros, empolgar a atenção dos alunos, envolvendo-os no âmbito de uma oratória retumbante e sedutora". Não. Ele brilhou justamente pela modéstia, pela parcimônia, vestidas, porém, de uma sabedoria e de uma honestidade profundas. Acessível como ele só. O aluno sentia-se à vontade para aprender, discutir e, até, discordar, sem que de sua parte transparecesse o mínimo descontentamento. Pelo contrário, com a sabedoria e afabilidade que lhe eram peculiares, logo mostrava ao discípulo afoito qual o reduto da razão, que era sempre ele proprio. Com o tempo, os alunos adquiriam tal confiança no Mestre que suas frases eram francamente axiomáticas. Ainda soam aos meus ouvidos muitas delas. "No acésso de malária, o doente tem febre na fase do calafrio?" — perguntava ele, certa vez aos alunos. "Tem" — respondia ele próprio —, "já está com bastante febre, embora trema como de frio". "A tríade sintomática da miocardite é constituída pela taquicardia, a arritmia e a hipotensão" — dizia, de outra feita. Nunca, por desnecessário, procurei confirmar êstes ensinamentos nos livros e, passados onze anos de que fui seu aluno, guardo-os vivos na memória como se os tivesse ouvido ontem.

Não ficaram nos ensinamentos doutrinários ou na discussão dos processos clínicos as suas cativantes aulas. Um assunto que ele não descuidou de impregnar na nossa formação profissional, foi o da ética médica. Não perdia oportunidade em acentuar a importância da dignidade no exercício da profissão, da necessária guarda do segredo profissional, da conveniência do respeito para com os colegas. Esses conselhos ditos com a docilidade que sabia imprimir às suas palavras e exemplificados com a sua própria conduta, são inesquecíveis para quem teve a felicidade de ser seu aluno. E, por felicidade também, ele foi o mestre querido de nossos estudantes de Medicina, por três décadas, de 1917 a 1947.

As muitas vezes que paraninfou turmas de médicos e que foi eleito como homenageado de outras, atestam o quanto de afeição lhe dedicaram os alunos. Na Cátedra teve uma trajetória retilínea, não só na conduta como no mérito. Simboliza bem o que vai dito o fato de ter paraninfado a sua primeira e a sua última turma de alunos. Terminou como começou. Começou grande e querido e assim foi até o fim.

E, nas últimas semanas de sua vida, ainda ao calôr da prática da Medicina e do ensino catedrático de que, pouco antes, se afastára, mereceu o justo confôrto de um sem número de amigos e colegas e do sublime aconchêgo do lar, ao seio de uma família ilustre que constituiu.

* * *

Posso observar que, na apreciação dos caracteres e dos valores de um homem, ha três modos pelos quais podemos concluir, levando em conta as manifestações individuais e o tempo. Cada um destes modos correspondente a um grupo de individualidades.

Ha um primeiro, em que os indivíduos se nos mostram, por exuberância de exterioridade e pela multiplicidade rápida das impressões que nos causam, como sendo o que realmente devam ser. O tempo vai mostrar, depois, que são realmente aquilo que pareciam quando os conhecemos e o nosso ser vai solidificando o que de aprêço e respeito lhes tributára a princípio.

Outros homens, surgem à nossa frente numa trajetória de rápida ascendência, atingindo, por seus modos e suas palavras, um alto posto de merecimento em nosso juizo preliminar. O tempo vai mostrar, então, que nos foram falsos e que seus atos subsequentes os vão descendo do pedestal em que quiseram se colocar, ao mesmo tempo que vão perdendo em nosso conceito e em nosso louvor.

Outros, por fim, vêm a nós ou nós vamos a eles, e os nossos sentidos e a nossa emotividade só recebem impressões singelas: o julgamento que permitem a princípio, fazer de si próprios, tende a concluir que não sejam capazes de grandes feitos. O tempo, porém, vai desvendando os verdadeiros caracteres de seus cérebros e de suas almas, anquanto, pelos exemplos grandiosos que dão e pela obra admirável que constroem, crescem e se agigantam ante a nossa consideração e a nossa reverência.

Para dar o testemunho leal de quem foi seu discípulo e seu cliente, mais tarde seu companheiro de profissão e de magistério e, depois, seu próprio médico, afirmo que João Cândido estava nesse terceiro grupo de individualidades. Quem dele se aproximasse por vez primeira, jamais poderia avaliar, em toda

a plenitude real, as qualidades morais, intelectuais e afetivas desse grande cidadão. E quando melhor o conhecesse, poderia se inteirar de quanto sabia ser um homem, um médico e um amigo, na mais completa e pura acepção destas palavras. Se convivesse com ele, então, verificaria as suas soberbas qualidades de inteligência e bondade ,de coragem e tolerância, de brio e de humildade, de respeito e cordialidade, de amar o trabalho e o dever, de praticar a justiça e a virtude. E quanto mais privasse com ele, dotes novos nele veria e maior amplitude de suas já conhecidas qualidades, conheceria.

Homens assim deviam viver séculos. A vida normal é curta para as manifestações da grandeza de suas almas.

João Cândido foi, pois, daqueles que, quanto melhor conhecidos mais cresciam à frente de nossa consideração. É, também, daqueles que não morrem em face do nosso querer e da nossa reverência.

Mesmo depois da morte nos ter privado do seu convívio, cada vez merece um logar melhor no nosso pensamento, por haver sempre novos exemplos grandes a conhecer de sua passagem pela vida, para engrandecer mais e mais a história desse memorável paranaense que foi, em tudo, um grande cidadão.

E, hoje, 21 de abril, dia do seu aniversário de nascimento — em data que já nos é tão histórica desde 1973 — é como se o estivesse comemorando aqui entre nós, pois a tradição que deixou, com os atos multiplamente meritórios de sua existência, será eterna. Valem como se João Cândido Ferreira vivesse eternamente.

(Publicado na Gazeta do Povo em 6 de maio de 1949)

PROFESSOR JOÃO CÂNDIDO FERREIRA

JOSÉ PEREIRA DE MACEDO

O seu grande e luminoso espirito continua presente em nossos corações onde viverá, por todo o tempo das nossas vidas, para reviver na posteridade, já conquistada, mercê do rico espólio de sabedoria e de virtudes que deixou.

1. ININTERRUPTO APOSTOLADO

Do meu gabinete de trabalho eu diviso um fundo de quintal onde cresce, frondejamente, uma vegetação de árvores frutíferas e de ornamentação, dentre as quais se destaca uma magnífica laranjeira, cujo verde escuro da copa ramalhuda, vivo e brilhante à luz do sol, se derrama em torno, emprestando vigor e vivacidade ao colorido da paisagem. Quando chega o inverno, quase todas aquelas árvores se despem da sua folhagem e, no meio da galharia seca que espeta o ar, numa atitude triste de desolação e de morte, a laranjeira soberba, ainda mais ramalhuda, ostenta-se no seu esplendor máximo de vida e de beleza, carregada de frutos maduros que pontilham dourando o fronde sempre verdejante.

A imagem desta velha laranjeira, sempre igual na sucessão das estações e que, no inverno, se cobre de frutos sem nada prejudicar a sua perene primaveril louçania, surge no meu espírito com uma persistência de obsessão a propósito do jubileu profissional do meu eminente mestre e grande amigo, Professor João Cândido Ferreira. E eu revejo, no meio da galharia seca, a bela laranjeira cheia de vida, entumecida de seiva na plenitude da sua capacidade dadivosa e acolhedora, associada à personalidade impar do Professor João Cândido, como uma imagem

fixada na minha mente, resumindo num símbolo concreto, sentimentos, recordações e experiências relativas ao nosso convívio de mais de um quarto de século e que exprime, independente de razões afetivas, o meu juizo real sobre o Dr. João Cândido Ferreira, representado no intimo da minha consciência, por essa laranjeira vigorosa que transuda mocidade e energia, grande no seu porte, bela nas suas linhas, acolhedora em qualquer tempo dadivosa por todos os elementos que a integram e caracterizam.

O jubileu profissional em qualquer uma das atividades úteis é um fato altamente significativo, pois ninguém o realiza sem um grande esforço cujo sucesso representa a vitória de excelsos predicados de virtude.

Tratando-se de um médico, a sua significação ainda é maior porque o médico, na sua função de bondade, nesse constante velar pela criatura que padece não vive e sofre apenas a sua própria vida. Se para as demais profissões é suficiente o preparo técnico, para o médico que exerce a clínica exige-se mais o devotamento e as virtudes que possam situá-lo em qualquer emergência acima das humanas paixões, de modo a poder mergulhar no próprio amor e impregnar-se dos sentimentos que derivam do coração, cujo império sobrepuja o da própria lei porque a bondade é mais justa do que a própria justiça. E quando esse médico é um João Cândido, cuja existência tem sido um ininterrupto apostolado, o jubileu atinge as proporções de uma glorificação.

Glorificação de um homem e glória do povo que o possui como um dos seus mais preciosos bens, personificação que é do labor profícuo, do saber profundo, da bondade consoladora, da mocidade perene, da energia moral, da vitória dos mais alevantados e nobres ideais humanos.

Em verdade, disse alguém, "graça imensa é a de enchermos o coração de alegria ante uma árvore carregada de frutos em vez do desejo de apedrejá-la". A graça imensa do povo do Paraná que enche o coração de alegria para uma glorificação que é a sua própria glória.

2. ORAÇÃO DE SAUDADE

Ao receber a incumbência honrosa de fazer a oração de saudade da Congregação da Faculdade de Medicina, nesta sole-

nidade em homenagem ao seu inolvidável colega e mestre professor João Cândido Ferreira, pus-me a refletir sobre a maneira pela qual pudesse não ficar muito aquém da elevação deste culto à memória do mestre querido.

Poderia encher, com a nossa dor, uma página comovente, exteriorizando o que nos vai na alma, de mágua e de saudade por essa perda imensa: pois, agora, ao sofrê-la, melhor nos apercebemos do valor, do bem inestimável que para nós significa o convívio amigo, benfazejo e útil do professor João Cândido Ferreira. A nossa dor, porém, pela perda de um ente querido a ninguém pode interessar, mais valendo recolhê-la em nossos corações e suportá-la como punição transitória pela inconformação do nosso próprio egoismo inopinadamente privada de um benefício de ordem afetiva.

Pensei, então, por em foco qualquer uma das múltiplas facetas da personalidade eminente do professor João Cândido Ferreira, cada qual mais rica de sábios ensinamentos e de exemplos de virtudes que edificam almas e iluminam espíritos. A ação do professor João Cândido Ferreira na construção da Universidade do Paraná, seria um tema bem adequado ás circunstâncias de prantear-se a Faculdade de Medicina pela perda, ao mesmo tempo, de dois dos seus maiores obreiros de dois dos seus mais devotados criadores que nunca faltaram, por um momento sequer, na construção e consolidação da Universidade com a sua desvelada assistência efetiva e assídua até a vitória final. Como o Profesor Alfredo de Assis Gonçalves, colhido pela morte precisamente um mês antes do professor João Cândido Ferreira, foi este um dos beneméritos abnegados nesse perene dar-se inteiramente até o fim da sua vida à obra portentosa, dando ainda o professor João Cândido o que nem todos os seus heróis puderam dar em tamanha riqueza: o prestígio de um nome já feito e a experiência amadurecida de um espírito preclaro. Lindo e edificante tema que eu deixei passar, por me haver lembrado de um desejo que o professor João Cândido Ferreira manifestara por ocasião do falecimento do seu grande amigo Miguel Couto, seu contemporâneo de Academia e a quem chamava de mestre. Externou, então, o professor João Cândido a sua ambição que mais fazia ressaltar a simplicidade do seu feitio em perfeita harmonia com a magnificência da sua alma, confessando com enternecida singeleza: "E nossa vida insegura continua o transcorrer, cheia de imprevistos e abalos, e amanhã quando mer-

gulharmos no infinito mistério, nos consideraremos ditosos se possuirmos alguma partícula, ao menos, dessa essência, desse substrato de que era feito Miguel Couto, para não sermos inteiramente esquecidos dos que ficam".

Se o espírito do professor João Cândido está nos assistindo, sem dúvida que lhe é agradável ter a certeza de que não será esquecido dos que ficaram não porque morresse possuindo a ambicionada partícula da essência de Miguel Couto, mas porque toda a sua vida foi uma perene manifestação da posse integral da mesma essência, do mesmo substrato de Miguel Couto que Deus fez do mesmo molde de João Cândido. Tal é a paridade destas duas vidas excelsas, que do professor João Cândido pode-se dizer tudo o que ele próprio disse de Miguel Couto, em magistral e sentida página de comovente saudade; porisso, e porque João Cândido ambicionava possuir, ao menos, uma partícula de Miguel Couto, o meu espírito se decidiu a tomar o grande clínico brasileiro, que o precedeu, de alguns anos, na glória eterna, como medida para avaliar a grandeza de João Cândido. Daí a razão deste ligeiro confronto dos dois abnegados apóstolos da medicina, tão semelhantes moral e intelectualmente, como parecidos na compleição física viril, robusta e irradiante simpatia. Ambos, clínicos extraordinários e mestres insígnes, altas expressões de perfeição humana, duas vidas singulares ao seu tempo e no meio em que exerceram a sua atividade edificante, um, no centro mais adiantado e de maior cultura do país, e outro, num acanhado recanto provinciano, como se a natureza se comprazesse na demonstração de que o homem vale pela sua riqueza intrínseca, que o meio ambiente rico ou pobre de recursos, não altera, nada lhe dando, nem tirando fora da influência aliás considerável que exerce para a maior ou menor exteriorização de idênticos valores. É que a alma do homem nasce feita e, como o diamante que é a mesma gema de pureza absoluta, envolvido na ganga impura ou primorosamente lapidado e engastado num colar de princesa, a alma humana, variavel em cada indivíduo, em potência ou em ação é sempre a mesma alma. Somente que a exteriorização do brilho do diamante depende de forças estranhas: da perícia do artista que o lapida, da luz do sol e das circunstâncias da sua exposição, ao passo que as manifestações da alma, em atos de sabedoria e de virtudes que autenticam a sua realidade, brotam espontâneas por força dela mesma. Tivesse João Cândido vivido no meio

culto em que se criou Miguel Couto, e tivesse Miguel Couto vivido, obscuro na província ignorada as mesmas seriam as suas nobres ações, o mesmo teria sido este admirável par de homens ímpares; apenas João Cândido teria tido a projeção de Miguel Couto e Miguel Couto teria sido o João Cândido do Paraná.

João Cândido tinha uma grande admiração por Miguel Couto e ele mesmo diz que "não eram poucos os motivos que tinha para dedicar a Miguel Couto um culto de admiração e estima, que, com o correr do tempo, mais se robustecia".

Miguel Couto, colega e amigo de João Cândido tinha por este igual admiração, expressa em documento público desde quando ,em 1899, João Cândido apresentou notável memória original, pleiteando o lugar de membro da Academia Nacional de Medicina, que conquistou, com brilho invulgar, por força dos próprios méritos já, nesse tempo, por Miguel Couto reconhecidos. Esta mútua admiração melhor os ligava e à humanidade e ainda melhor os fazia, porisso que a admiração, segundo os filósofos, é a exteriorização da alma para conhecer, melhor compreender, e valorizar o ser ou a coisa admirada. Modestos até quase a humildade, não sabiam os dois grandes homens que, nesta recíproca admiração, se espelhavam um no outro.

Disse Miguel Couto, citado por João Cândido: "Nunca quiz ser senão médico. Sou médico, só médico e não desejo ser outra coisa... Nasci para médico, hei de ser médico até o fim". Se João Cândido não disse o mesmo, outra coisa não pensou ser senão médico, pois nasceu para médico e foi médico até a hora da morte.

Só um predestinado como João Cândido, num meio acanhado, indiferente, senão hostil, onde tudo convidava ao descuido da formação do próprio espírito poderia realizar o milagre de fazer-se, ali mesmo, notável clínico, de vasta cultura aprimorada, dia a dia no estudo das ciências médicas cujas conquistas acompanhou até os últimos dias de vida precedendo-os muitas vezes. Só uma vocação irresistível de uma inteligência privilegiada explica a auto-formação clínica e didática de um insulado que soube vencer, impondo-se ao ócio ambiente, impondo-se ao respeito e à admiração dos meios cultos do país não usando outros recursos que os do próprio espírito. E note-se, que entre estes recursos, a ingênua simplicidade, a modéstia, a

imensa bondade, a benevolência extrema para com os erros alheios por certo belas virtudes que encontravam todos os que se acercavam de João Cândido, delas se beneficiando, eram qualidades negativas para qualquer genero de sucesso pois, somente homens excepcionais como João Cândido e Miguel Couto poderiam, com elas e a despeito delas, triunfar na vida, nelas ainda alicerçando a sua glória. É que eles não puseram no sucesso ou na glória o interesse das suas vidas. Buscaram e conseguiram a perfeição sem outro intuito que o de melhor batalhar pelo bem. As suas nobres ações tinham o fim nelas mesmo, seja cultivando o próprio espírito, seja curando o mal alheio, consolando sofredores, ensinando e estimulando gerações e gerações de discípulos que lhes sofreram a influência benéfica em exemplos de excelsas virtudes vividas.

"Ninguém subiu tão alto na confiança e na estima dos clientes, nem por tanto tempo conservou o cetro de supremo árbitro das controversias médicas" "disse João Cândido de Miguel Couto. Se eu usasse estas mesmas palavras em relação ao professor João Cândido Ferreira teria enunciado um fato que ninguém pode contestar. João Cândido foi em nosso meio, aquêle que, por mais longo tempo, conservou o cetro de supremo árbitro das controversias médicas e nenhum outro clínico o superou nessa confiança que mereceu dos seus clientes. Ele citava frequentemente, em suas aulas, alguém que havia afirmado não realizar o médico o seu objetivo, se ao terminar a consulta o doente não se sentisse melhor. João Cândido possuia esse poder que ele próprio atribuia como obrigação profissional, a todos os médicos bem integrados da superior missão de aliviar dores físicas e morais. Possuia-o, porém, em alto gráu de desenvolvimento, mercê do conhecimento profundo que tinha da alma humana e da longa experiência do sofrimento alheio que lhe davam esse poder, quase divino, de harmonizar a sua grande alma com a alma de quantos dele se acercavam e cujos estados emocionais tão bem sabia compreender. A este propósito citarei um fato do qual fui testemunha e que é uma afirmação perfeita desse poder miraculoso. Ao consultório do Dr. João Cândido foi levado um garoto que há tempo vinha sofrendo de uma moléstia de fundo constitucional. As primeiras colheradas da medicação prescrita os resultados foram surpreendentes, mas o pequeno, filho único, rebelde como todas as crianças nestas condições, refugou continuar o tratamento. Em vão a mãe aflita usou de

todos os meios suasórios, agrados, promessas, ameaças e, por fim apelando para a razão do menino: "Você não está sarando com este remédio? — "Estou sim mas não é com o remédio". "Com que então?" É com o jeito do Dr. João Cândido".

O jeito do Dr. João Cândido! Que era o jeito do Dr. João Cândido? Era bondade, era intuição, era simpatia, co-participação nas alheias emoções, identificação afetiva com o próximo, amor e fonte de estímulos para as mais surpreendentes realizações que confinam com o milagre. O jeito do Dr. João Cândido era tudo isto que os psicólogos designam por variados nomes e que os filósofos complicam com explicações transcendentais e infusas. Tudo isto que até uma criança sabe perceber e compreender, como no caso referido, concretizando no jeito do Dr. João Cândido tudo isto que é apenas um estado de alma iluminada por um traço divino.

Não obstante esta intenção de ser apenas médicos não o conseguiram, integralmente, as duas sumidades clínicas que, embora absorvidas no seu mistér de servir, ainda achavam tempo para o trato dos grandes problemas nacionais e humanos que não podiam ser estranhos às cogitações do cidadão, do político e do patriota dotado de uma cultura excepcional, a serviço de um espírito preclaro aquecido por um coração demasiado sensível ao sofrimento alheio.

Cidadão, como os léxicos o definem "indivíduo considerado no desempenho dos seus deveres como membro de um Estado, o foi João Cândido, como Miguel Couto, na acepção literal do termo e, como poucos, ambos transcenderam no desempenho dos seus deveres, os limites da sua cidade e da sua província.

Ótimos e exemplares cidadãos, não podiam deixar de ser bons políticos e melhores patriotas. João Cândido transcreve um longo trecho de um trabalho de Miguel Couto, recomendando a sua leitura meditada, principalmente aos que têm a responsabilidade do poder. Neste escrito, o próprio Couto surpreende-se de sair dos seus cuidados e de outros pensamentos para tratar de política, numa eloquente e calorosa profissão de fé democrática, manifestando um certo temor pela imprevidência do povo brasileiro de não obedecer "a uns tantos princípios de ordem moral ou política, que só eles preservam o futuro de uma Nação e a conduzem a seguros destinos.

Vulgarmente, a política é mal considerada pela opinião pública, que a identifica pelos abusos dos que, na sua prática, outros intuitos não têm que a conquista do poder, servir-se do poder e de no poder se perpetuarem a qualquer preço. E tão generalizado é este conceito de política, que até homens superiores como Miguel Couto e João Cândido a renegam, confundindo-a com politicagem e daí Miguel Couto afirmar que "o amor da Pátria não se confunde com políticos nem é privilégio dos políticos" como se fosse possível amar a Pátria e se desinteressar do seu regime político, do seu Governo e da maneira pela qual é feita a administração pública. Entretanto, em nenhum dos passos da vida destes extraordinários mestres de civismo deixaram eles qualquer marca desse pretenso desinteresse. Pelo contrário, nos seus grandes e pequenos atos de todos os dias, nas suas pregações ao grande público e nos ensinamentos das suas cátedras, nas suas nobres atitudes, deram sempre as mais decisivas provas de espírito público, de interesse pelo progresso do país e pelo bem estar do povo. E isto é política, política verdadeira, cuja atividade exerceram proficuamente e, quando chamados para exercer altos postos eletivos, sem deixar de ser os médicos de sempre, neles deram o melhor dos seus esforços, honrando e dignificando funções públicas das quais, é verdade, se afastaram espontaneamente quando perceberam a impossibilidade de conciliar os seus princípios de moral com os processos da política vulgar que repugnavam às suas consciências cívicas.

A atividade política de João Cândido foi ainda maior. O seu manifesto político de 1908, explicando os motivos pelos quais, expontaneamente se despiu dos altos postos de chefe supremo do partido da situação e de presidente do Estado é um documento que define uma época e ao mesmo tempo uma lição preciosa de como deve proceder um homem de brio para manter ilesa a sua dignidade que vale muito mais à nação do que possíveis, bons e reais serviços na administração pública à revelia ou com prejuízo deste bem moral. A prova então dada da sua integridade de caráter e do seu raro desinteresse pessoal, na época, considerados como fraqueza, já vai sendo apreciada no seu justo sentido de louvável coragem de um homem de honra que, detentor legal de poderosos elementos materiais para vencer os outros, preferiu o uso dos seus pacíficos re-

cursos morais, na luta contra as próprias paixões, para alcançar a maior das vitórias — a de vencer-se a si mesmo.

A elegância das atitudes políticas de João Cândido foi submetida a uma outra prova, por ocasião das eleições de governador do Estado, logo em seguida à promulgação da Constituição de 1.934. Era candidato ao alto cargo o próprio interventor Federal e chefe do partido situacionista. A oposição, velando pela democracia já periclitante precisava de um candidato de reação. Foi chamado João Cândido para o sacrifício da derrota fatal. O homem escaldado da política, não se sentiu desobrigado da luta, quando um objetivo superior a requeria, e nela entrou movido por aquele mesmo espírito, ainda, hoje, mal compreendido, de Rui Barbosa que ofereceu a sua candidatura de reação, quantas vezes a democracia dela precisou, para a defesa do regime contra a imoralidade de eleições disputadas por um único candidato. Como se esperava, a vitória coube ao seu contendor. João Cândido dando uma prova de superior espírito esportivo, não só aceitou a derrota, como também, no Rotary Clube, fez uma expressiva saudação ao seu adversário, desejando-lhe as maiores prosperidades e acertos no Govêrno, propondo um voto de confiança para a administração constitucional que marcava uma nova fase do regime democrático. Êste episódio repercutiu em vários Rotarys Clubes de país alguns deles aproveitando a elegância desusada do gesto de João Cândido para instrutivas palestras em pról da cordialidade humana.

Admirável político, João Cândido foi um verdadeiro um autêntico patriota a maneira de Miguel Couto que, certa vez, afirmou "servir a pátria dentro da sua arte porque julgava, assim servindo, melhor amá-la". Dentro da sua arte, João Cândido serviu a pátria na paz, silenciosamente, sem alarde, cultuando-a nos atos dignos e úteis de cada instante da sua vida operosa e fecundada e, com abnegada dedicação no campo sangrento da luta, expondo com heroismo a sua vida na defesa da República, ainda aqui, dentro da sua arte, com a mesma humanitária solicitude, acudindo correligionários e adversários que tombavam aos seus pés nos entreveros memoráveis do cerco da Lapa.

Miguel Couto foi um grande, um admirável professor. Não podia deixar de ser um professor extraordinário esse, capaz de declarar, com a maior simplicidade deste mundo, lhe ser preciso, muitas vezes, "atravessar a noite estudando a aula do

dia seguinte, só repousando quando julgava poder fazer uma proveitosa lição". Não tenho elementos para afirmar que João Cândido igualmente grande, admirável, extraordinário, professor, fizesse o mesmo, mas posso dar o meu testemunho de aluno que fui, durante três anos consecutivos, das cadeiras de propedêutica e de clínica médica. Pela infinita indulgência de João Cândido para com erros dos seus alunos, pela compreensão que ele demonstrava das dificuldades que estes sofriam no desempenho dos seus deveres escolares, pode-se inferir que muitas vezes teria João Cândido amanhecido sobre os livros, preperando a lição magistral do dia seguinte, pois, em regra, para compreender a situação de outrem, é necessário colocar-se nesta situação e isto só o faz quem tendo passado por idênticos sofrimentos e vencido as mesmas dificuldades, possui a memória efetiva que lhe permite interpretar as próprias e alheias emoções.

O professor que sabe o que ensina, conhece as dificuldades da sua ciência e o que lhe custou de esforços para dominá-las; assim, se não lhe falta a memória das situações difíceis pelas quais passou, compreende que a sua superior missão não consiste apenas em transmitir do alto da cátedra as noções teóricas e práticas de uma disciplina, mas também em acudir aos seus alunos nos momentos aflitivos de insucessos e de naturais desânimos, desculpando-lhes os erros, as falhas involuntárias, e estimulando-os com a assistência afetiva compassiva e animadora, como fazia o professor João Cândido Ferreira que conquistando a afeição do aluno, despertava neste o interesse e o amor pela ciência que ensinava. Daí as suas lições, cuidadosamente preparadas, serem ricas de ensinamentos que ele sabia por ao alcance da capacidade estudantil, tornando muito proveitosas as suas aulas interessantes e sempre atraentes. A sua bondade infinita, a sua jovialidade, a sua delicadeza, a sua encantadora simplicidade a sua extremada afabilidade o cercavam de um halo resplendente de simpatia que muito depressa identificava a sua singular individualidade com os seus alunos que no sábio mestre viam mais do que o professor provecto, o amigo querido, o pai carinhoso que os orientava e animava para a vitória, compartindo dos seus insucessos.

Era esse o homem, sobretudo o mestre cuja ausência material ora pranteamos, mas cujo grande e luminoso espírito continua presente em nossos corações onde viverá, por todo o

tempo das nossas vidas, para reviver na posteridade, já conquistada, mercê do rico espólio de sabedoria e de virtudes que deixou.

Comovente "oração de saudade" que, retrata em sua grandeza a figura do grande médico, justifica sua reprodução integral nestas páginas.

(Publicado na Gazeta em 21 de abril de 1964)

VIDA E OBRA DO PROFESSOR JOÃO CÂNDIDO FERREIRA

Conferência realizada na Academia Nacional de Medicina pelo acadêmico Carlos Osborne da Costa em 10 de novembro 1966

O professor João Cândido Ferreira, que foi membro ilustre desta Casa e figura exponencial na medicina brasileira, faleceu em 20 de fevereiro de 1948, aos 84 nos de idade. Foram oitenta e quatro anos cheios dos mais significativos proveitos e encantamento para todos aqueles que conheceram, dele se acercaram ou dêle necessitaram como médico de grande valor que o foi. Destacado clínico, homem probo, estudioso, afável, patriota e excelente pai de família.

Provém o professor João Cândido de sucessivas gerações de brasileiros natos com origem remota no sangue generoso dos habitantes da Vila S. Lucas da Cana Verde em Portugal. Dentre seus avoengos brasileiros, destacam-se as origens paulistas dos Ferreiras e dos Buenos que, movidos pelo espírito bandeirante, fundaram, na então 5.ª comarca de S. Paulo, a vila Nossa Senhora da Luz, núcleo inicial da atual cidade de Curitiba.

Mas nem todos aí se fixaram, havendo os que rumaram para o município da vila do Príncipe, mais tarde cidade da Lapa e, dentre os antepassados mais próximos, os seus genitores, Alferes João Cândido Ferreira e D. Ana Leocádia.

Nasceu o Dr. João Cândido na fazenda do Taboão, próxima cidade da Lapa, em 21 de abril de 1864.

Depois dos primeiros estudos na cidade natal, fez seu curso secundário ainda muito jovem na cidade paulista de Sorocaba, em cuja época, lá pelos idos 1878, era o grande empório que atraia e para onde afluiam e se concentravam atividades comerciais, educacionais, além de outros variados interêsses, de uma boa parte do Sul do País.

Em 1883, como calouro de Miguel Couto, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1888, defendendo tese sôbre "Das nevrites periféricas".

Recem formado, volta para sua terra onde iniciou a profissão que tanto honrou e dignificou por mais de 50 anos de exercício fecundo e ininterrupto.

Foi justamente quando clinicava na sua querida cidade da Lapa, que se desencadeou o sangrento episódio da revolução federalista de 1894. Teve então o Dr. João Cândido oportunidade de demonstrar suas verdadeiras qualidades de médico dedicado, prestando relevantes serviços, indistintamente à população e às tropas sitiadas, duramente castigadas pelas forças numericamente superiores e exacerbadamente revolucionárias de Gumercindo Saraiva. Tomou parte ativa como chefe do serviço médico. E foi como tal que, em seus braços, expirou, ferido de morte, o comandante da praça, o bravo general legalista Gomes Carneiro. Foi com sua assistencia que foram pronunciadas as últimas ordens de Aminthas de Barros e as enérgicas de Dulcídio Pereira.

Em 9 de setembro de 1934, por decreto do então Presidente da República Dr. Prudente de Morais, é ao Dr. João Cândido concedido "as honras de Capitão do Exército pela bravura com que se portou no sítio da Lapa". Em 1939, por ocasião do jubileu de ouro de João Cândido, êle próprio se recorda dessas honrarias com orgulho, patriotismo e ao mesmo tempo num misto de graça e elegância que lhe eram peculiares; "Há portanto 44 anos que estamos marcando passo no mesmo terreno e sem esperanças de sermos promovidos ou cair na compulsória com respectivos proventos..."

Superada custosamente a fase crítica do conflito e dos próprios ânimos, pôde João Cândido exercer simultâneamente a clínica e a Prefeitura da cidade, já agora acrescidas das recentes honras ao jovem e garboso capitão do Exército.

Em seguida, seu brilhante destino o levou à Capital do Estado, como deputado e com ele foi o grande clínico. Lá conquistou mercê de esforço o valor profissionais, o início da futura e grande clientela de que foi mais tarde detentor. Neste caso o destino nada mais fez que consolidar e concretizar o ideal de João Cândido, de ser mais cedo ou mais tarde exclusivamente

médico. E, dessa marcante e íntima tendência, que lhe foi sempre pedra de toque, vamos buscar em suas próprias palavras a plena confirmação. É êle mesmo que nos fornece mais tarde as provas daquilo que lhe ia na alma, quando humildemente prestava contas de sua vida pregressa, exercida durante os 50 anos de atividade profissional, em palestra proferida por ocasião do banquete comemorativo do seu jubileu profissional em 21 de abril de 1939:

"Deixando os bancos escolares", diz êle, "com o emblema faiscante no indicador e o diploma metido no canudo clássico, vamos, numa revoada de pássaros postos em liberdade, procurar outro clima para a insana labuta que se vai iniciar em ambiente mais amplo e de maior responsabilidade.

Não podendo saber em que situação teremos de chegar ao porto do destino, um frêmito de apreensão e esperança nos invade a alma ao largarmos o batel, modestamente aparelhado, na larga e nem sempre bonançosa corrente da nova eixstência.

São diversas as aspirações que animam os companheiros e os impelem a marchar intrépidos para a frente.

Uns almejam a clínica, onde esperam colher pingos proventos em trocas dos benefícios que irão espalhar; outros, o magistério, onde aspiram a conquistar grande nomeada de mestres insígnes: esses dedicam-se às pesquisas de laboratório onde contam deixar os nomes ligados a descobertas úteis e notáveis; aqueles consagram-se medicina social; para sanear o meio em que vão habitar e corrigir os desvios dos preceitos higiênicos, a fim de que a vida se torne mais longa e mais agradável.

Quando ainda estudante alimentamos dois grandes ideais e mais um depois de formado. Os dois primeiros consistiam em escrever um artigo de combate na primeira página do Jornal do Comércio, quando esse periódico era uma verdadeira potência, e ser membro da Academia Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro; o terceiro, ser professor de clínica médica.

Realizamo-nos todos, e depois não nos entregamos, como Anibal, às delícias da Cápua; continuamos a lutar, sem desfalecimentos, até chegar ao jubileu, que representa em cinquentenário de consórcio com a medicina.

De todas as conquistas com que sonhamos, a que mais nos empolgou, foi a do Jornal do Comercio. Foi o artigo entregue ao velho e austero Pederneiras, um dos redatores do grande matutino, que prometeu publicá-lo, se estivesse de acordo com o pensamento e as normas da redação. Esperei ansioso. No terceiro dia pego do Jornal, e trêmulo, palpitando num misto de espanto e alegria, lá encontro estampado pelas famosas colunas do decano da imprensa carioca o meu artigo de combate. Num açodamento infantil, percorro as colunas do grande orgão, lendo um período, mais longe outro, até a assinatura, receioso que algo lhe faltasse. Com o Jornal nas mãos, como um lábaro, ou melhor, como um trofeu, olhei, sobranceiro, em torno de mim mesmo. Ninguém. Saí e andei pelas principais ruas da cidade. Encontrei alguns amigos, que tudo sabiam e sobre tudo discorriam, menos sobre o grande sucesso que inflamava minha vaidade. Eu que supunha ter toda aquela marulhosa população lido o Jornal do Comércio daquele dias haviam-me enganado redondamente. Regressei ao hotel, sobraçando alguns exemplares do respeitado diário mas esmagado por aquela indiferença que tanto me surpreendia e torturava.

Mais tarde, dois amigos, dois apenas, Rodrigo Otávio e Bulhões de Carvalho felicitaram-me com efusão pelo duplo e grande sucesso — colaborar no Jornal e não me alistar entre os carneiros de Penúrgio na questão que eu trouxe à baila. Dois apenas, mas esses dois valiam bem por uma legião: vingaram aquela indiferença, que tanta surpresa me causou, e que hoje considero tão natural, tão razoável e tão humana.

A segunda vitória, alcançamo-la em novembro de 1899, quando apresentamos à Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro a memória intitulada Influência da Gravidez sobre as Moléstias do Coração.

O professor Miguel Couto, escolhido para dar parecer sobre nosso trabalho, rematou o seu relatório com estas palavras: "É nosso parecer que a memória do Dr. João Cândido Ferreira, disserta, criteriosamente, pessoal, pelos fatos em que se apóia e pelas convicções que externa, ampara suficientemente a sua candidatura a um lugar no seio desta Academia".

A terceira conquista realiza-mo-la assim que se fundou a Universidade do Paraná, quando inauguramos o ensino de pro-

pedêutica e, mais tarde, o da Clínica Médica em cuja cátedra ainda nos conservamos."

Como não podia deixar de acontecer a política no interior seduz e arrebata os bons elementos, deles se utiliza em quanto pode, deiaxndo-o à margem, quando justa ou injustamente assim os interesses determinam.

Mas com o Dr. João Cândido, algo diferente aconteceu. Soube ser ainda jovem com destacada proficiência em 1894 prefeito da sua cidade natal a Lapa. Mais tarde, deputado estadual. m seguida, Deputado Federal em 1901, quando o Paraná possuia apenas 4 representantes na Câmara Federal. Foi Vice-governador na agitada gestão de Vicente Machado, a quem substituiu na efetiva governança por morte do governador.

Muito já se escreveu a propósito de sua brilhante trajetória política por estudiosos de sua vida e obra.

A sua ação em todos esses postos foi pontilhada de elevado ardor patriótico, independente e cônscio das responsabilidades. Foi pautada com respeito aos outros e destes exigindo o mesmo recíproco tratamento.

Por isso mesmo quando não lhe agradou o rumo que lhe queriam levar, longe de se acomodar, modesta mas enérgicamente se afastou, renunciando a tudo no início do exercício da governança do stado, quando eleito para o período de 1908-1912.

A sua renúncia foi definitiva e nunca mais aceitou ou exerceu cargo algum público. A política perdeu para sempre um grande e destacado valor mas, para felicidade nossa, a medicina o teve só para si o resto da vida e integralmente. Já era, por essa época o Dr. João Cândido, um clínico de renome, com vasta clientela. Poder-se-ia supor que isso fosse consequência ainda dos mornos vínculos de amizade e compromissos políticos recem abandonados. Não. Gradativa e posteriormente demonstrou sobejamente o contrário.

Pertenceu à Academia de Letras do Paraná ocupando justamente a cadeira que tem por patrono Vicente Machado, seu grande amigo nas lides políticas doutra hora de sua mocidade. "Escrevia à moda de José de Alencar, timbrando no uso da sentença curta por mais clara, precisa e elegante" diz dêle o renomado literato paranaense Raul Gomes, chamando o grande

médico, escritor primoroso e homem representativo. E acrescenta: abordando qualquer espécie de temas, sabia tratá-los com perfeição e maestria, não os tornando fastidiosos na sua exposição pois amenizava a secura científica empregando linguagem agradável.

Tem igualmente oportuno cabimento aqui serem lembradas as palavras citadas pelo próprio João Cândido quando da morte de Miguel Couto, seu incondicional amigo desde os tempos acadêmicos e que o considerava sempre como o mestre. Como se ambos não o fossem.

"Ninguem subiu tão alto na confiança e na estima dos clientes, nem por tanto tempo conservou o cetro do supremo árbitro das controvérsias médicas", disse João Cândido de Miguel Couto. Se eu usasse estas palavras em relação ao professor João Cândido Ferreira, afirma Pereira de Macedo, teria eu anunciado um fato que ninguem pode contestar: João Cândido foi em nosso meio, aquele que, por mais longo tempo conservou o cetro de supremo árbitro das controvérsias médicas e nenhum outro clínico o superiou nessa confiança que mereceu de seus clientes".

Ainda porque em outro passo, Pereira de Macedo, referindo-se simultaneamente a Miguel Couto e a João Cândido, assim se expressa: "nas altas expressões de perfeição humana, duas vidas singulares ao seu tempo e no meio em que exercem a sua atividade edificante, um, no centro mais adiantado e de maior cultura do país, e outro, num acanhado recanto provinciano, como se a natureza se comprazesse na demonstração de que o homem vale pela sua riqueza intrinseca, que o meio ambiente rico ou pobre de recursos, não altera".

"Esta mútua admiração melhor os ligava e à humanidade e ainda melhor os fazia, porisso que a admiração, segundo os filósofos é a exteriorização da alma para conhecer, melhor compreender, a valorizar o ser ou a coisa admirada. Modestos até quase a humildade, não sabiam os dois grandes homens que nesta reciproca admiração se espelharam um no outro".

Não há negar a sintonia moral e intelectual dos dois grandes vultos e nisso nos baseamos novamente em Pereira de Macedo quando diz "o mesmo substrato de Miguel Couto que Deus fez do mesmo molde, o de João Cândido. Tal é a paridade

destas duas vidas excelsas, que do professor João Cândido pode-se dizer tudo o que ele próprio disse de Miguel Couto em magistral e sentida página de comovente saudade; porisso e porque João Cândido ambicionava possuir, ao menos, uma partícula de Miguel Couto, o meu espírito se decidiu a tomar o grande clínico brasileiro que o precedeu, de alguns anos, na glória eterna, como medida para avaliar a grandeza de João Cândido. Daí, a razão deste ligeiro confronto dos dois abnegados apostolos da medicina, tão semelhantes moral e intelectualmente, como parecidos na compleição física viril, robusta e irradiante simpatia. Ambos clínicos extraordinários e mestres insignes".

A propósito da semelhança entre esses dois grandes vultos tem excepcional significação recordar o retrato de João Cândido traçado por outro seu ex-aluno, hoje Prof. Julio Moreira em ocasião das comemorações de centenário de nascimento do velho mestre paranaense, realizadas em 8 de junho de 1964 (há pouco mais de 2 anos) e promovidos especialmente pelo Instituto Néo-Pitagórico de Curitiba:

"A sua figura era imponente. De estatura física acima da normal, compleição robusta, tronco cheio e ligeiramente curvado para frente, dava viva impressão de homem forte. Andar ligeiro de passos curtos, como se tivesse pressa. Cabeça bem formada, coberta de cabeleira completa, castanha escura, quasi preta, penteada para cima, grisalha no fim de seus anos. Bigode aparado e cheio cobria lábios espessos. Nariz grosso e ligeiramente adunco. Olhos pequenos e brilhantes, ornados por sobrancelhas cerradas e curvas. Carquilhas em torno das pálpebras. O resto do rosto sem rugas, tex clara, puxando muito para o mouro, barba raspada e sempre escanhoada. O conjunto de seu rosto era harmônico e exalava simpatia e bom gênio. Mãos delicadas e dedos longos, revestidos de pelos pretos com pequenas manchas pardo escuro em quantidade. Olhar prescrutador e atento ao diálogo, bondoso e tolerante no monólogo. Poucas vezes seus olhos vagavam perdidos ou omissos. Fitava os olhos dos outros na conversa. Tinha boa vista, somente na velhice usou óculos para a leitura. Fala branda, pronunciando as frases em estilo sóbrio, aplicando as palavras em sentido adequado e preciso. Desagradava-se da gíria, sua linguagem era clássica. De espírito alegre, raras vezes derivava a conversa para os lugares comuns, preferindo lançar mão de recurso

das metáforas para ocultar a muitos o verdadeiro sentido da ideia. Apurado no trajar, vestia-se bem, sem exagero, acompanhava o uso comum da moda. Jamais o vi em desalinho: sempre de avental branco ou cuidadosamente vestido. Preferia terno escuro quasi sempre de cor cinza, colete abotoado, calças bem frisadas. Relógio de ouro na algibeira baixa do colete. Raramente andava com as mãos nos bolsos, a não ser nas do sobretudo nos dias de geada. Sapatos de sola fina, ora pretos, ora marrons, impecavelmente polidos. Quando moço, usava colarinhos brancos de pontas viradas e depois da moda Santos Dumont, colarinho duplo de lustre e gravata comprida de seda e laço volumoso. Não lhe agradava o traje a rigor que somente as imposições sociais o obrigavam a usá-los".

Quem não vê aí com apenas pequenas nuances de exceção e repetição da descrição da figura igualmente imponente de Miguel Couto? Não havia entre ambos semelhanças tão marcantes, físicas, morais, intelectuais, profissionais, patrióticas e até de notado amor à família e aos seus?

Poderíamos alongar-nos por horas a fio em rebuscar elementos que são em número infinito ao longo da brilhante jornada de 50 anos de vida profissional e 84 de vida humana e benfazeja onde sobram magníficos exemplos desde o jovem político, depois o maduro médico e literato e por fim o proveto professor, cujos admiradores, amigos, clientes, alunos, parentes ou simples conterrâneos, indicam, comentam e exaltam suas reais virtudes em troca de uma satisfação íntima de quem está cumprindo um dever de gratidão por aquele que tantas messes espalhou generosamente.

Assim foi a vida heroica, porque não dizer, do paranaense ilustre que tanto dignificou a sua terra, a família, à Pátria e esta colenda Academia cujo reconhecimento não lhe será negado jamais, quer pelos que com ele privaram, conheceram suas excelsas virtudes, quer pelo que agora neste instante ouvem falar talvez pela primeira vez em seu nome excelso. Tanto estes como aqueles aplaudirão sem restrições o pleito de saudade, e referências aquele que, embora longe, mas não muito desta Casa, soube honrar e elevar por um longo, produtivo e afanoso período a profissão que abraçou e sem se esquecer de nossa querida Academia, a que quiz deliberadamente pertencer quando jovem, pertenceu de fato, a seu devido tempo dignificando-a

como os que mais o fizeram, durante 49 anos que foi o período de sua vida acadêmica e em cujos anais e boletins vamos encontrar com frequência sua marcante passagem nas sessões semanais deste Templo, ora apresentando trabalhos de real valor, ora vindo do Paraná especialmente às reuniões de magna importância, como, por exemplo, as das comemorações do 100.º aniversário da fundação da Academia Nacional de Medicina. E todas as vezes que dava o prazer de seu comparecimento, o mestre dos mestres, Miguel Couto seu amigo incondicional e conhecedor profundo das qualidades morais, intelectuais e profissionais de João Cândido não perdia oportunidade de homenageá-lo, condignamente, da presidência deste Cenáculo.

"A sua bondade infinita, a sua jovialidade, a sua delicadeza, a sua encantadora simplicidade, a sua extremada afabilidade, palavras proferidas ainda por Pereira de Macedo nas comemorações do Centenário de nascimento de João Cândido. "Resplendente de simpatia que muito depressa identificava a sua singular individualidade com seus alunos que no sábio mestre viam mais do que o professor provecto, o amigo querido o pai carinhoso que os orientava e animava para vitória, compartindo dos seus insucessos.

"Era esse o homem, sobretudo o mestre cuja ausência material ora pranteamos, mas cujo grande e luminoso espírito continua presente em nossos corações onde viverá, por todo o tempo das nossas vidas, para reviver na posteridade, já conquistada, mercê do espólio de sabedoria e de virtudes que deixou".

(Publicado na Gazeta do Povo — 22 fevereiro 1967)

(Prof. Carlos Osborne da Costa, eminente radiologista, natural do Paraná, e radicado no Rio de Janeiro).

ECOS DE SEU JUBILEU PROFISSIONAL

"Para festejar a glória daquele que durante 50 anos honrou, dignificou e elevou sua classe e sua profissão não são precisas palavras sonoras nem frases acadêmicas em que o brilho dos períodos muitas vezes mal deixa realçar a pureza das intenções".

Milton Munhoz

O CULTO A UM GRANDE MÉDICO

PROF. DR. MILTON MUNHOZ

(Discurso proferido, em nome da Associação Médica do Paraná, por ocasião da sessão solene especial realizada por essa sociedade na Santa Casa de Misericordia, em homenagem ao Prof. João Cândido Ferreira, por motivo do seu jubileu profissional).

"Seria empanar a beleza desta comunhão afetiva e sentimental si as minhas palavras se revestissem do gongorismo das formas enfatuadas.

Anatole France tem razão ao dizer que os crimes contra a beleza são os unicos irremissiveis.

Esta solenidade timbra em ser bela porque é o culto a um grande médico, porque no reconhecimento publico de sua dedicação, de sua competência e de sua probidade revela-se o espirito de justiça e a eloquente veneração daqueles que sabem distinguir os que são, como Carlyle os denominou, "a viva fonte de luz junto da qual é bom e agradavel aproximarmo-nos".

E o belo, que é simples, tem aversão às pompas retumbantes e às galas espetaculares. Na sabedoria do Evangelho o fausto de Salomão não chega a igualar-se á simplicidade dos lirios do campo.

Para festejar a gloria daquele que durante 50 anos honrou, dignificou e elevou sua classe e sua profissão não são precisas palavras sonoras nem frases academicas, em que o brilho dos periodos muitas vezes mal deixa realçar a pureza das intenções.

Eis porque não compartilho do conceito de Cicero, que não achava merito nas orações curtas, nem tomo por modelo a

Plinio que, para elogiar a Cesar, compôs uma arenga cuja leitura durou três dias. Muito menos copio a Juliano que reconhecia nos poétas o direito de mentir e nos oradores o de lisongear. Não é também aqui o caso daquele Bassus que, por encomenda de Libanius, apresentou-se a Andronicus com um discurso cheio de encomios e uma bolsa vasia, esperando esvasiar o primeiro para encher a segunda.

Falando em nome da Associação Médica do Paraná, o meu encargo em nada se assemelha à laudatoria dos contumazes fazedores de elogios.

Sobria em suas manifestações de jubilo e discreta na consagração de seus valores, a nossa entidade médica escolheu para seu interprete nesta sessão solene de homenagem sincera quem não aprendeu com os antigos retoricos as formulas panegiricas em que os adjetivos louvaminheiros desfiam em caudal desabrida.

A homenagem não é uma imposição da cortezia mas um dever que se cumpre convicta e sinceramente.

O transcurso do jubileu de formatura do Professor João Cândido Ferreira e, hoje, a comemoração de seu aniversario natalicio constituem menos do que um motivo e apenas um pretexto para os seus colegas mais uma vez patentearem a amizade, o respeito e admiração que lhe votam por suas excelsas virtudes e pelo seu acendrado devotamento às lides cientificas e profissionais.

Clínico dos mais notaveis do País, figura apostolar da Medicina, professor de largo discortinio, cientista devotado, estudioso impenitente e iniciador, entre nós, das mais importantes campanhas médico-sociais, é o Professor João Cândido uma das mais ilustres figuras do nosso meio.

A sua invulgar cultura cientifica, sempre rejuvenescida ao calor de autores nacionais e estrangeiros, a sua dedicação incomparavel à clinica e ao magisterio, e seu decidido ardor na defeza das prerrogativas da classe, a sua proverbial tolerancia e boa vontade com colegas novos e inexperientes, colocaram-no ha muito no ponto de maior destaque entre os médicos paranaenses.

Pela magnanimidade do seu coração, pela sua sabedoria e pela inteireza de seu carater é o Prof. João Cândido o mestre aureolado, o arbitro natural e insubstituivel nas delicadas questões que desafiam a argucia e a pericia de seus confrades ou exigem a palavra sabia e acatada de seu lider para as soluções adequadas.

Dele se poderia dizer que foi o creador de um meio médico adiantado, que foi o artifice que modelou a estrutura de sua classe.

Hoje não se presta sómente uma homenagem ao Professor João Cândido Ferreira, que não mais precisa do fulgor das festas em sua honra para aumentar-lhe o merito inconfundivel. Àqueles que se acercam de seu mestre, de seu lider, para tributar-lhe dedicação e aféto, aos que sabem cultuar um grande homem de seu convivio, exalçando-lhe as qualidades e apreciando-as não só porque as conhecem de longa data mas porque formaram a sua individualidade sob seu influxo, a esses tambem cabem, por certo, alegria e jubilo por terem sabido avaliar a superioridade de um confrade, de um amigo, de um companheiro de todos os dias, que conseguiu elevar-se acima da medida comum, elevando com suas vitorias a classe a que pertence.

Professor João Cândido! Esta saudação, que desejei bela e encantadora, não corresponde, por culpa minha, ao vulto da vossa personalidade. Perdoai-m'a, lembrando-vos que, como disse Goethe, nas obras do homem, como nas da Natureza, são propriamente as intenções que são sobretudo dignas de atenção".

UMA EXISTÊNCIA GLORIFICADA NA PRÁTICA E NO ENSINO DA MEDICINA

PROF. DR. ERASTO GAERTNER

(Discurso proferido, em nome da Congregação da Faculdade de Medicina do Paraná, por ocasião da inauguração, no saguão do edificio da Universidade, da placa comemorativa do jubileu profissional do Prof. João Cândido).

"Meus senhores:

A Congregação da Faculdade de Medicina do Paraná, deliberou perpetuar, no bronze, o acervo imenso de apreço e de gratidão, erigido nesta casa, por uma existencia glorificada na pratica e no ensino da Medicina.

Colegas e companheiros de JOÃO CÂNDIDO FERREIRA, discipulos todos e todos amigos do grande mestre, reverenciam os lampejos do seu espirito e se enternecem ao calor da sua bondade.

Vivendo de ha muito na intimidade da gloria, exaltado á condição de pontifice da clinica brasileira, a sua atividade assinála uma influência profunda e definitiva na educação do nosso ambiente médico. Mas os amplos contornos do seu mérito e a sólida envergadura do seu valor ,já lhe rasgaram os limites do espaço para deslocar o eixo de um prestigio de maxima irradiação.

Médico, — adextrado como virtuose da arte generosa, o lastro da cultura esmeralda e o tino agudissimo dos predestinados asseguraram-lhe o respeito apostolar, que o impõe à admiração dos pares, enquanto que o iluminam de halo misterioso no enlevo dos doentes.

Só quem já lhe experimentou a presença abençoada num leito de dôr, póde conhecer o conforto e a esperança, casados maravilhosamente, a emanarem do seu porte, austero e bondoso, no qual se adivinha o privilegio da sabedoria, encandescida de piedade.

Espirito clinico caldeado na mesma tempera antiga e nobre dos Francisco de Castro e dos Miguel Couto, poude o grande mestre acompanhar serenamente os sucessivos clarões do método experimental e das novas aquisições semiologicas, sem permitir que estes ofuscassem o preço do exame fisico disciplinado e a vantagem da técnica pessoal.

E tem sido para admirar como contrasta a sofreguidão dos novos nos apelos reiterados às provas materiais e mecanicas, frente à tranquila atitude do sabio, concedendo sempre o exato valor à indagação experimentalista. Aproveitando os informes sensatos mas repelindo as fantasias que os exageros engendram, quanta vez tem o mestre sobrepujado as provas, ditas concretas, mercê do recurso pessoal, que a experiencia e o estudo requintaram de perfeição!

A ciência e a arte do clinico, tomam entretanto, no magisterio, outro potencial de explendor. A cultura geral apurada, o manejo facil das letras e o jogo suave da palavra conferiram a JOÃO CÂNDIDO FERREIRA, uma sedução real a que ninguem se póde furtar. Um tom paternal e doce, sempre humilde, trai a modestia do grande espirito e completa o encanto intelectual dos que se saciam e confortam nas suas sábias lições.

Com energia e bravura de batalhador, a sua cooperação constante, ao lado de Victor do Amaral, Nilo Cairo e tantos outros, argamassou o baluarte vigoroso da nossa Faculdade, atravez dos seus tantos lustros, de máus e de bons momentos. Se os dias de vitória se rejubilaram e se orgulharam na imponencia e na dignidade do sábio, as horas amargas o viram tambem, imperturbavel e tenaz no cumprimento do dever.

Não só da sua riquissima contribuição individual, todavia, temos recebido o contingente precioso. O chefe de familia e pai amantissimo, logrou tambem a graça de ver a projeção multipla dos predicados e dons pessoais, na figura dos seus filhos. Quase todos médicos e tambem professores, cada qual se es-

mera melhor, porfiando em esforço e inteligencia, por imitar o exemplo e percorrer a trajetória do progenitor.

Aí está por que o jubileu do profissional, desdobrado na catedra, faz jús à consagração e à imortalidade.

— Venerando mestre e querido amigo:

A escolha mal feita tropeçou na insuficiencia do interprete incapaz de se librar, pela inteligencia, às vossas alturas.

Permiti, com a vossa imensa bondade, que se socorra do coração, que não precisa de palavras nem de formulas, para exprimir o que sente.

Deus conserve por muitos e muitos anos a vossa vida e a vossa saúde, para alegria do vosso lar, para glória ainda maior da vossa carreira e para felicidade e honra de todos os que constróem convosco a grandeza da Medicina.

A GRANDE E INTENSA VIDA DE UM MÉDICO PARANAENSE

PROF. DR. ALÔ GUIMARÃES

(Discurso proferido, em nome da classe médica do Paraná, por ocasião do banquête comemorativo do jubileu profissional do Professor João Cândido Ferreira, em 21 de abril de 1939).

PROF. JOÃO CÂNDIDO FERREIRA —

É entusiasmado, deslumbrado e comovido diante de vossa magnifica jornada apostolar através dos caminhos da vida, que ouso, estabelecendo embora um contraste chocante na uniformidade espiritual deste ambiente, por força de agravá-lo com o meu verbo sem fluência e sem brilho, ferindo a vossa modéstia, colocar a descoberto vosso valor pessoal e tentar definir a expressão cultural e humana de vossa personalidade.

Nesta hora de cordialidade e exaltação afetiva, quando todos os presentes, pela palavra do menos autorisado, vos formulam os mais fervorosos votos de felicidade, pelo motivo duplo de vosso aniversario e de vosso jubileu profissional, eu assinalo o sentido exato de vossa diretriz cientifica e o significado profundo de vossa formação espiritual.

Sem ofensa ou menosprezo aos aspectos variados de vossa mentalidade, aos vossos méritos literarios e políticos, de professor e de cientista, de acadêmico e de publicista, de cidadão provecto e de chefe de familia extremoso, devo apontar, na explendidêz de sua luminosidade, o vosso titulo máximo, aquele que plasmou o sentido de vossa espiritualidade, por cuja grandiosidade e carater valoroso vos tornasteis admirado dos coevos e ficareis conservado na memoria dos posteros — o de serdes medico.

Guardo para mim a convicção de que o Paraná teve, na vossa laboriosa atividade mental, a sua grande revelação médica, a mais alta expressão humana do conhecimento puro da medicina, fundamentada na formula rigida e simples, a mais fria e a mais justa, da sabedoria curativa aliada à bondade salvadora.

É dever dos mais moços apreciar e realçar o exemplo, o conhecimento e a experiência dos mais idosos. À medida que cresço em idade e, mais do alto dessa escalada vertiginosa atravéz da existência, posso divisar os vales floridos da minha juventude, a se distanciar e apagar implacavelmente na passagem febricitante do tempo, melhor se me afinisam os sons misteriosos desse instrumento interno que sabe ajustar as tonalidades vindas do exterior, mais e mais passo a avaliar o triunfo daqueles que atingiram, mercê da avultada estimativa do valor e dos meritos pessoais, o principado da ciência. À medida que me avantajo em anos e de mais perto, por força das injunções e prerrogativas da prática profissional, entro a participar nas disputas dos sentimentos humanos, quasi sempre refertos de maldêza e egoismo, mais acentuadamente me proponho venerar o rigorismo admiravel dos caracteres impolutos, a bravura incontida dos lutadores, abnegados e honestos, os gestos e as atitudes maravilhosas dos que se rendem aos apelos da caridade.

Admiro em vós, eminente mestre da medicina paranaense, o homem que se fez médico por amor à medicina. À índole e os pendores inatos de bem servir à dor e ao sofrimento humanos, em vós se aliaram a prodigiosa riqueza pensamental e o indormido fervor de praticar o estudo, creando-se numa sintese admiravel o temperamento contemplativo e o pragmatismo bem orientado, a insatisfação intelectual que é a pedra angular das grandes formações culturais e a constituição ética, afetiva e espiritual que deu origem ao dom, à intuição e ao segredo da boa prática da medicina.

Homem que se fez médico por amor á medicina, do início de vossa carreira datam a fé e a crença nas suas equações diagnósticas, nos seus problemas etiológicos e etiopatogênicos, nas suas proposições terapêuticas, do mesmo passo que, da vossa previsão indagadora, nasceu para o vosso otimismo o sublime encantamento de sua mistica, alicerçada na doutrina da solidariedade, da renuncia, da abnegação e da piedade.

Foi extasiado e penetrando vossa acuidade mental nas excelsas verdades contidas nesses princípios do sacerdocio médico, que dele vos tornasteis cultor aprimorado, defensor acerrimo e crente fervoroso, na continuidade de vossos esforços por ele se desvelando e por ele encanecendo nesses cincoenta anos ininterruptos da pratica da clínica, sistematicamente realizada na intenção nobre e meritoria de surpreender a doença com o fim unico de curá-la ou aliviá-la.

O exercicio da clínica vós o realizasteis com o cuidado, a obrigação e o empenho de um mistério sagrado: pondo o conhecimento e a experiência, a nobreza moral e a caridade acima de quaisquer interesses de outra ordem, esquecendo-se das vantagens utilitarias porventura existentes, para pordes á tona, em cada caso, a par do dom de análise imediata, de julgamento sereno e previdente, esse criterio clínico que vos acompanha e tem com clarividência comandado a seleção do diagnóstico, a previsão do prognóstico, a instituição da terapêutica e a oportunidade das intervenções.

É mister que se cumpram os vossos vaticinios. Direi, como vós, que ainda é a nossa a profissão mais nobre e altruista, mas que, dentre todas é a que mais necessita de adeptos com dotes e vocações especiais. Aos médicos cabe o dever de a engrandecer e honrar, vivendo com o cerebro e o coração a situação de seus proprios doentes, sentindo atribulações á extinção de uma vida que esteve à sua guarda e defeza, desejando a cada passo incentivar o verdadeiro amor à medicina, aquele que, na frase do inolvidavel mestre brasileiro, nasce e cresce à cabeceira dos doentes, quando a piedade pelo sofrimento nos invade o coração e dele se apodera, quando a luta entre a ciência e a molestia nos empolga e toda a nossa alma vibra ante essa luta".

Meio seculo de tirocinio clínico servio por que se confirmassem a vossa sensibilidade e a vossa disciplina, o vosso entusiasmo e a vossa fé pelas cousas da ciência de Hipócrates, ainda agora, tão grandes e tão cheias de apelos a novas conquistas, que se afiguram os primeiros incitamentos da mocidade estudiosa a marcar a direção segura de vosso destino.

A vossa contribuição não estacou no manejo diario da pratica médica, no ambito puro da clínica civil, mas se ampliou

e hipertrofiou, projetando-se em funções correlatas de intensa atividade intelectual e dilatada repercussão social.

A catedra de clínica médica da Faculdade de medicina do Paraná, por vós dignificada e honrada, é a tribuna da qual transmitis às gerações moças o ensinamento das teorias médicas, depois de passadas pelo filtro de vossa capacidade e orientada pela previsão de vossa argucia e sagacidade, é o laboratório em que se cultivam os métodos mais evidentes de indagação da ciência hipocrática — a observação e a experimentação, é o centro de estudo em que se perquirem as mais recentes aquisições no terreno científico, e é o templo no qual se pregam a beleza e o sublime encantamento da ética profissional, a oportunidade de creação, no íntimo de cada discipulo, das normas eficazes de conduta moral do homem público.

Timbro em alardear, porque o senti de perto, o vosso incomensuravel conhecimento da arte médica. Repetindo Miguel Couto, não sentiria receio em proclamar: "O talento e a perseverança, unidos no mesmo individuo, poderão gerar o investigador, o filosofo, o sabedor, e até o genio, se este não é senão uma longa paciência; mas, grande professor só será aquele que fôr ao mesmo tempo um grande artista, capaz de se arrebatar de paixão pelo seu oficio, e de a comunicar com a mesma intensidade aos seus discipulos. Conheça a fundo a biologia normal e patológica e será um grande médico; apure ao extremo a utilisação destes conhecimentos junto do doente, acertando-lhe com a molestia, mitigando-lhe as dôres, dando-lhe a cura, e será um grande clínico; mas, grande professor de medicina só o será, se, sendo tudo isto, a sua alma vibrar ao contacto das verdades científicas, se souber achar no fundo arido, doloroso ou repulsivo dos fatos mórbidos a emoção estetica, e fôr-lhe a palavra tão vibratil quanto a alma para traduzir essa emoção."

Não precisaria minha palavra repetir que o vosso merecimento atingiu a sabedoria desse conceito, mas seria prudente e oportuna a afirmação de que o superasteis com segurança e denodo, fundindo-se na vossa robusta compleição espiritual o médico, o clínico, o professor e o homem público. Médico, conservasteis o apuro no conhecimento da biologia e da patologia; clínico, guardasteis o gosto para as perquirições diagnósticas, todos os dias realizando a leitura desse "livro aberto

que é o doente", na assertiva feliz do Prof. Rocha Faria; professor, utilisasteis a sintese de vossas aptidões na disputa do infinito consciente, o panorama vasto dos problemas ainda não resolvidos pela razão humana vagando desassombradamente no vosso cerebro cheio de insatisfação, de duvidas e de irrequietude; homem público, permitisteis a serenidade de vossas ações, na preferência de transigir sem a quebra de vossa dignidade e de vossa altivez, no pressuposto de que vale mais a suavidade do que a dissidia, a brandura do que a violencia.

Foram essas grandes lições de temperança, esses eloquentes exemplos de cordura, aliados à excelencia de vossa formação espiritual que estabeleceram o prestigio destacado de vosso nome no cenario da cultura e da sociedade paranaenses.

Duas vezes eleito, por força dessa dupla distinção representada no espirito superior e no carater bem formado, sois ainda o chefe de uma nova estirpe de cientistas, que renovam a vossa coragem de viver engolfado no mundo do pensamento e de aspirar, como no ensinamento luminoso de Platão, a "idéa do bem, porque ele constitue o objeto supremo do conhecimento".

E conservais, aumentando consideravelmente os limites impenetraveis de vossa simpatia pessoal, como norma de vida pública e atuação domestica, aquela máxima querida do grande Diogenes de Apolonia, de que a simplicidade deve presidir as atitudes e as creações dos homens.

E por vida tão util e tão bem vivida ainda não olhasteis em torno, a buscar a recompensa de tão grandes esforços, porque é do vosso estofo moral acreditar, como Seneca, que "o premio do trabalho é o proprio trabalho".

Mas o trabalho foi arduo e incansavel o trabalhador, e, por isso, a paga desse serviço, que não poderia tardar, apareceu radiosa, cresceu como um fio dagua, avolumou-se em corrente e em força, rolando logo a seguir em cachoeiras catadupeantes. Esse premio, vós o sabeis melhor do que eu, tendes encontrado a cada passo nessa vossa luminosa trajetoria de médico e de professor, na gratidão daqueles que, desesperados pela doença, buscaram o conselho da vossa sabedoria e o alivio da vossa bondade, no reconhecimento de vossos discipulos, todos eles,

moços ou velhos, de hoje ou de hontem, encantados com o brilhantismo de vosso apostolado clínico e de vossa atuação no magisterio superior.

* * *

Professor João Cândido Ferreira. Vosso jubileu não deve ser medido em anos, mas em parcelas do talento e da competencia, reafirmados durante todo este tempo, nos quadrantes varios de vossa atividade, quasi toda empregada nesse mister de combater a morte, de suavisar os sofrimentos e reacender as fagulhas de vida porventura ainda existentes nos organismos deperecidos.

Grande e intensa vida a vossa, atribulada, operosa e util, por sem duvida exigiu de vós enormes e pesados sacrificios, ofertados sem medo e sem transigências, porque é de vosso feitio aceitar aquela magistral divisa de Pasteur, de que "nenhum esforço é perdido".

Grande e intensa vida a vossa, pontilhada de espinhos, de jardins solitarios onde o sol e as rosas poucas vezes despontaram, mas onde as madrugadas encontraram sempre o homem a folhear o livro da vida e a meditar sobre os enigmas da materia universal...

Permita vossa indulgência, nesse instante de irreverente fervor filosofico, a citação desse conceito profundamente expressivo de Will Durant: — "Se Napoleão fôra um sábio, disse Anatole, teria morado numa agua furtada e escrito quatro livros". Não. Não amamos Spinosa porque tenha vivido numa agua furtada, nem porque tenha escrito quatro livros — sim porque praticou a sabedoria da bondade e sofreu com a maior paciencia as maiores mágoas; a vida é coisa ainda acima da filosofia. E melhor vida é a mais variada, mais contrastada de pensamento e ação, de aventura e contemplação, de responsabilidade e perigo. Muito melhor haver perpassado pela gama intensa da elevação e queda de Napoleão do que meditar a seguro sobre a ação dos outros; melhor sofrer a derrota de Waterloo e morrer numa rocha arida do que amontoar nomes, verbos e adjetivos no papel. O pensamento é instrumento, não fim; quando não se exteriorisa em ação, transforma-se numa doença interna. O ideal não é nem Napoleão, nem Spinosa —

mas Bacon ou Voltaire; ter grandes pensamentos e fazer grandes cousas; morrer mais mortes de maneira a viver mais vidas. A melhor vida é a mais cheia".

Pode bem ser que a vossa vida, tão fecunda e tão cheia, no sentido de creação, de luminosidade, de espiritualidade e de pragmatismo bem orientado, estivesse passando desapercebida das gerações atuais.

Maeterlink no **Tezouro dos humildes,** esse precioso relicario de preceitos cristãos, grava essa impressão magnifica: "Tinha vivido mais de vinte anos ao lado de minha irmã, e "vi-a' pela primeira vez na manhã da morte de nossa mãi".

Mas para o reconhecimento de vossas peregrinas virtudes não foi necessário, felizmente, o espetaculo da morte. Esse instante delicioso permitiu o estudo psicológico de vosso jardim interior, aquilatar-se a extensão de vossa vida fecunda e laboriosa, o sentido exato de vosso ideal de verdade e de beleza e a ordenação uniforme de vossas disciplinas morais.

Permiti que eu proclame a grandiosidade excelsa de vossa personalidade, calcado nesse conceito de Nietsche, de que "ser grande é assinalar uma direção" ,dirigir-se concientemente para o seu proprio destino.

E esse destino vós o definisteis no amor à medicina, no empenho de se sublimar e transfigurar nessa pratica diuturna do sacerdocio médico, preconisando sempre que possível o criterio da submissão propedêutica ao sintoma puro, em contraposição aos excessos dos meios mecanisados de diagnóstico surgidos à inventiva dos centros modernos, formando uma escola de clarividência científica e de sensibilidade afetiva, organisando uma natureza capaz das mais profundas e arrojadas predestinações.

* * *

Nesta hora de sublime encantamento, em que a solidariedade dos médicos ao vosso jubileu enche este ambiente de incontida alegria, seja-me concedido o prazer de divulgar a felicidade de que se acha possuida a vossa senetude.

Dos homens, aqueles que viveram vida espiritual estão capacitados para compreender essa verdade, erigida em con-

ceito por Vicente Licínio Cardoso: "No fundo, cada um de nós nada mais é do que um pesquisador constante de seu proprio destino, vendo-o porem, apenas com as côres das ilusões, que são as que mais nos agradam ao espirito".

"Por isso, em geral, a felicidade é apenas a ilusão de um sonho: o sonho que se deseja quando se pensa no futuro, ou o sonho que se não realisou, quando se rememóra o passado. A felicidade é a **realidade como nós a desejaríamos**"...

Se outro premio não houvesteis escolhido, eminente professor, se vossa vida, cheia de intuição e de lances gloriosos, não tivesse encontrado a recompensa aos serviços prestados por tão vigorosa mentalidade à coletividade amargurada, chegaria para o vosso entendimento essa idéa feliz de que a vós próprios vos bastasteis, de que a realidade foi para vós a concretização daquele ideal sonhado em plena ilusão dos vinte anos.

É cheio de satisfação que advinho a felicidade que tem povoado e há de encher os vossos derradeiros anos. Vida de meditação e de espiritualidade, referta de ações generosas e de rendições faceis aos reclamos da amizade, ordenada na direção unica de elevar a propria alma aos dominios da eternidade, para ela não faltarão o triunfo e a gloria suficientes e capazes de facilitar o encontro do caminho mágico da imortalidade.

Vida perfeita a vossa, grande e afanosa, desdobrada na intenção de marcar o destino imortal de um homem, por tão longa e tão impregnada de meritos já vos deveria ter oferecido o remanso e placidez do repouso.

A gloria, que surgiu com a efetivação por inteiro dos vossos propositos iniciais, vos trouxe esse estado de felicidade espiritual que desfrutais com a singela expressividade dos apostolos.

Felizes dos que, como vos, podem pensar no dia do descanso, depois de consideradas vencidas todas as fatigantes batalhas da existencia!

Felizes dos que, como vós, podem apontar o passado, uní-lo ao presente e divisar com eles o futuro, olhando-os de um só plano, colocando-os frente a frente na mesma linha, sem atalhos, sem desvios ou sem tortuosidades!

Felizes dos que, como vós, podem receber, não como um onus, mas como um premio, os encantos e as vantagens desse descanso!

Mas não é de vosso agrado esperar o dia do repouso. A medicina, embora tecida de sofrimentos, de angustias e de desesperos, é o vosso sonho e o vosso enlevo e por ela has de, até o fim, consumirdes o ultimo alento de vossa dedicação e de vosso esforço.

Por tudo isso — erguendo a minha taça e ofertando-vos este banquete, que é a homenagem palpitante e viva do afeto e da admiração dos vossos colegas e amigos — eu felicito a vossa galharda tempera de lutador, bendizendo a boa graça que há permitido à alma coletiva do Paraná sentir, por tão longo lapso de tempo e, para sua ventura, por muitos anos ainda, o influxo de vossa sabedoria e de vossa bondade.

Benditas essa vossa sabedoria e essa vossa clarividente atividade, pelo exemplo que espalharam!

Benditos esse vosso esforço essa vossa bondade, pelo amor e piedade que semearam!

E, mais uma vez, bendita essa vossa insopitavel sede de conhecimento, pelo bem que vos proporcionou, ensinando-vos a buscar, nessa vertigem do espirito, na sentença de Graça Aranha, "a divina tentação do infinito!"

NOBRE LIDADOR DE NOBRES JUSTAS

DR. ARTUR SANTOS

(Discurso proferido, em nome dos amigos e admiradores do Prof. João Cândido, no banquete comemorativo do seu jubileu profissional, em 21 de Abril de 1939).

Snr. Dr. João Cândido.

Valho-me, nesta conjuntura, de umas expressões exatas proferidas alhures em situação identica:

Não vos pudestes furtar — senhor doutor João Cândido — à terrivel banalidade de um banquete de homenagem. E agora que o sacrificio vae em meio, recebei mais esta do discurso de saudação, tão desinteressante sempre, no convencionalismo das suas formulas de elogio à queima roupa.

Se assim é, mesmo quando o malsinado discurso de saudação tem a atenuante de partir, como ainda ha pouco, de um orador ilustre, que dizer do sacrificio que vos é imposto de ouvi-lo de minha boca de interprete mediocre!

A verdade, porém, é que a critica seria incabivel neste caso, porque não poderia ser comemorado no remanso carinhoso do lar a data aniversaria do cidadão que é, hoje, **par droit de conquéte,** a figura contemporanea de mais alta expressão na sociedade paranaense.

Não se perdeu o senso da medida no pretexto procurado deste ágape, nem ha exagero nos conceitos emitidos em vosso louvor. A vossa vida — senhor doutor João Cândido — já passou em julgado: ; um patrimonio moral, erguido, pacientemente, com trabalho e com honra, mas que não pertence à vossa familia e sim ao Estado que se orgulha de vos ter sido berço.

É que a existencia humana — no pensamento de Bossuet

— não deve ser estimada pela sua extensão, mas pelo seu uso, nem medida pelo tempo, mas pelas ações.

De mim — tão grandes são a admiração e o respeito — que recebi, gostosamente, a honra de vos saudar. Verifico, porém, que melhor fôra que esta festa, de tão clara resonancia, transcorresse no meio da alegria comunicativa dos convivas, sem o pragmatismo do discurso explicativo.

Silencium facundius verbis. — De fato — o silencio, ainda desta vez, seria mais eloquentes que as palavras.

Há a vosso respeito, na comunhão paranaense, uma unanimidade! Ainda recentemente os vossos colegas de classe, com aplausos unisonos, comemoraram o vosso jubileu profissional — aqueles cincoenta anos de exercicio de sacerdocio, que poderiam construir um codigo de deontologia medica.

Como vae longe — mas quão doce é recordar — o inicio da vossa carreira na cidade pacata do interior provinciano, na Lapa do vosso berço e do vosso afeto, justo quando o Paraná na posse das forças olimpicas de sua juventude, arrancava para a arremetida gloriosa da sua predestinação até esta realidade que nos estimula e envaidece, etapa do seu progresso para destinos maiores.

Mas, nessa propria iniciativa que para tantos outros tem sido marasmatica, — já repontava o homem de pensamento e de estudo, na colaboração ás revistas especialisadas, nas comunicações aos circulos cientificos, na defesa de téses, no ingresso consagrador na Academia Nacional de Medicina.

Depois — após breve passagem pela vida publica, interregno em que foram postas à prova as vossas reservas de sensibilidade, de tolerancia e de equilíbrio — a capital curitibana. E com ela, sem pugnas para disputa-lo, o primado da classe exercido ininterruptamente sem que ninguem lhe dispute o bastonariado; a catedra erudita de projeção em todos os setores culturais do País; o cetro de virtudes pessoais verdadeiramente raras e dificeis de conquistar.

Si entre os bens da natureza, — como quer o padre Vieira — o mais excelente, o mais util e o mais necessário, é aquele sem o qual nenhum outro bem se pode gozar — a saúde, — que grande gloria é a vossa — senhor doutor João Cândido — restituindo esse tesouro, ás mancheias, aos que dele foram espoliados e lutando, bravamente, por cincoenta anos a fio, para

minorar os sofrimentos alheios e para mitigar as dôres humanas.

Li ha poucos dias nos MARACÁS de Vicente Licinio Cardoso, nessa febre de leituras, unico e consolador oasis que nos resta na tarde melancolica, anuncio de noite trevosa para os destinos da humanidade — que a função magna do homem, em face do universo, é a do conhecimento maximo das coisas do mundo. A vida deve ter por meta a expressão da maior parcela de Verdade, sob a melhor forma de Beleza, visando o máximo do Bem.

Esses têm sido os caminhos luminosos que pervagastes nos cincoenta anos de labor bemdito, na peregrinação diuturna da casa para o consultorio; do consultorio para os hospitais, da cabeceira dos enfermos para o amfiteatro das academias, a semear a palavra erudita e elegante aos discipulos enamorados.

A excelsitude, porém, da vossa existencia está na harmonia perfeita entre os vossos sentimentos moraes e os primores de uma inteligencia cultivada; está nesse equilibrio entre o cidadão e o medico; entre o chefe de familia e o homem que sente e compreende os seus deveres sociais.

Nesse particular — senhor doutor João Cândido — a sociedade de vossa Terra póde vos ter por padrão!

Fundastes, sob a égide das mais puras virtudes cristãs, um lar dignissimo, tendo merecido de Deus a graça de vê-lo enflorado de uma descendencia que honra a progenie, robustos florões de uma arvore que toda se engrinaldece na primavera, para mais tarde se recobrir de frutos.

A razão estava, portanto, comigo — está, sem sombra de contestação com vossos conterraneos — quando para confirmar o que, ôntem, vos disse, rebatendo argumentos de modestia encantadora, novo atributo de uma formação moral aprimorada — aqui se reunem, medicos, amigos e admiradores, isto é, o patriciado curitibano tão lidimamente representado — como já o fizeram, anteriormente, os vossos ilustres colegas de classe, na enfermaria da Santa Casa e no peristilo da Universidade, para exaltar menos o homem simbolo, que a propria sociedade paranaense onde existe clima para essas existencias privilegiadas e ambiente para estas comemorações de uma Justiça Consagradora.

Na sua frase de limpido quilate, iluminando os altos e profundos pensamentos — Joaquim Nabuco esperava, em despedida ao Creador, olhar a vida atravéz de Epicteto, do puro cristal sem refração: a admiração e o reconhecimento.

É assim, — senhor doutor João Cândido — por esses mesmos vidros de Epicteto, do puro cristal sem refração — que nós, os vossos conterraneos, olhamos a vossa vida, serena, tranquila, felicissima, já nessa culminancia em que se touca, definitivamente, dos louros imarcessiveis: — com a admiração e o reconhecimento.

Só vos resta, agora, nobre lidador de nobres justas, envelhecer sorrindo, envelhecer, como as arvores fortes envelhecem.

"— Na gloria da alegria e da bondade,
Agasalhando os passaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem".

GRATIDÃO DO DÍSCIPULO AO MESTRE

PROF. DR. CEZAR PERNETTA

Saudação dirigida ao Prof. João Cândido, nas festas jubilares.

Professor João Cândido:

O mestre eminente, que o Paraná mais uma vez consagra, não tendes, com certeza, na lembrança, que eu fui vosso interno.

A sucessão ininterrupta, anos a fio, de legiões de alunos que de vós se aproximam, ávidos de palavra sábia e experimentada, não dá ensêjo a que guardeis na memória, um por um, todos os que estagiaram nas enfermarias que dirigís.

Mas em mim, como em quantos tiveram a ventura de receber a preciosa orientação de vosso grande talento, ficaram marcados, com traços indeléveis, no espirito, os momentos de convívio hospitalar, em meio ao leito dos enfermos.

De vossas aulas não nos resta apenas a reminiscência dos conhecimentos que, da cátedra onde pontificais, espargís com tanto zêlo e liberalidade. Muito mais valioso do que esse legado científico, é o influxo que, com maestria, exerceis na formação do espírito clínico dos que vos rodeiam, ensinando-lhes a observar o doente, a raciocinar sobre os fatos observados, e a inspirar a terapêutica nos dados que a própria natureza nos faculta.

E com esse método clínico tão fecundo, que fez a gloria de Trousseau, ides plasmando as gerações médicas de nossa Faculdade.

Dois anos de permanência contínua a vosso lado proporcionaram-me, nos limites de minha capacidade de apreensão, vantagens que mal posso avaliar com segurança.

Hoje, que de vós estou afastado pelas exigências de uma vida atarefada e pelas imposições de uma especialidade diferente, poderia parecer que já vos dispensasse a lição.

Quando, porem, me vejo diante de um poqueno enfêrmo, sinto-me ainda, por um desses fenómenos psicológicos surpreendentes, guiado pela vossa mão de méstre, que, firme e resoluta, me orienta os passos e me impõe a atuação clínica.

Dizem, Professor João Cândido, que, com o costumeiro fulgor, dais, de longe em longe, uma aula de ética profissional. Eu não assistí nenhuma. Mas trago de cór um verdadeiro código de deontologia médica, formado com o que colhí ao observar vosso proceder diuturno, lição viva e eloquente de exemplos concretos, incomparavelmente mais eficaz que a de simples palavras. No trato diario com os humildes doentes ensinais uma porção dessas coisas, de que fala Moquot, que não se aprendem nos livros, mas que, no entanto, constituem a honra de nossa profissão.

Assim, não pude reprimir o impulso irresistivel de participar, por qualquer forma, das homenagens comemorativas do jubileu profissional, e, desprezando embora essa especie de recato social, que sempre tenho respeitado, e que me impõe silêncio em reuniões do nivel espiritual das que hoje se realizam, dirijo-vos estas palavras desalinhadas, talvez inoportunas, que, todavia, refletem a gratidão do discípulo ao mestre.

PROF. JOÃO CÂNDIDO

(DIRCEU DE LACERDA)

Estavamos em 1929.

Eramos pouco mais de 50 ao exame vestibular de Medicina e, promovidos a calouros, o trote nos aguardava em pleno asfalto.

Um dos da turma, o que subscreve estas linhas, usou de um estratagema para fugir do trote: passou a ser "ajudante de ordens" do veterano Julio Moreira, futurissimo doutor.

Um dia, na Faculdade, o veterano chamou o calouro e, dando-lhe um niquel de 400 réis, ordenou:

— Vá ao primeiro negociante da Rua Comendador Araujo e compre-me uma caixa de fosforos.

O calouro foi e voltou com a caixa de fosforos.

— Onde está o troco?

— Não tem troco. Comprei duas caixas. Eu tambem fumo.

O calouro foi imediatamente demitido e troteado...

* * *

Reabre-se o curso.

O calouro aparece pela manhã na Santa Casa.

Entra numa enfermaria, repleta de veteranos.

Julio Moreira aproxima-se e diz baixinho:

— Suma-se, calouro!

Mas o calouro fica.

Junto ao leito de um preto, o Prof. João Cândido fala.

É um caso de aortite.

O calouro nada entende daquele vocabulario técnico.

No final da aula o calouro desmaia.

O Mestre, que o socorre, aconselha:

— Não desanime, calouro. Isto acontece. Você ainda é fraco. Vá estudar, primeiro, Semiologia.

Era necessario conhecer, inicialmente, o Testut, o Arthus, o Vieira Romeiro e outros cavalheiros para chegar até a aorta, que encrenca no fim do curso...

* * *

Estamos em 1934.

A enfermaria é a mesma e o Mestre é o mesmo.

Só o doente, portador de uma aortite, não é preto.

É um ariano disfarçado.

O Mestre fala.

E tudo é facil na clareza de explicar, na simplicidade de examinar, na bondade de orientar.

O curso termina.

A nossa turma, em maioria paulista, retorna à terra bandeirante.

* * *

Reabre-se o curso.

O velho Mestre senta-se, novamente, num dos leitos da enfermaria.

É outra aula inaugural, com outro doente e com outra doença.

Ha, na turma numerosa, um estudante demais.

É o calouro da aortite.

As velhas lições, com um encanto sempre novo, se repetiam

* * *

A classe médica, ante-ontem, transformou o aniversario e o jubileu do Prof. João Cândido numa apoteose.

Alunos de ontem e de hoje fecharam os olhos e, diante dos olhos, a Enfermaria D. Alberto se desenhava.

E ouviamos, num milagre de imaginação, a vóz do Mestre reboando na enfermaria silenciosa.

A vóz que aconselha, guia e acompanha, cada ano, a mocidade que parte.

E a partida divide sempre a saudade.

(Transcrito de "O Dia", de 23-4-939)

ORAÇÃO DE PARANINFO

(Homenagem, das mais significativas, ao jubileu profissional do Prof. João Cândido, foi a prestada pelos doutorandos de 1938, da Faculdade de Medicina do Paraná, que o elegeram seu paraninfo. Em resposta ao discurso do orador da turma, o prof. João Cândido proferiu a seguinte oração).

JOVENS COLEGAS —

Acabamos de ouvir a mocidade, plena de fé e entusiasmo, anunciando o romper da aurora e o início de vida nova, promissora de fartas messes. É a esperança que esparge seus eflúvios inebriantes sobre o auditório, proporcionando-lhe inefavel euforia.

É o dinamismo que se afirma construtor e indefesso, seguro de sua força e de seus direitos.

É a fé que luta, persevera e acaba sempre vencendo, porque jamais desfalece.

Tudo quanto é da juventude, tudo quanto é do dilúculo aí está, transbordante de simpatia e generosidade, faiscante de alacridade contagiosa.

Agora é justo que venha a ponderação, que venha a voz da experiência banhada nas fosforecências suaves do poente, e que o colega mais velho, fale do que lhe ensinou o longo tirocínio ou, melhor, que dê um mergulho no passado, mais que milenário, e de lá traga a mancheias gemas preciosas e esquecidas, para oferecer aos neófitos que tão bem aparelhados se apresentam para as lides profissionais, libertos das faixas acadêmicas e senhores de seu destino.

* * *

É esta a quinta vez que a gentileza e a consideração dos jovens colegas nos elevam a esta posição de excepcional relevo. É a quinta vez que acompanhamos, desvanecidos e jubilosos, a turma de doutorandos como seu paraninfo.

De todas essas festividades guardamos agradabilissimas recordações, mas a primeira e a quarta deixaram em nossa alma impressões indeleveis pela singularidade das ocorrências que as envolveram, cada uma de-per-si.

A primeira, em 1920, não representava sómente a festa dos acadêmicos que haviam conquistado a laurea doutoral: era tambem a consagração da Universidade do Paraná, que trazia a prova eloquente de sua idoneidade naquela pleiade de escol; era a vitória do esforço, da dedicação e da competência de docentes e discentes, que se confundiam na ânsia de consolidar os créditos e o renome da novel instituição.

Desses 12 apóstolos do bem que, através de óbices e tropeços, venceram galhardamente em 1920, faziam parte José Pereira de Macedo e Mária Falce, hoje mestres ilustres e consagrados em nossa Faculdade; Carlos de Macedo, clínico de vasta clientela e outros que aí estão patenteando os seus méritos.

A quarta vez, em 1927, para intensar o júbilo do paraninfo, entre os doutorandos figurava o sexto e último filho do vosso padrinho de hoje. Então, no alvoroço de quem atinge a Canaã de seus sonhos, assim registamos o acontecimento: — "Esse ideal que tanto tem preocupado minha existência não constituia mero desejo de dar a cada filho simplesmente uma carta de doutor, não era a vaidade estulta de dar a cada filho um anódino título acadêmico, com o qual ele pudesse conquistar um logar na burocracia parasitária e aí passar displicentemente a vida na penumbra. Não; eu almejava formar todos os filhos, com o título muito alto e patriótico de colocar na mão de cada um deles um diploma que representasse um instrumento de trabalho e com o qual ele se apresentasse na luta pela vida, cônscio de seu valor e apto para vencer, com hombridade, todas as vicissitudes que se lhe deparassem no curso da existência".

E a atual escolha por parte da mais numerosa turma de doutorandos que já saiu da nossa Faculdade de Medicina, alem da distinção que nos foi conferida e que estamos desfrutando

neste momento, consideramo-la como galardão jubilar aos nossos cincoenta anos de consórcio com a medicina.

Tão oportuna e tão cativante atitude dos jovens e distintos colegas não consentirá jamais que se eles apartem de nossa estima e de nossa gratidão.

* * *

Caros Colegas, vindes de assumir a responsabilidade de vossos destinos, recebendo, com o anel simbólico, a investidura doutoral que vos garante o exercício da mais bela e mais árdua profissão.

Estudamos juntos no leito dos doentes, pelejamos unidos na conquista de um diagnóstico e de uma terapêutica a-fim-de servirmos os desamparados da sorte que curtiam duros sofrimentos.

Desse convívio resultou lhano afeto e mútua consideração, que fizestes transverter nesta paranínfica investidura que tanto nos honra e desvanece. Neste derradeiro contacto do mestre saudoso com os diletos alunos, agora com todas as insígnias e prerrogativas de colegas, desejamos ainda falar da nossa profissão e da maneira de a exercermos na vida prática. Queremos ter, na hora emotiva da despedida, a dulcíssima ilusão de estar na cátedra esmerilhando um caso clínico, cercado de seleto auditório, que nos escuta cortês e atento.

* * *

Em medicina se observa, não raro, esta verdade paradoxal: — retroceder para progredir, contramarchar para melhorar. De fato, a medicina hodierna, revolvendo e joeirando o vasto manancial que é a obra hipocrática, verificou que conceitos irradiadores de verdades incontestaveis, jaziam soterrados e esquecidos. Desse movimento que se generalizou rapidamente, veio a renovação dos ensinamentos hipocráticos e o advento do **neohipocratismo.** Esta contramarcha representa, incontestavelmente, grandes progressos nos arraiais médicos, como afirma o professor Delore. "Sinais cada vez mais numerosos, diz ele, anunciam retorno à grande tradição do pensamento hipocrático. Trata-se de puro e simples retrocesso? Ninguem assim ousará pensar. Esta renascença é retorno parcial e simultaneamente

progresso; é a síntese harmoniosa da tradição e da ciência. A renovação em curso, longe de ser simples retorno, assinala progresso por seu carater científico.

Grandes mestres da medicina já se pronunciaram sobre este momentoso tema de enorme interesse, que torna à atualidade.

"A grande revolução médica do século XVI, diz Huchard, foi o retorno às doutrinas hipocráticas, e a revolução terapêutica do seculo XX será a confirmação desses mesmos preceitos".

As seguintes palavras do professor Aloysio de Castro abonam esta asserção: "Mudam-se os tempos e as doutrinas, não muda a natureza, e a medicina ;, na essência, sempre a mesma e Hipócrates é o mestre de todas as épocas".

Quanto mais se aprofundam os conhecimentos das perturbações funcionais e se desvendam os mistérios das reações orgânicas tanto mais resplandece a verdade dos ensinamentos do pai da medicina. É claro e categórico o professor Clementino Fraga, quando opina sobre este assunto: "Com muito acerto a sabedoria antiga mandava respeitar a **vis medicatrix,** que hoje sabemos refletir o complexo das reações naturais do organismo.

A terapêutica dos nossos dias não defende outra ambição que não seja a acatar e estimular a ação dos mecanismos protetores da personalidade humoral físico-química, que afirma o indivíduo nas suas tendências, predicados orgânicos e capacidade de reação".

Mais intensa que nunca é a atual campanha em prol da nova escola médica, a qual vai triunfando sem impecilhos.

Diz o professor Delore: "Há crises em medicina como em tudo. A medicina moderna vê seus quadros estalarem, em mais de um ponto, como se fossem muito estreitos. É um espírito novo ou renovador que está agindo. Qual será ele?

É o espirito da medicina tradicional, hipocrática".

Os fatos confirmam as palavras do notavel mestre, como vamos expor.

• • •

Em julho do ano passado, reuninu-se em Paris o 1.° Congresso médico de neohipocratismo, sob a presidência do professor Laignel-Lavastine.

Aí foram recordadas as lições da escola de Cós e exaltada a renascença dos ensinamentos hipocráticos sob a forma de neohipocratismo.

Os professores Lavastine e Delore discorreram com grande proficiência sobre o assunto e dessa exposição magistral vamos dar aqui apagada mostra.

O prático, para resolver as dificuldades da clínica, encontra nas lições dos livros hipocráticos os três princípios gerais, norteadores de sua ação: —

1.° — primazia da clínica;

2.° — concepção dinâmica individual da perturbação mórbida;

3.° — o tratamento para ser racional, natural deve ser.

O prof. Lavastine, depois de afirmar que o reconhecimento destes princípios no proceder médico é um retrocesso às doutrinas hipocráticas, porém, não é a adoção de todo o hipocratismo, faz judiciosas considerações a respeito deles.

Hipócrates, estabelecendo a supremacia da clínica, fundou a medicina positiva e dela separou várias disciplinas do espírito, com as quais se confundia.

O reconhecimento da primazia da clínica não significa diminuição do valor de todos os métodos de laboratório, cuja utilidade é evidente, mas a necessidade de ordenar os dados da observação.

O 2.° princípio, tirado da doutrina humoral, limita esta de um lado, e de outro a ultrapassa; limita no sentido de que uma perturbação nem sempre é correlativa de perturbação humoral; e ultrapassa-a porque existem perturbações dinâmicas reflexas, e por meio do simpático as faculdades psíquicas podem agir sobre o organismo.

Este carater individual é a base da biologia diferencial donde deriva o estudo científico do coeficiente reacional em suas três modalidades: fisiológica (temperamento), morfoló-

gica (constituição) e psicologia (carater). O valor individual da perturbação mórbida domina a patologia do terreno. A individualidade mórbida depende não somente das reações às excitações do macrocosmo como tambem das interreações do microcosmo.

As novas aquisições no campo da terapêutica legitimam a patologia do terreno e sua preemiência.

O 3.º princípio estabelece que o tratamento para ser racional, natural deve ser.

"O naturismo é a integração dos princípios diretores de uma vida conforme às leis da natureza".

O tratamento para ser racional e profícuo, deve ser individualizado. Não há clínico moderno que desconheça tal aforismo, e que discrepe do conceito que ele encerra. Entretanto, assim não pensa o notavel cientista Alexis Carrel quando estuda **O indivíduo** em seu livro **L'homme, cet inconnu.** Em verdade, depois de mostrar que cada homem é uma história diferente de todas as outras, que todo indivíduo tem consciência de ser único, entra no estudo da doença que, diz ele, representa a adaptação do organismo a um agente patogênico ou sua progressiva destruição por esse agente. Sendo impossivel constituir uma ciência da medicina pela mera compilação de grande número de observações individuais, foi necessário classificar os fatos e simplificá-los por meio de abstrações. Assim nasceu a doença, e foi possivel escrever tratados de medicina.

Prosseguindo em suas considerações, faz grande injustiça aos clínicos, qualificando-os de meros patologistas, isto é, combatentes de cousas abstratas, como a doença.

Afinal, tira estas conclusões: "Os médicos, infelizmente, contentam-se com esse resultado. É preciso que eles saibam distinguir, claramente, do ser humano doente, descrito nos livros, o doente concreto que tem diante de si, esse doente que não deve ser apenas estudado, mas em primeiro lugar aliviado, socegado e curado. O seu papel consiste em descobrir em cada doente os caracteres de sua individualidade. O mau êxito dos médicos provem de viverem eles no mundo imaginário. Nos seus doentes não veem senão as doenças descritas nos tratados de medicina". Se essa objurgatória fosse atirada aos médicos há meio seculo, talvez procedesse, mas, hoje, que a unanimi-

dade dos clínicos sabe que se deve tratar do doente e não da doença, não se justifica essa acusação tão insistente e rude.

Se não se tratasse de livro cujo autor é cientista de fama universal e que vive nas mãos de todos os homens de letras, não valeria a pena lançar um protesto enérgico; mas no caso de Alexis Carrel, juizo expendido é summamente grave e deve ser contestado, como nesta solenidade o fazemos.

Quando Pasteur demonstrou que os micróbios eram os agentes causadores das infecções, surgiram protestos de todos os lados. Então Piorry, tomando a mão, falou como velho mestre: — "Não é a moléstia, ser abstrato, que se procura tratar; é o doente que se deve estudar com o máximo cuidado por todos os meios físicos, químicos e clínicos que a ciência comporta".

Basta esta opinião de um clínico provecto, emitida há mais de cincoenta anos, para responder cabalmente às censuras reiteradas de Carrel.

Quando Hipócrates afirmou que a natureza curava, já antevia a importância do terreno e, consequentemente, a individualisação da doença.

E não há antagonismo, como se tem procurado descobrir, entre os ensinamentos de Hipócrates, que, no tratamento das doenças davam o papel principal ao terreno, e às descobertas de Pasteur, que, desvendando o mistério da etiologia das infecções indicaram o caminho que se devia perlustrar na pesquisa da terapêutica patogênica e específica.

Se conseguissemos esta finalidade para todas as infecções, o terreno perderia algo de sua importância; mas, ainda assim, era grande a sua influência, visto que da reação e da resistência do organismo dependerá sempre o prognóstico da doença.

A ação do micróbio **in vivo** não pode ser separada do terreno.

Só artificialmente podem ser insulados os dois fatores da moléstia, porque eles se completam. O problema da infecção tem dois aspectos: o bacteriológico e o fisiológico, o exógeno e o endógeno. Eles se integram em uma concepção sintética.

Não se deve exigir das experiências pasteurianas mais do que elas comportam. Os adeptos, por excesso de espírito ana-

lítico, adulteram o pensamento do mestre, atribuindo ao conceito único do micróbio a causa das moléstias infetuosas" (Delore).

O professor Gilbert mostra em seu livro **L'art de Prescrite** que, graças às descobertas de Pasteur, podemos com segurança prescrever uma terapêutica a favor dos sintomas que representam reações benéficas. Antigamente as moléstias eram identificadas com suas expressões anatômicas e funcionais, e todo sintoma devia ser combatido.

Há doentes, repetimos, que prescindem da medicação, porque a natureza se encarrega de as jugular, como ensinava Hipócrates, e outras há que tem tratamento etiológico e se curam mercê dos descobrimentos de Pasteur.

Esses dois vultos inconfundiveis marcam duas épocas gloriosas e inolvidaveis, no dominio das ciências médicas.

A obra de Hipócrates é tão vasta e profunda, que há quem acredite não ser possivel que um só homem pudesse ter capacidade para realizá-la, sendo necessário toda uma geração para levá-la a bom termo.

Foi ele quem criou a medicina científica, libertando-a dos preconceitos e das magias que a desvirtuavam.

Pasteur desvendou o domínio dos infinitamente pequenos e realizou trabalhos de tal relevância, que, conquistou, com justiça, a laurea de **grande bemfeitor da humanidade.** Não dizemos que foi **o maior,** porque já asseverara o insigne Miguel Couto **que maior do que Pasteur, só Jesus Cristo.**

* * *

O professor Delore (de Lião) em dois trabalhos notaveis sob a epígrafe: **A Medicina Moderna diante da tradição Hipocrática e Pitagórica,** expõe tudo quanto se tem feito ultimamente sobre a renovação médica dos tempos hipocráticos.

Deles vamos dar fiel notícia, abroquelados nos excertos que citaremos.

Diz o ilustre mestre: — "O fato peculiar à medicina atual e que legitima o termo **neophipocratismo** é o advento da medicina científica e biológica e sua tendência para a renovação dos princípios pitagóricos e hipocráticos".

Estudando a patologia geral desta escola, salienta os seguintes princípios, reconhecidos uns como verdades inconcussas e outros como base das novas aquisições médicas.

1.° — Relação constante entre o **indivíduo e o meio.** Deste simples enunciado se conclue que Hipócrates foi o precursor da cosmobiologia e da climatologia. Para ele não havia moléstia local.

2.° — O hipocratismo proclama a importância capital do terreno, fazendo distinção entre **temperamento, constituição e predisposição.** Sobre tais bases, não foi dificil criar a **endocrinologia, a biotipologia** e as **doenças da nutrição,** em suma — a patologia individual, consoante as novas concepções.

3.° — O hipocratismo considera a moléstia de modo sintético, qual produto de dois fatores que se não podem isolar senão artificialmente: o terreno predisposto e o agente de desiquilibrio.

O primeiro orienta a reação mórbida e é o de maior importância.

4.° — O hipocratismo tem, da doença, concepção dinâmica, procura o sentido profundo da perturbação mórbida em uma modificação endógena de ordem energética e exalta o domínio do elemento funcional.

O neohipocratismo, procura completar a semiologia médica, em tratando da **semiologia da saude,** tirando elementos novos do estudo **da morfologia, da constituição, do temperamento, do hábito, dos tegumentos,** etc.

Estudando a **terapêutica,** em geral, Delore, de modo preciso e claro, esboça-lhe os principais aspectos, subordinando-a aos seguintes conceitos: —

1.° — **Princípios da doutrina hipocrática: —**

a) — Eles nos conduzem ao fim essencialmente prático da medicina: prevenir, aliviar e curar.

b) — **Primum non nocere.** Devemos evitar medicações intempestivas, métodos muito novos e aleatórios e doses fortes.

c) — Daremos a prioridade aos processos de curas simples, naturais e inofensivas. "A medicina", diz Hipócrates, "é a arte de imitar os processos da natureza".

d) — Devemos atribuir importância precípua às faltas de higiene e erros alimentares, o que leva Hipócrates a colocar em primeiro plano os agentes físicos e o regime, assim como a dietética.

e) — As doenças crônicas, principalmente as da nutrição, justificam as prescrições naturais, como o regime, a aeroterapia e os exercícios.

f) — As práticas naturais devem ser aplicadas sinteticamente, isto é, associadas. É um erro o tratamento separado de orgão por orgão.

g) — O hipocratismo, tendo em mira o doente e não a doença, estabelece a individualização do tratamento.

h) — A terapêutica hipocrática é terapêutica do terreno e dá logar de relevo aos processos fisiológicos, tais como eliminação e derivação.

i) — Hipócrates associa o doente e o meio à ação terapêutica, reconhecendo assim a influência do fator moral e do ambiente.

2.° — **Aspecto do neohipocratismo na terapêutica atual: —**

a) — Importância assumida pela fisioterapia, sob suas diversas formas.

b) — O desenvolvimento da **dietética** e a renovação das curas de jejum.

c) — A prática da fitoterapia.

d) — O regime das derivações, eliminações e revulsão, o que Ascher chama de **terapêutica constitucional.**

e) — Renovação da homeopatia.

f) — Enfim, a medicina do terreno orienta para uma concepção físico-dinâmica dos meios de curar, procurando estimular a **vis medicatrix.**

3.° — **O neohipocratismo e o futuro da terapêutica.**

No século passado, século que a medicina podia apelidar de Pasteur, a descoberta das bactérias como agente etiológico das infecções, deixou em segundo plano o hipocratismo, que

proclamava o terreno fator principal no tratamento das perturbações mórbidas. A crítica vai fazendo obra de justas reivindicações e já estamos notando que os ensinamentos tradicionais e as conquistas da bacteriologia marcham paralelas, unidas, visando o progresso da arte de curar.

Delore opina que a terapêutica do futuro será melhor aparelhada, porém, mais dificil, por mais sintética e individual, e o neohipocratismo poderá trazer-nos o conceito exato entre o niilismo e o intervencionismo.

O professor Gilbert procurou ampliar a concepção hipocrática, reputando a doença, qualquer que seja sua causa, como o resultado da luta entre o organismo que se defende e o elemento etiológico que agride.

O organismo sobre ser um dos atores, é tambem o palco onde se desenvolve a luta. Desta pugna na intimidade da economia humana sobrevem choques, mais ou menos intensos, e destes surgem sinais e sintomas, que caracterizam a entidade mórbida e nos levam ao diagnóstico, prognóstico e terapêutica.

Hipócrates dizia que a natureza, por suas "tendências espontâneas, nos indica o rumo que devemos seguir para afugentar os humores nocivos do corpo"; mas admitia tambem que ela podia enganar-se, e então, se deveria obviar a sua tendência.

O professor Gilbert, com perfeito senso clínico, utilizando-se das descobertas de Pasteur e das doutrinas hipocráticas, estabeleceu postulados que todos os clínicos devem conhecer e observar.

Separou em dois grupos as reações despertadas pelos agentes morbígenos em o organismo: sintomas favoraveis e sintomas desfavoraveis. Os primeiros concorrem para o restabelecimento do doente e devem ser respeitados, mesmo auxiliados, e os outros são prejudiciais e merecem ser combatidos.

Esse movimento que põe em contribuição todas as forças da economia, no sentido de libertá-la do agressor, representa a natureza providencial ou medicatriz da escola hipocrática e a reação orgânica ou de defesa da escola contemporânea. O processo defensivo pode fraquear na luta ou, pelo contrário, levar mais longe do que é necessário o revide; neste caso, o médico entra com seu auxílio, reforçando ou moderando a energia salutar.

Gilbert subordina este movimento reacionário a dois postulados, a que denominou — lei de gravidade e lei de valor.

A lei de gravidade manda-nos combater os sintomas que ameaçam a vida dos doentes; a lei de valor ordena que respeitemos e favoreçamos os que são benéficos. Assim, a terapêutica biparte-se: — antisintomática ou contrária ao sintoma e prosintomática ou favoravel ao sintoma.

É de mister, pois, que os jovens colegas tenham a máxima cautela em não vislumbrar inimigos em todas as perturbações mórbidas e em não combater sintomas, muitas vezes uteis, tendo a ilusão de lutar contra a própria moléstia. Afinando por este diapasão, o professor Francisco de Castro faz em linguagem primorosa, esta advertência aos incautos: — "Bastante numerosa é a família das moléstias que à revelia da terapêutica vão, por si mesmas, a fio de cura; aqui mais serve ao doente o médico que menos o trata, de preferência, se limita a contemplar, nos moldes do velho método expectante, a evolução do processo mórbido, confiado na **vix medicatriz natura".** Vai mais longe o professor Aloysio de Castro, herdeiro legítimo dos peregrinos dotes de seu progenitor: "Pouco se há-de receitar, somente o necessário, e talvez seja muito, louve embora o vulgo o saber médico pela mão larga com que se prescrevem as drogas".

* * *

JOVENS COLEGAS —

Em contraste com o que vamos relatando, e que podiamos sintetizar neste conceito — **parcimônia na administração dos medicamentos,** está o alude de preparados farmacêuticos que enchem as drogarias e farmácias e se espraiam pelos consultórios médicos.

É tão vultoso o numero dessas especialidades que não há memória que possa conservar-lhes os nomes as mais das vezes, inexpressivos.

O professor Achard chegou a dedicar uma lição a essa prodigiosa multiplicidade de medicamentos, — lição que foi incerta no 3.º volume de sua **Clínica Médica.** Entre outras cousas, diz o sábio mestre: "Cada dia desabrocham mais especialidades. Devia-se acreditar que seu numero excessivo pusessa termo a essa espantosa floração, porque a capacidade de absorção

do público talvez tenha limites mais estreitos que a capacidade da imaginação e da produção dos fabricantes. Entretanto, parece não ser assim. Se muitas dessas especialidades caem no olvido, outras brotam logo, como as cabeças da hidra de Lerna".

Não há duvida que, entre tantos preparados, encontramos alguns bem formulados e que nos prestam excelentes serviços na prática; entretanto, não devemos perder o hábito de formular de acordo com o que observamos no exame cuidadoso do doente.

* * *

SENHORES. —

Sabedores dos princípios fundamentais da escola hipocrática; inteirados dos fecundos ensinamentos do neohipocratismo; cientes da importância da semiologia e das perturbações funcionais, e tendo à nossa disposição os numerosos e multíplices preparados farmacêuticos, que, em jacto contínuo os laboratorios lançam no mercado, podemo-nos julgar inteiramente aptos para exercer, na plenitude de sua grandeza e majestade, a mais nobre e mais bela das profissões?

Não; absolutamente não, se faltar qualquer cousa de essencial, imprescindivel; se houver falência daquilo que por si só, póde levar o doente à cura, isto é, o contingente moral, afetivo, que constitue a chave da abóbada, do imponente edifício da clínica médica.

O professor Rocha Brito diz: — "Mas o que falta é o remate que lhe enobrece o trabalho, o brasão e timbre que lhe dá à vida um sentido e nobreza sem igual, permitindo-lhe realizar os mais altos ideais! Este pouco, que é tudo, são as qualidades morais, que fazem do homem de carreira um homem de escol e da profissão uma arte liberal — um sacerdócio".

Michaud vai ao extremo, quando diz em seu livro — **Pour devenir medecin** — "A ciência é secundária, sendo os sentimentos altruísticos a qualidade primordial do médico. Sem compaixão e simpatia para com o doente, o doutor é um inutil distribuidor de drogas".

Pensamos que a ciência vale muito, mas o contingente moral não vale menos, e as drogas auxiliam, algumas vezes,

com eficácia. No vasto âmbito em que se agitam os mais variegados casos clínicos, dando lugar a manifestações diversas de conformidade com as reações dos organismos em que se eles estabelecem, há lugar para todos os elementos que, em ação sinérgica, se destinam ao combate contra o agressor.

É incontestavel que o fator moral desperta as energias adormecidas do enfermo, estimula as reações de defeza, inspira confiança e aviva a esperança no desfêcho da luta, e, por isso, representa um dos mais preciosos auxiliares com que deve contar o clínico no exercício de sua profissão.

Três ínclitos mestres, entre outros, pregam esse evangelho de tão elevada significação no tirocínio médico.

Huchard, com a autoridade de clínico notavel, que consagrou longa existência no sacrossanto mister de aliviar sofrimentos, diz: — "Todo doente que sai do consultório do médico, antes mesmo de haver tomado o remédio, deve estar reconfortado por um sentimento de euforia e esperança. Se as palavras do médico lhe não produziram efeito salutar, não é por que seja muito grave a moléstia do paciente, mas porque a ação moral do facultativo não teve a devida penetração e não foi devidamente sugestiva".

Aloysio de Castro, através da suavidade de sua frase castiça e empregnada de sentimentos filantrópicos, aconselha: — "Haja bôa presença, bons modos, boas palavras; segredos da arte milagrosa que com a pacificação do consolo muitas vezes vence os males, quando as dores recrudescem em atroz padecer. E para todas as medicinas se há-de querer o homem boníssimo e cheio de nobreza, em cujo peito floresça a piedade imortal numa benemerência que se esconde para ser maior".

Finalmente, oraculiza Miguel Couto, o sábio intemerato, em límpidas e eloquentes palavras, brotadas da pureza de sua alma abnegada e nobre, sempre devotada ao bem: — "Se toda a medicina não está na bondade, menos vale separada dela. A ciência poderosa vence, domina, aniquila o sofrimento e recolhe, entre bençãos, para a vida, o condenado ao último dia; mas a bondade mitiga, consola, acaricia e, sobretudo, mente".

Jovens e caros colegas: — Não deveis jamais olvidar estas sujestivas palavras, que traduzem o excelso devotamento à

nossa profissão e vos devem servir de fanal na acidentada e longa trajetória que ides palmilhar. E, alfim, podeis fiar no nosso acerto, — louros, bençãos e conforto não vos faltarão no término da jornada, como de coração vos almeja o paraninfo amigo, nesta hora memoravel da despedida.

ALOCUÇÃO DO PROF. JOÃO CÂNDIDO na sessão solene da Associação Médica do Paraná, realizada na Santa Casa de Misericordia, em 21 de abril de 1939.

A Associação Médica do Paraná, como lídimo e autorizado orgão da classe médica de nossa terra, não podia escolher melhor ambiente que o do recinto da Santa Casa de Misericórdia, para tão delicada e generosa manifestação de apreço a um dos seus membros que, no longo período de dez lustros, nunca jamais esqueceu a medicina.

Esta Associação já tem elevado bem alto o renome da classe médica do Paraná, batendo-se pelos pontos essenciais do seu programa: — elevar o nivel da cultura médica, estreitar os laços de fraternidade da classe e tornar mais eficientes e suaves os trabalhos profissionais; e, estamos certos, continuará galhardamente na mesma rota, mormente agora que está sob a direção competente e dinâmica de um jovem e adestrado timoneiro como Mário de Abreu.

Formando nossa educação profissional sob o influxo das lições teóricas da cátedra e dos ensinamentos práticos no leito do doente, conservamos grande atração pelas revelações das boas doutrinas e grande curiosidade pelos mistérios das enfermarias de Clínica.

É no Hospital de caridade que entramos sempre tocados de um sentimento de respeito e recolhimento, como se entra em um templo sagrado digno de todo o acatamento e veneração.

Não podia, pois, ser mais feliz, repetimos, nem mais significativa a idéa de prestar homenagem ao nosso jubileu profissional que a de fazê-lo neste recinto, onde impera a caridade na sua mais nobre, mais ampla e mais bela expresão.

É aqui que a bondade desabrocha em suas mais belas florações, consolando os que sofrem, animando os que desesperam e aliviando os que têm dor.

É aqui que passamos grande parte da nossa existência, desde estudantes, servindo a pobreza e envidando esforços para que ela esqueça sua precária condição social e se não sinta humilhada, recebendo os benefícios desta casa de Misericórdia.

"É no hospital", diz o professor Rocha Brito, "neste meio magnífico de ação médica, integral, **sui generis,** pequeno mundo, que é a imagem reduzida do grande mundo, onde o futuro médico vai espalhar a sua experiência ali aprendida e buscar o justo prêmio do seu trabalho; é nas suas enfermarias, junto dos pobres doentes e doentes pobres que deve o estudante pôr em prática as suas qualidades morais, esforçando-se por aperfeiçoá-las". Não podia ser melhor o ambiente.

É aqui, neste templo, que desde 1915, temos passado momentos de prazer e de angústia, ora na cátedra, ora junto ao leito do enfermo, já relatando um caso que terminou com felicidade, já assistindo os últimos instantes de um moribundo, que nossa ciência e nosso desvelo foram impotentes para restituir ao convívio da família. Nesta alternativa de pezar e de alegria, de expansão e retraimento, passa o clínico grande parte de sua vida, tantas vezes afastado da assistência imediata que deve aos seus.

É, pois, nesta arena vasta e santificada, onde travamos luta contra as doenças de todos os aspectos e gravidades, que se devia iniciar esta inolvidavel manifestação de apreços e estima que estamos percebendo, vai ser grandiosa em demasia, para o alvo a que visa e ao fim a que se destina.

Se esta é a casa do sofrimento e da dor, é tambem a casa do conforto, da compaixão e do carinho. Aqui renasce o pobre para a vida e para a saude, que é a maior riqueza que se pode almejar; aqui renasce a esperança, que é o consolo e o encanto da existência.

Feliz aquele que, baldo de recursos pecuniários, encontra abertas as portas deste templo, onde pode entrar confiante e acolher-se, certo de ter trato carinhoso e consolador por parte

dos enfermeiros e das piedosas irmãs, bem como a assisência providencial do remédio que alivia e consola quando não cura.

Recomendamos sempre aos nossos alunos que tenham paciencia e carinho para com os doentes da enfermaria, porque eles são três vezes infelizes: não tem recursos para se medicarem a expensas próprias, não tem a família ao seu lado e não tem, muitas vezes, o facultativo de sua predileção para tratá-lo.

Deste complexo, desta dúplice heterogeneidade — doente e médico — ambas as partes aproveitam, beneficiando-se reciprocamente.

O médico, com esse campo aberto às suas observações e estudos, tem um aprendizado proveitoso, encontrando ao seu alcance todos os meios e recursos para auxiliá-lo num diagnóstico seguro e numa terapêutica eficaz; o doente, que recebe todo tratamento e conforto, entra com a preciosa matéria prima, qual terra fertil ao alcance de nossas investigações.

"A matéria prima", diz ainda o professor Rocha Brito, "sobre a qual trabalhamos e com a qual o estudante tão cedo tem contacto, é o mesmo irmão homem — material nobre por excelência —, mas é o homem em situação da mais sublime transcendência: a do sofrimento na gama total da sua expressão, desde a dor física, vária na extensão, vária na intensidade, vária nos seus mil matizes, até o sofrimento inarravel da dúvida angustiosa e da ideia fixa, parasitária e torturante. Que forte armadura não deve possuir o artífice ao abordar e manejar este barro único".

Estas palavras lapidares e impregnadas de uma bondade imensa, não devem ser olvidadas por todos aqueles que exercem a profissão de fazer o bem, e com elas desejamos fechar estes ligeiros comentários sobre a vida hospitalar, depois de agradecer de todo coração as manifestações de apreço da Associação Médica do Paraná, traduzidas pelo castiço. eloquente e cativante do professor Milton Munhoz, intérprete do grande e conceituado cenáculo médico do Paraná.

Muito obrigado.

ALOCUÇÃO DO PROF. JOÃO CÂNDIDO na Faculdade de Medicina do Paraná, quando foi inaugurada a placa de bronze comemorativa do jubileu profissional.

A medicina é a profissão de fazer o bem, e por esse motivo é a profissão do sofrimento, porque, não se faz o bem sem sofrer.

São palavras de Miguel Couto, ao servir de paraninfo aos doutorandos de 1920.

Mas, se a nossa profissão é a do sofrimento não são, entretanto, poucas as compensações que dela promanam e que vão, diretamente, repercutir em nossa alma como um lenitivo, como um conforto.

Estão neste caso as manifestações que a classe médica de minha terra vai promovendo em homenagem ao meu jubileu profissional e que, sob o influxo de franco espirito de confraternisação, se foram ampliando e hipertrofiando até chegar, hoje, a esta consagração, que outra cousa não representa esta placa de bronze com tão expressiva inscrição: — **"Ao eminente professor João Cândido Ferreira, homenagem do corpo docente da Faculdade de Medicina do Paraná, no dia de seu jubileu profissional".**

Eis a síntese generosa e chocante do elevado apreço com que meus pares resolveram premiar os pequenos serviços prestados em tão dilatados anos.

Se esse galardão excede, como acredito, o valimento de quem o recebe, comete-se uma grande injustiça e a culpabilidade cabe toda aos seus promotores que se deixaram levar, no balanço das provas de merecimento, mais pelos impulsos dos sentimentos afetivos que pelos ditames de severa apreciação.

Entretanto, eu o recebo de coração aberto, como penhor do muito que considero e preso os obreiros de nossa classe que mourejam nesta oficina de trabalho e vão abrindo novos horisontes ao progresso e engrandecimento do Paraná.

Este palácio que nos abriga, e que tão calorosos elogios tem merecido dos que nos visitam, é o atestado eloquente de que vale e de que pode a iniciativa particular, pertinaz e bem orientada.

Em verdade, duas forças poderosas, que se não fundiram mas se irmanaram num movimento sinérgico e altruístico, ergueram este monumento magestoso que aí alteia como sentinela avançada do ensino, e não consentirá que desapareçam, na voragem do tempo. Os nomes beneméritos dos dois maiores palinuros da instrução superior da terra das araucarias: — Vitor do Amaral e Nilo Cairo.

Que esta placa comemorativa de meio século de contacto com as cousas da medicina, isto é, das minhas bodas de ouro com a patologia humana, na irradiação de seus dizeres expressivos e cativantes e na perenidade da substancia em que foi fundida, sirva de incentivo e de estímulo à mocidade que aqui vem buscar os ensinamentos hipocráticos, eis os mais sinceros e efusivos votos que faço, embora não capacitado da justiça de tamanha distinção.

Com um grande e fraternal abraço, envio a todos os coparticipantes deste movimento de solidariedade da classe médica, os meus melhores e mais cordiais agradecimentos.

Discurso do Prof. João Cândido, por ocasião do banquete comemorativo do seu jubileu profissional em 21 de abril de 1939.

Deixando os bancos escolares, com o emblema faiscante no indicador e o diploma metido no canudo classico vamos, numa revoada de passaros postos em liberdade, procurar outro clima para a insana labuta que se vai iniciar em ambiente mais amplo e de maior responsabilidade.

Não podendo saber em que situação teremos de chegar ao porto do destino, um frémito de apreensão e esperança nos invade a alma ao largarmos o batel, modestamente aparelhado, na larga e nem sempre bonançosa corrente da nova existência.

São diversas as aspirações que animam os companheiros e os impedem a marchar intrépidos para a frente.

Uns almejam a clínica, onde esperam colher pingues proventos em troca dos benefícios que irão espalhar; outros, o magistério, onde aspiram a conquistar grande nomeada de mestres insígnes; esses dedicam-se às pesquisas de laboratório, onde contam deixar os nomes ligados a descobertas uteis e notaveis; aqueles consagram-se à medicina social, para sanear o meio em que vão habitar e corrigir os desvios dos preceitos higiênicos, a fim de que a vida se torne mais longa e mais agradavel.

* * *

Quando ainda estudante alimentamos dois grandes ideais, e mais um depois de formado. Os dois primeiros consistiam em escrever um artigo de combate na primeira página do **Jornal do Comércio,** quando esse periódico era uma verdadeira potência, e ser membro da Academia Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro; o terceiro, ser professor de clínica médica.

Realizamo-los todos, e depois não nos entregamos, como Anibal, às delícias de Cápua; continuamos a lutar, sem desfalecimentos ,até chegar ao jubileu, que representa um cincoentenário de consórcio com a medicina.

De todas as conquistas com que sonhamos, a que mais nos empolgou, foi a do **Jornal do Comércio,** e nestes termos a recordamos noutra ocasião: "Foi o artigo entregue ao velho e austero Pederneiras, um dos redatores do grande matutino, que prometeu publicá-lo, se estivesse de acordo com o pensamento e as normas da redação. Esperei ancioso. No terceiro dia pego do **Jornal,** e trêmulo, palpitando num mixto de espanto e alegria, lá encontro estampado pelas famosas colunas do décano da imprensa carioca o meu artigo de combate.

Num açodamento infantil, percorro as colunas do grande orgão, lendo aqui um período, mais longe outro, até a assinatura, receioso que algo lhe faltasse.

Com o **Jornal** nas mãos, como um lábaro, ou, melhor, como um trofeu, olhei, sobranceiro, em torno de mim mesmo. Ninguem. Sai e andei pelas principais ruas da cidade. Encontrei alguns amigos, que tudo sabiam e sobre tudo discorriam, menos sobre o grande sucesso, que inflava a minha vaidade. Eu, que supunha ter toda aquela marulhosa população lido o **Jornal do Comércio** daquele dia, havia-me enganado redondamente. Regressei ao hotel, sobraçando alguns exemplares do respeitavel diário, mas esmagado por aquela indiferença que tanto me surpreendia e torturava.

Mais tarde, dois amigos, dois apenas, Rodrigo Otávio e Bulhões Carvalho felicitaram-me com efusão pelo duplo e grande sucesso — colaborar no **Jornal** e não me alistar entre os carneiros de Panúrgio na questão que eu trouxe à bulha. Dois apenas, mas esses dois valiam bem por uma legião: vingaram aquela indiferença, que tanta surpresa me causou, e que hoje considero tão natural, tão razoavel e tão humana".

A segunda vitoria, alcançamo-la em novembro de 1899, quando apresentamos à Academia Nacional de Mediicna do Rio de Janeiro a memória intitulada — **Influência da gravidez sobre as molestias do coração.**

O professor Miguel Couto, escolhido para dar parecer sobre nosso trabalho, rematou o seu relatório com estas palavras:

— "É nosso parecer que a memória do Dr. João Cândido Ferreira, disserta, criteriosa, pessoal, pelos fatos em que se apoia e pelas convicções que externa, ampara suficientemente e brilhantemente a sua candidatura a um lugar no seio desta Academia.

A terceira conquista realizamo-la assim que se fundou a Universidade do Paraná, quando inauguramos o ensino da Propedêutica e, mais tarde, o da Clínica Médica, em cuja cátedra ainda nos conservamos.

Aos colegas e alunos deixamos o manifestarem-se acerca do modo como temos desempenhado tão árduas funções.

Decorridos anos e anos, após de campanhas porfiadas, onde se chocavam e se confundiam, em visão caleidoscópica as refregas ásperas, os reveses surpreendentes e as vitórias confortadoras, compraz-nos olhar, cheios de emoção, o dilatado terreno percorrido, vendo nele o risco do caminho palmilhado, ora em linha reta, ora em curvas caprichosas ou em quebradas flexivas. Nesta sucessão de horizontes assim dessimelhantes divisamos prados esmeraldinos que percorremos entoando a canção do semeador, aguas marulhosas que vadiamos trêmulos de susto, encostas escarpadas que ora ascendemos galhardamente, ora vertendo suor.

Perlustramos diferentes climas, pousando aqui, pousando ali, sem jamais abandonar a profissão.

Exercemos cargos e desempenhamos funções de várias categorias, e da maneira por que o fizemos, sem falsa modéstia, onde não raro se esconde refinada vaidade, devemos dar contas aos amigos e colegas que tanto tem realçado o nosso jubileu profissional.

Como **chefe de família, administrador municipal e clínico, professor, soldado de legalidade e político,** procuramos cultivar com o máximo carinho, dois predicados primordiais, de que nunca jamais nos afastamos, a lealdade e a honestidade.

Alguem dirá que a outrem e não a nós, a quem falta neste caso, isenção de ânimo, devia caber esta tarefa de inventariar uma existência, se não inteiramente apagada, ao menos sem grande projeção social.

Prometemos toda a imparcialidade neste relato: nem modéstia que mova piedade, nem arrogância que exacerbe os ânimos, nem prosápia que suscite riso.

Em nossa longa trajetória, a mediania domina em tudo. E temos vivido sempre satisfeitos dentro desse clima, observando que abaixo dela há coisa incontestavelmente peior que é a nulidade, que nada empreende e nada constroe, que só se compraz em denegrir reputações e apequenitar, nulificar e enodoar trabalhos alheios. Alguma cousa temos feito que talvez mereça ser premiada no conceito dos que nos distinguem com sua estima.

Como **chefe de família,** procuramos educar os filhos no sentido de se lhes dar profissão digna e independente, para que servissem com eficiência o seu torrão natal e constituissem lares respeitados e felizes.

Como **administrador municipal e estadual,** pautamos nossa diretriz pelas normas do trabalho honesto e patriótico.

Na governança do Estado, foi nosso tríplice escopo cuidarmos da instrução, da viação e da colonização. Dentro deste vasto programa, criamos a escola do Bacacherí, com o seu campo de experiência, promovemos a entrada de colonos, fundamos a Colonia Afonso Pena, estudamos os traçados das estradas de Guarapuava, Iguaçú Mato-Grosso e Guaratuba.

Em relação à escola do Bacacherí, o brilhante vespertino "O DIA", de 20 de outubro do ano pretérito diz o seguinte: "Há pouco tempo, comemorou-se nesta Capital a fundação da Escola Agrícola do Paraná, supondo-se que a criação do Instituto de Agronomia em nosso Estado datasse apenas de um decênio.

Puro engano. A Escola Agrícola do Bacacherí, fundada pelo Dr. João Cândido Ferreira, foi inaugurada em 18 de maio de 1907, há, portanto, 30 anos, tendo então como seu primeiro diretor o provecto agrônomo Snr. Oscar Von Mein, de saudosa memória.

Tinha a Escola por fim ensinar noções de agronomia e amestrar os agricultores no manejo dos instrumentos agrários, dispondo para isso de um vasto e bem cuidado campo de agricultura, ocupado hoje pelo Campo de Aviação. Sobre este assunto, encontram-se informes preciosos em uma das mais belas revis-

tas dada à estampa naquele tempo em nosso Estado com o titulo **"Paraná",** fundada e dirigida pelos ilustres paranaenses Romário Martins e Paulo de Assunção. O primeiro número desse mensário, datado em agosto de 1907, refere o seguinte: "A Escola Agronômica do Bacacherí, da qual inserimos algumas gravuras, é um dos muitos benefícios prestados ao Paraná pelo Governo do exmo. sr. dr. João Cândido Ferreira, vice-presidente do Estado. Moderno estabelecimento, confiado à provecta direção do snr. Oscar Von Mein, a Escola Agronômica do Bacacherí já tem, na sua curta existência de 4 meses, visto haver sido inaugurada a 18 de maio de 1907, prodigalizado inúmeros serviços à lavoura paranaense, quer com as experiências realizadas nos seus ferteis campos, quer com o ensino prático da lavoura, de acordo com os métodos mais adiantados da agricultura cientifica, extinguindo aos poucos os rotineiros processos que a atrofiavam. Para esse fim, conta esse Instituto com aperfeiçoado maquinismo e instrumental necessário, para as demonstrações precisas".

"A titulo de curiosidade, continua o referido jornal, inserimos mais alguns dados interessantes, colhidos naquela época. O orçamento do Estado do Paraná montava, então, em três mil contos de reis, e hoje vai alem de 50 mil contos. O campo do Bacacherí custou ao Governo 9 contos, e vale hoje mais de 2 mil. Deste modo, fica esclarecido o advento dos trabalhos agrícolas em nosso Estado".

— Como **soldado,** servimos no cerco da Lapa, em 1894, na qualidade de médico diretor do Hospital de sangue.

Tratamos do ínclito General Carneiro, que, mortalmente ferido, procurou a casa em que, então, moravamos, para ficar sob nossos cuidados.

De nossa atuação nesse inolvidavel cerco, citamos esta honrosa distinção: "O dr. Prudente de Morais, Presidente da República, por decreto de 9 de setembro de 1894, concede as honras do posto de capitão ao dr. João Cândido Ferreira, pela bravura com que se portou durante o sitio da Lapa".

Há, portanto, 44 anos que estamos marcando passo no mesmo terreno e sem esperança de ser promovido ou cair na compulsória, com os respectivos proventos!!

Como **clínico,** temos observado fielmente os preceitos da ética e da deontologia, servindo com solicitude os doentes e com dignidade a classe médica.

Ufanamo-nos de afirmar que qualquer dissenção entre colegas e qualquer agitação da classe médica nos tem encontrado, solícitos, ora apaziguando, ora prestigiando.

Não nos censurem estas alegações, que podem ferir-nos a modéstia, mas deixam intacta a verdade.

Estamos aqui, já o dissemos, para narrar ocorrências de nosso passado, sem desvirtuar de maneira alguma a realidade dos fatos, conforme nos ordena a consciência. Mentiras, basta as que temos dito, sem remorso, junto ao leito dos doentes.

Uma única vez fomos arrastados, muito mau grado nosso, a sustentar polêmica pela imprensa, a qual se prolongou por dois anos, com pequenas interrupções.

Foi rude a referta; entretanto o caso era simples.

Em 23 de agosto de 1900, iniciamos a campanha pela imprensa, contra a superalimentação no regime do tuberculoso.

Nessa época, a alimentação excessiva, isto é, mais abundante da que exigem as necessidades do organismo, era considerada pela unanimidade dos clínicos de todos os paizes civilisados, sem excepção alguma, como um dos mais eficazes recursos contra a tuberculose pulmonar.

Era, realmente, grande ousio lançar-se um médico provinciano e obscuro contra a corrente impetuosa das mais autorisadas. Do entusiasmo e da confiança dos médicos em tal regime testemunhas sejam os seguintes juizos emitidos pelos mais notaveis tisiologistas: — **Daremberg** — "A alimentação abundante é o melhor dos remédios. O estômago é a praça forte dos tísicos, e a alimentação a sua poderosa arma de defeza".

Deteweiler — Não se deve ter receio de fazer absorver pelos tísicos grande quantidade de alimentos. É preciso superalimentar o doente, bom ou mau grado seu, por bem ou por mal".

O sábio professor **Debove** levou seu entusiasmo pelo regime pantagruélico até ao extremo de alimentar artificialmente,

por meio de sonda, os doentes que não tinham apetite. Praticava a **gavage** (tubagem) destinada a engordar aves, como meio curativo.

Ninguem queria atender às noções elementares da biologia e da fisiologia; o **panurgismo** fechou os olhos e tapou os ouvidos à verdade.

Quando estava no auge a efervescência em prol da superalimentação, eis que parte lá da legendária e pequenina Lapa, o primeiro brado de protesto, mostrando que o tão apregoado e universalmente aconselhado agente terapêutico era inexequivel, ineficaz e, até, nocivo. A classe médica de Curitiba ficou surpreendida, e dois dos seus mais ilustres e destacados membros vieram à liça, contraditando um deles com moderação, e outro com veemência.

Em uma série de artigos, expusemos os fundamentos do nosso paradoxo. Foi editado um livro que encerrava grande parte dos artigos publicados.

Tendo de ir à Capital Federal, aproveitamos a oportunidade para fazer à Academia Nacional de Medicina uma comunicação sobre o tema que se debatia. Rocha Faria achou logica nossa exposição, e Nuno de Andrade nos disse: — "Pode contar com um soldado em suas fileiras".

Defluiu o tempo, e a reflexão amadureceu; hoje, a superalimentação é proscrita pela unanimidade dos clínicos e fisiologistas, e ninguem mais se recorda de que o primeiro grito de rebate partiu da Saragoça paranaense.

Como **deputado estadual** apresentamos um projeto, que foi convertido em lei, reorganizando a repartição de higiene.

Como **deputado federal,** fomos acometido de moléstia grave no primeiro ano de legislatura, e nossa atividade não passou de alguns pareceres sem importância.

Como **professor de clínica médica,** temos envidado todos os esforços para transmitir aos nossos alunos tudo quanto um longo tirocínio e o trato dos bons livros tem posto á nossa disposição.

* * *

Se o que vimos de relatar sumariamente, não representa vultoso acervo de serviços nos diversos postos que temos ocupado, serve, todavia, para mostrar a solicitude com que sempre procuramos cumprir nosso dever. E ainda não damos por encerrado nosso labor, como clínico e professor, porque não estamos decrépito nem a ferrugem da senilidade nos entibia a disposição para o trabalho.

Dizem que a jatância ou presunção é o atributo característico da ancianidade, que se obstina, pelo comum, em não vergar ao peso dos anos e em não ficar na retaguarda nas provas do vigor.

Não sabemos até onde vai a veracidade deste asserto; mas não pensamos, como o faz muita gente, que os velhos devem deixar o lugar aos moços, pioneiros das belas cruzadas, que, lépidos, empreendem na conquista de novos e amplos horizontes sem as peias e precalços da vetustez.

Não pensamos assim, porque este é um repositório de conhecimentos adquiridos em dilatado tempo, conhecimentos armazenados e catalogados com incriveis esforços e que se vem estratificando e purificando sem cessar, e não devem nunca ser postos à margem.

Os moços tem direito a ocupar os lugares que os seus merecimentos conquistarem, mas não é justo nem equitativo que se alijem os velhos que ainda trabalham e ainda produzem.

Mocidade e velhice podem andar juntas, em boa convivência, ligadas pelo mútuo respeito e estima, sem choques nem atritos, mourejando cada qual, dentro da órbita de suas possibilidades e ambições, cooperando incessantemente no melhoramento e progresso da humanidade.

Insiste o professor La Cassagne na distinção que se deve fazer entre — **Velhice, senilidade e senescência.** A **velhice** é um estado fisiológico, o último periodo da vida normal; a **senilidade** é o enfraquecimento lento e progressivo das faculdades do corpo e do espírito, e, como tal, é estado patológico; e a **senescência** é a diminuição da atividade vital em todos os elementos celulares, é a marcha para a decrepitude.

Alguns sinonimistas estabelecem diferença entre **senilidade** e **senectude:** refere-se esta mais particularmente ao físico, ao

passo que aquella é, simultaneamente, a diminuição da energia física e da moral.

Em seu famoso livro sobre a velhice, o professor La Cassagne divide o periodo da velhice em 4 partes: **primavera da velhice** dos 60 aos 70 anos; **verde velhice,** dos 70 aos 75; **verdadeira velhice,** dos 75 aos 80; e **última velhice,** dos 80 aos 90. De todas as profissões podemos citar grandes nomes que atingiram idade avançada, trabalhando com ardor e entusiasmo: Cornaro, que morreu com 105 anos, escreveu quatro discursos notaveis, mostrando que a sobriedade é a base da longevidade, e que, à proporção que o corpo envelhece, o espírito se vai aperfeiçoando. Quando ele completou 95 anos, confessou que se sentia bem disposto e era folgazão como se tivesse 25 anos.

Ramiz Galvão, aos 90 anos, adotou a ortografia simplificada, na qual escreveu vários trabalhos, que enriquecem as nossas letras.

Voltaire que morreu depois dos 80 anos, dizia que chegara a idade avançada graças ao seu bom humor e à dedicação ao trabalho. Um nosso conterrâneo não concorda com o irreverente pensador quando à ação benéfica do trabalho atribuia a sua longevidade.

E todas as vezes que nos solicitava auxilio para sua subsistência e o aconselhavamos fosse trabalhar, invariavelmente nos respondia: "Ah! seu doutor! O trabalho estraga o vivente!" Mas a verdade está com os que pensam que o trabalho dá saude e alegria. Já o Eclesiastes havia proclamado que a alegria prolonga a existência. E a concepção hipocrática acerca da importância do terreno justifica esse conceito, visto como a alegria ativa o elastério funcional dos orgãos e estimula a defesa contra os agentes morbigenos.

Em suma, do convívio da juventude, que é a esperança e a expansibilidade, com a velhice, que é ponderação e a reserva, surgem vantagens e aproveitamento para esta e aquela.

Uma vive das forças de reserva que a sobriedade economisara e das recordações indeleveis do passado; a outra vive das miragens róseas do futuro e do estimulo poderoso do presente.

* * *

Nesta série de considerações apressadas sobre a idade, seus atributos pode haver erro de observação, mas com certeza, não será maior, nem mais lamentavel do que perpetramos, há bem pouco tempo, quando falamos do progresso e da civilisação como fatores da aproximação dos povos e da exaltação de seus sentimentos altruísticos e filantrópicos.

Desse erro palmar nos devemos penitenciar.

Pensavamos que, quanto mais elevado o grau de civilização de um povo, tanto mais apurado deviam ser seus sentimentos afetivos e humanitários.

Supunhamos que as inclinações amistosas e as tendências para a confraternização universal, se sublimavam nos homens que viviam preocupados com o progresso e com a tranquilidade da pátria. Mas enganamo-nos redondamente.

Olhando para o velho mundo, donde nos vinham as grandes lições de civismo, de cultura e de fraternidade, observamos cheios de tristeza que, quanto mais requintado o progresso e a prosperidade da nação, mais exíguos são seus sentimentos de solidariedade e mais dilatadas as expansões do seu egoismo.

As grandes conquistas nos campos da medicina, do direito e da engenharia, destinadas a suavisar a existência, garantir a justiça e amenizar o trabalho, são relegadas para plano inferior, como eventualidades de pequena monta.

O que se nos depara atualmente é o entusiasmo avassalador por todas as invenções e aperfeiçoamentos de aparelhos e máquinas destinados à mais perfeita destruição dos nossos semelhantes, como se tivessem em mira o exício do mais hediondo e feroz inimigo.

Quando findou a grande guerra, onde baquearam cerca de 9 milhões de criaturas humanas, todos acreditavamos, deante dessa formidanda hecatombe, que seria impossivel a reprodução de semelhante flagelo e que o anjo da paz iria abrir as azas alvinitentes e acolhedoras por sobre toda a humanidade.

Puro engano! Em sessão solene do Rotary em junho de 1933, quando aqui esteve o Governador do Distrito 72, dissemos que o Tratado de Versalhes não se inspirou nos postulados desse Clube: — altruismo, fraternidade, etc.

Nas decisões draconianas alí tomadas ficara o germe de novas conflagrações. O que se pretende agora é mais monstruoso e repulsivo do que o morticínio de 1914 a 1918, porque as máquinas infernais estão mais aperfeiçoadas, são mais numerosas e a ambição de domínio é muito mais intensa.

A medicina trabalha heroicamente para robustecer a saude, evitar o sofrimento e prolongar a existência e contenta-se com os aplausos íntimos; a guerra destrói, tala e infelicita; sem embargo de tudo isto, os seus arautos são glorificados e carregados em triunfo como grandes benfeitores da humanidade.

As grandes potências do velho mundo empenham-se num prélio sinistro, para atingir a supremacia na arte de exterminar com mais eficiência.

A invenção de uma máquina ou aparelho de ceifar vidas humanas, que tenha mais eficácia que os grandes flagelos, é festejada com maior alvoroço do que a descoberta de um agente terapêutico destinado a jugular com segurança a mais letal das infecções. E mais evidente se ostenta agora a antítese entre a guerra e a medicina, entre os ensinamentos de Hipócrates e as imposições de Belona, entre a ação criadora de Esculápio e o poder eversivo de Marte. Se não tiver paradeiro ou não se amainar desde já o desejo, o furor sanguissedento que se vai alastrando e ameaça contaminar todas as potencias do globo, melhor será então voltarmos à barbaria e pedir lição de fraternidade e camaradagem às alimárias selvagens que se mostram menos carniceiras e crueis que os homens civilizados.

Elas matam para viver e para não morrer e os homens trucidam e talam para saciar a sede de poder, a ambição de mando, por injunções de falsa concepção do nacionalismo, e, muitas vezes, sem saberem o motivo, a causa ou a razão, por que o fazem.

Ocorre-nos ao espírito a lenda horripilante de Icaraki, como fotografia fiel do que se vai desenrolando no velho mundo.

É imenso, pois, o progresso das nações civilizadas no que concerne à perfeição dos instrumentos destinados à chacina de nossos semelhantes; nada obstante, o homem quer viver a todo o transe, teme a morte e prefere sofrer a libertar-se das vicissitudes e contingências da vida.

A existência, sob qualquer dessas três modalidades — apego à vida, medo à morte, e alegria de viver — tem perspectivas sedutoras e fascínio irresistivel.

Estão bailando em nosso espírito, e prestes a cairem dos bicos da pena, exemplos típicos de cada um desses aspectos.

Assim, a emocionante exclamação de Mecenas e a tradução pinturesca de seu sentimento de profundo amor à existência.

"Façam-me coxo, maneta e paralítico, arranquem-me todos os dentes, contanto que me conservem a vida".

O segundo episódio, referido por Axel Munthe em seu vitorioso "Livro de S. Michele", patenteia o medo de morrer e suas consequências: Desejando Norston saber a causa da falta de êxito no exercício de sua profissão, e o sucesso retumbante de Axel Munthe, disse-lhe este: —

"Por que disseste ao professor russo, a quem te enviei, que ele tinha angina do peito?

Insistiu para conhecer a verdade, e tive de lha dizer; sem isso, não me haveria obedecido.

— Eu não lhe diria nada, e, sem embargo, tinha de obedecer-me.

Mentiu-te quando te afirmou que desejava saber toda a verdade, e que não tinha medo da morte. Ninguem quer saber que está muito doente. Toda a gente tem medo da morte, e com justa razão. Esse homem está agora ainda pior, com a vida atormentada pelo medo, e tudo isso por tua culpa".

Por último, o encanto da vida e a alegria de viver, referidos em estilo brilhante, por Daremberg, sábio tisiologista ao regressar, curado de sua tuberculose: "Parti para a costa francesa do Mediterrâneo e, de acordo com os conselhos de Benet, expus-me dias inteiros ao Sol. À noite, eu deixava uma janela entre-aberta; alimentava-me bem. Comecei a não desesperar e já estava prelibando as doçuras da esperança que aquecem o coração dos doentes, como ofazem os raios fugitivos do Sol poente, pois, como diz Voltaire, "a esperança de sarar é metade da cura". Depois voltaram-me as forças, pude caminhar, dar ligeiros passeios, passando bem as noites e já adquirindo o gosto de viver, Já não via mergulhando no ocaso o sol de minha

existência; eu o via nascer rutilante e alegre todas as manhãs, e cada dia brilhar tão pouco, que me não permita gozasse a bel-prazer do ar puro, da luz viva, do mar azul, do céu, da terra, de tudo. É tão bom sentir-se a gente renascer!... Parece que nunca eu tinha vivido..."

Como isto é belo e edificante! Uma vida preciosa que se salva, um panorama encantador que deslumbra e uma advertência consoladora aos que sofrem e perdem a fé.

Como isto é belo e comovente!

Todo um hino de alegria, entoado em louvor de um individuo que apenas se eximiu da morte! E a guerra obstinada e cegamente a ceifar milhares e milhares de vidas!

Como isto é fatídico e alucinante!

Temos esperança em que, saciados na sangueira, que já tem corrido, os coparticipantes da conflagração e aniquilamento das velhas civilizações, venha a paz como a queria Jesus Cristo e se realize a velha profecia de Isaías: "Virá um principe que abaterá a arvore da discórdia; os povos farão charruas de seus gládios, e de suas lanças farão enxadas".

Agora, fazendo pé atrás, verificamos que o prazer ingente que estavamos desfrutando na palestra com os amigos e colegas, neste conchego cálido e agradavel, nos levou muito alem do que pretendiamos.

É tempo de colher as velas a este vanilóquio; e antes de o fazermos, vamos dizer mais duas palavras sobre a viagem que fizemos ao velho mundo.

Em 1913, passamos seis meses na Europa. Em Paris, visitamos os velhos hospitais, o Louvre, Versalhes e tudo quanto devia ser visto por um excursionista curioso e bem humorado. Passando à Belgica assistimos aos últimos dias da exposição de Gand. Depois fomos à bela Ostende e à tão decantada Waterloo, "onde eclipsou-se o meteoro fatal às regias frontes".

Na Suiça percorremos as principais cidades, cada qual com sua feição caracteristica, especialmente as do Cantão de Grison, e aí permanecemos alguns dias em visita aos mais famosos sanatórios do mundo. Em todos eles já estava proscrita a superalimentação no tratamento da tuberculose. Seguindo para

a Itália, estivemos em Milão, Florença e Roma, onde vimos o Papa e visitamos as Catacumbas. Napoles encantou-nos. Percorremos-lhe o belo golfo, na extremidade do qual está Capri, terra dos afamados corais e a Gruta Azul, que é uma verdadeira maravilha. Estivemos na borda da cratera do Vesúvio, exatamente no lugar, segundo nos informara o guia, em que desaparecera Silva Jardim.

O ardoroso propagandista da Republica teve sorte idêntica à de Empédocles, com a diferença de que o Etna vomitou as sandálias deste, como castigo do seu orgulho, ao passo que o Vesúvio não devolveu nem uma flor do "jardim" do fogoso republicano. Quando regressamos ao Brasil, afigurou-se-nos que nossa pátria era mais vasta, mais bela, mais acolhedora e mais atraente na prodigiosa força da sua vitalidade e na imensidão da sua grandeza.

É de nímia utilidade visitar o estrangeiro de quando em vez, para que se possa, conscientemente, comparar o que vai por lá com a prodigalidade com que a natureza entronou sobre o Brasil a cornucópia de todas as belezas, atrações e opulências.

Não é somente longe da pátria que se aprende a amá-la com fervor: é, principalmente, quando, empós mais ou menos prolongada ausência, se torna ao seu seio, que se dá justo valor aos tesouros, às maravilhas e encantos que ela encerra, mormente quando essa pátria se chama Brasil.

Caros amigos: —

Aquele que comemora as bodas de ouro com a profissão, após um caminhar afanoso através das mais variadas ondulações da estrada que o destino lhe reservou, nem sempre banhada de raios do sól, faz jús a um descanço suave e confortador, se tiver deixado, nesse longo percurso, qualquer cousa em benefício da comunhão em que tem vivido, de modo a lembrar-lhe o nome sem desdouro.

Neste momento, caros amigos, podem bem imaginar como nos sentimos satisfeitos e sobejamente compensados ao receber da classe filantrópica e benemérita, onde todos que sofrem vão procurar consolo e alívio, e dos vultos mais eminentes e queridos da sociedade paranaense esta torrente de apreço e estima que nos dá a impressão alviçáreira de não ter sido nossa ativi-

dade e esforço inteiramente inuteis; mas, se por ventura a vaidade nos tiver obumbrado o espírito, e falseado o julgamento, consintam que nos fique essa ilusão inefavel, tão cara e tão confortadora ao nosso coração.

* * *

Para rematar esta mal amanhada palestra, feita ao correr da pena, enviamos um grande e sincero amplexo de amizade e gratidão a todos os que tomaram parte nas homenagens ao nosso jubileu.

VICTOR DO AMARAL E NILO CAIRO

... "Duas organizações diferentes, duas almas de temperamentos tão diversos, fundiam-se ao cálido influxo de uma só aspiração: — solucionar o problema do ensino superior no Paraná".

João Cândido Ferreira

VICTOR DO AMARAL E NILO CAIRO

(confrontos e contrastes em fragmentos)

As palavras que vamos ler, em seis minutos apenas, brotaram espontaneamente do nosso cérebro, em um momento de lazer e bom humor.

Não é uma peça literária, nem crônica e nem história, mas tem de tudo isso um poucochinho, apesar de fragmentada.

Não desejamos que passasse o jubileu do venerando lapeano parente e conterrâneo, sem uma nota qualquer por parte daquele que conhecendo-o desde os bancos acadêmicos e acompanhando sua tragetória médico-social, através de escarpas e planícies, até chegar a essa eminência em que o contemplamos hoje, cheio de alegria e entusiasmo.

Suspeito, bem o sabemos, para tratar de sua individualidade não o faríamos mesmo, independente dessa circunstância, porque, foi ela estudada sob todos os aspectos.

A Universidade do Paraná, vivia acalentada no cérebro de uns tantos paranaenses idealistas que, timoratos e descrentes, não envidavam esforços suficientes para levar a termo sua realização.

O projeto longo tempo incubado, como semente fecunda que não germina por falta de terreno apropriado, só teve objetividade quando dois elementos que se integraram, como duas forças que se conjugam para um só destino, entraram em ação, bravamente.

Esse plano teria nascido como nascem concepções grandiosas, para, no dia seguinte, mergulhar em profundo esquecimento, se peito e ombros resolutos não se colocassem ao seu serviço.

Victor do Amaral e Nilo Cairo, duas organizações diferentes duas almas de temperamentos tão diversos, fundiam-se ao cálido influxo de uma só aspiração — solucionar o problema do ensino superior no Paraná.

Separados, ainda que duplicadas suas energias, não lograriam chegar ás cornijas desse grande templo que se eleva magestoso na Praça Santos Andrade; entretanto reunidos, integrados, dotaram o Paraná com esse monumento imperecível, eloquente atestado do poder da iniciativa particular, indefesa e tenaz.

De uma simples migalha que se foi multiplicando como os pães do Evangelho, do toque mágico desses dois taumaturgos, nasceu esse palácio que, como um sacrário imenso, guarda o ebório da instrução que se vai irradiando alviçareira e coruscante para além das nossas fronteiras.

* * *

Nilo era árdego, impetuoso, temerário, satírico e idealista; Victor — refletido, cauteloso, timorato, blandicioso e conservador.

* * *

Nilo era a alavanca de Archimedes, capaz de remover todos os obstáculos da estrada; Victor — o fulcro em que ela devia apoiar-se para realisar esse prodígio.

* * *

Nilo era a gota que levava aos trancos o carro universitário — Victor era a resistência do recavêm que frenava os ímpetos e amortecia os choques.

* * *

Nilo, perdulário, não temia largas despesas com aquisição do material destinado à construção e aos laboratórios; Victor, parcimonioso, protestava, ameaçava abandonar o velho companheiro, quando se excedia, mas, resignado, acabava saldando todos os compromissos assumidos.

* * *

Nilo era longilíneo, de constituição simpático-tônica e, como tal, irriquieto, nervoso, impulsivo, capaz de dar murros em faca de ponta; Victor, brevilíneo, vagotônico, calmo e ponderado, não se arrisca a pregar prego sem estopa.

Perguntou-me, certa vez, um doutorando, qual dos dois era maior, qual deles tinha feito mais em pról da nossa Universidade. Para satisfazer-lhe a curiosidade, exigí que me respondesse a esse símile: — em relação ao rítmo cardíaco, no justo equilíbrio da mecânica circulatória, qual vale mais — o simpático que acelera ou o pneumogástrico que retarda esse rítmo, tornando-o normal?

— Nesse concerto harmônico, obtemperou, de justo equilíbrio hidráulico, parece-me que se equivalem, tão importante é um como o outro.

— Bem assim, retruquei-lhe, dá-se com Victor e Nilo que, visando o mesmo escopo, se completam, no computo dessa grande realisação, entrando cada um como parcela igual.

* * *

Não para aí a dissemelhança entre eles.

Nilo, andando na rua, caminhava célere, afobado, cumprimentava bruscamente os amigos e conhecidos, agitando a mão direita, que a esquerda trazia sempre ocupada com livros e jornais; e, assim, lá se ia, num bamboleio de funcionário público retardatário que vai assinar o ponto.

Victor, ao contrário, num passo cadenciado à metrônomo, caminha sem pressa como quem está bem instalado na vida, cumprimenta apenas com meneio de cabeça e vai observando, de um e outro lado da rua, a variedade arquitetônica dos prédios á semelhança de quem procura um modelo para a casa que pretende construir.

* * *

Até na terapêutica eles se extremavam.

Nilo tinha, para seus raros clientes, o anodino elixir de Calestro, representado pelas aguinhas dinamisadas que não faziam mal, quando não curavam; Victor é o autor das afamadas

pílulas reguladoras que, administradas sem critério médico e sem indicação, podem até concorrer para o despovoamento do solo.

Nilo era dinâmico e dotado de espírito bandeirante. Vendo corporificado seu grande sonho, deixou o companheiro leal e lá se foi, em áspera peleja, para outras plagas, mas a nostalgia que desde logo começou a oprimir e cruciar seu coração, fê-lo regressar ao centro de sua atividade máxima, onde reassumiu o posto que tanto havia dignificado com seu labor e dedicação.

Victor, abandonado pelo velho amigo, não esmoreceu, antes, redobrou de atividade e solicitude, perlustrando a mesma trilha.

Nilo, já então, sofrendo atroz e gravemente do estômago, permaneceu pouco tempo na labuta costumeira, porque a inexecrável perca o afastou para sempre do seu posto e do nosso convívio, deixando seu nome esculpido no pórtico de nossa Universidade e gravado na memória de todos que amam sinceramente este rincão dadivoso.

Victor aí está, forte, bonacheirão, nédio, ereto como o caule fidalgo da araucária, dono de um estômago que nem a gripe consegue derrubar e por certo irá ás portas do centenário, se não penetrar, como todos nós que sabemos quanto ele vale, almejamos de coração.

* Publicado no Jornal "O Dia" de 9 de Janeiro de 1935.

PARA LEMBRAR...

"Elogio a Vicente Machado e João Cândido Ferreira. Trechos do Discurso de Bento Munhoz da Rocha Netto, quando de sua posse na Academia Paranaense de Letras".

Túlio Vargas — João Cândido Ferreira — sua vida Política

"ELOGIO A VICENTE MACHADO E JOÃO CÂNDIDO FERREIRA

Bento Munhoz da Rocha Netto

"Honrou-me a Academia Paranaense de Letras, com a escolha para ocupar a cadeira que tem como Patrono o Governador Vicente Machado e como fundador o governador João Cândido Ferreira.

. . . . . .

Vicente Machado e João Cândido Ferreira marcaram seu tempo. Conheceram as tremendas vicissitudes da vida política. E por diferentes que tenham sido seus temperamentos e seus destinos, eles se agoniaram, maltratados pelas contingências da vida pública, toda ela pontilhada de altitudes de estrela e de baixezas de lama. Sofreram ambos aquele mal estar, aquela quase asfixia de lider no campo político, de que a verdade deserta.

Ninguém conhece a ninguém a não ser que conviva politicamente. Pode alguém pensar que conheça alguém, mas não conhece. É preciso que se envolva em lutas políticas e mais exatamente em pleitos eleitorais para que se descubra o monstro que mora debaixo das melhores maneiras. Não resta dúvida: só conhece em sua plenitude, a surpreendente substância humana quem exerceu atividade política, pois é justamente neste setor da vida em sociedade que se expandem á vontade, os instintos mais primários, sobretudo daqueles que sem ter aprendido nenhuma lição do passado, são os eternos e incorregíveis principiantes, principalmente da vida inteira, que jamais conseguiram uma visão global do meio em que viveram, afogados em seu egocentrismo e limitados em seus antolhos.

Numa terra como a paranaense, é necessário gritar ás novas gerações o que o passado fez. É necessário ensinar que antes não era o caos, mas a preparação, não era o vazio, mas a densi-

dade de pensamento orientado para o futuro, não era a esterilidade nem a atividade dispersa e vã, mas a planificação para o crescimento e a expansão.

Nesse passado que nos explica, estão Vicente Machado e João Cândido, como tantos outros paranaenses eminentes que se afirmaram virilmente no governo e compreenderam a terra e pressentiram seu destino. É preciso exibir esses homens que construíram o Paraná, cumprindo um dever de justiça e simultaneamente, dando uma lição de humildade a certos políticos que vieram muito depois e julgam no seu primarismo intransponível que descobriram o Paraná. Possuem estes a convicção do Chantecler de Rostand, que julgava ascender o sol com seu canto de aurora, certo de que só assim podia nascer. Certos políticos, que vieram muito depois, parecem, por suas afirmações, pensar que o Paraná seguiu seu processo histórico e sua evolução sócio-econômica, porque eles abriram o bico, entoaram seu canto e dignaram-se intervir em nossa vida pública.

.....

Vicente Machado morreu aos 46 anos, no ápice de sua carreira, governando o Paraná em 1907. João Cândido foi até os 84, fora da política desde há muito, tendo assim podido ver e viver o que não pode ser visto nem vivido por Vicente Machado, como o deslocamento para o outro polo, daquela multidão de aduladores sempre encostados no poder.

Em Vicente Machado a definição política alcança toda a personalidade; em João Cândido, a dimensão política não é essencial, não o abrange por inteiro, cingindo-se antes a um aspecto secundário de sua vida.

Loureiro Fernandes, teve a noção exata da estrutura psicológica de João Cândido, ao escrever "Antes de tudo era médico, amava a glória de sua profissão, a única que lhe parecia digna de ser aspirada". A Política foi em sua vida apenas um acidente que tinha de ser vivido, porque a não aceitação iria colidir com a sua vocação bem definida para a causa pública. Não aceitar teria sido enclausurar-se em egoísmos que não lhe cabiam.

Mas, João Cândido possuía a tranquilidade de quem a ambição não mordeu. E tinha de começar pela Lapa, ele "lapeano, e dos que mais querem a gleba em que nasceu". A Lapa explica muito de sua psicologia, de sua componente sertaneja, sobre-

tudo quando se chega até a Fazenda Taboão, chão de seu nascimento, pertencente a seu avô materno Comendador Gregório Antunes Maciel. Sua infância ocorreu na Fazendinha, de seu Pai, de quem herdou o nome de batismo. E eu, muitas vezes, ouví de sua boca, a expressão de seu apego, sem remédio, á Fazendinha. A Lapa era seu lar e foi bem revelador que em 1908, governador eleito do Estado, depois de tantas vezes dirigir o Paraná, como vice-governador, quando, com a morte de Vicente Machado, se desmantela todo um sistema, João Cândido não fica em Curitiba onde poderia ter permanecido cercado pelo acatamento de todos, pois ele era do tipo humano que em qualquer conjuntura, mesmo na mais desfavorável, se apresenta sempre com dignidade, merecendo o respeito de toda a gente. Volta á Lapa, isto é, retorna ao lar. E só depois de sua longa viagem á Europa em 1913, se fixa em Curitiba, onde um ano antes, o parnanguara Nilo Cairo e o lapeano Vitor do Amaral, tinham brincado de Universidade, que, entretanto, medrou, se consolidou e sobreviveu como instituição nacional, muito antes de sua federalização. João Cândido começa então, seu longo magistério, moldando durante mais de trinta anos, os médicos formados pela Universidade do Paraná.

João Cândido tinha testemunhado a Lapa sofrer com a revolução federalista, e, médico de Carneiro, dedica-lhe pela vida, um culto ininterrupto. Assiste-lhe a agonia, e a constância no culto á memória do herói da Lapa, é apenas um aspecto da constância de João Cândido em suas opiniões e afeições.

Aqueles fossos que separavam na Lapa, em 1893, picapaus e maragatos, marcaram a política paranaense até a Coligação de 1908. Ninguém os transpunha com honra. Pertencer-se a um partido, situar-se de um lado, era assim como uma fatalidade de nascimento. Não havia racionalização que justificasse a deserção de uma causa para adesão á adversária. Não se fale em coerência. Ninguém pensava nisso. Era vital a permanência definitiva pela fidelidade. Ninguém a explicava, mas todos a aceitavam, atribuindo ao desertor politico, a mesma lealdade e a mesma importância física que ao desertor militar.

João Cândido tinha de começar pela Lapa, onde foi Prefeito em 1892 e dentro da sequência da carreira política, sem saltos, nem improvisações, na tradição hierárquica de então, vem em 1896, para o Legislativo Estadual e vai em 1901 para a

Câmara Federal. Em 1903 está na Lapa, exercendo, no seu dizer, "as profissões de médico e agricultor".

Observa-se a referência à profissão de agricultor, o homem junto da terra, amando a gleba, inseparável dela, o homem que pode sonhar, pode devanear, pode aventurar-se pelo desconhecido mas não se perde nunca, possuindo sempre o seu refúgio, a sua justificação, o seu retorno acolhedor. Essa referência de João Cândido à sua profissão de agricultor, me parece essencial para a compreensão de sua personalidade. Aí na Lapa, recebe o convite de Vicente Machado para ser seu vice-governador no período administrativo a iniciar-se em 1904.

Segue-se a mudança inteira de seu habitual estilo de vida, com os repetidos exercícios do governo, até 1907, quando a morte de Vicente Machado sacode politicamente o Paraná. O Manifesto Político de 18 de Fevereiro de 1908 em que João Cândido historia e explica os acontecimentos que o levaram à renúncia do Governo do Estado, vem também da Lapa. Esse manifesto revela o ético tropeçando, a cada passo, nas contradições da vida política. Aí está o ético observando mais do que atingindo, aceitando mais do que impondo. Ele não é nunca o centro que decide. É antes, o constante subordinado à ética e à lógica. Espera a decisão dos outros, que no seu parecer, deve ser, também, ética e lógica. Para ele, liderar não é constranger nem **violentar.** É suave e cordial em tudo. Pode ocupar lugar na primeira fila, como ocupou, mas não será por ter acotovelado vizinhos e companheiros. Ele não lembra a si mesmo para a escolha. Não força os caminhos. Não coage, mas aguarda serenamente as decisões colegiadas, acatando-as. A política em João Cândido revela apenas uma faceta do homem. Em João Cândido, ao contrário de Vicente Machado, a definição política não é toda a definição.

João Cândido era, acima de tudo o mais, o médico. A figura do clínico geral, do internista, como se diz hoje, é a verdadeira feição de João Cândido. Publicou 48 trabalhos em que, com seu gosto literário, revela conhecimento da antiguidade clássica e reflete, como não poderia deixar de ser em quem, apenas onze anos depois da formatura, clinicando em longínqua cidade do interior, ingressava na Academia Nacional de Medicina, pleno domínio do pensamento francês.

Vejo João Cândido esbatido em nosso passado de hontem, como a figura do clínico geral, que vai passando com os recursos científicos de hoje e a pressa das metrópoles. Meu Pai repetia que a simples presença de João Cândido, à cabeceira do doente, com a irradiação de sua simpatia e a confiança que inspirava, era já metade da cura. Mas os tempos modernos não podem reeditar a figura de clínico de João Cândido, do clínico à moda antiga, já meio desconhecido da geração atual. A divisão do trabalho está presente em toda a parte. O enquadramento científico é rígido. A velha figura dissolveu-se nas clínicas de trabalho em equipe, com suas técnicas de laboratório e seu crescente aperfeiçoamento de meios mecânicos de diagnósticos, com a despersonalização do doente, transformado em número de fichário. A desumanização das metrópoles não respeita limites.

Revejo João Cândido apagando-se lentamente no caminhar compassado de sua residência na Rua Muricy com André de Barros ao seu consultório na esquina de Monsenhor Celso com Marechal Deodoro. Nos últimos anos, meio encurvado, mas sempre correto no trajar. Revejo-o naquela agonia daquele agoniado 23 de Abril em que meu pai morreu. João Cândido, diante da expectativa penosa de todos nós, foi fazer-lhe sua visita de médico, que era sempre animadora. Mas eu sentí em seu olhar, que meu Pai ia morrer.

O jubileu profissional de João Cândido de 1939, foi uma apoteose, e raros homens terão tido a felicidade de poder atingir, após longa vida, tão alto e unânime conceito. Todos os homens de sua comunidade se juntaram para homenagem ao conterrâneo que de todos merecia a maior consagração. Todos lhe reconheceram o longo caminhar de plenitude profissional e social. Gente de todas as classes e origens o aclamaram. E Erasto Gaertner o surpreendeu então "vivendo de hà muito, na intimidade da glória".

A meu ver, só as civilizações já evoluídas conseguem produzir um João Cândido, com sua alta expressão humana, de equilíbrio, de equidistância das parcialidades muito tensas, de ausência de radicalizações e, portanto, de permanente possibilidade de convivência educada em que as contradições se defrontam sem graves conflitos ou sem conflitos muito aparentes.

. . . . . .

Vicente Machado e João Cândido advinharam e, ainda mais, souberam preparar nosso presente, eles, bem como seus sucessores no longo tempo, e nossos intelectuais de vanguarda que realizaram plenamente a função de enxergar no nevoeiro e no ainda não evidente. Vicente Machado e João Cândido foram tinguis de primeira água, à moda de Arthur Franco. Sua herança ajuda a manter fidelidade às velhas raízes tinguís e, com a mesma segurança deles, a conferir a inumerável multidão de todos os brasileiros do Paraná, e honra de ser paranaense".

* Publicado no Diário do Paraná em 28 de Fevereiro de 1967.

DR. JOÃO CÂNDIDO FERREIRA
(sua vida Política)

TÚLIO VARGAS

Os fatos culminantes da vida política do Dr. João Cândido, são — a sua ascensão vertiginosa e a sua queda inopinada.

Subiu pela vontade inteligente do grande brasileiro Dr. Vicente Machado e caiu pela irreflexão interesseira de seus correligionários, e, principalmente, pela intervenção decisiva do venerando Dr. Xavier da Silva.

Sem o apoio o Dr. Alencar Guimarães não teria conseguido sequer dar vida à dissidência, que por sua vez, deu nascimento à coligação dos partidos, e sem o acordo que S. Excia. arrancou do Dr. João Cândido, que confiara na sua palavra respeitável, a conspiração teria fracassado.

No dia 17 de junho de 1903 o Dr. João Cândido recebeu um telegrama do Dr. Vicente Machado, convidando-o para seu companheiro de chapa, no lugar de 1.° vice-presidente do Estado e imediatamente deu a esse despacho a seguinte resposta: "Penhorado agradeço, mas circunstâncias especiais me obrigam não aceitar."

O Dr. Vicente Machado replicou com o telegrama que segue: "Me permita insista pedindo sua aquiescência nosso desejo. Que motivos pode ter para sua recusa? Espero, em novo telegrama, me autorizará a apresentar seu nome à candidatura oferecida. É um serviço ao partido e eu pessoalmente muito agradecido ficarei. Aguardo sua resposta, que urge, pois convenção reune-se 21 e é necessário assentar combinações. Saudações cordiais. — Vicente Machado."

Não se julgou S. Excia com direito de excusar-se e fugir às responsabilidades de uma posição honrosa, oferecida com tamanha insistência.

A fatalidade, porém, quiz que o Dr. Vicente Machado no governo enfermasse, e afinal viesse a falecer em 3 de março de 1907.

Antes, porém, dessa triste catástrofe o grande paranaense teve ocasião de proclamar, em um banquete, benemérito do Paraná o seu substituto, não só como homem de ciência, mas também como notável administrador.

Em sua mensagem, lida ao Congresso, em 1.° de fevereiro de 1906, S. Excia. acentou a "competência, alto tino e acendrado patriotismo de seu benemérito substituto, acrescentando, "que a sua tarefa no momento se resumia em salientar o brilho dos atos de administração que foram praticados, em sua ausência, pelo 1.° Vice-Presidente, que revelou ação superior na direção dos destinos do Paraná.

Assumiu definitivamente o governo o Dr. João Cândido Ferreira, 1.° vice-presidente, substituto legal do presidente extinto. Em 21 de abril do mesmo ano reuniu-se em Curitiba a Convenção do Partido dominante a fim de escolher o novo chefe. Não houve divergência alguma, a convenção escolheu o Dr. João Cândido para assumir a presidência partidária, inclusive com o assentimento do Dr. Xavier da Silva, então Senador da República.

Em seguida, o Congresso Legislativo, de acordo com o art. 26 da reforma constitucional de 14 de outubro de 1893, restringiu de um ano para seis meses o prazo de inelegibilidade relativo aos vice-presidentes, quando no exercício do cargo de presidente no último ano do período governamental. Esse projeto legislativo, que foi aprovado sem restrições maiores, foi transformado na lei n.° 707, de 2 de abril de 1907. Em julho do ano seguinte, atento ao prazo referido, o Dr. João Cândido passou o governo ao coronel Joaquim Monteiro da Silva, 2.° vice-presidente e seguiu com destino ao Rio de Janeiro.

Durante sua ausência, o diretório central do Partido Republicano Paranaense, de acordo com a delegação que recebera da Convenção de 21 de abril, apresentou seu nome como candidato à sucessão do Dr. Vicente Machado.

A eleição foi marcada para o dia 20 de outubro. Para 1.° vice-presidente foi escolhido o político palmeirense coronel Ottoni Maciel. Sendo ambos parentes, e por isso Ottoni Ferreira

Maciel resistiu aceitar a indicação, a composição da chapa serviu de pretexto a que seus adversários proclamassem o risco de uma oligarquia, a que chamavam dos querubins.

Eleito o Dr. João Cândido, concorrente único ao cargo já que a oposição disputou apenas na chapa de deputados, processava-se nos bastidores uma conspiração para derrubá-lo antes mesmo da posse. O Dr. Alencar Guimarães, lider político influente do Partido Republicano Paranaense aliou-se ao seu tradicional adversário, Dr. Generoso Marques, chefe da União Republicana, para estabelecer um acordo pluri-partidário, cujo objetivo final era a tomada do poder. Tratava-se de uma aliança aparentemente impossível, a reunião de maragatos e picapaus, figadais inimigos desde a Revolução Federalista de 189.4

Esse movimento ficou conhecido como o da Coligação. O Congresso Legislativo que havia votado a lei de desincompatibilização, agora mudava sua postura e anulava a eleição do Dr. João Cândido por considerá-lo inelegível para o exercício do cargo de presidente por haver ocupado com vice-presidente a suprema magistratura do Estado no último quatriênio governamental. Esse o parecer da Comissão Especial, cujo relator foi o deputado Generoso Marques, votado pela maioria absoluta do Legislativo. O pacto político deu certo.

Em conferência reservada com o senador Xavier da Silva, o Dr. João Cândido foi aconselhado a renunciar. "Nessas condições, respondeu, em que tenho ainda meios de vencer, posso renunciar, uma vez que o Dr. responda pela integridade do partido e se comprometa a fazer com que o Congresso aceite a renúncia sem discutir a eleição. Eu só queria ser presidente do Estado para administrá-lo e não para absorver-me em lutas partidárias. Eu posso vencer, mas fico com uma oposição enorme pela frente e o meu plano de administração e de governo fica prejudicado. Sacrificar-me-ei, pois, desde que os amigos nada sofram."

"Não há dúvida, disse o Dr. Xavier, tanto que o Dr. deve ficar no diretório central e eu não quero que ninguém peça demissão."

O Dr. João Cândido tinha, então, no bolso os ofícios reassumindo o governo e o telegrama do Dr. Affonso Penna, Presidente da República, comunicando que a força federal tinha ordem de

prestigiar e apoiar o governo legal, que seria o seu. Mas o Dr. João Cândido preferiu despir-se de todas as suas posições e voltar à tranquilidade do lar, confiante na honestidade política do Dr. Xavier da Silva.

Por isso, o Dr. João Cândido declarou em discurso, enfadado da política, mais tarde: "E fui eu, podem acreditar, quem a repudiou, num movimento de revolta e de aversão aos seus processos escusos." Fez um sacrifício inútil, porque a harmonia da família política paranaense não passou de uma quimera e de um sonho fugaz.

(Excertos do livro "Bastidores Políticos" de Ottoni Maciel)

BIBLIOGRAFIA

TRABALHOS, ORAÇÕES ACADÊMICAS E CONFERÊNCIAS PUBLICADAS:

1) — 1888 — Diagnóstico e Tratamento das Nevrites Periféricas (Tese Inaugural)
2) — 1897 — Profilaxia da Tuberculose (Conferência realizada no Congresso Recreativo, em 10 de outubro de 1897 na cidade da Lapa).
3) — 1899 — Influência da Gravidez Sobre as Doenças do Coração (Memória apresentada á Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro)
4) — 1912 — Higiene Alimentar — Taquifagia, Artritismo e Artériosclerose (Brasil Médico, Ano XXVI, 01/10/1912, n.º 37)
5) — 1915 — Lepra de Forma Siringomiélica (Bras. Médico, Ano XXIX, 15/09/1915, n.º 35)
6) — 1916 — Actinomicose (Paraná Médico, agosto de 1916, n.ºs 2 e 3)
7) — 1917 — Lição Inaugural de Clínica Propedêutica (Paraná Médico, abril de 1917, 138-143, n.º 9)
8) — 1918 — Profilaxia da Febre Tifóide em Curitiba (Conferência realizada em 26 de fevereiro de 1918, na Sociedade de Medicina do Paraná)
9) — 1918 — O Ar e o Sol perante a Medicina (Conferência pronunciada no dia 20 de julho de 1918 na séde da Universidade do Paraná)
10) — 1919 — Febre Luética (Bras. Médico, Ano XXXIII, 29/03/19 n.º 13)
11) — 1920 — Oração de Paraninfo (Faculdade de Medicina do Paraná)
12) — 1921 — Em Torno do Espiritismo (Paraná Médico, dezembro de 1920 a Fevereiro de 1921)
13) — 1922 — A Sífilis Como Problema Social (Revista do Centro de Letras do Paraná, 19 de dezembro de 1922)
14) — 1922 — O Álcool Não é Aperitivo, Nem Termogênico (Arquivos Paranaenses de Medicina)
15) — 1922 — Alocução de Paraninfo (em 19 de Dezembro de 1922)
16) — 1923 — Nevrose Respiratória (Arquivos Paranaenses de Medicina, 01 de Janeiro de 1923)
17) — 1924 — Elogio de Vicente Machado (Revista da Academia de Letras do Paraná de 1924)

18) — 1924 — Lição Inaugural de Clínica Médica (Rev. Med. do Paraná, vol. XVI, novembro e dezembro de 1947, N.º 6)
19) — 1927 — Oração do Paraninfo (Colação de grau dos doutorandos de 1927)
20) — 1928 — Gomes Carneiro e o Cerco da Lapa (Discurso pronunciado a 9 de fevereiro de 1928, na cidade da Lapa)
21) — 1929 — Do Clorureto de Sódio á Azotemia, Passando Pela Nefrite (Anais de 1929)
22) — 1929 — Charlatanismo, Balanço Metapsíquico, Espiritismo (Lição Inaugural dos Cursos proferida a 5 de abril de 1929)
23) — 1931 — Os Mercuriais Como Diuréticos (Rev. Med. do Paraná, novembro de 1932)
24) — 1933 — Ultra-vírus e Cardoso Fontes (Rev. Med. do Paraná, Ano II, outubro de 1933, n.º 10)
25) — 1935 — Fundamentos do Rotary (Discurso pronunciado aos 4 de julho de 1935)
26) — 1936 — Síndrome de Fiessenger (Rev. Med. do Paraná, Ano V, n.º 5)
27) — 1937 — Injeções Intradérmicas de Histamina Contra Algias e Doenças Albérgicas (Rev. Med. do Paraná, Ano VI n.º 8)
28) — 1938 — Vida do Dr. Faivre Rotary Club de Curitiba, 6 de fevereiro de 1938)
29) — 1939 — História dos Trabalhos Médico-Cirúrgicos Durante o Cerco da Lapa (Rotary Club de Curiitba, 21 de dezembro de 1939)
30) — 1940 — Mecanização da Medicina (Rev. Med. do Paraná, Ano XI, n.º 7 e 8)
31) — 1943 — Dr. Manoel Pedro (Rev. Med. do Paraná, Ano VI, n.º 6)

* * *

TRABALHOS E CONFERÊNCIAS NÃO PUBLICADAS

1) — 1931 — Segredo Médico (Comunicação na Sociedade de Medicina de Curitiba)
2) — 1931 — Saudação ao Dr. L. Collor
3) — 1932 — Ar Puro e Ar Confinado (Palestra pelo rádio em 1932)
4) — 1934 — Assistência Aos Nossos Patrícios do Litoral (Palestra no Rotary Club de Curitiba)

* * *

TRABALHOS NÃO LOCALIZADOS POR FALTA DE ELEMENTOS ESSENCIAIS — REFERÊNCIAS INCOMPLETAS

1) — 1916 — Astasia-Abasia
2) — 1928 — O Álcool Como Flagelo Social
3) — 1931 — Medicina e Política (Saudação ao Prof. Shimanski)
4) — 1934 — Glico-Insulina (Sociedade de Medicina)
5) — 1897 — Higiene Pública
6) — 1898 — Feridas do Coração.

OPERA OMNIA

A fim de manter a autenticidade do material consultado, foi rigorosamente respeitada a ortografia em uso nas épocas em que foram escritos.

DAS

NEVRITES PERIPHERICAS

PELO

DR. JOÃO CÂNDIDO FERREIRA

FILHO LEGITIMO DE

DR. JOÃO CÂNDIDO FERREIRA

E

D. ANNA LEOCADIA FERREIRA

Natural da Provincia do Paraná
(Cidade da Lapa)

THESE INAUGURAL

RIO DE JANEIRO
Typ. e Lit. de Carlos Gaspar da Silva, successor de
Moreira Maximmo & C.
111 e 113 RUA DA QUITANDA 111 e 113

1888

* Exemplar da tese inaugural, com 190 páginas impressas, faz parte do acervo da biblioteca da Fundação Santos Lima — arquivos de teses.

PROPHILAXIA DA TUBERCULOSE

> La prophylaxie rationelle donnera de bien meillieurs resultats que le traitement de la maladie déjá confirmeé. (EICHOHRST.)
> Il est plus facile d'empêcher cent personnes de tomber malades, que d'en guerir une quand elle l'est devenue. (ROCHARD.)
> La tuberculose fait à elle seule plus de ravages que toutes les autres maladies contagieuses reunies. (ROCHARD.)

No estado actual de nossos conhecimentos medicos, adquiridos pela experimentação bem orientada e pela observação de todos os dias, torna-se superfluo o trabalho de accumular provas no sentido de demonstrar o contagio da tuberculose.

A trasmissibilidade desta affecção é suspeitada desde tempos immemoraveis, entretanto só em 5 de Dezembro de 1865 Villemin conseguio demonstrar experimentalmente que a tuberculose é molestia virulenta, infectuosa e inoculavel. Ha mais de um seculo, diz Brisseau, os medicos italianos e hespanhóes consideram com valiosos fundamentos a tuberculose como affecção contagiosa. Assim é que em 1783 o rei de Napoles fez baixar o decreto seguinte:

1.º Todo medico é obrigado a fornecer indicação á Regencia logo que verifique um caso de phtisica. Si omittir essa denuncia ficará sujeito á multa de 100 ducados, e, no caso de reincidencia será condemnado, sem appello, a um desterro de 10 annos.

2.º Os doentes pobres affectados da molestia pulmonar são immediatamente levados para o hospital.

3.º Os directores dos hospitaes devem separar a roupa e objectos destinados aos phtisicos.

4.° A auctoridade deve renovar o aposento do doente, isto é, o soalho, as cobertas, as tapeçarias, queimar as janellas e portas e substituil-as por outras.

5.° Penas severas serão applicadas a todo aquelle que comprar ou vender objectos, effeitos, que tenham pertencido a phtisicos.

6.° A casa em que succumbir um phtisico ficará fóra de transacção.

Esta lei draconiana foi applicada com todo rigor no reino de Napoles até o anno de 1848.

De accordo com os processos hoje bem conhecidos da transmissão do bacillo da tuberculose pouco podia aproveitar tanto rigor, todavia esse zelo excessivo denota que o Governo interessava-se seriamente pelo bem estar e pela saude da população.

Na Academia de Medicina de Pariz, a 7 de Janeiro de 1890, Germain See referio-se ao decreto de Napoles chamando a attenção dos poderes da nação para o magno problema da prophylaxia da tuberculose.

Sabendo-se que esta affecção é uma das mais mortiferas da pathologia e que diffunde-se segundo leis previstas e bem estudadas desde 1832 é dever do Governo tomar todas as precauções afim de evitar sua propagação.

Hirsch demonstrou com dados positivos que a setima parte da mortalidade total é devido a phtisica, e tendo em vista unicamente as molestias chronicas a tuberculose determina os dous terços dos obitos. É extraordinario o coefficiente representado pela phtisica na mortalidade geral, e todos fogem horrorisados de um morphetico que passa ao longe estendendo a mão supplice e não se arreceiam de permanecer longo tempo na camara de um tuberculoso pouco amigo dos preceitos hygienicos e em estado de fusão. Entretanto é contestável a contagiosidade da morphéa ao passo que sobre a tuberculose não ha duvida possivel.

Basta um caso de tuberculose pulmonar para infeccionar uma população inteira estranha ás cautellas impostas pela hygiene e sanccionadas pela prophylaxia. Jaccoud relata o facto

de uma familia em que todos os membros foram arrebatados com excessiva rapidez. Nesta cidade extinguio-se em curto lapso de tempo, victima de tub., a familia de um laborioso marcineiro.

Widal diz que não se sabe ao certo se existia a phtisica na Algeria antes da conquista francesa, o que é incontestavel é que desde os primeiros tempos da conquista tem-se observado casos de tuberculose pulmonar e tudo leva a crer que o germen da molestia tenha sido importado de França.

Dessa epocha em diante a tuberculose começou de alastrar o obituario. Só a provincia de Alger de 1882 á 1887, forneceo 1346 casos. Devido a falta de cuidado os tuberculosos do littoral espalharam a infecção até as partes mais meridionaes como Biskra, Mecheria etc.

Aqui na Lapa a tuberculose era quasi desconhecida ha trinta e poucos annos. Um caso de hectica era apontado como uma raridade pathologica, entretanto hoje é bem commum passar-se attestado de obito por phymatose. Outr'ora esta cidade gosava de tal fama como propicia aos doentes **do peito** que não raro vinham enfermos pedir á salubridade do clima da Lapa o restabelecimento de sua saude alterada. Hoje infelizmente ella não conserva a mesma fama de salubridade que havia conquistado.

Podemos assignalar nesta cidade, sob o ponto de vista do contagio, tres epochas bem distinctas para a tuberculose. Em um rapido resumo vamos nos referir a ellas já que corrobram a necessidade de desvelos em bem satisfazer os preceitos hygienicos. (1)

1.ª Epocha — de 1866 á 1870. Epocha em que falleceram algumas pessoas bem collocadas na sociedade lapeana. Estes casos si bem que em pequeno numero ficaram gravados na memoria do povo que sempre os recorda e commenta. Antes deste tempo não ha notícia bem averiguada de tub pulmonar, o que póde ser devido a completa ausencia dessa affecção ou a sua extrema raridade.

(1) Conservando e procurando completar os dados pacientemente colhidos sobre o apparecimento e evolução da tub. na cidade da Lapa para mais tarde publicarmos um pequeno trabalho sobre esse assumpto, apenas damos aqui uma ligeira idéa do que se tem passado nesta cidade em relação a esse importante problema de pothologia.

2.ª Epocha — de 1870 á 1885. Nesta epocha appareceram alguns casos e com grande difficuldade podemos achar a origem proxima delles. De 1870 á 1877 houve uma certa interrupção no apparecimento da tuberculose. Até o anno de 1885 eram pouco frequentes os casos de phtisica e o povo sem grande esforço refere o nome das victimas que succumbiram na cidade.

3.ª Epocha — de 1885 até hoje. Tão frequentes são nesta epocha manifestações tuberculosas que difficilimo se torna o trabalho de grupar os casos n'uma serie unica. Os primeiros casos que abrem esta éra nefasta não são indigenas e propagaram a enfermidade de um modo assustador.

Dois magistrados que para aqui vieram, um em 1886 e outro em 1888, trouxeram novo reforço pathogenico e não tardou que a diffusão de tão pertinaz enfermidade se verificasse. Podemos seguir a marcha invasora da affecção em uma serie de casos occorridos nesta epocha o que prova uma certa regularidade na maneira de se effetuar o contagio.

A diffusão desta molestia é consequencia, principalmente, da falta de cautela dos doentes que escarram por toda parte e da defficiencia da ventilação dos aposentos onde permanecem accumulados os parentes do tuberculoso.

É fóra de duvida que a mortalidade baixaria sensivelmente em nossa cidade se a população se convencesse que a tuberculose é contatgiosa e que a medicina tem meios quasi infalliveis de evitar sua propagação.

Conhecida a causa intima, o vehiculo, as condições em que desenvolvem-se os germens facil é obter o desapparecimento de uma entidade morbida á qual paga-se tão pesado tributo. Convencido de prestar um pequeno serviço á população emprehendemos esta tarefa delicada de resumir o que de mais util, pratico e moderno se tem publicado sobre o contagio e precauções a tomar contra a tuberculose.

* * *

A prophylaxia tem por objecto afastar do individuo as causas morbificas e conferir tal resistencia ao organismo que o torne immune ao contacto dos elementos pathogenicos. Seria

este o ideal da prophylaxia contra a tuberculose que, alojada no organismo, zomba de todos os meios-therapeuticos.

O resultado brilhantemente alcançado contra a febre puerperal póde-se com perseverança conseguir em relação á tuberculose. A infecção puerperal está condemnada a desapparecer do scenario medico graças as cautelas tomadas pelos gynecologistas. Sobre esta infecção diz o professor Tarnier: "em 4.000 partos da clinica hospitalar tivemos de registrar um só caso de morte e em outros tempos no mesmo hospital, com numero identico de parturientes, teriamos de registrar no minimo cem obitos".

Slarjanski, de S. Petersburg, em 1890 no Congresso de Medicina de Berlim, referio que sobre a enorme cifra de 76.648 partos não fôra observado um só caso de obito por febre puerperal. Parece incrivel.

A este brilhante resultado tem se chegado graças a antisepsia, aos cuidados hygienicos que decorrem do exacto conhecimento da etiologia, da pathogenia e das leis segundo as quaes dissemina-se a febre puerperal. Resultado analogo póde ser alcançado em relação a tuberculose que entra com extraordinario contingente na mortalidade total.

Esta molestia transmitte-se segundo leis determinadas, não obstante parecerem inexplicaveis certos casos anomalos de contagio.

Assim Schoull, de Tunis, observou a tuberculisação de dois gatos que se nutriam com os restos dos alimentos de uma moça tuberculosa.

Para certificar-se do contagio em taes condições Schoull fez interessantes experiencias. Tomou tres gatos novos e da mesma procedencia; dous foram nutridos com residuos de alimentos de tuberculosos e foram victimas de uma tuberculose visceral generalisada, o 3.º conservado como prova e alimentado com restos de comidas de pessoas sans não apresentou signal algum de tuberculose, mesmo sujeito á rigorosa autopsia.

Schoull tira destes factos conclusões praticas importantes relativas á imprudencia commetida diariamente por familias pobres, entre as quaes motivos de economia podem dar lugar á analogas contaminações. Tambem Reich refere o caso de uma

parteira tuberculosa que infeccionara dez recem-nascidos praticando nelles a insufflação **bocca á bocca** para desembaraçar a via aeria das mucosidades.

Demonstrado como está hoje até a evidencia que a tuberculose é uma molestia microbiana, bacillar, e que o bacillo, agente productor da affecção, encontra-se no escarro dos individuos accommetidos de tuberculose pulmonar, não surprehendem factos desta natureza que a primeira vista parecem extraordinarios.

O escarro do tuberculoso é o vehiculo do bacillo que volteja na atmosphera quando desecado aquelle. Ha medicos que sustentam em absoluto esta opinião exclusivista — a tuberculose nasce do contagio e este se opera pela inhalação das poeiras provenientes da desecação dos escarros empregnados de bacillos.

Dest'arte seria excluida a herança e outros factores secundarios que concorrem para a propagação da phymatose. Apesar das observações de Stang e Demmé sobre a transmissão da tuberculose ao homem pela ingestão de leite tuberculoso, apesar das experiências do professor Brouardel no mesmo sentido, o mais lato e preciso meio de contagio desta affecção consiste, indubitavelmente, na disseminação do escarro feito em pó. O escarro é, pois, o principal meio de propagação da tuberculose, os outros occupam um plano bem secundario como veremos.

Straus demonstrou que o **bacillo nunca se encontra no ar expirado pelos phtisicos,** o que nos faz descrer do contagio atmospherico da tuberculose. Tanto isto é verdade, diz Germain See, que não cita-se um só caso de contagio n'um hospital de crianças, simplesmente porque ellas não escarram. Já em 1890 dizia este notavel medico: "é preciso organisar por toda parte, nos hospitaes, nas administrações e nas casas particulares uma policia que cure do aceio; é necessario que os tuberculosos, os catharrentos e mesmo os que não são doentes, não escarrem senão em vasos contendo agua, pois muitas bronchites em apparencia são na realidade tuberculoses".

Si a causa primordial da tuberculose é a introducção no organismo do bacillo, quer venha do leite de vaccas tuberculosas, quer de poeiras de escarros desecados, o que resta á herança como factor pathogenico? A herança crea um terreno

favoravel ao desenvolvimento da tuberculose. Diz Trélat "o producto da concepção nasce com uma predisposição especial para contrahir a tuberculose, — é um verdadeiro caldo de cultura para a proliferação do bacillo.

No Congresso para o estudo da tub., reunido em Pariz, de 27 de Julho á 2 de Agosto de 1891, ficou quasi resolvido o magno problema da herança da tuberculose, como vamos ver.

Vignal referio que fez numerosas experiencias no laboratorio de clinica Obstetrica da Faculdade de Medicina de Pariz com o fim de ellucidar esta questão. Essas experiencias executadas com todo o rigor scientifico deram resultados uniformemente negativos sob o ponto de vista da transmissão da tuberculose da mãe ao feto. De facto, cobayas inoculadas com fragmentos de orgãos ou escarros de mulheres tuberculosas foram victimas desta affecção, ao passo que 24 cobayas inoculadas com orgãos de fetos nascidos de mães tuberculosas nada soffreram.

Vignal fez ainda uma serie de experiencias directas sobre muitos animaes que não apresentaram o menor traço de tuberculose, o que o levou a concluir que a hereditariedade desta affecção, longe de ser fatal ou mesmo frequente é pelo contrário, extremamente rara.

Landouzy diz que herda-se um estado diathesico, o que significa que os filhos de paes tuberculosos são uns **candidatos** á tuberculose. Hutinel declara, tendo feito 252 autopsias, que o filho de um tuberculose é um terreno favoravel ao desenvolvimento do bacillo e que só raramente póde-se herdar o germen, isto é, que é muito rara a tuberculose congenita. Refere o facto de 18.000 crianças da Assistencia Publica sahidas em grande numero de paes tuberculosos e que somente umas ficaram tuberculosas.

Bernheim discute o valor da herança na tuberculose, cita experiencias feitas nesse sentido e formula as seguintes categoricas conclusões: 1.ª a herança do germen não existe na tuberculose; 2.ª a predisposição do terreno não é mais especial ao tuberculoso que a qualquer individuo nascido de um pae affectado de molestia diathesica; 3.ª **todas as tuberculoses são adquiridas pelo contagio.**

Dieulafoy não communga nas mesmas idéas, mas hoje creio que é vencedora a opinião dos que dizem como Bouchard: — os paes transmittem aos filhos a tuberculose em **expectativa** e não em natureza; ou como Peter — não se nasce tuberculoso, mas **tuberculisavel.**

Resolvida esta importante questão da hereditariedade da tuberculose devemos indagar, para ser racional e proveitosa a prophilaxia, si ha outros meios de propagação da molestia alem do escarro pulverisado, do leite de vacca ou ama tuberculosa.

No Congresso da Sociedade alleman de cirurgia (Junho de 1892) Schuchard referio alguns casos de transmissão de tuberculose pela via sexual e declarou que não é tão raro como suppõe-se essa maneira de propagação. Na Gazeta Hebdomadaria (1883 n. 14). Verneul formula hypotheses sobre a origem de certas tuberculoses genitaes nos dois sexos. São factos esses pouco observados e que para muitos clinicos devem figurar como meras hypotheses no ról dos contagios.

O que é facto é que dado um fóco de infecção tuberculosa e os bacillos encontrando um terreno apropriado, isto é, em estado de opportunidade morbida proliferam e o contagio se faz.

Em synthese — a tuberculose é molestia virulenta e contagiosa, é produzida pelo bacillo de Kock, transmitte-se pelo escarro feito em pó, pelo leite, pelo pús das ulceras tuberculosas e excepcionalmente pela herança.

O homem na sociedade vive, pois, cercado de perigos imminentes em relação á tuberculose e está exposto a uma contaminação incessante.

Diz o professor Bouchard "nas cidades cada um de nós está em contacto a todo instante com phtisicos que expectoram sem precaução sobre o sólo; a desecação transforma os escarros em detrictos pulverulentos que o vento eleva e nós respiramos."

Vivendo o homem rodeado dos bacillos que voltejam no ar porque não é ainda mais frequente a contaminação pelo germen pathogenico?

A resposta é facil e convincente, — ha gráos na aptidão a contrahir a tuberculose e o homem não é a especie mais pre-

disposta a esta affecção. Alem disso, a energia vital, esse conjuncto de resistencias organicas, torna o homem refractario aos riscos da infecção. Para que o individuo tocado pelo virus seja victima da affecção é necessario que se ache em **estado de receptividade;** pois ha terrenos favoraveis e terrenos refractarios á germinação das sementes que lhes são confiadas. O homem em face dos bacillos é um combatente em face de inimigos invisiveis e implacaveis. A ulcta é de todos os dias e a refrega não cessa, que os micro-organismos não sentem fadiga no ardor do anequilamento vital. O homem resiste quando conhece e executa os preceitos hygienicos que são a verdadeira estrategia e quando adquire uma vigorosa resistencia organica — essa couraça invulneravel.

Si o deposito de um só bacillo no apparelho respiratorio désse lugar ao apparecimento da tuberculose todos os homens que vivem na sociedade e principalmente os medicos que trabalham nos hospitaes seriam aniquillados por ella.

Enfraquecida a energia vital a resistencia á infecção diminue e o individuo adquire uma predisposição morbida que o torna apto a contrahir a molestia. Garantir o organismo contra a acção deleteria do germen é o complemento importante da prophylaxia que não deve limitar-se unicamente a destruir o elemento pathogenico, mas a assegurar uma resistencia ao organismo tornando inane o ataque do virus.

As causas predisponentes da tuberculose que a prophylaxia deve corrigir são numerosas. Alem de affecções debilitantes merecem mensão: nutrição defeituosa ou alimentação insufficiente (**inatiation** de Peter), insufficiencia do ar e abuso de bebidas alcoolicas (Lancereaux), perturbação chronica do tubo digestivo e lactação prolongada (Bouchard), abarrotamento (Althaus).

O professor Bouchard em seu livro — Therapeutica das molestias infectuosas — resume nestes termos as causas que predispõe á tuberculose (pag. 482): — "tous les cliniciens savent que les chagrins, les influences morales depressives, l' ennui, la vie en captivité, volontaire ou non, la privation d'air et de lumière, le sejour dans une atmosphére confinée, l'habitation dans un appartement humide, oú ne pénètre pas le soleil, tout le monde sait que les excés, le surmenage, l'alimentation

insuffisante ou defectueuse diminuent la resistance de l'organisme à la phthisic".

Assim conhecida a causa determinante da tuberculose e as causas predisponentes, sem o concurso das quaes é excepcional a infecção, podemos fazer uma proveitosa prophylaxia, pois sabemos onde está o germen e quaes os meios de resistir a sua acção morbifica.

* * *

A prophylaxia tem por fim, ja o dissemos, affastar as causas de **contagio** e corrigir os **vicios** hereditarios que apresentam os individuos nascidos de paes tuberculosos. Devemos, diz Eichhorst, tratar com cuidado e desde os primeiros dias de sua existencia os filhos dos phtisicos ou aquelles que, nascidos de paes idosos ou enfraquecidos por enfermidade, trazem uma predisposição para contrahir a tuberculose. Depois dos accurados estudos do professor Landouzy (Revista de Medicina) admitte-se sem reluctancia que a tuberculose apparece com frequencia na primeira idade e que no proletariado parece representar a principal causa de mortalidade nos dous primeiros annos da vida.

Assim, devemos emprehender a prophylaxia da tuberculose da primeira idade combatendo o contagio que é a causa primordial da infecção. Diz Landouzy: "Todas as causas de contagio se reunem ao redor da criança que por si só apresenta um dos mais favoraveis terrenos á cultura do bacillo. Nossos habitos de educação fazem da criança uma cousa constantemente **manipulada,** em um meio em que tudo parece reunido para condensar os elementos de contágio... Si ha na casa um parente phtisico é este o designado para **ama** do bebê". Nos meios pobres sobretudo, as poeiras contaminadas pela expectoração, os objectos communs — colheres, cópos, guardanapos etc. podem transmittir á criança o germen do contagio. É preciso não desprezar esta recommendação dos medicos — nunca deitar uma criança no quarto de seus paes phtisicos, que ella corre o risco de infectar-se.

Que as mães cuidadosas e os parentes que interessam-se pela vida do **predisposto** saibam cumprir seus deveres, evitando os perigos que ficam apontados.

Ao medico compete prohibir que a mãe tuberculosa amamente o filho, indicando os requisitos de uma bôa **ama.** Havendo necessidade de alimentar artificialmente o recemnascido deve recomendar-se o leite fervido e de origem insuspeita. Mais tarde deve-se dar ás crianças alimentação sadia e não fatigal-as com trabalhos forçados ou estudos prolongados. Banhos frios, gymnastica, ar livre e puro, exercicios moderados e bôa alimentação garantem uma resistencia organica capaz de vencer a predisposição morbida.

Desde 1887 tem-se insistemente aconselhado como medida importante de prophylaxia a pratica de lançar o escarro tuberculoso em lugar apropriado, um vaso contendo agua, evitando dest'arte que soffra desecação e transformando-se em pó vá poluir a atmosphera.

Os excellentes resultados desta pratica sanccionada pela microbiologia já se fazem sentir eloquentemente. Refere Cornet na Sociedade de Medicina de Berlim que graças a taes medidas prophylaticas as estatisticas demonstram que o numero de obitos pela tuberculose diminuio de um modo notavel nas prisões prussianas. Em 1887 a cifra desses obitos era de 101 por 40.000 prisioneiros, em 1892 não era mais que 81,2. Diz Cornet que em outros Estados do Imperio observou-se os mesmos factos. Parece cousa de pouca monta resultados desta natureza; entretanto, levando-se em linha de conta a densidade da população da Prussia nota-se o grande beneficio alcançado. De facto, neste paiz observou-se uma diminuição de 70.000 obitos por tuberculose sobre a media dos annos precedentes. (1).

O sabio professor Virchow diz concordar com Cornet mas queixa-se de ter mandado collocar escarradeiras em profusão nas salas da Universidade e que entretanto não deixam de escarrar no soalho.

É fóra de duvida que não é somente o cuidado em restringir a pulverisação do escarro que tem alcançado tão esplendido resultado em relação ao contagio, outros factores como bôa alimentação, aeragem etc. concorrem como causas coadjuvantes.

(1) Na Inglaterra, em 1858, a tuberculose fez 3.966 victimas, ao passo que em 1895 apezar do notavel crescimento da população o numero de victimas só attingio a 1.398 graças aos cuidados prophylaticos adoptados.

Augusto da Rocha, no Primeiro Congresso da tuberculose, apresentou uma serie de traçados da mortalidade em Lisbôa pela tuberculose, variola, sarampão, diphteria e febre typhoide desde 1887 á 1894. Sobre-sahe do exame desse traçado, de uma parte que a curva da tuberculose se afasta consideravelmente da de outras molestias infectuosas e de outra parte que a mortalidade proveniente da tuberculose diminuira consideravelmente desde 1890, devido aos cuidados hygienicos e prophylaticos postos em pratica em Lisbôa.

É manifesta a frequencia excessiva da tuberculose adquirida em aposentos contaminados. Arthaud (Congresso de Julho de 1891) fundando-se na observação de centenas de casos estabeleco que 80% das tuberculoses accidentais resultam desse modo de transmissão. Confirma seu modo de pensar os casos observados na Usina Municipal de electricidade em que é manifesto o perigo resultante das agglomerações por longo tempo. Arthaud diz, cheio de enthusiasmo e convicção, que a tuberc. póde e deve, sob a influencia de medidas prophylaticas, terminar por diminuir de frequencia e mesmo **desapparecer totalmente.**

Esta opinião do illustre clinico está de accordo com o que dissemos acima lembrando os resultados alcançados contra a febre puerperal.

Arthaud na sessão da Academia de Medicina, em 31 de Out. de 1891, confirmando o que havia dito no Congresso de Julho declarou que em 35 operarios da Usina encontrara 32 tub. dos quaes 4 antigos e 23 em que a inoculação era posterior a entrada á Usina.

O perigo em taes condições não é só devido ao abarrotamento, mas a falta de ventilação, de exercicio, de aceio que urge o Governo corrigir legislando miticulosamente, nesse sentido, caso queira evitar esses exemplos de **epidemias de tuberculose.** Ja em 1890 a Academia de Medic. de Paris, após longa e notavel discussão, adoptou as seguintes conclusões:

1.ª A tuberculose é uma molestia parasitaria e contagiosa. O microbio, agente do contagio, existe principalmente nas poeiras provenientes de escarros desecados dos phtisicos, no pús das feridas tuberculosas. O meio mais seguro de evitar o

contagio consiste em destruir os escarros e o pús, antes que elles se tornem pulverulentos, por meio do fogo ou d'agua.

2.ª O parasita encontra-se tambem algumas vezes no leite das vaccas tuberculosas; é, pois prudente não empregar o leite sem previa ebulição.

3.ª A Academia chama a attenção das auctoridades competentes para os perigos que os tuberculosos fazem correr nas diversas repartições dirigidas por ellas, taes como Lycêo, casernas, prisões, atelier etc.

Estas conclusões da Academia repercutiram beneficamente por toda parte onde os Governos preoccupam-se com a saude da população, fazendo comprehender que a prophylaxia da tuberculose é uma questão social e que é do seo dever adoptar medidas de segurança que garantam o povo contra as affecções. Lancereaux pede ao Governo de seu paiz que reforme a legislação sobre a construcção das casas, sobre a largura das ruas e submetta á regulamentação os ateliers, as casernas, prisões, lycêos etc. para que cada individuo tenha o ar que lhe seja necessario. Diz este emerito professor que a **insufficiencia do ar** e o **abuso das bebidas alcoolicas** favorecem extraordinariamente o desenvolvimento da tuberculose.

É exacto que os selvagens, como os Kirghis dos steppes da Russia, como os indios da America não são victimas da tuberculose, ao passo que augmenta sensivelmente o numero de contaminados nos nossos hospitaes geraes, onde desgraçadamente não se toma em consideração os preceitos da prophylaxia e da hygiene. Sobre os hospitaes geraes do Rio de Janeiro diz o illustre clinico Dr. F. Fajardo: "nos nossos hospitaes geraes, nem ao menos existe em qualquer delles uma estufa de desinfecção das roupas dos doentes de molestias infectuosas agudas. Ahi os tuberculosos misturam-se sem a menor precaução, com os outros doentes; e, ainda mais, no Hospital da Misericordia verifica-se o habito altamente antihygienico de fazerem-se **deitar ao chão** os doentes que chegam ás enfermarias em numero excedente ao que ellas comportam... Neste hospital as escarradeiras e outros vasos permanecem junto do doente sem uma substancia qualquer bacterecida ou ao menos uma tampa; ja não falando em lençóes, cobertores, colchões etc.

que não soffrem desinfecção alguma e os cobertores passam de um a outros doentes indistinctamente."

É doloroso mencionar-se este abandono dos conselhos da sciencia por aquelles que mais proclamam a efficacia das medidas preventivas. Confrange referir que no Rio de Janeiro a tuberculose faz mais victimas que as epidemias que atormentam a grande cidade e que esta ceifa extraordinaria da população é consequencia, principalmente, do facto de serem despresados os preceitos prophylaticos.

Tratando da prophylaxia não devemos esquecer que o bacillo da tuberculose conserva por longo tempo sua actividade deposto sobre qualquer objecto. O aposento que agasalhar um tuberculoso não deve, pois, ser occupado, mesmo passados muitos dias, sem previa desinfecção.

N'um trabalho notavel sobre a desinfecção dos escarros dos phtisicos Schill e Fischer estabeleceram, estribados em pesquisas experimentaes, que os bacillos podem conservar sua virulencia durante 43 dias nos escarros humidos e em putrefacção, e durante 186 nos escarros desecados ao ar. Cadeac e Malet vão mais longe quando affirmam terem demonstrado que mesmo passados mezes de exposição das poeiras tuberculosas ás intemperies, congelação, altas temperaturas, putrefacção etc., ellas ainda transmittem a molestia.

Do exposto sobresahe nitidamente que em relação á prophylaxia individual não basta esterelisar o escarro, é necessario tambem dar resistencia vital ao organismo. Urge que os poderes publicos não esqueçam que a prophylaxia da tuberculose está ao alcance do povo e que decretadas medidas rigorosas muito lucrará o paiz sob varios pontos de vista.

Se diminuindo a mortalidade geral da França, diz Rochard, de um decimo obtem-se annualmente uma economia de **165 milhões,** o que diremos em relação ao Brasil que tenta povoar seo vasto territorio gastando rios de dinheiro com a immigração destinada a desenvolver suas multiplas riquesas naturaes?!!

É de um effeito acabrunhador a estatística que abaixo reproduzimos referente à Capital Federal até o anno de 1894.

Febre amarella	(1850 á 1894)	obitos	48.916
Variola	(1859 á 1894)	"	21.443
Tuberculose	(1860 á 1894)	"	69.497
F. typhoide	(1866 á 1894)	"	4.893

Raciocinando sobre estes algarismos fica-se pasmo da extraordinaria mortalidade devido a tuberculose em menor espaço de tempo que outras affecções.

Entretanto o que tem feito o Governo para melhorar a sorte do proletariado (a classe mais soffredora,) esses obreiros obscuros do engrandecimento da Patria?!

E ja Aristoteles considerava a tuberculose uma affecção contagiosa!

O medico não deve mais ter acanhamento em expôr aos que cercam o tuberculoso os innumeros perigos que apresenta a inffecção e os meios de obvial-a. Do contrario não satisfaz em completo sua nobre e humanitaria missão.

Para maior claresa e aproveitamento do que fica exposto com toda convicção e cuidado, vamos fazer uma synthese salientando os preceitos da prophylaxia.

1.° A tuberculose apesar de ser uma das molestias mais espalhadas é **evitavel.**

2.° A dessiminação da tuberculose é proveniente dos escarros do doente. Todo escarro feito em pó espalha a tuberculose, por isso o doente deve escarrar em vaso contendo agua.

3.° A escarradeira deverá ser lavada cada dia mettendo-se-ha em agua fria que será elevada ate a ebulição. O conteudo das escarradeiras deve ser lançado em fossa sujeitas a desinfecção diaria.

4.° Destruir pelo fogo, ou manter 40 minutos em agua fervendo as roupas do tuberculoso.

5.° Não usar o leite de vaccas suspeitas sem previa ebulição.

6.° Isolar quanto possivel o tuberculoso que em geral detesta os cuidados prophylaticos e os preceitos hygienicos.

7.° Desinfectar o aposento por meio da cal, do sublimado, e, sendo possivel, por meio de fumigações sulfurosas.

8.° Evitar tenazmente o casamento do tuberculoso e não sendo possivel tal medida ao menos prohibir o aleitamento materno, escolhendo **ama** sadia e isolando o recem-nascido do contacto dos paes.

9.° Desenvolver as cavidades splanchnicas e aconselhar a gymnastica respiratoria ás pessoas prodispostas e nascidas de paes tuberculosos.

10.° Em fim, destruir todos os productos tuberculosos provenientes do homem e dos animaes.

INFLUÊNCIA DA GRAVIDEZ SÔBRE AS DOENÇAS DO CORAÇÃO. (*)

> ... ce sujet, dont l'interêt est considérable, dépasse de beaucoup l'importance d'une simple étude clinique.
>
> ...une des questions les plus graves sur lesquelles le médecin puisse étre appelé à donner son avis.
>
> (**Jaccoud.** Leç. Cl. 1886-87).

Esta questão de notável relevância, quer sob o ponto de vista social, tem merecido a atenção de profissionais eminentes. Baseado em observações criteriosas de mestres ilustres e apoiado em fátos colhidos em nossa clínica, pretendemos trazer um pequeno contingente em pról da solução do magno problema **— da influência da gravidez e do esforço muscular sobre as cardiopatias.**

O draconiano aforismo de Peter: "Fille, pas de mariage; femme, pas de grossesse; mêre, pas d'allaitement", em relação a uma parte do assunto que vamos abordar, deve ser hoje considerado de excessivo rigor.

Barié (**Therapeutique des maladies du coeur et de l'aorte**) diz: "... des faits assez nombreux montrent que la grossesse a pu évoluer assez souvent sans accident notable. Le danger de la grossesse est réel, mais n'entraine point fatalement des conséquences graves pour la femme atteinte de maladie du coeur".

A severidade do conceito de Peter não se coaduna, como pretendemos deixar patente, com o resultado assás favorável de múltiplas observações clínicas.

(*) Memória apresentada à Academia Nacional de Medicina, em 1899, com o qual obteve o título de membro correspondente. — Rio de Janeiro, 1899; Tip. Bernard Frères.

Mostraremos que é mais prejudicial á cardiopata o esforço muscular enérgico do que a prenhez com todas as suas conseqüências. E neste ponto bem se poderá lobrigar algo de original em nosso despretencioso trabalho.

* * *

Entre as modificações que experimenta a massa sanguínea durante a gestação, sobresae, no tocante á méta que fitamos, a pletora serosa ou hidremia. O volume total do sangue é sensivelmente maior em consequência do aumento da quantidade d'água. Como efeito imediato deste áto nota-se — exageração da tensão vascular, filtração através dos capilares de uma certa quantidade de serosidade produzindo tumefação geral dos tecidos. Além dessa infiltração geral, o aumento da massa total do sangue traz dois resultados bem notáveis: — 1.° predisposição as hemorragias (epistaxis, hemoptises, etc.); 2.° perturbação funcional de certos órgãos, em particular do coração, ocasionando sua hipertrofia e dilatação (Auvard). Temos, pois, dois fatores importantes que ocorrem durante a gravidez: — Aumento da massa total do sangue e hipertrofia do coração.

O aumento do líquido sanguíneo, inutil á mulher, é providencial ao féto, que dele tira o material de sua hematose (Peter) e de sua nutrição. Esta quantidade de sangue, absolutamente "adventícia" em relação ao organismo da mulher, sobrecarregando o volume de sangue próprio e indispensável ás suas necessidades, dá em resultado um excesso de trabalho por parte do coração, que indubitavelmente experimentará notáveis modificações.

Foi Larcher, ilustre médico de Passy, que em 1826 fez menção destas modificações, em uma memória que só foi dada á estampa em 1857. Larcher demonstrou que a hipertrofia do coração é a consequência fatal da gestação. Letulle, em 1879, verificou a dilatação desse órgão e em particular do coração direito e não sua hipertrofia. Ducastel, em 1888, encontrou em três autopsias duas vezes hipertrofia e uma vez dilatação.

Estes diferentes resultados, diz Auvard, provam que a hipertrofia cardíaca (coração direito) existe, mas não é constante.

Constantin Paul e os alemães, diz Grasset (Liç. de cl. med.

— 1895-1898, pág. 790), contestam esta lei de Larcher, baseada em 130 autopsias — o coração na espécie humana é normalmente hipertrofiado durante o período da gestação.

Parece assás lógico que acrescida a massa total do sangue durante o gravidez, o coração é condenado a uma hiper-atividade funcional, que o levará fatalmente a uma hipertrofia, tanto mais notável quanto mais próximo estiver o têrmo da prenhez. O músculo cardíaco, em tais casos, vê-se obrigado a pôr em ação a reserva da força potencial que lhe permite superar dificuldades embaraçadoras de seu funcionalismo. É necessário que essa força, variável até certo ponto em cada indivíduo, atinja limites amplos, para que o coração baste a satisfazer duas circulações, em que a quantidade de sangue vai aumentando á proporção que aumenta o volume do produto da concepção e suas necessidades.

Admitido o fáto da hipertrofia e aumento da massa total do sangue, o que se verifica em uma cardíaca em pleno período de gestação? Em alguns casos tudo corre placidamente como se não existisse a lesão; em outros nada mais se observa senão algumas palpitações e ligeiras dispnéas; outras vezes, principalmente em casos de insuficiência mitral, observa-se o seguinte: — o sangue, impelido com mais energia, reflue em maior quantidade para a aurícula através o hiato, — com mais energia, em consequência da hipertrofia do ventrículo e em maior quantidade, porque aumentada está a massa total do sangue. Pouco a pouco (da aurícula esquerda nas veias pulmonares e destas nos vasos capilares da hematose) produz-se uma estase sanguínea em todo o território da circulação pulmonar, por excesso de pressão retroativa e superabundância de líquido. E como corolário destes fátos podem facilmente sobrevir hemorragias brônquicas e, sobretudo, acidentes gravíssimos, ocasionados por largas congestões pulmonares. Estes acidentes cardio-pulmonares fôram magistralmente descritos por Peter, que verificou aparecerem eles de preferência durante o quinto mês da gravidez, em perfeita conexão causal com o aumento da massa do sangue e maior volume do féto.

Diz Peter que a tensão vascular, crescendo rapidamente no sistema da pequena circulação, produz uma pletora mórbida que agrava a pletora fisiológica da prenhez, dando lugar a acidentes pulmonares fulminantes.

Hecker atribue os acidentes pulmonares do têrmo da gravidez ao embaraço respiratório nascido do recalcamento do diafragma pela massa utérina e aos esforços empregados no áto do parto.

Barié e Durozier ponderam, com acerto, que os acidentes não são circunscritos aos pulmões, pois sendo o coração forçado a um trabalho exagerado, para pôr em movimento massa mais considerável de líquido, fatiga-se naturalmente, e o resultado é o aparecimento de palpitações, dispnéa e a subsequente agravação da cardiopatia.

* * *

Foi Peter, em 1864, o primeiro que publicou notáveis observações a respeito da influência da prenhez sobre o coração, visando exclusivamente os fenômenos ocorridos para o lado dos pulmões. Este ilustre professor não se havia preocupado até então de outras perturbações que soem sobrevir para o lado do útero e do féto.

Em 11 de outubro de 1873 Durozier fez uma comunicação á Sociedade de Medicina de Paris, que póde ser resumida da maneira seguinte: "A existência de uma moléstia do coração retarda o aparecimento da menstruação. A esterilidade é frequente, não é raro o parto prematuro. Não só o féto como a gestante correm o perigo emanado da lesão cardíaca, o primeiro mais que a segunda. É difícil dar uma resposta decisiva á consulta sobre o casamento de uma moça portadora de lesão cardíaca. No caso de acidentes graves em conexão íntima com a prenhez, deve-se pensar em praticar o parto prematuro e mesmo o aborto" (Durozier, **Mal. du coeur,** pág. 392).

No mesmo ano o Dr. Budin, referindo-se á observação de vários casos, diz: "nest-il pas permis de se demander si les affection cardiaques n'ont pas a leur tour une action réciproque sur le developpement de la grossesse et si dans certains cas, rares sans aucun doute, elles ne sont pas la cause de l'avortement et de l'accourchement prématuré?"

Budin e Durozier palmilharam a mesma senda, com a diferença de ter o último resolvido categoricamente o problema deixado em observação pelo primeiro.

Em 1874 Peter traz novo subsídio de observações para elucidar o tema, assinalando desta vez a frequência do aborto e do parto prematuro. As conclusões práticas que promanam das ponderações de Peter são saturadas de um rigorismo sombrio. Ei-las: "as moléstias crônicas do coração, sobretudo as afecções mitrais, devem ser consideradas sérios obstáculos ao casamento das moças. Quanto mais antiga fôr a cardiopatia, maior o perigo a temer, mórmente tendo ela já se manifestado por perturbações funcionais (palpitações, dispnéa, edema). Si efetuar-se o casamento, apesar dos empecilhos, e sobrevier a gestação, é necessário a máxima cautela — evitar todo excesso de trabalho e esforço muscular, que viriam repercutir fatalmente sobre o coração. Tendo lugar o parto — proibir a mãe de amamentar o filho. Enfim, envidar esforços no sentido de evitar nova gestação".

Leyden concorda com as reflexões de Peter e subscreve as seguintes conclusões: "proibir o casamento das mulheres afetadas de cardiopatias crônicas; evitar a repetição das gestações; praticar sem tardança o aborto si os acidentes de compensação tornaram-se graves (dispnéa, hidropsia, adinamia rebelde, etc.)".

Berthiot e Casanova, inspirados nos sugestivos trabalhos de Peter, concluem no mesmo sentido, senão de um modo categórico, pela interdição do casamento.

Lohlein e Beaumel, baseando-se em observações próprias, se mostram, como diz Jaccoud, — infiniment moins sévères. — Esta severidade, excessiva no tocante á interdicção do casamento, já o dissemos, não está de perfeito acôrdo com alguns fátos que temos observado, onde tais fenômenos, que mantêm estreita conexão causal com a gestação, têm corrido placidamente.

É indubitável que médico algum criterioso aconselhará o casamento a um cardiopata, tendo sua lesão dado lugar, em épocas anteriores, a acidentes graves de asistolia, mórmente não podendo eximir-se a paciente de trabalhos afanosos durante a prenhez. O fáto seguinte é muito instrutivo e patenteia que nem sempre os nossos conselhos são acatados e seguidos.

E.S., de 15 anos de idade, pobre, portadora de gravíssima lesão mitral dupla, veiu a esta cidade tratar-se de acidentes

mórbidos ligados á insuficiência cardíaca. Aqui passou a enferma dois meses, em estado tão grave, que ouvimos do erúdito clínico Dr. Manoel Pedro a opinião de não lograr a doente escapar a morte. E era esta a nossa persuasão em face da intensidade dos acidentes (cianose pronunciada, dispnéa intensa, palpitações violentas). Tudo nos levava a esperar o desenlace fatal em bréve lapso de tempo; entretanto, após dois meses de luta sem tréguas, conseguimos triunfar de tão pertinaz inimigo — a asistolia com toda a hediondez de seu sequito.

Voltaram, satisfeitas sem tardança, mãi e filha aos seus penates.

A lesão dupla mitral não se havia modificado, — lá estava ela ainda, grave e ameaçadora, esperando o primeiro desvio de regimen para desencadear o torturante cortejo funebre. E. S. passava bem, engordava e já sentia-se apta para executar alguns trabalhos domésticos. Decorridos alguns meses, fômos em nosso gabinete, á sorrelfa, interrogados por um jovem, sádio, robusto e pobre, sobre o estado de saúde de E.S., — si já estaria restabelecida completamente dos incomodos que a levaram á borda do túmulo. "Não está restabelecida, respondemos com firmeza, e si casar (estava claro o intuito da pergunta), não levará a têrmo a gravidez e morrerá em pouco tempo, atormentada pelas maiores angústias que imaginar se póde. Á mãi de E. S. fizemos judiciosas ponderações a respeito de sua filha dileta. Tudo em vão, — poucos meses depois estava E. S. casada e não tardou a se apresentar gravida, sendo obrigada a sujeitar-se aos mistéres de um modesto lar. Abortou sem grandes sofrimentos e, um ano mais tarde, tendo passado privações e experimentando grandes emoções, tornou a engravidar, vindo a sucumbir no curso da gestação em franca asistolia, torturada pelos mais comovedores sofrimentos.

Em compensação tratamos de uma senhora que so depois de 3.º parto, sem acidente algum, começou a sentir que **tinha coração.** Temos motivos para acreditar que já era cardíaca antes do casamento e, apesar de não levar uma vida tão calma e cercada de confortos, como era mistér, não tem até hoje sofrido as consequências de sua lesão; entretanto, ela é portadora de uma insuficiência mitral bem manifesta, capaz de ser diagnosticada por um ouvido pouco educado nas minucias este-

toscópicas. Si esta senhora fosse constrangida a ficar solteira, com receio de agravar a lesão cardíaca, já teria sido vítima dos acidentes graves da cruel asistolia ou se encontraria em mais louváveis condições!? Nada de positivo póde o médico conciencioso e prescrutador de assuntos tais afirmar perentoriamente. É de supor, todavia, que a enferma, si ficasse solteira até agora, não apresentaria estado mais lisongeiro que aquele em que ela se acha atualmente, tendo suportado triunfantemente o terceiro parto.

Quem nos dirá que a proibição de um enlace, afagado por longas e suaves noites de vigilia, que o sossobro de uma esperança fagueira, que embalava em doce enleio os anhelos de uma jovem amorosa, não venham repercutir mais desastrosamente sobre o coração enfermo do que o casamento?!... A decepção, que em tais casos constitue para a repudiada do himeneu uma emoção deprimente e prolongada, vai sem tréguas exercer sua influência maléfica sobre o funcionalismo do órgão central da circulação, que não trabalha em estado hígido.

É assás conhecida a grande sensibilidade do coração á influência psíquica e moral. Corvisart consagrou a esta conexão causal entre as afecções morais e as moléstias do coração uma página eloquente, que ficou clássica nos anais das cardiopatias. O coração, diz Peter, "est l'aboutissant de toutes les emotions".

A senhora a quem nos referimos acima, disposta como se acha a seguir, sem discrepância, os conselhos médicos, poderá por longo tempo carregar seu coração enfermo, sem expor-se aos terríveis efeitos da insuficiência do miocardio. Uma vida agitada por trabalho muscular apressa nimiamente o epílogo deste drama patológico.

Si a cardíaca é obrigada a **viver pelo coração**, empregando esforços musculares enérgicos e sofrendo emoções violentas, o coração cairá extenuado na liça em curto lapso de tempo.

Acreditamos que o trabalho muscular forçado causa muito maior mal ás cardiopatas que a gestação conduzida pela pauta de cauteloso regimen. O exemplo seguinte apresenta algum valor: F. M., cardíaca (insuf. mitral), ficou grávida um ano depois de casada e, passando vida tranquila, levou a gravidez até o 7.º mês. Nesta época, entregando-se desenfreadamente a exer-

cícios musculares forçados, abortou sem acidente notável. F. M., graças a seu gênio irriquieto, ao ardor insolito com que entregava-se a tudo que era diversão, principalmente a dança, por mais de uma vez experimentara os estrangulantes acidentes da asistolia. Chamado um dia a sua presença, encontramo-la em estado precário: — grande dispnéa, violentas palpitações, hemoptises, etc. Poucos dias depois serenava a borrasca e a doente já pensava em atirar-se sofrega aos braços do prazer. Dissemos então á enferma que, si continuasse surda aos conselhos da ciência, não fruiria por longo tempo os encantos que lhe despertava a existência, pois uma síncope ou manifestações graves da asistolia poriam têrmo a sua vida. Si, porém, seguisse outra róta, dando tranquilidade ao coração, economizando as forças do miocárdio, podiamos garantir-lhe uma existência mais ou menos longa, sem grandes perturbações.

Nossas previsões não falharam.

Já tinhamos escrito as linhas supra, quando passamos pelo desgosto de acompanhar o desfilar sómbrio e comovedor do cortejo sintomático da asistolia, vindo a sucumbir a doente após alguns dias de sofirmento, estrangulada por asfixia atroz, torturada por uma anasarca esmagadora.

Si esta cardiopata engravidasse de novo, e tivesse todas as cautelas necessárias durante a gestação, é bem provável que o coração resistisse ás exigências de novos encargos sem baquear, pois na primeira e única prenhez passara perfeitamente bem todo o tempo que em socego conservou-se em casa.

Entre alguns casos registrados em nosso canhenho destacamos o supracitado, por têrmos acompanhado as peripécias da enfermidade, podendo assim verificar por longo tempo que a placidez da existência trazia um grande bem estar á enferma, ao passo que um desvio de regimen perturbava imediatamente o equilíbrio cardíaco, trazendo notáveis sofrimentos e por fim a morte da doente.

Também a doente de Jaccoud (Cl. Med. 1886-87, página, 228), desenvolta em seu viver, tendo-se apresentado à enfermaria em estado lamentável, submeteu-se aos sábios conselhos do ilustre professor e começou desde logo a passar tanto mais aliviada de seus incomodos, quanto mais adeantada ia a gravidez em sua marcha.

Examinamos, há cinco anos, de passagem, uma senhora que acusava perturbações, embora leves, em quasi todas as partes do corpo, exceto no coração; entretanto, era para o lado deste órgão que estava a séde de sua lesão, que, por compensada, não produzia acidente de gravidade. Não pudemos saber de que tempo datava a afecção aórtica de que era afectada, mas sabemos hoje que ela já teve um filho em condições lisonjeiras, e, como ela segue cuidadosamente os conselhos médicos, é provável que continue adormecida a sua lesão. Esta senhora tem sua residência muito distante desta cidade e por esse motivo não nos foi possível completar tão importante observação.

Estudos acurados, observações numerosas, baseadas em dezenas de casos, vão paulatina e eloquentemente demonstrando que Peter e seus sectários não têm inteira razão, proibindo terminantemente o casamento em todos os casos de cardiopatias.

* * *

Como valiosíssimos documentos em pról do nosso modo de pensar, isto é, que nem todas as cardiopatas devem ser condenadas ao celibato, devemos lembrar os interessantes estudos de Vinay na Maternidade de Lion, as notáveis observações de Jaccoud na Pitié e o eloquente caso de Mayer referido em Aix-la-Chapelle.

— Vinay concluiu de suas pacientes observações que exagerada tem sido a influência desfavorável atribuida á gravidez; essa influência é muito menos acentuada do que ordinariamente se supõe.

Durante os anos de 1891 e 1892, Vinay (**Sem. Méd.**, 1893) auscultou invariavelmente todas as mulheres que viram-se nas contingências de procurar a maternidade de Lion.

Em um total de 1.700 mulheres, Vinay encontrou 29 casos, isto é, 1,70% de cardiopatias diversas. A lesão observada com mais frequência foi o estreitamento mitral, que existia onze vezes isoladamente, sete vezes acompanhado de insuficiência da bicúspide e uma vez de insuficiência aórtica.

Nesta série de 29 observações a gravidez correu sem acidente 18 vezes. Em 3 casos ocorreram moléstias acidentais;

em 4 apareceram edemas dos membros inferiores; emfim, em 4 casos sómente notou **Vinay** a repercussão desfavorável da prenhez sobre a lesão cardiaca. O parto efetuou-se a termo em 23 casos, sendo um duplo. Em 5 casos sómente verificou-se o parto prematuro, sendo 2 destes casos de gravidez dupla.

De posse destes dados de alta relevância, quer pelo numero respeitável dos casos, quer pelo resultado colhido, **Vinay** deduz conclusões de grande valor.

Ele divide as cardiopatias das mulheres grávidas em 3 grupos distintos:

1.° — afecção cardíaca latente antes da fecundação, durante a gestação e após o parto e puerperio. Os casos filiados a este grupo são bem mais numerosos do que geralmente se acredita;

2.° — as funções do coração são de leve perturbadas, e pela primeira vez durante a gravidez. Neste caso ainda é favorável o prognóstico da lesão, como mostra **Vinay;**

3.° — casos em que sobrevêm os acidentes gravido-cardiacos de grande gravidade.

As conclusões que comportam os fatos constatados por **Vinay** são as seguintes:

O casamento e a maternidade podem ser, atentas as condições de cada caso particular, ora permitidos, ora proibidos.

Podem ser permitidos, com alguma restrição, tratando-se de afecções cardiacas bem compensadas, não havendo albumina na urina e não tendo anteriormente aparecido acidentes gráves de asístolia. Deve ser proibido quando a doente já tiver sofrido de acidentes gráves da insuficiência cardiaca e a urina revelar albumina.

O prof. **Jaccoud** —, em uma lição feita em 1896 no hospital de la Pitié (Sem. Med. 1896, p. 357) —, pronunciou-se de um modo categórico sobre a questão que nos ocupa. Comentando a tão apregoada severidade de **Peter,** que arroteou o terreno e que explorou o problema, principalmente sob o ponto de vista dos acidentes pulmonáres, diz o eminente méstre: "cette interdiction me semble trop absolue, et si l'on considére par

exemple les cas de nôtre malade, on se rend compte que l'existence d'une cardiopathie ne constitue pas toujours une contre-indication au mariage, puisque la jeune femme dont nous parlons a supporté **sans aucun accident cardiaque trois grossesses** et une fausse couche. Il y a donc lieu, croyonsnous, de réserver sa réponse et d'admettre que, jusqu'à un certain point, le coeur malade peut tolérer la grossesse".

É perentoria a maneira de pensar do notável clínico, que já em 1886 sustentava convictamente a mesma opinião, como vamos certificar.

Em rápido resumo vamos, pois, recordar a história clínica da doente que motivou a memorável preleção (**Liç. de Cl. Med. — Pitié** — 1886-87, pag. 222).

De janeiro a junho de 1885 esteve em tratamento (sala **Laennec**) uma jovem de 17 anos de idade, que entrara para a enfermaria com palpitações cardíacas e dispnéa quasi continua. O exáme patentou uma estenose mitral. Os dois pulmões eram a séde de intensa congestão, que ocupava toda a metade inferior.

A cardiopatia sobreviera em consequência de um violento insulto de reumatismo articular agudo. Em 1883 foi a paciente acometida de abundante hemoptíse; em 1884 teve ainda alguns escarros de sangue. No fim de 6 mêses, tempo em que permaneceu sob os cuidados do grande clínico, a doente sentiu-se livre de todos os acidentes mórbidos e a restauração das forças era assás satisfatória, não obstante persistir imutável a lesão mitral.

Deixando o hospital, a enferma prometera seguir as prescrições ditadas por **Jaccoud,** que teve o cuidado de fazer especial recomendação no sentido de evitar a maternidade.

Ainda um ano não havia decorrido e de novo volta ao hospital a doente, acabrunhada por accidentes alarmantes e no setimo mês de gravidez. Apesar da ação perturbadora da gestação, os síntomas ostentavam-se perfeitamente iguais aos da época anterior: — opressão constante, pulso pequeno e miserável, signais estetoscópicos exatamente semelhantes, congestão pulmonar bilateral. Diz **Jaccoud:** "L'ensemble symptomatique était donc de tous points le même que l'année précédente". A

diferença única estava em que a congestão pulmonar era menos extensa que em anterior insulto de asístolia.

O estado do coração era exátamente o mesmo que durante a sua primeira estada no hospital, não sobrevindo acidentes novos imputáveis à gestação.

Jaccoud submeteu a enferma a um regimen sevéro, e rápidamente transmudou-se o estado da paciente. "Grâce à l'influence bienfaisante (diz **Jaccoud)** du repos absolu, on peut dire vraiment que son **état s'est amélioré mesure que la grossesse avançait vers son terme".**

Esta observação tem um valor excepcional, atendendo à feliz coincidência de ser cautelosa e longamente examinada a paciente antes da gravidez, de maneira a ficar o abalisado clínico em condições de bem aquilatar a influência da gestação sobre a cardiopatia "... il est évident que cette influence a été littérallement nulle", diz **Jaccoud.**

De fáto, a doente não apresentou alteração para o lado do orgão central da circulação; não acusou acidentes novos; o estado pulmonar atual é menos gráve que da época precedente; nem mesmo deve ser imputada à gravidez a estase pulmonar; pois o anterior, sem o concurso desse elemento subversivo, uma estase mais pronunciada teve lugar, sob a responsabilidade única da lesão cardiáca.

Em suma, diz **Jaccoud:** "... quant à l'influence réciproque de la grossesse et de la maladie du coeur, elle a été, je le répète, **absolument nulle".**

A doente deu à luz sem acidente notável, ficando dest'arte plenamente confirmado o prognostico de **Jaccoud** — "... en ce qui concerne le coeur, vous voyez que l'accouchement n'a pas eu sur lui plus d'influence que la grossesse".

A enferma deixou o hospital em excelentes condições de saúde, tendo as forças restauradas, livre da congestão pulmonar, etc.

Um ano mais tarde, diz **Jaccoud,** "cette femme, qui avait repris **sa vie de désordre,** est venue mourir dans nôtre service...".

É bem significativo este fáto, que confirma plenamente nossa asserção de ser a prenhez menos prejudicial ás cardiopatas que os esforços musculares energicos.

A doente, apezar dos gráves acidentes que a obrigaram a buscar o hospital, foi vencendo as desordens circulatórias, á proporção que a gravidêz completava seu ciclo; entretanto, logo que furtou-se ás vistas do professor, divorciando-se de seus conselhos, não obstante ter-se libertado das perturbações anteriores, não tardou, deixando o hospital, de pagar duro tributo à vida desenvolta que levava.

A gravidêz não obstara a que se restabelecesse ao beneficio influxo do repouso, ao passo que **la vie de désordre** arrastou-a precipite para as arcanas profundezas do tumulo.

— Vem de molde transportar para estas toscas páginas o seguinte fáto, observado e relatado por **G. Mayer,** na erudita preleção feita em 29 de abril de 1880 e brilhantemente traduzida e apostilada pelo eminente professor **Dr. Francisco de Castro,** uma das mais fulgentes glorias da medicina brasileira.

"Uma moça em idade de 15 anos, depois de grave reumatismo agúdo, acontecido em 1872, foi afetada de uma lesão mitral tão rara que, até anos mais tarde, ouvia-se o ruido de sôpro forte cobrindo totalmente a primeira bulha, não só na sua séde normal, senão tambem sobre a correspondente superfície da parede torácica posterior. A pacíente a quem perdi de vista durante longo tempo, ha cinco anos casou-se com um viuvo; desde então, em sua vida particular, entrepassou peripecias bem pouco invejáveis, deu à luz quatro filhos, e demais destes teve de dispensar cuidados maternais a diversos filhos anteriores de seu esposo; apezar de tudo, pelos reiterados exames a que submeti aquela senhora desde 1878, posso com segurança dar testemunho de que os símptomas objetivos da insuficiência mitral estavam quasi sem vestigios; apenas reconheci uma impureza mínima do primeiro ton na ponta, sem fáto algum alheio ao estado hígido do coração".

Neste caso, não só a gestação deixou de ser a causa eficíente de acidentes lamentaveis, como até consentiu que a lesão marchasse, sem embargo, para a cura.

— A seguinte observação, importante sob vários pontos de vistas, vem sufragar eloquentemente nosso modo de pensar sobre o magno problema que temos perlustrado.

A 25 de junho de 1895, pela madrugada, fômos chamado com urgencia para prestar os serviços de nossa profissão à Exma. Sra. M. F., casada de 36 anos de idade. De passagem por este Estado, M. F. estava morando em uma fazenda, que dista 24 kilometros desta cidade e onde chegamos as 8 horas da manhã.

Em um golpe de vista pudemos notar que a doente apresentava os lábios cíanoticos, tinha díspnéa, indicando o abatimento estampado em seu rosto uma noite mal dormida.

Procedendo a um exame cuidadoso, verificámos notável arítmia cardiaca, sôpro duplo no fóco mitral, ligeiro sôpro sístolico no apendice xifoide.

Nos pulmões, principalmente no direito, parte média e inferior, eram percebidos estertores sub-crepitantes. Mãos e pés frios, anhelação ao menor esforço no leito, tosse e expetoração fácil de mucosidades. Notamos que a violenta rajada que vergastara seu débil organismo havia passado, deixando sinais evidentes de sua intensidade.

Nos foi informado o seguinte: Á tarde do dia anterior (14 de junho) saíra M. F. a passeio a pé pelo campo em companhia da família. Ao regressar teve de empregar grande esforço muscular para galgar uma ladeira, chegando á casa em estado deplorável. "Fosse a casa um pouco mais distante e eu não a alcançaria", nos disse a doente. Sentia grande dispnéa, violentas palpitações no coração, angústia precordial e expectoração de um líquido róseo e espumoso, que saia em abundância pela bôca. Falando desta expectoração, repetia M. F., "era uma água espumosa, côr de rosa e um tanto salgada, que saia com grande facilidade".

Este estado de angústia, que parecia o têrmo da existência, durou pouco mais de meia hora, com grande intensidade, aplacando-se depois. Referindo-se aos transes que padecera, disse M. F., "contava certo não resistir á falta de folego, ao desespero do coração e á água que parecia me afogar".

Quando chegamos de manhã, uma calma relativa havia-se operado, e conseguimos verificar que a doente fôra afetada de **edema agudo congestivo do pulmão,** ligado á lesão cardíaca e tendo por causa ocasional o esforço da marcha. M. F. passou alguns dias escarrando sangue.

Desde essa época (junho de 1895) temos prestado nossos serviços a esta doente, cuja história clínica, interessante em mais de um ponto, vamos agora completar.

M. F., atualmente com 40 anos de idade, não tem sob o ponto de vista da herança fáto de interesse a relatar. Foi menstruada aos 12 anos. Não teve moléstia alguma de importância até o primeiro enlace matrimonial, que teve lugar em 1867, tendo ela apenas 13 anos de idade.

Há 20 anos, pouco mais ou menos, foi acometida de reumatismo poli-articular agudo, com notável edema das articulações, tendo passado mais de 20 dias em estado gravíssimo. Recorda-se a paciente que nessa ocasião o médico que a estava tratando dissera que o reumatismo havia afetado o coração. Desde essa época, tem notado que qualquer esforço muscular fatiga-a e produz-lhe palpitação cardíaca.

Teve do primeiro matrimônio três filhos sem acidente algum.

De 11 anos para cá notou que sua moléstia parecia acentuar-se de modo sensível, atribuindo esse fáto a dissabores que tem cortido.

É fóra de toda dúvida que nessa época já estava constituida a lesão orgânica do coração, consequência do reumatismo agudo.

Em 1889 M. F. realizou segundas nupcias, e o trecho de sua história clínica posterior a esta data, que muito nos interessa, está de perfeito acôrdo com o que nos informou o ilustre clínico Dr. Trevisani em carta que abaixo reproduzimos. Este cliníco examinou M. F. por ocasião da primeira prenhez, que seguiu-se ao segundo matrimônio, e esteve presente aos partos sucessivos, como se depreende da leitura de sua missiva.

A 28 de agôsto de 1890 M. F. deu á luz, após gestação sem acidente algum. Diz ela que sentiu-se muito bem disposta

durante a gravidez, que tinha muito apetite e até engordara sensivelmente. A enferma procura toda calma, evita qualquer emoção e esforços musculares, tendo ela própria verificado que tais excessos lhe são prejudiciais. O parto efetuou-se sem novidade alguma.

A 29 de outubro de 1891 teve outro parto, passando a gravidez com toda a regularidade, não sobrevindo acidente algum durante ou depois do trabalho da expulsão.

Alguns dias depois teve fortes palpitações no coração, atribuidas a sustos e emoções. Tendo-se convencido que o seu "incomodo do coração" não desaparecia e receiando que se agravasse com a idade, veiu até esta cidade em abril de 1892, confiando-se aos cuidados do ilustrado clínico Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, de saudosa memória, que verificou a lesão cardíaca.

Logo que aqui chegou teve um aborto de dois meses, devido á fadiga de longa viagem a cavalo.

Regressou M. F. alguns meses depois á sua terra natal, sem ter alcançado o restabelecimento almejado. Nesse tempo já não conseguia fazer passeios longos, sentindo tosse e grande palpitação. Começou então a pautar sua existência pela mais severa conduta: não toma chá da Índia, nem café, foge ás emoções, evita trabalho muscular fatigante, etc.

A 22 de dezembro de 1894 deu á luz pela última vez sem acidente.

Antes do parto, sem experimentar grande incomodo, expeliu alguns escarros de sangue. Diz a paciente: "o primeiro sinal que sinto de estar grávida é a grande disposição para comer e atividade para os trabalhos domésticos. Eu passo perfeitamente bem quando estou grávida".

Temos examinado cautelosamente M. F., que apresenta, além da lesão mitral dupla, uma insuficiência da tricuspide e notável hipertrofia cardíaca.

Para completar esta importante observação, vamos reproduzir a carta do Dr. Trevisani, que foi por longos anos o médico de M. F. e que de boa vontade nos forneceu as informações solicitadas.

Eis a carta:

"Meu distinto e estimado coléga. — Palmeira, 7-9-99.

Recebi vossa estimada carta, pedindo informações sobre as moléstias da Exma. Sra. D. M. F., minha cliente por longo tempo.

Com todo prazer vou satisfazer-vos, confiando principalmente em minha memória.

Quando conheci esta senhora, ela tinha se casado há pouco tempo em segundas nupcias (1888) e, nessa ocasião, diagnostiquei uma lesão mitral, dupla certamente, porque a insuficiência e o estreitamento desse orifício quasi sempre andam juntos. Esta lesão dupla é a consequência de uma reumatismo articular agudo, adquirido, creio, em tempo de solteira. Houve então a primeira gravidez, a qual percorreu todo seu curso sem acidente notável. Por ocasião do trabalho de parto sobreveiu a eclampsia e os acessos duraram até pouco depois do parto. Esta eclampsia desapareceu com o tratamento clássico para nunca mais voltar.

Na segunda gravidez, salvo algumas indisposições, tudo andou regularmente até o parto, que teve lugar com felicidade.

Uns dez a doze dias depois do parto sobreveiu um acesso forte de taquicardia.

Na terceira gravidez tudo correu sem acidente, salvo algumas palpitações cardíacas, produzidas por incomodos morais, devidos aos sucessos da revolução federalista. O parto foi feliz e eu prohibi a amamentação, achando-se ela anémica.

Em suma, existe uma lesão mitral dupla compensada, sem que tenha experimentado as consequências dos sucessos que acabei de expor. Quanto á eclampsia e á tarquicardia, creio, não dependeram da lesão, que não se mostrou agravada com a prenhez.

Á vista deste caso clínico, não nos deve amendrontar a terrível sentença de Peter: "Fille, pas de mariage; femme, pas de grossesse; mère, pas d'allaitement".

Assim, concluo que os exercícios musculares, ainda que **caseiros,** as impressões, os sustos que sofreu durante a quadra

revolucionária, têm sido muito mais prejudiciais á doente que as gestações.

Eis o que posso fornecer ao meu distinto coléga, que me honrou com sua carta. Do coléga am.° — **Trevisani".**

A carta do Dr. Trevisani vem confirmar de modo brilhante a nossa presunção de ser M. F. cardíaca ha 11 anos mais ou menos, tendo apesar de tudo atravessado três gestações sem perturbações sérias e suportado três partos sem acidentes de grande monta.

Esta observação, completa sob o ponto de vista da nossa labutação, sufraga ovante o téma — a gestação não é mais prejudicial ás cardiopatas do que o esforço muscular enérgico.

E como se póde explicar esse fáto, insólito á primeira vista, de ser a prenhez, com todas as suas tumultuárias conseqüências, menos prejudicial á cardiopata do que o esforço muscular enérgico?

O esforço muscular violento exige do coração um trabalho forçado e de súbito executado; este órgão é obrigado, sem um preparo prévio, que daria mais vigor às suas fibras musculares, a pôr em contribuição grande energia para corresponder aos distúrbios que ocorrem durante o trabalho muscular; ao passo que durante a gravidez o coração, que tem em reserva notável força potencial, vai paulatinamente preparando-se para a luta sem tréguas, vai robustecendo-se no esforço crescente e moderado, chegando a triunfar do trabalho que cada dia aumenta de exigência. No fim de certo lapso de tempo, sem grande abalo, sem grande fadiga, o órgão central da circulação está preparado para satisfazer a necessidade de duas circulações. Parece lógico que a ação lenta e contínua do trabalho cardíaco representa uma condição assás favorável ao miocárdio, para superar os gravames criados pelo aumento da massa sanguínea e da área circulatória. É muito mais favorável vencer seis quilómetros com a velocidade de 1/4 de légua por hora que vencer um só quilómetro, com a velocidade de 15 quilómetros por hora. No primeiro caso, os músculos que entraram em atividade ficam fatigados, extenuados, vencidos pelo magno esforço rapidamente empregado repercutindo as consequências fatais sobre o coração; ao passo que no 2.° caso o terreno é vencido

vagarosamente, sem pôr em ação grande energia muscular, não sofrendo o coração abalo sensível em seu poder dinâmico.

Temos em vista sómente o esforço violento que exige trabalho muscular de grande energia, porque a marcha moderada e o exercício muscular brando fazem parte do método de Oertel e da ginástica sueca criada por H. Ling, de Stockolm, meios estes que têm dado, principalmente o último, brilhantes resultados na terapêutica das cardiopatias.

Não há dúvida, mesmo no estado hígido do órgão, que o trabalho muscular enérgico dá em resultado a **surmenage** cardíaca, perfeitamente demonstrada em 1890 por Schott (de Nauheim) e confirmada por Leyden, Frantsel e Churschmann. Em março dle 1897 (**Sem. Med.** 1897, pág. 105), de novo Schott verificou o fáto, fazendo indivíduos robustos e sádios executarem grande esforço corporal. Cessada a dispnéa proveniente do trabalho muscular, surpreendeu este experimentador "uma dilatação do coração interessando sobretudo o ventrículo esquerdo e, em alguns casos, a distenção das aurículas". Muito diverso é o escopo atingido pela ginástica sueca, que facilita o trabalho do coração, aumentando sua força contratil e diminuindo as resistências periféricas.

Para alcançar este **desideratum** é indispensável que as contrações dos músculos sejam suaves e só aumentadas lentamente.

Assim procedendo, o coração liberta-se com mais facilidade do seu conteúdo, suas contrações são mais completas, favorecendo a circulação e a nutrição do próprio miocárdio.

Cousa muito diversa se verifica, como indicamos, no caso do esforço muscular violento e prolongado: — do amplo distúrbio circulatório, que então ocorre, defluem naturalmente graves perturbações cardíacas.

* * *

Os casos que temos relatados, e parçamente comentado, são suficientes para mostrar ao clínico como deve ser cauteloso quando consultado sobre a influência que possa ter o casamento em determinada cardiopatia.

O prognóstico das diversas moléstias do coração, sob o ponto de vista do nosso estudo, tem sido objéto de largas controversias.

Assim, Porak é de opinião que a insuficiência aórtica bem compensada não deve impedir o casamento; entretanto, Mac-Donald diz que especialmente essa insuficiência deve constituir rigorosa contra-indicação, sendo menor o risco nos casos de insuficiência mitral.

Durozier, referindo-se à opinião de Porak, pergunta porque motivo não constitue interdição ao casamento a insuficiência aórtica compensada e sim a insuficiência mitral leve?

Em caso de lesões latentes, diz Durozier, o médico não será consultado e, si arriscar um conselho, passará pelo dissabor de não ser atendido.

No ponto de vista do aborto, parece mais grave a insuficiência mitral e mais benigna a insuficiência aórtica. No ponto de vista do parto, diz G. Sée, a estenose mitral é menos perigosa que a insuficiência.

É incontestável que há uns doentes em que o coração suporta sem grande abalo todas as modificações orgânicas da gravidez, ao passo que há outros em que ele precipita-se ao primeiro assomo da maternidade pelo plano inclinado da asistolia.

Ao médico compete tarefa de grande relevância e cheia de abrólhos, dar sem circunlóquios sua opinião quando consultado, traçando á enferma a conduta a seguir; salientando os preceitos higiênicos a satisfazer sem discrepância.

Devemos em tais contingências, como professa Jaccoud, distinguir dois grupos de casos:

1.° Grupo. A paciente é portadora de uma cardiopatia perfeitamente reconhecida, não tendo experimentado ainda as consequências de sua lesão. Neste caso não há motivo plausível para proibir o casamento, si o deseja a pessoa interessada. Não é lícito, entretanto, olvidar a posição social da doente, que deverá se colocar ao abrigo da necessidade de executar trabalhos fatigantes, principalmente após o quarto mês da gestação.

2.° Grupo. A paciente já tem sofrido de acidentes de asistolia, mais ou menos sérios, antes do casamento. Neste grupo,

devemos descriminar dois casos bem distintos: primeiro, a cardiopatia tem apenas ocasionado edemas passageiros e algumas palpitações cardíacas, acidentes estes de pouca gravidade e que nos autorizam a consentir no casamento; segundo, a lesão já tem dado lugar a perturbações cárdio-pulmonares graves, como em E. S., caracterizadas por grande dispnéa e hemoptises, elementos estes de subido valor para proibir a gravidez, principalmente havendo albumina nas urinas. Mesmo neste caso Jaccoud aconselha que se deve levar em grande consideração o efeito da proibição sobre a pessoa interessada e as condições em que a doente passará o período da gravidez.

As condições sociais e a posição doméstica da enferma devem pesar muito na balança das decisões, porque é fáto incontestável que exercem influência decisiva sobre as consequências da lesão cardíaca. Assim, bem acertado andaria, deixando de casar, uma senhora que, sofrendo de perturbações ligadas a insuficiência cardíaca, tivesse necessidade de empregar esforços musculares enérgicos para prover sua subsistência, ao passo que estando a enferma em condições de poder evitar toda a fadiga e emoções, outra deve ser a senda a trilhar.

Já indicamos que não há moléstia alguma que seja mais prontamente influenciada pelo esforço orgânico e pelas impressões morais do que as do coração.

O clínico não póde, pois, dar uma resposta uniforme em questão assim tão complexa, tão eriçada de dificuldades.

Um critério seguro, um exame detido das condições e da situação da doente, um estudo refletido do gráu da lesão e da força potencial do miocárdio devem guiar o médico em seu veredito.

CONCLUSÃO

Para finalizar este nosso desprentecioso trabalho, que teve por mira demonstrar com fátos bem averiguados que nem sempre a cardiopatia é motivo para interdição do casamento, sendo mais prejudicial á enferma o esforço muscular enérgico do que a gestação: corre-nos o dever de salientar algumas precauções, que deve tomar a cardíaca ao sentir-se gravida.

No começo da gestação deve fazer pequenos exercícios ao ar livre, sem que experimente fadiga. Sentindo lassidão, melhor será guardar o repouso.

Deve evitar, nos últimos meses da prenhez, todo trabalho muscular fatigante, submetendo-se desde o segundo ou terceiro mês da gravidez ao regimen lácteo mixto. O professor Jaccoud diz autorizar o casamento na ausência de acidentes cardio-pulmonares anteriores, desde que a paciente sujeitar-se ao regimen lácteo, quando grávida, tomando quotidianamente dois litros de leite.

A doente póde usar, com largas interrupções, pequenas doses de macerato de digitalis; deve acautelar-se contra os resfriamentos, evitar dissabores e fugir às emoções.

A grande sensibilidade do coração ás influências psíquicas é fáto reconhecido de longa data: — Corvisart admitia que as fortes emoções eram suscetíveis de produzir aneurismas ativos desse órgão; Bouillaud colocava as emoções entre os fatores etiológicos da hipertrofia e dilatação do coração; Beau dizia que causas puramente nervosas podiam provocar perturbações cardíacas mortais.

Em suma, **repouso, leite** e um pouco de **digitalis,** eis a tripode brilhante sobre a qual deve assentar todo o regimen profiláctico das cardiopatas que desejarem ser mãis.

Cidade da Lapa (Estado do Paraná), 23 de setembro de 1899.

A SUPER-ALIMENTAÇÃO NA TUBERCULOSE PULMONAR. (*)

Ce n'est pas se qu'on mange qui donne des forces, mais ce qu'on utilise (BOUCHARDAT).

... les excés d'alimentation contribuent puissamment á abréger la vie de l'homme, (BUCHARD).

La sur-alimentation est une erreur. Je l'ai conseillée. Je l'ai imposée, hélas! comme bien d'autres. Comme bien d'autres j'en suis revenu (P. PUJADE).

É tal a devastação produzida pela tuberculose pulmonar, é tal a difusão do germen causador deste flagelo dos tempos modernos, que esta moléstia constitue atualmente um verdadeiro problema social, — preocupando tanto o clínico, que nela enxerga um fator quasi constante da decadência orgânica, como os poderes públicos, que se interessam, que se desvelam pelo povoamento do sólo. O bacilo de Koch prolifera em todos os climas; não respeita sexo, nem idade; contamina desde as serras alcantiladas até as mais suaves planícies; exerce sua ação funesta desde a choupana do miserável até o palácio do nababo.

É um germen cosmopolita e igualitário.

É preciso que o esforço sinêrgico do médico, do govêrno e de todos os que acreditam nos valiosos recursos da higiêne moderna, levantem heróicas barreiras contra a propagação da mais devastadora das calamidades de nossa época e da mais curável de todas as moléstias crônicas. É preciso que se faça, com tenacidade, a educação anti-tuberculosa do povo, para que

(*) — Comunicação feita à Academia Nacional de Medicina, em 23 de maio de 1901. — Rio de Janeiro; Tip. Besnard Frères.

os preceitos profiláticos relativos a esta afecção penetrem ovantes em todas as camadas sociais e sejam postos em prática, com rigor, em todas as coletividades. Porque, desenvolvida a moléstia, senhora ela do órgão que caíu vencido na luta contra a infeção, quasi nada se póde esperar do tratamento terapêutico contra ela instituido.

E nesse ponto os clínicos os mais eminentes, os mestres os mais ilustres estão de perfeito acôrdo; pois, o único tratamento que hoje inspira confiança ao médico e que faz luzir fagueira esperança ao fimatoso é o tratamento racional de Sabourin — ar puro, repouso e super-alimentação.

É contra esta última parte do tratamento que pedimos venia para nos levantar, é contra a **super-alimentação** que vimos hoje perante a Academia lavrar o nosso protesto convicto e enérgico.

Em agôsto do ano passado publicámos, em um jornal do Paraná, vários artigos referentes á super-alimentação no regimen do tuberculoso; e, então, mostrámos os grandes inconvenientes dessa polifagia sistemática.

É sob este ponto de vista que vamos ter a honra de apresentar a esta douta Academia um pequeno trabalho, que representa a súmula de uma convicção, que cada dia mais se radica em nosso espírito, que cada dia mais se robustece ao influxo de novas labutações.

* * *

Apesar de ser a tuberculose moléstia distrófica, de ser o tuberculo "a expressão material de uma decadência do indivíduo", decadência resultante de perturbações nutritivas, protestamos contra o emprego da **super-alimentação,** aconselhada e até imposta com o fim de combater eficazmente aquela entidade mórbida. E nosso protesto, podemos desde já garantir, está escudado nas lições da clínica e nos ensinamentos da fisiologia e da patologia.

Sabemos que clínicos provétos e professores eminentes aconselham sistematicamente tal meio curativo, como precioso recurso no tratamento da tuberculose: — "L'alimentation abondante est le meilleur des remèdes, diz Daremberg...

Apesar de quasi isolado na arena científica onde se debate o magno problema da salvação do tuberculoso, sentimo-nos animados em protestar contra esta miragem sedutora.

É bem sabido que a alimentação, sob o ponto de vista da quantidade, póde ser: — **suficiente, insuficiente e excessiva,** deixando de parte a **inanição.** Ela é **suficiente** quando mantém o indivíduo em perfeito estado de equilíbrio orgânico, fazendo com que todas as funções da economia se exerçam regularmente. É **insuficiente** quando o alimento ingerido e utilizado não é proporcional ás despesas do organismo, ficando áquem dessa exigência. É **excessiva** quando a quantidade das substâncias ingeridas é superior á necessária. A este terceiro grupo dá-se o nome de **super-alimentação,** isto é, alimentação além do suficiente, além do necessário para o equilíbrio funcional do organismo.

É esta **alimentação excessiva** que a quasi totalidade dos clínicos aconselham como um excelente regimen para combater a tuberculose, quer o doente tenha apetite, quer não.

E é contra esta polifagia sistemática que vimos hoje protestar energicamente.

Não podemos negar que a alimentação suficiente é um dos grandes auxiliares na cura do fimatoso; " minha farmácia é a cozinha", diz Dittweiller; concordamos mesmo com a pitoresca frase de Daremberg: "L'estomac est la place forte de phtisiques, et l'alimentation leur grand moyen de défense"; mas negamos que a super-alimentação possa trazer reais e duradouros benefícios aos doentes.

Autores de grande saber repetem com aquele professor: **"Não se deve ter receio de fazer absorver pelos tísicos grande quantidade de alimentos".** Ainda mais: **"il faut suralimentar le malade de gré ou de force".**

Negamos a este regimen pantagruélico não só a ação eficaz sobre a evolução do tuberculo, como as honras que tem gozado na dietética do tuberculoso.

Para metodizar a sucinta exposição que pretendemos fazer de nosso modo de encarar tão importante questão, devemos indagar — primeiramente, a **origem do tratamento higiênico**

da tuberculose, depois, **o meio de pôr em prática a super-alimentação** e, finalmente, **o resultado clínico do método.**

Só assim poderemos, com algum proveito, fazer a crítica do regimen, mostrando que ele é de **execução difícil, ineficaz e até nocivo.**

Nasceu o tratamento higiênico da tuberculose com **miss Nightingale,**(*), enfermeira inglesa, que descrenta e cançada do uso dos medicamentos indicados para a cura da tuberculose pulmonar que a afligia, poz em prática um tratamento higiênico: — ar livre do campo e boa alimentação. **Henry Bennet,** ilustre médico inglês, tendo horror ao artritismo que podia caber-lhe por herança paterna, sujeitara-se a um severo regimen anti-gotoso, vindo a sofrer de tuberculose pulmonar — "la peur d'un mal le fit tomber dans un pire".

Sabendo **Bennet** do excelente resultado colhido por sua compatrióta que sofria da mesma moléstia entregou-se ao tratamento higiênico, conseguindo restabelecer-se de tão rebelde enfermidade.

Brehmer, médico alemão e tuberculoso, também conseguiu com o mesmo tratamento curar-se de sua afecção, e, em 1859, fundou o **Sanatório** de Goebersdorff, primeiro estabelecimento nesse genero.

Daremberg, outro exemplo eloquente de cura clínica da tuberculose pulmonar, publicou em 1892 o seu notável trabalho intitulado — **Tratamento da tísica pulmonar,** livro escrito com erudição e com ardor próprio de um redivivo.

Tão bem amparado, foi assim fazendo caminho e proselitos fervorosos o tratamento hígiênico da tuberculose pela triade—repouso, boa alimentação e ar puro.

Sendo a tuberculose moléstia ligada a profundas perturbações da nutrição, os clínicos que adotaram o tratamento **racional** envidaram todos os esforços no sentido de alimentar abundantemente os doentes, com o intuito louvável de neutralisar a influência dístrófica do tuberculo.

(*) — **Miss Flor. Nightingale,** nasceu em 1820 e faleceu em 1910 com 90 anos. — Nasceu por acaso em Florença, sendo seus pais de Londres. — Apesar de ligada à família imperial por laços de parentesco foi como enfermeira á Criméa (1854).

E com este objetivo foi **Debove** o primeiro, em 1878, que teve a idéa de utilizar-se do tubo de **Faucher** para a alimentação e super-alimentação dos doentes. A esta super-alimentação de **Debove** o Dr. **Mesnet** denomina **alimentação artificial** e **Bujardin-Beaumetz** descreve-a sob o nome vulgar de **gavage.**

Em 11 de novembro de 1881, **Debove** comunicou à Sociedade Médica dos Hospitais os primeiros resultados da sua experiência.

Alguns tísicos que se sujeitaram a este regimen experimentaram notáveis resultados, caraterisados pelo aumento do peso e da uréa excretada em 24 horas.

Depois, **Dujardin, Pinnel, Broca** e outros confirmaram a veracidade dos resultados obtidos por **Debove** quanto ao aumento de pêso dos tísicos, e a super-alimentação entrou franca e triumfante no regimen da tuberculose, sendo hoje aconselhada por quasi todos os médicos. No meio deste côro unisono em prol da super-alimentação vae-se hoje ouvir a nota dissonante do nosso protesto, julgando este regimen **impraticavel** por longo tempo, **ineficaz e nocívo.**

Impraticável. — Laborde, apezar de apologista da super-alimentação, diz que não é fácil o seu emprego, pois ela: "rencontre tant difficultés dans la pratique (Soc. de biologie — julho, 1900)". **Rendu,** referindo-se às consequências desse regimen, afirma: "cette augmentation de poids ne se maintien pas, parce qu'au bout de quelque temps **les malades perdent l'apetit et que tous les tentatives pour stimuler leurs fonctions digestive echouent** (Socied. Med. des Hopit. — 8 de junho, de 1900)".

De fáto, a anorexia é um síntôma quasi constante da tuberculose, fazendo com que o doente tenha até repugnância da comida. Diz **Dettweiler:** "plus le tuberculeux a besoin d'être alimenté, moins il a d'appétit." Em alguns casos é tal a aversão pelos alimentos que o doente fica condenado a uma verdadeira inanição, que agrava notavelmente o seu estado.

Nestas condições, os fervorosos apologistas da polífagia são obrigados a lançar mão da alimentação artificial de **Mesnet** ou da **gavage,** como a executa **Debove.**

Ora, além dos inconvenientes da **gavage** observados por **Desnos,** nem sempre ela é aplicável por motivo da grande sensibilidade do doente ou falta de perícia no manejo do tubo. Referindo-se a vários médicos que aplicavam a **gavage,** diz o professor **Barth,** em seu livro, — **Tratamento da tuberculose — página 100:** "ils n'ont pas tardé à abandonner le gavage la sonde oesophangienne étant pour la plupart des malades un suplice qui détruit absolument l'effet du traitement".

Assim, de um lado a inapetência, fazendo intolerável a alimentação pelo meios naturais, e de outro a dificuldade da alimentação artificial tornam o regimen impraticável na maioria dos casos.

Ineficaz. — No caso de conseguirmos vencer a anorexia pelos meios terapêuticos ou praticarmos a super-alimentação pelos meios artificiais, o que resulta da grande quantidade de alimentos no estomago? Pode acontecer que o doente sujeito a este regimen à **Savarin** e à **Briss** engorde e apresente até aspécto de vigorosa saúde; mas essa aparência de grande robustez é devida unicamente ao aumento do tecido adiposo e não a densidade de tecidos, e não a resistência da fibra muscular. É uma gordura mole e frouxa; não firme e sólida como era para desejar. **Ferrand** caraterisa bem este fáto com seguintes expressívas palavras: "ce n'es pas embonpointe qui résulte d'un acvroissement des muscles, ainsi qu'en témoigne l'affaiblissement des sujets. Ils gardent longtemps une certe adiposité plus ou moins molle, qui leur conserve une apparence de santé générale peu en rapport avec l'étendue et la profondeur des lésions dont leurs poumons sont le siége". Já hoje ninguem acredita na incompatibilidade entre o vigor aparente — a gordura — e a tuberculose pulmonar. **Peter** não tem razão, quando afirma, falando de uma sua doente: "évidemment cette dame n'est pas tuberculeuse; ce qui le démontre, indépendament de l'absence de tout signe physique, **c'est qu'elle a notablement engraissé".** E esta gordura, este aumento de peso, não tem a maior parte das vêses influência benéfica notável sobre a lesão, que prosegue fatal em sua faína devastadora.

Hayem, tratando da super-alimentação, escreve: "Malheureusement, dans tous ces essais, on a vu que, malgré l'engraissement, les signes physiques sont peu modifiés par la superalimentation, (Lic. th. 2.ª série, 1890)".

Em março do ano passado o prof. G. **Lemoine,** de Lille, publicou um notável estudo intitulado — **Les phtisiques gras,** e com a proficiência que lhe é peculiar demonstrou cabalmente que há tísicos gordos, isto é, indivíduos em que a tuberculose evolue sem causar emagrecimento. Ainda mais, diz o eminente professor: "il est de ces malades dont le poids augmente à mesure que la mort surprend alors qu'ils ont subi un véritable engraissement"(1).

Si o resultado almejado pelos apologistas da super-alimentação consiste em engordar o doente, acreditando que o doente que engorda é doente que se restabelece, e verificado que ha completa dissociação entre o estado local e o geral, como afirmam **Lemoine, Franck, Cornil, Hanot,** etc., onde está a eficácia do tratamento apregoado?!

Nocivo. — Não temos em vista justificar as palavras de **Flourens,** quando diz "L'homme se creuse un tombeau avec les dents"; mas vamos mostrar os inconvenientes do excesso da alimentação a que se sujeita o infeliz tuberculoso.

Peter já dizia (Cl. Med., 2.° v.): "il ne faut pas trop faire manger vos tuberculeux... Cette alimentation, volontairement, systematiquement excessive, à laquelle peuvent à peine resister des estomacs du Nord, a par effet... determiner d'abord une surcharge habituelle de l'estomac, acompagné de saburre, d'anorexie, de diarrhée alternat avec de la constipation... J'ai observé plusieurs cas de cette nature, sur des sujets, revenant de station oú on les avait soumis à **cette polyphagie de bonne intention et de mauvais effet."**

Si a alimentação insuficiente traz graves prejuizos para a nutrição do individuo, a super-alimentação acarreta tambem perturbações graves, salvo si o doente possue o estomago daquele enfermo, ao qual se refére **Peter,** quando critica um coléga da Germania: "Prescrite de manger, de fortement manger est d'un bon naturel; mais encore faut-il qu'on y ait l'estomac, un estomac d'Allemand."

A super-alimentação traz perturbações de duas ordens: em primeiro lugar, acidentes agudos, indigestação vulgar ou dís-

(1) **Marfan** diz ter visto doentes que vão emagrecendo progressiva e rapidamente, não obstante fazerem uso de copiosa alimentação (Tratado de Medicina — Bouchard e Brissoud (1901).

pepsia aguda; e depois acidentes mais demorados, sobrevindo em seguida à alimentação excessiva. **Schiff** explica nitidamente estes fátos, mostrando que a secreção do succo gastrico não é sempre proporcional à quantidade de alimento ingerido. Quando a alimentação é excessiva, o suco gastrico não póde exercer convenientemente sua ação e as substancias ingeridas atuam como corpo extranho, servindo de cultura aos micróbios (**Roger**); e, ora são regeitados pelo vómito, ora percorrem o tubo digestivo, provocando ectasías, cólicas, meteorismo e até a diarréa chamada dos principes.

Quando o estomago é complacente e consegue libertar-se do excesso do alimento, sem vómito, observa-se no fim de algum tempo fadiga excessiva das tunicas mucosa e muscular, além da irritação da mucosa do estomago e do intestino pela presença de substancias não peptonisadas. A infração da lei do repouso funcional do estomago, isto é, a repetição desses excessos dará lugar ao aparecimento de fenômenos díspepticos, caso já a díspepsia não tome parte no concerto patológico; pois é conhecido de longa data o papel importante que representa a díspepsia na semiologia da tuberculose. Diz **Hayem:** on saint qu'assez souvent ces troubles sont des manifestations precoces; qu'ils peuvent pour ainsi dire être premonitoires."

G. See designa o conjunto dessas perturbações gastro-intestinais sob o nome de tísica latente díspeptica, e **Marfan** sob o nome expressivo de syndroma inícial. Sendo a díspepsia uma das manifestações mais precoces da tuberculose, é claro que a super-alimentação virá agravar essa perturbação, contra a qual luta com teimosia o médico concencioso(2).

Em suma, si em um estômago em estado hígido a super-alimentação é capaz de produzir, além de outros inconvenientes, a dispépsia com todo o seu cortejo sintomático, com sobra de razão será gravame deplorável em um estômago já doente. Assim, a triade de Sabourin deve ser: ar puro, repouso e **alimentação suficiente.**

Esta é a nossa opinião, leal e convictamente explanada, e estamos convencido que muito bréve essa polifagia de boa

(2) **Marfan** (doc. cit.) diz que nos dispépticos a super-alimentação, ou não é tolerada, ou não produz benefício algum, quando aceita pelo doente.

intenção e de máu efeito, na frase de Peter, será completamente regeitada para felicidade do fimatoso.

E nota-se já que o grande entusiasmo de muitos clínicos, apologistas da alimentação excessiva, tem arrefecido consideravelmente.

Assim, Dettweiller (de Falkenstein), médico do mais famoso sanatório da Europa, donde apregoa-se o maravilhoso resultado da super-alimentação sistemática, disse no último congresso de Berlim, falando do tratamento da tuberculose: "Como meios terapêuticos essenciais, o repouso, a respiração de ar puro, até mesmo á noite... Em seguida, vem o exercício e a tonificação do doente... O tratamento é poderosamente secundado pela alimentação racional e apropriada a cada caso. **Algumas vezes,** quando é necessário, a alimentação **póde** ser elevada até a super-alimentação..."

O sábio Dettweiller aconselha como poderoso auxiliar a alimentação racionalmente individualizada, e não a super-alimentação, que, **algumas vezes,** entretanto, **poderá** ser prescrita.

Letulle, tendo empregado durante 3 anos, no hospital Boucicaut, a cura da alimentação, declarou perante a Sociedade Médica dos Hospitais ser necessário retirar do hospital esses doentes, que infelizmente só experimentam a influência benéfica dos regimes durante as primeiras semanas, e depois perdem o apetite e começam a emagrecer. Esta opinião é o resultado de uma cuidadosa observação clínica, feita por um médico provecto, que não póde ser averbado de suspeito.

Rendu, ilustrado e eminente clínico do hospital Necker, de Paris, declarou na mesma sessão que os doentes sujeitos a uma alimentação mais copiosa que de costume, **"no fim de algum tempo, perdem o apetite e são inuteis todas as tentativas para estimular suas funções digestivas".**

Ora, si a super-alimentação traz o resultado apregoado por Letulle e plenamente confirmado pelo professor Rendu, isto é, determina completa inapetência no fim de um lapso de tempo mais ou menos curto, então onde está o benefício extraordinário desse regimen? Si o ideal do médico, no tratamento da tuberculose, é manter o estômago do doente em perfeito estado

de atividade funcional, como adoptar-se esse tratamento, que é positivamente contraproducente?!

* * *

Fôram estas as opiniões que emitimos e sutentámos, com o ardor de um verdadeiro crente, o ano passado, na imprensa do Paraná, e que mereceram violenta e insubsistente impugnação por parte de um coléga que nesse Estado clínica.

Ao nosso lado colocou-se ostentiva e convictamente o ilustrado coléga Dr. Franco Grillo, trazendo novos elementos em pról do nosso modo de pensar.

Faltava-nos o valioso subsídio clínico, para que nossa opinião se impusesse a todos os que curam de tais assuntos como uma verdade inconcussa, e eis que este ano nos chega às mãos o notável trabalho do Dr. Pujade que de modo brilhante e eloquente corrobora e robustece as nossas asserções.

Grancher e Thoinot, em um recente trabalho (**Commission de la tuberculose — Paris**), já não dão á super-alimentação a supremacia que ela gozara entre os meios tendentes a combater a phimatose(3).

Pujade, eminente clínico d'Amelie-les-Bains, publicou recentemente um livro notável, de perto de 400 páginas, sobre a cura da tuberculose. Este livro é o fruto sasonado de **vinte e dois anos** de estudos ininterruptos, é o resultado da observação de mais de **dez mil doentes** de tuberculose por ele tratados.

Pujade acompanhou Debove quando, no deslumbramento dos primeiros tempos de sua propaganda, empregava a **gavage** nos doentes do hospital, e teve verdadeiro entusiasmo pela alimentação excessiva; percorreu sanatórios, estudando com devotamento a cura da tuberculose; trocou idéias com eminentes especialistas na matéria; tratou com solicitude mais de 10.000 tuberculosos; prescreveu, com a esperança inefável de um verdadeiro sacerdote da ciência a super-alimentação aos tuberculosos. E, decorridos alguns anos, ele vem a público penitenciar-

(3) Il faut leur donner des forces nouvelles et relever leur organisme par une aération continue et reglée de jour et de nuit, par une **alimentation vigoureuse**, par le repos prolongé et le sommeil (Brounardel) — (La lutte contre latuberculose, 1901).

se, com a franqueza altiva de um respeitável apóstolo da medicina. É assim que, baseado em um número considerável de observações colhidas em longo tirocínio, Pujade diz: a super-alimentação é um erro, é um desastre, é a causa da perda do apetite, e deve ser rejeitada.

Mas, de tal modo está arraigado no espírito dos doentes e dos médicos o valor curativo deste efemero recurso que, afirma Pujade: "Tem-me sido preciso, confesso, certa coragem para opôr uma convicção inabalável ao emprego indiscutido da super-alimentação sistemática. Tuberculose e cura alimentar estão de tal modo ligados entre si que os dois têrmos parecem sinonimos".

A razão deste fáto é que, a princípio, o tuberculoso super-alimentado engorda incontestavelmente e, maravilhado, registra o aumento de alguns quilógramas de peso; então, satisfeito e imbuido do preconceito que a tuberculose retrocede quando o doente engorda, proclama prematuramente o alto valor do regimen e entoa hosanas á super-alimentação.

Coitado! não será, infelizmente, embalado por longo tempo em tão doce ilusão, pois, em bréve, esmagadora realidade dissipará essa miragem.

De fáto, logo depois, o infeliz fimatoso cessa de engordar, perde o apetite, sofre graves perturbações gastro-intestinais, emagrece sensivelmente. tem repugnância invencível aos alimentos e, depois, passado algum tempo..., registra-se mais uma vítima da super-alimentação.

Não é fantasia de clínico madraço, nem devaneio de ignaro pirronismo o que vimos de afirmar, pois, diz Pujade,... "verifiquei que a maior parte das anorexias dos tuberculosos ligavam-se a perturbações gastro-intestinais e, sobretudo, hepáticas, consecutivas á intoxicação super-alimentar... E, finalmente ... "il se tue avec la methode dont il attendait uniquement la guerison".

Eis os fátos em que se abroquela a nossa opinião, a qual será muito bréve, assim acreditamos, compartilhada por todos os clínicos que não se rendem aos preconceitos inveterados e nem se deixam deslumbrar por miragens sedutoras.

HYGIENE ALIMENTAR

Tachyphagia, polyphagia, arthritismo e arterio-esclerose

"Nous nous mourrons de fautes alimentaires et de sédentarité."

P. CARTON. — **La tuberculose par arthritisme. — 1911.**

"Aux gras surnourris: — l'inertie, l'asthénie, la vie courte.

"Aux musculeux sobres: — l'action, la force, la durée."

F. HECKEL. — **Grandes et petites obésités. — 1911.**

O nosso intuito, tratando desta serie metabolica, ligada á physiologia da digestão e a perturbações nutritivas de diversas especies, é lembrar os grandes e quiçá irremediaveis inconvenientes da inobservancia de certos preceitos hygienicos, attinentes á alimentação: Attingida essa méta, teremos articulado os élos dessa gigantesca cadeia pathologica que tem o seu inicio na **tachyphagia** e o seu remate na **arterio-esclerose.**

A estrada a percorrer é longa, accidentada e não nos deteremos em sécas e vaniloquios, que impacientariam aos que pretenderem nos acompanhar até o fim. Assim, vamos nos pôr em marcha sem mais aprestos.

* * *

O regimen alimentar que se deve aconselhar ao individuo são e prescrever ao doente só nos ultimos annos tem preoccupado seriamente a attenção dos clinicos e, por isso, bem distanciado ainda andamos do escôpo que visa a verdadeira

hygiene alimentar. Nem todos os medicos estão bem compenetrados dos graves erros que vimos commettendo com a adopção e os conselhos de uma dietetica, que está indubitavelmente em desaccôrdo com as necessidades organicas, com a observação dos factos e até em conflicto com os resultados que buscamos. E, por isso, cada dia mais judiciosas se mostram as palavras de SENECA: "L'homme ne meurt pas, il se tue" e mais suggestivas e justas as de FLOURENS: "L'homme se creuse un tombeau avec les dents."

Elemento preponderante — a alimentação — na vida do individuo e da especie, entretanto o descaso e a ignorância de alguns, a condescendencia e a rotina de muitos têm deixado que a seu respeito os mais graves erros possam e sejam postos em pratica como verdades inconcussas.

Assim é que os embargos da physiologia e os protestos do organismo revoltado não têm conseguido que os sectarios de uma perniciosa doutrina — a polyphagia, — ainda prestigiada por alguns clinicos illustres, mudem de rumo. É que, embebidos de falsos principios e apoiados em factos mal interpretados, ficam surdos aos clamores da hygiene e á revolta do bom senso.

Os erros alimentares, a postergação dos verdadeiros preceitos do regimen trazem as mais funestas consequencias, não só á saúde do individuo, como até ao vigor da raça, como bem diz CARTON: "C'est notre alimentation anti-physiologique que ruine nos santés, qui fait dégénerer notre race, qui met la necrose au coeur de l'arbre...".

A reacção já começou bem apparelhada e prosegue convicta e tenaz contra as incongruencias e os erros referentes á hygiene alimentar; mas, confrange dizel-o, pouco tem conseguido quanto ao mais grave delles — a super-alimentação, que, tendo sido elevada a altura de um verdadeiro dogma, ainda não baqueou anniquilada e esquecida, havendo mesmo quem por ella se bata com cega pertinacia, apesar dos golpes certeiros que tem levado de onze annos a esta parte.

Outro elemento que se relaciona com a hygiene alimentar, por ser o primeiro acto da digestão e um dos mais importantes, é a **mastigação,** entretanto, passa completamente esquecida

em quasi todas as prescripções e a sua educação ainda está inteiramente por fazer-se

A rapidez com que geralmente se executa esse acto preliminar da digestão acarreta tantos inconvenientes e tantos males que notavel movimento em favor de uma perfeita trituração dos alimentos se opera entre os hygienistas e therapeutas.

Do consorcio destes dous factores — **tachyphagia** e **polyphagia** — póde-se desde logo imaginar quanto soffrerá o organismo victima delles, por mais condescendente e robusto que seja.

É o que vamos mostrar em largos traços, tratando, em primeiro lugar, da **tachyphagia.**

Tachyphagia

Este vocabulo foi creado em 1908 pelo Dr. JACQUET para designar o máo vezo de comer depressa. Deglutir o alimento, sem a sua completa trituração e insalivação, — eis a **tachyphagia.**

Tantas e tão graves julgamos as consequencias desse máo habito que nos vem da infancia e mais se incrementa com o augmento de nossos affazares e preoccupações, que já nos abalançamos a tratar delle em um diario de Curityba, o **Correio do Sul.**

A **tachyphagia** é muito generalisada entre os povos civilisados que habitam as grandes cidades. Esse costume tão prejudicial que, como dissemos, nos vem da infancia, invetera-se nos collegios, onde o alumno dispõe de um tempo exiguo para suasrefeições e nem sempre póde observar os preceitos da bôa dietetica, porque não tem quem lh'os ensine, mais tarde constitue um verdadeiro habito de desastrosos effeitos.

"O camponez neste ponto, diz F. HECKEL, não se parece com o homem da cidade. A hora da refeição é sagrada para o lavrador. Sentado á sombra de uma arvore contra a qual se encosta, o ceifador ingere com devotamento seu parco almoço, como se estivesse cumprindo os ritos de um sacerdocio. Não sómente elle emprega uma ponderada lentidão em mastigar, como vae saboreando e apreciando cada boccado, incitando dest'

arte as secreções salivares e gastricas... O camponez que come lentamente, conserva por longos annos a sua saúde, a sua robustez e quasi sempre desconhece a dyspepsia, quando não é alcoolista".

O tachyphago não é sómente aquelle que come depressa; tambem aquelle que mastiga nervosamente, ou que, possuindo máos dentes, gasta longo tempo ás refeições, mas não consegue uma divisão e trituração sufficientes dos alimentos, é um tachyphago.

G. LE BON diz: "muitas molestias do estomago têm por causa, quasi sempre desconhecida, a mastigação insufficiente em consequencia do máo estado dos dentes. Um individuo que mastiga mal acaba sempre por digerir mal. A simples acquisição de uma dentadura ou, si os dentes são bons, o conselho de mastigar vagarosamente e bem, produz, em taes casos, curas que, indubitavelmente, nenhum medicamento poderia conseguir".

Todos os medicos têm observado: nevralgias rebeldes que não cedem aos anti-nevralgicos mais poderosos, erupções da pelle que não se modificam com as prescripções dos mais afamados dermatologistas, perturbações e crises nervosas que zombam da medicação classica, e todas essas manifestações morbidas, que tanto impressionam e incommodam, desapparecem rapidamente com o simples conselho que obriga o doente a mastigar bem o seu alimento e reduzir a sua alimentação.

É que todo esse cortejo symptomatico alarmante não passava de perturbações gastro-intestinaes e auto-intoxicações consecutivas á tachyphagia.

Algumas vezes esse habito é tão exaggerado que assume as proporções de uma verdadeira nevrose.

A experiencia em animaes que apresentam fistulas gastricas, o emprego da radioscopia em estomagos de individuos normaes e a observação clinica, tudo vem pôr em evidencia os graves disturbios decorrentes desse vicio.

A primeira perturbação que apparece em consequencia de uma apressada e insufficiente mastigação é a revolta do estomago, que é obrigado a empregar maior somma de energia para transformar a massa alimenticia que recebeu tão mal preparada do andar superior.

Si a carga, além de mal preparada, é abundante, o estomago reage e póde sobrevir o vomito, brusca expressão de energica defeza. Repetindo-se o facto por algum tempo e dada a circumstancia muito commum de andar a tachyphagia ao lado da polyphagia, não tardam a apparecer desarranjos gastro-intestinaes de varias ordens, installando-se sem tardança a dyspepsia com todo o seu cortejo de symptomas. A relação dessa dyspepsia com varias affecções da face, como acne, seborrhéa, etc., era de longo tempo suspeitada, porque um severo regimen alimentar tinha o condão de cural-as inteiramente ou melhoral-as.

BLANDOT já havia demonstrado in vitro a influencia do estado de divisão dos alimentos sobre sua digestibilidade e sobre a dyspepsia.

JACQUET e DEBAT fôram mais longe, estabelecendo fistulas gastricas em animaes e examinando o estomago humano radioscopicamente. Após uma serie de refeições rigorosamente identicas, que elles faziam absorver em 2 series: — uma rapidamente (em 10 minutos) e outra muito bem mastigada (em 45 minutos), chegaram ás seguintes conclusões:

A tachyphagia distende o estomago, força sua musculatura, exalta sua sensibilidade e eleva sua temperatura, prolonga seu trabalho, retardando de 50% a evolução gastrica, e obriga-o em pouco tempo a uma super-actividade, que acarreta perturbações varias: — gastralgia, nauseas, colicas, nevralgia temporo-parietal, hypertensão arterial, etc. Ao passo que a bradyphagia augmenta a actividade do succo gastrico, abrevia e facilita a evolução digestiva, assegura um resultado nutritivo maximo com diminuto trabalho e traz um suave bem estar. (F. HECKEL).

Deixando de lado esses factos experimentaes e entrando no terreno propriamente da clinica, onde verifica que a tachyphagia arrasta fatalmente à polyphagia, os mesmos phenomenos observamos.

De facto, a tachyphagia produz em primeiro lugar a insalivação insufficiente, o que faz com que o bôlo alimenticio, mal triturado, vá traumatisar a mucosa do estomago, que se irrita, depois as fibras musculares deste orgão são coagidas a um trabalho excessivo e maior somma de succo gastrico é dispen-

dida, e nada mais é necessario para o apparecimento das dyspepsias. E o dyspeptico em taes casos, irritavel, nervoso, impaciente, experimentando uma sensação desagradavel no momento das refeições, lança-se de novo aos alimentos, e ingere-os sem mastigar e insalivar convenientemente para mais depressa acalmar a sua **bulimia.** Então sobrevem a **tachyphagia secundaria,** isto é, a necessidade imperiosa de comer rapidamente para libertar-se de um incommodo que a mesma tachyphagia havia creado; sobrevem a hypersecreção morbida do succo gastrico, as auto-intoxicações e as perturbações nervosas de varias especies e não tardam a apparecer as primeiras localisações da gordura parasitaria, que é o primeiro passo para a obesidade, conforme descreve HECKEL, em seu notavel trabalho.

Assim, a clinica e a experimentação em perfeita harmonia proclamam as funestas consequencias desse habito de comer ás pressas, sem triturar e insalivar convenientemente os alimentos.

Agora os factos.

FLETCHER, um americano activo, intelligente e trabalhador, como caixeiro em Shanghai, era robusto, sadio, forte e levava a vida contente. Quando não estava entregue aos misteres de sua profissão, dedicava-se inteiramente aos **sports.** Mais tarde, graças aos seus conhecimentos do negocio e grande actividade, ficou rico e mudou completamente de regimen: — comia muito e com rapidez, e, em vez dos exercicios que costumava fazer, só andava de carro.

Em pouco tempo era obeso, plethorico e estava soffrendo de grandes desordens gastro-intestinaes. Um dia, após uma refeição pantagruelica, sentiu-se seriamente incommodado e, percebendo a origem de seu soffrimento, resolveu mudar radicalmente de vida, o que fez sem tardança e com a resolução e energia **yankee.** Desde logo formulou este postulado: "para se viver muito tempo é preciso mastigar durante muito tempo".

A sua experiência foi corôada do mais brilhante resultado e a doutrina a cujos preceitos se submettera ficou com a denominação de **Fletcherismo** e compõe-se de 5 mandamentos:

1.° Esperar pelo appetite; 2.° Consultar o appetite na escolha dos alimentos; 3.° Mastigar o alimento de maneira a tirar delle toda a substancia nutritiva; 4.° Consagrar á refeição todo o tempo que ella reclama, sem nunca ter pressa e não admittindo nada que a perturbe: 5.° Pensar que toda refeição é um acto decisivo da vida e realizal-a de maneira que ella corresponda invariavel e totalmente ao seu fim.

FLETCHER observou esses preceitos como verdadeiros dogmas e, dentro de algumas semanas, estava completamente transformado: voltava-lhe o vigor physico e intellectual, sentia-se energico e bem disposto, e o seu peso, que era de 108 kilos, desceu a 80, perdendo 28 kilos de tecido parasitario.

A base da sua dietetica é a mastigação prolongada — a **bradyphagia** — e, não querendo elle ser o unico a aproveitar-se das vantagens desse regimen, divulgou-o pelas revistas e jornaes, a partir de 1903.

A principio não foi tomado a serio, mas hoje os seus aphorismos, que constituem o **fletcherismo,** tornaram-se uma religião que já conta milhares de adeptos em sua patria. E todas as investigações feitas por notaveis physiologistas, á frente dos quaes o celebre PAWLOW, têm confirmado o resultado das observações do intelligente e perspicaz caixeiro de Shanghai.

Outro caso. Fômos consultado, ha mais de um anno, por um doente que estava soffrendo de: peso e distensão do estomago, palpitação cardiaca, tonteiras, desanimo, nervosismo e o edema das duas pernas. Dormia mal e sentia-se fraco, apezar do grande volume do seu corpo. Examinando-o cuidadosamente, nada encontrámos para o lado dos pulmões e do coração que explicasse esse conjuncto de perturbações desconnexas á primeira vista. O doente não fazia uso do fumo.

Conhecendo a vida intensa que elle levava, inquirimol-o sobre a rapidez com que comia.

— É verdade, Dr., eu como muito ligeiro.

— Pois os seus multiplos incommodos são resultado dessa rapidez com que o Sr. mastiga e deglute o alimento.

— Mas, Dr., eu sempre comi bem e com rapidez e só agora apparecem esses incommodos, que penso serem do coração.

— O Sr. sempre se alimentava bem e depressa, mas o seu estomago tinha outro vigor e ia superando e corrigindo os inconvenientes da deficiencia da mastigação, mas agora está mais velho, um tanto fatigado pela enorme carga que tem aturado; além disso, talvez os seus dentes não se prestem, como dantes, a uma rapida e completa trituração dos alimentos.

— Justamente, Dr., eu de certo tempo para cá perdi quasi todos os dentes e engulo os boccados sem mastigar.

— E continua a comer bastante?

— Eu sempre como muito bem, só não mastigo bem, como disse.

— Estou satisfeito. O Sr. vae tomar o remedio que vou prescrever e ha de empregar todos os meios para dividir, triturar e insalivar cuidadosamente o seu alimento antes de deglutir e deve deixar a mesa sem ter saciado completamente o grande appetite com que vae para ella.

Receitei qualquer **mica panis,** dei-lhe conselhos de accôrdo com o que eu pensava ser a causa do mal e no fim de oito dias, veiu elle dizer-me que estava bem melhor e já com esperança de curar-se.

Um mez depois voltou ao meu consultorio para trazer-me os agradecimentos e communicar-me que se julgava restabelecido e confessar-me que muito lhe tem custado vencer o habito de comer devorando, mas que ha de vencer de todo, porque já se julga salvo.

— Ainda um caso, e esse fala com grande precisão e eloquencia sobre a influencia malefica da tachyphagia.

F. HECKEL refere que, após muitos annos de observação, se convenceu da correlação entre tachyphagia, super-alimentação e obesidade.

Diz elle: "La tachyphagie entraine aussi la sur-alimentation; ceux qui mangent avec précipitation perdent rapidement la sensation normale de satiété."

Ainda mais, diz elle, o obeso tachyphago difficilmente liberta-se da sobrecarga que tanto o incommoda, se não se sujeita a mastigar lenta e completamente.

Refere HECKEL que tem um collega obeso, e que em 10 annos submeteu-se a 3 curas para baixar de 100 a 72 kilos. Tendo voltado por 3 vezes a este seu peso normal, não o podia conservar desde que abandonasse o regimen.

HECKEL, por acaso, encontrou-o um dia em um jantar e sentou-se junto delle. Após a troca de idéas sobre dietetica, provocada por HECKEL, que observava o collega engulir sem mastigar os alimentos, glotonicamente, aconselhou-o que mudasse de regimen e o resultado excedeu á expectativa de ambos. Continuou com o mesmo tratamento de sua obesidade, mas se submetteu devotadamente a mastigar muito bem e fazer as refeições com todo o vagar. E foi este o resultado: perdeu a gordura de sobrecarga na metade do tempo consagrado ás suas curas anteriores; além disso, seu estado de saúde transformou-se; as cephalalgias constantes, a constipação rebelde, a acne do rosto e erythema do nariz e das faces, a arythmia cardiaca reflexa, que alternava com a somnolencia, todos estes symptomas, que elle conservava sempre após suas curas precedentes, desappareceram definitivamente com o novo regimen.

— Com a ligeira exposição que acabamos de fazer, sobresahem nitidamente as graves perturbações ligadas é tachyphagia, e como este vicio de tão funestas consequencias obriga, não raro, a uma alimentação excessiva, como mostra HECKEL, é suave e congruente a passagem della para a polyphagia, como vamos fazer.

POLYPHAGIA

"La suralimentation n'est pas que la surintoxication"

(LANDOUZY)

Ha 12 annos, em 23 de Agosto de 1900 tivemos o arrojo de lançar um vibrante protesto, em artigos publicados na **A Republica,** de Curityba, contra o super-alimentação no tratamento da tuberculose pulmonar. O regimen a PANTAGRUEL era então aconselhado por todas as summidades da medicina e acceito por todos os seus satellites, e a nossa voz isolada vibrou como uma heresia insolita no concerto harmonico de opiniões respeitaveis. Dous collegas distinctos surgiram na mesma arena,

pondo embargos áquellas tiradas **singularissimas** e protestando, com vehemencia, em nome da classe medica, contra as nossas asserções, destoantes das lições dos mestres.

Em uma serie de artigos sustentámos o nosso modo de pensar, mostrando que a super-alimentação era **impraticavel** em grande numero de casos, **inefficaz** e até **nociva.** Não tinhamos então o nome de um só médico de nomeada para oppôr ao grande rol dos clinicos que aconselhavam a super-alimentação como regimen heroico e salvador. Pouco tempo depois appareceu o bem elaborado livro de PUJADE (**Cura pratica da tuberc.** Set. 1900) que, no tocante ao regimen alimentar, estava de perfeito accôrdo com as nossas idéas. Em 22 de Maio de 1901, pelo mesmo orgão de publicidade, voltámos a tratar do assumpto, mostrando que a opinião do clinico de **Amelie-les-Bains** frizava perfeitamente com a nossa e então dissemos:

"Em Agosto do anno passado (1900) insurgi-me contra o dogma da super-alimentação, dei combate franco e renhido ao abuso da alimentação excessiva ministrada aos tuberculosos; mostrei, baseado em conhecimentos de physio-pathologia e no bom senso, que a super-alimentação era IMPRATICAVEL, INEFFICAZ e até NOCIVA; declarei que em curto lapso de tempo havia de raiar o dia em que todos os clinicos prohibiriam a super-alimentação e sobre os dissabores resultantes desse regimen fluctuaria a flammula modesta da victoria de um principio; disse que a perda do appetite era a consequencia logica e inilludivel do regimen a PANTAGRUEL, "regimen de bôa intenção e de máo effeito"; **affirmei categoricamente, baseado em dados scientificos, que a diéta a BRILLAT-SAVARIN ruiria sem fragor ao sôpro inclemente da estatistica. E não me havia illudido nesses conceitos, que tanto escandalisaram aos coripheus da medicina indigena. E não havia claudicado nestas asserções, que despertaram um fremito geral de reprovação contumaz. É que a logica dos factos é inexoravel e os preconceitos não podem resistir ao seu embate."**

Nova rajada de protestos levantou esse nosso artigo, que conquistou para seu ousado auctor uma saraivada de invectivas e censuras por ter tentado "fulminar com o seu novo companheiro PUJADE o methodo racionalissimo e profundamente scientifico da super-alimentação."

Na sessão de 23 Maio de 1901 apresentamos á Academia Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro, a memoria sob o titulo — **Tuberculose pulmonar e super-alimentação.** Nesse trabalho, que o **Brazil-Medico** publicou na integra, em seu numero de 1.° de Junho de 1901, fizemos o historico da questão e reforçámos com novas provas e novos argumentos a nossa arraigada opinião contra o detestavel regimen e assim terminavamos: "... **a principio o tuberculoso super-alimentado engorda incontestavelmente e, maravilhado, registra o augmento de alguns kilogrammas de peso; então, satisfeito e imbuido do preconceito que a tuberculose retrocede quando o doente engorda, proclama prematuramente o alto valor do regimen e entôa hosannas á super-alimentação. Coitado! não será, infelizmente, embalado por longo tempo em tão dôce illusão, pois, em breve, esmagadora realidade dissipará essa miragem. De facto, logo depois, o infeliz phymatoso cessa de engordar, perde o appetite, soffre de graves perturbações gastro-intestinaes, emmagrece sensivelmente, tem repugnancia invencivel aos alimentos, e, depois passado algum tempo... registra-se mais uma victima da super-alimentação. Não é phantasia de clinico madraço, nem devaneio de ignaro pyrronismo o que vimos de affirmar, pois diz PUJADE**... "verifiquei que a maior parte das anorexias dos tuberculosos ligavam-se a perturbações gastro-intestinaes e, sobretudo, hepaticas, consecutivas á intoxicação super-alimentar." **E, finalmente, diz elle — il se tue avec la methode dont il attendait uniquement la guerison."**

"Eis os factos em que se abroquela nossa opinião, a qual será muito breve, assim acreditamos, compartilhada por todos os clinicos que não se rendem aos preconceitos inveterados e nem se deixam deslumbrar por miragens seductoras."

— Decorridos 11 annos, victorioso o nosso modo de pensar, voltamos á imprensa com o intuito de lembrar a marcha que tem seguido essa questão e mostrar a nocividade desse regimen, não só para o tuberculoso como para o individuo são e até mesmo para a nossa raça. Hontem a super-alimentação, o mais famoso e gabado recurso dietetico, era aconselhado até para combater o fastio dos tuberculosos e dizia-se que para o seu emprego não havia contra-indicação alguma no tratamento dos phymatosos; depois, já era tido como inefficaz e até nocivo e hoje é accusado de produzir maiores males que o pro-

prio bacillo de KOCH; capaz até, de um modo indirecto, de produzir a tuberculose e para elle não se encontra mais indicação alguma.

A condemnação desse recurso fallacioso e tão afamado é a mais bem justificada possivel e urge que seja completa, absoluta, para inteira felicidade dos doentes. O que está succedendo com a super-alimentação prova exuberantemente que esse regimen foi acceito e gabado sem prévia e accurada analyse, e que a nossa **educação alimentar, como dissemos,** está ainda por fazer-se, sendo frequentes e nocivos os erros e máus habitos referentes a esse magno assumpto.

Desde a escolha dos alimentos, o seu preparo, a sua completa trituração antes de ser deglutido e, principalmente, a sua quantidade, tudo deve obedecer aos preceitos physiologicos inilludiveis, sob pena de acarretar graves consequencias. É preciso que o medico, quando fôr consultado, faça valer sua auctoridade, impedindo que se accumulem tantos erros prejudiciaes, que não só affectam ao individuo como á collectividade inteira.

MONTENUIS diz, com toda a razão: "L'alimentation moderne ruine la santé de l'individu, comme la viguer de la race. Ce n'est plus une nourriture qui entretient et répare nos forces à mesure qu'eles s'epuisent, mais un chauffage à blanc de la machine humaine... L'expérience acquise commence pourtant à ouvrir les yeux et à montrer aux moins clairvoyants qu'une telle alimentation constitue un véritable péril social. Lion de conserver la force physique et la santé, elle est le grand générateur de l'arthritisme et de la sclérose."

MICHELET, com aquella argucia de um espirito privilegiado, já affirmava que todos os males do homem derivam dos orgãos digestivos. "Il boit, dizia elle, mange immensement trop."

CARTON, em seu substancioso trabalho (**Tuberculose par arthritisme**), ao qual vamos pedindo valioso subsidio, estuda cuidadosamente as perturbações gastro-hepaticas provenientes da alimentação excessiva, mostrando como della se vae gerando o arthritismo e como a tuberculose se enxerta facilmente no terreno arthritico, ao contrario do que se pensava outr'ora, isto é, que o germen da tuberculose não medrava nesse terreno.

Diz o illustre clinico de Brévannes: — Se a geração actual é dizimada por molestias em que predominam desordens gastro-intestinaes, é isso devido em grande parte a **surmenage** imposta aos orgãos digestivos, obrigando-os a digerir substancias nutritivas em desproporção com as suas capacidades anatomicas e physiologicas. Se o uso de uma alimentação excessiva imposta a um organismo robusto produz tantos males e é capaz de dar origem a molestias tão graves, como o arthritismo e a arterio-esclerose, o que se deve esperar de um misero tuberculoso, enfraquecido, dyspeptico, que se submete a essa brutal prescripção!... Entretanto, era esse um recurso aconselhado a todos os tuberculosos, sem excepção, porque o excesso de alimento, diziam, é destinado a compensar a rapida desnutrição de que elles são victimas. E todo esse vistoso edificio alimentar foi construido sobre a base falsa da dystrophia e do illusorio postulado: — a engorda dos tuberculosos é o caminho da sua cura.

Os trabalhos de ROBIN e BINET sobre a acceleração das trócas nutritivas no phymatoso, até certo ponto, pareciam justificar a necessidade de uma alimentação excessiva compensadora. Em verdade, ROBIN e BINET, em uma serie de communicações, affirmaram a acceleração das trocas respiratorias e a desmineralisação dos tuberculosos, fazendo desta entidade pathologica uma molestia consumptiva por excellencia e justificavel do tratamento pela superalimentação.

O resultado desses trabalhos fôram vivamente contestados por numerosos pesquizadores (CHARRIN, TISSOT, KUSS, LAFFONT, etc.), que interpretaram de modo diverso os phenomenos observados. Dizem CHARRIN e TISSOT: "As combustões intraorganicas, avaliadas pelas trocas respiratorias, conservam no homem seu valor normal, no inicio da tuberculose pulmonar e no periodo da tuberculose confirmada."

Os exaggeros das trocas nutritivas não justificam uma alimentação excessiva, que os orgãos digestivos não supportariam sem detrimento e que os factos clínicos bem observados condemnam com uma eloquencia esmagadora, como vamos vêr.

LAUFER, então partidario das copiosas rações, observou 3 casos interessantissimos, "que realizam verdadeira experiencia de laboratorio pela nitidez dos phenomenos observados." Eram

3 tuberculosos, I no 1.° e 2 no 2.° gráo e que engordavam com facilidade espantosa com a alimentação equivalente de 2 grs. a 2 grs. 25, na média, de albuminoides por kilo. Apezar da engorda notavel, os doentes, em vez de melhorarem, antes ficavam peiores e suas forças diminuiam. Augmentou a ração de 0,25 de azoto por kilo, e o estado geral não melhorou ainda. Então, mudando de rumo, LAUFER diminuiu até I gr. e 50 nos 2 ultimos doentes e I gr. 25 no 1.°, e observou o phenomeno, interessante e significativo, de uma diminuição de peso coincidindo com melhora progressiva dos symptomas. Ainda mais, durante este novo período, verificou uma ligeira economia de azoto. Como explicar tal facto? É que a modificação do regimen, diminuição do alimento, fez melhorar as perturbações dyspeticas e parallelamente o estado geral melhorou. A engorda que haviam accusado estes doentes era toda pathologica.

Hoje, felizmente, a classe medica já se vae convencendo dos grandes males causados pelo excesso de alimento e só os obstinados n'um pyrronismo condemnavel deixarão de cantar a palinodia. As mais acatadas auctoridades sobre essa materia, que aconselhavam, com enthusiasmo, esse meio therapeutico, vêm hoje á publico confessar seu erro, penitenciando-se, n'um bello gesto de lealdade e convicção.

O proprio professor ROBIN já está convencido dos grandes desastres da super-alimentação. Assim é que, em um bem elaborado trabalho — **Clima marinho no tratamento da tuberculose** ("Monde Médicale", 1911) elle diz... "on n'en est plus à compter avec les **mefaits** de le suralimentation..."

É, pois, uma questão vencida essa e contra ella já em 1902 se pronunciaram MAUREL, SABOURIN, MALIBRAN e outros; e recentemente MOUISSET, GUINARD, SABOURIN, LANDOUZY, LABBÉ, PASCAULT, RENON, FERNET, etc., deram-lhe as ultimas catanadas.

SABOURIN, que vale por uma legião, já não se limita a proscrever esse tratamento, chega até a culpal-o de grandes desastres, de impedir mesmo a cura de muitos doentes. Em 1910 já escrevia elle: "On a, par principé, après de fort belles expérimentations sur les chiens, suralimenté tous les phtisiques qui se réclament du médecin et il a fallu pas mal d'années, pour s'apercevoir qu'on enpechait ainsi de guérir une quantité

de malades qui se seraient fort bien tirés d'affaire, si on les eût laissés manger comme tout le monde, sinon moins. A l'heure actuelle, heureusement, les médecins sont édifiés sur les désastres occasionnes par la suralimentation du tuberculeux..."

E houve medico que affirmava, com grande convicção e emphase, que a super-alimentação até servia para combater a dyspepsia e despertar o appetite do phymatoso, quando hoje a quasi totalidade dos clinicos acham um disparate, um contrasenso, aconselhar-se esse tratamento que tantas victimas tem feito.

LANDOUZY, com a sua incontestavel auctoridade e o seu profundo saber, diz que a super-alimentação nada mais é que uma super-intoxicação e CARTON faz um appello á classe medica para que ella se opponha com todas as véras contra essa polyphagia "qui emporte la santé, non seulement des tuberculeux, mais dela population entière."

Não se póde levar mais longe o protesto contra um recurso julgado até ha pouco tempo como uma das maravilhas da dietetica, como um dogma a que todos deviam submetter-se sem discutir.

É tão eloquente a observação, que CARTON publica sob o titulo — **Tuberculose hemoptoique par suralimentation,** que não podemos deixar que ella aqui fique consignada, ainda que em pallido resumo.

"L. A. tem 27 annos de idade e antecedentes hereditarios arthriticos. Comia muito e bebia em demasia. Aos 19 annos teve nitidas manifestações plethoricas. Em Outubro de 1903 foi acommettido de 2 formidaveis hemoptyses, que o detiveram no leito por um mez. Consultou um especialista parisiense, que lhe prescreveu — gaiacol, tannino e **super-alimentação.** A prescripção foi rigorosamente seguida. Apezar das manifestações congestivas faciaes, seu aspecto parecia excellente. Em 1904 elle foi acommettido de febre violenta (40°), que durou muitos dias, acompanhada de symptomas nervosos, que fizeram acreditar em uma meningite. A febre cedeu e a attenção foi attrahida para o pulmão direito, que apresentava signaes de tuberculose evidente.

Internou-se, por 3 mezes, em um sanatorio, em Fevereiro de 1905. Proseguiu no seu regimen alimentar e teve aggravados seus pequenos incommodos e sua lesão pulmonar. Vivia anhelante, congestionado, até que em Maio teve nova hemoptyse. Voltou ao sanatorio, ahi ficando durante o verão de 1905.

Em Junho entrou em outro sanatorio e ahi o regimen da super-alimentação foi elevado ao auge com o auxilio da **gavage.** De 78 kilos, que pesava, ficou, em 1 mez, pesando 92 kilos, 14 kilos de differença. As funestas consequencias dessa engorda não se fizeram esperar. A 15 de Julho — formidavel hemoptyse, que o prostrou por 25 dias. Perdeu, então, 22 kilos de peso. Durante as 6 semanas seguintes voltou á super-alimentar-se com vigor, no louvavel intuito de resarcir o tempo perdido. De 70 kilos o peso elevou-se a 93 kilos, isto é, **23 kilos em seis semanas.**

O doente, completamente obeso, deixou o sanatorio, tendo sempre dyspnéas nocturnas, cansaço ao menor esforço, com violentos accessos de congestão da face, garganta e pulmões. (A polyphagia estava completando a sua obra nefasta). Voltou a passar o inverno no sanatorio do sul e ahi foi victima de uma serie de formidaveis hemoptyses. Era raro que passassem 2 dias sem escarrar sangue. Em consequencia das graves hemoptyses, foi-lhe aconselhado — restricção dos alimentos e proscripção da **gavage.** Não se sujeitou a essa sábia prescripção, embuido das vantagens da polyphagia. Começou de novo a gavage, o peso elevou-se de 72 a 76 kilos, e novas hemoptyses **sobrevieram.** Voltou a seus penates e, continuando com o seu regimen, continuou tambem a ter hemoptyses e manifestações plethoricas de varias especies.

Foi para o sul, em Cannet, durante o inverno de 1906-1907, e ahi, sob a provecta direcção do Dr. MANTOUX, foi submetido a um regimen de reducção alimentar. O doente perdeu 1 kilo cada mez e, cousa notavel e suggestiva, obteve, durante esses 6 mezes de inverno, uma grande melhora de suas lesões e do seu estado geral, tendo apenas 2 hemoptyses insignificantes. Então convenceu-se perfeitamente dos graves inconvenientes e perigos do seu regimen; mas, era tarde, a super-alimentação tinha exgottado e intoxicado aquelle robusto organismo, que luctou com denodo contra a lesão e, principalmente, contra os

effeitos desastrosos de sua dietetica. Em Abril de 1907, "... la suralimentation, diz CARTON, avait fai son oeuvre, la machine était usée et la tuberculose irrémédiable..."

Este caso é instructivo e digno de seria meditação, sob varios aspectos.

O super-alimentado, como acabamos de vêr, fica como fanatisado pelo regimen que lhe intoxica e só com difficuldade se convence de seus multiplos e palpaveis inconvenientes. Não raro as perturbações que elle experimenta para o lado do estomago, decorrentes todas da intoxicação e ectasia, são attribuidas á vacuidade do orgão e só cessam com o ingurgitar de mais alimento.

Assim, a revolta do estomago pelo excesso de alimento é suffocada, por novas cargas alimentares, que acabam por vencer o seu vigor e calar os seus protestos. O resultado desse circulo vicioso é, pois, o estomago adaptar-se ao excesso de trabalho defensivo, hypertrophiando seus orgãos protectores.

A sensação de fraqueza e displicencia, que os polyphagos experimentam, estão ligadas á intoxicação dos centros nervosos, bem como o falso appetite nada mais é que "um esforço de contracção defensiva do estomago dilatado que procura libertar-se de um conteudo desagradavel".

Temos prestado cuidados a varios clientes que nos pedem remedio para uma **fraqueza e dôr de estomago,** que sobrevem pouco tempo, 1 a 2 horas, depois de copiosa refeição. Referem elles que é preciso ingerir alguma cousa para passar essa dôr tão exquisita e tão incommoda. Temos observado que esses individuos são sempre grandes comedores com dilatação do estomago e pronunciada fermentação gastrica.

Ha poucos dias tratamos de uma senhora, de apparencia robusta, que se queixava de dôr na região epigastrica, sensação de fraqueza poucas horas depois das refeições, e de manhã, e que só tinha allivio quando comia alguma cousa. Era uma polyphaga e tachyphaga. Bastou que se submettesse a uma bôa hygiene alimentar, comendo apenas o sufficiente, mastigando bem e vagarosamente, para vêr-se livre de todos os seus incommodos.

FERNET em seu trabalho — **Da surmenage gastro-intestinal,** 1910, — estuda as falsas apreciações que desperta um estomago fatigado e dilatado, e mostra que a irritação deste orgão provoca taes phenomenos, que erradamente são tomados por sensação de fome. E refere o interessante caso de um doente do hospital Beaujon, portador de enorme dilatação do estomago, que todas as manhãs se queixava de estar atormentado pela fome. Um dia em que o doente reclamava com mais insistencia. FERNET introduziu a sonda esophagiana e tirou de seu latifundio gastrico mais de 1 litro de liquido e detritos alimentares.

Temos registrado os inconvenientes e os desastres do emprego da super-alimentação como meio therapeutico contra a tuberculose pulmonar e não devemos fechar este assumpto sem lembrar as graves consequencias da alimentação excessiva, tratando-se mesmo de um individuo são.

COMBY ainda recentemente (**Consult. médicales, 1912**), indica como factor importante do erythema das crianças e do **muguet** a super-alimentação e diz: "Les dermites simples des nourrissons, provoquées généralement par la suralimentation...".

CARTON traça com mão de mestre o quadro impressionante das diversas phases por que passa o organismo do misero super-alimentado, desde as ligeiras perturbações gastricas até ás graves e irremediaveis lesões de toda a economia. Descreve com côres vivas e suggestivas a lucta que o organismo sustenta contra o excesso da alimentação, as reacções de uma defeza improficua contra o inimigo, que se refaz diariamente e que se multiplica em seus ataques, até que, extenuado, vencido e intoxicado, é victima de perturbações de tal ordem que o arthritismo o empolga e o asphyxia em seus multiplos tentaculos. Elle mostra como as diversas desordens nutritivas e o consequente metabolismo organico vão preparando peça por peça o arthritismo.

Á semeologia da super-alimentação e a do arthritismo justificam plenamente as logicas conclusões de CARTON, que acham valioso amparo nestas palavras de M. LABBÉ: "Puisque les hommens civilisés se soumettent presque tous à la suralimentation, puisque celle-ci est l'idéal pour lequel la plupart des hommens se battent entre eux, on compren que l'arthritisme

soit la diathèse la plus répandue, dans toutes les classes de la société et dans tous les pays du monde."

Depois dos estudos de FERNET, LAGRANGE, PASCAULT, DE GRANDMAISON, MAUREL, LABBÉ, etc., não póde haver mais duvida que o excesso de alimentação e a vida sedentaria são as causas efficientes do arthritismo.

FERNET (**Du surmenage gastro-hepatique — 1910**), estudando as consequencias da fadiga gastro-intestinal devida á polyphagia, diz, em uma bella synthese, o seguinte: "L'abus de la quantité des aliments et les fautes relatives à leur qualité, joints à l'abus des boissons alcooliques et des excitants de toute sorte, en surmenant et en malmenant l'appareil digestif, em même temps qu'ils encombrent l'économie de mauvais produits, entrainent une multitude de désordres fonctionnels et organiques; ils sont les facteurs ordinaires des dystrophies ou troubles de nutrition, qu'on a coûtume d'englober sous le terme générique d'arthritisme."

PASCAULT (**Arthritisme par suralimentation**) põe em evidencia, de modo irrefutavel, o papel da intoxicação alimentar na genesis dessa diathese e estabelece a pathogenia das perturbações e das lesões do arthritismo.

CARTON resume o excellente estudo que faz sobre a etiologia desta molestia com estas palavras, que representam o substratum de uma serie de lucubrações conscienciosas e perseverantes. "La cause, diz elle, principale réside dans la suralimentation carnée, sucrée et alcoolique avec son satellite obligatoire l'auto-intoxication gastro-intestinale. Le mépris de l'hygiène et l'absence d'exercice ne font qu'aggraver les choses."

MAUREL, n'este apophthégma, traduz com eloquencia a sua convicção sobre o assumpto: **"Sans suralimentation l'arthritisme n'éxisterait pas."**

São, pois tão positivas as affirmações de todos os que se entregam ao estudo da causa primordial do arthritismo que seria molesto insistir ainda sobre esse assumpto.

— Si até aqui temos apurado que o arthritismo vincula-se a um vicio fundamental da nutrição, dando lugar a uma elaboração imperfeita dos alimentos e uma oxydação incompleta dos

materiaes azotados, é de facil intuição prever que graves lesões podem resultar de tantas desordens accumuladas. Em verdade, essas perturbações trophicas podem levar o organismo a um estado tal de decadencia que o torne apto, — ou para a proliferação do bacillo de Koch, ou para o desenvolvimento de um estado fibroso especial — a arterio-esclerose. Assim, de conformidade com as doutrinas que temos exposto, a super-alimentação conduz o organismo ao arthritismo e, por sua vez, este póde descambar para a tuberculose ou para a arterio-esclerose.

Pareça, embora, paradoxal este modo de pensar que faz responsavel o arthritismo, nascido da super-alimentação, de preparar o terreno para o desenvolvimento do bacillo de Koch, nem por isso está menos de accôrdo com a observação dos factos, como passamos a demonstrar.

O arthritismo é assim alçado á categoria de productor de dous dos maiores males que affligem a civilisação — a tuberculose e a arterio-esclerose. As relações da tuberculose com o arthritismo têm sido interpretadas de diversas maneiras. Uns acreditam que ha verdadeiro antagonismo entre as duas molestias, outros que ha, entre ellas, apenas uma associação fortuita e, finalmente, outros pensam que uma lesão é responsavel pelo apparecimento da outra, dando o papel de efficiente ora a uma, ora á outra.

Ao primeiro grupo pertencem os clinicos antigos, que acreditavam que o arthritismo esterilisava o terreno para o desenvolvimento da tuberculose, havendo entre essas molestias um verdadeiro antagonismo. Pensavam elles que o arthritismo era uma antithese pathologica da tuberculose, e o tratamento desta pela super-alimentação e repouso tinha por fim criar um estado que collocasse o organismo contaminado em condições identicas ao do arthritico.

Coyrard e Auscher, entre outros, pensam que ha entre ellas apenas uma associação morbida fortuita, realizada por um estado constitucional de degenerescencia, sem relação de causa a effeito. As pesquizas modernas, convincentes pela orientação e competencia dos observadores, e os factos clinicos bem apurados, abriram funda brecha na antiga concepção do antagonismo e inauguram uma nova éra no que concerne á connexão entre as duas entidades pathologicas. Uma pleiade de mes-

tres notaveis, entre elles Landouzy, Legendre, L. Bernard, Carnot, etc., consignam observações numerosas onde se verifica a tuberculose estreitamente unida ao arthritismo.

Os recentes estudos de Poncet e Leriche, Carnot e Legendre acabam de fazer baquear o vetusto edificio do antagonismo. Aquelle illustre professor de Lyon julgou-se plenamente auctorisado a tirar de suas reiteradas pesquizas esta conclusão: "Le mal tuberculeux et l'arthritisme n'ont qu'une seule et même origine; pour qui observe bien, arthritisme et tuberculose ne font qu'un."

Achamos que o illustre mestre lançou muito longe a barra, pois suas observações não podem auctorisal-o a uma generalisação tão categorica, como o fez. Em todo caso, quando os trabalhos de Poncet e Leriche não sirvam para demonstrar a these que elles sustentam com tanto ardor da tuberculose **arthritigenica,** servem brilhantemente para evidenciar as intimas relações existentes entre a tuberculose e o arthritismo. Os adeptos desta intima connexão, que constituem a generalidade dos clinicos, dividem-se em duas categorias.

A 1.ª pensa que a tuberculose é um dos elementos geradores do arthritismo e a 2.ª pensa que o arthritismo é que predispõe, que prepara o terreno para a tuberculose. Entre os da 1.ª categoria sobresahem o prof. Poncet e seu dilecto discipulo Leriche, L. Bernard, Giraldel e até certo ponto Fleury, como mostraremos.

Em um trabalho consagrado ao estudo do **rheumatismo tuberculoso,** Poncet e Leriche escrevem um capitulo cheio de idéas originaes e suggestivas, intitulado — **Tuberculose** e **Arthritismo.** PONCET procura pôr em evidencia as relações da tuberculose e do arthritismo e, principalmente, a influencia pathogenica d'aquella sobre este.

Diz elle: "Après toutes les constatations, une conclusion s'impose, croyons-nous: rien n'est si commun dans l'histoire des arthritiques que la tuberculose plus ou moins latente. Dès lors, on est conduit à se demander si souvent leurs lésions ne sont pas l'expression d'une tuberculose peu virulente."

O preclaro mestre leva muito longe o resultado de suas

numerosas investigações e firma doutrina que os factos citados, parece, não comportam.

Para PONCET e LERICHE a tuberculose é uma "neoplasia inflammatoria com tendencia dupla, — fibrosa e caseosa: a fibrosa é o arthritismo e a caseosa a phtisica." E affirmam sem vacillar: — "frequentemente as lesões ditas arthriticas nada mais são que a expressão de tuberculoses locaes benignas e o vocabulo arthritismo só deve ser conservado para designar o terreno vaccinado pela tuberculose contra uma tuberculose maligna."

A ser inteiramente verdadeira a doutrina de PONCET, a tuberculose devia ser incriminada de produzir a obesidade e a diabetes, o que parece grandissimo absurdo. Facto é que a tuberculose dos arthriticos é fibrosa e não raro benigna.

Para L. BERNARD " as manifestações imputadas ao arthritismo são consecutivas á infecção tuberculosa."

FLEURY, em um recentissimo e brilhante artigo (**Causa do arthritismo.** "La Quinzaine Medicale". Julho de 1912), fazendo a critica das novas idéas sobre as relações da tuberculose com o arthritismo, diz: "... l'arthritisme me parait être uni à la tuberculose par le lien le plus étroit, qu'il est le plus souvent sa conséquence..."

Elle expõe a doutrina sustentada por PONCET; ora mostra os pontos fracos della, ora procura robustecer os argumentos do prof. de Lyon e, por fim, remata o seu trabalho com esta incongruencia, para não usar de outro vocabulo: "Ainsi s'expliquent, je crois bien le parenté évidente de l'une et de l'autre diathèse e leur antagonisme également incontestable."

Em summa, lidos e analysados, como toda isenção de animo e acatamento a que fazem jús os seus auctores, os argumentos e as observações tendentes a demonstrar que as manifestações arthriticas são a expressão de uma tuberculose benigna (PONCET), não conseguiram elles levar a convicção em nosso espirito. Ao contrario, pensamos que a verdade está com aquelles que acreditam que o arthritismo é um terreno propicio e apropriado ao desenvolvimento da tuberculose. E vamos expôr os fundamentos que temos para nos alistarmos na 2.ª categoria.

BARTH **(Sociedade Med. dos Hospitaes, 1910),** analysando a theoria de PONCET, diz: "en matière d'étiologie et de pathogénie, une coincidence n'est pas une preuve, surtout quand il s'agit d'une maladie comme la tuberculose, dont presque presonne n'est anatomiquement exempt... et quand nous voyons M. PONCET, réunir sous le nom de tuberculose inflammatoire une foule d'affections disparates qui n'ont rien de la tuberculose, ni le tubercule, ni le bacille, ni la virulence, nous ne pouvons le suivre sur ce terrain."

LAFFON, apoiando-se em observações proprias e estatisticas diversas, conclúe que "o arthritismo com todas as suas variadas manifestações predispõe para o apparecimento da tuberculose, todas as vezes que essas manifestações produzem decadencia vital."

PASCAULT, falando da facilidade com que o organismo debilitado do arthritico é sujeito às infecções agudas, accrescenta: ... "mais, si réel qu'il soit, là n'est pas le plus grand danger: il est dans l'éclosion d'une tuberculose, **échéance finale de l'arthritisme."**

Finalmente CARTON, baseando sua argumentação sobre dados etiologicos, pathogenicos, clinicos e therapeuticos, e analysando criteriosamente a doutrina de PONCET, chega a esta conclusão: "L'arthritisme est en effet un terrain tout préparé pour l'invasion du bacille de KOCH, pour deux raisons qui sont: l'usure hépatique, avec tous les troubles toxiques et réflexes qu'elle entraine, et l'hyperacidité humorale." É com estas palavras que este illustre clinico abre o capitulo IX do seu bem elaborado livro **(La tuberculose par arthritisme):** "C'est la suralimetantion qui a rendu le sujet arthritique, puis tuberculeux..." e é com ellas que devemos fechar esta parte do nosso trabalho.

Verificadas as relações intimas que ligam os dous estados pathologicos arthritismo e tuberculose, — ao contrario do que pensavam os antigos clinicos, que viam entre elles verdadeiro antagonismo, sabido que a causa do arthritismo é, incontestavelmente, a super-alimentação, e a vida sedentaria, e provado que o terreèno arthritico é favoravel á germinação do bacillo de KOCH, devemos indagar, para concluir esta exposição de factos ligados á hygiene alimentar, quaes as relações existentes entre o arthritismo e á arterio-esclerose. E assim teremos fe-

chado o cyclo etiologico que tem o inicio na tachyphagia e o seu remate na arterio-esclerose. Sobre a causa desta molestia parece não haver hoje mais controversia entre os clinicos de mais renome.

LANCEREAUX foi, talvez, o primeiro a indicar a estreita conexão que existe entre o arthritismo e a arterio-esclerose. Já em 1899 (**Tratado de Therapeutica** de A. ROBIN), occupando-se do tratamento do herpetismo, elle se refere a essas relações. Em uma communicação recente á Academia de Medicina, o illustre prof. procura pôr certa ordem nas desencontradas opiniões sobre a causa da arterio-esclerose.

A 1.ª parte dessa communicação é consagrada ao desbaste, quer dizer, a eliminação das causas, que, aos seus olhos, não parecem intervir na producção dessa molestia. Essas causas inactivas são: a **velhice,** o **alcoolismo,** o **abuso do fumo,** a **toxemia alimentar, as molestias infectuosas e as alterações das capsulas supra-renaes.**

Si a arterio- esclerose não provem de nenhuma destas causas, de que affecção ou diathese resulta ella? O prof. LANCEREAUX é categorico a este respeito e responde: do **arthritismo,** especialmente da gotta e do saturnismo (**Revista Syniatrica,** Maio, 1912).

BOULOUMIÉ (**Hygiene alimentar dos arterio-esclerosos,** Junho, 1912) diz que todos os auctores estão hoje de perfeito accôrdo no sentido de reconhecer as relações de causa e effeito entre a gotta e à arterio-esclerose, e de considerar o arthritismo como uma predisposição para essa molestia. Elle mostra que hoje é mais frequente a arterio- esclerose do que antigamente, acontecendo o mesmo com o arthritismo, do qual aquella é uma conseçuencia. Descreve com toda precisão as diversas phases metabolicas por que vae passando o organismo sob a influencia do arthritismo até que se constate a arterio-esclerose.

O encadeamento dos factos é o seguinte:— a super-alimentação dá lugar a um excesso de productos de desassimilação incompletamente transformados, estes por sua vez mantêm uma **intoxição organica** prolongada, que dá em resultado o **arthritismo,** e graças a persistencia de sua acção sobre as

paredes arteriaes e sobre sua nutrição, constitue-se a esclerose, a principio dos vasos, depois dos parenchymas, e, finalmente, surge a **arterio-esclerose** confirmada.

Segundo HUCHARD, é esta a filiação dos accidentes que produzem a arterio-esclerose: o primeiro anel da cadeia pathologica é a **adulteração sanguinea,** de origem diathesica, infectuosa, toxica ou alimentar; depois vem o segundo estadio — a **hypertensão arterial,** provocada por uma vaso-contricção geral, e, por último, em consequencia da **irritação vascular** provocada pela hypertensão arterial, sobre-vem a esclerose dos vasos e assim se organiza a arterio-esclerose.

* * *

Chegado ao termo deste rapido estudo, sobre um assunpto vital e palpitante da actualidade, não temos a estulta pretenção de acreditar que, além do laço que liga e concatena a serie de factos expostos, nos pertença alguma cousa mais. Envidamos, é verdade, todo o esforço para articular com solidez e clareza os aneis dessa vasta cadeia pathologica, que tem o primeiro élo na tachyphagia e o ultimo no arterio-esclerose. Mostramos que a tachyphagia conduz á super-alimentação (HECKÉL), que esta, de parceria com a sedentariedade, cria o arthritismo (LEGENDRE), e este, por sua vez, póde acabar em uma tuberculose (P. CARTON) ou em uma arterio-esclerose (LANCEREAUX).

Assim, chegamos a esta verdade paradoxal:— a super-alimentação prepara o terreno para a tuberculose.

Em verdade, si o arthritismo é um terreno favoravel ao desenvolvimento do bacillo de KOCH e si a polyphagia é o factor etiologico primordial do arthritismo, então é justo, é logico que devemos responsabilizar a super-alimentação pelo apparecimento da molestia, que ella, com tanta afoiteza, se propunha a combater.

Lapa (Estado do Paraná), 20-8-912.

LEPRA DE FÓRMA SYRINGOMYELICA (*)

Quando em 1827 OLLIVIER (d'Angers) criou o vocabulo — **syringomyelia** — não teve em vista o canal central da medulla — ependyma, — que existe normalmente. Para elle o orificio central representava sempre um estado pathologico. Hoje, essa palavra é tomada em sua accepção etymologica e quer dizer — affecção caracterisada, sob o ponto de vista anatomico, por uma cavidade pathologica intra-medullar.

São interessantes as phases por que tem passado o estudo dessa affecção, como muito pela rama vamos mostrar.

Até 1876 VIRCHOW e LEYDEN ainda consideravam a syringomyelia como o **reliquat** de uma hydromyelia (dilatação do canal central) antiga.

Em 1887 JOFFROY e ACHARD consideravam-n'a como uma myelite cavitaria.

Para SIMON e WESTPHAL era a consequencia de um tumor gliomatoso desenvolvido ao lado do canal central da medulla.

CHARCOT já havia constatado que a atrophia muscular é um dos symptomas da syringomyelia, mas a sua evolução clinica e symptomatologia não fôram bem estudadas e esclarecidas sinão depois dos trabalhos notaveis de SCHULTZE e KAHLER, em 1882. Estes auctores estudaram as perturbações da sensibilidade, caracterisadas pela perda das sensações thermicas, dolorosas e conservação da sensibilidade tactil, phenomeno este interessantissimo conhecido hoje pelo nome de **dissociação syringomyelica.**

(*) Communicação feita á Sociedade de Medicina do Paraná em 5 de Maio de 1915.

DUCHENNE (de Boulogne), estudando a **atrophia muscular progressiva do adulto,** descreve certas fórmas dessa molestia com perturbações da sensibilidade, sob a acção do calor e da electricidade, com tanta precisão e minucia que todos os neuropathologistas fazem hoje, retrospectivamente, o diagnostico da syringomyelia.

Raro o neuropathologista que não tenha publicado trabalho sobre esse assumpto, de tal modo que, já em 1890, parecia completo o quadro symptomatico dessa afecção.

Nos ultimos annos têm chamado muito a attenção e têm sido objecto de caloroso debate as relações da syringomyelia com a lepra e com a molestia de MORVAN, ou panaricio anesthesico, e o caso que vamos referir traz um valioso contingente sob esse ponto de vista. Depois de termos lembrado ligeiramente a evolução por que tem passado a syringomyelia, vamos relatar a observação de uma doente que despertou a attenção de varios collegas.

* * *

E. S. M., de 18 annos de idade, solteira. As informações relativas aos antecedentes hereditarios fornecidos pela doente não são a expressão da verdade, como mais de espaço ficará provado. Ella manifestava má vontade em dar esclarecimentos sobre sua affecção, procurava occultar as mãos que eram a séde principal de seus soffrimentos e ficava contrariada quando se insistia sobre a causa das feridas que apresentava nos dedos, affirmando que eram provenientes de queimaduras e que nada a incommodavam.

Em relação aos seus progenitores, refere que seu pae morreu de uma affecção intestinal e sua mãe é viva e soffre de rheumatismo. Tem irmãos e que só a irmã mais velha teve doença semelhante á sua. Nada sabia em relação ás molestias de que succumbiram seus avós.

Temos informações fidedignas sobre o estado de saúde de seus ascendentes e que vêm lançar intensa luz sobre este caso.

Antecedentes pessôaes. — Ha oito annos que se acha doente e ha 3 que não se modifica o seu estado de saúde. A primeira manifestação de sua molestia, ou, como diz a doente,

sua molestia é a consequencia de uma queimadura do dedo, que, aggravando-se, deixou suas mãos disformes, como se achavam hoje. Refere que não sentia dôr alguma quando queimava as mãos. Notou que, depois das primeiras queimaduras, a mão foi emmagrecendo e os dedos tornando-se contrahidos. Diz ter sentido nos primordios da affecção muitas dôres nos braços e nas mãos. Não se recordava de outras molestias que tenha soffrido. Foi menstruada uma só vez, ha um mez.

Estado actual. — A doente é morena, facies sympathica, sem alteração alguma em seus traços physionomicos. Os supercilios são normaes, a pelle é fina, apresentando sómente nas proximidades dos tragos manchas achromicas, pequenas e anesthesicas. Nos ultimos dias em que a examinamos descobrimos uma placa anesthesica no centro do supercilio esquerdo. O nariz é bem conformado e não se encontra nas fossas nasaes inflammação alguma. Em summa, a facies da doente nada revela que nos possa auctorisar um diagnostico. Não soffre perturbações dos esphincteres nem da bexiga. O que attrahe desde logo a attenção é a deformidade especial de suas mãos, e que se caracterisa por uma atrophia muscular das regiões thenar, hypothenar e dos inter-osseos, espessamento da pelle da face palmar, algumas cicatrizes disseminadas, semi-flexão dos 4 dedos, completa e permanente flexão da phalangeta do pollegar, dando a esses appendices a fórma de garra. Ha perturbações trophicas para o lado das unhas.

Sensibilidade. — A doente tem grandes perturbações da sensibilidade, nas mãos e terço inferior dos ante-braços. Não sente picadas de alfinete nem calor, nem frio. Em vez da anesthesia occupar nos membros segmentos perpendiculares ao grande eixo, revelando-se em todos elles na mesma altura, manifesta-se em alturas differentes, não diremos em faixas longitudinaes, mas em linhas obliquas, principalmente no ante-braço esquerdo. Não é perfeitamente radicular e nem exactamente segmentaria, como á primeira vista parecia. Na face anterior do ante-braço a anesthesia está situada mais baixo que na face posterior, os seus limites não ficando **vis-à-vis** no segmento do membro. Em relação ao valor da anesthesia em faixa longitudinal, que não verificamos em nossa doente, dizem THOMAS e DEJERINE, á pagina 417 do seu notavel trabalho — **Molestias da medulla:** "Esta disposição segmentaria longitudinal em fór-

ma de fita, isto é, radicular, observa-se constantemente na syringomyelia".

Ha necessidade de vendar os olhos da doente para explorar a sensibilidade, porque ella se presta com muito má vontade a todos esses exames e procura sempre falsear o resultado das pesquizas.

Depois de examinarmos a ausencia das diversas fórmas da sensibilidade, para fechar o cyclo da dissociação syringomyelica, sondamos a sensibilidade tactil e, para isso, fechando os olhos da paciente, tocamos de leve o tegumento cutaneo, em varios pontos onde notamos que ella era manifesta. Apertamos de leve, tomando em nossa mão, o punho da doente, contornando-o e, com surpresa dos que assistiam á experiencia, ella nos declarou que sentia perfeitamente que estavamos apertando seu braço, entretanto em toda essa zona era completa, absoluta a anesthesia. Repetimos a exploração e verificamos que a doente tinha normal a sensibilidade tactil. Nem sempre era perfeitamente intacta essa sensibilidade, mas nem por isso deixava de haver a dissociação syringomyelica.

Em duas maculas no dorso, symetricas, verificamos a perfeita integridade da sensibilidade tactil, repetindo a experiencia de JEANSELME, que manda tocal-as com um flóco de algodão, afim de explorar essa sensibilidade ,pagina 22 — **Dermatologia exotica**).

Não apresentava a doente dissociação na sensibilidade thermica.

A destribuição da **analgesia** seguia a mesma disposição da **thermo-anesthesia,** isto é, tinha a mesma topographia. Não havia alteração do senso muscular, nem erros na noção da posição. Notava-se no dorso zonas achromicas de anesthesia, ao longo da região inter-escapular. Em uma dellas os Drs. LEAL FERREIRA e ED. VIRMOND, para procederem á biopsia, retiraram fragmentos da pelle e a doente não o sentiu.

Não havia deformação da columna vertebral, — escoliose, — quasi constante na syringomyelia. Não havia tambem perturbações bulbares, nem dos orgãos da visão. Todos os movimentos dos braços e ante-braços eram normaes, força regular e andar normal.

Membros inferiores. — O pé esquerdo apresentava notaveis deformidades e perturbações trophicas. O 1.° dedo não existia. Diz a doente que ha 3 annos, mais ou menos, sobreveiu um callo nesse dedo e, em pouco tempo, transformou-se em profunda ferida e o dedo cahiu. Mais tarde, referiu que, estando muito adeantada a ferida, ameaçando decepar o dedo, ella acabou de amputal-o, sem que sentisse dôr alguma.

Não existia tambem o 3.° dedo do pé e o 2.° estava atrophiado e deitado sobre a cabeça do 1.° metatarseano. Não havia perturbação trophica no dorso do pé. O mesmo não acontecia na região plantar, onde se notava uma ulceração indolôr, arredondada de 1 e 1/2 centimetro de diametro, de côr negra, assestada sob a cabeça do 2.° metatarseano. Trata-se de **mal perfurante** plantar, ou syndroma de FOLLEN, bem caracterisado e que, não raro, acompanha a syringomyelia e a lepra.

O pé direito tambem apresentava perturbações trophicas, porém em muito menor escala. As perturbações para o lado da sensibilidade são analogas ás que relatamos para os membros superiores. Existia a dissociação syring, até o terço-inferior das pernas.

Um facto notavel observamos nesta doente — a modificação extraordinaria na distribuição topographica da anesthesia. Em verdade, logo que a examinamos, ha um mez, notamos que a analgesia era completa no terço inferior do ante-braço. face anterior e no terço médio, face posterior, tanto que, inadevertidamente, demorando sobre a pelle o tubo de agua quente, queimamol-a e ella nada sentiu, apezar da grande bolha que sobreveiu.

Hontem notamos, entretanto, que ella tinha menos embotada a sensibilidade, facto que a propria doente havia observado e para elle nos chamou a attenção.

OPPENHEIM e STRUMPELL citam factos analogos a esse.

Diz a esse respeito DEJERINE: "Não é raro observarem-se modificações notaveis da sensibilidade no espaço de mezes, e mesmo no intervallo de algumas semanas." (Mol. da medulla, pag. 438).

Reflexos. — O signal de WESTPHAL era evidente, isto é, o reflexo patellar estava completamente abolido.

As observações dos neuro-pathologistas firmaram este facto; o reflexo é sempre exaggerado na syringomyelia e só é abolido quando ha associação com a tabes, ou quando a cavidade medullar é muito vasta para dar lugar a destruição dos collateraes reflexos.

Diagnostico. — A syringomyelia classica apresenta-se com os symptomas seguintes: dissociação da sensibilidade, escoliose, exaggeração dos reflexos dos membros inferiores, perturbações trophicas, perturbações radiculares da sensibilidade. É grande, pois, a analogia que ella apresenta com a lepra e com a molestia de MORVAN.

De facto, a lepra nervosa é caracterisada, clinicamente, pela atrophia muscular, perturbações da sensibilidade trophicas, justamente como na syring. Ha casos, dizem CHAUFFARD, PITRES e SABRAZÉ em que é impossivel distinguir estas duas afecções. Em verdade, THIEBIERGE e CHAUFFARD relataram casos de lepra que traziam a mascara da syringomyelia. Em um desses, diz JEANSELME, que elles diagnosticaram syring., PITRES e SABRAZÉ verificaram a presença do bacillo de HANSEN pela biopsia de um filete do musculo cutaneo.

O professor RAUZIER (pag. 322 vol. 4.° do Trat. de Therap. de ROBIN), estudando a syring. e referindo-se á opinião do eminente medico de Constantinopla — ZAMBACO, que considera a syring. e a molestia de MORVAN como fórmas attenuadas da lepra, diz o seguinte: "esta opinião, que é muito discutida em sua fórma geral, parece demonstrada em um certo numero de casos" e cita varios neuro-pathologistas que encontraram o bacillo de HANSEN no systema nervoso de diversos doentes.

SYRINGOMYELIA	LEPRA	E. S. M.
1.° Dissociação syringomyelica	1.° Raras vezes presente	1.° Presente.
2.° Distribuição radic. da sensib.	2.° Segmentaria.	2.° Segmentaria.
3.° Perturb. trophicas pouco intensas . . .	3.° Muito intensas.	3.° Muito intensas.
4.° Ausencia de perturb. trophicas nos membros in.	4.° Presentes e intensas.	4.° Presentes e intensas.
5.° Ausencia de neuromas	5.° Raramente ausentes.	5.° Ausentes.
6.° Escoliose	6.° Ausente.	6.° Ausente.
7.° Ausencia de atrophia musc. nos membros inf.	7.° Presente.	7.° Ausente.
8.° Exaggero do reflexo patellar	8.° Abolição.	8.° Abolição.
9.° Ausencia de cellulas eosinophilas no sangue	9.° Presentes.	9.° Presentes.
10.° Ausencia de maculas cutaneas anesthesicas	10.° Presentes.	10.° Presentes.
11.° Myosis	11.° Ausente.	11.° Ausente.

Organisamos o quadro synoptico supra com os principaes symptomas da **syringomyelia** e da **lepra** e confrontamos com os que apresenta. E. S. M., para d'ess'arte vermos si é possivel firmar o diagnostico de lepra ou syringomyelia, porque pensamos com JEANSELME (pag. 100 obr. cit.) quando diz: "Le diagnostic de ces deux maladies est assûrement fort difficile, mais de ce qu'on les confond souvent il ne faut pas conclure qu'elles ne constituent qu'une seule entité morbide".

Após a exposição que acabamos de fazer dos elementos semiologicos colhidos em nossa doente, após o cotejo das mais notaveis manifestações morbidas apresentadas pela paciente e observadas na lepra e na syringomyelia, relativamente aos progenitores de E. S. M., e que são as seguintes (trasladamos para aqui, sem alteração alguma, a nota escripta que recebemos de um amigo que conhece toda familia de E. S. M.):

"E. S. M. **Pae** — P. C. S. — morreu morphetico.

Mãe. — M. M., é viva, atacada de morphéa, já quasi não póde caminhar.

Avós maternos. — J. F. de M. vivo e com saúde, e A. dos S. ignora-se si é viva ou morta, quando aqui morava dizia-se que era morphetica, por causa da côr. Tem um filho, chamado ANTONIO, que morreu morphetico.

Dos irmãos de E. S. M. só tem o de nome JOÃO, que ainda não tem feridas.

Os avós paternos eram são,"

Julgamos auctorisados a formular o diagnostico de **syringomyelia** do typo ZAMBACO, ou, melhor, — **lepra com syndroma syringomyelico,** apezar de não ter sido encontrado o b. de HANSEN em repetidos exames feitos pelo Dr. LEAL FERREIRA.

Em relação ás porfiadas investigações para descobrir o b. de HANSEN, nada diremos, porque essa parte da historia de E. S. M. ficou a cargo do Dr. LEAL FERREIRA, que, apezar de sua competencia e dedicação, não conseguiu descobrir o elemento pathogenico dessa molestia, em multiplas pesquizas que realizou. Não se tendo descoberto o b. de HANSEN em repetidas pesquizas, não será temeridade da nossa parte fazer o diagnostico da lepra no caso em questão?

Pensamos que não, pois o bacillo póde já ter existido, não existir mais ou ser muito raro (KOLLE e HETSCH), o que difficulta sua descoberta, principalmente operando-se só nas **manchas** da pelle, na **secreção nasal** extranha á rhinite especifica, nas soluções de continuidade da pelle, que são o resultado de ulcerações de nodulos leprosos e do sangue, sem haver exacerbação da molestia.

A presença do bacillo é constante nos tuberculos ulcerados, nos nodulos ou nevromas, na secreção nasal, quando ha rhinite especifica, e frequente nas manchas hyper-chromicas.

Sobre a frequencia do b. de HANSEN no muco-nasal diz JEANSELME: Il faut bien savoir toutefois que, la lèpre tuberculeuse mise à part, la présence du bacille dans le mucus nasal est inconstant..." (pag. 37 ob. cit.).

É incontestavel que muitas vezes, nas verdadeiras placas lazarinas, não se encontra o b. especifico. Sobre o valor diagnostico dessas manchas anesthesicas, como as que observamos em nossa doente, diz LE DANTEC (pag. 273 — 2.° v. — Pathologia exotica): "Na lepra, as manchas apresentam certos caracteres que se pódem considerar como pathognomonicos da molestia; são perturbações sensitivas e trophicas... A anesthesia é o caracter pathognomonico das manchas leprosas e, póde-se dizer, que o alfinete é tão util para fazer o diagnostico da lepra como o proprio microscopio...".

No estudo intitulado — **Fórmas benignas da lepra nervosa,** publicado pelo prof. JULIANO MOREIRA ("Arch. Brazil. de Med.", Fev. de 1911), em mais de um caso bastou uma placa anesthesica para esclarecer o diagnostico. Assim (1.° caso) uma placa na côxa, na qual o paciente podia transfixar um alfinete, foi quanto chegou para o illustre mestre diagnosticar um caso de lepra. Tendo o prof. AUSTREGESILO (3.° caso), na occasião em que vaccinava uma pessôa, notado que uma longa mancha dischromica era completamente insensivel á picada do vaccinostylete, o prof. JULIANO MOREIRA, depois de examinar cuidadosamente a placa, diagnostico um caso de lepra, apezar de não ter encontrado o b. de HANSEN na serosidade de um vesitatorio, nem no muco nasal.

Dizem KOLLE e HETSCH (1.° vol. pag. 442 — **Bacteriologia experim.**) que "acontece frequentemente, tanto na lepra nervosa, como na tuberculosa, que os tecidos affectados só encerrem raros bacillos". Acrescentam elles que esse facto parece significar caminho da cura local dos fócos leprosos, principalmente na lepra nervosa, facto que se observa em nossa doente.

Em summa, o laboratorio com todo o seu grande valor, com todos os seus multiplos recursos, não conseguiu descobrir o bacillo especifico, que por si só evidenciaria a molestia, mas a clinica, com os elementos semiologicos hauridos em casos incontestaveis e cotejados com os que fôram cuidadosamente observados na doente em questão, nos auctorisam a estabelecer o diagnostico de **lepra de fórma syringomyelica.**

Curityba, 5 de Maio de 1915.

Registro Clinico

ACTINOMYCOSE

A 18 de Novembro do anno passado apresentámos á Sociedade de Medicina do Paraná a observação de um caso de **actinomycose,** cujo diagnostico foi plenamente confirmado pelo exame microscopico.

Antes de trasladar para as columnas do **Paraná Medico** essa observação, tal como foi lida n'aquella Sociedade, devemos deixar consignado que o Dr. Octavio Torres, Preparador e livre docente da Faculdade de Medicina da Bahia estampou no **Brazil Medico,** de 15 de Julho de 1916 um bem elaborado trabalho sobre esse assumpto.

Em relação a exiguidade dos estudos indigenas dados á lume sobre essa affecção diz o Dr. O. Torres: "Os casos sem contestação verificados no Brazil são poucos. ... A 1.ª observação sobre actinomycose apresentada entre nós, é de Pedro Severiano de Magalhães e Oscar Bulhões; as 2 subsequentes pertencem á Zeferino do Amaral e Jorge Franco, a quinta que damos á lume presentemente...".

Assim não é sem interesse o registro de mais um caso dessa entidade morbida que, parece-nos, tem figurado no canhento de alguns de nossos collegas sob rubricas diversas.

Tal a semelhança que ella affecta, não raro, com certos processos morbidos banaes que só o exame microscopico póde estabelecer sua identidade. Isso explica cabalmente o pequeno numero de casos registados entre nós.

Damos a seguir a observação a que nos referimos acima.

* * *

Não nos constando que tenha sido observado pelos collegas de Curityba um caso devidamente authenticado de **actinomycose** vimos traser ao conhecimento da **Sociedade de Medicina do Paraná** a observação de um doente que patenteia indubitavelmente a existencia dessa affecção entre nós.

Além do quadro suggestivo que a modalidade e a localisação do estado morbido offereciam ao avisado clinico neste caso, levando o Dr. Ferencz a estabelecer de prompto o diagnostico, ainda podemos apresentar o exame bactereologico feito pelo illustre Dr. Leal Ferreira, o qual por si só bastaria para fazer cessar toda duvida quanto ao diagnostico desta affecção.

O Dr. Ferencz tendo observado muitos casos semelhantes em sua patria (Austria) onde é muito frequente esta molestia, não teve a menor hesitação em affirmar, á primeira vista, que aquelle doente era portador de uma **actinomycose.** E o exame microspico veio confirmar brilhantemente esse juizo.

Para quem não tem ainda observado essa molestia, á simples inspecção o caso parecia de uma osteo-periostite vulgar, (periostite alveolo-dentaria) consecutiva a infecção que teve por ponto de partida um dente cariado.

Aprofundando-se mais o exame observava-se que a marcha do processo morbido e os symptomas subjectivos não eram de uma simples periostite alveolo-dentaria.

De facto, o longo trajecto das fistulas, a dôr insignificante e os depositos ou pequenos bolsos em que estava retida a suppuração destoavam da forma classica das osteo-periostites suppuradas.

O caso é o que vamos narrar resumidamente e o rapido estudo que apresentamos sobre elle tem por unico escopo chamar a attenção dos illustres collegas que ainda não observaram casos semelhantes e que pódem passar despercibidos á um exame superficial.

R. P., de 19 annos de idade, serrador, solteiro e de constituição robusta. Sempre gosou excellente saude.

Ha 4 ou 5 mezes começou a soffrer de dôr intensa no 2.° molar inferior esquerdo que estava careado.

Quinze dias depois formou-se um abcesso alveolo-dentario que se rompeo junto ao dente deitando muito pús e não tendo, entretanto, diminuido a tumefacção, como informa o doente.

Decorridos alguns dias foi augmentando essa tumefacção até que se rompeo para a parte externa, deitando pús fetido. Assim continou seo estado até que 10 dias após se formou nova fistula ao nivel do maxilar inferior. Diz R. P. que dentro de 2 mezes abriram as 2 fistulas de que era portador e que a 3.ª appareceo ha pouco tempo. Ha um mez seo estado se conserva sem grande alteração.

Estado actual. Apresenta 3 fistulas abertas ao nivel do maxilar inferior: a 1.ª em correspondencia com o dente careado, a 2.ª junto ao mento e a 3.ª na parte media e inferior do maxilar, pouco adeante do angulo.

Soffria pouca dôr.

A suppuração não se escoava facilmente porque era retida em bolsas ou pequenos reservatorios arrendondados.

O estado geral do doente excellente.

A 10 do corrente foi elle operado na casa de saude do Dr. Ferencz.

Abertos os fócos de suppuração, raspados os tecidos molles e osseos alterados, retirado todo o tegumento suspeito, bem como os fragmentos do dente e colhido o material para o exame do laboratorio foi feito o curativo com solução iodada.

O Dr. Leal Ferreira a quem foi remettido o material para o exame microscopio e cuja competencia nesse genero de indagações é já bem conhecida chegou ao seguinte resultado, conforme suas proprias palavras: "O exame microscopico do material enviado revelou a presença de **nodulos actinomycosicos** nos quaes predomina a existencia de **mycelio".**

Assim, não póde haver sombra de duvida quanto ao diagnostico, pois a observação clinica e o exame microscopico estão perfeitamente accordes na affirmação do mesmo facto.

— A **actinomycose,** não é demais lembrar, é uma affecção parasitaria commum ao homem e aos animaes, produsida por um cogumelo — o **actinomyces.**

Durante muito tempo reinou completa confusão entre esta affecção, os neoplasmas e a tuberculose local.

Foi descripta a 1.ª vez pelo veterinario Rivolta em 1868 (tumor do maxillar do boi), depois por Bollinger e Harz em 1877 que lhe deram esse nome pela apparecencia que os parasitas apresentam com os raios de uma estrella.

Esta molestia é muito frequente na Russia, Allemanha e principalmente na Austria e era muito rara na França até 1894. Hoje é frequente no departamento do Sena e em Paris.

Apresenta-se sob dois aspectos — de **neoplasma** e de **abcesso,** no 1.° caso é um processo de inflammação chronica sem suppuração, no 2.° abcesso de evolução sub-aguda sempre acompanhado de uma zona de reacção mais ou menos extensa. É o que affirma Dieulafoy quando trata da anatomia pathologica relativa a essa molestia. As lesões da **actinomycose,** diz elle, apresentam-se ora sob a forma de um tumor sarcomatoso ou myxomatoso, ora sob a forma de um deposito seropurulento contendo um pús escuro, côr de chocolate.

1.ª forma é o **typo neoplasico** de Poncet muito frequente no boi e muito rara no homem, ao passo que o abcesso actinomycosico é muito mais frequente no homem, tem marcha chronica, fistulisa-se facilmente e dá lugar muitas vezes a suppurações interminaveis.

A actinomycose póde atacar diversas partes do corpo, com localisações internas ou externas, porém é mais frequente na face e pescoço, principalmente em torno do maxillar inferior, tendo por porta de entrada um dente cariado.

Nesta forma cervico-facial ella começa geralmente por esse meio e em um ponto limitado da gengiva na face externa do maxillar apparece uma nodosidade dura, não raro indolente que no fim de alguns dias suppura. A pelle das proximidades toma uma côr violacea e sem tardança vem a suppuração e formam-se as fistulas e a lesão simula perfeitamente uma osteo-periostite consecutiva a infecção alveolo-dentaria.

As fistulas deixam escapar um liquido seroso ou purulento onde se encontram grumos e grãos amarellados do tamanho de uma cabeça de alfinete. A nodosidade e as granulações amarellas caracterisam esta molestia.

Não ha duvida que a infecção resulta da inoculação por uma solução de continuidade do parasita que existe nas gramineas, forragens e que vehiculam o **actinomyces.** O facto é nitidamente demonstrado diz Dopter, em relação ao animal e é muito provavel que o mesmo succeda com o homem.

Piana, n'um caso de **actinomycose** lingual observado em um vitello verificou no trajecto fistuloso a presença de um fragmento de haste de cevada coberto de parasita.

Bertha cita casos de **actinic.** nas mãos dos batedores de trigo.

Poncet e Berard relatam o interessante caso observado por Soltmann: — um menino engole uma espiga de cevada e sente mais tarde dôres violentas no dorso. Formam-se abcessos entre a columna vertebral e a omoplata. Abertos esses abcessos encontram-se destroços da espiga impregnada de **actinomyces.**

Por esta ligeira synopse vê-se desde logo que o diagnostico não é facil, pois ha muitas affecções que simulam a actinomycose, principalmente a periostite alveolo-dentaria, o sarcoma, a syphilis e a tuberculose local.

Só a pesquisa do parasita póde tirar a duvida nestas conjuncturas, isto no caso de ser elle descoberto, pois ha observações de actinomycoses antigas que os cogumelos pathogenicos não são encontrados.

São estas as considerações que desejavamos fazer a proposito de um caso de actinomycose authenticado pelo exame bactereologico, chamando para esta entidade morbida a attenção dos illustres collegas porque ella, como já dissemos, póde facilmente passar despercebida.

Coritiba, 6 de Agosto de 1916.

* * *

P. S.

Ha poucos dias procurou-nos o cliente que forneceo a observação supra e então tivemos occasião de examinal-o e verificar que estava completamente restabelecido, restando apenas a cicatriz ao longo do maxillar inferior.

LIÇÃO INAUGURAL DE CLINICA PROPEDEUTICA

Pelo Dr. JOÃO CANDIDO

(CURITYBA)

"Todas as disciplinas que vos foram ensinadas até aqui e as que vol-o serão d'aqui em diante, são preciosas e indispensaveis, nenhuma, porém, sobreexcede á propedeutica". (Prof. M. Couto).

Vamos hoje iniciar o estudo da disciplina basica do curso medico, da pedra angular da clinica — a Propedeutica ou semiotica.

Não esperem, já o dissemos em outra opportunidade, discursos eloquentes e vibrantes, marchetados de citações repetidas e eruditas, não esperem tiradas bombasticas, nem surtos peregrinos. Nada disso sabemos fazer.

Uma cousa, porém, de alguma valia podemos e devemos prometter, — esforçarmo-nos para transmittir com clareza e maxima bôa vontade o que temos aprendido em um já longo tirocinio, e não perderemos tempo em devaneios estereis, em futeis vaniloquios.

Procuraremos fazer lições praticas e claras, valendo-nos dos subsidios da experiencia propria e dos ensinamentos dos mestres que versam com proficiencia a materia deste curso.

Para que os Srs. aquilatem de sua importancia e prestabilidade é bastante lembrarmos o juizo que della fazia Boerhaave, sabio clinico hollandez, cuja fama percorreu o mundo inteiro, tanto que tendo um mandarim da China lhe dirigido uma

carta apenas escreveo no envelope como **adresse:** Ao Sr. Boerhaave. **Medico. Europa.** Dizia elle: "Eu prefiro um medico, que, ignorando todas as cousas, saiba a semiotica, a um, que tubo sabendo a ignora".

Comparamos o desempenho deste pesado encargo em que estamos investido interinamente a uma longa e accidentada viagem que deve terminar no fim do anno lectivo, depois de percorridas as cincoenta e cinco circumscripções que são os pontos de nosso programma.

Na qualidade de companheiro mais velho, e só por isso, iremos servindo, nessa jornada em busca de um tozão de ouro de nova especie mais precioso e mais seductor que o da fabula, de guia aos novos argonautas da clinica Propedeutica. Assim, de mãos dadas, em respeitosa camaradagem, iremos ora desvendando paisagens deslumbrantes que extasiam e empolgam, ora supportando caligens e tropeços que aos fracos e sem fé entibiam e entristecem nessa excursão, por onde Francisco de Castro e Miguel Couto deixaram sulcos luminosos e marcos coruscantes que por todo sempre hão de lembrar seus nomes benemeritos.

Assim, juntos, madrugando no estudo e vergados sobre o leito dos doentes, iremos sondando até onde cheguem nossas pequenas forças, os mysterios dessa arte tão delicada, tão preciosa e tão prestadia que nos faz conhecer, por meio de signaes varios e por meio de reacções diversas e bem interpretadas, a entidade morbida que invadio o organismo.

Será esse o nosso roteiro, será esse, pois, o nosso principal desideratum, já que a propedeutica é a parte da arte medica que nos ensina a examinar o doente, a pesquisar os elementos morbidos e interpretal-os no sentido de estabelecer o diagnostico.

Na presença do doente a preoccupação maxima do medico, consciente de sua alta e nobre missão, é reconhecer não só a entidade clinica que vae enfrentar, como o organismo em que ella vae evoluir; em summa, descobrir o inimigo que vae combater, a efficiencia de seu ataque, bem como a natureza do terreno onde elle opéra, e o valor de sua resistencia.

Se a molestia é a resultante de uma lucta entre o organis-

mo e o agente morbigeno (G. de Mussy), só o perfeito conhecimento da séde dessa lucta e dos disturbios que ella pode produzir nos fornecerá elementos seguros para um auxilio efficaz ao organismo que resiste e deve triumphar na peleja.

Se o anhelo do clinico na cabeceira do doente é o **diagnostico, o seu fim,** entretanto, é outro não menos difficil e mais altruistico — tratar o doente, combater a molestia.

Mas, Snrs., todos os estados morbidos devem ser combatidos? — Não, absolutamente não.

E foi isso que procurámos demonstrar em uma allocução pronunciada por occasião do 2.° anniversario da **Sociedade de Medicina do Paraná.**

"Em verdade, dissemos nós, ha molestias que não devem ser tratadas, receiando-se que qualquer intervenção therapeutica possa perturbar a sua marcha normal para a cura; ha outras que devem ser respeitadas e conservadas porque exercem uma influencia benefica sobre seu hospedeiro; em fim, ha ainda outras que devem ser provocadas com o louvavel intuito de fazel-as interceder na lucta, em pról do organismo que já se acha a braços com outro inimigo mais damnoso".

A primeira categoria é das molestias cyclicas, isto é, que percorrem periodos certos. É deste grupo, entre outras, a pneumonia sobre o tratamento da qual diz o sabio professor Trousseau — que ha longo tempo está inclinado a acreditar na inefficacia da nossa medicina.

A segunda categoria é das molestias que devem ser respeitadas, pois beneficiam o terreno invadido e são por isso chamadas **uteis,** e a 3.ª é das molestias que devem ser provocadas e aliciadas ao organismo, auxiliando-o na lucta.

Em compensação ha o grande grupo das molestias **trataveis** que exige do clinico acção energica e prompta para ser efficaz.

Como deve orientar-se o clinico nesse **maremagnum** de molestias que ora devem ser combatidas, ora respeitadas?

Qual o **santelmo** que deve indicar o bom caminho ao medico-therapeuta?

O **diagnostico.**

De facto, o diagnostico nos revela o prognostico e este nos indica o tratamento.

Cavemos um pouco neste terreno, precisando a accepção de vocabulos com que vamos jogar a todo momento.

Diagnostico é o conhecimento exacto de uma entidade morbida que se adquire pela observação e interpretação dos symptomas.

Symptomas — são as diversas perturbações do organismo que nos revelam a molestia ou affecção. **Syndromo** é a reunião dos symptomas que se reproduzem ao mesmo tempo em um certo numero de molestias.

Molestia — é um processo morbido considerado desde sua causa inicial até suas ultimas consequencias. (Roger).

É um conjuncto de phenomenos que evoluem sob a influencia da mesma causa. (M. Couto).

Affecção — é o processo morbido considerado em suas manifestações actuaes abstração feita de suas causas. (Roger).

É um conjuncto de phenomenos na dependencia da mesma lesão. (M. Couto).

Prognostico — é a parte da arte medica que tem por objecto prever a evolução e a terminação das molestias. Para que elle seja completo deve preencher 3 fins: prever a terminação da molestia actual, prever sua influencia sobre o futuro do doente e sobre seus descendentes.

A propedeutica cuidando de examinar o doente e catalogando as perturbações morbidas que elle apresenta e interpretando-as devidamente, não póde deixar de ter relações intimas com a pathologia e com a clinica, apezar de ter cada uma dellas seu objectivo e atribuições differentes.

De facto, a pathologia interna é a sciencia que trata das molestias, estudando suas causas, seus symptomas, sua marcha, diagnostico, prognostico e o tratamento.

Tomando por ponto de partida uma determinada molestia a **pathologia interna** vai estudar tudo quanto della decorre, ao passo que a propedeutica segue outro rumo-pesquisa apenas os

elementos morbidos apresentados pelo doente, utilisando-se de tudo quanto lhe póde fornecer a physica, a chimica e a observação clinica para caracterisar a molestia, para conhecer o logar que ella occupa no quadro nosologico.

O estudo da **pathologia** é abstrato, o da propedeutica é technico. No 1.° caso a molestia é conhecida e o objectivo é conhecer sua causa e estudar tudo quanto della decorre. No 2.° caso a molestia é a incognita e o clinico põe em contribuição toda sua finura, todo seu saber e toda sua experiencia para conhecel-a.

A clinica estuda o doente e pesquiza tudo quanto se relaciona com suas condições individuaes e estudando as perturbações morbidas que elle apresenta, vae pedir á propedeutica o seu poderoso concurso para o diagnostico, sem o que não pode alcançar seo desideratum — a therapeutica.

"A clinica medica, diz M. Couto, tem por fim o estudo do doente, isto é, das modificações funccionaes ou somaticas operadas no seo organismo, traduzidas por symptomas e signaes, e dos meios efficazes de as remediar. Qual é então o primeiro dever, o dever preliminar, do medico junto do doente? Saber conhecer essas modificações. Ora, é a propedeutica que instrue todos os processos da investigação clinica, que discrimina os symptomas, que pesa o valor dos signaes, que apura todos os meios conducentes ao diagnostico: Em summa, — propedeutica é a arte de examinar os doentes".

Referindo-se ao diagnostico — final preoccupação da propedeutica, diz F. de Castro:

"É este o eixo em volta do qual gyra todo o problema clinico, e de tal modo que sem diagnostico é impossivel a medicina".

O diagnostico póde ser **physico, funccional e etiologico.** É physico quando indica o estado anatomico do orgam; funccional, quando revela o estado das funções dos orgãos ou aparelhos e etiologico quando desvenda a causa do processo morbido.

Ha casos, infelizmente raros, em que a simples inspecção do doente nos revela a molestia, outros ainda mais raros,

que descoberto um symptoma — por isso chamado **pathognomonico,** está individualisada a molestia, outros, enfim, a mór parte d'elles, em que esta anda occulta por entre manifestações tão obscuras, tão confusas, que só com grandes difficuldades e pesquisas multiplas se consegue descobril-a.

Facil seria a arte de especificar o diagnostico se cada molestia tivesse sempre a mesma exteriorisação, mas ha molestias que se manifestam por symptomas diversos, como ha symptomas que pertencem á muitas molestias ao mesmo tempo.

Para que os mesmos elementos morbidos, em suas diversas manifestações, correspondessem a mesma entidade clinica era necessario que o agente pathogenico tivesse sempre a mesma acção, a mesma energia e agisse com a mesma intensidade, e que os organismos fossem de identica constituição e que reagissem da mesma maneira. Cousa muito diversa se observa. Neste assumpto, já o dissemos, observa-se esta incongruencia: a mesma causa produzindo effeitos differentes, os mesmos effeitos produzidos por causas diversas.

Tenho bem presente um caso publicado ha muitos annos pelo prof. Benicio de Abreu, que alem da grande lição que encerra corrobora a nossa affirmativa de que os mesmos elementos morbidos podem corresponder a entidades clinicas diversas. Um moço de distincta familia começou a soffrer de convulsões epileptiformes. Consultadas as summidades medicas do Rio de Janeiro foram accordes em capitular o syndromo de **epilepsia essencial.** Como não conseguisse melhora alguma, apezar da medicação intensiva e regimen rigoroso a que por longo tempo elle se sujeitou, a familia, desanimada, resolveo leval-o á velha Europa e sobre o caso ouvio a opinião dos grandes mestres.

Lá demorou algum tempo, tendo regressado á sua patria no mesmo estado senão em peiores condições, repetindo-se, sempre, com intensidade seus ataques. Algum tempo decorrido foi consultado o prof. Benicio, que, sem tardança, procedeo ao exame da urina e com grande surpresa e gaudio descobria enorme quantidade de albumina. Acreditando e provecto mestre que se tratava de um caso de mal de Bright de fôrma convulsiva e não de **epilepsia essencial,** como por todos os medicos consultados tinha sido diagnosticado, submeteu o doente ao regi

men lacteo absoluto e pouco tempo depois estava elle completamente curado.

Um erro de diagnostico ia sendo fatal ao doente. Este facto mostra como devemos ser cuidadosos e minuciosos em nossos exames, nada esquecendo que esclareça o diagnostico e indique o tratamento.

Não raro o orgam que dá o alarme não é o affectado, os symptomas estão fôra da séde da molestia. Assim a cephalalgia dos dispepticos e dos brighticos, a dôr fulgurante e crise gastrica dos tabidos, etc.

Na maioria dos casos, diz Roger, "o exame do doente pelos processos simples é sufficiente para chegar-se ao diagnostico. Assim, depois de feito um interrogatorio completo, colhidos cuidadosamente os antecedentes hereditarios e pessoaes, depois de ter indagado das perturbações subjectivas e examinado systematicamente pela inspecção, apalpação, percussão, e auscultado todos os orgãos, todos os tecidos, depois de ter determinado os caracteres das secreções e das dejecções, urinas, vomitos, fezes, deve-se chegar a uma conclusão".

Entretanto, continúa Roger, muitas vezes ha necessidade de completar o exame por processos mais delicados e precisos: processos physicos, analyses chimicas, pesquizas microscopicas, exame bateriologico, methodos biologicos e inoculações experimentaes.

Algumas vezes não se consegue, não obstante o auxilio de todos esses meios de que falla Roger e a despeito da pericia do clinico, de sua larga experiencia e grande saber, firmar um diagnostico.

A seguinte observação referida pelo prof. Miguel Couto em seu precioso livro — **Licções de clinica medica** — é um caso typico, sob esse ponto de vista.

Trata-se de um jovem de 16 annos, que não se lembra de ter adoecido até então. Ha 3 semanas, depois de alguns dias de quebrantamento, sobreveio-lhe febre e elle entrou então para o serviço do prof. Couto. O exame nessa occasião nada mais apprehendeu além do syndromo febril e do augmento do baço. No fim de alguns dias a lingua era bôa, o ventre flaccido, sem

dôr, nem outra reacção, bulhas cardiacas normaes, o pulso regular batendo 90 vezes por minuto e as funcções psychicas integraes.

No momento do exame o illustrado professor observou o seguinte: adynamia e emmagrecimento; a lingua larga e humida, porém coberta de delgada saburra; labios seccos e gretados, rara erupção de herpes nas commissuras. Ventre normal, sem tympanismo nem abahulamento, nem defeza muscular, nem gargarejo.

O figado com 14 cm. de altura sobre a linha mammaria; o baço, como no começo, augmentado de volume e palpavel. Ausencia de vomitos; anorexia, evacuações pastosas, — duas a tres nas 24 horas. Alguns estertores subcrepitantes na base dos dois pulmões, sem tosse nem expectoração; 94 pulsações, 12 cem. de Hg, no manometro Riva-Rocci.

Urinas febris, escassas, coradas, sem albumina nem assucar, nem indican. A diazoreacção de Ehrlich negativa.

A hemocultura feita no 4.° e no 14.° dia e a soro-agglutinação, varias vezes ensaiada, para os bacillos da serie typhica, negativas: a ophtalmo e cutireacção a tuberculina, a reacção de Wassermann e a pesquiza de hematozoarios, tambem negativas.

Estado mental perfeito, reflexos integros, ausencia de Kernig.

Apezar de todas essas deligencias no sentido de esclarecer o diagnostico, e ainda mais o exame do sangue, apezar do meticuloso cuidado em examinar o doente, concatenar e interpretar todos os symptomas e signaes, apezar da indiscutivel competencia do mestre, que é hoje o summo pontifice da medicina brazileira, apezar de ficar o doente mais um mez no hospital, não foi possivel estabelecer o diagnostico. Diz o prof Couto:

"Redobramos de cuidados, esmiuçamos e ameudamos os exames, perquirimos todos os elementos da diagnose e nada nos adiantou uma linha"... "E se a meio caminho da molestia, confessa elle com a franqueza e lealdade de um sabio mestre, não a conheci, assim fui até o termo e assim estou hoje depois de passado o caso".

Ora, se acontece destes passos ao prof. M. Couto o que succederá aos outros clinicos que não têm azas que os elevem aquella altura em que elle costuma pairar, como condôr da medicina indigena.

É preferivel ficar indeciso que firmar um diagnostico errado, porque tendo duvidas o clinico tem cautela em suas prescripções e vae apenas combatendo os symptomas mais prejudiciaes ao doente, e na presumpção de uma diagnose exacta elle lançará mão de agentes medicamentosos mais energicos, quiçá prejudiciaes, para combater um estado morbido que não existe.

Antes, pois, ter dúvidas repetimos, que fazer um diagnostico errado. Sydenhan, o Hippocrate inglez, era cognominado — **A man of many doubts** — e ha quem affirme, diz M. Couto, que d'ahi lhe adveio o valor e a utilidade.

Francisco de Castro achava que o medico mais apparelhado para os misteres da clinica, apurando a estatistica de seus erros não os encontrava em proporção menor de 20 por cento.

Os dois principaes obices ao estabelecimento de uma diagnose, diz o illustrado e provecto prof. J. Fróes, da Bahia, são, em synthese — **a insufficiencia dos dados observados e a sua má interpretação.**

Neste quadro podemos encerrar os 3 factores que costumam desviar o propedeuta da méta por elle collimada, — **miopragia, casos frustos e manifestações morbidas fóra da séde da lesão.**

Molestias de fórmas frustas, de conformidade com a accepção dada por Trousseau, são aquellas que não se manifestam por uma symptomatologia completa e clara, ficando o clinico obrigado a subentender os elementos morbidos ausentes e reconhecer a entidade clinica, a semelhança do que em archeologia se faz com a inscripção frusta, isto é, aquella em que uma grande parte está apagada da qual apenas existe uma linha, uma lettra ou somente um ponto. Assim, as molestias podem ser **frustas,** isto é, que muitas vezes o medico apenas nellas lerá uma palavra da phrase symptomatologica e com essa palavra reconstruirá a phrase inteira. São molestias transviadas do padrão classico, como dizia F. de Castro. Não só essas fórmas transviadas difficultam o diagnostico, tambem o estado de inferioridade de um ou mais orgãos — **miopragia** — traz

modificações na maneira de reagir do organismo sob a influencia do elemento pathogenico. Consiste esse estado "na reducção do coefficiente funccional dos organs" e pode ser constitucional ou adquerido.

"No estado miopragico constitucional de um orgam ou de um apparelho organico repousa a theoria das differenças indiduaes na saúde e na molestia.

Sempre que um orgam exerça pontualmente a sua funcção na medida restricta das suas condições de actividade média, mas é impotente para desempenhal-a no grau maximo, dentro da raia das oscillações physiologicas, existe miopragia: vale dizer que se encurtou o seu elasterio funccional; e d'ahi, quando, por qualquer causa, lhe incumbe tarefa superior, patenteia-se logo a insufficiencia relativa no funccionamento defeituoso; a miopragia cede então logar á symptomatologia".

Em relação aos symptomas que estão fóra da séde da molestia podiamos citar muitos exemplos, tal a frequencia com que elles se mostram na pratica. A seguinte observação de Huchard é um caso bem de molde a conduzir em caminho errado o incauto clinico.

Huchard foi chamado a toda pressa para prestar seus serviços a uma creança de 16 mezes que subitamente fôra acommetida de violentas convulsões.

Elle encontrou o doentinho agitado, ainda com contracções nos braços, com 40°,5, pulso frequente — 140, nada encontrando pela ausculta, nem percussão.

O medico da familia acreditando tratar-se de um mero accidente de dentição chamou a attenção do illustre medico do hospital Necker para uma certa oppressão com agitação das azas do nariz. No dia seguinte a temperatura era de 40°,2 e o doente apenas tossiu uma vez.

A ausculta nada de anormal revelava.

Ás 3 horas da tarde, a respiração era quasi normal, e a creança tinha tossido duas ou tres vezes somente, os movimentos convulsivos desapparecidos e a temperatura 39°,8. No dia seguinte, após uma noite tormentosa, passada entre gritos, agi-

tação, espamos e febre de 41°, ás 6 h. da manhã, pulso a 150 e tosse extremamente rara.

Os symptomas cerebraes eram nitidos: gritos incessantes, face pallida, colorindo-se de espaço a espaço de um rubor vivo, respiração frequente, desigual e suspirosa e as vezes silenciosa, o que fazia a progenitora, afflicta, perguntar se seu filho não estava morto; pupillas desiguaes, dilatadas, insensiveis á luz, olhar fixo, ventre deprimido apresentando a raia meningitica, tendencia á modorra, espasmos dos musculos da face e membros.

Era o quadro quasi completo da meningite aguda. Trez notabilidades medicas cercavam o leito do doente — Huchard, Gassicourt e Gueneau de Mussy. No 3° dia da molestia, apenas notaram para o lado dos orgãos respiratorios, base do pulmão esquerdo, a sonoridade diminuida em uma extensão de 4 a 5 centimetros e a respiração um pouco rude.

A situação era dominada pelos accidentes meningiticos de tal maneira que quem de animo desprevenido o visse "pallido e inerte no decubito dorsal, com o olhar fixo e indifferente, respiração, ora lenta ora apressada, somnolencia quasi contínua, interrompida somente por movimentos convulsivos parciaes", fazia desde logo o diagnostico de meningite. E o erro era venial, sabendo-se que nessa familia a tuberculose tinha feito muitas victimas. Com a evolução da molestia parece completar-se o quadro da meningite.

De facto, no 4° dia a temperatura era de 40°,7, o ventre muito retrahido, constipação rebelde, muitos vomitos sem esforço, respiração entrecortada, pulso 160, desigual e para desnortear inteiramente um clinico pouco experimentado — rigeza muito pronunciada da nuca, mantendo-se a cabeça dobrada para traz. Em uma nova conferencia os 3 illustres mestres surprehenderam no concavo axillar uma respiração levemente soprosa com alguns estertores finos — era uma pneumonia.

Diz Huchard, em os 3 dias que se seguiram, os symptomas meningiticos tornaram-se ainda mais patentes, a situação era desalentadora, o doente não sahindo do estado commatoso senão para tomar o seio, a temp. de 40° a 40,9.

No 11° dia a temp. cahio bruscamente a 38°,6, duas horas depois a 37,5. Os symptomas meningiticos, que haviam diminuido de intensidade desde a vespera, quasi desappareceram e o doentinho muito magro, muito pallido, já fixava o olhar em torno, interessando-se por tudo quanto via. Essa transformação brusca manteve em reserva os medicos, que pensavam em uma pausa e não no desapparecimento completo dos symptomas meningiticos.

A marcha da molestia dissipou, porém, a inquietação dos clinicos — a melhora era real e a cura completa não tardou.

Esta observação, diz Huchard, mostra que não é sempre no orgam que accusa os symptomas mais tumultuosos e violentos que se deve procurar a lesão e a origem de todos os accidentes observados.

Tal a complexidade das manifestações morbidas, em consequencia não só da natureza e energia do agente pathogenico como da ingerencia dos elementos pessoaes do enfermo, que impossivel seria criar uma photographia fiel, um eschema de cada entidade clinica, que facilitasse o conhecimento da molestia, á primeira vista.

É bem justo o conselho dos mestres aos que se occupam desta materia — não deixar pedra sobre pedra no arduo trabalho de examinar o doente e interpretar criteriosamente as manifestações morbidas que elle apresenta. Mesmo assim, ha diagnostico difficil de arrancar da profundeza de um orgão tolerante, difficil de especificar por entre um turbilhão de symptomas os mais desencontrados, esse maranhado e afanoso deslinde.

Casos ha, entretanto, e isso consola, que a simples inspecção do doente basta para firmarmos o diagnostico. Era esse o processo seguido pelos antigos e que o professor F. de Castro chama — diagnostico á distancia, immediato, repentino, synthetico, apriorico. São sem conta, diz o erudito professor Aloysio de Castro, em seu estylo terso, "as vezes em que o clinico que tanto defronta com o doente já assenta no diagnostico. Pois que as molestias amiude se desenham nas fórmas exteriores, postura e gesto, o tacto medico, filho da observação, logo á primeira olhada de algo se apercebe, que permitte ler na phisionomia do paciente o nome do seu mal".

Ha casos em que um pequeno vestigio, um diminuto signal, que para espirito desprevenido passaria despercebido, revela um diagnostico pathogenico óbice e dá a chave da indicação therapeutica.

O caso seguinte, referido pelo professor Dieulafoy, é muito instructivo sob varios aspectos.

Entrou em seu serviço clinico um homem que ha anno e mais apresentava os symptomas classicos de ulcera simples do estomago.

Elle já tinha sido tratado no **Hotel Dieu** e então se queixava de dôres de estomago, e rachidiannas, mais intensas após as refeições que eram frequentemente seguidas de vomitos alimentares. O diagnostico ulcera simples, o regimen — leite, Kephir gelo tratamento — morphina, ventosas e ponta de fogo. Não se sentindo melhor,após algumas semanas, deixou o hospital. Continuando a soffrer, procurou outra enfermaria onde foi submettido ao tratamento da ulcera simples — regimen lacteo, forte medicação alcalina, revulsivos, etc.

Depois de 3 mezes de tratamento o doente deixa o hospital sem melhora notavel. Como recrudescessem as dôres gastricas e os vomitos, entrou de novo para o hospital. Uma tarde teve abundante **hematemese,** sendo tão volumosos os coagulos que o doente teve de extrahir da bocca com os dedos. Durante os 8 mezes que o doente ficou no hospital, o tratamento foi muito variado e bem dirigido. Não tendo dado resultado o regimen lacteo, prescreveo-se uma alimentação composta de ovos e pó de carne.

Tudo sem resultado. O doente deixou esse serviço e vae de novo para o Hotel Dieu — Annexo e ahi teve nova hematemese, mais abundante que a primeira.

Magro, roido de dôr, sem dormir e diante da inefficacia dos meios empregados, pensou na intervenção cirurgica. Foi nessa occasião que elle entrou para o serviço de Dieulafoy.

Não havia duvida sobre o diagnostico feito ha um anno e meio por todos os medicos que o trataram. No correr de um exame Dieulafoy descobre nas pernas do doente algumas cicatrizes que lhe deram a impressão de antigas **syphilides ulcerosas.**

Antes de prescrever o tratamento especifico, o emerito professor sujeitou o doente unicamente ao regimen lacteo e as dôres e vomitos continuaram como dantes. Então prescreveo o tratamento mercurial — todos os dias uma injecção de 4 milligrammos de bio-iodureto de mercurio. Depois da 6ª injecção as dôres diminuiram e depois da 12ª ellas desappareceram bem como os vomitos. O doente dormia, sua physionomia modificava-se e batia no estomago para mostrar sua melhora. Foi associado o iodureto de potassio ao mercurio e as dôres, vomitos, insomnias e inappetencia não reappareceram. No fim de 5 semanas tinha elle engordado 4 kilos e estava curado.

Não menos interessante é a observação de Ripoll, referida por Edmundo Fournier.

Um jovem de 18 annos foi muitas vezes ao seu consultorio por soffrer de ataques, capitulados de **epilepsia** desde a idade de 12 annos. Nesse sentido foi energicamente medicado sem melhora alguma. Quando o doente já tinha 22 annos de idade, por conseguinte 10 de soffrimento, foi conduzido por seu pai a presença de Ripoll, não por causa da **epilepsia** com que a familia já estava familiarisada, mas porque elle tinha ha 2 annos cahido de um cavallo e apresentava uma tumefacção da face anterior da tibia esquerda. Ripoll verificou a existencia de uma **periostose** sem signal de traumatismo e pedindo para ver outra perna lá encontrou a mesma lezão.

Fez o diagnostico de **syphilis** e medicando o doente nesse sentido teve o prazer de ver em pouco tempo, a **periostose** desapparecer, bem como a velha epilepsia e o paciente tornar-se gordo e forte.

Bastavam esses exemplos para justificar o que hemos dito sobre a difficuldade do diagnostico, sobre o valor de certos signaes e da necessidade de um exame cuidadoso e sem **partis — pris.**

Esse exame do doente comprehende duas partes: **commemorativos ou anamenese e estado actual.**

Commemorativos ou anamenese é tudo quanto se relaciona com o doente até o momento em que o medico vae exa-

minal-o: — é toda informação colhida no interrogatorio do doente e das pessoas que o cercam.

A anamenese comprehende trez partes:

ª investigação dos antecedentes hereditarios; 2.ª investigação dos antecedentes pessoaes; 3.ª historia ou chronica da molestia actual.

A herança é, segundo Ribot, a lei biologica em virtude da qual os seres vivos tendem a repetir-se em seos descendentes e a lhes transmitir suas propriedades.

O estudo das molestias hereditarias é um capitulo interessante de propedeutica, apesar de irem ellas perdendo terreno a favor do contagio.

Tudo quanto se refere ao **estado actual** é que propriamente constitue a materia da Propedeutica e sobre a qual versa o curso deste anno.

20-3-17.

"CONFERÊNCIA REALIZADA EM 26 DE FEVEREIRO DE 1918 NA SOCIEDADE DE MEDICINA DO PARANÁ SOBRE A EPIDEMIOLOGIA E PROFILAXIA DA FEBRE TIFÓIDE EM CURITIBA, FACE AO SURTO OBSERVADO EM OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1917".

Meus senhores

Não vamos discutir theorias, nem expôr doutrinas já aqui lembradas e debatidas, desejamos apenas recordar factos, alguns delles não ainda vindos á collecção e de tudo tirar conclusões attinentes ao fim que collimamos — debellar a febre typhoide.

A 10 de Janeiro de 1914, em uma entrevista concedida ao "Diario da Tarde" sobre a febre typhoide que então fazia algumas victimas na Capital dissemos, interpellado sobre a causa do apparecimento desse morbus, o seguinte:

> "É difficil dar-lhe uma resposta precisa, categorica, pois, trata-se de um problema complexo, cheio de difficuldades e cuja solução não se póde conseguir sem um estudo accurado dos elementos etiologicos aos quaes temos nos referido. Era preciso estudar, nas casas onde se manifestam varios casos, a agua que serve para a alimentação e para lavagem (principalmente a dos pócos) e o bom funccionamento da rêde de exgotto que passa proximo da habitação dos doentes. Valeria mesmo a pena o poder competente incumbir do estudo dessa questão, uma commissão de profissionaes porque só assim poderiamos aconselhar um meio prophylatico efficaz."

Logo que explodio em Curityba a epidemia que tantas e tão preciosas vidas arrebatou a esta resignada população, dissemos em uma das sessões da Sociedade de Medicina do Paraná, que, á vista do subito apparecimento da molestia em quasi todos os pontos da Cidade, era muito provavel que a agua distribuida aos habitantes fosse o vector do germen malefico, pois de outro modo difficil seria explicar o facto de apparecer a molestia na zona urbana abastecida pela agua do reservatorio de S. Francisco, quando o Portão e outros arrabaldes que não se utilisavam desse liquido nada estavam soffrendo.

O **Paraná Medico,** assim se refere a allocação que pronunciámos em sessão da Sociedade de Medicina do Paraná a 2 de Outubro de 1917, muito antes de resolvida a vinda a esta Capital da Commissão paulista e quando o alvoroço era já notavel em todos os lares desta metropole.

> "... pede a palavra o Dr. João Candido. Começa declarando que existe innegavelmente uma epidemia em Corytiba, achando de toda opportunidade um largo debate sobre suas causas mais provaveis. Além de muitos doentes de grippe, tem attendido outros portadores de febre typhoide legitima, tendo observado tambem um numero avultado de infecções paratyphicas. Desenvolve amplas considerações sobre a feição clinica dos seus casos mais interessantes, salientando que diversos delles têm recebido a sancção do laboratorio. Assignala o grande valor que póde ter a agua, como vehiculo do typho, achando que o poder publico deve voltar todas as suas attenções para a agua que nos alimenta e que precisa ser analysada sem perda de tempo. Não enxerga sacrificios de qualquer ordem quando a salubridade publica se vê em perigo. Salienta a circumstancia de se encontrar quasi toda a cidade invadida pelo mal, havendo ruas inteiras contaminadas. Chama a attenção para o facto de não constar ainda um unico caso no Portão, arrabalde que não é servido por agua canalisada.

> Na sua vida de clinico jamais viu esta cidade sob ameaças tão sérias. Deseja assim que a Sociedade cumpra o seu dever em situação tão critica, alvitrando ao governo, providencias que redundem em beneficios immediatos para o povo".

Foi este um dos primeiros brados de alarme sobre a questão em lide.

Em sessões subsequentes da mesma Sociedade varios collegas manifestaram-se de conformidade com esse modo de explicar a epidemia e foi resolvido que se pedisse ao governo do Estado energicas providencias no sentido de debellar a infecção que se alastrava e ameaçava fazer grossa ceifa em nosso meio.

O governo conseguio que de S. Paulo viesse uma Commissão chefiada pelo eminente bacteriologista patricio Dr. Theodoro Bayma, commissão essa que confirmou o diagnostico dos clinicos de Curityba e demonstrou cabalmente a polluição pelo bacillo de Eberth da agua distribuida á cidade, explicando essa contaminação o contacto dos tubos do exgotto com os conductos da agua de alimentação. (*)

A Directoria das Obras Publicas e a Comissão paulista envidaram, em acção conjuncta, todos os esforços para corrigir esse defeito pondo cobro a novos surtos da molestia que estava invadindo impiedosamente o lar do pobre e do rico sem o menor distincção.

Feitos os primeiros e urgentes reparos, arrefeceu sensivelmente a impetuosidade da aggressão, que parecia logo depois circumscripta aos individuos até ahi contaminados.

Raro o caso novo que surgia.

Decorridas algumas semanas, depois de ter regressado aos seus penates a commissão paulista, voltou um dos seus membros, o pharmaceutico Rangel Pestana para examinar de

(*) "Isso conduzio-nos a determinar precisamente pontos de contacto entre a rêde de abastecimento e a dos exgottos, pelos quaes realisava-se a contaminação pelo bacillo de Eberth, da agua distribuida á população de Curityba".
(Dr. Bayma — Conferencia feita em S. Paulo).

novo a nossa agua e constatou que ainda ella continha germens da febre typhoide. E actualmente recrudesce a epidemia tanto que podemos contar por centenas os doentes que existem na Capital e arredores, pagando pesado tributo a esse minotauro de nova especie. Signal é esse que a impureza da agua de distribuição subsiste ameaçadoramente e os taes contactos não desappareceram.

E já sóbe, no curso lapso de tempo de meio anno, a mais de centena e meia de pessoas que tombaram victimas de uma molestia evitavel e da qual se costuma dizer: descoberto o seu antro, desde logo póde ser desalojada e até anniquilada. Da civilisação e da hygiene de uma cidade se póde julgar pela raridade e escassez dos casos de febre typhoide (Octavio D. Carvalho).

E qual é o valor em dinheiro da vida de um brasileiro. segundo os mais afamados demographistas do Brazil?

Aureliano Portugal calcula em 3 contos de réis, Carlos Seidl em 6 contos e o professor Afranio Peixoto em 9:600$ a vida de um brazileiro. Tirando a media desses compuctos temos que o valor de um brazileiro eleva-se a mais de 6 contos de réis, e tendo nós perdido cerca de 150 pessoas, o prejuizo da communhão elevou-se a perto de mil contos de réis e, note-se, que a epidemia continuará a fazer victimas e está de molde a radicar-se entre nós se o poder competente ficar surdo aos reclamos da Sociedade de Medicina que vai combatendo o bom combate.

Seria uma incuria sem nome, uma inepcia vergonhosa, um desleixo inqualificavel da Sociedade de Medicina do Paraná se ella ficasse quieta e resignada, por já ter dado o grito de alarme, aos primeiros ataque da molestia, em face desse estado de cousas que nos degrada, nos infelicita e afugenta elementos de valia que aqui podiam vir collaborar comnosco em prol da prosperidade e da grandeza desta terra digna dos mais altos destinos.

Senhores, estando hoje plenamente confirmada a influencia dos portadores de germens sobre a propagação da febre typhoide, devemos estar prevenidos contra o perigo que apresentam os individuos que já foram contaminados por ella pois

alguns conservam o bacillo de Eberth em certos orgãos por muito tempo, durante mezes e até annos.

Em verdade, Vaillard encontrou o b. de Eberth nas fezes de um individuo que ha 31 annos havia sido acommettido de febre typhoide. São numerosos os casos em que esses portadores de germens propagam a molestia, podendo dar lugar a verdadeira epidemia.

Segundo Schneider o numero dos typhicos que depois de curados continuam a excretar bacillos eleva-se a 3% e segundo Park a 6%.

O que é mais interessante, e não menos evidente, é que ha individuos que apesar de nunca terem sido atacados de febre typhoide trazem, entretanto, em seus orgãos o bacillo especifico; suas vesiculas biliares, suas bexigas e seus intestinos podem estar infectados sem que elles apresentem o menor symptoma da molestia.

Diversas autopsias têm confirmado esse facto; isto é, a presença do bacillo de Eberth, até em cultura pura (Pratt), em pessôas que nunca soffreram dessa infecção.

Park cita o caso de um cosinheiro que nunca havia soffrido de febre typhoide, entretanto, ao seu contacto 29 pessôas contrahiram a infecção eberthiana. É o caso de parodiar o professor Ricord e affirmarmos que um individuo não tendo uma determinada cousa mesmo assim póde dal-a a quem atura o seu contacto.

É assombroso o numero de bacillos eliminados pelos **excreta** de um portador de germens.

Petruschschy calcula esse numero em 172 milhões por centimetro cubico de urina, Hauston acha que a media é de 10 milhões, Miguel 25 milhões por uma gramma de fezes.

Há portadores de germens temporarios — os que excretam os germens durante a convalescença; portadores chronicos — os que excretam durante 3 a 4 mezes; portadores por tempo indeterminado (O. Carvalho) e portadores latentes — que trazem os germens sem nunca terem soffrido de f. typhoide.

Vamos ver as deduções a que esses dados nos auctorisam, sem o menor esforço.

Se nesta Capital, de Setembro do anno passado até hoje, o numero dos contaminados eleva-se a 2.100 (o que não é exaggero, pois quando aqui esteve o Dr. Bayma já esse numero subia a mais de 1.500 conforme seus ponderados calculos) e se desses apenas 7% succumbiram, teremos cerca de 2.000 individuos que atacados de febre typhoide conseguiram restabelecer-se.

Ora, sabendo-se que na media 5% das pessôas curadas tornam-se portadoras de germens teremos 100 individuos a excretar diariamente, por milhões, bacillos pathogenicos que transitando pela rêde de exgottos irão polluir a nossa agua de alimentação, desde que permaneçam entre as duas rêdes, como acreditam todos, os decantados pontos de contactos, que tanto deram que falar.

Ora, Snrs., estribados nestes factos incontestaveis da influencia dos portadores de germens e reconhecidos os contactos bacteredianos que ainda perduram entre a rêde de exgottos e o conducto da agua, é facil, é logico e é doloroso concluir que a população desta cidade está sob a impressionante ameaça de um perigo permanente que urge remover, custe o que custar, affastando de nossas cabeças essa espada de Damocles. Isto é concludente e é inexoravel — ou reparamos os conductos e apparelhos accessorios que não offerecem seguras garantias de perfeito funccionamento ou teremos permanentemente a febre typhoide e desfalcar sem treguas, esta inditosa população.

E nem se diga que, alem da vaccina preventiva, de notavel e reconhecida efficacia, temos meios physicos e chimicos infalliveis para evitar esse flagello, entre elles — agua fervida e as pastilhas de Vincent e Gaillard. Theoricamente todos esses recursos são magnificos e heroicos, mas a difficuldade está em pol-os em pratica diariamente, durante longo tempo e tratando-se de uma aglomeração humana, como esta. A agua fervida seria um meio seguro se tivessemos de nos servir della por pouco tempo e só para alimentação, mas quem é que vai eternamente utilisar-se della para todos os misteres? Ora um descuido em leval-a á ebulição, ora o desgosto e até a repugnancia pelo seu

constante uso, ora a escassez ou mesmo ausencia della no momento preciso — tudo isso difficulta o seu uso e torna illusorio esse grande recurso.

Alem disso, muitas familias pobres mal conseguem combustivel para cosinhar o magro feijão, como dizem seus chefes, e já temos ouvido, e nada sobra para ferver agua. As pastilhas, que podem ser um precioso bacterecida, para nada têm aqui servido, porque custam dinheiro e o povo pobre não está resolvido a gastar seus cobres em adquiril-as e não leva a bem tudo quanto se addicione ao precioso liquido.

Muitas familias da Capital para não se utilisarem da agua fervida preferem fazer não pequena despesa e mandam vir agua de lugares distantes; umas de fontes situadas nos arredores de Curityba, outras de estações proximas e algumas mandam vir da cidade da Lapa, em grandes garrafões ou ancorótes.

O que póde acontecer é que a agua colhida nas cercanias da Capital não apresente a pureza desejavel e até se ache contaminada, visto como são muitos os pontos invadidos pela molestia, o que torna mais grave a situação.

Em summa, poucas são as pessoas que tendo alguns recursos se sujeitam a beber agua fervida; — ou mandam vir de fóra ou bebem agua mineral.

Este estado de cousas não pode continuar sem grandes prejuisos e inconvenientes, principalmente, tratando-se de uma Capital.

Mas Snrs., o que nos compete tentar nestas duras contingencias, qual a róta que nos traça o nosso dever sacrosanto? Fazer o governo do Estado lembrar-se que a agua distribuida á população de Curityba continúa polluida, contaminada pelo bacillo da febre typhoide e que novas cargas desses elementos deleterios, vindos dos **excreta** ricos delles, como já demonstramos, estarão continuamente impurificando esse liquido que abastece a cidade, em virtude da permanencia dos defeitos da rêde de exgotto, verificados pelos mais competentes e insuspeitos profissionaes. São muitos, sabem todos, os vectores dos bacillos de Eberth, que os conduzem até nosso organismo — leite, ostras, legumes, gelo, mosca etc., mas no caso em debate está evidenciado que a agua contaminada é o factor dominante

desta epidemia que vai ganhando fóros de mortifera endemia. (*)

Assim, Snrs., a agua distribuida a cidade está envenenada e seria um criminoso o governo que tendo sciencia desse facto, pelas autoridades mais competentes no assumpto, ficasse impassivel, indifferente ou irresoluto deante de um perigo real e evitavel que ameaça desfalcar a população, trazendo, alem do descredito ao nosso Estado, o desasocego e o lucto em todos os lares onde a morte adeja as suas azas sinistras.

Isto não é phantasia de clinico madraço, nem é prurido de exhibição, tão fóra de nossos moldes e que o momento e a situação não comportam; é, sim, o brado convicto e justo de todos os clinicos que labutam nesta cidade e têm consciencia clara e nitida da hora afflictiva que estamos atravessando, sem esperanças que se estanque o mal à revelia dos poderes publicos que, solicitos já se têm mostrado ao apello desta Sociedade.

Mas o que poderá fazer o governo nesta triste emergencia?

Evitar que o povo continue a utilisar-se de um elemento de primeira necessidade, impuro e toxico, que constitue uma verdadeira ameaça a sua existencia.

E como satisfazer a esse **desideratum?**

Mandando reparar todos os defeitos da rêde de exgotto e seus accessorios, de tal modo que offereçam todas as garantias e não sendo isso possivel remodelar ou substituir essa rêde por uma que satisfaça todas as exigencias da hygiene moderna.

E se não tiver recursos para esse serviço de alta relevancia?

Pedir soccorro á União, e se esta fôr surda ao seu appello tão justo, então que mande distribuir á população, sedenta de um liquido potavel, isento de germens pathogenicos, a agua do reservatorio de São Francisco (indemne de germens especificos, conforme verificações feitas por bactereologistas competentes) por meio de chafarizes em alguns pontos da cidade.

(*) Não esperemos que esses germens de pouca virulencia até então, se conservem com esse caracter, pois è sabido que, por motivos muitas vezes desconhecidos, de um momento para outro apresentam elles assustadora virulencia e causem formidaveis devastações.

Que importa que essas medidas sejam uma incontestavel retrogradação sob o ponto de vista administrativo quando ellas, neste caso, trazem uma segura garantia á saude publica, que deve ser a **delenda carthago** de todos os governos patriotas e devidamente compenetrados de seus elevados deveres, como acreditamos ser o nosso.

Em summa, devemos pedir ao governo que nos forneça agua livre de bacillos pathogenicos e se os recursos do Thesouro não comportarem obras dispendiosas e se a União não vier em seu auxilio então que estabeleça chafarizes pela cidade, em grande numero, até que as condições financeiras do erario comportem as despezas com as installações ou remodelação da rêde de exgotto, lembrando-se, sem cessar, que todas as despezas em prol da saude publica redundam sempre em verdadeiras economias. O que não podemos, nós os clinicos, sentinellas da saude publica, responsaveis, até certo ponto, pela salubridade dos lares que confiam em nosso saber e em nosso criterio, é ficar impassiveis, acompanhando como inepto expectador a devastação que esse morbus evitavel vai fazendo em todas as camadas sociaes, esperando que elle desappareça quando tiver eliminado uns, immunisado outros, ou quando a Providencia Divina tiver se apiedado de nós e resolva pôr um paradeiro a esta tão dura provação.

O AR E O SOL PERANTE A MEDICINA

Conferência pronunciada no dia 20 de julho de 1918 na séde da Universidade, sob os auspicios da **União dos Academicos de Medicina do Paraná.**

O AR PERANTE A MEDICINA

Ao iniciarmos a 1.ª parte da nossa conferencia — o **ar perante a medicina** — devemos recordar, ainda que muito **per altum,** algumas noções de physiologia que servirão para facilitar a comprehensão do que vamos expôr.

A respiração é a funcção que tem por fim a absorpção do oxygenio e a eliminação do acido carbonico.

O oxygenio que recebeo tantos nomes indicativos de seu grande valor, como elemento indispensavel ao ar que respiramos, concorre para a vitalidade dos tecidos elementares e transforma o sangue venoso, escuro, imprestavel ás nossas mais intimas necessidades organicas, em sangue arterial, rutilante e proprio para a combustão que synthetiza a nutrição.

O acido carbonico, do qual se encontra apenas traços minimos em um ar puro, é um dos elementos componentes do ar expirado onde elle entra na proporção de 4,4 por 100 volumes.

É um producto da desassimilação dos tecidos, é um residuo da combustão intra-organica, combustão esta que é o processo intimo da nutrição dos elementos cellulares.

O ar que respiramos, quando perfeitamente puro, em 100 volumes, compõe-se de 20,8 de oxigenio, 79,2 de azoto e traços de acido carbonico, ao passo que o ar expirado contém apenas 16 de oxygenio e 4,4 de acido carbonico.

Assim, se respiramos em um quarto fechado, de cubagem apenas sufficiente para uma pessôa, onde não entre ar novo, chegará um momento em que a defficiencia do oxygenio e o excesso do acido carbonico tornarão o ar confinado. E se nesse quarto respirarem muitas pessôas, em curto lapso de tempo, o ar não mais satisfará as necessidades de nossos tecidos, sobrevirá a decadencia organica e, se mais prolongada fôr a prova, virá a intoxicação, a asphyxia e a morte.

Para demonstrar que o ar respirado é um verdadeiro toxico, Ribard lembra o metuendo episodio da revolta dos Cipayos, na India.

É o caso que tendo sido mettidos na celebre Cova Negra os rebeldes, promotores da revolta, todos elles succumbiram dentro de pouco tempo, em consequencia da falta de renovação do ar, — foram victimas de um envenenamento agudo, produzido pelo ar respirado.

O mesmo espectaculo teve a desdita de assistir o Rio de Janeiro, por occasião da revolta da esquadra chefiada pelo **Almirante Negrão.**

Foram mettidos alguns revoltosos, talvez uma dezena, em um cubiculo hermeticamente fechado, onde o cubo de ar apenas podia chegar para um individuo.

No fim de algum tempo só restava vivo o **almirante,** de uma resistencia extraordinaria, que mereceu essa triste recompensa por ter tido, no auge de seu poder, um procedimento digno, generoso e tocante, bastante para honrar um branco,

E se além de confinado, o ar contiver elementos toxicos, como bacterias pathogenicas, mormente o bacillo de Koch, então mais graves serão os riscos que correm os pulmões que absorvem essa mistura.

Em summa, o ar que respiramos é o vehiculo do oxygenio e esse oxygenio, absorvido pelo sangue, é levado pela corrente circulatoria a todos os tecidos do corpo e é no seio desses tecidos que se passam as combustões.

Assim, o ar que respiramos cede, no pulmão, ao sangue, o oxygenio e recebe o acido carbonico e na intimidade dos te-

cidos, phenomeno inverso se opera, o sangue que vai vivificar os elementos anatomicos, cede o oxygenio e recebe o acido carbonico.

A respiração é, pois, funcção semelhante á digestão. Em verdade, "a digestão tem por fim absorver, do meio exterior, as substancias solidas e liquidas proprias para a nutrição das diversas partes elementares do organismo; a respiração tem por fim absorver, desse mesmo meio, a substancia elementar gazosa, o oxygenio, necessario tambem a nutrição dessas mesmas partes: eis ahi porque a respiração é considerada uma funcção de nutrição. Se assim é, o ar que respiramos que vai penetrar até os recessos mais intimos do pulmão e ahi ceder ao sangue o elemento vital por excellencia, deve ser puro, isento de germens e até de materia organica, para não desviar o oxygenio de seu papel, não contaminar os orgãos respiratorios, não traumatisal-os e bem nutrir os tecidos.

O ideal seria respirarmos um ar indemne de todo e qualquer poluição e que ainda não tivesse sido respirado. O alimento para nosso estomago queremol-o bem preparado, sadio, livre de impureza e que ainda não fosse utilisado, porque não devemos ter a mesma exigencia em relação ao ar que respiramos, que é alimento para o pulmão?!...

Já um dos mais brilhantes espiritos do seculo 18, J. J. Rousseau, dizia: "l'haleine de l'homme est un poison pour l'homme".

Peter chamava a deficiencia de ar levado aos pulmões — **alimentação aeria insufficiente.** E essa insufficiencia podia ser devido á **quantidade** de ar respiravel, ou á sua qualidade. Em relação á quantidade, elle refere todos os obstaculos que restringem o accesso do ar aos alveolos pulmonares e suas consequencias.

Em relação á insufficiencia do ar respiravel, da **qualidade,** o celebre professor da **Caridade** discorre com grande auctoridade e senso critico, e nos apraz acompanhal-o nessa obra meritoria.

Cubiculo do pobre ou salão do rico, diz elle, caserna ou collegio, prisão ou hospital, officina ou plateia, tudo é o mes-

mo, e em tudo reina a ignorancia ou postergação das leis physiologicas. Para só falar do dormitorio, quanto absurdo vai por ahi. O do pobre tem a justificativa de ser reduzido pela propria pobreza, o do rico é limitado, é exiguo, em consequencia da architectura moderna, architectura de **trompe-l'œil,** tudo ahi é feito contra o senso commum; assim, a parte do aposento onde se passa menos tempo, o salão, é a mais ampla; o mais exiguo, aquelle onde se passa a maior parte do tempo, é o dormitorio. A quantidade de ar não está em relação com as necessidades da hematose e o que é mais, o arejamento é absoluta e invariavelmente insufficiente.

Não ha ventilação e quando ha, é o curto espaço de tempo em que se **arruma o quarto;** logo depois, janellas rigorosamente trancadas, cortinas cerradas para tamisar a luz, e persianas fechadas para livrar desse **insuportavel** sol. É tudo quanto garante a "lucta contra a vida", a conspiração do estiolamento.

Nesta camara, assim sabiamente preparada para gerar a molestia, a dona da casa passa ahi o dia todo, ahi recebe os filhos ou as pessôas intimas, isto é, ella vicia, durante longo tempo, só ou acompanhada, o ar destinada á respiração. Depois ella se deita, accende a lampada ou a estufa e mais ainda se reduz o oxygenio, já exiguo, necessario ao organismo.

Ora, é deste ar immobilisado, deste ar onde se expirou ondas de acido carbonico e exhalou tantas cousas, producto da expiração pulmonar, da secreção da pelle e outras, é deste ar corrompido que os pulmões se utilisam durante a noute.

E aos primeiros albores da manhan em quanto o ar do exterior é tão puro que a gente experimenta uma sensação deliciosa ao respiral-o, o ar do elegante dormitorio é de um cheiro repellente, capaz de fazer nauseas a um palafreneiro. Percorrendo, uma e muitas vezes, as vias aéreas, não é mais ar respirado e sim **ar ruminado.** Não é, diz Bennet, cousa que entristece pensar que numa camara repleta de gente, sem ventilação, cada baforada de ar inspirado já se introduzio mil vezes até ao interior, até o recesso mais intimo do organismo de dezenas e dezenas de pessôas, que podem ter toda a especie de molestias?

Qualquer pessôa recusaria, com legitimo horror, absorver a agua de um exgotto collector, entretanto respira sem des-

praser o ar de uma sala de concerto ou de theatro, verdadeiro exgotto aéreo. É ainda o Professor Peter quem fala:

A ventilação é indispensavel ao ar que respiramos, como o movimento á agua que bebemos. Todos podem verificar o facto. Basta entrarem em uma casa, um palacete inhabitado, completamente fechado por algum tempo para sentirem, ao respirar em seu interior, máo estar insupportavel, entretanto o ar não estava contaminado porque o edificio não tinha habitante.

É que o ar estava immovel, estagnado, morto, porque a vida é o movimento. O mesmo facto se dá com a agua, a corrente é de bello aspecto, saborosa, vivificada pelo ar em dissolução, electrisada pelo attricto; a estagnada é de aspecto repugnante, de cheiro e gosto desagradaveis, até repellente, invadida por permens e toda especie de vegetaes inferiores, que se desenvolvem sempre sobre o que está morto ou prestes a morrer.

Assim, a agua corrente e o ar em circulação não valem senão pelo movimento de que são animados; immoveis, estagnados, perdem suas bôas qualidades, sabem o mofo, a bolôr. (*)

O pulmão pode servir de reactivo ao ar, — ar puro — pulmão forte e são; ar impuro ou contaminado, pulmão fraco e doente.

Em todo logar em que o ar habitualmente respirado já tenha sido respirado, total ou parcialmente, lá se desenvolve a tuberculose; em toda parte em que o ar habitualmente respirado já não o tenha sido, lá a tuberculose é impossivel. É a lei de Mac Cormac.

A tuberculose vai acompanhando a civilisação; a vida selvagem ao ar livre, ao sol, obsta a que se desenvolva esta molestia, resultante necessaria da existencia moderna. As condições sociaes da actualidade favorecem incontestavelmente o desenvolvimento dessa affecção (Eichhorst).

Basta folhearmos qualquer trabalho sobre a geographia medica da tuberculose, para ficarmos convencidos que sua frequen-

(*) Esse quadro que o eloquente professor desenha com côres tão sombrias e impressionantes encerra ensinamentos de tal magnitude que não devem ser esquecidos.

cia é dos tempos modernos e que ella não se desenvolve entre os selvagens que vivem ao ar livre e ao sol, aturando todas as vicissitudes atmosphericas. É o conforto mal entendido, em aposentos fechado e a respiração do ar já tantas vezes respirados, que predispõe á tuberculose, á peste branca.

Na america, diz Mac Cormac, a tuberculose faz devastação entre a população das grandes cidades que vive encerrada, fugindo ao ar puro; ao passo que o mesmo não acontece entre os Indios que elle vio aos centenares: homens fortes, gosando excellente saúde.

Na Persia observam-se poucos casos de tuberculose pulmonar pelo facto de viverem os persas ao ar livre, expostos aos raios do sol.

Facto notavel se observa na America do Norte, onde a tuberculose pulmonar não existia antes da chegada dos europeus, e Ruhs, em 1780, affirma que ella era desconhecida entre os indigenas desse paiz, e accrescenta que é quasi desconhecida entre os habitantes dos Estados Unidos que vivem num estado primitivo de civilisação.

Pujade mostra que a causa primordial da receptividade tuberculosa é a insufficiencia do arejamento, é a respiração do respirado.

Nós preparamos a decadencia organica do pulmão, e nos tornamos tuberculosos porque respiramos duas vezes o mesmo ar.

É, incontestavelmente, diz Pujade, o ar viciado a causa predisponente essencial da receptividade tuberculosa dos orgãos respiratorios, que elle enfraquece, intoxicando-os.

A historia dessa molestia é a historia da civilisação, pois ella vai regularmente dos povos civilisados aos povos que se civilisam, — é que o grau de civilisação dos povos está em razão inversa do cubo de ar puro que elles respiram.

Pujade, a quem se deve as mais eloquentes e convincentes paginas sobre o perigo do ar já respirado como factor preponderante da decadencia dos nossos pulmões, diz que se fosse obrigado a escolher entre a cohabitação com um hercules moderno que vive á ingleza (os inglezes já não vivem hoje á

ingleza) isto é, em aposentos fechados e calafetados onde o ar não é renovado e a cohabitação com um phtysico que vive mergulhado no ar puro, que expectora sempre em um recipiente hygienico e que desinfecta seu escarro, eu declaro alto e bom som: irei, diz elle, deitar com o phtysico, mesmo vertendo febre por todos os póros do corpo. De algum bacillo extraviado eu não terei receio porque elle encontra vigor em meu pulmão, em quanto que estarei sem defesa contra o bacillo das ruas, que contamina rapidamente um pulmão sem resistencia.

E o distincto clinico de Amelie les Bains recorda a seguinte receita formulada por um provecto mestre, para adquirir tuberculose. Eil-a: Em uma região fria e humida, de preferencia em uma grande cidade, escolhei um aposento onde não entre o sol.

Accommodai-vos com outras pessôas em uma camara que apenas chega para uma só. Mandae cobrir o sólo de tapetes, espessos e fixos, envolver o leito de cortinas pesadas, cobrir as paredes de tapeçarias.

Em cada porta, cada janella, por toda parte, emfim, onde se encontre um orificio, um intersticio, mettei tampões e calafectae tudo, para evitar o frio e o defluxo. Sahia pouco, de modo a perder o appetite e usae largamente bebidas alcoolicas (marca Hamburgo, quanto possivel), para compensar a falta de alimento. Alguns vicios elegantes para completar o programma.

E se, no fim de alguns mezes deste regimen, não conseguirdes adquirir a tuberculose, signal é que sois dilecto dos Deuses.

Esta formula, acrescenta Pujade, é destinada aos ricos, porque os pobres não necessitam de um programma, que as aperturas de sua vida lhe impõem naturalmente.

É, pois, um facto incontestavel — o ar respirado é toxico e póde ser lethal, e, se não bastassem as observações clinicas, as seguintes experiencias cabalmente demonstrariam:

1.ª Gavarret colloca um passaro debaixo de uma campana. Um recepiente cheio de potassa absorve o acido carbonico. Um tubo de borracha leva á campana, com regularidade auto-

matica, o oxygenio sufficiente para a respiração, de modo a conservar constantemente, ao ar do vaso, as qualidades physicas do ar exterior em uma proporção mathematica, rigorosa O passaro morre rapidamente. Por que? Porque elle se envenena com as toxinas de sua propria respiração.

2.ª Para demonstrar chimicamente a existencia dessas toxinas, Hammond faz passar uma corrente de ar expirado em uma solução de permanganato de potassio. Ora, as soluções de permanganato de potassio descoram ao contacto das materias organicas, e o expirado contém materia organica e na especie, toxina.

3.ª Brow-Sequard e d'Arsonval fazem respirar um homem são, em pleno ar, e recolhem o ar que elle expira n'um tubo de vidro rodeado de gelo. No fim de alguns instantes, e sob a acção do frio, o fundo do tubo contém uma certa quantidade de vapor d'agua condensado. Injectando-se esse liquido em coelhos ou cobaias, esses animaes morrem com todos os phenomenos de uma intoxicação geral.

O que resta agora, em face dessas provas cabaes e decisivas, da pureza do halito das virgens namoradas, mil vezes cantado pelos poetas? Pena é que o medico prosaico, que o experimentador despreoccupado desses devaneios poeticos, venha agora matar esse motivo de inspiração que tão bellos versos têm produzido...

Courtade fez estudos microscopicos, cercado de todas as precauções necessarias e demonstrou, ao contrario das noções classicas, estabelecidas por Lister e Tyndall, que o ar expirado contém corpusculos organicos, bacillos etc.. E assim conclue Courtade:

Si se faz evaporar algumas gottas de lixivia do residuo respiratorio, sobre uma lamina de vidro, obtem-se um halo pulverulento que é devido ao deposito de materias organicas e mineraes. Pode-se admittir logicamente que o contagio de certas molestias deve ter logar em consequencia da inhalação dessas poeiras organicas eliminadas pelo doente.

Assim como o ar confinado, já respirado, é um factor de decadencia do pulmão, e concorre para o apparecimento da tu-

berculose, assim o ar puro, livre de qualquer contaminação, traz a resistencia do mesmo orgão e póde combater a tuberculose, como vamos mostrar.

O tratamento desta molestia pelo ar puro é de data recente. Foi uma celebre enfermeira Mis Nightingale que cansada e descrente dos medicamento administrados contra sua tuberc. pulmonar se resolveo a viver em pleno ar, na campanha, dia e noite.

Graças ao regimen hygienico que adoptara, vio sua tuberculose deter-se e ella caminhar para a cura. Foi um successo retumbante o imprevisto caso, tanto que um notavel medico de Londres, o Dr. Bennet, tambem tuberculoso e que conhecia o estado grave da enfermeira, imitou o seu exemplo, — partio para o Sul da França e fazendo uma cura de ar, começou a passar perfeitamente bem e se restabeleceo.

Bennet publicou a sua observação e a de Nightingale e esses 2 casos repercutiram por toda parte, encontrando a cura de ar ardentes partidarios em todos os paizes.

Hoje a tuberc. pulm. é tratada, por esse processo, de dia e de noite, em todos os Sanatorios e por todos os clinicos e os resultados são, algumas vezes, maravilhosos.

Daremberg, notavel medico, outro exemplo eloquente de cura clinica da tuberculose pulmonar, publicou em 1892 o seu notavel trabalho intitulado — **Tratamento da tisica pulmonar,** livro escripto com erudição e fervor proprios de um redivivo.

Eis como elle relata sua cura:

"Em 1886, depois de ter passado alguns mezes entre as quatro paredes de um quarto de Paris, segui para a costa franceza do Mediterraneo, e de accordo com os conselhos de Bennet, expuz-me dias inteiros ao sol. Á noute eu deixava uma janella entre-aberta; alimentava-me bem, bebia bastante oleo de figado de bacalháo. Comecei a não mais desesperar e já ia prelibando os raios da esperança que aquecem o coração dos doentes, como o fazem os clarões fugitivos do sól poente.

E como diz Voltaire: a esperança de sarar é metade da cura. Depois voltaram-se as forças, pude andar, fazer pequenos passeios, passar bem as noutes, e já ia adquirindo o gosto de viver. Já não via mais no occaso o sól de minha existencia; eu

o via nascer com felicidade, todas as manhãs, e cada dia brilhar muito pouco para permittir-me que gozasse á vontade do ar puro, da luz viva, do mar azul, do céo, da terra, de tudo.

É tão bom sentir-se a gente renascer. Parece que nunca se tinha vivido.

Esta vida ao ar puro, noute e dia, desperta o appetite, facilita a digestão, supprime os accesos de tosse, facilita a expectoração e os movimentos respiratorios e proporciona um somno calmo. Quasi sempre a febre e os suores vão pouco e pouco desapparecendo".

O exemplo da enfermeira ingleza foi proveitoso e fecundo e continúa, até nossos dias, a produzir, por toda a parte, seus preciosos fructos.

E agora podemos bem comprehender quanta verdade e quanto ensinamento encerram as narrativas de Bennet, sobre este assumpto. Entre outros factos recordaremos o seguinte:

Tinha percorrido, atravéz ás Montanhas da Escossia, muitas aldeias compostas de pobres cabanas, feitas de ramo de arvores e barro, abertas a todos os ventos, quando chegou em uma bella aldeia moderna.

As casas solidamente edificadas de cantaria, cobertas de ardosias e situadas em uma collina.

Como Bennet cumprimentasse seu hospedeiro, proprietario da aldeia, e manifestasse a esperança de que aquelle bello exemplo fosse imitado pelos visinhos, este respondeo-lhe que pensando ser util aos seus camaradas só lhes fez mal, pois as novas habitações eram menos salubres que as pobres choças onde seus habitantes gozavam mais saude.

Bennet, examinando o extranho caso, notou, que as janellas daquelles bôas casas não se abriam impedindo dest'arte que o ar entrasse nesses elegantes quartos.

Eu não duvido, diz Bennet, que todo o mal venha desta occlusão perfeita e ausencia de ventilação. Nas miseraveis choças, se a agua do céo penetrava tambem entrava o ar puro.

O professor Hind, do Canadá, em um interessante trabalho sobre o Labrador, refere que a tuberculose é quasi desconhecida

entre os habitantes desse paiz, que vivem nas planicies e nas montanhas e habitam choupanas sem o menor conforto, mas inundadas de ar puro por todos os lados.

Quando esses indigenas descem até o rio Saint Laurent, para tomar parte nas grandes pescarias, elles moram em casa cheia de conforto, são bem pagos e se alimentam bem; entretanto, a maior parte delles, no espaço de um anno, tornam-se tuberculosos e morrem miseravelmente.

O mesmo acontece com as camponezas que deixam suas aldeias, onde vivem sob todas as intemperies e vem empregar-se em Paris, onde gozam do conforto e das delicias da grande metropole, mas onde soffrem a privação dos raios solares e de um ar puro e vivificador.

Pouco tempo depois, grande numero dellas regressam aos seus lares, pallidas e enfraquecidas ou são arrebatadas pela tuberculose. São essas jovens camponezas que procuram Paris, para melhorar a sua sorte, que engrossam a estatistica dos obitos pela **peste branca.** Se assim não fosse, Paris não podia offerecer esse algarismo elevadissimo, assombroso mesmo, de 50 mil mortos por tuberculose pulmonar, cada anno.

A **courant d'air** causa mais medo aos parizienses que a propria tuberculose.

As casas não recebem sól directo em seu interior e não soffrem a ventilação que renova e purifica o ar; não admira, pois, que, em um só anno, Paris perca, só por tuberculose, uma população que quasi iguala a de Curityba e a França perca 3 vezes mais que a população desta bella Capital.

Emquanto não penetrar nas fabricas, nas officinas, nos collegios, nos ateliers, por toda parte, o sól que esteriliza e saneia, o ar puro que fortalece e dá resistencia, Paris continuará a pagar pesado tributo a uma molestia perfeitamente evitavel.

Um caso instructivo, de nossa clinica, entre outros, prova o extraordinaria poder therapeutico do ar puro.

Tratava, na cidade da Lapa, de um abastado tropeiro, que estava soffrendo de uma bronchite muito suspeita. Ancioso andava elle, pela restauração de sua saude que já tanto demora-

va, visto ter de seguir para o Rio Grande do Sul, onde tinha combinado a compra de uma tropa que devia levar á feira de Sorocaba.

Inquerido sobre o estado de sua saude e demora da cura, propuzemos-lhe, como meio curativo rapido e seguro, a realisação da viagem ao Rio Grande, por terra (Não havia estrada de ferro).

Entre admirado e escandalisado disse-nos elle: como é possivel emprehender tão arriscada viagem nessas condições, pousando ao relento, dormindo em barraca onde o ar frio da noute só póde aggravar minha bronchite, que aqui não tem cedido, apesar do conforto que tenho na Fazenda...

Pois é como meio curativo que lhe propomos esse sacrificio — passar o dia todo exposto ao sól e respirar de dia e de noute, um ar puro. E a barraca á noute é o ideal.

Depois de alguma reluctancia da familia e rapidos aprestos, põe-se em marcha o nosso doente, levando uma pequena ambulancia e um relatorio sobre o uso e posologia das drogas.

Decorridos 2 mezes, voltou elle forte, disposto, sem tosse e restabelecido, referindo-nos que só havia tomado remedio no primeiro **pouso** e depois não necessitou mais medicamento algum.

Aqui o sól e o ar puro da campanha e das mattas de pinheiro fizeram o que as drogas não conseguiram.

É bem justo, como estamos vendo, o que diz Monteuis, sobre a importancia do ar, como meio therapeutico e hygienico.

O homem, diz elle, é uma creatura do ar e as funcções tão importantes e tão complexas da superficie cutanea, só exercem sua inteira actividade quando estão em contacto com seu alimento natural, seu excitante physiologico — o ar.

Para que o beneficio do ar seja completo é necessario que seja puro, e actue de dia e de noute. Pouco adianta praticar a aerotherapia diurna quando não se tem o cuidado de velar pela aeração nocturna do aposento em que dorme um doente.

Encerrar-se em um quarto hermeticamente fechado, diz Carton, durante 12 horas ou 24, é commetter um absurdo, um suicidio lento, pois é passar a metade da existencia a intoxicar-se respirando um ar já usado, sobrecarregado de acido carbonico, de residuos organicos e destruir, cada noute, os beneficios da aeração anterior.

Já temos justificado cabalmente o nimio valor desse elemento como factor primordial de nossa vida; agora urge que passemos á 2.ª parte da nossa tarefa — o sól na medicina.

O SÓL PERANTE A MEDICINA

Outr'ora todos os povos, com raras excepções, adoravam o sól e nelle viam um verdadeiro Deus, creador e bom; mas, foi em torno da bacia do Mediterraneo que o seu culto mais se alcandorou.

O Egypto (1.500 annos antes de Jesus Christo) foi o primeiro povo que levantou templos ao sól, sob a denominação de Rá, o Deus grande, o senhor do tempo, que anniquila as trévas, que combate diariamente Apophis, a serpente das nuvens, que concede a vida e a saude aos animaes e aos homens, e que fertiliza os campos. Era o Deus bemfazejo dos egypcios.

Sob a influencia dos seus raios coruscantes do limo do Nilo, nasciam animaes e nasciam plantas.

Era o sol, consoante a crença religiosa de antanho (ha 4.000 annos) o Deus amigo que curava a peste e prevenia seu contagio.

Era Ninib, Deus sólar, que fazia soprar o vento, que desencadeava a tempestade, que fazia ribombar o trovão, zig-zaguear o relampago e que de chuva encharcava o sólo.

Esses factos não significam somente uma concepção genial, elles retratam uma observação extraordinaria e traduzem uma grande e profunda verdade.

De facto, sob esse symbolismo adoravel, os antigos traduziam, com uma sagacidade assombrosa, os attributos e os poderes do sól, tal qual hoje nos ensinam as ultimas conquistas da sciencia.

Na Syria havia mais de um Deus solar, mas a divindade suprema pertencia a Hadad.

Na Grecia, Zeus, o pae dos deuses e o senhor dos dias, era tambem o Deus solar de Créta onde presidia a vegetação.

Apóllo, o Deus curador, era o Deus solar de Délos.

Em Roma, Jupiter, o pae dos deuses, era tambem Deus da luz, da tempestade, e fazia ribombar o trovão e desferia raios.

Mas, o verdadeiro Deus solar era Apollo tomado á Grecia e que foi introduzido em Roma 430 annos antes da nossa éra, para combater uma epidemia.

No Japão o sol figurava no pantheon.

Herodoto (400 annos antes de Jesus-Christo) já dizia:

"O banho de sól é excellente meio therapeutico e muito conveniente ás pessôas que têm necessidade de fortificar-se e engordar". A China, em seus mais vetustos alfarrabios, tinha registado que a luz solar podia conseguir "a cura do corpo e a hygiene mystica do espirito, e sendo a luz o symbolo da saude, da pureza e da alegria, muito deve ella concorrer para o esplendor da alma".

Na India, o culto do sol elevou-se a um alto gráo de grandeza e de poesia, como em nenhuma outra parte do mundo.

Em summa, o culto do sol era uma realidade na Asia, na Europa e na Africa, quer se tratasse de povos civilisados, quer de barbaros.

Tambem em algumas partes da America o sól tinha seus adoradores.

No Perú, o culto predominante dos Incas era o sol, tido como o symbolo da força creadora e protectora.

Por este rapido apanhado já se verifica que os povos antigos dedicavam um verdadeiro culto ao sol, o principio creador, que creava os homens, os animaes e as plantas.

O céu era, para elles, povoado de outros deuses: o vento, a tempestade, o relampago, as nuvens e a chuva eram divin-

dades atmosphericas, mas esses deuses eram deuses secundarios, mensageiros apenas do grande Deus — o sol. Esta concepção é de uma eloquente e arrebatadora verdade, pois, a sciencia hoje demonstra que é ás energias solares que nós devemos o vento, a chuva, as tempestades e outros accidentes metereologicos, propicios ou funestos, que se succedem na atmosphera.

"Assim, diz Malgat, a brisa que perpassava sobre os terrenos da Babylonia e que seccava os vasos dos oleiros de Borsippa, os ventos ardentes do deserto que deseccavam as planicies de Memphis, as tempestades que faziam sossobrar os navios de Tyro, ao largo dos mares encapellados, o trovão que entre as mãos de Thor e Odin fulminava os grandes cimos cobertos de neve do Norte, as chuvas bemfasejas que fecundavam os arrozaes da China e do Japão ou fertilizavam os campos da Thessalia, o fogo que ardia nos templos de Agni, no reconcavo dos valles da India mysteriosa, tudo isto era obra do sól".

Ainda mais, é o Deus sol que, por suas energias desconhecidas, velava sobre os rebanhos e sobre as pastagens, que alimentava os homens fazendo amadurecer o trigo e a cevada; que preservava da peste e das molestias contagiosas, que era o grande medico dos males da humanidade e que até podia resuscitar os mortos.

O facto extraordinario dos povos antigos prestarem um culto extremado ao sól, não significa que esses homens primitivos, numa previsão sublime, tinham notado, como que adivinhado, que os raios do sól exerciam uma influencia benefica sobre sua vida, protegendo sua saude?

Mais tarde surgiu uma phase de completo olvido ás beneficas influencias do astro-rei e, na Idade Media, chegou-se mesmo a attribuir-lhe effeitos perniciosos.

Esse estado durou até Plinio e Perci, discipulos do grande Sydenhan (no seculo 17) que proclamaram as propriedades altamente beneficas dos raios do sol. Só no seculo XVIII os medicos se occuparam seriamente com os effeitos therapeuticos do sol.

No começo do seculo 19 o sabio astronomo John Herschel,

a quem se deve maravilhosas descobertas, numa synthese admiravel, proclamando as virtudes do sol, exclamou:

"Os raios do sol são as fontes de quasi todos os movimentos que se operam na superficie da terra. É seu calor que produz todos os ventos e que dá logar a estas perturbações no equilibrio electrico da atmosphera, donde resultam os relampagos e, provavelmente, o magnitismo terrestre e as auroras polares. É sob seu influxo vivificante que os vegetaes se alimentam das substancias inorganicas vindo servir depois, por sua vez, de alimentos aos homens e aos animaes. É sob sua influencia que se vão formando as jazidas de carvão. O seu calor eleva a agua do mar, fal-a circular na atmosfera, servindo depois para irrigar os campos, dando origem ás fontes e regatos".

Elocubrações posteriores, alicerceadas nas mais modernas conquistas da sciencia, nada mais têm feito que corroborar as idéas de Herschel sobre as energias solares.

Apesar dos povos antigos prestarem as mais significativas e tocantes homenagens ao Deus sól, erigindo-lhe templos e proclamando o seu grande poder, apesar de já ter Herodoto mostrado as vantagens da cura solar, apesar dos trabalhos dos discipulos do Hyppocrates inglez, tudo foi esquecido até que, no fim do seculo 19, o professor Finser, de Copenhague, fez esse assumpto entrar francamente em sua phase scientifica. Malgat, Ducleaux, Rollier e tantos outros firmaram em bases solidas e hoje indestructiveis, o grande monumento elevado ao sol como factor preponderante na conservação da nossa saude, na esterilisação dos germens morbificos e na manutenção de nossa existencia.

"A cura solar, conforme assevera Rollier, foi durante longo tempo o apanagio exclusivo de empiricos, o que deu logar ao scepticismo geral dos medicos que desdenhavam assim das virtudes curativas do sol.

Felizmente, porém, do terreno do puro emperismo, a heliotherapia passou a constituir um verdadeiro methodo clinico, absolutamente scientifico, e de cujo valor ninguem mais hoje poderá duvidar, deante do acervo de trabalhos, os mais notaveis, publicados sob a responsabilidade de nomes respeitaveis". (Dr. Moncorvo Filho).

No Brasil, Clemente Ferreira, Augusto Paulino, Oliveira Botelho, Moncorvo Filho, entre outros, têm ensaiado com os mais brilhantes resultados, esta nova phase do methodo naturista.

* * *

Os raios solares exercem sua acção benefica, não só sobre o homem como sobre as plantas e os animaes inferiores.

Todo mundo póde observar que os operarios que trabalham em officinas mal illuminadas, em subterraneos privados da luz solar, para logo ficam pallidos, fracos e sem aquella energia e actividade dos que trabalham e vivem sob os raios do sol.

É que o numero dos globulos vermelhos daquelles diminuem sensivelmente, que a hemoglobina cáe abaixo do normal, que a nutrição se perturba, e os meios de defesa do organismo se enfraquecem.

O medico do vapor **Belgica**, ao regressar da expedição ao pólo sul, escreveu o seguinte, que patenteia os inconvenientes da obscuridade:

"A escuridão da noute polar, o isolamento, o uso das conservas, o frio e a humidade nos causaram a anemia polar. Tornamo-nos pallidos, com uns tons esverdeados.

O estomago e todos os orgãos tornaram-se preguiçosos e negavam-se ao trabalho.

As perturbações para o lado do cerebro e do coração eram as mais perigosas. Um dos homens chegou ás fronteiras da loucura, mas a presença do sol pol-o bom".

A ausencia da luz influe poderosamente sobre as plantas, fazendo-as soffrer de diversos modos, como têm demonstrado a observação diaria e notaveis experiencias.

De facto, a sombra modifica a fórma e a estructura das folhas, diminue a corolla e modifica sua côr; é nociva aos fructos, e retarda a germinação.

A experiencia do notavel botanico John Clayton é assás interessante e merece ser recordada:

"John Clayton, escolheu doze plantas de feijão, perfeitamente semelhantes em tudo, e plantou-as ao lado uma da outra de

maneira que 6 dellas ficassem expostas aos raios do sol e as outras 6 abrigadas por paredes de taboas que interceptavam a luz directa.

Chegado o tempo da colheita foram pesadas, sepadaramente, as bainhas das plantas insoladas e não insoladas e o peso das 1.ªs foi de 29 e das 2.ªs foi de 99. O peso das sementes deu este resultado — as das plantas illuminadas pesavam 3 vezes mais que as outras. No anno seguinte foram semeados os 2 grupos de sementes e, desta vez, todas as plantas ficaram expostas á luz.

Entretanto, as sementes procedentes das plantas mantidas á sombra, fornecem uma colheita representando a da metade das plantas insoladas. A experiencia proseguio e, em definitivo, no quarto anno as plantas oriundas dos grãos formados á sombra, atravez 3 gerações, ainda deram flôres, mas não chegaram a formar fructos, e a raça estava extincta".

Assim, pois, está demonstrado que a luz solar actúa beneficamente sobre a vida do vegetal, sobre a germinação, vegetação, floração e fructificação.

Como protector e microbicida recordaremos o que, em outra solemnidade, dissemos sobre o sol:

"Elle é o grande protector do operario, poderoso auxiliar do hygienista, encarniçado inimigo das infecções. Todos sabem que diariamente transitam pelas ruas das cidades tuberculosos, que vão semeando, em cada escarro que lançam ao solo, milhares de bacillos pathogenicos. Essa excreção desecada, misturada ao pó das ruas e carregada pelo vento, é absorvida pelos transeuntes e principalmente pelos empregados da limpeza publica. E apesar disso por que não ficam tuberculosos os que mais expostos vivem a essas poeiras bacilliferas? É que quando o bacillo se fez pó e deixou a terra, para subir até os orgãos respiratorios, já o sol havia destruido a virulencia dos germens, tornando-os innocuos. Em verdade, bastam poucas horas de exposição aos raios solares para ser completamente esterelizado o mais virulento escarro.

E se não fosse essa acção providencial, que tanta gente desconhece e até repelle, quando evita, em seus aposentos, essa chuva de ouro, — que é luz, é calor e é remedio, — então

mais apavorante era o tributo que a humanidade pagaria á peste branca. De alta relevancia hygienica é o corolario que decorre desses factos e que bem fundo deve calar em todos os espiritos — "os escarros lançados na rua não tem o mesmo perigo que os lançados nos aposentos, nos quartos de dormir, onde não entram os raios do sol".

Finsen estudou a influencia da luz sobre os animaes inferiores e mostrou os grandes ensinamentos que se póde tirar desses estudos. Sobre o organismo são multiplos e beneficos os effeitos dos raios solares, como vamos mostrar.

Convem lembrar que a luz solar, a luz branca ou luz total, não é um todo uniforme, não é um todo homogeneo, pois é constituida de sete raios coloridos (vermelho, alaranjado, amarello, verde, azul, anil e violeta), formando, esse conjuncto, o espectro luminoso de Newton. Nas duas extremidades do espectro ainda existem os raios obscuros, infra-vermelho e ultra-violeta.

Todos esses raios não passam de movimentos ondulatorios e transversaes do ether, e constituem forças differentes que actúam sobre os corpos, de modos diversos.

De conformidade com a acção que elles exercem, são divididos em 3 grupos — raios luminosos, raios calorificos e raios chimicos. Os primeiros, constituidos pelos raios amarellos, têm grande influencia sobre a formação da hemoglobina (substancia albuminoide que contém ferro e que dá côr aos globulos vermelhos do sangue).

Os raios calorificos, constituidos principalmente pelos raios vermelhos, são vaso-dilatadores, excitantes do systema nervoso, tonicos, e sob sua influencia vivem e se reproduzem os animaes e as plantas.

Os raios chimicos são constituidos pelos raios azul, anil e violeta — são os raios destruidores por excellencia.

Elles destroem os bolôres, os fermentos, os microbios e suas toxinas; elles saneam o ar, purificam a agua e esterilizam as poeiras, destruindo os germens nocivos que ellas encerram.

Quanto aos raios obscuros, sabemos que os infra-vermelhos têm um extraordinario poder de penetração e é, provavelmente,

devido á sua influencia que as plantas conseguem germinar e desenvolver-se na obscuridade.

Os ultra-violetas têm uma acção tão intensa e destruidora que levou o notavel scientista Gustavo Le Bon a exclamar: "Si a terra não estivesse protegida pela sua atmosphera contra o ultra-violeta solar, a vida, nas condições actuaes, seria impossivel em sua superficie. Victor Henri, com a applicação desses raios, conseguio destruir streptoccocos, estaphyloccocos em 10 segundos, o vibrião cholerico em 30 segundos e o bacillo do tetano em 60 segundos. Os effeitos da luz sobre os microorganismos foram estudados pela primeira vez em 1878, por Downes e Blunt, que demonstraram que as bacterias proliferantes em grande escala, em um liquido organico, tornavam-se estereis, infecundas, quando submettidas aos raios directos do sol. Posteriormente, notaveis bacteriologistas verificaram que o insolamento destroe as culturas e, quando não o fazem, attenuam, pelo menos, a sua virulencia e se são submettidas ao escuro essas mesmas culturas, desde logo, readquirem sua energia.

Roux e Yersin, demonstraram que se póde guardar culturas diphtericas durante mais de um anno, em vaso fechado, e na escuridão; mas uma falsa membrana, exposta ao sol durante pouco tempo, não conserva com vida seus microbios. Os mais virulentos escarros de tuberculosos, expostos ao sol, em poucas horas perdem o seu poder infectante, ao passo que conserva sua virulencia, durante annos, se mantido, na obscuridade.

Até os espóros, mais resistentes e mais nocivos que os microbios, são feridos de morte sob a influencia dos raios solares. Facto digno de registo — ao passo que os espóros resistem á agua fervendo, e durante dias a uma temperatura de 60.°, superior a temperatura do sol, são destruidos, pelos raios solares, em 5 á 6 horas apenas.

Essa luz solar que é creadora, conservadora, purificadora tonica e fortificante, tem o poder de penetrar em nosso corpo ou exerce sua influencia simplesmente sobre a sua superficie?

A sua acção maravilhosa não penetrará, não se fará sentir até as nossas mais profundas visceras, até os tecidos mais reconditos, que, desfallecidos, luctam para desempenhar o seu papel no concerto economico, até as lesões que se abrigam

nos mais afastados refólhos do organismo, para ahi exercer sua influencia tonica, excitante e curativa?

Podemos hoje affirmar peremptoriamente que a luz solar penetra nas profundidades do nosso organismo, atravez o envoltorio cutaneo.

As provas são numerosas e cabaes. Onimüs demonstrou que uma placa photographica era impressionada atravez da mão; Sarrason atravez da bochecha, Finsen, da orelha e Malgat atravez toda espessura do thorax, chegando outros experimentadores a demonstrar que a luz chimica atravessa os ossos do craneo.

Qualquer pessoa póde verificar facilmente o poder penetrante dos raios do sol sobre o organismo. Basta tapar, com a palma da mão, um orificio feito em uma porta ou janella, por onde penetre um feixe de luz solar, para verificar que a luz atravessa todos os tecidos, até os ossos, e chegamos assim a obter uma imagem rosea, sem sombra que denote não ser a luz interceptada pelos ossos. A luz não atravessa a palma da mão, com toda a sua intensidade, tornando nitidamente visiveis os vasos, nervos, etc., mas o quanto baste para termos a certeza de sua penetrabilidade e de seu poder superior aos raios X, que não atravessa os ossos.

Malgat demonstrou cabalmente o poder esterelizador e penetrante dos raios solares, em caso de tuberculose pulmonar, como vamos referir.

Examinando-se ao microscopio, pela primeira vez, os escarros de um tuberculoso portador de lesões pulmonares adiantadas, verifica-se a presença de um certo numero de bacillos de Koch e, commumente, uma flóra variada e abundante de microbios de toda especie.

O doente tem, de ordinario, febre vesperal, suores nocturnos, inappetencia, está mais ou menos emmagrecido, dorme mal, tosse muitas vezes, expectora abundantemente e vai perdendo, dia a dia, suas forças. É um infectado.

Ora, após um certo numero de banhos de sol, 30 mais ou menos, examinando-se novamente a expectoração do doente, pode-se encontrar ainda bacillo de Koch, mas os germens secundarios terão quasi inteiramente desapparecido e o doente apresentará notavel melhora em seu estado geral.

Esta melhora prova a attenuação das toxinas e sua provavel oxydação, e o desapparecimento dos germens secundarios prova que a luz penetrou na profundeza dos tecidos e lá foi fazer sua obra microbicida.

Tivemos, ha pouco tempo, um caso interessante: examinado o escarro de um nosso doente, foi verificada a presença de grande quantidade de bacilo de Koch e, tendo submettido esse doente aos raios do sol durante 2 mezes e feito novamente o exame dos escarros, nada mais foi encontrado.

Antes de tratarmos da acção curativa dos raios do sol, devemos conhecer seus effeitos locaes e geraes sobre o organismo.

Como effeitos locaes observamos, em os individuos submettidos á luz solar, **congestão** da pelle, de duração mais ou menos passageira e até **erythema,** se o insolamento é mais intenso e duradouro ou a pelle do paciente é muito sensivel.

Em seguida sobrevem a **congestão profunda,** que representa papel saliente na heliotherapia ou cura pelo sol.

Este phenomeno que é o duende, que apavora, que faz tremer de receio aos que são pouco versados neste assumpto, representa, para os verdadeiros pontifices da heliotherapia uma occurrencia indispensavel e um auxilio poderoso e efficaz, na lucta contra os germens morbificos que infestam nosso organismo. De facto, a congestão profunda, observada no pulmão doente, augmenta a defeza do organismo e attrahe para esse logar uma denodada phalange de globulos brancos do sangue que, com o nome de guerra — **phagocytos,** entram em campo e luctam contra os microbios pathogenicos que invadem o orgão.

A prevenção dos doentes e até de alguns medicos em aconselhar a cura solar, é o receio infundado de que a simples congestão pulmonar venha dar logar á hemoptyse que é o terror de todos os que soffrem ou suppõem soffrer dos pulmões. Entretanto o banho de sol produz uma congestão benefica, salutar, que faz baixar a pressão arterial e, por isso, até póde prevenir a hemoptyse. Malgat, empregando esse methodo curativo em milhares de doentes, firmou sua convicção de que o insolamento bem dirigido, não pode ser accusado de produzir hemoptyse.

Proseguindo sobre os effeitos locaes lembraremos a acção **analgesica,** isto é, que tira a dôr, posta em pratica em multiplos casos morbidos, com resultados surprehendentes.

Malgat refere a observação seguinte:

Uma senhora soffria de tabes e as dôres fulgurantes eram de tal intensidade que ella tentou suicidar-se, para libertar-se de tão atroz soffrimento. Não sendo encontrado o medico assistente, para soccorel-a, foi chamado Malgat, que a medicou e aconselhou que a expuzessem núa aos raios do sol, de modo a insolar toda a região comprehendida entre a nuca e o calcanhar, a principio durante 20 minutos, depois 30 e, progressivamente, até 1 hora. Malgat não a vio mais até que, decorrido algum tempo, veio ella agradecer-lhe o conselho, tendo completamente desapparecido suas dôres.

Caso semelhante registamos em nossa clinica.

Chamado para vêr um doente de sciatica, na ausencia de seu medico assistente e entrando na sala do paciente, inundada de intensos raios solares, lembrou-nos prescrever ao pobre enfermo, que ha quasi um mez se contorcia de dôres no leito sem poder dormir, banhos de sol sobre a região do sciatico affectado. Ao deixarmos a casa do doente, já percebemos a azáfama e o ruido do leito, que era transportado para o aposento onde devia ser feita a heliotherapia.

Decorridos alguns dias a consorte do enfermo foi ao nosso consultorio agradecer-nos, e então nos informou que, desde a primeira applicação do sol, o seu marido sentio-se tão bem que já nessa noite gosou das delicias de um somno reparador.

A acção local do sol ainda determina effeitos **resolutivos, eliminadores** e **esclerosantes** sendo aproveitadas essas propriedades dos raios solares, no tratamento dos abcessos, das fistulas, das feridas e da tuberculose local. Para demonstrar o grande poder curativo desses raios Jaubert levou a effeito varias experiencias. Lembraremos uma dellas — tratou 2 feridas, em tudo semelhantes, uma pelo sol e outra pelos processos mais adequados ao caso e notou que a primeira cicatrizou em metade do tempo que foi mistér á segunda para chegar ao mesmo estado. É que o sol é o mais poderoso dos antisepticos.

Um dos primeiros resultados do insolamento é a pigmentação — a côr escura bronzeada da pelle. Essa mudança da côr do tegumento cutaneo, que se torna desagradavel a muitos doentes, é o mais precioso indice dos bons effeitos da heliotherapia, tanto que os especialistas dizem que a pigmentação intensa da pelle indica cura, quasi certa, dos fócos tuberculosos.

A proporção que a pelle se pigmenta a força augmenta, o estado geral melhora e o doente caminha para a cura, não transpira mais á noite, desapparece a febre vesperal, volta o somno, desperta o appetite, a digestão é mais facil e o peso augmenta. E a reciproca tambem é verdadeira — os tuberculosos que não se pigmentam não se restabelecem, e poucos conseguem melhorar.

Quanto aos effeitos geraes produzidos pelo sol, são elles muito variados. Bouchard diz que as extremidades nervosas insoladas recebem a energia e vão distribuir aos varios departamentos organicos, de conformidade com suas necessidades, e o organismo então activa suas trocas nutritivas e augmenta suas oxydações.

A sudação insensivel produzida pelo insolamento consegue eliminar as toxinas.

A temperatura augmenta passageiramente e a pressão arterial diminue.

O sangue torna-se mais rico de globulos vermelhos e estes de hemoglobina. A diurese augmenta.

Em summa, o sol exerce acção directa e salutar sobre todos os tecidos, tem influencia notavel sobre a nutrição geral, é tonico, é fortificante, é esterilizador e é curativo. (*)

Entretanto, Srs., tanta gente ha por ahi que, por ignorancia, por imitação ou receio de tisnar a pallida cutis, ao ser acariciada pelos louros raios do sol, que lhes traz o vigor, que augmenta sua resistencia, que lhes desperta novas energias, que

(*) Malgat, grande auctoridade nesse assumpto diz, em relação a tuberculose: — Desde a tuberculose incipiente, até o periodo de grandes cavernas, o banho de sol impõe-se como uma necessidade que se não póde e se não deve prescindir. São os seguintes os resultados apresentados por elle, no congresso de Washington: 1.º gráo, melhora e cura em cento por cento dos casos. 2.º gráo 65% e 3.º 25%.

robustece seus musculos, tonifica seu tegumento e cura suas enfermidades, exclamam, entre irritada e desdenhosa: — feche essa janella para livrar-me desse importuno que descora minhas alcatifas e tapeçarias, fende e macúla minha mobilia.

Importuno aquelle que lhe vinha trazer duas rosas para faces eburneas, calor intenso para seu organismo languido e apathico!. Importuno aquelle que lhe vinha libertar dos germens morbificos que pollulam em seus aposentos sempre fechados e ameaçam seu organismo debil e de fraca resistencia.

Importuno aquelle que vinha purificar o ar para sua respiração, destruindo todos os elementos nocivos que o impurificavam, como magno saneador que é.

E essa gente não se lembra ou não sabe que o sol é o movimento, é a alegria, é a força, é a vida!

Comparemos as faces rosadas e finas, os olhos vivos e brilhantes, os labios nacarados e tumidos, os movimentos ageis, a força muscular e a resistencia organica dessas bellas camponezas que vivem expostas ao sol durante o dia e a noute repousam em aposentos arejados, — com essas faces pallidas e edemaciadas, com esses olhos languidos e profundos, com esses labios murchos e descorados, com esses movimentos preguiçosos, com a debilidade muscular e fraqueza organica dessas moças que não toleram um leve osculo acariciador do sol, com receio de ver tostadas suas faces, que fogem dos raios solares, como se foge de um inimigo e, á noute, passam em aposentos ricos de toxinas e impurezas que caracterizam o ar confinado.

A differença entre esses 2 typos é a mesma que vai da fraqueza ao vigor, da belleza á fealdade, da saude á enfermidade.

Felizmente as nossas patricias sabem dar valor a todos os factores da hygiene que beneficiam o corpo, tornam feliz a existência e vão se libertando de preconceitos perniciosos.

Uma planta conservada na sombra se estiola e morre e outra da mesma especies, orientada para o sol e tendo o mesmo trato que a primeira, continua a vegetar. O mesmo phenomeno pode dar-se com o homem, como já previa Michelet, quando disse: De toutes les fleurs, la fleur humaine est celle qui a besoin de soleil.

Milhares de pessoas, diz Pujade, ficam tuberculosas por ter enfraquecido seus pulmões e seu organismo, passando a maior parte de seu tempo em officinas, **magasins** e escriptorios onde apenas recebem luz reflectida, onde não entra o sol. Um facto, entre centenares, impressionou aquella grande auctoridade no assumpto que perlustramos. Um jovem capitão, forte e robusto, havia escripto uma pagina gloriosa no cerco de Belfort, levando seus compatriotas a fazerem-n'o deputado. Como engenheiro, fazendo parte de uma sociedade importante, viajou quasi todos os paizes, voltando mais robusto que nunca; e apenas um anno de burocracia em Paris, fel-o um tuberculoso. Ao deixar Amelie-les-Bains, onde foi procurar a saude perdida, exclamou, regressando a sua patria onde desejava morrer: Eu morro, porque deixei de ver o sol por espaço de alguns mezes.

Os graves erros da engenharia sanitaria, que neste sentido observamos nas construcções desta bella Capital, deviam merecer a intervenção da Municipalidade.

Ha palacetes, nesta cidade, que apresentam ricas fachadas, belos estylos, e garbosos assentam no meio de jardins floridos, entretanto, revelam o mais deploravel attestado de ignorancia, na orientação e disposição de seus aposentos.

A camara de dormir, onde se passa a maior parte do tempo, é exigua em cotejo com os vastos salões de visita, e o que é ainda peior, onde o sol não penetra.

Podiamos citar, de momento, 2 ou 3 especimens desses aleijões sob o ponto de vista da hygiene domiciliar.

Acompanhado por distincto architecto, na visita que fizemos a um bello palecete, construido sob sua direcção, ponderamos-lhe que tudo estava bello, bem acabado, mas que os quartos de dormir ficaram inteiramente privados dos raios do sol. — Retorquio-nos — é verdade, mas sacrifiquei essa exigencia da hygiene, para não collocar a escada (uma vistosa escadaria de lindo marmore) daquelle lado, onde a humidade a cobriria de limo.

Santo Deus! pois a escadaria não podia conservar-se humida, cobrir-se de bolor e mucedineos, e os quartos de dormir podiam abrigar todos os germens nocivos que a humidade aga-

salha, nella proliferam, e constituem ameaça certa contra a saude e a vida?

É preciso que os dormitorios sejam, aqui, orientados para o Norte, recebendo, em profusão, os raios esterilizadores do sól, o mais poderoso dos microbicidas, o mais efficaz dos tonicos, o mais seguro auxiliar da resistencia organica.

É preciso que entrem os raios beneficos do astro rei, para não entrar o rheumatismo, a tisica e o medico, a acreditar no adagio persa, que diz: onde não vai o sól, vai o medico.

É preciso que o ar que respiramos á noute seja esterilizado, seja puro, seja indemne de germens nocivos, seja o mais reparador possivel, e só pode ser isso tudo, se o sol inundar, com seus raios providenciaes, todos os dormitorios.

Por que Paris perde 50 mil pessôas por anno de tuberculose?

— Porque é uma cidade fechada, onde se respira ar confinado e onde o sol não entra.

* * *

Eis tudo, Snrs., que em um rapido estudo sobre a influencia do sol nos pareceu digno de vos trazer, em fórma de palestra despretenciosa, e sem outra preoccupação que a de ser util a uma assistencia tão selecta.

E agora, antes de fechar com o ultimo ponto final esta molesta explanação, desejo dirigir-vos um appello:

Se o sol é o mais poderoso microbicida que temos á nossa disposição: se o sol é um energico oxydante, que esteriliza o meio em que vivemos, resguardando nossa vida de tantas influencias deleterias; si o sol augmenta as nossas defesas contra as infecções, se é analgesico, se nos dá energia, força e vigor, será uma incongruencia, um absurdo, um delicto contra a resistencia de nosso organismo, contra a conservação de nossa saúde, que é a maior fortuna que se póde almejar, fugirmos de seu contacto, interceptarmos os seus raios salutares.

Se o ar puro é o excitante physiologico de nosso organismo; se o ar puro é a fonte de nossa vida, não somente por-

que elle fornece oxygenio aos nossos orgãos respiratorios, como pela permuta e estimulos que desperta em nosso tegumento cutaneo; se o ar puro é o vehiculo de um alimento primacial e até de um medicamento de summa importancia, será um suicidio lento vivermos mergulhados em uma atmosphera confinada, respirando muitas vezes o mesmo elemento, será um crime não consentir que circule livremente, em nossos aposentos, aquelle que é o arauto de uma hygiene bem comprehendida e o vector do principal elemento de nossa regeneração organica.

Procuremos, pois, viver, quanto possivel, sob o influxo directo dos raios beneficos e salutares do sol, respirando sempre um ar puro, movimentado, rico de oxygenio que fortifica, anima e dá vigor, e assim seremos energicos, resistentes, robustos, sadios, amando a vida como ella deve ser amada, e assim seremos uma raça forte, intrepida, altiva, capaz de resistir aos embates de todas as vicissitudes da existencia.

CLINICA SYPHILIGRAPHICA

Febre luetica

Esta observação não devia trazer a simples e tranquilla epigraphe que a encima, mas um titulo significativo e suggestivo que desde logo deixasse advinhar a apertura de um clinico encanecido no trato dos doentes, que luctou durante 30 dias, com auxilios valiosos, para estabelecer um diagnostico tão simples,... depois de ventilado e descoberto.

Um caso banal, iamos dizendo mesmo corriqueiro, vestindo em seus primordios as roupagens de uma grippe vulgar, transcorrendo sem a mais ligeira complicação, sem o menor alarme; decorridos, porém, alguns dias, assume um caracter de tal simplicidade, de tal pertinacia e tal mudez que desafiava nosso longo tirocinio medico e a dedicação sem desfallecimento de quem tudo faz para acertar no diagnostico, que desafiava o poderoso concurso dos provectos investigadores em repetidas pesquisas de um signal, de uma reacção por que se trahisse a entidade morbida, que invadira aquelle organismo esbelto, possante e cheio de energia e que esquiva se mostrava a todas as provas de laboratorio.

O doente, com reacção de Wassermann negativa feita no Rio de Janeiro, nada mais apresentava, no fastigio da molestia, que uma febre intermittente quotidiana e que á tarde infallivelmente apparecia, zombando de todos os antipyreticos. O caracter essencial dessa pyrexia, á maneira do que acontece em certas endocardites, era a tenacidade estonteante que fazia o clinico perder as estribeiras. O laboratório, a quem pedimos tantas vezes o seu valioso concurso, apezar de bem apparelhado e idoneos e provectos os que o versavam, respondia a cada pesquisa, que nos parecia trazer alviçareira a solução do problema clinico, com uma resposta inexoravelmente negativa.

Até que afinal, quando a clinica já havia exgottado os recursos propedeuticos e as medicações aconselhadas em casos semelhantes, fazendo um diagnostico por exclusão, appelamos para a prova de tratamento, contando com a apophtegma — **"naturam morborum curationes ostentunt"**, eis que ao mesmo tempo que a efficacia da therapeutica descobre a molestia, o laboratorio revela em suas pesquisas a infecção fortemente radicada. Chegaram juntos, depois de 30 dias de marchas e contra-marchas: — a clinica prescrevendo um medicamento que revelou a molestia porque fez cessar a sua manifestação unica, — a pyrexia que torturava o doente durante 21 dias bem contados, — e o laboratorio que conseguiu uma reacção de Wassermann fortemente positiva.

Já estavamos desanimando com as respostas francas e categoricas do laboratorio, que não transige, e que só nos ia affirmando com todo o criterio o que o doente não tinha e longa ia já a lista dos estados morbidos suspeitados, e para logo julgados irresponsaveis por aquella manifestação única, quotidiana e vesperal. Felizmente chegou, embora com demora, mas ainda a tempo, a chave do enigma trazida simultaneamente em um tubo de ensaio e na injecção de néo-salvarsan.

Não raro, em clinica os casos de apparencia simples, de symptomatologia apagada ou de parcas manifestações morbidas são os mais difficeis de diagnosticar-se, assim como os casos obscuros, trazem quasi em seu bojo uma real gravidade.

Este caso tão simples, em sua manifestação unica, tão esquivo em sua quasi mudez, cobrindo-se com a só vestimenta de uma febre, que a nada se movia, faz lembrar a observação do pontifice da medicina brazileira, do eminente M. Couto, referida em seu livro — **Licções de Clinica Medica,** que, após 40 dias de estudo do doente que só apresentava febre e baço crescido, não conseguiu firmar um diagnostico. "Através de todo este longo prazo, diz elle, nenhum novo symptoma surgiu que nos illuminasse; como o quadro estava assim permaneceu; redobramos de cuidados, esmiuçamos e amiudamos os exames, perquirimos todos os elementos da diagnose e nada nos adiantou uma linha. A prova do tratamento não quiz destoar das outras e também foi muda, pois a febre se manteve inalterada apesar do quinino, dos metaes colloidaes, da vaccina antityphi-

ca polyvalente, e cahiu quando deliberou cahir; verdade é que depois de um certo tempo, convencido de que o medico não é imperador da natureza senão ministro, **"non imperator sed minister naturae",** abandonei os remedios activos e fiquei á espera de uma indicação que nunca se revelou claramente. E se a meio caminho da molestia não a conheci, assim fui até ao termo e assim estou hoje depois de passado o caso".

Esta confissão de um grande sabedor das cousas medicas, esta franqueza que em nada desabona o mais elevado expoente da medicina nacional é ao mesmo tempo um exemplo de alta probidade profissional e um estimulo aos que exercem a mesma profissão.

Vamos sem mais tardança referir a historia do nosso doente e as difficuldades que encontrámos para saber o lugar exacto que a sua molestia devia occupar no quadro nosológico.

D. C., official do Exercito, 26 annos de edade, casado. — Os antecedentes hereditarios são sem importancia e não offerecem contingente algum que possa esclarecer o estado morbido do paciente. — Os antecedentes pessôaes de algum valor são os seguintes: Na infancia teve bronchite asthmatica que desappareceu completamente em 1904, com a mudança de residencia. Em 1909 teve cancros molles com adenite suppurada; não tem consciencia de haver contrahido syphilis. Em 1910 a 1911 teve gonorrhéa que desappareceu inteiramente em 1912. Algum tempo depois sobreveiu-lhe uma arthrite no joelho tendo sido feita a pesquisa de gonococcos no derrame articular com resultado negativo. Em 1912 começou a quéda de seus cabellos e a conselho de seu medico fez no Rio de Janeiro a sôro-reacção, sendo negativo o resultado. — É tudo quanto refere sobre suas anteriores molestias o paciente, que é um official intelligente e instruido e nada procura occultar de seus antecedentes morbidos.

Molestia actual: No dia 7 de Dezembro de 1918 passeando a cavallo sobreviveu um aguaceiro que o molhou, nada, porém, sentindo nesse dia. No dia seguinte (8) achou-se indisposto e foi acommettido de uma angina ligeira de que soffre habitualmente. No dia 9 fomos chamados para medical-o, encontrando-o levemente febril (37°,8) com uma angina pultacea, quebrantamento de forças e todos os orgãos importantes em estado

hygido. Dia 10: — a lingua era branca, caiada, tinha cephalalgia, 38° de temperatura e o cortejo symptomatico de grippe que então reinava epidemicamente nesta cidade.

Não tendo duvidas sobre o diagnostico medicamol-o e submettemol-o ao regimen aconselhado em taes casos. Decorridos alguns dias, não apresentando o doente a menor alteração, salvo a angina que havia desapparecido, ouvimos em conferencia o Dr. Victor do Amaral que concordou inteiramente com o diagnostico de grippe e lembrou mais um antipyretico. Começou então a lucta contra a pertinacia do caso que se apresentava com um só symptoma — a febre vesperal. Apezar da administração dos metaes colloidaes, da quinina, cryogenina, aspirina, etc. etc. a febre era implacável, apparecia invariavelmente á tarde, conforme o traçado junto.

Ausentando-nos da cidade, para attender um doente em Joinville, o enfermo ficou sob os cuidados dos Drs. V. Amaral e Alceu Ferreira. Regressando a 28 de Dezembro, já então passados 20 dias após o início da molestia, não encontrámos a menor alteração no estado do doente, sempre torturado por aquella febre diaria e vesperal. Examinámol-o cuidadosamente **"a capite ad calcem"**, e nada de anormal encontrámos a não ser uma ligeira hypertrophia do figado, que reagia á infecção que aquelle organismo estava aturando, há já longos dias.

Decorrido tanto tempo, apezar de uma therapeutca variada e insistente, o estado do paciente não apresentava a menor modificação. Era como si nada tentassemos para libertar o doente daquelle pesadello, que já ia quebrando suas forças. Todas as manhãs se julgava livre daquelle accesso importuno e á tarde uma decepção colhia com o reapparecimento da pyrexia tenaz, implacavel e torturante. O doente que era de bom humor, prazenteiro e resignado, estava se tornando nervoso, desanimado e até irritado ao sobrevir, diariamente, a febre vesperal que elle suppunha, todas as manhãs, não mais apparecer. — "Hoje, penso não virá mais a bicha, porque sinto-me bem e capaz de comer uma gallinha assada" disse-nos elle uma das manhãs em que o visitámos; mas, á tarde, lá estava a importuna que não só desanimava o doente como punha em talas o medico solicito.

Não estavamos inactivos á espera que do céo cahisse um diagnostico que guiasse a therapeutica. Faziamos todas as pes-

quisas capazes de trazer a solução a esse enigma clinico e tudo era em pura perda. Estava-nos faltando o eixo em torno do qual deve gyrar todo o problema clinico, como dizia o sabio prof. FRANCISCO DE CASTRO.

O exame da urina repetidas vezes feito nada de anormal revelava, assim o das fézes. Chamado em conferencia o Dr. FERENCZ, depois de longo e minucioso exame pensou o provecto cirurgião em um abcesso do figado, visto só ter encontrado de anormal nas suas perquirições a hypertrophia desse orgão e a febre intermitente quotidiana. Para afastar o diagnostico de uma suppuração profunda, sem écho ás nossas repetidas solicitações propedeuticas as mais insistentes, ahi estava o exame do sangue feito pelos competentes mestres Drs. GOMES DE FARIA e ALCEU FERREIRA, dando este resultado:

Contagem leucocytaria global e especifica.

Contagem global — 7.700 leucocytos por 1^{m3}

Contagem especifica:

Polynucleares neutrophilos	54,0%
Pequenos lymphocytos	10,0%
Grandes lymphocytos	21,0%
Grandes mononucleares	5,0%
Fórmas do transição	6,5%
Polynucleares eosinophilos	3, %
Mastzeller	0 %

Afastado o diagnostico de **suppuração,** de que molestia ou affecção podia estar acommettido o nosso doente, consoante aquella pobre symptomatologia, tão simples, tão tenaz, tão resistente? Que entidade morbida estaria abrigada sob aquelle manto, na apparencia, tão diaphano? Que estado pathologico, tão esquivo e marralheiro, se retrataria naquella pobreza semiologica que estava sendo um abantesma para o paciente e um enigma para o medico? Quaes as entidades morbidas que poderiam vestir-se com aquelle unico symptoma — febre intermittente quotidiana, apparecendo invariavelmente á tarde, ora precedida de ligeiro arrepio de frio e seguida de leve sudação e, a maioria das vezes, ostentando sómente a elevação da temperatura sem outra qualquer perturbação? — **Endocardite, neoplasma, syphilis, tuberculose, malaria, febre typhoide, paratyphos A ou B,**

pylephlebite, infecção metagrippal (pleura, bronchios, pulmão, ganglios, etc.), **bilio-septica** de CHAUFFARD?

Urgia estabelecer o diagnostico daquella molestia que estava zombando da therapeutica prescripta e da dedicação de seis clinicos, que tantos eram os que examinaram o doente e esbarraram no diagnostico. E o aphorismo de BAGLIVE a nos martellar o ouvido como uma imprecação e uma censura **"Qui bene diagnoscit bene curat".**

A molestia em seu inicio trazia o cortejo symptomatico de uma grippe banal, decorridos alguns dias cessam as manifestações morbidas e só restam, como symptomas, a febre e ligeiro aumento do figado.

Desde o inicio da doença já seria o que é actualmente ou era apenas uma grippe vulgar que despertou outra molestia, que dormia? Sim, porque a grippe tem, como se observa com frequencia, o condão, umas vezes de abrir portas no organismo em que se aloja e dar entradas a varias infecções, outras de acordar doenças que dormem tranquillamente e que a dormir continuariam si não fossem os abalos da infecção Pfeifferiana.

Pensamos que a grippe começou com um trabalho de sapa e tendo de tal arte feito vibrar aquelle organismo robusto e moço, despertou outra infecção que estava latente, suffocada pelo vigor daquelle bello typo de soldado, e depois desappareceu do scenario morbido. Mas, qual daquellas molestias que enumeramos é a responsavel pela febre que não cede?

— ENDOCARDITE AGUDA. Esta affecção, principalmente, em sua fórma **pyohemica,** póde simular uma infecção purulenta e apresentar-se qual uma febre intermittente semelhante á que amofina D.C.; mas é excepcional que o estudo de sua etiologia, symptomas locaes e geraes e complicações, não evidencie a sua presença, — o que não succede no caso em litigio.

Casos ha de endocardite frusta em que o unico symptoma observado é a **febre,** tenaz e prolongada, a desafiar a argucia e solicitude do clinico. Esta fórma, diz LUTEMBACHER, estudando a endocaridte infectuosa secundaria dos cardiacos (**Presse Médicale** 1918), importante a conhecer em virtude dos erros de diagnostico a que ella expõe, revela-se por um só symptoma — a febre. Seu inicio é impreciso e vae arrastando-se du-

rante mezes com alternativas de remissão e de recrudescencia, elevando-se a 39 ou 40° ou oscillando em torno de 38°, sem regularidade alguma. Acompanha-se de máo estar e calafrio, mas o seu caracter essencial é a inquietadora tenacidade. A lingua é limpa, o appetite conservado, e este facto que LASEGUE considerava como caracteristico da febre dos tuberculosos observa-se tambem nestes casos de endocardite.

VAQUEZ diz que esta molestia de marcha mysteriosa, de aspecto oscillante, não é de diagnostico difficil attentando-se sobre a unica noção que se possue, isto é, a coexistencia da febre tenaz com uma lesão valvular do coração.

O exame repetido e cuidadoso do coração de D. C. nada absolutamente revela de anormal.

— NEOPLASMA. Apezar de ser, geralmente, considerada apyretica a presença de tumores malignos, são tantas as observações de neoplasmas que apresentam febres remittentes e intermittentes simulando tuberculose e suppuração, que o clinico deve ter a attenção voltada para esses casos quando fluctuar o seu diagnostico em um mar de duvidas. Sobre este assumpto não podiamos esquecer o que escreve o preclaro mestre, professor M. COUTO, em seu precioso livro de Clinica Medica:

"Em duas importantes memorias, diz elle, sobre a semiologia dos carcinomas, HAMPELN mostrou que longe de ser um symptoma cuja presença viesse perturbar o raciocinio do clinico, a febre, sobretudo do typo intermittente, devia ser considerada um elemento de diagnostico, autorisando a presumpção de um carcinoma recondito. Não importa a séde do neoplasma para a superviniencia da febre... Os neoplasmas do tracto digestivo e sobretudo do figado têm a febre no numero dos seus symptomas e porque alguns esquecem esta circumstancia, diagnosticos ha que vacillam até ao fim ou até ao fim chegam errados".

Volvida nossa attenção para esse lado, o exame da urina, das fézes, do sangue e de todos os orgãos acessiveis aos nossos meios propedeuticos, a edade do doente, sua robustez, a coloração de seu tegumento cutaneo, nada de anormal revelando, nos levaram afastar por completo o diagnostico de tumor maligno.

— TUBERCULOSE. PAVIOT, o eminente professor de Lyon, estabelece esta regra clinica: **"Lorsque la de cause de une fièvre intermittente échappe, il faut penser à la tuberculose".** Temos em nosso registo clinico casos interessantes de doentes portadores de febre intermittente que carregavam o diagnostico de impaludismo e como malaricos eram tratados e, entretanto, nada mais tinham que tuberculose pulmonar.

Nada apresentando D. C. para os pulmões, repetidas vezes examinados, para as articulações e para os ossos, com a cuti-reacção de PIRKET negativa, foi posto de parte o diagnostico de tuberculose.

— SYPHILIS. Passando repetidas vezes por nosso espirito a hypothese de uma febre syphilitica, a reacção de WASSERMANN negativa, feita no Laboratorio Militar do Rio de Janeiro ha meia duzia de annos e a firme convicção em que estava o paciente de não ter-se infectado após essa época, a ausencia do menor indicio dessa infecção, a robustez de seus filhos, de 15 mezes e de 1 mez, que não apresentam o mais leve estigma de lues, a ausencia de aborto de sua esposa, tudo isso nos levava a deixar de parte o diagnostico da syphilis.

Apezar de todas essas provas negativas e, no momento, não sendo possivel repetir a sôro-reacção, devido á falta de um reactivo que muito breve seria obtido, resolvemos fazer uma injecção de néo-salvarsan em nosso doente, sendo para esse tratamento marcado o dia 3 de Janeiro, ás 10 hs. da manhã. O Dr. FERENCZ, que nesse dia fez um demorado exame do doente, achou de bôa pratica não se levar a effeito a injecção, não só porque estava hypertrophiado o figado como porque o enfermo não apresentava o mais ligeiro estigma de uma infecção luetica. O Dr. ALCEU, que estava com tudo preparado para fazer a injecção, suspendeu o seu trabalho em virtude das ponderações do provecto cirurgião. Em nosso espirito ficou, entretanto, a germinar a idéa de ter podido aquella injecção trazer algo de favoravel e elucidativo ao intrincado caso.

— MALARIA. D. C. acreditava já ter soffrido de impaludismo e havendo a coincidencia da hypertrophia do figado, apezar do estado normal do baço, foi em um dos accessos retirado sangue do paciente pelos illustres collegas Drs. GOMES DE FARIA e LEAL FERREIRA e feita a pesquisa do para-

sito da malaria, dando resultado completamente negativo. Acreditavamos, mesmo antes desse exame negativo, que não se tratasse de impaludismo; porque, cousa interessante e de observação corrente, a quinina, sob qualquer fórma que fosse administrada, não só deixava de baixar a temperatura como até fazia com que, em certos dias, mais alta ella se elevasse, circumstancia esta que levou o doente a repellir as capsulas de quinina.

Além disso, os acessos já perdurando por miutos dias, obedeciam ao mesmo typo: a elevação thermica verificava-se sempre á tarde e não se modificava sob a influencia dos antipyreticos.

— FEBRE TYPHOIDE E PARA-TYPHOIDES A e B. A hemocultura e sôro-agglutinação com o b. typhico e paratyphicos A e B deram o seguinte resultado: Hemocultura: até 72 horas depois da sementeira a cultura de 10 c.c. de sangue manteve-se inteiramente esteril. — Agglutinação com os b. typhico, paratyphico A e B inteiramente negativa mesmo a titulos baixos, 1/20.

— PYLEPHLEBITE SUPPURADA. Á falta de um porto seguro para ferrar a ancora do diagnostico, podiam nossas cogitações ser detidas nesse estado morbido, mas o exame do abdomen, a elevação thermica, a anamnése não consentiam que por muito tempo perdurasse esse engano.

Tocando todas teclas que nos pareciam corresponder ás manifestações que apresentava D.C., não deviamos esquecer as **meta-infectuosas grippaes** representadas pelas lesões das pleuras, broncho-pulmonares, basites (AUSTREGESILO), adenopathias, etc., mas um exame cuidadoso para logo nos levava, á mingua de base, deixar de lado essa hypothese.

No dia 6 de Janeiro a familia do doente inquiriu-nos sobre o diagnostico dessa molestia que a despeito de tantos esforços se conservava estacionaria. Com a franqueza, que nem sempre póde ter o clinico, declarámos peremptoriamente que ainda não sabiamos de que molestia estava D.C. acommettido (salvo o **primum movens** que havia sido a grippe); apezar de todas as pesquisas do laboratorio, dos exames repetidos e do valioso auxilio dos mais distinctos collegas; mas, como o clinico deve "pensar syphiliticamente" (AUSTREGESILO), iamos administrar

uma pequena dose de néo-salvarsan, ainda mesmo com a sôro-reacção negativa. No dia 8 de Janeiro, convidados que estavam os Drs. GOMES DE FARIA e LEAL FERREIRA, que tirariam o sangue para novo estudo sorologico, lá nos achámos todos reunidos ás 10 horas da manhã. Aventada a idéa da injecção do **"914"** foram esses dois collegas de perfeito accôrdo que se fizesse sem tardança, já que uma pequena dose desse sal até serviria para auxiliar o apparecimento da reacção de WASSERMANN. O Dr. ALCEU FERREIRA fez uma injecção de 25 centg. Sobreveiu á tarde sensivel reacção, elevando-se a temperatura a 39°.

Desde o dia seguinte, ao mesmo tempo que era verificada a reacção de WASSERMANN fortemente positiva, desapparecia por completo a febre que durante 32 dias havia martyrisado o doente e não mais reappareceu até hoje, estando elle completamente restabelecido.

Como explicar a demora em firmar um diagnostico tão simples, tão commum, tão ao alcance de qualquer clinico madraço?

O facto de ter D. C. um WASSERMANN negativo, a certeza que elle mostrava de não se ter contaminado depois dessa época (não havendo motivo algum para nos illudir, franco e leal como sempre se mostrou), a circumstancia de não apresentar o mais leve signal de lues, — tudo nos levou a relegar para um plano secundario justamente o factor etiologico que estava em jogo e era o responsavel por aquella pyrexia, que nos preoccupou por longo tempo.

Não admira que tenham passado inteiramente despercebidas a presença do ponto inicial da infecção e suas manifestações secundarias porque, não raro, apparecem esses casos de **syphilis ignorada,** tanto no dominio da clinica medica, como da cirurgia e que, actualmente, estão preoccupando seriamente a attenção dos clinicos.

Outr'ora não se comprehendia um caso de syphilis sem as respectivas syphilides, o que levou FOURNIER a dizer: "Le seul accouplement des mots **syphilis ignorée,** parait une insulte au bon sens".

Os clinicos tinham sempre a preoccupação, dado um caso de lues, da existencia do cancro inicial e das manifestações cutaneas claramente á mostra, esquecendo-se uns e ignorando

outros, que o cancro inicial póde ser imperceptivel e as lesões secundarias tão insignificantes que passam despercebidas dos doentes.

Sobre este assumpto diz LEREDDE: "Le chancre peut être nain; la roséole, souvent inaperçue, est parfois absente, de même que tout accident secondaire".

A syphilis adquirida que ataca nas grandes cidades 20% da população total, segundo a estatisca de BLASCHKO, é, segundo LEREDDE, a que dá lugar, entre as molestias infectuosas, aos mais frequentes erros de diagnostico. Sua existencia é ignorada em 20% dos casos, nos homens; 40% nas mulheres e, tratando-se de syphilis hereditaria, em 90% dos casos. É que as lesões iniciaes e secundarias, da pelle e das mucosas, são muitas vezes indolentes e em certos casos situadas em regiões que não attrahem a attenção dos doentes.

São tantos os casos de syphilis ignorada e tão variada e dissimulada a sua physionomia que bem se justifica a phrase do prof. AUSTREGESILO — **"em clinica devemos pensar syphyliticamente".** — que fez carreira e dominou sem o menor embaraço.

Em cirurgia não poucas vezes observamos operações magistralmente levadas a efeito, e sem resultado therapeutico, simplesmente porque ou a lesão desenvolveu-se em um terreno syphilitico ou a propria lesão era um syphiloma.

Temos presente o trabalho do Dr. DECRETON que cita 3 casos interessantes de syphilis ignorada e que fôram sem resultado algum tratados cirurgicamente (cancro do seio, tumor branco do joelho e osteite bacillar dos dedos e metatarsos), tendo conseguido a cura d'elles com o tratamento especifico, depois de ter verificado a sôro-reacção positiva.

Citando essas observações e referindo-se á extraordinaria frequencia da syphilis entre as grandes populações. DECRETON diz que se deve pesquisar a affecção treponemica systematicamente na ausencia de todos os estigmas, de todos os symptomas pathognomonicos, de todos os antecedentes familiares especificos. Elle chama a attenção para o grande auxilio da reacção de WASSERMANN e para a importancia do methodo da **reactivação,** quer por meio das injecções intra-musculares

de enxofre e de mercurio colloidal, quer por pequenas injecções do néo-salvarsan.

Este caso que relatamos de syphilis ignorada, dando lugar áquella rebelde pyrexia, foi por um dos collegas catalogado de febre cryptogenica, na accepção em que LEUBE empregou esse vocabulo.

Difficil acreditar hoje que existam casos de febres prolongadas sem lesão, sem infecção, isto é, **sine materia.**

O professor BERNHEIM, sobre esse assumpto, diz: "O agente pyretogeno deve actuar sobre o apparelho de innervação, regulador thermico, exaltando sua actividade, de maneira a augmentar de um modo duradouro a tara das combustões organicas. Este agente parece ser sempre uma toxina microbiana... As febres chamadas de dentição, de crescimento, a febre gastrica ou embaraço gastrico febril, a febre de leite, a febre traumatica, as febres outr'ora chamadas ephemeras ou synocas, são todas febres infectuosas microbianas..."

Depois de outras considerações conclue o prof. BERNHEIM: **"A febre é funcção de toxina microbiana. Havendo febre é procurar o microbio".** Não menos interessantes são os estudos dos profs. ROBIN e COYON sobre a causa da febre. Elles referem que o conhecimento das causas que determinam a reacção febril é de data relativamente moderna. As pesquisas de laboratorio demonstram o papel pyretogeno das substancias secretadas pelos microbios e assim se acha constituida a theoria infectuosa da febre. Ao lado das febres infectuosas colloca-se um grupo de affecções que se acompanha de um estado febril, do qual não participa nenhum agente microbiano, — são as febres das intoxicações endogenas ou exogenas.

Iriamos muito longe si quizessemos acompanhar ROBIN quando estuda as causas da febre.

Voltando ao nosso caso, devemos esmiuçar o que de positivo e pratico se sabe em relação á febre na syphilis, a fórma mais commum sob a qual ella se apresenta e a época mais propicia ao seu apparecimento.

Os medicos antigos incluiam a febre no rol dos symptomas apresentados pela syphilis, apezar de não possuirem os

meios que hoje dispomos para avaliar a temperatura. Assim, J. DE VIGO, notavel medico italiano, nascido em 1460 em Ropollo, dizia: "uma pequena febre vem algumas vezes sobrecarregar outros males causados pela syphilis". MATHIOLE (de Sena), diz JULIEN, assim a define: "une **petite fièvre** soit du mode tierce, soit du mode étique".

Mais tarde, apezar dessas affirmações categoricas que citamos, a clinica despreoccupou-se dessa manifestação e a syphilis não incorporava mais a febre em seu cortejo symptomatico, o que JULIEN synthetiza nestes termos: "la syphilis est considérée pour tous comme évoluant à froid". HUNTER (1728 - 1793), porém, assim não pensava. O grande cirurgião escossez affirmava convictamente: "as alterações locaes da syphilis se acompanham **ordinariamente de febre,** de insomnia, agitação, cephaléa, etc. e esses symptomas se manifestam, não raro, independentes de toda acção local". SEVEDIAUR (1748-1824), illustre medico austriaco, procura determinar o periodo em que se apresenta esse symptoma e affirma: "antes de apparecerem as erupções da pelle os doentes são atcados de uma **febre** lenta, pulso fraco e accelerado". CASTELNAN (1845) estudou de modo especial essa pyrexia; depois delle, GÜNTZ e, principalmente, COURTEAUX (1871), cuja these foi escripta sob a inspiração de FOURNIER. JANOVSKY (1874), BREMEN, BAJDA e outros mais modernos, notadamente FOURNIER e AUDRY, trouxeram valiosas contribuições a esse interessante problema clinico.

O prof. AUDRY considera 3 grandes fórmas da febre syphilitica: 1.ª **febre de incubação,** 2.ª **febre symptomatica** e 3.ª **febre syphilitica essencial,** "déterminées diz elle, soit par l' époque, soit par la coincidence avec d'autres phénomènes, soit par l'absence de ces derniers".

1.ª — Uma grande numero de doentes, interrogados com cuidado, diz aquelle professor: "accusent vers l'explosion des premiers exanthèmes, des sensations de fatigue, d'abattement, des frissons, etc. Tous ces phénomènes s'accompagnent d' une **hyperthermie** sur la courbe de laquelle nous sommes assez mal renseignés".

2.ª fórma, melhor conhecida, é a **febre symptomatica** que geralmente acompanha as erupções cutaneas generalizadas,

cessando quasi sempre a hyperthermia quando se completa a erupção. Via de regra esta febre é moderada; entretanto, citam-se casos de syphilis pustulosas precedidas de temperatura de 40°, com alteração profunda do estado geral.

A 3.ª fórma, **febre syphilitica essencial,** diz elle, "se produit indépendamment de toute lésion, de toute manifestation capable de la motiver". É precoce e sobrevem nos primeiros mezes após o fim da incubação.

O prof. AUDRY dá em largas palhetadas e com grande precisão os caracteres da febre syphilitica, de observação habitual: — accessos vesperaes moderados, quotidianos, durando alguns dias, com hyperthermia moderada, às vezes conservação de appetite, em summa, com um **minimum** de phenomenos geraes O eminente professor esqueceu-se de incluir nesse eschema o facto comprovado por quasi todos os clinicos da inefficacia da quinina em tal febre, que não se altera, mesmo sob a acção de dóses elevadas. Esse quadro synthetico resume admiravelmente o caso do nosso doente D.C.

FOURNIER tambem admitte 3 fórmas de febre syphilitica, 1.ª forma **intermittente,** pseudo-palustre; 2.ª fórma **continua,** 3.ª fórma **vaga** ou **atypica.**

1.ª **Fórma intermittente.** — É composta de uma série de accessos isolados, separados entre si por intervallos de completa apyrexia, como na febre palustre. Os accessos, quasi sempre quotidianos, começam ordinariamente á tarde e duram cerca de 12 horas. Algumas vezes o paroxismo é apenas esboçado e ha ausencia do calafrio ou do suor, ou quando presentes, são estes de pouca monta.

JULIEN mostra a difficuldade do diagnostico desta fórma com o impaludismo e chama a attenção para a resistencia que ella apresenta á acção da quinina. Cita o facto assás interessante da clinica do Prof. TOMMASI, em que um moço de 26 annos, atacado de accessos vespertinos, tendo sido reconhecido indemne de malaria, foi tomado por tuberculoso e submettido aos tonicos até que se evidenciariam os accidentes lueticos.

2.ª **Fórma continua com exacerbação.** — A temperatura de manhã está sempre um pouco superior á normal, elevando-se á

tarde a 39.°, chegando mesmo a attingir 40.°. A pelle é secca e brilhante, ou, o que é raro, apparece abundante diaphorese. A elevação thermica dura geralmente 3 a 4 dias, podendo prolongar-se por semanas. Observam-se muitas vezes acceleração notavel do pulso, prostração, mal estar, febre elevada, acompanhada de phenomenos geraes graves: — é a typhose syphilitica de FOURNIER.

Uma particularidade observada nesta 2.ª fórma, que póde auxiliar no diagnostico, é o facto das grandes funcções se conservarem em bom estado, apezar da intensidade do processo morbido.

3.ª **Fórma vaga.** — Menos frequente que as duas primeiras, é esta uma fórma atypica, indefinida, e póde passar de um typo a outro, voltar ao primitivo e assim prolongar-se por longo tempo. DOMENICO CAPPOSI refere uma interessante observação, em que uma febre específica cuja periodicidade fôra perturbada pela quinina, a principio quotidiana, passa depois para terçã, mais tarde para dupla terçã e, por ultimo, ainda quotidiana, até que, conhecida sua etiologia, o tratamento especifico fel-a desapparecer.

O Dr. AFFONSO MAC-DOWELL, fazendo um cuidadoso estudo sobre febre cryptogenica (**"Brazil-Medico"** n. 4, 1919), e referindo-se á febre syphilitica, diz: "A febre syphilitica tardia é uma outra causa de febres obscuras, antigamente muito frequentes, a ponto de se registrarem casos verdadeiramente vergonhosos".

Em relação á frequencia da febre luetica, diz o prof. AUDRY (1971) que ella passa despercebida não só do medico, como do doente na grande maioria dos casos, de modo que nós ignoramos actualmente qual é a proporção exacta dos pacientes que della escapam. Diz elle que podemos acreditar que todos os atacados apresentam febre, mais ou menos fraca, durante um tempo mais ou menos curto. CH. VIBERT affirma que ella não é constante; GÜNTZ, que ella começa, em média, no 60.° dia e apparece em 20% dos casos; JANOVSKY dá mais elevada proporção; BRAUMLER e BREMEN acham que ella é muito frequente. Em summa, devemos ter bem presente o que já em 1883, no grande Diccionario de Medicina e Cirurgia de JACCOUD, escreve CH. VIBERT:

"O medico deve ter por norma imprescindivel a pesquisa da syphilis, todas as vezes que surgir a menor duvida sobre a natureza de uma molestia, segundo os exemplos de RAYER, que suspeitava sempre da existencia da syphilis quando via escuro o diagnostico, e nunca se arrependeu. Deve persuadir-se que a syphilis está em acção em casos em que sua presença é pouco verosimil; não deve esquecer-se de que muitas vezes ella é desconhecida, e que não menos vezes, ella é negada pelos doentes."

Assim procedendo, estaremos a coberto das grandes surprezas que nos trazem tantos e tantos casos de febres obscuras ou cryptogenicas.

Corityba, 10 de Março de 1919.

"ORAÇÃO DE PARANINFO NA SOLENIDADE DA COLAÇÃO DE GRAU AOS MÉDICOS DA PRIMEIRA TURMA DA FACULDADE DE MEDICINA DO PARANÁ EM 1920".

Meus jovens Collegas.

Acabastes de receber a solemne investidura de sacerdotes de Hippocrate, acabastes de receber as ultimas uncções que vos sagram apostolos da Medicina; quer dizer, estaes habilitados a exercer a mais ardua. a mais nobre e a mais difficil de todas as profissões; quer dizer, fostes ungido para essa grande e porfiada lucta contra a molestia e contra a dôr, que se renderão ao embate do vosso saber e da vossa bondade.

Sacrossanta missão essa que vela pela saude, que suavisa a existencia, que suffoca as dôres, que faz seccar as lagrimas e consola sempre.

E é por isso que os antigos davam á Medicina uma significação quasi religiosa e ao medico uma funcção quasi divina.

"Sem duvida — exclama ainda o professor Francisco Soca, com aquella vivacidade e calor peculiares á sua raça, — comprehendiam melhor que os contemporaneos o que ha de grande e terrivel nesse poder de penetrar nos segredos do corpo e da alma e exercer predominio sobre a morte, a dôr e a vida.

Crear é funcção dos deoses, tambem salvar uma vida é creal-a e impor-se á morte."

O professor Afranio Peixoto, apesar das satyras com que alveja o clinico, confessa "... a medicina é bem uma religião, a ultima religião talvez, religião que não passará, pois que acredita na morte e provê ao eterno soffrimento humano com a esperança, a fé e a caridade do remedio".

Eis a magnititude, a soberania da vossa profissão.

Justos são, pois, os vossos anceios pelo dia da vossa investidura.

Chegou, até que emfim, este momento anciosamente esperado, momento tantas vezes prelibado nos vossos suaves devaneios e nos vossos sonhos aureos de mocidade estudiosa e cheia de nobres ambições.

Chegou e veio pleno de encanto, circumdado de um halo resplendente de estima e confiança, porque nos pioneiros da sciencia medica, que hoje attingem a méta almejada na estrada de Canaan de seus anhelos, madrugaram no estudo e aqui estão entoando o hymno da victoria.

É natural que de vossos labios desabroche o riso bom, puro e communicativo; que vossos peitos se dilatem n'uma expansão de jubilo.

Pena é que o velho mestre que durante tantos annos, com carinho paternal, guiou vossos passos nos meandros do Hospital, não possua uma palavra magica, cheia de encantos e de eloquencia para traduzir esse estado ineffavel de vossas almas nesta hora memoravel.

Paciencia, meus jovens Collegas. Si hei de descambar para o vulgar, proferir vaniloquios, marchetar a allocução de lugares communs, melhor será, com a ascendencia a que dá direito a dedicação, a idade e a experiencia já dilatada, que estas ponderações versem sobre themas que vos interessam de perto e terão alguma valia, para vós que, amanhan, já ireis perlustrar uma senda abrolhosa.

Podereis dizer, com a impaciencia de quem está ancioso por desatar-se dos laços academicos: — estamos saturados de lição, cesse aqui a voz do didacta; no nosso grande dia, pomposo e festivo, só queremos palavras leves, suaves e sonóras que venham acariciar nossos ouvidos e despertar em nosso intellecto idéas fagueiras, doces emoções que nos façam antever um futuro côr de rosa, cheio de louros e de bemaventuranças.

É justo e bem justo que assim seja, e para minorar esta minha culpa, filha do transbordamento de vossa generosidade e estima nunca desmentidas, eu vos garanto que a exiguidade das palavras que ides ouvir, sem laivos de dogmatismo, aligeira o peso dos conceitos que deveis reter.

Esta solemnidade é a sagração de vossos esforços, é a consagração de vossa auctoridade. Agora ides tomar sobre vossos hombros novos encargos, pesados e arduos, quaes os de zelar pela vida daquelles que se entregam confiantes, cheios de esperanças, aos cuidados da vossa proficiencia, aos zelos da vossa dedicação.

Ahi a lucta é renhida e sem treguas, tereis de reunir num esforço herculeo todas as armas conquistadas no versar compendios e na frequencia das enfermarias para enfrentar o inimigo — a molestia, que, não raro, se occulta por entre os mil refólhos do organismo ou se disfarça com roupagens de variegadas côres.

Aos penetrardes na arena deveis trazer, gravadas em vosso labaro de combate, estas palavras que para o "Pai da Medicina" caracterisam o medico consciencioso que nobilita a sua profissão e dellas não vos deveis apartar:

"Esse medico, disse elle, é o que allia a profundo saber a experiencia longa, a exacta probidade e uma vida sem macula. A seus olhos todos os que soffrem são iguaes, como todos os homens o são perante a Divindade; a cada um accóde sem distincção de pessoa, fala com doçura, escuta com attenção; supporta a impaciencia de muitos e a todos inspira confiança.

Attento aos padecimentos do enfermo, estuda-lhes a causa e os progressos, nem se perturbe com accidentes imprevistos.

Quando lhe paira a duvida no espirito, procura conselho e luzes; se depois de porfiada e insistente peleja alcança victoria, debellando a molestia, nesta victoria se mostra feliz e modesto; se não consegue o almejado triumpho póde ao menos felicitar-vos de haver attenuado dores e ministrado consolações".

De um lado, a doença alterando os tecidos, perturbando as funcções, procurando aniquilar uma vida; de outro o medico, amparando o organismo, despertando nelle todas as energias e reacções salutares, incutindo coragem e esperança ao doente, neutralisando e anequillando, quanto póde, a influencia nefasta dos elementos mórbidos, na hypothese gallenica.

Se o medico é como o soldado que, após longa aprendizagem no manejo de suas multiplas armas, deve conhecer o ter-

reno, com todos os seus accidentes, deve pôr em pratica estratagemas idoneos até que acommetta o inimigo que se occulta, resiste, foge ou avança e afinal é vencido, "não é como o soldado, affirma Soca, porque o soldado assiste sem duvida terriveis hecatombes; mas, durante um minuto em uma longa existencia, depois vem o repouso, a calma, a gloria. A acção do medico é continua, implacavel, inevitavel, larga como a vida".

— Estaes de recursos hauridos nos mais puros mananciaes de vossa bibliotheca e no Hospital — esse templo augusto onde vossas mãos tocam todas as miserias humanas, vossos ouvidos ouvem os mais dolorosos soluços e onde aprendeis a glorificar a saude e apiedar-se dos que soffrem e gemem.

Estaes habilitados a reconhecer o inimigo atravez dos meandros do corpo humano, sabeis manejar as armas com que podeis feril-o e, principalmente, deveis estar impregnado dessa essencia divina — a bondade — que não se exgotta e nem se dilúe no trato dos que soffrem e que, de per si, é capaz de alliviar e curar.

Essa bondade que opera maravilhas, estimulando o systema nervoso, restabelecendo funcções perturbadas, augmentando energias e esperanças que jaziam suffocadas sob o peso de perturbações morbidas.

E não admira que a bondade restaure saude, quando a fé abala montanha.

Assim, pois, estaes armados cavalheiros da grande crusada em pról da saude e da alegria, saude de um cliente que é uma parcella da patria, alegria de um lar que é a humanidade em miniatura.

Apesar de tão bem apparelhados, cheios de confiança e energia, não espereis triumphar sempre. Ora, vossos desparos bem dirigidos não attingem o alvo, tão occulto, tão profundo está elle no parenchyma do orgão; ora, vosso arsenal therapeutico não possúe ainda a arma adequada para combater, nem deter o inimigo que vai avançando, dominando e fazendo sua obra de destruição: ora, tendes todos os elementos contra elle, mas o organismo sem energia, sem força, exgottado, não reage e não resiste ao choque da peleja renhida e sem estrondo.

Não desanimeis se a despeito de todos os meios empregados deixastes de vencer; é que o mal estava acima dos actuaes recursos da sciencia e da arte e zombou dos vossos esforços e da força medicatriz da natureza.

Outrossim, não vos deixeis abater pela descrença ou resentimento quando um cliente prescindir de vossos cuidados, apesar de todo vosso devotamento e de toda vossa aptidão para procurar outro collega, algumas vezes, menos "destro nas subtilezas de sua arte" e a elle entregue o destino de sua saude, que estava tão bem amparada.

Não vos sorprehenda esse facto, lamentavel desmaio no exercicio da profissão, claudicação lamentavel por parte d'aquelles que mais a deviam presar e nobilitar.

Lembrai-vos do que occorreu com o professor Francisco de Castro, cognominado o **divino mestre,** que alliava a um saber vastissimo uma bondade angelical.

Este insigne mestre era o medico assistente de uma alta patente do exercito e aguardava confiante os effeitos de sua sabia medicação quando o "senado caseiro", (assim chama o prof. Paes Leme o cenaculo das velhas parentes que rodeiam o enfermo), ou qualquer outra suggestão menos digna, fez com que a familia do enfermo suspendesse a medicação do grande clinico e administrasse a de outro medico.

No dia seguinte, o doente teve melhoras sorprehendentes. Symptomas alarmantes, que punham em perigo aquella vida preciosa, desappareceram como por encanto e os primeiros albores de uma cura milagrosa dissiparam a ameaça tenebrosa que envolvia aquella existencia que periclitava.

Cantos de victoria, hymnos laudatarios cercavam o novo Cesar, glorificado até pela imprensa indigena.

Entretanto, meus jovens collegas, o verdadeiro auctor daquella especie de resurreição jazia olvidado, vergado sobre os livros, inclinado sobre os leitos dos doentes ou doutrinando carinhosamente, como Christo, daquella cathedra que elle tanto soube honrar.

O caso facilmente se explica.

O professor Francisco de Castro havia prescripto medicação efficaz, mas que exigia longas horas para produzir effeito.

Nesse lapso de tempo foi administrado o medicamento anodyno do feliz collega; e quando, no dia seguinte, appareceram os effeitos maravilhosos que deviam salvar o doente, todos os que o cercavam atribuiram aquelle resultado sorprehendente á mudança de medico e de droga e que mera coincidencia forcejava por justificar.

O felizardo clinico veio colher louros que de direito não lhe cabiam, enfeitou-se facilmente com as pennas de pavão e assim recebia alviçaras, era applaudido e glorificado pelos jejunos na arte de curar.

Agora, escutai como o eminente Ruy Barbosa, refere-se a esse facto "... evitava com repugnancia as exhibições mais naturaes dos seus triumphos, e não se movia sequer, para obstar a que o despojassem de seus loiros mais justos. Bem me lembra, num desses casos, a sua soberana indifferença.

Tratava-se de uma alta personagem, cuja salvação era conquista absolutamente delle.

A outro, porem, que lhe veiu a succeder, se conspiraram certas apparencias em attribuir as honras publicas do triumpho. Cortezão e malquerentes, uns por servir ao primeiro, outros por magoar o segundo, andaram então, nas folhas e conversas, á competencia a quem mais incensaria o falso vencedor, para desmerecer no verdadeiro Eu, que apurara e conhecia de perto os factos, doi-me do engano e perguntei ao defraudado porque os não rectificava, quando facilimo lhe seria.

Sorriu, e respondeu-me que não valia a pena.

O que eu quero, accrescentou, **é que o doente fique bom".**

Sentis o retinir dos thesouros que jorram daquelle coração generoso e magnanimo, percebeis o fremito de um sentimento altruistico que se aninha n'aquella alma branca de arminho? Pois bem, eu vos concito com todas as veras a imitardes aquelle que deu esse exemplo de resignação e tolerancia evangelicas, aquelle que tanto dignificou "a toga de uma magistratura quasi divina" e que se elevou ao Sinai da medicina, onde, qual Moy-

sés de uma nova religião, pregou as mais puras e mais consoladoras doutrinas.

É natural que deante dessas, as vezes, inexplicaveis preferencias, os vossos corações sintam-se confrangidos, a vossa susceptibilidade de clinico consciencioso tocada de certa revolta, mormente quando fordes substituido por quem não tenha tanto carinho ao enfermo e nem mais volumosa seja sua bagagem scientifica.

Mas, não vos deixeis abater, não deveis perder a calma nem o optimismo; calma e optimismo que manterão firmes a vossa fé e não consentirão que murche em vossos peitos a esperança.

Deveis redobrar o esforço, versar com mais ardor vossos livros, observar com mais cuidado vossos clientes e seguir com mais rigor os preceitos da ethica medica. E deixai o tempo fazer sua obra de reparação e de justiça.

— Perdoai si abuso desta eminencia, em que tão espontanea e bondosamente me alçastes, e continúe a adduzir factos analogos ao já referido que, segundo meu pensar, vos hão de servir em futuro não remoto.

Lá a medicação era inocua, não fazia bem, nem mal; aqui ella é activa e tem propriedades contrarias ao que se deseja e entretanto os resultados alcançados são identicos.

Facto esse que vem revelar a grande resistencia do organismo e a veracidade das doutrinas hippocraticas no tocante á força medicatriz da natureza, que mesmo contrariada ainda póde triumphar.

Escutai e guardai os ensinamentos que naturalmente decorrem do que ides ouvir.

Prestaes cuidados a um doente, cujo diagnostico claro e confirmado pelas pesquisas do laboratorio instrue uma therapeutica especial e efficaz que estaes pondo em pratica.

A cura é lenta, o enfermo vai perdendo a paciencia e a familia começa a descrer da vossa competencia.

Vem a suggestão de um amigo, a insinuação da aleivosia, o preconicio de um collega esperto e a vossa destituição é fatal.

Sois substituido sem tardança e o vosso successor, ou porque se esquecesse que a therapeutica é o conhecimento das indicações e a arte de preenchel-as, prescreve medicação contraria á vossa o doente, **mirabile visu** recuperou a saude.

Esta nova abstrusa vos deixou perplexos confusos e abrasados em vacillações martyrisantes. Conjecturaes: — será possivel que eu tenha errado no diagnostico, que tenha receitado em desaccordo com a indicação e com a arte de formular?

Nada disso, meus jovens collegas.

Vosso diagnostico estava certo, vossa therapeutica era racional e precisa, e estava agindo com proveito e o doente, entretanto, restabeleceu-se ingerindo drogas contra-indicadas e sob regimen inconveniente porque seu organismo era valente, robusto, e resistio aos remedios, resistio à molestia e curou-se... apesar do tratamento.

Os louvores, os panegyricos não vos caberão por certo no estranho caso, pois o outro é que tem direito a todas as ovações pela hermeneutica dos papalvos e dos tecedores de renome barato.

Paciencia, jovens collegas. Antes serdes despojados de proventos e louvores que vos pertencem, que desfructardes glorias que não vos cabem. E assim não ficareis sujeitos ao vexame que soffreu Philemon na passagem que vol-a conto qual m'a contaram.

Houve em Athenas um poeta excellente que se chamava Menandro. Um dia em que os athenienses applaudiram com vehemencia uma comedia detestavel de um poetastro chamado Philemon, procurou-o Menandro e lhe perguntou: Não te envergonhas de teus triumphos?

Palavras estas que deviam acordal-o para a realidade e feril-o como lamina de Toledo.

— É tempo de fechar esta oração que já aberra das normas estabelecidas nestas solemnidades, e eu devo lembrar-me que já não estamos reunidos em torno de um leito da Santa Casa a confabular, horas e horas, sobre um caso interessante.

A assistencia selecta, que me honra com sua attenção, perdoar-me-ha por ter estirado tanto, por ter alongado em demasia

esta allocução com o intuito egoistico de retardar as despedidas daquelles que foram por longo tempo meus companheiros de trabalho.

Em verdade, meus jovens collegas, durante 3 annos lectivos convivemos no Hospital e eu tive a ventura de vos servir de guia como companheiro mais velho. Dessa convivencia guardo a mais grata e a mais duradoura recordação, porque n'aquelle recinto augusto que o soffrimento santifica, sentia-me satisfeito e feliz, alentado com vossa munificiencia, lisongeado com a vossa consideração e honrado com a vossa estima.

Ide ao vosso destino.

Não olvideis as lições do mestre dedicado que, se não vos ensinou quanto devia, ensinou o bastante para convencer-vos do grande valimento do estudo, da observação e do carinho na arte de curar e consolar enfermos, sacerdocio esse que deveis exercer sem jamais desertar os preceitos da deontologia medica.

"Sêde dedicados e perseverantes, compassivos com os que soffrem, generosos com os que não comprehendem na nossa missão a excellencia do bem, magnanimos com os mal agradecidos", como exhortava o "divino mestre".

E eu quero ter — a ventura de vos ver cercados de uma coruscante aureola de benemerencia e o grande contentamento de bater palmas aos vossos triumphos que me encherão tambem de um nobre orgulho.

EM TÔRNO DO ESPIRITISMO

(DIALOGO)

D.ª Leopoldina é uma viuva nova e elegante, inteligente e instruida, digna e curiosa. Eis, em poucas palavras, esboçado o seu perfil moral.

DR. J. ANSELMO

D.ª Leopoldina. — Desejava ouvir sua opinião sobre tantas cousas que me têm dado tratos ao juizo. Como sei que o Dr. é um homem de ciência e uma cavalheiro educado, estou certa que me esclarecerá, dando-me atenção por alguns minutos.

— Agradeço a confiança que V.ª Ex.ª deposita em meu pouco saber e de bom grado estou inteiramente ao seu dispôr.

Deplorarei si não estiver ao alcance de meus conhecimentos a solução dos problemas que preocupam o culto espírito de V.ª Ex.ª.

— Eu desejo saber, meu caro Dr., o que o Sr. pensa do espiritismo, de suas maravilhosas revelações, de sua origem. Emfim, o que ha de positivo sobre esses fenômenos que nos deslumbram, nos assombram e as vezes até nos apavoram?

— D.ª Leopoldina, — V.ª Ex.ª, pede em poucas palavras a solução de um problema tão transcendente, tão eriçado de dificuldades e controversias que será difícil satisfazer-lhe cabalmente. Em todo caso eu ponho a disposição de V.ª Ex.ª os pequenos conhecimentos que tenho sobre esse assunto e vou expôr, com a máxima franqueza, a minha sincera convicção adquirida após reiteradas locubrações.

(*) — Sob o pseudônimo **Dr. J. Anselmo**, o Prof. João Cândido Ferreira publicou em "Paraná-Médico" (dezembro de 1920 e fevereiro de 1921) uma série de trabalhos obedecendo a este título.

— Muito bem, Dr., sou toda ouvidos.

— Perdão, mas o caso não é tão simples e não vai assim de subito a sua solução.

Eu já fui mestre-escola e dizem que ensinava menos mal, porque tinha método, ordem e claresa. Pois bem, vamos começar pelo princípio, isto é, origem do espiritismo, depois...

— Mas, Dr., eu desejo, antes de tudo saber o que o Sr. pensa desses fátos assombrosos que estão ligados ao espiritismo e que fazem arder o cerebro de uma mulher pouco instruida e ávida da verdade, como eu.

— Eu penso que ha tanta verdade, tanta exploração, tanta ignorancia, tanta místificação nos fenômenos espíritas que difícil será separar o joio do trigo. O espiritismo ora é um ardil, ora um negocio, ora uma sugestão, ora uma doença, conforme o pessoal que o pratica.

— Mas, Dr., o Sr. parece que não acredita nos fátos revelados pelos espíritos; talvez, nem mesmo na existência desses seres imateriais, imponderáveis que emigram do corpo na hora do transpasse?

— É verdade, eu cheguei a tal descrença em relação ás práticas espíritas e julgo-as tão mal, salvo algumas excepções, que V.ª Ex.ª vai ter verdadeira decepção no decorrer da nossa palestra. Assim, talvez seja melhor escolher outro assumpto.

— Não, Dr., é com mais ardor que desejo ouvir sua palavra, que sei muito sincera. Estou curiosa, ardendo em ância por ouvir sua opinião abalisada e desasombrada.

— Bem, eu vou proseguir, mas V.ª Ex.ª vai fazer com que eu me indisponha com o Dr. Flavio, a quem admiro, estimo e respeito pela firmesa e sinceridade de suas convicções, ainda que dele discorde.

Não vá êle passar-me o guatambú, por sua causa.

— Vamos, Dr., eu não quero roubar-lhe mais tempo e espero anciosa sua opinião sobre a origem do espiritismo, já que tantas versões correm mundo a tal respeito.

— Não ha duvida sobre estes dados: o espiritismo teve início em 1832, nos Estados Unidos. Em 1846 os fenômenos ex-

traordinários chamaram aí a atenção, em 1848 foram feitas as primeiras experiências, em 1852 ele invadiu a Europa, entrando pela Escocia e em 1853 chegou à Alemanha, depois estendeu-se na França e não tardou a surgir no Brasil, onde tem medrado graças ao pendor da nossa raça para o maravilhoso. Eis tudo em duas palhetadas.

— Perdão, Dr., eu desejo saber a cousa por miudo, isto é, como ele teve origem nos Estados Unidos, justamente nesse país onde tudo é tão positivo, tão prático, onde tudo visa um utilitarismo bem orientado.

— Estou prevendo dess'arte, que não serão suficiêntes 3 ou 4 sessões para esgotar este assunto, pois V. Exa. quer tudo bem esmerilhado... e o manancial é inegotável.

— Desaltere-me Dr. com a linfa do seu saber, pois é um preceito do Evangelho satisfazer os que têm sêde da verdade.

— Então V. Exa. escute o que diz o Dr. Santos Pimentel, muito versado no assunto que nos preocupa:

"O espiritismo começou em 1832, na America do Norte, quando 3 crianças colocaram as mãos sobre uma mesa. Em 1846, em casa de Wachemann, em uma aldeia próxima de New-York, foram ouvidos rumores misteriosos e uma menina sentiu que mão invisível passava pelo seu rosto e vinha pousar em sua cabeça. Wachemann abandonou essa casa e para ela, em 1847, se transferiu Woss, de origem alemã, com sua familia. Pouco tempo depois da instalação de Woss foram tambem ouvidos misteriosos e estranhos rumores, que se propagavam pelas paredes, salas, porão, emfim por toda casa. Os móveis eram jogados ao chão, e de noite as meninas sentiam mãos invisíveis passar-lhes pelo corpo. Não encontrando explicações para esses fenômenos atribuiram tudo ao **diabo** e as meninas chamavam-no **Pé de Cabra.**

Certa noite a pequena Catarina estalando os dedos convidou **Pé de Cabra** a fazer outro tanto, sendo logo atendida. A menina chamou a mãe, e mãe e filha, depois de algumas experiências, verificaram que **Pé de Cabra ouvia e via.** Perguntaram se ele era homem, não respondeu. Perguntaram se era espirito, **Pé de Cabra** respondeu **sim,** por meio de pancadas nitidas.

— Repetiram as experiências e verificaram que eram mais acentuados os fenômenos quando presente Catarina.

Deram-lhe, por esse motivo o nome de **medium.** Conhecido o espirito **Pé de Cabra** e o **medium** Catarina concordaram que deviam existir muitos espiritos e que estes podiam aparecer atravez de muitos mediums.

E assim surgiu o espiritismo, praga que se espalhou assustadoramente, diz o Dr. Pimentel.

— E o Dr. concorda que seja mesmo uma praga?

— Pelo menos uma planta daninha que tem envenenado a existência de muita gente bôa.

Como eu ia dizendo, os espiritos então deram instruções para facilitar as evocações e as comunicações e pediram que se organizassem círculos e reuniões espiritas em profusão.

A familia de Woss, que tomou o nome de João Fox foi perseguida pelo Pastor Protestante de Hydesville e refugiou-se, com a falange espiritica, em Rochester, onde vivia uma filha casada de João Fox, que logo passou a ser notável **medium.** Homens de valor dedicaram-se à observação dos curiosos fenômenos e acreditaram em sua realidade.

Como disse, em 1852 o espiritismo invadiu a Europa e foi tendo prosélitos de certa importância.

A principio os espiritos manifestavam-se por meio de **pancadas,** que correspondiam ás letras do alfabeto; foi-se aperfeiçoando o systema e surgiram mais tarde os que escreviam por meio de medium, depois os que discursavam impressionando a assistência, mais tarde os que adivinhavam, prevendo o futuro e recordando o passado.

Não havia mais segredo para eles. O progresso era rápido e de assombrar; não tardou muito que aparecessem os **mediuns** videntes, típos acabados e completos de desiquilibrados ou de farcistas dos mais audaciosos de que temos noticia, diz ainda o Dr. Pimentel.

— E o Dr. subscreve essa excentrica opinião?

— Alguns desses são verdadeiros neuropatas. Mas não é tudo ainda, faltava provar que o **vidente** não mentia quando afir-

mava ter visto o espirito e então crearam-se as **materialisações,** fenômenos extraordinários que apresentam assim o **espirito** em condições de ser medido, pesado, tocado, abraçado e sujeito até à tosa de seus cabelos.

— Não está provado que se tenha conseguido tanto, verdade é que se afirma ter visto...

— Ainda não é tudo, D.ª Leopoldina, já se conseguiu fotografar os **espiritos,** pega-los em flagrante com esse aparêlho sensível, fiel e que não mistifica.

Eis em rápidos traços a evolução por que tem passado o espiritismo, desde a astucia dos Fox até as maravilhas de nossa época, desde a prosaica pancada das mesas, passando por todas as gamas do embuste, da sugestão e da incongruência até o córte dos cabellos, a moldagem e a fotografia dos espiritos que discursam e são vistos, sentidos e gosados.

— Não póde ser dislate ou desvario aquílo que é observado por grande número de pessoas, verificado por tantos sábios e aplaudido por tantos cientistas de reputação, acima de qualquer suspeita, como Allan-Kardec, Crook, Grasset, Carlos Richet, etc., etc.

— V. Exa. não deve misturar alhos com bogalhos. Não por no mesmo cadoz Grasset e Allan-Kardec, Richet e Crook que pensam de modo inteiramente diverso sobre esse assunto, como posso mostrar.

— Já tenho hoje abusado de sua tolerância e como é tarde, se permitir, voltarei amanhã, à mesmo hora, para ouvir suas lições.

— Fico inteiramente ao seu dispôr.

— Obrigado, Dr., até amanhã.

II

— Bom dia Dr. Está ainda disposto a aturar minha modesta curiosidade e proseguir nas lições que tanto interesse me vão despertando?

— Com nimio prazer vou expôr a V. Exa. o que nos ensina

sobre **alma, espiritismo,** etc. o Dr. Oscar dos Santos que versa esse assunto com mão de mestre.

— Mas, Dr., com franqueza, eu desejo saber sua opinião e não a do Dr. Fulano ou Sicrano. É uma questão de confiança...

— D.ª Leopoldina, eu tenho lido muito sobre a matéria que tanto está preocupando sua atenção, tenho assistido muitas sessões espiritas, tenho ouvido discorrer muitos adeptos e adversários do espiritismo e estou convencido que a verdade está com os que pensam com o Dr. O. dos Santos Pimentel e por isso vou servindo-me dos seus estudos para responder ás perguntas de V. Exa. que, não raro, me põe em talas.

— Para reatar o fio da exposição, o Dr. vai agora dizer-me o que é a alma, o espirito e o espiritismo e o que ha de verdade sobre essa concepção maravilhosa da vida de alem tumulo, que os espiritas sustentam e sob a qual eles se abrigam e vivem felizes.

— O espirito, definem esses sectários, é um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo; a alma é o espirito incarnado.

Para um grupo de espiritas a alma é o ser mais perfeito da criação, ser imortal, que se vai purificando pelas sucessivas reincarnações até que ascendendo à esféra superior da luz, nunca mais carece de voltar à terra, por ter atingido a sua completa perfeição.

A morte, para eles, não é o fim da existência, é a porta aberta pela qual se passa para a eternidade. Dizem outros que a alma invisivel e imponderável, não é uma entidade ideal, porque a **experiência espirita** mostra que ela é provida de corpo subtil, no qual se registam os fenômenos da vida mental. Chamam perispirito a esse corpo subtil que é destinado a unir a alma ao seu envolucro.

— Mas, Dr., se a alma é invisível, imponderável, como ela póde afetar nossos sentidos e impressionar a placa fotográfica?

— Os espiritas dizem que a alma em certas circunstancias, em determinadas ocasiões, póde apresentar **caráter objetivo** e então pode ser vista, sentida e fotografada.

— E o Snr. acredita em tudo isso? Pode crêr-se na existência da alma sem ser mais ou menos espirita?

— D. Leopoldina, eu ainda não disse o que penso da alma e de seus atributos. Eu referi apenas opiniões do prosélitos do espiritismo e em relação ao que pensam os cientistas, que não comungam nas mesmas idéas, eu nada adiantei por emquanto.

Uma pessôa pode não acreditar no espiritismo, entretanto acreditar na alma; pode ser espiritualista e não espirita, como acontece com os padres.

— O que representa a alma para esses cientistas, aos quais o Sr. se refére?

— A alma é o conjunto das faculdades intelectuais, é a soma das funções cerebrais. Para Leven é...

— Isto quer dizer que para eles não existe alma e o homem é equiparado a um animal irracional, do qual após a morte nada mais resta.

— É isso o que pensa Salomão: "O homem morre como um animal qualquer, tudo que resta de um é igual ao que resta do outro".

— Arre, Dr., essa concepção é prosaica, desoladora e faz crestar a esperânça de uma vida melhor, mais equitativa, mais elevada, onde haja recompensas e castigo justos.

— V.Exa. vai desviando-me da róta que devemos seguir e assim não atingiremos ao fim que nos propomos. Eu desejo pôr-lhe ao corrente como penso sobre o assunto que vamos morosamente perlustrando.

— Perdão, Dr., queira continuar e diga como pensa Leven e o que é o espiritismo e que valor se deve dar às suas ruidosas manifestações.

— Quanto ao que pensa Leven, melhor é V.Exa. levar o livro dele que está aqui à mão — **A vida e a alma** e lêr aos poucos, fruindo o encanto daquela empolgante linguagem. Quanto ao espiritismo, V.Exa. já sabe, ele trata de cousas do **outro mundo,** dos mistérios de uma outra vida, tudo isso revelada por um ente que sobrevive ao corpo e que só existe

para os crentes, — o **espírito.** Para os adversários desse sistema nebuloso, o espiritismo é um tecido de embuste, exploração, intrujice e as vezes de fatos do dominio da sugestão e da prestidigitação.

Para Allan-Kardec o espiritismo é uma doutrina que tem por principio as relações do mundo material com os espiritos do mundo invisível.

— O que se deve entender por mundo material?

— É o planeta que habitamos, a terra.

— E como se procede para pôr o espirito em comunicação conosco?

— Ha muitos processos, mas o mais usual é o de agrupamento à noite, em tôrno de uma mesa, sobre a qual se colocam as mãos, e evoca-se o espirito por intermedio do **medium.**

— Porque à noite e não á luz meridiana?

— Á noite ou em aposento mal iluminado, envolvido em uma atmosféra sugestiva, cercado de quadros misticos, impressionantes, é, que a sessão melhor transcorre e que mais facilmente os espiritos atendem os apelos dos mediuns. Essa usança, que nada parece justificar, porque a verdade deve aparecer, com mais nitidez aos raios coruscantes do sol, levou alguém a dizer: "O espiritismo não é uma ciência, mas, sim, um mistério que nasceu nas **sombras,** evoluio nas **sombras,** existe nas **sombras,** só projéta sombras".

O ambiente emocionante que envolve o paciente durante as sessões, a luz bruxoleante que mal ilumina, dando ao aposento uns tons sombrios, tudo isso é próprio para fazer acreditar na realidade das evocações, e nas mensagens vindas de alem túmulo, aquela solenidade produz a emoção, amendronta e impede uma analise calma, ponderada e profunda dos fátos que se vão desenrolando; além disso todos nós temos uma certa tendência inata para crêr n'aquilo que não entendemos, que a primeira vista parece acima de nossos conhecimentos.

Em suma, a impressão que causam os fenômenos espíritas em uma inteligência vacilante, em um individuo nervoso, ou

com tendência para o misticismo, impede a critica lucida dos fátos observados e uma energica reação contra a incongruência das comunicações.

Toda essa encenação que emociona, que comove e que amedronta, deixa o paciente em um estado especial de **receptividade**, isto é, prepara o terreno, consegue um estado de subconciência e então facilmente medra em seu cerebro a idéia de qualquer cousa misteriosa, de um **espirito,** que, por intermedio de um privilegiado, que se chama **medium,** vai fazer as mais estupendas revelações.

O fáto da receptividade a que aludi é, **mutatis mutandis,** o que se dá em patologia com o que se chama oportunidade mórbida.

Em verdade, um individuo forte, tendo integras todas as defesas do seu organismo não é vítima da invasão de uma infecção; mas, se por um desvio de regimen, um resfriamento, um traumatismo, estafa, etc., desfalecer sua resistência orgânica, forem comprometidas suas defesas, o organismo é contaminado e a invasão da moléstia se verifica facilmente.

— Arre, Dr., pelo que acabo de ouvir o Sr. equipara o espiritismo a uma peste que invade o organismo...

Em todo o caso o **simile** que estabeleceu vem provar que nas revelações espiritas existe alguma cousa de real, senão não invadiria o organismo, não se apoderava do paciente a maneira de uma infecção, como disse o Dr.

— Perdão, eu apenas estabeleci uma comparação para tornar mais claro meu pensamento, não quiz significar que algo de verdade existe nas práticas espíritas, apesar de estar convencido de que alguns fátos observados pelos espiritas são verdadeiros, mas erronea é a interpretação dada por eles, como mostrarei mais tarde.

Repito, nós facilmente acreditamos n'aquilo que não entendemos, que nos maravilha, que nos deslumbra. É um vício ancestral, e que fez Haeckel dizer: "a nossa descendência de barbaros explica filogeneticamente a tendência hereditária que temos para a superstição e para o misticismo."

— O que quer dizer filogeneticamente?

— Quer dizer pelo desenvolvimento da especie.

— Haeckel é um sectário do darwinismo, é um suspeito, não tem a isenção de animo necessaria para apreciar o espiritismo. Devemos deixa-lo de lado e prosseguir.

O Dr. disse que a sessão é em torno de uma pequena mesa, as mãos sobre ela, que de leve se tocam e formam cadeia, não é verdade?

— É esse um dos sistemas usados.

Como se explica então que a mesa entre em movimento, independente de impulsos que a façam girar, como certos **mediuns** escrevem cousa que ignoram, como outros conseguem vêr uma pessôa já falecida?

— V. Ex.ª está entrando agora no amago mesmo do espiritismo e vai obrigar-me a deitar erudição, justamente o que tenho evitado desde que iniciamos a nossa despretenciosa palestra.

Para explicar o mecanismo em virtude do qual as mesas se movem ao contacto das mãos, os **mediuns** escrevem etc., etc., eu aqui lhe apresento os estudos do sabio professor Grasset que mostra com trabalhos próprios, de Janet e de outras notabilidades, como isso se dá naturalmente, sem a intervenção dos espiritos. Esses trabalhos são altamente cientificos e para entende-los é mister possuir algumas noções de fisiologia, patologia e filosofia. Como sei que V. Ex.ª além de muito talento, tem versado esses assuntos, vou explicar-lhe ás pressas, a concepção de Grasset.

O eminente méstre de Montpellier, sob o título **Automatismo psicológico** ou centros **psíquicos inferiores** trata de um assunto transcendente e dá a chave para resolver vários problemas ligados ao espiritismo.

Diz ele...

— Olhe, Dr., já é bastante tarde, está esgotado o prazo e como o assunto é de alta importância, seria bom adia-lo para amanhã.

— Bem lembrado, precisamos pelo menos de uma sessão para expôr a bela concepção de Grasset, que veiu trazer muita luz sobre pontos até então obscuros e ligados a existência dos espiritos.

E para adiantar expediente e desalterar a sua nobre séde de saber, eu peço que leve este livro de Grassét e este de Metchnikoff e leia os capítulos que estão marcados, porque amanhã, é domingo e não nos encontraremos.

— É verdade, Dr., amanhã temos corrida no Prado e como é certo que venha chuva, levo estes dois sabios para me fazerem companhia durante o dia todo.

Muito obrigado, Dr., e até segunda-feira.

III

Bom dia, Dr., aqui estou de novo e desejava dar-lhe conta do que li sobre o **automatismo psicológico ou psiquismo inferior**, no livro do professor Grasset.

Sem ter barba vi-me abarbada para destrinchar todo aquele tecido de fátos transcendentes. Li, reli e não posso ocultar o entusiasmo que me despertou essa obra colossal de um sabio modesto e tolerante.

— Surpreende-me o que V. Excia. está dizendo.

— Porque?

— Porque tenho percebido claramente a tendência de seu **psiquismo superior** para aceitar a hipótese espirita, tal qual ensina Allan-Kardec.

— É verdade, eu tinha sérias duvidas sobre esse assunto, mas não posso negar que tinha decidido pendor para aceitar as manifestações espiritas como verdades emanadas de um ser imaterial, imponderável, que tivesse emigrado de um corpo que deixou de viver e hoje sinto que minhas convicções estão abaladas com a leitura dos trabalhos de Grasset e Metchnikoff.

Também o Dr. não foi imparcial porque se o fosse me daria um livro contrário e outro favorável ao espiritismo. Deu-me a lêr dois camartelos contra o Kardecismo.

— São dois livros de alto valor científico escritos por dois dos maiores pensadores deste século que, no momento, estavam ao alcance de minha mão, motivo por que lh'os dei a ler, pedindo sua atenção para certos capítulos que frisam com o têma da paléstra.

Agora desejo expôr resumidamente a concepção de Grasset, e espero toda benevolencia de sua parte, que este trabalho é... de Hercules, para meus fracos hombros.

— Sou toda ouvidos mas acho difícil sua tarefa sem um esquema que facilite, que torne bem clara a exposição, como me consta, fez o Dr. José Macedo em conferência realisada no templo das Musas.

— Eu apenas quero mostrar que li Grasset e fiquei fazendo uma idéia, embora palida, do seu ensinamento empolgante, ainda que não convertida ao seu credo.

Esse sábio ensina que os fenômenos cerebrais compreendem dois grupos principais, **psiquismo superior e o inferior ou automatismo.** E para elucidar a sua teoria constróe um polígono, colocando no apice (que chama O) o centro da intelectualidade superior, da conciência plena, da liberdade e da responsabilidade, e, em baixo o **psiquismo inferior,** onde os átos já não são livres, apesar de coordenados e inteligentes.

Essas duas funções têm séde diferente no cerebro. A atividade do **psiquismo inferior,** existe no estado fisiológico, assim a temos no sono normal, no sonho, em vários átos de distração em individuos completamente sadios.

Nas pessôas que não são inteiramente normais podemos observar essa atividade nos pesadelos, nas mesas girantes, no cumberlandismo, nos **ledores** do pensamento, na escrita automatica, em alguns **mediuns,** espiritismo, etc.

— V. Exa. diz que esta função se verifica em pessôas que não são inteiramente normais, o que vale dizer em doentes, não é verdade?

— Assim eu compreendi o pensamento do mestre quando ele diz "individuos que se afastam ligeiramente do estado fisiológico por aptidões um tanto particulares", não me parecendo que ele queira falar de doente, por que um pouco adiante trata dessa categoria e afirma: "Enfim, esta atividade **psicológica inferior** ainda se patenteia completamente nos estados patológicos: no sonambulismo, catalepsia, paralisia e anestesias histéricas, no hipnotismo".

— Muito bem. V. Exa. interpretou perfeitamente as palavras de Grasset.

Agora eu desejaria saber como ele compreende os centros psíquicos inferiores no estado normal, e como desse estudo ele deduz a explicação dos fenômenos que os sectários de Allan-Kardec atribuem ao espiritismo?

— Grasset não trata propriamente do espiritismo, mas diz que alguns fatos atribuidos aos espiritos são explicáveis pelas funções do psiquismo inferior, assim a escrita automática.

Os **mediuns,** respondem as perguntas que lhe são dirigidas de diferentes maneiras. Escrevem e falam cousas das quais não têm consciência. Deante dessas manifestações de uma atividade psíquica involuntária, inconsciente e entretanto inteligente, diz Grasset, tem-se querido ver a influência de espiritos anormais: anjo, demônio... em summa, o sobrenatural.

E aí se amalgama a fraude, o romance, a velhacaria e alguns átos verdadeiros.

Há pessôas de boa fé, que, sem o querer e saber falam, escrevem, gesticulam, desenham, isto é executam átos inteligentes, mas involuntários e inconscientes; são átos psíquicos inferiores, átos automaticos. Vai mais longe o mestre e avança: quando o **medium** fica em **transe,** desagrega o O do poligono (ele chama O o centro do psiquismo superior e simplesmente **poligono** o psiquismo inferior) e cai em um estado de distração, levado ao mais alto gráo e então ele responde as perguntas com seu poligono.

— Estou maravilhada com sua exposição e vou interrompe-la um minuto, citando os seguintes casos: Richet e Janet têm visto pessôas de absoluta honestidade escreverem automaticamente, como se fossem espiritas e não terem conciência do que escrevem.

— Isto explica perfeitamente o fáto de evocar-se um grande poéta, um profundo pensador ou um notável matemático e eles responderem com versos detestáveis, com sentenças disparatadas e com calculos que envergonhariam um mediocre aprendiz. É esse o caso da desagregação mental. O **medium** de bôa fé fica em estado de desagregação psíquica; todos os seus átos são átos poligonais, sem intervenção de **O** e por isso inconscientes e incongruentes. Não há, pois, necessidade para sua interpretação da interferência de um ente imaterial, intangível,

que abandonou o corpo, que era então o seu envolucro, à voracidade dos vermes e vem divertir-se a custa de sua credulidade enfermiça.

— Obrigada Dr. e eu vou prosseguir. Diz textualmente Grasset: — a desagregação mental existe na distração ordinária e no sono normal e para que o poligono faça cumberlandismo, mesas girantes, escritas automáticas e espiritismo é necessário, não sómente que ele se separe de **O,** ficando no estado de transe, mais ainda que fique em um estado de hiper-atividade que já não é o estado normal.

— Eis aí em um rápido apanhado a concepção do mestre de Montpellier.

— V. Exa. esqueceu-se de referir o que ele pensa dos movimentos sem contato, levantamento de corpos pesados, etc.

— Grasset diz que são cousas essas fóra do assunto que ele trata e para explicá-las haveria necessidade de invocar-se a existência de uma força nova desconhecida, ou pelo menos um modo de transmissão absolutamente novo das antigas forças.

— Mais tarde o eminente cientista precisou ainda mais a sua opinião sobre esses casos. Ele assim doutrina:

Provada a possibilidade do deslocamento sem contáto e da sugestão mental não ficaria provada a existência dos espiritos reincarnados e de alem tumulo. Ficaria apenas estabelecida a existencia de uma fórma, até aqui desconhecida de radiação, que vai ora de um individuo ao outro, para o sugerir, ora de um individuo a um objéto para o movimentar.

Ninguém percebia as ondas hértzianas, ninguem suspeitava da existência de uma luz que atravessasse o organismo, entretanto aí está o telegrafo sem fio em todo o seu deslumbramento, prestando relevantes serviços ás nações, aí está o raio X com o seu poder magico de devassar o organismo humano, prestando inestimáveis serviços a terapeutica, assim não seria temeridade pensar na "possibilidade da demonstração ulterior de uma fórma ainda desconhecida de radiação psíquica imperceptível aos nossos sentidos e que permitiria a ação psicomotora à distância", isto é, capaz de pôr em movimento um corpo, sem contacto.

— E como ele explica a materialisação de fantasmas?

— Êle acredita que não está ainda feita a demonstração científica desse fáto e se estivesse não provaria a existência dos espiritos reincarnados, revelaria apenas uma forma nova, visível das radiações psíquicas do **medium:** o **medium** teria o poder de exteriorisar e de condensar fóra de si sua força psíquica em um fantasma que nada teria de sobre-natural.

Em suma, as radiações psíquicas de certos individuos podem ser tão poderosas ao ponto de produzir fóra deles, impressões luminosas e tactis com tal fórma e tal dimensão que cheguem a dar a sensação de um fantasma.

Tudo isso traduziria, segundo Grasset, a expressão do psiquismo do **medium** e nós veriamos o fantasma como o **medium** o imaginasse. E aí estaria a prova da objetivação poderosa do pensamento do medium que chega a criar um objeto capaz de impressionar nossos sentidos e até uma placa fotográfica.

Isto significa que Grasset, Lombroso, Janet, e tantos outros luseiros estão longe de acreditar que os espíritos, como querem os intransigentes discípulos de Allan-Kardec, sejam os causadores de todos estes fenômenos extraordinários que, graças a nossa ignorância, ainda não estão claramente explicados.

Agora que já sabemos como pensa Grasset, desejo que V. Exa. me diga a opinião de Metchnikoff.

— Eu já conhecia alguns trabalhos desse formoso espirito e o **"O estudo sôbre a natureza humana",** que levei para lêr veio confirmar plenamente o juizo que eu dele fazia: um poeta metido dentro de um cientista. Concebe cousas belas e sabe dizelas de um modo delicioso.

— E sobre o espiritismo?

— Êle nessa obra não se occupa do assunto, mas basta saber o que ele pensa da existência da alma para concluir-se que ele não pode cogitar dessa materia. Êle tem destas asserções: a ciência não pode aceitar a imortalidade da alma. A morte para ele é um verdadeiro aniquilamento, tal qual como pensa Schopenhauer — a morte deve ser considerada como um verdadeiro fim da vida.

Já se vê que o espiritismo para ele peca pela base, ou melhor, por falta de base.

— E agora, eu pergunto qual a opinião de V. Exa.?

— Eu tenho medo do espiritismo, de suas consequências, ao mesmo tempo fico deslumbrada, comovida, com o que tenho lido e me contam das grandes revelações, muitas delas comprovadas e algumas até desvendando acontecimentos futuros.

— Com franqueza, D. Leopoldina, o que sei a respeito dessas revelações é que são todas falsas, destituidas de fundamento e até disparatadas. E quando coincidem com a verdade é por mero acaso, por bamburrio.

Penso que o espiritismo com suas sessões cheias de misticismo mórbido devia desaparecer ,cada um podia guardar sua crença não havendo necessidade das sessões

— Como desaparecer Dr.? E os grandes beneficios que esses centros espalham por toda a parte nada valem, nada significam perante a sociedade?

O Sr. não viu a soma de relevantes serviços, que a Federação Espirita do Paraná têm prestado ao nosso Estado e principalmente Curitiba?

— Li tudo quanto os jornais ultimamente publicam sobre o suggestivo título **instituição benemérita** e fiquei surpreso e admirado da tenacidade desse grupo de crentes que trabalham obscura e patrioticamente, mas isso não prova que seja verdadeiro o fundamento da doutrina que eles abraçam.

Pode ser uma associação filantrópica, composta de um pessoal digno, que em torno de uma falsa concepção, de um ideal inexistente, de fatos mal interpretados, vá aqui espalhando grande soma de benefícios.

Isso, repito, não quer dizer que a base, o alicerce dessa escola, ou que melhor nome tenha, seja verdadeiro.

Os associados estão convencidos que os espiritos existem e se comunicam com os vivos por meio de mediuns e dentro dessa illusão vão vivendo contentes, consolados e alguns até almejando o advento da desincarnação.

— Apesar de todos os benefícios que as sociedades espiritas aqui tem espalhado, tenho ouvido e visto apregoar-se em letras de forma que há muita exploração por parte de algumas sociedades espiritas e que seus membros mais proeminentes vivem a custa da credulidade publica.

— Eu não desejava referir a V. Exa. o resultado de um inquerito rigoroso e imparcial feito pelo Dr. Oscar Pimentel no Rio de Janeiro, durante cerca de 2 anos, rodeando-se de todas as cautélas para só apurar a verdade.

Êle demonstrou cabalmente que o espiritismo no Rio é "apenas um produto de 3 agentes perniciosos". a **ignorância, o charlatismo e a superstição.**

— E o trabalho desse médico merece fé, êle tem idoneidade?

— O trabalho dele foi confeccionado ao lado das maiores sumidades do Rio, no que tange aos estudos neurológicos e defendido perante uma comisão examinadora composta de provectos professores da Faculdade de Medicina, obtendo distinção. Os fatos referidos pelo Dr. Pimentel são tão claros, importantes, precisos e numerosos que abalam a mais robusta convicção sobre o espiritismo.

— Já é tarde Dr., podemos deixar para amanhã a continuação da palestra.

— Então aproveitarei a oportunidade para comunicar a V. Exa. o resultado de minha observação sobre o que vi, ouvi e senti em algumas sessões espiritas que assisti.

Ficou abalado, não?

— Muito ao contrário, cada vez mais convencido que tudo aquilo é insubsistente e não resiste a uma análise calma, inteligente e desapaixonada.

— Pois bem, então até amanhã Dr.

IV

— Bom dia, dr. Pouco dormi à noite pensando nessa multidão de fátos que têm vindo a baila em nossa palestra e que se apresentam como um mágico caleidoscópio.

A leitura de Grasset, as suas observações e os casos que o dr. referiu, tudo isso ainda não basta para eu abjurar inteiramente a velha crença em certos fatos, que sempre atribui ao espiritismo.

Ora, se esses fenômenos podem ser explicados pelo psiquismo inferior de Grasset e **radiação psíquica** de Lombroso, que é mera hipótese, não é fóra de propósito procurar sua elucidação na **hipótese espirita**, defendida por tantos homens ilustres. Tanto parece valer uma como outra.

— Perdão d. Leopoldina, do lado da radiação e psiquismo está uma série de fátos bem observados que autorisa a acreditar nessa **possibilidade,** ao passo que do espiritismo só há fantasmagoria sem base, superstição ou embeléco que não resiste a uma atilada sindicância, como me propuz a demonstrar.

— Perdôe-me, dr., eu acredito muito em seu critério e em seu saber, mas penso que não podemos deixar de tomar a sério, de acatar mesmo, as revelações espiritas porque cíentistas eminentes como Crock, Rochas e Richet e tantos outros têm constatado a veracidade desses fenômenos.

— O medium representa como novo Fregoli, todos os papeis na magica espirita.

— O **medium,** dr., é um méro intermediário, um mediador pelas condições especiais da sua organização que o torna apto a por o espirito em comunicação comnosco.

— D. Leopoldina, não há um só fáto, criteriosamente observado, que demonstre a existência do espirito capaz de entrar em confabulação com os que estão vivos.

A hipótese espirita, criada para explicar esses fenômenos que se passam com o **medium,** que transmite as revelações, não resiste a uma análise imparcial e atilada.

Os próprios partidários do espiritismo não deixam de confessar lealmente a falta de próvas da existência desses seres imponderáveis.

Em quasi todas as sessões o **medium** é que faz tudo e representa conscíente, algumas vezes, e outras inconscíentemente, o papel de aparêlho receptor e transmissor de nossas idéas que chegando ao seu destino, bem ou mal interpretadas, trazem o cunho da individualidade do respectivo **medium.**

Assim, quando se evoca o espirito de Pasteur, o de Victor Hugo, e se os interrogamos é o **medium** que vae representar o papel desses grandes homens com sua propria capacidade física.

Daí o fáto de Pasteur subscrever heresias sobre noções elementáres de quimica e Victor Hugo assinar versos estropiados.

Lapponi que adimte o sobrenatural nesses fenômenos reconhece, entretanto, o caso estranho dos espiritos evocados, adaptarem-se ao gosto dos que os consultam. Isso prova que as revelações dos pretendidos espiritos não ultrapassam a inteligência e as forças psíquicas dos assistentes e por conseguinte nada revelam sobre o alem-tumulo.

O próprio Richet acha esquisito o caráter das personalidades evocadas e não dissimula a estranhesa que a todos causam as opiniões externadas pelos espiritos em desacordo com o gráo de sua inteligência e cultura.

Os espiritos em vez de instruirem, progredindo, aperfeiçoando-se, mostram-se, não raro, mais atrazados e sabem menos, nas paragens misteriosas, do que sabiam na terra. Suas comunicações não têm trazido benefício algum à humanidade, não se conta uma só descoberta util no dominio das ciências, das artes, da indústria, do comércio, etc., revelada ou inspirada pelos espiritos que em legiões são evocadas diáriamente em todo o orbe. Este fáto é um argumento irretorquivel contra o espiritismo.

— Eu disse que muitos sábios acreditam no espiritismo mesmo depois de estuda-lo muito bem. Aí está Leon Denis, além dos que eu já citei.

— Muitos deles são confiantes e deixam-se iludir como qualquer mortal.

Ora, é justamente Leon Denis quem afirma: "Os sábios são efetivamente homens, e como todos os homens têm suas fraquesas e seu prejuisos". Parece sentença do Comendador Acacio mas não é, lá está a pagina 233 do afamado livro **Depois da morte**...

Alexandre Ksakoff, tambem sectário, diz que é impossível conseguir a prova da identidade do espirito e que devemos contentar-nos com a **possibilidade** (sic) de sua existência. Esta, com franqueza, não é de ciêntista imparcial.

A sra. traz sempre à coleção os grandes homens de sciência como Crooks e Richet, entretanto eles foram engazopados pela

famosa Florencia Cook que os fez caír como patinhos em suas artimanhas.

— Mas isso não está provado, dr.!

— Provadissimo. Então a sra. não sabia que Jules Bois verificou e deixou bem patente os truques de que Florencia, se servia em suas exhibições? Ela era habil e procedia com tal limpeza e astucia que os dois sábios não perceberam suas ardilezas. Ilusionista era ela e de **primo cartelo.**

Tem-se verificado que os prestidigitadores habeis conseguem fazer tudo quanto fazem os **mediuns.** E são tantos os casos em que estes intermediários são apanhados em grosseiras mistificações que seria fastidioso enumera-los.

— Eu acredito, dr. que nesses casos trata-se de **mediuns** sem importância, simples exploradores da credulidade pública.

— Está a sra. muito enganada, são justamente os mais celebres **mediuns** que melhor sabem mistificar e quando sobre eles caí uma vigilância habil, insuspeita e ativa, não raro, descobre o truques de que lançam mão.

Assim, em poder de Eldred que realisava as mais estupendas e maravilhosas materialisações foram encontrados aparélhos destinados a suas burlescas exibições. O Coronel Mayhew conseguiu segurar um fantasma materialisado pelo celebre **medium Craddock** e verificou que o fantasma era o proprio medium, que se viu em palpos de aranha nas mãos possantes do valente oficial.

Esse afamado **medium** foi processado perante um tribunal de Londres e condenado como maroto e vagabundo. Em um dos fantasmas materialisados por Craddock uma assistente reconheceu a sogra, e seu marido a princípio confirmou a falsidade e depois, arrrebatado, exclamou: não, é minha mãe. Imagine a sra. que borracheira, e esse é justamente o vocábulo que retrata o caso.

— Entretanto ninguém descobriu mistificação, nem embuste, nem maroteira, nas assombrosas façanhas de Eusapia Paladino, conhecida em todo mundo.

— Ainda está a sra. muito iludida, pois Eusapia Paladino ficou reduzida ás condições de uma simples embusteira em

mais de um inquérito a que foi submetida, essa famosa embaidora dos tempos modernos.

— Eu sempre ouvi dizer, e mesmo tenho lido, que Eusapia era um prodígio e uma maravilha o seu vasto poder.

— A sua credulidade foi ilaqueada ainda uma vez, Peço escutar o que de verdadeiro há sobre essa mágica. Na Inglaterra foram tais e tantos os embelecos e embustes de Eusapia que a **Societé des recherches psychiques de London** não quiz inserir a resenha de suas experiências e resolveu **não tomar conhecimento** dos trabalhos de Eusapia como não toma "dos que fazem outras pessoas dedicadas a uma profissão deshonesta". A sra. aquilata da gravidade e do critério dessa resolução tomada, justamente pela corporação mais notável entre as que se ocupam dos fenômenos psíquicos. Ainda não é tudo. Decorrido algum tempo, em New York uma comissão de sábios e prestidigitadores, escolhida para observar os trabalhos de Eusapia surpreendeu-a mistificando. Já vê a sra. que esta decantada maravilha é igual a outras menos celebres e vem justificar o que afirma o sábio Flamarion, com o peso de sua reconhecida autoridade: "eu posso dizer, que há quarenta anos, quasi todos os **mediuns celebres** passaram por meu salão d'Avenida do Observatório, em Paris, e que eu os tenho na maior parte surpreendido em flagrante embusteria".

— Estou impressionada com o que acabo de ouvir sobre os afamados **mediuns.**

E a levitação ou deslocamento de objétos sem contacto?

— Não está provada a sua realidade, Rabinet declarou que a Academia das Ciências proclamaria o **primeiro sábio** do **mundo inteiro** aquele que "sem contáto algum e a distância suspendesse no ar, sem outro suporte que a vontade, um corpo pesado, mais compacto que o ar e inteiramente em repouso". Até agora, que me conste nem um só **medium** teve coragem de atender esse apelo.

Gustavo Le Bon ofereceu um prêmio de 500 francos, premio que foi elevado a 1000 francos pelo Principe Roland e a 2000 por Dariex, ao **medium** que realisasse uma levitação de um corpo nas condições indicadas por ele.

Decorridos 2 anos Le Bon vem declarar que esse concurso não deu nenhum resultado.

— E se aparecesse um dia um **medium** que ganhasse o premio, o sr. acreditaria no fenômeno?

— O fenômeno não veria demonstrar a existência dos espiritos, apenas podia significar "a existência de uma forma de radiação que não só póde ir de um indivíduo a outro para o sugerir, como de uma pessôa a um objéto para po-lo em movimento".

Já conhecemos, diz Grasset, muitas formas da energia como o calor, a luz, o som, a eletricidade, raios X, ondas hertzianas, radium, etc., mas o campo das radiações desconhecidas é ainda imenso e provavelmente muito maior que o campo das radiações conhecidas.

Quem duvida que possa haver uma forma de radiação psíquica imperceptível aos nossos sentidos e que permitiria influir à distância sobre os objétos, pondo-os em movimento sem contáto?

A telegrafia sem fios e os raios X que eram considerados verdadeiras utopias, afigurando-se-nos cousas impossíveis, são hoje realidades, e ninguém mais se assombra com a sua existência. Ainda, póde ser descoberta uma força, uma energia, uma radiação que virá explicar aqueles fenômenos que um grupo de individuos atribuem aos espiritos.

— Dessa maneira também se explicaria a materialisação dos fantasmas?

— Perfeitamente. Seriam as radiações psíquicas dos **mediuns**, tão poderosas diz o prof. de Montpellier, que conseguiria produzir, afastadas deles, impressões luminosas e tactis de forma e dimensões que dariam a impressão do fantasma.

— É uma nova hipótese para explicar fátos já explicados pelo espiritismo.

— Depreende-se do que acaba de expôr ainda não deu a verdadeira interpretação dos fatos espiritas.

— Não é possível formular uma interpretação única para todas as comunicações recebidas, porque elas, como já lhe

disse, ora são o resultado da sugestão, ora do embuste, ora do charlatismo, ora de uma doença.

Para cada caso deve haver uma explicação. O psiquismo inferior, como mostrei, explica satisfatoriamente alguns, outros são explicados pela radiação, outros pela sugestão e outros nada mais são que prestidigitações que por si mesmo são explicadas.

— Então não se deve ter a preocupação dessas cousas de outro mundo porque são todas elas fantasias ou embelecos, como gosta o sr. de qualificar?

— Eu digo apenas que a ciência até esta data não conhece a existência dos espiritos criteriosos ou brejeiros e não póde sancionar as provas exibidas pelos sectários do espiritismo, porque elas são falhas ou falsas.

Espero que virá um dia, talvez, não longe, em que tudo seja explicado tão naturalmente como hoje se explicam as ondas hertezianas, os raios X, que nos assombrariam se deles nos falassem há alguns anos. Nada de cousa sobrenatural, tudo terá uma explicação natural, com o **placet** da sciência.

— Então, o dr., o melhor é esperarmos melhores tempos e não praticar o espiritismo.

— Exatamente.

— Já é tarde e amanhã voltarei para ouvi-lo sobre os fátos que, diz o dr. acabam de arrazar o espiritismo.

— Até amanhã.

V

— Bom dia, dr. Aqui me acho de novo para ouvir a narração autêntica dos fátos disparatados e até escandalosos observados pelo dr. O. Pimentel e que reduzem o espiritismo a méra exploração.

— Vamos começar pelos casos observados nos pequenos nucleos espiritas, iremos subindo, subindo até chegar à celebre **Federação Espirita Brasileira;** e a proporção que formos desvendando o que se passa nesses misteriosos antros de intrujice, no

pensar do dr. Pimentel. V. exa. irá ficando perpléxa, primeiro; depois, estupefada e afinal acabará por convencer-se que o espiritismo é uma burla e que nele há eclipse do senso crítico.

— Mas, antes de tudo, dr., eu desejo saber o que o sr. observou nas sessões que diz ter assistido.

— Assim não chegaremos ao fim de nossa tarefa que se vai alongando em demasia.

— Eu tenho tanta confiança em sua maneira de pensar e em seu critério que antes de tudo desejo ouvir sua opinião, ainda que muito à **vol d'oiseau,** sobre o resultado dessas sessões e depois relatará as observações do coléga sobre os centros espiritas do Rio de Janeiro.

— Eu agradeço a amabilidade de v. Exa.

— Ora, dr. eu lhe peço que não me trate por v. Exa. Entre pessôas de estudo, ia dizendo entre intelectuais, não deve haver cerimônia e o tratamento entre nós que pesquisamos a verdade no emaranhado das controversias deve ser mais intimo, mais simples.

— É verdade, além disso eu, não raro, me esqueço e contra as régras comezinhas da gramática e as exigências de etiqueta tenho mudado de tratamento quando me dirijo a sua pessôa, ferindo os ouvidos dos puristas com tais infrações.

— Agora vai contar o que viu, o que ouviu, o que sentiu e o que observou nas sessões que tem assistido.

— A primeira sessão que assisti, há muitos anos, impressionou-me extraordináriamente e então prometi afastar-me para sempre dessas reuniões. Eu era muito moço, muito ingenuo, impressionável em excesso e escandalosamente medroso.

— Medroso de que?

— De tudo quanto me punham na cabeça os escravos da fazenda de meu Pai. A história prosaica e horripilante do lobishomem, as façanhas chispantes do boitatá, as proezas da mula sem cabeça e as macaquices do sací, ocupavam minha imaginação á noite, ao deitar-me.

— Mas o sr. acreditava nessas baboseiras, verdadeiras necessidades?

— Ora eu era criança, nervoso, crédulo, não sabendo dar o devido valor ás histórias de um pessoal em extremo ignorante e supersticioso, aceitava tudo quanto os mais **velhos** me contavam como verdades indiscutiveis. Uma noite chegaram a mostrar-me um boitatá que atravessava, aos pinchos, o pateo da matriz.

Agarrei-me, tremendo, a saia de uma preta velha que me acompanhava e quasi morri de medo. Mais tarde soube que era a lanterna quebrada de uma velha parteira, que lançava chispas ao vento, o tal boitatá.

Fui aos poucos lutando, reagindo contra esse acervo de parvoice que enchiam meu cerebro juvenil, até que consegui emancipar-me dessas hediondas superstições que tornam a todos nós emotivos, assustadiços para sempre, obumbrando a lucidez da crítica.

Essa emancipação não é absoluta, pois de tudo isso fica no cerebro uma certa mossa indelével, um residuo persistente, que perturba, que recorda os duendes ao menor desfalecimento de uma analise calma e impertubável. Essas fortes impressões, esses temores e sustos repetidos aí estratificam e deixam uma ferrugem que não desaparece inteiramente e por isso a só referência a qualquer caso sobrenatural, fantastico, nos abala, nos impressiona, e nos atemorisa ao primeiro impeto, até que venha o raciocínio, o psiquismo superior e tudo se dissipa.

Então as assombrações se esvaem como a neblina aos raios coruscantes do astro rei, que, no caso, é a intelectualidade superior.

É esta uma verdade que não padece duvida, os preconceitos e os erros, repito, cristalisam facilmente ao cerebro e d'aí para saír é necessário ingente esforço e vontade firme.

Depreende-se do que acaba de expôr que é um grande mal amedrontar as crianças.

— Nem há sobre isso duvida. A senhora vai ouvir agora o que já me aconteceu. Eu estava lendo, havia de ser meia noite, em um quarto amplo e já prestes a entregar-me aos braços de Morfeu. Longe, bem longe dormia a velha **caseira** que me dava hospedagem. Eu estava quasi só no imenso predio. O meu cerebro já se ia fechando as impressões das letras que

feriam minha retina. Eis que um grande estalo no této me sacode o corpo. Soergo a cabeça e digo com denodo — outro estalo, se é capaz.

Ah! minha senhora, vem na bucha um estrondo que repercute pelo aposento inteiro, deixando-me estatelado no leito e transido de medo. E eu já era formado. Meus cabelos ficaram eriçados, a respiração acelerou-se, o coração galopava no peito e um suor frio humedecia minha fronte. Passei uma pessima noite e, entretanto, eu sabia perfeitamente que aquele estalo, nada tinha de sobrenatural, era um fenômeno físico muito comum, muito explicável pela dilatação ou retração da madeira da casa sobre a influência da variação da temperatura.

Mas o que fazer, lá estava a mossa, a ferrugem, a espinha irritante deixada pelas histórias apavorantes, ouvidas na menenice. Era a idéia do duende que estava cristalisada no cerebro.

— E quanto ás sessões que o sr. tem assistido?

— Tenho assistido algumas sessões e ellas só tem servido para corroborar a minha convicção de que os fenômenos espiritas são sempre verdadeiras mistificações ou sugestões.

Uma vez fui assistir uma sessão e estavam presentes, alem do presidente da reunião, o **medium,** dois medicos e uma senhora viuva. Esta senhora evocou por intermédio do medium, a alma de seu defunto marido que não se fez esperar, dando logo sinal de sua presença. Interrogando sobre o lugar em que estava, si era feliz e si precisava de alguma cousa, respondeu que estava bem no reino dos espiritos, que não era muito feliz e que necessitava, para o ser inteiramente, que a esposa mandasse dizer missa em sufragio de sua alma e que estava muito saudoso dos seus que haviam ficado na terra.

A viuva deitou a chorar, soluçando aflita, inconsolável: "meu pobre marido, é ele mesmo, era tão bom, e como ele respondeu tudo tão certo, tão bem. Parece que estou a ve-lo".

E debulhou-se em lágrimas urentes de viuva recente e nova.

— Mas, dr., como ela reconheceu o marido? Como ela sabia que ele respondera com acerto?

— Pois é isso, d. Leopoldina, a viuva na cegueira pelo espiritismo, na obsessão em que vivia achou que d'aquela comunicação trevial, banal, incolor e sem significação podia assegurar a identidade de seu marido. Tudo é assim, mais ou menos, nas sessões espiritas. De um arqueiro chega-se a fazer um cavalheiro que brada lanças em pról das almas do outro mundo que vêm a fala.

— E o sr. não quiz confabular com os espiritos?

— Aqui é que vai o mais importante do caso. Pedi para que fosse evocado o meu pai e o **medium** não tardou em afirmar que ele não podia comparecer.

Fiz então a seguinte formal declaração: "eu desejo ardentemente saír da duvida no que tange aos fenômenos espiritas e para isso basta que eu evoque o espirito de um amigo presado e ele revéle qualquer fáto que se tenha passado entre nós"

Os dois medicos e o **medium** declararam que era isso muito louvável e que podia fazer a evocação. Pedi a presença de um amigo dedicado que não tardou em atender-me. Estava presente seu espirito. Fiz ver que dependia dele a minha conversão ao espiritismo. Bastava para isso que me respondesse 2 ou 3 perguntas. Indagando se estava em condições de o fazer deu sinal afirmativo. Então comecei perguntando se sabia de que molestia havia falecido e se podia cientificar-me. Respondeu que sim. Então perguntei onde havia desencarnado e qual a causa da sua morte. Respondeu-me dispauterio; insisti, veio uma sandice. Como ele havia sucumbido a um ferimento por bala perguntei onde havia penetrado a bala assassina. Respondeu na coxa; entretanto, o projétil havia atravessado o tórax.

Fiz-lhe mais duas perguntas, insistindo que deviam ser decisivas em relação ao juizo que eu ficaria fazendo do espiritismo, e as respostas foram verdadeiros dislates.

Antes de retirar-me quiz saber se podia falar com meu pai, e me foi dito, após ligeira demora, que ele estava presente.

Fiz as mesmas ponderações supras e as respostas que deu a varias perguntas foram de molde a levar a desilusão ao mais fervoroso crente. Tudo incongruência e parvoice de grosso calibre.

— Em virtude desse resultado, o dr. não tem duvida em condenar as práticas espiritas, não é verdade?

— Pelo que tenho visto, pelo que tenho lido e pelo que tenho ouvido dos proselitos e dos adversários do espiritismo só tenho motivos para não acreditar na veracidade dos fenômenos espiritas como queriam os discípulos de Allan Kardec.

— Mas como é que tanta gente séria vai as sessões, e vem contando proesas em pról da verdade das comunicações.

— Ora, d. Leopoldina ,isso se explica facilmente, sabendo-se que há muita gente credula e facilmente sugestionável.

A senhora escute esta. Há poucos dias eu estava em casa de uma familia de nossas relações e ouvi uma senhora muito respeitável relatar, desta forma, o sucesso de uma sessão: "estou encantada com o que assisti hontem no centro, pois tendo baixado um espirito invocado por um dos presentes eu perguntei-lhe se podia dar-me notícias de minha irmã que não poude nessa sessão atender-me. O espirito, que assombro, respondeu que ela lá estava, palida, tranquila e a seu lado um velho respeitável, acariciando-a. Era justamente minha irmã e a seu lado estava meu avô e isto é a pura verdade, porque o **medium** não conhecia esses dois entes queridos e entretanto deu sinais tão evidentes que não podiam ser outros que la se achavam". D'aqui se deduz a insubsistência das revelações, pois é possível que esta vaga informação: "uma moça palida e um velho respeitavel" bastasse para caraterisar duas determinadas pessôas entre milhares? O que há é uma céga credulidade que não deixa lugar ao raciocinio e à analyse.

Em suma, D.ª Leopoldina, quando no espiritismo não se verifica uma bem idealisada mistificação podemos jurar que se trata de sugestão ou o paciente é simplório.

— O sr. está sempre falando de sugestão e eu com franqueza, não tenho um juizo bem claro sobre esse fenômeno apesar do que li no Grasset; assim peço-lhe mais amplas explicações sobre o caso.

— Mas como já é tarde podemos deixar para amanhã a exploração desse assunto, assás interessante, e antes de o fazer desejo referir-lhe uma história muito sugestiva que da a média

exáta do que é capaz de produzir a credulidade, a ignorância e a sugestão, em um consorcio diabolico.

— Então até amanhã, dr.

VI

— Bom dia, dr. O sr. prometeu ontem que antes de ensinar-me o que era a **sugestão** contava-me umas histórias autênticas que atestam o valor da credulidade e da ignorância.

— É exáto, mas a sra. já se esqueceu que estava ardendo por conhecer os fátos, deprimentes e escandalosos, constatados pelo dr. O. Pimentel nas sessões espiritas no Rio e agora quer adiar o conhecimento desse formidável libelo?

— Eu estou por ouvi-lo nesse sentido, mas desejo preparar meu espirito, illustrando-o com novas aquisições para avaliar até onde chega a veracidade desse fátos.

— Tem razão, e sempre é cedo paar sofrermos decepções.

— E eu vou começar minha arenga que o tempo urge e nós não chegaremos ao termo da jornada com essas repetidas contra-marchas.

Não há muito tempo, é história contemporânea, um jovem recem-formado, sério e estudioso, assistiu umas sessões espiritas em que o material empregado para conseguir as evocações era uma espécie de mostrador de relógio onde os números eram substituidos pelas letras do alfabeto e um cópo emborcado sobre o mostrador. O medium segura com firmeza o copo, concentra-se e acompanha esse cópo que se move na direção das letras formando palavras e até discursos. Pois bem, esse moço tendo de ir a uma cidade do interior levou o aparelho que a verve escarninha de alguem alcunhou de **roleta,** e aí começou a receber comunicações dos espiritos que vinham em **band**o e... **em revoada,** segundo a opinião de alguns assistentes. No fim de alguns dias, em quasi todas as casas da cidade, havia a celebre roleta a funcionar incessantemente e moças e velhos pegavam do cópo e escreviam cousas estupendas, tidas como verdades indiscutiveis.

O introdutor da novidade na cidade campesina, que a principio zombava daquela prática e a iníciou com profunda incre-

dulidade, sómente para divertir-se, acabou por acreditar na troça e amendrontou-se de tal maneira que não podia dormir sem estar acompanhado. Tal como no conto de A. de Azevedo onde o pregador da peta acabou por acreditar nela e incorporar-se aos logrados.

O mais grave ainda não é isso. As pessôas que se entregaram com afinco ao jogo da nova roleta ficaram em tal estado de nervosismo, que para evitar verdadeiras desgraças, foi necessário um médico ir até lá e mostrando o ridiculo do caso, proibir as sessões, que estavam preparando candidatos para o Asilo de N. S. da Luz. Apesar das medidas coercetivas, energicas e oportunas para esta capital vieram duas pessôas seriamente enfermas, uma atacada de mania religiosa, outra de crises histéricas. Foi uma verdadeira epidemia de insania e por pouco o incendio da loucura não lavrou n'aquelas paragens.

— E hoje já ninguem mais la se ocupa do espiritismo?

— Felizmente só resta a triste recordação daqueles dias sombrios que passaram como um ciclone.

— Esse caso apenas prova a fragilidade do nosso cerebro que se deixa invadir pelas mais irrisorias patranhas e aí vão dominando e produzindo seus efeitos.

— E a interpretação dos fátos espiritas pela sugestão, conforme o dr. tem afirmado tantas vezes, como se explica?

Antes de tudo devo lembrar o que se deve entender por sugestão. Bernheim assim a define é o áto pela qual uma idéa é introduzida no cerebro e por este aceita.

Lepine acha que a definição de Bernheim ficaria mais compléta modificada desta maneira, — é um áto pelo qual uma idéa é introduzida no cerebro e aceita por ele, **sem que haja participação nesse aceite de fenômenos de consciência.** Êle quer significar que essa idéa é introduzida no cerebro e **involuntáriamente** admitida pelo paciente.

A sugestão dirige-se exclusivamente ao automatismo cerebral, isto é, ao psiquismo inferior e será conseguida com tanta maior facilidade quanto maior for a desagregação entre esse e o psiquismo superior.

Tambem Marechaux procurou modificar a definição de Bernheim e disse: — "a sugestão é o áto pelo qual uma impressão

é autoritariamente introduzida no cerebro e por este positivamente aceita".

Dessas definições conclue-se que toda idéa admitida, aceita, sem o **placet** ou o contróle da intelectualidade superior é uma sugestão e d'aí decorre que todo o individuo é mais ou menos sugestionável.

Os individuos de estacada e elevada personalidade e de atilado senso crítico com dificuldade receberão a sugestão; ao passo que os individuos vulgares, de acentuada volubilidade de opinião, aceitarão com facilidade as idéas que lhe queiram meter no cerebro.

O primeiro é um forte e resiste, o segundo é um debil e submete-se ao primeiro choque.

Esse gráo de **receptividade de uma pessôa à ação sugestiva** é que se chama **sugestibilidade** e esta será tanto mais pronunciada quanto mais enfraquecida tiver o paciente sua consciência e mais diminuida a inspeção ou fiscalisação intelectual.

Para alguns autores a sugestibilidade é um fenômeno patológico, mas para a grande maioria deles é um fenômeno fisiológico.

Em suma, o que caraterisa a sugestão, de qualquer maneira que se a pratique, é de só se dirigir ela ao automatismo psiquismo e não se realizar desde que este automatismo não esteja inteiramente livre de toda influência exercida pelas funções psiquicas superiores.

Com esta ligeira exposição ,pode já a sra. perceber claramente como se explicam os fenômenos espiritas pela sugestão.

Ora, individuos sugestionáveis, podendo ser muito instruidos, n'um meio adrede preparado para impressionar seu systema nervoso, fica apto para receber as impressões transmitidas pelo **medium.**

Aquela atmosféra cheia de mistério, emocionante, abafa o psiquismo superior, desagrega-o do automatismo psicológico e facilmente este recebe as idéas do **medium** e aí está a sugestão.

No estado normal a inteligência apreende um fáto pela assimiliação dos fenômenos que o caraterisam, ao passo que na

sugestão não se dá essa assimilação, havendo apenas uma impressão introduzida no cerebro que a aceita positivamente, como explica Marechaux.

— Mas esta questão dos psiquismos é mera hipotese, não é dr.?

Não, sra., o psiquismo superior e inferior existem e revelam-se diáriamente em nossos átos.

Assim, a sra. está tocando piano ao mesmo tempo volta-se para sua amiga e com ela sustenta uma conversação.

Ora aí estão perfeitamente discriminadas as duas funções. A senhora toca com o psiquismo inferior e palestra com o automatismo superior. Assim quando Archimedes nú corre pelas ruas da cidade gritando **Eureka** ele se locomove com seu psiquismo inferior e pensa na solução do problema com o psiquismo superior.

Eu, ha poucos dias, ouvi uma pessôa até inteligente e de grande leitura afirmar que a hipótese dos psiquismos de Grasset já foi batida.

— Minha senhora, o psiquismo não é de Grasset, nem de outro neuro-patologista, porque representa um fato, porque traduz a existência de funções cerebrais, que não podem ser negadas.

Grasset apenas ideou um esquema para facilitar a compreensão do fenômeno e nada mais. Um exemplo. A senhora lê, até em altas vozes, e ao voltar a página do seu livro nota que não compreendeu o que estava lendo e de nada se recorda, porque estava pensando no belo vestido com que a rainha dos belgas desembarcou no Rio. Aí está patente o fenômeno cerebral: a senhora lia com o seu psiquismo inferior ao passo que seu psiquismo superior andava lá para o Rio de Janeiro vendo a rainha, sua toillet, sua elegância e a onda popular que maravilhava em tôrno dos soberanos belgas. Isto é fáto de observação vulgar e não hipótese, e negá-lo não é próprio de pessoa ajuizada. O esquema de Grasset foi constituido, como já disse, para tornar clara e distinta a existência dessas duas funções cerebrais, e agora aqui surge um pigmeu que tem o topete de contestar fátos que estamos observando a todo instante.

— Perdão, dr. não foi um pigmeu que contestou, foi até um moço bem alto, gordo e possante.

— Minha senhora, nestas justas que nos preocupam não tem cotação o peso dos músculos, nem o volume das banhas, aqui só deve imperar a bôa qualidade da célula cerebral e sua cultura.

— Arre, dr. o sr. hoje está caustico e até intolerante.

— Perdão, d. Leopoldina, é um pequeno desabafo e estou pronto para proseguir.

— Então me diga como se consegue, com mais facilidade, sugestionar uma pessoa?

— A sugestão se faz por meio de palavras, gesto ou escrita e quando não se serve desses artifícios diz-se que a sugestão é **mental** isto é, faz-se diretamente pela força psíquica, sem o auxílio de nenhum dos processos habituais de comunicação entre os homens.

É uma sugestão á distância.

Eu vou dar um exemplo. Outrora os antigos consideravam a histeria como moléstia ligada a perturbações utérinas, depois veiu a escola de Charcot, que demonstrou a existência dessa **nevrose** no homem e atualmente está triunfante a concepção de Babinski que considera essa moléstia como o resultado da sugestão ou da auto-sugestão. E o caso seguinte vem confirmar essa asserção. Charcot fazia uma de suas belas e impressionantes lições na Salpetiere sobre os síntomas da histeria. Em um leito próximo estava uma jovem de ouvido alerta aos ensinamentos do venerando mestre. Poucos dias depois eis que essa moça é tomada de uma violenta crise de nervos e reproduz as posições descritas por Charcot. Era uma simuladora essa doente? Absolutamente não. O que se passou foi um fenômeno comum na vida. Ela ouviu a preleção do impressionante sabio, suas palavras criaram um estado de receptividade em um organismo já preparado e no cerebro da paciente foram introduzidas involuntariamente aquelas idéias e não tardou explodir a crise histérica.

— Assim pela sugestão é que se explicam os fenômenos **espiritas?**

— Não senhora, já disse que também se explicam pela mistificação. Já é tarde, mas eu peço permissão para referir-lhe um fato que há pouco tempo li e que não é possível atribuir a outro móvel que a mistificação. O caso se deu na Itália, as personagens são conhecidas mas eu deixo de citar nomes.

Um notável homem de ciência, apesar dos estudos que andava fazendo sobre os fenômenos ligados a uma força ainda não definida, não os podia explicar pelo espiritismo. O presidente de um grande centro espirita conhecia a opinião desse cultor da ciência e esperava convertê-lo ao seu credo. Finda a grande guerra, época em que mais se alastrou o espiritismo por motivos conhecidos, encontraram-se ambos e diz o espirita: "como vamos dr. de estudos sobre as forças misteriósas-" Agora eu vou inclinando-me para o campo onde o amigo milita; parece que algo de verdade há nessas extraordinárias revelações de entes que já se partiram do nosso planeta, respondeu. Fremendo de alegria o chefe espirita convidou o cientista para assistir uma sessão que ia realizar-se no centro e estava certo que ficaria inteiramente convencido da verdade das comunnicações espiritas, tão claras e evidentes seriam as revelações, mormente com o **medium** que ia operar. Aceito o convite foi ele assistir a grande e decisiva sessão.

Depois das práticas do ritual e das primeiras evocações, ia dizendo escaramuças, o presidente do centro, radiante de alegria com o sucesso que ia obter naquela noite, disse ao recipiendário: "peço evocar o espírito que melhor possa trazer-lhe a convicção sobre a veracidade das revelações".

Refletiu um momento e depois evocou o espírito de sua avó materna.

Não tardou a baixar o espírito da velhinha. Interrogado sobre a sua nova existência, se estava bem, se precisava de alguma cousa cá da terra ela respondeu criteriosamente, maravilhando a assistência.

Encerrada a sessão no meio da alegria natural de quem conquista um adversário de valor inestimável, o presidente dirige-se ao converso e diz-lhe: então dr. está agora convencido?

— Estou perfeitamente convencido.

— Então podemos contar com o seu valioso concurso em pról dos grandes destinos que estão reservados ao espiritismo?

Perdão, amigo, eu estou convencidíssimo justamente do contrário.

— Como?

— Eu estou justamente convencido do contrário do que pensa o amigo.

O espiritismo revelou-se-me uma verdadeira mistificação.

— Porque?

— Porque minha avó, que foi invocada ainda vive, tem 96 anos e goza saúde. **Tábleau.**

— Até amanhã dr. é muito tarde.

VII

— Bom dia dr., ainda está disposto a aturar-me?

— Com todo prazer, inteiramente ao seu dispôr.

— Antes de relatar os casos observados pelo dr. Pimentel eu desejava saber como se chegou a acreditar na existência do **espírito** si ele é invisível, imponderável.

— Aí não é que para o carro, porque a eletricidade também é invisível e ninguém nega a sua existência.

— Mas a eletricidade impõe-se a todos nós por suas múltiplas manifestações que, em qualquer momento, podem ser apreciadas. Não só sentimos como até vemos os seus efeitos — a faisca elétrica, por exemplo.

— Eu estou percebendo claramente que o seu desejo é não ouvir a história dos centros espiritas, contada por médico ilustre e observador avisado que vem lançar o descrédito e quiçá promover a falência dessas fontes de negócio e intrujice, como ele diz.

— Não, dr., eu estive grande parte da noite a pensar no resultado da nossa palestra, li alguma cousa e fiquei com desejo de pedir-lhe explicação de certas cousas, tanto que trago em minha bolsa um lembrete. Eis aqui quando e como nasceu a idéia da **alma?** O que é o **animismo,** o que é o **perispírito,** o **hipnotismo,** etc.

— Eu me comprometo, mais tarde, pôr-lhe ao corrente de todos esses assuntos mas agora vamos ao libelo do dr. Pimentel.

— Eu noto que o dr. está ancioso por desfiar o rosário dos fátos que vêm provar a inanidade, a falsidade...

— Muito mais do que isso, a intrujice, a deshonestidade...

— Bem, o dr. póde começar e eu estou atenta.

— Se quizer eu lhe forneço o livro que está aqui á mão e a sra. poderá verificar com seus próprios olhos a veracidade das observações.

— Não dr., eu quero ouví-los de sua bôca e se permitir irei aditando alguns reparos. Como não gosto de fazer sozinha minhas refeições também prefiro a leitura em comum, deleitando-me com os comentários, os reparos e até com as contraditas.

— Eu não pretendo reproduzir todos os casos citados e comprovados, citarei apenas os mais concluentes, os mais insolitos e escandalosos.

E sem mais preâmbulo vamos começar, resumindo o mais possível.

Por ocasião da revolta de setembro de 93 constou que o major Julio Garcia havia falecido. Como houvesse dúvida, uns espiritas fizeram evocações e a escrita automática revelou que o major Julio tinha **desincarnado.**

Então outras pessoas trataram evocar o espírito do major, que declarou: "Presidente, estou satisfeito; morri na defesa da Pátria, peço as orações dos meus parentes e mandem dizer missa por minha alma". O interessante é que a 13 de maio de 1894 a família do major Julio recebia correspondência da Ilha das Flores contando que ele estava são e ia em caminho de Montevidéo.

Os Sectários impenitantes dirão — foi um espírito zombeteiro que acudiu á evocação.

— Certo dia o dr. Pimentel assistia a uma sessão espirita em casa de pessoas de suas relações que só "trabalham com os espíritos". O **medium** prontificou-se a dar informações sobre cousas distantes.

Então o dr. pediu exclusivamente sobre o seguinte fáto, nestes têrmos: "Sob as rodas de um bonde acabava de morrer, na via pública, um jovem bem trajado. Apesar de testemunha desse caso horrivel não tinhamos podido compreender si se tratava de um suicídio ou de um acidente. Desejavamos esclarecer esse ponto".

O espírito, depois de longo discurso cheio de banalidades, concluiu:... "chegava o momento da desincarnação e o espírito dele, embora aqui presente, por estar ainda atordoado, não pode dizer qual a causa que levou seu corpo para baixo das rodas do bonde".

Risun teneatis! O dr. Pimentel não havia assistido acidente algum nesse dia e inventou o caso do esmagamento para experimentar a força do **medium.**

— Por intermédio de um amigo o dr. Pimentel dirigiu consultas aos **mediuns** do **Centro Espírita Discípulos de Samuel,** cuja séde fica á rua 24 de maio n.° 491.

Em resposta o amigo escreveu, entre outras cousas, o seguinte: "Em obediência as suas ordens consultei aos irmãos do espaço sobre os doentes Martianiano da Paixão, Floriano Pereira, José Ferreira Santos e Carlos Noronha, que se encontravam em tratamento no Pavilhão de Observações do Hospício Nacional. "... Verificaram os irmãos do espaço que esses irmãos são doentes do espírito e não da natureza, que precisam abandonar a ciência terrena e sujeitar-se a tratamento especial para ficarem curados".

Agora a verdade: Martiniano, Floriano e José Ferreira são, há muito tempo falecidos; e Carlos Noronha é um nome suposto, nunca existiu. E os espíritos, milagres dos milagres, chegaram a examinar esses indivíduos no Hospital de Alienados!...

O amigo do dr. Pimentel que escreveu a carta é um funcionário honrado e sábio.

— A sociedade **Os Invisíveis,** faz público, que envia a todos que sofrem, livre de qualquer retribuição os meios de curar-se; basta que os doentes enviem pelo correio, em carta fechada, — nome, morada, etc. O dr. Pimentel verificou que **Os Invisíveis** não dispõem, nem de força bastante, nem de capacidade para formular diagnóstico ou prescrever tratamento, e que o fim

deles é explorar o desespero dos doentes crônicos e desenganados, inculcando os medicamentos da formácia n.° 186 da Rua Sete de Setembro. É um meio muito humano, mas pouco honesto, de ganhar a vida.

É isso, **mutatis mutandis,** o que se póde verificar com a sociedade beneficente intitulada — **Homoeopáticos videntes** e cujos espíritos indicam, para compra dos remédios, o Laboratório Homoeopático da rua 4 de Novembro n.° 12-A. É um negócio esse que apenas exige pouco escrúpulo e nada mais.

— Mais aperfeiçoado é o professor Kadir, diretor do **Hípno-Magnetismo** que tem extraordinário **poder mental** curador.

Encarregado do tratamento de duas pessoas do interior que eram desenganadas e que **não existiam** o celebre prof. examinou-as a distância, achou-as curáveis e pediu pelo tratamento delas apenas **400$000.** Sem comentário.

— A **S. B. Caridade e Virgem Maria (Invisíveis)** ensinam que o espiritismo resolve **cousas extraordinárias** que dantes não se conheciam, sem **nenhuma retribuição**... Pois bem, o dr. Pimentel consultou para esse suposto doente — **Oscarino Pimentel** — e o espírito mandou diagnóstico e uma receita acompanhada deste curioso aviso: "os medicamentos obtem-se com mais facilidade na Drogaria Pacheco — Andradas, 43. Mediante a importância abaixo todos os pedidos serão atendidos com a maior presteza. **Preço 12$000. — Porte do Correio 2$000.**

Realmente, diz o dr. Pimentel, só mesmo o espiritismo viria descobrir esse meio curioso de fornecer **gratuitamente** uma receita que custa afinal 14$000 e para doente que nunca existiu.

Com pequenas variantes observou o dr. Pimentel que os espíritos da **S. B. Mediuns Homeopáticos** dão receita e fazem diagnóstico. O interessante é que o diagnóstico desta sociedade é inteiramente diferente dos **Invisíveis,** e no que sómente ambos se parecem é na ousadia e no dispautério.

— **Centro Espírita Redentor.**

Durante longos meses o dr. Pimentel submeteu a tratamento neste Centro a rua Jorge Rudge n.° 121, Vila Izabel, quinze nomes supostos, representando doentes da Capital Federal.

Todos esses **doentes** foram examinados e tratados pelos espíritos, sob o **controle do Astral Superior!** Nunca os espíritos denunciaram aos **mediuns** que tais doentes não existiam apesar dos **longos meses** de observação.

O sr. Luiz José de Mattos, presidente do **Centro Espírita Redentor** tem escrito muito contra a medicina oficial e contra os mais notáveis médicos do Rio, que nada sabem.

Ele, graças ao **Astral Supremo, "era o único que sabia mais, o único que curava os alienados incuráveis".** O dr. Pimentel tendo assistido sua conferência na Associação dos Empregados no Comércio onde ele afirmou que curava a **paralisia-geral,** procurou-o e apresentou os seguintes nomes de doentes para ele curar: Floriano Pereira, Martiniano e José Ferreira. Longos dias decorreram. Todos os **mediuns** do Centro Redentor foram mobilizados...

No dia 15 de setembro de 1916, por meio de cartão, informam o sr. Luiz de Mattos:

1.° **doente —Floriano Pereira,** — por muito viciado seu espírito, não é fácil a sua cura, porque reagirá sempre ás doutrinações e disciplinas etc. etc.

2.° **doente — Martiniano,** — não havendo milagres em espiritismo e obedecendo tudo á razão e á ciência não se pode curar esse enfermo.

3.° **doente — José Ferreira,** — Ainda que não pareça é grave o seu estado e só com um tratamento rigoroso aceito pelo seu espírito... se obtem senão cura, pelo menos grandes melhoras.

Está assombrada d. Leopoldina?

— E esses três doentes não existiam quando foram examinados pelos espíritos?

— Não existiam. Imagine a sra. que isso se dá com o notável espirita Luiz Mattos que faz conferências, discute pela imprensa, ataca os mais queridos médicos do Rio, garante curar os alienados e é o afamado presidente do Centro Espirita Redentor.

— É preciso ter muita coragem e ousadia para afrontar dess'arte a sociedade.

Estou maravilhada...

— D. Leopoldina acredite que há cousa ainda melhor ás já narradas. Apesar de tarde peço ouvir mais esta e é de se lhe tirar o chapéu, e o resto fica para amanhã.

Para aquilatar da força dos **mediuns** o dr. Pimentel, em diversas sessões e a diferentes **mediuns,** pediu esclarecimentos sobre o seguinte final de uma mensagem espirita que dizia conhecer: **Henosaus ricartre quedege rosousi xozalo.**

Ele queria que ao menos informassem que linguagem era essa. Pois bem, os mais desencontrados absurdos foram, por alguns mediuns apresentados como resposta: Uns diziam que um espírito evoluido; que habitava Neptuno, fôra o autor da misteriosa frase; ao mesmo tempo outros mediuns apresentavam nomes ilustres de pessoas já falecidas, dando a cada uma a autória do caso.

Foi uma verdadeira Babel no campo do espiritismo. Também não era para menos, pois a celebre frase fôra inventada pelo dr. Pimentel, aproveitando as sílabas que compoem os nomes dos professores **Henrique Roxo, Oscar de Souza e Austregesilo.**

Eis a prova:

Hen—ri—que— Ro—xo.

Os—car—de Sou—za.

Aus—tre—ge—si—lo.

E os espíritos que vivem mergulhados na luz viram só trévas na engenhosa composição da frase.

— Até em Neptuno foram os espíritos.

— E já é tarde dr. vamos deixar o melhor para a próxima sessão.

— É verdade, até amanhã.

VIII

— Bom dia, dr. Aqui estou para ouvir a continuação dos casos observados pelo dr. Oscar Pimentel. E mais curiosa ainda porque mais interessantes e decisivos.

— Então vamos entrar em matéria, sem mais preâmbulo, porque como já disse, é farta e seara.

O extraordinário espirita Nascimento gozava de grande fama e eram comentadas suas façanhas por todo o Rio de Janeiro.

O dr. Pimentel, dedicando-se a esses estudos, não podia deixar de procurá-lo. Assim o fez, indo a rua da Quitanda, 21, onde ele dava consultas. Apresentou ao famoso espirita um papel contendo o seguinte: **Raul Leitão da Cunha,** 35 anos, pintor, rua Ernani Pinto, 28.

Fala o dr. Pimentel: "O famoso **medium** concentrou-se solene, um espírito lepido para a casa do enfermo partiu, examinou-o meticulosamente e voltou a atuar sobre o **medium.** Momentos depois, estava pronta a comunicação espirita: **hepatite intersticial, desordens gástricas e rins. Circulação embaraçada por compressão. Muita acidez. Perda de fosfáto, urinas um tanto albuminosas, pigmentos biliares**... etc.".

Foi exigido o pagamento de 10$000 pela consulta.

— E estava certo o diagnóstico do espirita?

— Qual nada. O diagnóstico é um embroglío que só os habitantes do espaço, os que vivem no ar, ou no mundo da lua, podem entender, O nome indicado é o do dr. Leitão da Cunha, professor respeitabilíssimo da Faculdade de Medicina do Rio, não era pintor, não estava doente, não residia á rua Ernani Pinto, rua que também não existe.

— Que grande intrujão o afamado Nascimento. Imagino o que farão os mediocres, já que esse é o magnata.

— Caso semelhante o dr. Pimentel observou com o conhecido **medium** Antonio Carneiro Silva que, procurado por uma verdadeira multidão de padecentes vai enriquecendo com a sua medicina tão fácil, quão rendosa.

Ele indicou o nome de um doente suposto e o **medium** informou **tuberculose pulmonar, abcesso do figado, estado grave** e o nome era de um professor que gozava perfeita saúde. **Mirabile visu.**

Agora a sra. vai ouvir um caso assás interessante. O sr. C. G. R. é esperto e dado a "demonstrações de efeitos físicos do espiritismo"; pois bem, o dr. Pimentel foi a vários **mediuns** do Rio pedir informações sobre ele. Eis as desencontradas respostas obtidas:

a) **Medium Bittencourt:** "C. G. R., e um obsedado curável pelo espiritismo, visto que não tem lesão alguma que lhe produza a loucura. Aconselho submetê-lo a tratamento na casa do dr. Abilio, rua S. Clemente, 320. Paz".

b) **Mediuns d'Os Invisíveis:** "C. G. R. psicose delirante com acessos agressivos".

c) **Medium Mr. Admond:** "C. G. R. está imbuido de um espírito especulador. Parece curável". O sr. C. G. R. hábil prestidigitador e culto do espiritismo, que agradeça as amabilidades, dos colégas que tanta cousa bonita disseram a seu respeito.

— É incrível, dr., que tanto dispautério saísse da bôca de **mediuns** tão afamados e sobre a mesma individualidade.

Isto fala bem alto contra a veracidade dos fenômenos espiritas e sobre a honorabilidade dos que assim procedem. Fátos dessa ordem são excelentes para criar adversários do espiritismo.

— A sra. vai inteirar-se agora do que se passa no Centro mais conhecido e de maior movimentação do Rio de Janeiro a **Federação Espirita Brasileira.**

— Conheço muito de nome e sei que é imenso o prestígio que ela goza entre suas congêneres. Alí quasi toda a população vai buscar receitas e medicamentos aconselhados pelos espíritos.

— Então peço ouvir com atenção o que narra o dr. Pimentel sobre ela. Durante longo tempo este ilustre médico teve em tratamento na Federação Espírita 30 doentes representados por nomes supostos de pessoas que **nunca existiram.** A despeito

disso, conta ele, os espiritos caridosamente examinaram e trataram de tais doentes, conseguiram **curar** alguns, enquanto outros morreram sem que tivessem a ventura de ter primeiro nascido.

Em meados de janeiro de 1917 o dr. Pimentel foi á séde da Federação consultar os **sábios mediuns** que aí praticam diariamente a medicina. A um deles entregou um papel onde se lia: Maria Muniz dos Santos, 32 anos, Barra da Guaratiba. O **medium** concentrou-se, um espírito partiu para Guaratiba, examinou Maria Muniz, voltou a atuar sobre o **medium** e este, a tremer como varas verdes, rabiscou algumas palavras: estava aí a receita, voltou á consulta por diversas vezes, até que em uma delas anunciou o falecimento de Maria Muniz e reclamou o atestado de óbito. O medium concentrou-se, o espírito partiu, fez a verificação do óbito e... então o **medium** abriu a gaveta de um móvel e dela retirou um atestado em branco, com a assinatura do dr. Antonio da Costa!... O **medium** encarregado daquele serviço encheu o atestado dando como **causa-mortis — cárdio-hepatite.** O dr. Pimentel, envergonhado e acabrunhado, foi ao tabelião reconhecer a firma do médico que havia passado o atestado de óbito de quem não havia morrido pelo fáto de nunca ter nascido.

— Então, dr., Maria Muniz era nome inventado pelo dr. Pimentel e os celebres **mediuns** da tão decantada e importante Federação Espirita, dela trataram por longo tempo, mataram, passaram atestado de óbito e ela nunca existiu?!

— É estupendo, mas é a pura verdade.

— O dr. Pimentel é digno de toda fé, é um médico probo e acima de qualquer suspeita?

— Si ele não presasse a dignidade do seu ministério, si não tivesse probidade profissional inatacável os notáveis professores do Rio, conhecedores do que se passa no Centro Espirita e que examinaram seu trabalho não dariam a essa obra procurada a nota **distinta,** como o fizeram.

E eu procurei lêr essa tése justamente porque tive sobre ela as melhores referências. Ela cita fátos que podem ser observados facilmente por qualquer pessoa insuspeita.

— Se isso se da com a Federação o melhor é não pensarmos mais em cousas do outro mundo e...

— Ainda há matéria onde respingar, por isso peço sua atenção.

Sabendo da fama do **infalível medium** Ignacio Bittencourt que pontifica no acreditado **Centro Espirita Carita,** lá foi o dr. Pimentel fazer consultas para doentes imaginários. Apresentou uma lista de trinta doentes e para todos o milagroso Ignacio receitou e fez diagnóstico.

Ainda em janeiro consultando o conhecido **medium** Bittencourt para Maria Muniz, a mesma da Federação, apresentou um papel contendo o seguinte: Maria Muniz dos Santos, 32 anos, Barra da Guaratiba. E o grande **medium** o maior do Rio de Janeiro, depois de receber o influxo do "além" receitou, voltou á consulta. Finalmente anunciou, como fez na Federação, a morte de Maria Muniz. Com indiferentismo revoltante diz o dr. Pimentel, Bittencourt tomou de uma gaveta um atestado em branco, encheu e escreveu a causa-mortis — metrite aguda.

— Seria irrisório, si não fosse profundamente deshonesto o expediente de que lançam mão esses famosos e infalíveis **mediuns** para ganhar a vida e até fazer fortuna.

Há muito pouco tempo eu li na "A Noite" que o celebre Mirabelli, de São Paulo, fez proezas no Rio, assombrando e deixando boquiaberto os assistentes. O dr., não leu essas notícias?

— Sobre esse grande prestigitador peço escutar o que diz o "Correio Paulistano", conceituado órgão da imprensa de São Paulo.

"Foi no **Automóvel Club,** em São Paulo. Mirabelli, o mais poderoso **medium** destes últimos tempos, fazia uma sessão espirita para pessoas respeitáveis da sociedade paulista. Fenômenos diversos produziram os espiritos, sobressaíndo as famosas levitações e os surpreendentes deslocamentos de objétos sem contáto.

Subito, Mirabelli, que, então, saltava como um cabrito montês e gania como um posseso sob a influência de fluidos es-

pirituais, estaca solene e grave, com o olhar desvairado e cabeleira em desalinho — os assistentes tremem e sentem a gelidez da sugestão atingir a própria médula de seus óssos.

Mirabelli, atuado por um espírito, recorda-se de que, há tempos, um diário noticiara que na Inglaterra certa personagem paulista matara um **policemen,** sendo condenado a galês perpétuas. A personagem, estava, porém, nos assistentes. Mirabelli, que isso ignorava, avança intrepido, audacioso e cínico: "Está aqui o espírito do Conde Alvares Penteado, disse. Vem acabrunhado pelos desgostos. Julga-se muito infeliz, porque um seu filho, de nome Armando, matou um **policemen** em Londres e agora está condenado a galês perpétuas". E, prevalecendo-se do que soubera, sem haver lido o nosso desmentido, repetia toda a calunia, quando, solene, firme e calmo, uma pessoa avançou para o seu lado. Encarou-o de alto a baixo, austero. Fulminou-o, depois com escarneo e despreso:

"Armando Penteado sou eu Nunca matei **policemen** algum nem nunca estive preso! O senhor não passa de um intrujão..."

— E o que se deve concluir de tudo isso dr.?

— Que o espiritismo, conforme os estudos e observações do dr. O. Pimentel é um amontoado de incongruências e de espertezas ao serviço de alguns espertalhões que sabem explorar a classe numerosa dos crédulos, dos basbaques, a dos ignorantes. Eu penso que há algumas excepções e que há verdadeiros crentes.

— Mas o dr. disse que em alguns casos há algo de verdade?

— Disse e repito que esses casos são poucos numerosos e explicáveis pelos estudos de Grasset, Lombroso e Janet.

A sra. não deve estar esquecida do que eu disse relativamente a esse assunto, sobre a possível existência das **radiações psíquicas** etc.

— O que eu noto é que proselitos e adversários dos fenômenos espiritas andam tateando a procura de uma solução clara, positiva e indiscutível para o problema do além túmulo e ainda não a encontraram.

— Eu fiz quanto pude para esclarecer com certos fátos, mostrando-lhe quão difícil era a tarefa de separar o jóio do trigo e nem tudo que luz é ouro nos fátos do espiritismo.

— Isto tudo eu bem percebi e por isso agradeço-lhe de coração e até bréve, pois desejo ainda voltar para ouvir sua opinião sobre outros assuntos.

— Aqui fico inteiramente a seu dispôr.

A SYPHILIS, COMO PROBLEMA SOCIAL

A syphilis já não pertence somente ao dominio da pathologia, ella figura em destaque no ról dos grandes problemas sociaes, porque é um dos maiores flagellos da humanidade.

O sub-titulo deste pequeno trabalho, que tem por fim avisar os incautos dos males a que estão sujeitos e dos meios de evital-os, devia ser **flagello social,** mais suggestivo, mais justo e que melhor traduz o escopo visado.

O problema exige solução prompta e consentanea, o flagello provoca combate inadiavel e proficuo.

Problema ou flagello, — urge que entrem em contribuição todos os meios adequados a pôr um paradeiro á avaria do individuo, da familia e da raça. Não procrastinar a solução do problema e enfrentar com denodo o flagello é obra meritoria e patriotica.

Se o mal é evitavel, como sabem todos os clinicos e os especialistas diariamente verificam, será um crime não conjugar todos os esforços, medicos e poderes publicos, para dar combate sem tregua a essa molestia que cada dia augmenta o circulo de suas devastações e vai aniquilando tantas energias e infelicitando a humanidade.

A consciencia incita-nos a entrar com este contingente, modesto embora, para a obra altamente louvavel de divulgar os perigos da syphilis e indicar os meios de evital-a.

São tantas as formas que ella reveste, são tão variadas as suas manifestações, que o mais precavido dos clinicos póde desconhecel-a atravéz de modalidades tão diffirentes.

Publicado na Revista do Centro de Letras do Paraná, a 19 de Dezembro de 1922.

Vezes ha que, na superficie do corpo, ella apparece ostensivamente e nelle se retrata, não illudindo a ninguem; outras mais numerosas, ella é latente, insidiosa, esquiva, e á socapa vai fazendo sua obra malefica.

Tantas vezes, nem mesmo a porta por onde ella entrou se descobre e nem por isso deixa de produzir tantos males no organismo em que se aloja.

Ella é então, como essas correntes d'água subterraneas que vão á surdina corroendo o terreno, ravinando, até que um dia abate-se o solo e torna-se o fójo ou barrocão que o povo, em sua ingenuidade, acredita ser obra de um verme de proporções monstruosas, que se agita para mudar de sitio.

Assim é a syphilis: — invade os tecidos, vai fazendo manhosamente e ás caladas o seu trabalho pérfido, até que se rompe inopinadamente o equilibrio organico e uma affecção grave apparece e abala o organismo, que corre o risco de ir a pique.

Outr'ora, expunha-se a ser corrido da sociedade das pessoas honestas quem se atrevesse a pronunciar esse vocabulo pudendo.

Dir-se-hia que a victima da infecção não era portadora de molestias ás outras semelhantes, mas de um estigma humilhante e desprezivel, de um castigo que despertava vilipendio.

As **soirées** da ralé, as reuniões de individuos que tinham em pouca conta os dictames da moral, eram chamadas **syphiliticas.**

Quando se desejava achincalhar uma pessoa, rebaixando-a até o pó, dizia-se, com entono, que ella frequentava os bailes syphiliticos.

Estava fulminada.

Syphilis era uma palavra pudenda, e doença syphilitica era aquella que envergonhava o paciente e que se devia occultar.

Os jornaes não imprimiam esse vocabulo para não deprimir os creditos da imprensa e não offender o pudor dos leitores.

O "Times" só consentio que figurasse em suas columnas a palavra **syphilis,** em 1910, por occasião da descoberta do Salvarsan, na Allemanha.

Hoje tudo está mudado. Ja ninguem se envergonha de ser syphilitico e muito menos de pronunciar esse nome, — é que cada dia avulta o numero dos avariados e nem sempre elles têm origem venerea.

Após a grande guerra, todos os póvos civilizados sentiram a necessidade premente de combater esse flagello social, que, em sua faina destruidora, vai correndo parelhas com a peste branca — a tuberculose.

Conhecidos como estão em nossos dias a causa da molestia, o mecanismo do contagio, os meios preventivos e curativos, facil devia ser a tarefa grandiosa de jugular o mal em seu nascedouro ou combatel-o efficazmente quando invadido o organismo, se não se mettessem de permeio tantas difficuldades, que o tempo e a pertinacia dos hygienistas hão de vencer.

E assim, pondo-se em jogo energicamente todos os recursos, em uma acção synergica, povo, medico e governo, pode garantir-se que a syphilis, em curto lapso de tempo, terá desapparecido do quadro nosologico.

Não pareça aos que são pouco versados nestes assumptos de venereologia, que esta asserção é ousada e sem bases solidas.

O eminente prof. Eduardo Rabello, uma das glorias da medicina brasileira, affirma com a segurança de sua grande pratica: "...si todo individuo que corre risco de contagio se desinfectar logo após e se, em caso de falha, promover pelo emprego do Salvarsan o desapparecimento rapido das manifestações contagiantes, as doenças venereas e particularmente a syphilis serão, dentro do decurso da vida de uma geração, molestias quasi desconhecidas".

São categoricas e ainda mais animadoras as palavras de Leredde, o grande paladino dessa obra philantropica de combate á syphilis, quando diz:

"Nós podemos supprimir este flagelo e até rapidamente. Os meios technicos que nos levam a esse resultado são hoje

conhecidos. Resta conseguir a educação do medico, do povo, dos poderes publicos e fazer com que estes instituam, sem tardança, sem economias mal entendidas, com a collaboração do corpo medico, uma organisação analoga á que existe actualmente nos paizes vizinhos".

Esta é a opnião unanime dos que versam com mais competencia este assumpto: e, acreditando piamente em sua veracidade, almejamos trazer esta pequena contribuição para a obra patriotica do combate a essa calamidade e quiçá de sua eliminação do obituario.

Geralmente se presta pouca attenção aos disturbios da syphilis, porque ella se occulta sob o nome de varias doenças, correndo os obitos, tantas vezes, por conta de affecções que, apparentemente, della não dependem e até extremam.

Entretanto ella é a responsavel, não ha a menor duvida, por multiplas perturbações funccionaes e alterações de orgãos e tecidos ,trazendo rotulos tão diversos, que nem siquer podem lembrar sua origem.

As palavras de Leredde, syphiligrapho dos mais notaveis, vêm corroborar essa affirmação, quando diz:

"A importancia desta infecção é desconhecida, porque medicos e doentes dão-lhe o nome de avultado numero de affecções de que só ella é a causa. Assim ella se chama apoplexia, hemorrhagia cerebral, amollecimento, meningite, epilepsia, paralysia geral, myelite, ataxia locomotora, atrophia muscular, molestias do coração, aortite, aneurisma, angina do peito, arterioesclerose, bronchite chronica, asthma, emphysema, ulcera do estomago, cirrhose do figado, nephrite chronica, bocio ophtalmico...; na infancia, debilidade congenita, esclerema, athrepsia, cachexia, enterite, rachitismo, meningite, convulsões...

Sob estes nomes, e ainda sob outros, dissimula-se, occulta-se uma só e mesma molestia — a syphilis.

Nós não conhecemos ainda todas as suas consequencias, não podemos ainda calcular exactamente o numero de obitos que ella produz.

Não se levando em linha de conta senão seus effeitos directos, e sabe-se que ainda ha outros, e a parte que ella toma no desenvolvimento da tuberculose e do cancro, pode-se affirmar que, indubitavelmente, a syphilis **é o mais grave dos flagellos sociaes."**

Verifica-se uma anomalia, sinão incongruencia, por parte da imprensa, em relação ás noticias sobre os diversos estados morbidos. Assim, basta irromper um caso de molestia epidemia, pouco vulgar, que em toda parte produz reduzido numero de obitos, graças aos meios hygienicos tão diffundidos, para os jornaes fazerem grande alarme e pedirem soccorro em todos os tons.

Entretanto, molestia como a syphilis, que vai ceifando milhares e milhares de vidas, não merece esses patrioticos, de tão forte repercussão, havendo mesmo jornaes que nunca della se occuparam.

Um exemplo. Em 1920, por occasião do apparecimento da peste bubonica em Paris, todos os jornaes ficaram alarmados e pediam alvorotadamente a destruição dos ratos e meios prophylacticos, e os obitos não se elevaram além de meia centena; ao passo que a syphilis nada ou quasi nada tem merecido desses mesmos orgãos, entretanto ella mata, na cidade Luz, para mais de 8.000 **pessoas,** em um anno.

A origem de syphilis é ainda uma questão controvertida. Querem uns que ella fosse levada da America por Christovão Colombo e seus companheiros, em 1493; outros, que ella tenha surgido na Hespanha e fosse levada ao reino de Napoles pelos exercitos de Carlos VIII, em 1455 e dahi se espalhasse por toda a Europa.

No meio de tanta incerteza sobre sua origem, o melhor é pensar como Voltaire: "La vérole est comme les Beaux-Arts, on ignore qui en a été linventeur".

Pouco importam ao fim que temos em vista as trevas que reinam ainda sobre a sua origem, o que nos convem conhecer é sua causa, evolução, contagio, etc., em summa, a biologia do seu virus e os recursos com que podemos jugulal-a.

Este germen pathogenico, até o annno de 1903, era inteiramente ignorado e não se havia conseguido inocular em animaes e secreção das lesões syphiliticas.

Em 1903, Metchnikoff e Roux, tiveram a grande fortuna de conseguir a inoculação em chipanzé do virus de um cancro syphilitico e em 1905 Schaudin descobrio o germen dessa molestia, ao qual deu o nome de **treponema pallidum,** constituindo essas 2 descobertas os factos mais culminantes na historia da avaria.

Antes mesmo de ser conhecida a causa da molestia, já aquelles 2 sabios experimentadores haviam provado que o microbio, inoculado na pelle, tinha pequena resistencia e que morria, se fosse, dentro de uma hora, o lugar da inoculação friccionado com pomada de calomelano.

Estava assim encontrado o meio efficaz de evitar a infecção e o problema entrava em uma phase de franca solução.

É até de observação vulgar que a syphillis começa sempre por uma lesão da pelle ou da mucosa accessivel — cancro duro, hunteriano ou syphilitico.

"Não se póde inocular a syph. pela via sub-cutanea, nem pela intra-venosa e nem pela intra-peritorial.

Os productos syphiliticos, deste modo; não produzem nem cancro, nem infeccção geral e nem immunidade. Taes são as conclusões da maior parte dos experimentadores". (Trat. de path. medica de Sergen). **C. Simon.**

Para que se dê a inoculação é preciso que exista uma erosão do tegumento, pois o treponema não atravessa nem a pelle, nem a mucosa, quando intactas.

Inoculado com exito o germen, ha um periodo de incubação, de tregua, de latencia, que dura, na média, 25 dias. Isto significa que durante este longo praso o virus não dá signal de vida.

Acreditava-se que esse lapso de tempo era gasto no cyclo evolutivo, que percorre o treponema para produzir-se; mas os exames de córtes de cancros em diversas phases demonstram que o parasita apresenta sempre a mesma fórma.

Hoje pensa-se que esse tempo é empregado na adaptação progressiva do microbio ao organismo.

"Tambem se póde suppôr que o treponema secreta substancias que sensibilisam o organismo. Estas substancias tornan o terreno favoravel á pullulação do treponema. Esta sensibilisação realizada, a principio, no ponto de inoculação, permite o desenvolvimento do cancro, e a duração da latencia representa o tempo necessario á formação desta sensibilisação local" **(C. Simon)**.

A clinica e a experimentação explicam satisfatoriamente o modo pelo qual se faz a invasão do organismo. A principio ha uma lesão local — o cancro duro, ou accidente primario; depois, decorridos, na média, 50 dias (incubação secundaria) o tropenome invade o organismo por duas vias, a lymphatica e a sanguinea, a primeira com mais frequencia que a segunda. É o segundo periodo, da septicemia ou dos accidentes secundarios, onde apparecem as syphilides e as placas mucosas.

Uma questão de summa importancia, sob varios pontos de vista, deve aqui ser ventilada.

O cancro é a lesão primitiva, local, da syphilis, ou sua presença indica que o organismo já está todo infectado e elle é apenas a exteriorização da septicemia?

A clinica e o laboratorio demonstram que o cancro, apesar de apparecer sómente alguns dias após a inoculação, é a manifestação reaccionaria inicial, primitiva, independente de uma contaminação generalizada, que ainda não existe.

Em verdade, decorridos 6 a 10 dias do seu apparecimento ainda o organismo não foi todo invadido, isto é, não se operou a generalização da molestia. Nessa época apenas apparecem as lymphites e as adenites, satellites do cancro.

Quantas provas temos de não estar, nessa phase da molestia, infectado o organismo inteiro?

Quatro de grande valimento.

1.ª — Dentro dos primeiros dias da eclosão do cancro, elle é perfeitamente reinoculavel, o que prova não estar o organismo inteiro invadido e por isso não immunisado ou refractario.

2.ª — A reacção de Wassermann no sangue é negativa nesse periodo.

Ella só apparece 15 dias depois da lesão primitiva ou 50 depois da inoculação.

3.ª — Casos ha em que feita a excisão do cancro, logo que elle surge, o organismo não é contaminado (Exp. de Neisser).

4.ª — Se o cancro não fosse uma lesão local, primitiva, e sim a exteriorização de uma septicemia que começa, as adenites não só appareciam no território lymphatico, onde elle se assesta, como em outras regiões do corpo, o que não se dá.

"O treponema póde passar para o sangue desde o 5.º dia da inoculação, mas a infecção não se faz sinão no fim de uma incubação de cerca de 40 dias (C. Simon)".

Em summa, dá-se a inoculação do virus (experimental, accidental ou por contacto venereo); depois de uma incubação de 15 a 30 dias apparece o cancro duro ou hunteriano (1.º periodo), decorridos mais 40 ou 60 dias de incubação secundaria surgem as lesões dos tegumentos — syphilides e placas mucosas (2.º periodo). Desapparecidas estas. espontaneamente ou pelo tratamento adequado, nova calmaria se observa, até que mais tarde apparecem as gommas e escleroses (3.º periodo) e finalmente vem a phase das para-syphilis ou 4.º periodo.

Conhecido o germen, sua evolução, sua localização, precoce e tardia, devemos expôr agora os meios de combatel-o e exterminal-o; mas, antes de o fazer, vamos dizer algo sobre a frequencia do flagello, sua gravidade e diffusão, para que se possa bem avaliar a sua importancia, como factor da lethalidade.

A syphilis attinge todos os paizes, todos os meios e todas as idades. Póde lesar todos os tecidos, e pela multiplicidade destas localizações, ella não interessa sómente a dermatologia, mas ainda a medicina, a cirurgia e as especialidades. Referindo-se á sua extraordinaria frequencia, Gougerot tem expressões como estas:

..."On doit penser á la syphilis partout et toujours... L'invraisemblable est vrai en matiére de syphilis". Landouzy e Gaucher acham que ella constitue o terço da pathologia humana.

Nas grandes cidades, diz Leredde, ella ataca a 5.ª parte da população e a guerra determinou uma verdadeira epidemia.

É digna de registro a opinião do provecto Dr. J. Nicolas, prof. de clinica das molestias cutaneas e venereas na Universidade de Lyon, exarada no 4.° volume do "Novo Tratado de Medicina", publicado este anno. Diz elle:

"Pode escrever-se, sem receio de contestação, que a syphilis é muito frequente e considerando-se as devastações que ella causa, não sómente entre os doentes que são attingidos directamente, mas em sua descendencia, obortos, polylethalidade infantil, dystrophias e monstruosidades, manifestações mais ou menos graves de syphilis hereditaria, precoce e tardia, póde-se consideral-a como uma verdadeira calamidade, uma ameaça terrivel para o presente e futuro de nossa raça e da humanidade, si não lhe for applicado um remedio prompto e efficaz".

O artigo de Leredde intitulado "Dominio da syphilis", estampado, este anno, no "Manual de Educação Prophylactica" traz este remate:

"A syphilis, que é a mais frequente de todas as infecções chronicas, é tambem a mais grave, sob o ponto de vista social, se levarmos em conta todas as suas consequencias, tanto as decorrentes da infecção adquirida, como as da hereditaria.

Nos meios ruraes ella talvez determine a metade, senão os 3/4 das affecções chronicas. O seu desapparecimento, que exige o esforço de todos os medicos, de todos os hygienistas, a intervenção do legislador e do Estado, trará uma completa transformação da saude e da vida humana...

Pelo facto de ser ella uma das causas principaes, senão a causa principal, das affecções chronicas em geral, os leitos dos hospitaes e dos manicomios estão abarrotados de syphiliticos".

Nós clinicos somos tantas vezes surprehendidos com a reacção de Wassermann fortemente positiva, em clientes que nada fazia prever fossem victimas de tão intensa infecção.

Temos em tratamento um doentinho de 9 annos que parecia inteiramente indemne de qualquer contaminação syplilitica, não só hereditaria como adquirida, entretanto o exame de sangue acaba de revelar uma reacção sorologica com +++.

Para aquilatar-se da frequencia e gravidade da syphilis basta lembrar que ella ataca mais de 20% da população adulta, e dos atacados que não se sujeitam a uma tratamento idoneo, succumbem 30 a 40%, entretanto é uma doença facilmente evitavel e que póde, por occasião de suas manifestações iniciaes, ser combatida com grande exito.

Em uma entrevista memoravel que o sabio prof. Ed. Rabello concedeo a "A Noite", a 10 de Novembro deste anno, elle affirma o seguinte, que merece ficar bem gravado em vossa memoria:

"Nós costumamos dar uma importancia excessiva ás estatisticas de tuberculose, que são deveras apavorantes, e podem peccar comtudo apenas por deficiencia e não por exaggero, visto que os nossos calculos são incompletos e não ha como discriminar o numero real de obitos pela tuberculose. Considere, porem, que a syphilis entra com um coefficiente de 30% nos quadros da tuberculose, que ella favorece, e que ao mesmo mal são devidos 75% das affecções cardio-vasculares e 30% das affecções nervosas, e 40% dos casos de cancer, conseguindo-se precisar taes proporções máo grado a ausencia de notificação das molestias venereas, e apenas de accordo com os processos estatisticos seguidos por outras nações onde aquelle mal tambem não é de notificação. É assim que no Brasil adoecem, por anno, 126 mil pessoas atacadas de syphilis, primando entre as nossas cidades as capitaes de Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Sul, onde a mortalidade é maior".

— Não ha muito tempo ainda a noção da incurabilidade da syph. era um verdadeiro dogma, qualquer que fosse a phase em que ella se apresentasse.

Um notavel syphilographo assim externava sua opinião sobre esse problema therapeutico: "não diga que já teve syphilis, diga que tem syphilis." Ficava assim nitidamente enunciada sua convicção de que essa molestia, em caso algum, póde ser passivel de cura.

Em nossos dias os mais competentes especialistas tem colhido provas indiscutiveis da curabilidade dessa molestia, ficando o organismo inteiramente livre della e em condições de ser novamente contaminado.

Observamos, não ha muito tempo, este caso typico, capaz de levar a convicção ao espirito dos que põem em duvida a curabilidade dessa infecção.

Foi ao nosso consultorio um estudante que apresentava uma pequena ulcera suspeita. Diagnosticamos cancro duro e o exame bacteriologico verificou a presença de grande numero de treponemas.

O cancro datava de poucos dias. Receitamos uma série de 914, que foi administrada com todo o rigor. Findo esse tratamento prescrevemos injec. de mercurio e 3 a 4 mezes depois nova serie de 914. Decorrido **um anno** o estudante volta ao nosso consultorio apresentando abundantes roseolas caracteristicas, tendo anteriormente sorprehendido uma pequena excoriação que não lhe despertou suspeita e era, provavelmente, um novo cancro syphilitico, isto é, o accidente primitivo de uma nova infecção.

— Ainda ha quem acredite que a syphilis não é reinoculavel, isto é, o paciente que já foi contaminado não pode mais contrahir essa molestia: segundo uns, porque o primeiro ataque confere **immunidade,** como na variola, sarampão etc; segundo outros, porque ella nunca mais desapparece do organismo, que já foi inoculado, tornando-o refractario á nova contaminação.

Hoje ja temos provas positivas de que o cancro duro é reinoculavel até 10 dias de seu apparecimento (Queyrat e Quentin) e que essa supposta immunidade nada mais é que o estado do organismo que ainda está sob a influencia da infecção que não se extinguio.

Todos os animaes que não podem ser reinoculados e apresentam essa immunidade estão na realidade ainda doentes (Neisser).

O estado refractario dos individuos **syphilisados** anteriormente não representa, pois, sinão uma prova da molestia, de infecção syphilitica persistente e não um estado de verdadeira immunidade. Ao contrario, quando a infecção tiver cessado completamente, quando a cura real sobrevier, a reinfecção é immediatamente possivel (Nicolas).

Do que já temos dito, de corrida, infere-se que dentro de 10 dias do apparecimento do cancro, o paciente é reinoculavel;

decorrido esse prazo já o nao é, porque a infecção se generalizou e contaminou todo o organismo ,tornando-o refractario.

Ainda mais, a observação clinica demonstra que, após um tratamento precoce e idoneo, o paciente póde readquirir a propriedade de ser inoculavel com exito. Isto significa, como no caso do estudante que citamos, que elle se libertou da molestia, deixando de ser refractario, porque ficou completamente curado da 1.ª infecção e dest'arte apto para ser novamente contaminado: **'a curabilidade deduz-se da possibilidade da reinfecção'.**

Sendo o nosso escopo estudar a syph. sob o ponto de vista social, devemos indicar os meios de evitar os seus effeitos, como elemento de decadencia individual e desorganização collectiva.

Assim, devemos expôr os recursos que possuimos para combater: o apparecimento do accidente primitivo, da infecção geral do organismo e a transmissão do virus.

De conformidade com este proposito, dividiremos o problema social em varias phases, dando a cada uma dellas a solução adequada, á semelhança do que faz o prof. Nicolas.

1.ª phase. — A inoculação syphilitica pode ter lugar, mas o cancro ainda não appareceo — instituimos o **tratamento preventivo.**

2.ª phase. — O cancro já appareceu, mas a infecção ainda está localizada, isto é, o virus ainda não se diffundio por todo o organismo — neste caso pomos em acção o **tratamento abortivo.**

3.ª phase — A infecção já está generalizada, mas ainda não appareceram as manifestações tegumentares — faremos então o **tratamento curativo precoce.**

Como devemos proceder para preencher todas essas indicações?

Primeira phase. — A prophylaxia do contagio pode ser levada a effeito antes ou depois do congresso.

No 1.º caso, havendo qualquer suspeita da molestia, absten-

ção; não sendo isto possivel, fazer uso de um preventivo mechanico ou uma pomada de calomelano a 33%.

No 2.° caso, isto é, logo depois do contacto venereo, proceder com o mais rigoroso cuidado á lavagem dos órgãos genitaes, fazendo loções abundantes, não deixando a menor dobra, o mais diminuto intersticio sem a acção da agua com sabão, não tendo, no momento, um liquido antiseptico.

Qualquer fenda, erosão ou excoriação, por menor que seja, cauterizal-a com tint. de iodo ou thermo-cauterio.

Depois dessas lavagens e cuidados hygienicos fazer uma fricção com pom. de calomelano a 33%.

Com este tratamento, levado a effeito dentro da primeira hora após o congresso, póde ter-se a certeza de ficar livre da mais grave das infecções.

Quanto mais demorado fôr o tratamento, tanto menos probabilidade se tem de um exito feliz.

A pomada de calomelano é um recurso seguro para evitar o cancro e sua efficacia foi verificada desde 1903 pelos Drs. Roux e Metchnikoff, logo que descobriram os meios de inocular, no chipanzé, o virus syphilitico.

Estes dois notaveis experimentadores demonstraram que feita a inoculação desse germen, no macaco ou no homem, si logo depois friccionar-se o lugar com a pom. referida, não apparecerá o cancro e o paciente não se contaminará. Estava, pois, descoberto um agente therapeutico de inestimavel valia e seu uso devia ser divulgado por todos os meios. Entretanto, a França pouca importancia ligou a esse facto culminante no que tange á prophylaxia da syphilis e foi preciso que, de torna-viagem, viesse de outros povos, para que fosse adoptado no paiz de origem, como muito bem diz o prof. Rabello.

Este eminente mestre, para mostrar o valor das medidas prophylacticas, relata os seguintes factos relativos ao exercito americano, que veio em auxilio da França, por occasião da grande guerra.

"Ao desembarcarem em França, tiveram logo os americanos como arma prophylactica as normas do paiz, baseadas no re-

gulamento do meretricio e no estabelecimento de casas de tolerancia mantidas sob vigilancia medica. Dentro dessas normas viram os recem-chegados subir espantosamente a 200 **por mil** a taxa de contaminados e resolveram, no fim de seis mezes, pôr em pratica os seus proprios methodos. Abriram para isso estações prophylacticas em todos os lugares da guarnição e deposito de tropas, não se fazendo esperar os resultados.

Para dizer-vos qual foi o sucesso, basta lembrar-vos que a cifra de 200 por mil cahio celere em certas guarnições a 2 (dois) por mil...

O prof. Gougerot vio a guarnição franceza apresentar 17% de contaminações, ao passo que a americana, adstricta ás mesmas fontes de contagio, apresentava até menos de 1,10%...

Na nossa marinha de guerra, são conhecidos certos resultados e especialmente os que foram obtidos a bordo do "Minas Geraes", do "Bahia" e sobretudo do "Benjamin Constant", onde a prophylaxia, posta em pratica pelo Dr. Mario Kroeff, reduziu a **zero** o numero de contaminações."

Emery em seu ultimo livro (**Tratamento actual da syphilis** — 1921) estuda, com grande competencia, os meios de evitar o apparecimento da infecção em individuos que se expõem a um contagio muito provavel e nos quaes ainda não appareceo o accidente primitivo.

Para obstar ao apparecimento do cancro, isto é, para conseguir a esterelização do organismo, elle lança mão do tratamento pelo 606 ou 914 e, não raro, consegue seu intento, fazendo seis injeções.

Tratou 4 pessoas que se haviam exposto a um contagio quasi certo, em virtude do caracter das lesões, com as quaes estiveram em contacto, e nenhum apresentou accidente primitivo. Um companheiro desses 4 exposto ao mesmo contagio, e que não se sujeitou a esse tratamento, preferindo correr o risco da contaminação, foi victima de um cancro syphilitico.

O Dr. Magian, para verificar a efficacia desse tratamento abortivo, inoculou, em si proprio, o exsudato de um cancro syphilitico e 1 hora depois tomou uma grande injecção endovenosa de 606.

Nenhum accidente syphilitico se manifestou nos prasos habituaes e nem mais tarde, sendo a reacção de Wassermann negativa em serie.

Esse e outros factos autorizam Emery a aconselhar, como perfeitamente legitimo, o emprego dessa medicação preventiva, quando houver risco de contagio.

Segunda phase — Si, apesar desses meios abortivos, apparecer o cancro, indicativo da contaminação, ainda ha probabilidade de evitar-se a infecção geral do organismo?

Alem da excisão do cancro, (quando elle é facilmente attingivel e dentro de 10 dias), temos meios de grande valor para livrar o paciente dos incalculaveis damnos da infecção syphilitica, quando applicados o mais proximo possivel do inicio da manifestação primitiva.

Esta é a opinião dos mais provectos syphilographos da actualidade (J. Nicolas, Gougerot, Emery, Leredde, Brocq, Millian, Jeanselme, Audry, etc), que proclamam a efficacia de uma therapeutica energica, quando applicada no período inicial da infeccção, isto é, logo depois do apparecimento do cancro syphilitico.

"Não ha molestia alguma que seja como esta tão profunda e efficazmente influenciada pelo tratamento" (Audry).

Logo que surge o cancro, antes da diffusão do treponema no organismo, diz Nicolas, um tratamento muito intenso pode ainda **jugular inteiramente e definitivamente a infecção syphilitica.**

Esse tratamento consiste na injecção de uma serie de 914 (10 — 20 — 30 — 40 — 50 — 60 centg.) e na extirpação do cancro, quando facil, suprimindo dest'arte a colonia principal e massiça de treponemas. Depois de tratar longamente deste assumpto, Nicolas conclue:

"Parece sem dúvida que, em certo numero de casos, a **cura definitiva** pelo tratamento abortivo é um fato".

Os casos relatados, em que após muitos annos nenhuma manifestação syphilitica sobrevem, nem mesmo o mais leve accidente venereo, devem constituir provas de real valor em prol da curabilidade.

Emery, já em 1911, em face da acção **extraordinariamente** possante dos novos remedios e das acquisições decorrentes da syphilis experimental, acreditava na possivel esterilização da infecção primaria (cancro).

Essa convicção robusteceu-se mais tarde, tendo esse notavel especialista declarado o anno passado que "por nossa parte, após a experiencia de 10 annos, não hesitamos em affirmar que, para a syphilis sufficientemente tratada em periodo inicial, mesmo com Wassermann positivo, não estando o paciente na imminencia dos accidentes secundarios, **a cura definitiva é a regra.**"

Assim Brocq, assim Jeanselme e Millian.

Emery abroquela sua opinião nas seguintes provas:

1.ª — os doentes não apresentarem accidentes secundarios;

2.ª — reacção de Wassermann em serie negativa;

3.ª — contrahirem os pacientes nova infecção;

4.ª — os que se casam não contaminarem a esposa;

5.ª — os filhos não apresentarem signal algum de heredosyphilis.

"Nous pensons donc, conclue elle, qu'avec un traitement suffisant on doit toujours réussir".

Não podemos deixar de trasladar para aqui as palavras, ainda este anno estampadas, do eminente prof. Gougerot, um dos mais provectos syphilographos:

"A importancia capital do tratamento de syph. decorre de tudo quanto se sabe a respeito á gravidade social, familiar e individual desta infecção. Um tratamento precoce e prolongado cura essa molestia desde o inicio. Evitando accidentes novos e cicatrizando os actuaes, supprime as probabilidades do contagio, torna impossivel o contagio do conjuge e a transmissão á prole, previne as lesões da pelle, das mucosas, dos órgãos profundos — systema nervoso, coração e aorta, tantas vezes graves, mutilantes, irreparaveis, mortaes. Previne eclosão dos germens do cancer, etc.

Em uma palavra, ao passo que o syphilitico não tratado, torna-se um perigo permanente para a sociedade e sua familia, para sua mulher e seus filhos, para si proprio, o syphilitico bem tratado torna-se um individuo normal. É evidente que, se todos os syphiliticos fossem tratados desde o começo e sobretudo se fossem bem e demoradamente cuidados, a **syphilis não mais existiria.**

Em 20 annos, a syphilis desappareceria das nações civilizadas, si ellas assim o quizessem, bem como a peste, a colera, a variola já não existem na França, senão quando importadas".

Assim, na 2.ª phase da molestia, póde garantir-se, quasi com absoluta segurança, que a excisão do cancro, o tratamento local e as injecções de 914 combatem a infecção.

3.ª phase — O treponema vence as primeiras barreiras, já a infecção se genéralisou e a reacção de Wassermann é positiva. É a occasião de começar com as injecções de 914, sem a menor tardança, nas doses de 20 — 30 — 45 — 60 — 70 — 80 — 90 centg. com todos os cuidados que um tratamento dessa natureza exige do clinico.

Se as doses fórtes não são toleradas deve-se fazer as fracas, repetidas, prolongando-se o tratamento. Se mesmo assim não são supportadas, deve-se recorrer ás injecções de bismutho e de mercurio.

É imprescindivel que o doente não perca tempo procurando curandeiros ou sujeitando-se a mezinhas que nada valem.

Deve ir **incontinenti** á procura de seu medico ou de um especialista, submettendo-se confiante ás suas prescripções.

Em summa, a syph. desapparecerá:

a) — quando todo individuo que se expoz ao contagio, no praso minimo de 60 dias, apresentar-se ao medico no **mesmo dia** em que tiver notado uma lesão suspeita;

b) — quando todo medico tiver elementos para fazer o diagnostico no **mesmo dia;**

c) — quando, reconhecida a syph., o tratamento fôr applicado no **mesmo dia** e continuado até á esterilização do organismo (Leredde).

Para chegar-se a esse desideratum é necessario que o Estado ponha á disposição dos clinicos **laboratorios** de sorologia e de bacteriologia e á disposição dos doentes pobres **dispensarios,** onde elles possam ser tratados de um modo completo e definitivo.

A Belgica e os Estados Unidos, que vão sustentando uma formidavel campanha contra a syphilis, já têm alcançado brilhantes resultados, de molde a acoroçoar as outras potencias.

Toda despesa feita nesse sentido redunda em economia. As vidas salvas do naufragio, as energias conservadas e retemperadas pagam largamente tudo quanto se possa despender nessa campanha benemerita.

A França já se sentio coagida a imitar a sua grande alliada na grande guerra; e os resultados não se farão esperar para desmentir o conceito do Dr. Wurtz quando affirma: "L'hygiene publique en France est une façade derriére laquelle il n'y a rien".

Temos insistido sobre a curabilidade da syphilis e sobre os meios de exterminal-a, citando a opinião das maiores summidades da materia, porque ainda ha muita gente que não acredita na extinção dessa molestia, mesmo sendo ella submettida a um tratamento energico, ao alvorecer dos accidentes.

Em face do que acabamos de expôr sobre a gravidade desse problema social e as medidas capazes de solucional-o, não é licito aos Poderes Publicos cruzar os braços, perante a hecatombe produzida por um mal evitavel, contando somente com a Providencia Divina.

Que o combate a esse pavoroso flagello seja a **delenda Carthago** dos medicos, do governo e do povo, irmanados nesse bom combate, e não tardará que elle desappareça do quadro nosologico.

O dilemma é semelhante ao da esphinge, na estrada de Thebas. — extermina-me ou eu te devoro.

Curityba, 30 de Outubro de 922.

O ALCOOL NÃO É APERITIVO, NEM THERMOGENICO (*)

Já nos ocupámos do alcoolismo agudo e do alcoolismo chronico, tendo opportunidade de mostrar-vos, em mais de um enfermo, as alterações e devastações que o alcool produz no organismo, reduzindo a mais robusta organisação a uma hedionda massa de tecidos encharcados e asphyxiados, transformando um poderoso hercules em lambisco de gente.

A lição de hoje não é propriamente de "clinica medica", pois o nosso intuito, neste momento, é expor as graves perturbações funccionaes ligadas ao uso e abuso desse toxico e recordar conceitos attinentes á arte de bem viver como a queria Epicuro.

Tão desvirtuada vai a doutrina deste sabio que, adoptal-a, será flagrante confissão de amigo dos prazeres da mesa e da luxuria.

E sobre o assumpto que vamos perlustrar seria não pequena temeridade confessar-se um adepto do philosopho grego, apesar de Fenelon com o peso de sua auctoridade, mostrar que elle era de uma continencia e recato exemplares.

Que culpa temos nós se no evoluir dos seculos foi esquecido o exemplo do philosopho e adultarada sua doutrina? De modelo de sobriedade passou a figurar como um incontinente e seu nome deu origem a um neologismo que traduz justamente aquelles vicios que elle com tanta vehemencia profligou.

De facto, epicurista devia significar, se a logica e a verdade sempre imperassem, amigo dos prazeres atravéz da cultura do espirito e da sobriedade; mas, deturpada a lição do mestre, hoje esse vocabulo significa — volupia, desregramento, incontinencia, — exactamente o contrario do que ele ensinou por actos e por palavras.

(*) Lição proferida no Hospital da Misericordia desta capital em 1922.

Mas deixemos o philosopho, envolvido na poeira de tantos seculos, e baixemos nossos olhos sobre o vicio privilegiado que pompeia no palacio do argentario e medra no tugurio do proletario e vai roendo, sem cessar, o cerne da humanidade.

Fallar de um assumpto que tem sido a "delenda Carthago" de um grupo illustre de philanthropos, tocar ainda uma vez na tecla que tem sido tangida por tantos biologistas, sociologos e hygienistas, seria uma temeridade, seria um desenrolar plangente de argumentos sediços e estafados se não tivessemos a presumpção de vir hoje aqui expor, não diremos factos inéditos, mas com certeza asserções desconhecidas, verdades ignoradas d'aquelles que não se occupam desta maneira.

Ha idéas que nascem de observações mal orientadas, de fatos mal investigados, mal interpretados e não traduzem a evidencia; mesmo assim ganham fóros de axiomas indiscutiveis, desses que percorrem povos diversos, atravessam épocas e sempre cortejados como verdades inconcussas.

São idéas falsas, acceitas sem reflexão acurada, que cahindo em terreno fertil, em animo propicio, vão medrando, vão andando e infiltrando-se atraves de gerações que só muito tarde despertam, raciocinam e reagem. Em medicina, verdades de convenção temol-as quasi sem conta, já dizia o grande mestre que foi Francisco de Castro. E nesse grupo podemos inscrever a seguinte: O alcool é um excellente aperitivo e um efficaz thermogenico, isto é, o alcool desperta o appetite e aquece o corpo: — idéas feitas, verdades de convenção, moeda falsa que um exame attento, uma pericia idonea, não consentem que circulem como axioma ou ouro de lei.

O alcoolismo, diz aquelle que não tem olhos para ver o mal que enfraquece, estiola, infelicita e destróe, é um vicio que tem suas compensações, seu lado bom, — aquece o corpo, desperta o appetite, estimula as energias adormecidas e produz uma verdadeira euphoria. Pura illusão, erro de observação, pretexto para novas libações, excusa á molleza de caracter.

Em verdade, o alcool, como já vos mostrámos, não faz bem algum ao organismo e produz-lhe todo o mal — altera, degenera e consome os mais nobres elementos do corpo, enfraquece as

energias organicas e extende aos descendentes a degradação dos orgãos primordiaes á vida, torna um povo desalentado, faz a Patria infeliz e fraca porque seus filhos são doentes, degenerados, invalidos. Basta recordarmos alguns conceitos de homens eminentes, de grandes patriotas, para não se ter duvido sobre a acção funesta e degradante que esse toxico exerce no indivíduo e em suas descendencia.

Miguel Couto, o sabio mestre que todos conhecem e admiram, affirma: "... não ha orgão que elle poupe, não ha cellula que lhe resista, tudo queima por onde passa, a começar pelos labios, que se tornam beiçamas, luzidios, belfos, arredondados, todos os tecidos vai alterando indistinctamente... mas, se um apparelho da economia se tivesse de designar como o preferido pelas devastações desse toxico — este seria o systema nervoso.

Gladstone — o grande estadista e patriota, disse: "elle causa mais devastações que os 3 flagellos historicos — fome, peste e guerra: elle dizima mais que a fome, elle mata mais que a guerra. Elle faz peior ainda — deshonra."

Moltke, o famoso gerenal prussiano, avançou que: "as nações que abusam do alcool perdem todos os dias uma batalha, devido á diminuição dos nascimentos e a qualidade inferior dos homens."

Fernet, o notavel clinico, verificou que o alcool é responsavel por um terço da mortalidade hospitalar e nos manicomios o alcoolismo é causa da morte de cerca da metade dos casos.

Monin, o grande hygienista, ensina que o alcool degrada a raça por todos os lados: restringindo a vitalidade e augmentando a mortalidade.

Legrain, provecto clinico, em uma phrase pittoresca e significativa, diz que a nação que se alcoolisa tem chumbo na azas.

Grasset — O sabio neuro-pathologista affirma: "o alcool tem especialmente por effeito a destruição dos elementos activos e uteis e o desenvolvimento de tecido de sustentação — o conjunctivo.

Assim, pouco a pouco, em cada órgão, a parte activa e viva diminue e se atrophia constantemente, emquanto a parte inutil e inerte se hypertrophia e se desenvolve: é a **esclerose** que invade a economia. Esse effeito do alcool é absolutamente o analogo do que produz a **senilidade.** Normalmente, quando um individuo envelhece, as partes activas dos seus orgãos se atrophiam e a esclerose invade todos os tecidos. É absolutamente o que se passa com o alcoólatra, que se torna um velho antecipado, um velho antes da idade. Um ethylista de 30 annos é muito mais velho do que um homem sobrio de 60."

Courmont, provecto hygienista de Lyon, professa que "o alcool torna o terreno favoravel á **tuberculose** e a diversas **infecções** e tem parte consideravel no desenvolvimento de numerosas **molestias nervosas,** da **loucura** e da **criminalidade.** Elle impressiona a descendencia, dá origem ao **pauperismo.** Uma raça alcoolica é uma raça perdida. O **alcoolismo é um perigo nacional;** é um flagello social."

Belisario Penna, o ardoroso e infatigavel Director do Saneamento de nossa terra, exclama... é um dos elementos mais destruidores da saude, e o mais perversor da intelligencia e dos attributos moraes de homem, com a aggravante diabolica de transmittir aos descendentes dos viciados de degradações de natureza physica, intellectual, moral e psychica produzidas por esse toxico universal, que maiores males tem causado á humanidade, do que todos os cataclysmos e todas as doenças epidemicas ou endemicas que devastaram ou devastam os povos." Affirma mais: "Entre os grandes flagellos que contribuem para a degeneração de nossa raça, prima pelos seus malefícios a intoxicação alcoólica, espalhada por todo o mundo, insinuada em todas as classes, penetrando em todos os lares, sob mil formas, como alimento ou remedio, como antidoto do frio ou do calor, como aperitivo, com simples passatempo, ora fluido, ora espumante, ora xaroposo, sob colorações as mais variadas e provocadoras."

Ahi estão, srs, palavras insuspeitas de grandes sumidades, de sabios medicos, de inclitos patriotas, de notaveis estadistas e de provectos hygienistas.

Será possível que elles falseiem a verdade, que desconheçam alguma virtude do famigerado **subtil, do demonio familiar?**

Não, isso significa claramente que esse toxico é o prototypo dos agentes da degradação, é o factor primacial da senilidade, é o elemento mais poderoso do enfraquecimento organico, é a causa mais perniciosa da decadencia do individuo, da deterioração da prole, da degeneração da familia e até da extinção da raça.

E não são sómente os que se embriagam, os que bebem em abundancia, que soffrem a acção perniciosa e funesta do subtil, aquelles que habitualmente tomam seu aperitivo ou bebem moderadamente tambem vêm a soffrer as consequencias do veneno.

Em verdade, mesmo em doses moderadas elle diminue as resistencias do organismo, enfraquece a defesa que o elemento cellular oppõe ás molestias, expõe a victima aos accidentes e ás causas efficientes das doenças.

Recentes e acurados estudos das Companhias de seguros de vida americanas demonstraram todos os maleficios produzidos pelo alcool, mesmo tomado em dóse moderada. Os pacientes ficam sujeitos a certo grupo de molestias, tornando-se estas de prognostico mais sombrio que as que atacam os abstemios. Kabrhel mostra que as pequenas dóses individuaes, apparentemente inoffensivas, têm um juro colossal na descendencia.

Se o alcool limitasse sua acção deleteria sómente ao organismo do ethylista, não seria de tanta monta o mal, mas os hygienistas e clinicos são unanimes em affirmar e consignar os funestos effeitos da intoxicação sobre a descendencia, sobre a geração que soffre e se degrada.

"Os filhos que vingam aos alcoolistas estão sujeitos a convulsões, meningites, epilepsia (Legrain) e por idiotas, imbecis, comiciaes vão para o hospicio, mais dias menos dia, ás vezes pelo caminho da prisão. As raças exterminam-se. Os negros da Africa resistiram mais tenazmente ao captiveiro do que o alcool que os está dizimando (Af. Peixoto)."

Courmont mostra que quasi todas as nevroses reconhecem como causa primordial o alcoolismo dos paes; o máo equilibrio moral, a tendencia aos crimes e ás violencias são a triste herança dos ethylistas.

Esse grande hygienista conclue com esta metuenda affirmação: Tem-se publicado uma série de exemplos que demonstram que na 2.ª geração, os idiotas, os epilepticos e os criminosos são frequentes e que na 3.ª geração a familia se extingue. Assim, filho de alcoolista, nos ensinam os factos, é fatalmente nevropatha: ou epileptico, ou idiota ou criminoso ou alcoolista como o pai. Em summa, é um degenerado, traz o estygma da sua origem.

É preciso, pois, ser indifferente á sorte da prole, ou ter obliterados os mais elevados sentimentos affectivos para entregar-se, consciente do mal, a esse vicio hediondo que intoxica, deshonra, degrada e infelicita.

E o que mais sombrio torna esse quadro, já tetrico, é a certeza que têm todos os clinicos de que as graves alterações da saude decorrentes do alcoolismo estão acima dos recursos da tehrapeutica. Talvez que, scientes do fim que os aguarda em futuro não longinquo, e das funestas consequencias dessa intoxicação sobre a prole, volvessem os ethylistas á estrada de Damasco.

É tão grande o dominio do alcoolismo, são tão abundantes as consequencias funestas desse toxico, são tão abundantes as multiplas perturbações e alterações que elle causa ao organismo, que seria difficil em uma palestra ligeira como esta, tratar de todas essas questões, tão complexas, tão vastas e tão importantes.

Por isso escolhemos apenas uma das faces desse problema social, que está exigindo dos poderes públicos uma solução urgente e patriotica.

Vamos estudar o alcool como aperitivo e thermogenico, procurando demonstrar que elle, em vez de despertar o appetite o embota, que em lugar de aquecer o corpo o resfria notavelmente. E assim ficarão destruidos os dois motivos poderosos que servem de justificação aos proselytos de Baccho.

Nem abre o appetite e nem gera calor; ao contrario, produz inappetencia e é anti-thermico. Os devotos desse toxico, entre-

tanto, proclamam suas virtudes "sui-generis" e attestam seus effeitos oppostos, sempre benéficos e correctivos, consoante as necessidades do momento —aquece o corpo quando faz frio, refresca quando faz calor, desperta o appetite quando ha inappetencia, produz alegria quando o pezar os invade, gera a energia quando o desanimo os avassala, etc., etc...

É o corretivo seguro de todas as perturbações funccionaes, é o **prompto allivio** infallivel de todos os disturbios organicos.

Não admira que em outras eras, tão longinquas. Proteu, a seu bel prazer recuperou todas as formas, quando em nossos dias a aguardente ....., tem o condão de produzir os mais antagonicos effeitos, Proteu metamorphoseava-se quando não queria fazer uso do precioso dom que recebera de Neptuno, seu pai, e a cachaça, mais condescendente e prestadia, desenvolve seu poder maravilhoso sempre que se appella para a sua acção correctiva.

Assim, se ha frio produz calor, se inappetencia desperta o appetite.

Vamos demonstrar como tudo isso não passa de verdade de convenção, de erro de apreciação, ou de simples pretexto para libações repetidas.

Aperitivo, de accordo com a sua etymologia grega quer dizer **abridor,** e esse vocabulo servia outr'ora para designar os medicamentos que abriam os póros, que destruiam as obstrucções, que franqueavam o caminho dos liquidos da economia. Os purgativos e sudorificos eram aperitivos. Mais tarde esse nome era dado especialmente aos diureticos e hoje chamam-se aperitivos os agentes proprios para excitar, para abrir o appetite. E nesta classe estão incluidos os alcoolicos que contêm essencia.

Mas é logico acreditar que um agente chimico que irrita a mucosa da bocca, do pharynge, do estomago, que dá origem, quando seu uso é prolongado, ainda que em dose moderada, a uma gastrite rebelde, possa despertar o appetite?

Como póde o alcool ser aperitivo quando é o estomago o primeiro orgão a protestar e a soffer sob a acção do toxico?

O prof. Lancereaux, que estudou com tanto cuidado e tanta competencia os effeitos das bedidas alcoolicas, declara que a funcção gastro-intestinal é a 1.ª que soffre sob sua influencia. O estomago é irritado, inflammado e logo vem o catarrho gastrico, que embota o appetite.

O prof. Richaud assim descreve a acção do alcool sobre o tubo digestivo: "elle produz sobre a mucosa das vias digestivas uma sensação de calor tanto mais notável quanto maior a sua concentração. A mucosa do estomago congestiona-se. Em dóse moderada elle produz hypersecreção salivar e gastrica, o que até certo ponto não seria prejudicial, em dóses repetidas e notaveis dá lugar a disturbios dos phenomenos digestivos, e não tarda apparecer inflammação, a princípio superficial e mais tarde profunda do estomago e do aparelho glandular, acabando por determinar alterações funccionaes do orgão que se torna inapto para exercer suas funções normaes."

Ora, perguntamos nós, é possivel que um agente chimico que produz tantas alterações em um dos orgãos mais importantes da economia, possa despertar o appetite?

Monin, descrevendo a acção do alcool sobre o tubo digestivo, chega a esta conclusão: "O estomago, irritado, ulcerado, espessado, torna-se em pouco tempo improprio á digestão, o que nos explica a falta de appetite do ethylista... E o figado, o manometro do nosso organismo (Monin) começa a congestionar-se, depois hypertrophia-se, inflamma-se, para depois esclerosar-se e atrophiar-se, dando lugar á hydropesia que vem confirmar o velho e verdadeiro proverbio: "quem vive no vinho, morre na agua."

Dujardin-Beaumetz e Coutaret mostram que o alcool exgotta as glandulas pepticas e desenvolve a secreção das glandulas mucosas e acaba por produzir inflammação do estomago, dando lugar a esse vomito mucoso chamado pituita, que sobrevem de manhã é muito conhecido dos amigos do alcool.

É possivel que taes disturbios possam despertar o appetite? Ninguem, de bôa fé, poderá responder pela affirmativa.

O alcoólatra póde ingerir, com certa inconsciencia muito alimento, abarrotando o estomago de qualquer iguaria, porque elle come á semelhança de um glutão e não como um fino gastronomo, á maneira de Brilat-Savarin ou Lucullo.

O alcoolista, comendo, não póde ter aquella sensação agradavel de quem possue um apparelho gastro-intestinal normal e satisfaz a um appetite physiologico.

Elle tem, inflammados, orgãos essenciaes á alimentação e **ipso facto,** não póde ter normalisada a sensação da fome. É logico, pois, que não exista ou seja pervertido o seu appetite.

Courmont conclue, estudando os aperitivos, que é essa a classe mais perigosa das bebidas alcoolicas, por 2 razões: serem tomadas em jejum e conterem essencias.

Dirá o amigo da **pinga:** se o alcool não abre o appetite, incontestavelmente, elle aquece o corpo; porque quando me sinto gelado, basta tomar uns goles da teimosa para ter o cerebro esperto, o coração animado, a pelle quente e o rosto até afogueado.

É verdade, srs., que, o alcool em pequena quantidade, em dóse hygienica, que só o medico póde precisar, pelo facto de oxydar-se totalmente, não produz modificações bem apreciaveis, nem na qualidade do sangue, nem na circulação e nem no systema nervoso; mas, em dóse mais elevada, já produz o augmento da pressão sanguinea, a rapidez da circulação, palpitação do coração e excitação cerebral. É a esse conjuncto de disturbios que se deve attribuir o rubor do rosto, a vivacidade do olhar, o aquecimento da peripheria e a loquacidade que caracterisa a embriaguez moderada.

Essa serie de pertubações não traduz, na realidade, um augmento de temperatura do corpo, um aquecimento real e util do organismo. Ao contrario, srs. todas essas modificações não só não garantem a elevação da temperatura, isto é, não produzem calor interno, como até, algumas dellas, concorrem para baixar o calor do corpo, fazendo com que o alcool seja um verdadeiro e efficaz anti-thermico, em vez de aquecedor do organismo, como querem os amigos de Baccho.

Vamos agora recordar, em duas palavras, a acção do alcool sobre a intimidade dos tecidos, sobre o sangue, o que evidenciará o effeito que elle produz sobre a temperatura do corpo.

O alcool, em pequqena dóse, é totalmente queimado no organismo, isto é, os globulos vermelhos do sangue apoderam-se desse elemento e o oxydam por intermedio da hemoglobina contida nesses globulos. Assim, em pequena dóse elle se torna innocuo porque é inteiramente queimado e eliminado, não actuando sobre a intimidade dos tecidos e sua acção malefica é apenas a consequencia do contacto sobre as mucosas.

Essa combustão processando-se no interior dos globulos vermelhos e estes globulos sendo o elemento primordial dos phenomenos respiratórios, segue-se que, em consequencia dessa oxydação, a capacidade respiratoria do sangue fica diminuida e tanto mais quanto maior fôr a quantidade de alcool ingerido, até que grandemente diminuidas as oxydações, devido ao exiguo aproveitamento do oxygenio do ar pela hemoglobina, o organismo tende naturalmente a resfriar-se.

Para queimar o alcool, e tornal-o innocuo ao organismo, o sangue necessita do oxygenio e gastando nesse mistér esse elemento primordial, ressentem-se, enfraquecem-se e até podem ficar inhibidas as trócas nutritivas intimas, porque é no seio dos tecidos que se passam as combustões e estas se processam á custa do oxygenio que é levado pelo sangue. E se temos a sensação de calor no rosto e nas extremidades é porque os vasos peripherico ficam dilatados, a pelle congestionada, e maior porção de calor se irradia do corpo, isto é, perde-se no ambiente.

O contrario acontece com o calafrio do impaludismo, os vasos peripherico contrahem-se, o doente sente a pelle muito fria, treme e tem a impressão de um grande resfriamento e applicando-se-lhe o thermometro, não raro, elle accusa 40°. A sensação que nos dá as terminações nervosas da pelle, relativa á temperatura do corpo é falsa e muito falsa e esses dois exemplos bastariam para trazer a convicção ao mais refractario espirito.

Não ha, hoje, divergencia entre os clinicos e hygienistas, sobre a acção do alcool, como antithermico. E o prof. Richaud synthetisa, em palavras claras e convincentes a influencia que esse toxico exerce no organismo, dizendo: "Prestando-se attenção ás sensações subjectivas que acompanham immediatamente a ingestão de uma certa quantidade de alcool, se é levado a

admitir que elle augmenta a temperatura do corpo. Com effeito, independente mesmo da sensação de calor determinada pelo contatcto do toxico sobre a mucosa do estomago sente-se bem, alguns instantes após a ingestão de uma bebida alcoolica, uma sensação de calor geral, que se traduz pelo aquecimento da pelle e pelo rubor da face. Mas, esta sensação de calor inicial, que é a consequencia da dilatação dos vasos, é de curta duração. Esta própria vaso-dilatação dá em resultado um abaixamento da temperatura, em consequencia do augmento da irradiação. Este abaixamento da temperatura, póde ser tão notavel que chegue a ser a origem e a causa dos accidentes mortaes que se têm observado tantas vezes entre os embriagados."

E não menos categóricas são as palavras de Triboulet e Mignot, exaradas em um trabalho notavel dado á lume, este anno, no "Novo Tratado de Medicina" de Roger e Widal. Dizem o seguinte esses dois mestres sobre a materia que estamos versando.

"A maior parte do alcool absorvido, 90%, é transformado no organismo em acido carbonico. Esta combustão deveria acompanhar-se de uma elevação da temperatura do corpo, entretanto, assim não se dá. Após a ingestão de pequenas doses, a elevação thermica é tão diminuta que os physiologistas não estão de accôrdo se ella realmente existe; ao passo que não ha duvida quanto ao facto das fortes doses produzirem notavel diminuição do calor do corpo, que attinge 7°, na média, entre animaes em experiencia.

Nos individuos embriagados tem-se verificado a temperatura central cahir a 30° e mesmo a 26° (Pouchet).

Para explicar esta acção do alcool no organismo, admitte-se não só que sua combustão se faz em detrimento dos hydratos de carbono e das gorduras, que durante esse phase ficam desaproveitados, como tambem que esse abaixamento da temperatura provem da vaso-dilatação que esse toxico determina ao nivel da pelle e consequente irradiação do calor."

São estas as asserções de 2 notaveis homens de sciencia.

Assim, em vez de augmento da temperatura o alcool produz perda de calor e consequentemente esfria o organismo.

O bebedo, á proporção que vae ingerindo a droga deleteria, vae resfriando-se e tal seja a dóse absorvida que póde chegar á algidez, ao collapso, e á morte.

Em summa, em pequena dóse o alcool é todo queimado nos globulos vermelhos, em dóse mais elevada a hemoglobina não tem capacidade para levar a effeito essa oxydação exagerada e as combustões organicas são consideravelmente prejudicadas, diminuidas inhibidas, e o organismo resfria-se e intoxica.

Assim entre os habitantes dos climas frios, que ingenuamente pensam ser o alcool um correctivo á temperatura baixa, ser um poderoso cobertor e delle se utilisam, estão completamente illudidos e grandemente prejudicados.

As expedições polares deixam este facto fóra de toda duvida: o alcool augmenta o frio e a morte póde ser a consequencia fatal de sua ingestão.

Não podemos resistir ao desejo de trasladar para aqui o que com tanta competencia e clareza diz o dr. Oscar Clark, jovem e já notavel clinico, sobre este assumpto.

"A conclusão logica que se impõe de todos os trabalhos scientificos, é que uma vez excedido o limite de tolerancia, a **dose hygienica,** o alcool inhibindo as oxydações é egualmente toxico, tanto nos climas frios como nas zonas tropicaes e até mais perigoso durante o rigor do inverno nos climas rudes, **porquanto concorre para resfriar o organismo.** Por outro lado, a therapeutica ensina ser o alcool um anti-pyretico egual aos medicamentos, não só porque diminue as oxydações, como porque deprime os centros nervosos thermicos e determina perda avultada de calor pela vaso-dilatação peripherica.

São innumeras as provas clinicas do grande perigo do abuso do alcool nos climas frios.

Nansen affirma haver supportado o frio intenso do pólo norte porque não conduzia alcool comsigo.

Dr. Tothergill, conta que durante uma noite fria na **Sierra Nevada,** aquelles que não beberam **whisky,** resistiram valentemente á baixa temperatura, ao passo que os homens que ingeriram **a lot of whisky** morreram congelados.

Durante a retirada de Moscow, em 1812, os soldados que ingeriram licores fortes para se protegerem contra o frio, morriam na neve. Os proprios trabalhadores sabem que o alcool mata nos climas rudes. Os cortadores de madeira de construcção no Canadá não ingerem alcool durante o inverno. Uma occasião um companheiro levou um quinto de whisky para a floresta e elles immediatamente deitaram fóra, porque sabiam do perigo que corriam, caso se embebedassem.

Affirmam os religiosos do Monte de S. Bernard que o alcool é a causa mais frequente da morte dos viajantes no meio da neve. Eu proprio, falla o dr. Oscar Clark, tenho experiencia pessoal a respeito e posso garantir que uma bebida quente aquece incomparavelmente melhor que um calice de vinho. Resisti a longos passeios no alto das **bus,** no rigor do inverno, em Nova York, Londres e Berlim, bebendo chocolate quente, ao passo que o whisky ou cerveja fazia-me tiritar de frio em poucos minutos."

Diz mais o illustre homem de sciencia: **"O alcool é um dos maiores inimigos do homem durante a estação invernosa dos paizes frios.** A sua combustão não se processa, elle não auxilia a defesa thermica dos habitantes dessas regiões: ao contrario, baixa a temperatura do corpo de modo consideravel."

Assim, srs., se o alcool não é alimento, como outróra se acreditava; se não é aperitivo, como ainda se suppõe; se não é thermogenico, como os devotos do **subtil** erradamente proclamam; se não tem virtude alguma e produz tanto mal ao organismo, porque não eliminal-o antes que elle nos elimine?

A veneranda e respeitavel Academia de Medicina do Rio de Janeiro, estudando as funestas consequencias desse toxico, que se veste de todas as côres e apresenta todos os sabores, acolheu em seu seio tres propostas, no sentido de ser posto um paradeiro, de ser dado um remedio a esse mal social. Uma radical, que se imitasse os Estados Unidos, que num gesto de mascula energia e de grande patriotismo prohibiram as bebidas alcoolicas (Julio Novaes); outra elevando os impostos sobre bebidas alcoolicas e prohibindo sua venda em estabelecimentos outros que não os exclusivamente destinados a esse fim (B. Penna) e a 3.ª prohibindo a fabricação da aguardente (Carlos Werneck).

Urge que o governo tome qualquer medida no sentido de supprimir o alcool, antes que elle nos supprima.

Em lugar de fabricar esse veneno, as usinas que produzam assucar e o povo em vez de intoxicar-se, degradando-se, infelicitando a prole e avultando a patria, que faça uso do matte, essa bebida saudavel, barata e saborosa.

Que se cohiba o uso do alcool por qualquer meio, porque eliminando-se esse toxico o organismo terá mais resistencia, a mortalidade minguará, os delictos diminuirão, a nossa raça ficará mais forte, a nossa Patria mais prospera e feliz.

Eis os votos de um convicto abstemio.

ALLOCUÇÃO

proferida, como paranympho, na solemnidade da collação do grau aos doutorandos em medicina, em : : 19 de Dezembro de 1922 : :

MEUS JOVENS COLLEGAS

N'um requinte de excelsa generosidade resolvestes pôr o premio acima do merecimento, assim é que aqui me acho, nesta eminencia, para vos dirigir as saudações no momento de penetrardes, ungidos para a santa cruzada, os humbraes da medicina.

O prazer que experimentei ao receber as credenciaes que me davam tão insigue investidura, não consentio que eu medisse o tomo da incumbencia, nem aquilatasse da latitude e difficuldade da missão.

Ainda bem que posso contar com a benevolencia dos jovens companheiros de lucta junto ao leito dos enfermos, e daquelles que aqui vieram dar realce e dar lustre a esta commovente liturgia, destinada á sagração dos novos cathechumenos do sacerdocio do bem.

Elegestes paranympho, meus jovens collegas, um dos lentes mais idosos da nossa Faculdade, fazendo dest'arte recordar que a medicina é sempre representada pela effigie de um velho.

Mas, Srs., essa bella e suggestiva alegoria não significa que o medico provecto deva ser sempre avançado em annos e ande vergado ao peso dos janeiros, não; mas que o medico precisa ser reflectido, ponderado, isto é, deve ter a experiencia de um velho.

Tão pouco esse symbolo quer dizer que o clinico seja tardo, vagaroso, demorado na applicação dos recursos therapeuticos, que assim, não raro, tarde chegariam.

Não, a sua acção deve ser rapida, segura, orientada e idonea para ser efficaz.

Quantas vezes, n'um relampaguear, n'um surto de adivinha, o clinico tem uma idéa nitida da causa efficiente do mal e chega célere, qual novo thaumaturgo, com a providencia do remedio que salva.

Ainda este anno, foram os mais elevados expoentes da política e da administração do Estado testemunhas de uma scena altamente impressionante, que a todos commoveu e encheu de susto, pelo imprevisto do caso e pela posição social da victima.

Na gare de nossa via ferrea, estava sendo esperado o supremo magistrado do Paraná. Os magnates da situação porfiavam em prestar calorosas homenagens ao detentor do poder.

No momento preciso em que as saudações mais animadas e effusivas cercavam o recem-chegado, sentado em um banco da sala de espera, um dos mais respeitaveis membros do Congresso Estadoal, amigo "ex-corde" do Presidente, era preso de uma dyspnéa pavorosa e estortegava n'uma asphyxia imminente.

Mãos fincadas nas coxas, olhos rubros e fixos no soalho, respiração estertorosa e offegante, suores profusos escorrendo do rosto afogueado, ia pondo em jogo, sem articular palavra, todos os recursos para segurar a vida que lhe ia fugindo, — era assim que elle alli jazia, sequioso de oxygenio que viesse minorar a exiguidade do campo da hematose, que cada vez mais se restringia.

Parecia que a morte, zombando da robustez daquelle organismo, projectava já sua sombra sinistra sobre aquella figura veneranda. Eis que chega o remedio no momento em que aquella vida preciosa estava prestes a extinguir-se.

O recurso therapeutico seguro, rapido e efficaz, jugulando o mal, afastou o perigo; poucas horas após estava inteiramente

conjurada a crise e o ancião, sentindo-se um redivivo, entregue ás delicias de um lar digno e venturoso.

Foi a rapidez do recurso efficiente que o salvou.

O medico deve, pois, ter uma intuição segura do perigo e um golpe de vista rapido e certeiro para saber onde elle está e onde se acha o remedio; deve ter um poder de synthese que abranja todas as modalidades do mal que vai combater e todas as fontes onde vai buscar o allivio.

"Deve, em summa, chegar por uma especie de adivinhação rapida e penetrante, como um dardo, á noção justa do mal e do remedio". (F. Soca).

Se o medico nem sempre póde possuir todos esses predicados, em 3 fontes elle é obrigado a haurir os recursos com que vai enfrentar a molestia: **na sciencia, na dedicação e no carinho.**

A sciencia illumina os symplomas e facilita a sua interpretação, esclarece o diagnostico, indica a therapeutica e fornece os recursos para dar allivio, quando não póde curar. A dedicação, confortando e animando, augmenta a resistencia do organismo, que reage com mais vigor.

O carinho, espargindo sobre o enfermo o balsamo do consolo, satura-o de esperança e a esperança nunca deve morrer no coração do enfermo.

O clinico que não enche de esperança o doente não cumpre a parte mais tocante e sublime do seu apostolado.

Nenhum desses attributos falta aos jovens e distinctos collegas que até aqui chegaram, luctando e vencendo.

É preciso continuar sem desfallecimento na rota encetada e não deveis repousar inertes sobre os louros colhidos, fruindo as delicias de Capua.

Os individuos, como as nações, não podem parar na estrada da existencia em contemplações mysticas aos fulgurantes e gloriosos feitos que já vão.

Justissimo é o conceito do inclyto lusitano, quando diz:

Em verdade, Coelho Netto, o pontifice dos prosadores nacionaes, o mais lidimo e fecundo representante da hodierna litteratura do Brasil, escreveo, a proposito de uma entrevista concedida á "A Noite" (10 de Novembro de 922) pelo Prof. Ed. Rabello, sobre o assumpto que vamos perlustrando, um artigo — **O mal terrivel** — que é ao mesmo tempo exhortação e anathema, porque adverte os incautos e profliga o flagello.

Exhortação e anathema formulados n'aquelle estylo castiço e fulgurante que extasia e deslumbra.

É que os conceitos do sabio mestre foram repercutir no coração do artista modelar, que tem alma de estheta forrada de patriotismo, e de sua penna diamantina brotaram, á flux, aquellas gemmas faiscantes.

A lucta vai ser renhida e a victoria não se fará esperar, já que os mais elevados expoentes da intellectualidade de nossa Patria estão tomando parte activa nessa cruzada sacrosanta.

É justo e imprescindivel que assim seja, porque o inimigo, além de poderoso e resistente, adapta-se a qualquer meio, prolifera em todos os climas, ceifa em todas as idades, reveste todas as formas e não poupa tecido algum do nosso organismo.

De facto, a syphilis não respeita elemento algum do nosso corpo; tudo ella invade, tudo altera, tudo corróe, ora insidiosa, ora alarmante. Ella é responsavel por um numero tão elevado de affecções graves, de alterações tão profundas dos tecidos, de disturbios funccionaes tão sérios, que procrastinar a sua repressão é obra anti-patriotica.

Deixemos um pouco de ficções, nós que nellas vivemos mergulhados por indole ou displicencia, e entremos fundo na realidade de nossos males, ainda que da'hi se ausentem, por algum tempo, as imagens polychromas.

Que me seja, pois, permittido exhibir, neste momento, sob a forma de simples clichés, alguns especimens bem suggestivos dessa entidade mórbida.

Acredito assim servir melhor ao alcandorado **desideratum** desta solemnidade do que vir repetir, n'uma plangencia conselheiresca, preceitos corriqueiros de deontologia medica que todos já conhecem; uns, atravez de um atticismo discreto, outros atravez de chavões estirados.

Eis, pois, uma pequena amostra do quanto vale a syphilis em nossa nosologia.

Vêde aquelle hemiplegico, ainda moço, que ali vai tropego, perambulando, com o ante-braço, collado ao peito e a perna ceifando sem cessar: — foi a syphilis que atacou as arterias do seu cerebro, produzindo-lhe um ictus do qual acordou invalido para sempre.

Vede aquelle outro jovem que tacteia, olhos esbugalhados e mesmo assim mergulhado nas trevas: — foi a syphilis que atacou sua retina, apagando a luz de seus olhos.

Vêde aquelle industrial, outr'ora obsequiador, jovial, que ali se arrasta, escabujando, já quasi paralytico e dizendo cousas que ninguem entende: — foi a syphilis que invadio seu systema nervoso e só se deteve em sua obra malefica quando alcançou o exterminio.

Vêde aquelle jovem, pallido, magro, que tem tanta tosse, hemoptyse e do qual todos se afastam com receio do contagio: — foi a syphilis pulmonar, e não a tuberculose, que o deixou naquelle estado.

Vêde aquelle magistrado integro, lhano, outr'ora alegre e operoso, depois anasartico, dyspneico, taciturno, não podendo dar um passo sem debater-se em cruel angustia: — foi a syphilis que invadio seu coração e o tornou assim hydropico. Ainda bem que o tratamento especifico chegou a tempo de fazel-o voltar ao seu antigo estado.

Vêde, aquella esposa jovem, bella e digna que lá anda no manicomio, extranha a tudo e a todos, cantarolando sempre a mesma cousa em uma toada monotona, que causa dó: — foi a syphilis que invadio seu cerebro e de lá expellio sua razão.

Vêde aquelle commerciante activo e lettrado que discutindo um problema de economia politica solta um grito estridente, contorce-se, escabuja e cahe bruscamente no sólo em convulsões tetanicas: — foi a syphilis que produziu aquelle ataque de epilepsia que o vulgo chama gotta coral.

Vêde aquelle cavalheiro espirituoso, solerte, que inopinadamente sente uma forte dor angustiosa no meio do externo, ramificando-se pelo braço esquerdo e cahe redondamente para

nunca mais se erguer, — foi a syphilis, que atacando sua aorta, deu origem áquella angina do peito mortal.

Vêde aquelle doente esqueletico, desanimado, que percorreo, durante annos, as clinicas dos mais afamados mestres, no afan de encontrar um remedio que aliviasse a dôr torturante do seu estomago: — foi a syphilis que produzio ali uma ulcera, felizmente cicatrizada pela medicação especifica.

Agora, Srs., para fechar, com um caso typico e lastimoso, esta exposição eschematica de factos clinicos tão familiares aos medicos, vou relatar mais um, servindo-me do vocabulario campesino, para não lhe tirar a côr local.

Moço ainda, fazendeiro, rico e ali está vergado sob o peso de um duplo soffrimento; e não saberei dizer qual o maior, — se o physico, se o moral.

Hontem era prazenteiro, robusto e feliz parando rodeio, semanalmente, em seu gado espalhado pelas cochilhas verdejantes.

Montava com garbo. Mantinha-se faceiro, qual guapo domador, em seu lombilho chapeado. Atirava o laço, com a certeza de uma setta de Ubirajára. Era tão forte que, laçando um animal chucro, não precisava do palanque para contel-o; bastava firmar o laço no tirador de couro de lontra, que envolvia o seu flanco esquerdo, para o dominar, por mais carreteiro e puxador que fosse. Hoje, mal póde levar aos beiços sequiosos uma guampa de garrote, do saboroso apojo, que fazia as suas delicias.

Mas o que transformou, em tão pouco tempo, esse vigoroso estanciero em farrapo de gente, que mal póde conter-se em pé, e, ás guinadas, tropeça aqui, cahe acolá, transido de dôres fulgurantes e sem orientação em seus movimentos?

Foi a syphilis que invadio a sua medulla e ahi plantou o seu dominio.

Por estes exemplos summarissimos, Srs., por estes eschemas de observações clinicas, podem todos aquilatar da importancia da syphilis como elemento etiologico.

"Entre as infecções chronicas, diz Leredde, uma existe muito

mais frequente e talvez mais mortifera que a propria tuberculose — a syphilis. Ella é a inimiga mais temivel da raça humana"

Ella não faz distinção de castas, não respeita categoria e desconhece as hierarchias, ataca todos, sem distinção: e se fosse possivel lobrigar ou apurar predilecções, essas seriam, sem duvida, pelas classes mais favorecidas da fortuna, principalmente, as que habitam as grandes cidades.

As affecções que ella origina são tão numerosas e revestem-se de formas tão variadas que, algumas vezes, é quasi impossivel o diagnostico. E ahi se justifica o conselho do Prof. Austregesilo, quando diz: "O clinico deve pensar syphiliticamente".

E como se adquire esse flagello, que é um perigo individual, familiar e social? Ora, por intermedio de um beijo, que parecia tão casto: — um estudante volta da Academia e ao encontrar a irmãzinha, dá-lhe um beijo, n'uma effusão de alegria e inocula-lhe a syphilis. Ora, é a borda de uma taça de champagne que havia sido tocada por um syphilitico e, polluida, levou o virus aos labios de um jovem incauto. Ora, é uma navalha, um objecto de toilette ou de mesa que vai produzir a infecção.

Ora, é o dentista pouco cuidadoso que não desinfectando seu instrumental, leva á bocca de uma esposa virtuosa e moça o germen morbigeno apanhado em um syphilitico que a precedera na cadeira. Ora, é o progenitor dissoluto ou negligente que transmitte á prole essa herança damnosa. Ora é um acto de caridade que vai dar lugar á infecção: uma criança nas Tuileries cahe e faz uma excoriação no joelho. Uma senhora, que presenciára o pequeno accidente, tira de sua bolsa um pedaço de taffetá inglez, molha-o com saliva e applica-o sobre a ferida. Um mez depois, apresenta-se no lugar da excoriação um cancro syphilitico.

Ora, é o contacto impuro d'aquelle que tem obliterado os mais nobres sentimentos, que vai espalhando essa calamidade por toda parte onde passeia o seu despejo.

Srs., todas as nações civilisadas fazem hoje uma campanha tremenda contra a syphilis, que vai diffundindo-se em proporções assombrosas após a guerra mundial.

A França alarmada com o resultado das estatisticas que mostram de modo irrefutavel o incremento das molestias venereas e a crescente devastação que a syphilis vai produzindo, organizou, sob os melhores auspicios, um "Comité" nacional de educação prophylactica, collocando na presidencia o venerando prof. Pinard.

Sob o patrocinio do eminente Paulo Appell, reitor da Universidade de Paris e membro do Instituto, fez o Comité publicar este anno o **"Manual de educação prophylactica"** no qual collaboram, além de 2 senhoras distinctas (Mms. C. André e A. de Saint Croix), os que versam esse assumpto com mais competencia.

Esse **Comité** tem procurado demonstrar por todos os meios que a syphilis não é molestia **pudenda,** que é molestia **grave,** mas curavel; que todo syphilitico deve submetter-se a um tratamento rigoroso em seu proprio beneficio e em beneficio de sua familia e de sua Patria; que a syphilis, perigo terrivel para o individuo, para a raça e para a Patria, desappareceria se todos os syphiliticos se submettessem a um tratamento rigoroso.

Nos Estados Unidos, os meios preventivos aconselhados no exercito têm produzido resultados maravilhosos.

No Brasil, de norte a sul, já vão despertando a attenção dos poderes publicos os perigos da avaria.

No Rio de Janeiro a campanha vai intensa e á frente della está o Prof. Rabello, que vale por uma legião.

Aqui, no Paraná, essa benemerita Prophylaxia Rural tão malsinada por aquelles que, possuindo um raio visual tão exiguo, não chegaram a perceber o alcance patriotico de tão bella instituição, vai levando a effeito, com o auxilio do esclarecido Governo do Estado, o inestimavel serviço da prophylaxia venerea. Ainda ultimamente, um dos seus mais distinctos servidores, o talentoso Prof. Luiz Medeiros, publicou sobre o palpitante assumpto, um trabalho digno de apreço e diffusão — **"A Educação Sexual".**

É curial, Snrs. que se calem as vozes auctorizadas, as que têm uma particula siquer de responsabilidade sobre a saude publica, deante de um molestia que é uma verdadeira hecatombe,

deante de um flagello que só na França mata annualmente perto de 100.000 pessoas?

É justo que se mettam nas encolhas os responsaveis pela conservação da saude publica, quando a syphilis ataca mais da quinta parte da população adulta; e, nos hospitaes, é responsavel por mais da metade dos enfermos?

É justo que essa peste trahidora, proteiforme, continue a deteriorar impunemente o cerne das nações, sugando-lhe a energia?

É justo que, ignorada 20 vezes em 100 homens atacados, 40 vezes em 100 mulheres contaminadas e 90% nos casos de syphilis hereditaria continue a sua nefasta obra de sapa, sem obices de vulto, por parte dos poderes publicos?

Não será de hygienista, Srs, nem de patriota, e nem de estadista occultar os perigos que taes molestias offerecem e as ceifas que vão produzindo em todos os recantos do mundo.

O preconceito estulto de esconder os males que nos affligem e deixar que elles prosigam, á socapa, o seu trabalho de arrasamento, é a expressão de uma hypocrisia inepta, de um falso patriotismo, que nada justifica, sinão a ignorancia, a inepcia ou a falta de energia para enfrentar o mal e dar-lhe combate de morte.

Não digo, Snrs. que se deve simplesmente, por um leviano exotismo, escancarar as nossa doenças aos olhos de todo mundo; não, mas não devemos ter receio de estudal-as á luz meridiana, conhecel-as a fundo e até proclamal-as, para que o estrondo de seus perigos consiga despertar o optimismo indigena, que vive amodorrado em seus devaneios, e faça com que os validos de todas as espheras entrem resolutos na liça, combatendo o bom combate.

Se Miguel Pereira não tivesse titulos de sobejo para garantir a perpetuidade de seu nome, bastava aquella apostrophe vehemente, aquelle brado ousado e relumbante que, como um latego providencial sacudio todo o Brasil, despertando nelle novas e fecundas energias.

"O Brasil é um immenso hospital".

Os accommodaticios, que são muitos, os mollengas, que não são poucos, os indifferentes, que são legião, e os de pequena envergadura, que são numerosos, acharam que elle não devia gritar tão alto, naquella solemnidade tão publica, com receio de que sua voz altisonante fosse ouvida além de nossas fronteiras.

Mas, os bem avisados, os esclarecidos e sinceros amigos do povo bateram palmas, em acclamações ruidosas e alviçareiras, prevendo que a proclamação franca e patriotica d'aquelle nobre e fino espirito devia redundar em beneficio aos pobres e enfermiços filhos desta grande terra, que viviam esquecidos dos poderes publicos.

E não se enganaram, essa denuncia do emerito mestre foi, incontestavelmente, o ponto de partida da campanha pró-saneamento e a consequente organisação do **Departamento Nacional de Saude Publica,** que tantos serviços já tem prestado.

Meus caros e jovens collegas, é chegado o momento de fazermos as nossas despedidas.

Só me resta pedir que perdoem a prolixidade desta allocução, que está aberrando das praxes academicas e deslocando das velhas usanças; mas que, em parte, se justifica pelo anceio de servir neste ultimo contacto do professor com seus queridos alumnos, que já agora são collegas, a majestade da nossa profissão e os interesses sanitarios de nosso torrão natal.

Ide para onde os vossos destinos e que a felicidade nunca vos abandone.

Nevrose respiratoria

Ha poucos dias fui chamado para attender uma cliente de 30 annos de idade, viuva, nervosa, de excellente cultura intellectual e a quem, ha longos annos, presto os serviços de minha profissão.

Informou-me que ha cerca de oito dias, vem soffrendo de uma perturbação respiratoria tão molesta que até o somno não podia conciliar como outr'ora. Estava atacada de uma angustia respiratoria, de um mal estar tão pronunciado que nem podia entregar-se aos seus affazeres domesticos.

Era uma tortura o seu estado, pois vivia agora obrigada a preoccupar-se com o seu folego para evitar uma suffocação... Sentia deficiencia nos movimentos respiratorios, parecia-lhe que o ar normalmente absorvido já não era sufficiente para as suas necessidades e a respiração era curta, superficial, sendo coagida, a toda instante, a fazer com sacrificio uma grande inspiração.

"Agora Dr., não tenho mais duvida, soffro do coração, apesar de sua reiterada affirmação em contrario. E a molestia deve estar bastante adeantada, pois não tenho tosse, não tenho dores e, entretanto, parece que irei morrer asphyxiada se não estiver attenta e tomar um folego forte".

Comecei a observar a doente que estava nervosa e muito apprehensiva com a nova doença.

Notei que, após 3 a 4 movimentos respiratorios superficiaes, ella fazia uma ampla e ruidosa inspiração; e, apesar desse esforço empregado em aspirar o ar, nem sempre sentia um bem estar. Observando attentamente aquelle esforço, aquelle nervosismo, em effectuar um acto que no estado normal é inconsciente e executado expontaneamente, verifiquei que a minha cliente **não mais sabia respirar.**

Em verdade, notei que esses 3 ou 4 movimentos respiratorios que antecediam uma larga inspiração não estavam de accordo com as normas physiologicas. Quando ella fazia as inspirações, em lugar da dilatação thoraco-abdominal dava-se uma retracção, não consentindo essa manobra que o pulmão se dilatasse amplamente e que o ar entrasse em abundancia para o phenomeno da hematose.

Com paciencia mostrei-lhe que o que se estava dando era uma simples perturbação ou inversão do acto respiratorio.

Observava-se nella um movimento paradoxal: — aspirava o ar e em vez de dilatar-se o thorax e dar-se a amplitude do ventre verificava-se que a parte inferior do thorax retrahia-se, bem como o epigastro.

Tratando-se de uma pessoa muito intelligente não tive duvida em entrar em alguns conhecimentos physiologicos attinentes ao caso.

Se a inspiração é um movimento activo, resultante, principalmente, da contracção do diaphragma, que, por sua vez, produz a dilatação thoracica, não só no sentido vertical como no antero-posterior e transverso, claro é que durante esse acto o thorax deve dilatar-se e o abdomen ampliar-se. Entretanto, em minha doente o contrario é que se observa; — as 3 ou 4 inspirações de cada serie são caracterisadas pela retracção clara, manifesta do epigastro, que fica reintrante, fundo, em vez de ampliar-se.

Isso significa que o mais poderoso orgão da inspiração está funccionando mal, ou melhor, que só raramente funcciona normalmente.

No movimento inspiratorio não entram em jogo todos os intercostaes e a parte mais activa está confiada ao **septum transversum** dos antigos anatomistas e não ás propriedades do tecido pulmonar, como se acreditava.

Procurei convencer a doente que era necessário corrigir essa perturbação e tentando imitar o que se dava com ella mostrei como proceder para voltar ao seu antigo estado.

Comecei fazendo inspirações com retracção epigastrica, neutralisando a acção do diaphragma, o que traz uma crescente

angustia respiratoria em curto lapso de tempo, para então voltar a respirar normalmente, isto é, fazendo o diaphragma entrar em acção, e **ipso facto,** ampliar-se visivelmente a parte superior do abdomen.

Depois de convencermol-a que sua **molestia** não tinha gravidade alguma e ensinar-lhe como devia corrigir seu movimento respiratorio retirei-me, tendo receitado uma poção anti-espasmodica.

* * *

Percorri, além de alguns jornaes de medicina, varios tratados de clinica medica e 1/2 duzia de physiologias e não tive a fortuna de encontrar qualquer referencia a essa perturbação funccional, a não ser no livro de "Huchard — **Consultações medicas** (molestias do apparelho digestivo e respiratorio — 1911); entretanto essa nevrose respiratoria, esse **faux pas** do diaphragma não é raro.

Nada menos de 4 casos bem caracteristicos tenho deparado em minha clinica, os quaes aqui vão relatados, summariamente.

2.° Caso: — F... de 30 annos, fazendeiro em uma das localidades mais afastadas da Capital, forte, tendo gosado sempre bôa saude.

Ha alguns mezes está soffrendo de um disturbio respiratorio, que attribue a uma lesão cardiaca, tanto que seus pés algumas vezes ficam edemaciados.

Não tem mais aquella agilidade, e desembaraço **para lidar com o gado no rodeio.** Sente-se fatigado, torturado mesmo por essa especie de suffocação que não o deixa, nem de dia e nem de noite. É verdade que algumas noites dorme muito bem, mas ao despertar já sente que sua respiração é oppressa, que tem necessidade de fazer, de momento em momento, uma inspiração forte para satisfazer a sua sêde de ar e mesmo assim, não raro, fica insatisfeito.

O doente, que fez uso de muitos medicamentos sem resultado, veio de sua Fazenda especialmente para ver se era possivel ficar livre desse encommodo que vai tornando sua vida insupportavel.

Robusto e de excellente aspecto não parecia soffrer de qualquer perturbação morbida, á excepção daquelle desvio respiratorio que o obrigava a executar a todo momento uma forte e suspirosa inspiração. Fil-o sentar-se sobre a mesa de exame e verifiquei que após 4 ou 5 movimentos respiratorios rythmados, moderados e superficiaes elle fazia uma ampla e ruidosa inspiração. Notei mais que durante aquella serie de movimentos inspiratorios superficiaes e convocavo epigastrico retrahia-se, em vez de dilatar-se, de ampliar-se.

Dir-se-hia que o ar aspirado não enchia o pulmão, não bastava á hematose, porque as visceras abdominaes que deviam ser recalcadas para baixo, por motivo da franca dilatação das vesiculas, elevavam-se, comprimindo o diaphragma e obstando o funccionamento regular dos pulmões. Era um movimento respiratorio invertido, era o diaphragma que não se contrahia no momento da inspiração, como orgão principal e indispensavel a esse acto, deixando que a pressão abdominal impedisse a regular ampliação do folle respiratorio. Fazia-se necessaria a intervenção da vontade, promovendo uma forte inspiração, para que o diaphragma funccionasse.

Este musculo estava inerte, preguiçoso, não desempenhando normalmente o seu papel. Notei mesmo que durante as fortes inspirações, algumas vezes elle deixava de contrahir-se.

Examinando seu coração e outros orgãos nada de anormal encontrei. Nu's o thorax e o abdomen, fiz com que o doente verificasse o que se passava durante os tempos de sua respiração; tendo antes mostrado, em um individuo normal, o effeito da inspiração e respiração sobre a região thoraco-abdominal.

Patenteando a anormalidade no desempenho de uma função essencial á vida, concitei-o a corrigir, de conformidade com o que eu ia mostrar-lhe. Fiz, então, o meu **modelo** respirar, ora normalmente, ora retrahindo o abdomen por occasião da inspiração, isto é, deixando inerte o diaphragma. Após algum tempo de exercicio despedi-me de F... que parecia não ter ficado bem convencido do que lhe havia eu ensinado.

Tendo voltado no dia seguinte, fil-o deitar-se e, crusando as mãos sobre o epigastro, mostrei-lhe como podia apreciar a correcção de seus movimentos respiratorios: se durante a inspiração **seu peito e ventre** se dilatassem, levantando suas mãos,

signal é que o acto estava correto e assim deveria proceder varias vezes ao dia até que novamente aprendesse a respirar.

Estando F... ainda nervoso, e tendo necessidade de regressar aos seus penates, prescrevi-lhe valeriana e bromureto de potassio e elle se foi, já melhorando.

Decorrido um mez delle recebi uma cartinha em que, muito satisfeito, me dizia **já ter aprendido respirar.**

* * *

3.° Caso: — A... engenheiro, muito jovem, emotivo e escrupuloso em excesso. Procurou-me porque andava soffrendo de dores na região precordial e seu coração já não era o mesmo de outro'ra, deixando-o agora **com o folego curto.**

Attribuia todo seu mal a excesso de trabalho, emoções repetidas, aborrecimentos esses que **desmantelaram seu coração.**

Nada mais que uma ligeira tachycardia notei para o lado do orgão central da circulação.

Observando-o attentamente verifiquei que o seu soffrimento estava ligado simplesmente a uma paresia do diaphragma e essa paresia era responsavel pelo movimento paradoxal da respiração, ou falso passo desse musculo. Melhorou dentro de alguns dias, chegando a restabelecer-se em pouco tempo; mas, a miudo, volta ao meu consultorio queixando-se de **folego curto** e sempre receioso de uma lesão cardiaca.

O 4.° caso é de um funccionario publico que, por motivo de soffrimentos moraes, ficou com a nevrose diaphragmatica, tendo a paresia desse orgão desapparecido em poucos dias. A symptomatologia que elle apresentava era, **mutatis mutandis** a dos casos já referidos.

* * *

Huchard estuda em seu livro citado, sob o titulo **inercia hysterica do diaphragma,** essa paresia do principal factor do movimento respiratorio.

O doente que motivou esse estudo era um jovem de 16 annos e meio, pouco desenvolvido e nada soffrendo para os lados de coração e pulmões.

Elle fazia com certa regularidade, a espaços, uma respiração profunda e suspirosa.

"Seu diaphragma fica inerte durante a inspiração, a parede abdominal em vez de abahular-se está retrahida, depremida, ao passo que durante a expiração essa mesma parede distende-se para a frente, ao contrario do que se nota no estado normal.

É justamente esse o phenomeno que apresentam os doentes que observei e que merece de Huchard tantos qualificativos: **paresia do diaphragma, astasia-abasia da respiração, hysteria mono-symptomatica e neurose respiratoria.**

Duchenne estuda 3 causas principaes de paralysia do diaphargma: saturnismo, histeria e inflammação dos orgãos visinhos.

Huchard acrescenta mais uma — a asthma.

* * *

São estas ligeiras considerações que eu desejava fazer em torno de uma perturbação morbida, de nenhuma gravidade e que tanto alarma os doentes, lamentando não ter encontrado, entre os nossos grandes mestres nacionais, qualquer referencia a seu respeito, sem duvida porque de MINIMIS NON CURAT PROETOR.

Curityba, 12 de Janeiro de 1923.

ACADEMIA DE LETRAS DO PARANÁ

O ELOGIO DE VICENTE MACHADO PELO ACADEMICO DR. JOÃO CANDIDO FERREIRA

Medico, dedicando-me quasi que exclusivamente aos misteres de uma profissão absorvente e ponteada de peripecias enervantes, não atino porque fui alçado até esta altura de membro de um cenaculo, onde culminam as bôas letras, onde se cultua a pureza da forma e a elevação da idéa.

Fui elevado a este posto invejavel, e aqui estou, timido, perplexo, aturando, cheio de emoção, uma das provas por que deve passar o eleito.

Se me fallecem predicados para attingir esta culminancia e vigôr para nella manter-me, porque aqui me collocaram tantas figuras eminentes da literatura de minha terra, responsaveis pela bôa fama que gosam os intellectuaes paranaenses?

Tenho escripto, é verdade, e até bastante, mas sòmente sobre cousa da medicina ou que com ella contendem ou frisam, sem a menor preoccupação da belleza da forma que empolga e da emoção que possam despertar os periodos, que vão saindo, vagarosamente, de minha penna rude.

Mas, então, senhores, porque esta homenagem que tanto me desvanece, tanto me exalta e me enche de um nobre orgulho?

Haverá aqui, por ventura,mister de um medico, receiosos os membros deste arépago de uma vertigem quando, desfructando as delicias dos paramos azues, mais alto se elevarem nas asas da poesia ou nos arroubos de uma prosa ineffavel?

Não creio, apesar de saber que toda obra do engenho humano inspirada nas mais puras e ardentes vibrações da alma,

animada de um sopro divino, distilla sempre um nectar inebriante.

Então, esse gesto captivante só se pode explicar por um excesso de generosidade, que obumbrou o juizo critico dos principaes organizadores da Academia de Letras do Paraná.

Eu tive, quando moço, algumas velleidades.

E quem não tem a sua "Princesse Lointaine", consoante a phantasia que saiu da penna fulgurante de Rostand? Uns ficam exanimes, vencidos pelos obices no meio da jornada; outros prosseguem, attingem o ideal almejado e, no esplendor de um sonho que se realiza, adormecem venturosos.

Eu não fui dos menos felizes na conquista da "Princeza Lointaine" de meus modestos sonhos da mocidade.

Tive, é verdade, singelas aspirações que acalentavam minha alma. E porque não confessar tudo já agora na tarde da existencia?

Entre essas, — duas me occorrem lampeiras á memoria: escrever um artigo para a primeira pagina do "Jornal do Commercio", quando elle ainda era uma verdadeira potencia e — fazer parte da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, onde pontificam os mais elevados expoentes da medicina indigena.

Consegui, como almejava, publicar um longo artigo doutrinario na primeira pagina do grande orgam carioca.

Bem me recordo da emoção que esse acontecimento despertou em minha alma, nimbada ainda das mais fagueiras ilusões.

Foi o artigo entregue ao velho e austero Pederneiras, um dos redactores do Jornal, que prometteu publical-o sem tardança, se estivesse de accôrdo com o pensamento e com as sevéras normas da Redação.

Esperei ancioso.

No dia seguinte, muito cedo, abri o Jornal — nada; no subsequente, ainda nada. Já se ia dissipando aquelle grande sonho da minha mocidade, quando mais proximo da realidade alviçareira eu o julgava.

No 3.º dia, pego do Jornal, e tremulo, palpitante n'um mixto de espanto e alegria, lá encontro espalhado pelas famosas columnas do decano da imprensa carioca o meu artigo de combate

N'um açodamento infantil, percorro as columnas do grande orgam, lendo, aqui um periodo, mais longe outro, lá distante ainda outro e depois a assignatura, receoso que algo lhe faltasse. Com o Jornal na mão, como um labaro, ou melhor como um tropheu, olhei sobranceiro em torno — ninguem, nem o criado que ali m'o deixara indifferente. Relancei o olhar pelo exiguo aposento, resfoleguei, soltando um longo suspiro de allivio e satisfação, depois me sentei para gosar as delicias d'aquellas palavras que deviam ter agora novo encanto aos meus ouvidos, que deviam cantar como cascatas magicas ao meu orgulho satisfeito.

Sentei-me, para incontinenti levantar-me pungido por aquelle isolamento, incompativel com o alvoroço que ia dentro do meu peito.

Sahi e andei pelas principaes ruas da cidade, adquiri mais dois exemplares do Jornal, em pontos diferentes, e encontrei alguns amigos que de tudo sabiam e que sobre tudo discorriam, menos sobre o grande successo, que inflava a minha vaidade.

Eu que suppunha que toda aquella marulhosa população tivesse lido o "Jornal do Commercio" daquelle dia memoravel, enganei-me redondamente. Ninguem se apercebera do estirado artigo que, em minha ingenuidade, devia ser um centro de attracção e, no lugar em que estava engastado, devia ter lampejos diamantinos.

Regressei ao hotel sobraçando alguns exemplares do respeitavel periodico e esmagado por aquella indifferença que tanto me surprendia e torturava.

Mais tarde, dias e dias decorridos, dois amigos, dois apenas, Rodrigo Octavio e Bulhões Carvalho, felicitaram-me com effusão pelo duplo sucesso de collaborar no Jornal e não me alistar entre os carneiros de Panurgio, na questão que debati.

Dois apenas, mas esses dois valiam bem por uma legião, vingaram aquella indiferença que tanta surpresa me causara e que hoje considero tão natural, tão rasoavel e tão humana.

Dirá aquelle que nunca se preocupou com essas futilidades de publicar artigos na imprensa: "que frivolidade essa de querer collaborar no Jornal" e eu lhe responderei, imitando Bilac, tenha uma opinião arraigada, sustente-a com calor, rebata com energia as contradictas que esfusiam como invectivas, e então achará um encanto indizivel e dará valor a um artigo estampado no maior orgam de publicidade que possuimos.

— Quando entrei para a Academia Nacional de Medicina, vivia no seio de Abrahão lapeano e já faz tantos annos, que melhor é correr um véo sobre esse successo que se vai diluindo, ennevoando — n'um passado longinquo, e que só a mim interessa.

Ademais, eu aqui estou, não para tratar de minha pessoa que nada vale e sim da individualidade extraordinária de Vicente Machado, unica razão de minha presença nesta tribuna.

* * *

Eu não venho, Snrs. fazer a biographia completa do grande e inexcedivel paranaense, patrono da cadeira que occupo nesta Academia, pois trabalho de tal vulto não póde ser levado a effeito em uma simples allocução.

Um livro não seria demais.

Eu apenas venho indicar a trajectoria desse insigne homem de Estado, que cada dia mais se eleva no culto e na admiração dos seus patricios, pondo em relevo os factos principaes de sua tão curta, tão agitada e tão preciosa existencia.

* * *

Vicente Machado da Silva Lima nasceu no dia 9 de Agosto de 1860, na cidade de Castro, deste Estado.

Foi casado, em primeiras nupcias, com a Exma. Snra. D. Maria Antonia M. Lima e em segundas nupcias com a sra. D. Helena de Loyola Machado Lima.

Do primeiro matrimonio teve os filhos seguintes, quasi todos bachareis em direito: — Drs. Caio Machado, Antonio Jorge, Vicente Machado e João Machado. Do segundo matrimonio: Laura, Sarah, Gastão e José.

Desde a sua infancia, elle manifestou uma vontade firme e um espirito lucido.

Narra um de seus biographos que "ja se constituia chefe resoluto, persuasivo e pratico das reacções collegiaes e dos prelios infantis... Os livros escolares, elle os devorava admiravelmente, interpretando com facilidade rara os seus assumptos, vencendo classes mais adiantadas nas pugnas estimulantes das sabbatinas, á férula..."

Aos 16 annos (1876) entrava para a Academia de S. Paulo e aos 21 (1881) recebia o grau de bacharel em direito.

Em todo esse lustro, escreve o saudoso paranaense Domingos Nascimento, "elle foi: **primus inter-pares**" nas agitações ruidosas da vida bohemia e das correntes libertarias do seu tempo".

Na Paulicéa, durante o seu curso, elle se impoz como um bohemio cheio de ousadia e de talento.

Abolicionista enthusiasta, elle não perdia occasião de manifestar o seu ardor pelas campanhas em pról da liberdade; democrata exaltado, elle estava sempre prompto para luctar pelo advento da Republica.

Formado em 1881, regressa ao seu Estado natal, occupando, successivamente, os seguintes cargos:

Promotor Publico da Capital em 1881.

Secretario do Governo em 1882.

Lente de Philosophia, no Instituto Paranaense.

Juiz Municipal da Comarca de Ponta Grossa em 1883.

Agora que falle o illustre patricio Dr. Sebastião Paraná, naquelle estylo só seu, attrahente e bizarro, sobre esses varios estádios da carreira triumphal do grande paranaense.

Diz o illustre confrade:

"Sua estréa na tribuna judiciaria foi importante, constituindo um verdadeiro triumpho. Lembramo-nos ainda da victoria extraordinaria alcançada então pelo jovem orgam da justiça social nesse memoravel torneio da intelligencia.

Velhos e distinctos advogados o escutaram com attenção, sentindo-se emocionados ao som do salmo brilhantissimo pronunciado com fervor pelo inspirado tribuno.

Deixando o cargo de Promotor da Capital, em que tanto se distinguiu pela sua intelligencia mascula e reconhecida competencia profissional, foi nomeado em 1882 Secretario do Governo do Dr. Carlos Augusto de Carvalho, prestando relevantes serviços áquella fecunda administração provincial.

Da cadeira de Secretario do Governo passou para a de lente de Philosophia do Instituto Paranaense.

Neste honroso posto vimol-o por vezes prender a attenção de seus alumnos em luminosas dissertações scientificas.

Em 1883 foi nomeado Juiz Municipal da Comarca de Ponta Grossa.

Durante a curta permanencia na sua cadeira de Juiz honesto e criterioso, soube honrar a magistratura nacional, applicando em suas decisões todas as nórmas da jurisprudencia.

Espirito alevantado e superior, talhado para não viver submisso e ás voltas com velhos autos, deixou o cargo de Juiz e abriu banca de advogado naquella cidade do interior, onde iniciou com brilhantismo a sua carreira política, filiando-se ao Partido Liberal"...

Em 1884, durante a administração do Dr. Brazilio Machado, foi assiduo collaborador do "Dezenove de Dezembro" e "Provincia do Paraná", onde escreveu excellentes artigos sobre a causa publica, revelando-se ardoroso abolicionista.

Sentindo necessidade de um ambiente mais amplo, mais agitado, onde as suas qualidades de luctador ousado e de orador eloquente pudessem expandir-se livremente, atirou-se aos braços seductores da politica.

Ferindo-se em 1886 o pleito eleitoral para os cargos de Deputados á Assembléa Provincial, elle apresentou-se candidato dissidente do Partido Liberal, em que militava.

A sua fama de moço intelligente, de orador primoroso, de patriota ardente e esforçado luctador, conquistou os suffragios suficientes para sua victoria, nesse pleito memoravel.

"Aos olhos avidos e pasmos dos seus pares, o deputado dissidente patenteou, nesse biennio (1886-1887), toda a força pujante do seu talento, revelando ao mesmo tempo o seu accentuado espirito de poltico previdente e mais que tudo o entranhado amôr por esta terra que foi sempre o seu maior orgulho". (Dr. J. Pernetta).

Assim se foi constituindo o nucleo de um grupo de correligionarios que o cercavam com dedicação e o applaudiam com enthusiasmo, attrahidos todos pela fascinação do seu valor pessoal e pela ascendencia que ,naturalmente, elle ia exercendo em qualquer meio em que militasse.

Taes qualidades revelou nesse biennoi, que já no seguinte o Partido Liberal o apresentou como candidato official.

Era seu lemma a aspiração d opoeta: "Sobe por teu valor, vale por teu trabalho".

Para esmar o seu prestigio politico, conquistado em tão curto lapso de tempo, basta recordar que o Conselheiro Jesuino Marcondes, atilado e acatado chefe liberal, ao communicar a escolha do jovem paranaense disse, em uma reunião de amigos intimos: Eis aqui a esperança do partido.

Os seus alevantados ideaes de liberdade e progresso, a sua repulsa aos principios monarchicos não podiam consentir que elle se conservasse por longo tempo nas fileiras do Partido Liberal, onde tantos triumphos oratorios já havia alcançado.

De facto, em 1888, em um notável discurso, na Assembléia Provincial fez, com o ardor de um verdadeiro crente, a sua profissão de fé republicana.

Na sessão de 22 de Agosto desse mesmo anno justificou uma indicação, em palavras ardentes, sobre a necessidade inadiavel de tornar-se effectiva a federação das Provincias por "uma descentralização completa, politica e administrativa". Essa indicação apresentada pelo moço republicano teve larga repercussão, na Provincia e fóra della.

Na sessão de 23 de Setembro de 1889, dois mezes antes da proclamação da Republica, pronunciou um discurso arrebatador, onde reaffirmava as suas convicções republicanas.

Esta pequena amostra da notavel oração, synthetiza o seu pensamento: "Ha um anno mais ou menos, Snr. presidente, deante do quadro desolador que apresentava o paiz no maior descalabro governamental; deante da perspectiva sombria que escurecia todos os horizontes, eu entendi dever abandonar a bandeira a cuja sombra tinha ha alguns annos combatido e ir luctar pela democracia pura e alistar-me entre os trabalhadores da Republica, unico governo que podia e pode minorar as angustias da Patria, e encaminhal-a para um futuro de grandeza".

A sua propaganda a favor da causa republicana intensificou-se no Estado, e elle dividia a sua assombrosa actividade entre a tribuna popular e a redacção da "A Republica", despertando admiração e criando proselytos.

Proclamada a Republica, era necessaria a escolha de um chefe, que reunisse um conjuncto de qualidades superiores para satisfazer as altas aspirações democraticas do momento. Não podia haver hesitação na escolha daquelle que devia conduzir o guião da nova cohorte, que devia tomar sobre os hombros as responsabilidades da situação dominante. Vicente Machado foi naturalmente escolhido e paulatinamente foi organizado um partido que se tornou baluarte inexpugnavel.

A sua autoridade de chefe incontestavel e o seu prestigio de politico esperto e patriota se iam consolidando ao embate das dissensões e controversias, que elle habilmente aplacava.

Após o advento da Republica, fez parte do Governo Provisorio, occupando o cargo de Chefe da Policia. Depois foi Presidente da Camara de Curityba e mais tarde Superintendente da Instrucção Publica do Paraná.

O facto de ter Vicente Machado occupado com raro brilho tantas e tão variadas posições durante um certo espaço de tempo e em todas ter manifestado inexcedivel capacidade de trabalho e uma competencia assombrosa, é prova eloquente de que elle possuia um conjuncto de dotes excepcionaes que o extremavam dos seus concidadãos.

Vicente Machado não era homem para quedar-se inerte e desempenhar papeis secundarios, no ambito em que exercia sua actividade.

Não era compativel com a sua energia, ansia de progresso e desejo de subir e subir sempre, o papel de burocrata, tão almejado, por certo casta de gente, e que se resume na assignatura regular do ponto e na pontualidade á pagadoria cada mez.

Com o grande predominio que já exercia neste territorio e o afan que evidenciava de cercar o Estado de todas as garantias, promovendo seu progresso e assegurando todas as liberdades, elle não podia deixar de fazer parte do Congresso Constituinte Estadual, presidindo á confecção da nossa carta constitucional.

Foi alem, superintendeu a organização do ensino, da força publica, da Justiça, deixando em todos esses departamentos da administração o cunho de sua individualidade superior.

Em 13 de Abril de 1893, na qualidade de Vice-Governador do Estado, assumiu a responsabilidade do Governo, justamente quando a revolução federalista, talando os campos do Rio Grande, se apresentava para invadir as fronteiras do Paraná, acossada pelas forças legaes.

Invadido o Paraná em Janeiro do anno seguinte, o Governador preparava-se para "assegurar a ordem publica e garantir a tranquilidade do Estado" conforme a moção votada pelo Poder Legislativo de 30 de Novembro de 1893.

Não tendo encontrado apoio para uma resistencia efficaz á horda invasora, Vicente Machado foi obrigado a deixar a Capital a 18 de Janeiro, ficando suspenso no Estado o Governo Legal. Reassumiu as suas funcções a 12 de Abril, em Castro, e entrando em Curityba a 5 de Maio de 1894, dirigiu ao Congresso Legislativo uma Mensagem, a 18 do mesmo mez, na qual affirmava: "Diz-me a conciencia, que, utilizando os poderes que me conferistes, tudo fiz para que o nosso querido Estado não fosse victimado pela invasão, o que infelizmente não pude lograr pelo desdobramento sinistro que aos acontecimentos imprimiu a fatalidade".

Accusado de ter abandonado o Estado, deixando sem defesa os amigos e o territorio confiado á sua guarda, defendeu-se cabalmente.

"Eu não havia de ficar, disse elle no Senado, guardando sereno o posto que me confiava o voto popular, quando não tinha elementos para garantir a minha auctoridade, nem forças

para fazel-a respeitar; praticaria um sacrificio inutil, permanecendo na Capital, quando diante de mim eu via correr apavorado o Commandante do Districto, o chefe de todas as forças militares, e não seria com duas ordenanças, acompanhado de meia duzia de amigos desarmados, que poderia resistir á invasão; e quando se escrever a historia desapaixonada e desprevenida de todos esses factos, ha de se dizer que procedi com dignidade, civismo e patriotismo".

Vicente Machado que havia sido anteriormente convidado pelo Commandante das forças militares do Paraná, Cel. Soares Barbosa, para adherir á revolução, ou ficar neutro, teve uma resposta digna de um grande patriota, consciente das responsabilidades que pesavam sobre seus hombros. A sua resposta foi transmitida por telegramma ao Marechal Floriano nestes termos: Marechal Floriano Peixoto (Urgentissimo).

"O Cel. Barbosa, Commandante guarnição, acaba convidar-me a manter neutralidade perante revolução, declarei-lhe que estava de armas na mão ao lado do Governo legal... Só abandonarei meu posto, vencido".

Tendo regressado a Curityba por entre as mais calorosas manifestações de alegria, viu-se o Governador cercado de uma apotheose nunca até então observada nesta terra.

Decorridos alguns dias, após a sua chegada triumphal, eis que se propala, causando arrepios de terror, a noticia de uma carnificina na Serra.

Levantou-se a mais formidavel e torva accusação ao chefe do Governo legal, sendo, entretanto, bastante a narrativa do monstruoso attentado para que se tenha a firme convicção de que um homem da estofa de Vicente Machado não seria capaz de tamanha covardia.

Faz 30 annos que se desenrolou essa scena dantesca.

Cada mês que se escôa vai deixando sobre esse acontecimento hediondo, a poeira do esquecimento, que tudo procura sepultar; e apesar de já terem decorrido 360 mezes ainda essa macula, atirada á face dos vencedores, não conseguiu apagar-se e jamais se extinguirá.

A população paranaense, sem distincção de credo politico, ao ter sciencia dos factos occoridos na Serra, (kilometro 65),

soffreu um choque metuendo, como se um raio estalasse em seus pés, esphacelando tudo em redor. É que, alem da covardia e ainda a da hediondez do caso, que fazia vacillar de pavor os animos mais robustos, sentiam-se todos ameaçados em sua existencia, justamente por aquelle que devia ser a suprema garantia do povo. Gregos e troyanos, numa imprecação unissona, condemnaram esse assassinato covarde, essa carnificina apavorante que nada podia justificar.

Era o massacre de patricios bons e inoffensivos, autorizado pelo mais alto representante militar da legalidade.

Que ironia! Dessa legalidade que devia ter surgido pura e limpida da hecatombe federalista, que com tanto ardor e heroismo combatera.

A scena da Serra ainda causa pavor, e basta recordal-a, como disse, para produzir-se a defesa de Vicente Machado.

Na calada de uma noite sinistra, organiza-se no Quartel General uma escolta. O seu commandante recebe ordem de retirar das prisões alguns presos politicos e collocal-os n'um trem que devia partir para a Serra. De posse da carta de frego, o official segue tranquillo, sem nada suspeitar. No local indicado, faz parar o trem, lê a carta e tremulo de emoção manda retirar dos carros os presos que foram impiedosamente precipitados no despenhadeiro e espingardeados covardemente; um delles, rojando-se alguns metros pela escarpa, tomou pé, ajoelhou-se e tentou fazer uma oração que foi interrompida por uma descarga de fuzilaria que o prostrou sem vida. Outro agarrou-se ao carro e só o abandonou quando as fortes coronhadas lhe esmagaram as mãos. Outro, no auge do desespero, procurava salvar a vida, implorando, exhortando, esbravejando... Tudo inutil.

Os que escaparam da guela hiante do abysmo foram varados pelas balas assassinas.

Assim se consumou o mais covarde, o mais tetrico e o mais revoltante de todos os crimes.

Pois bem, Snrs.; Vicente Machado, que era então Governador do Estado, foi accusado vehementemente como um dos responsaveis por essa innominavel carnificina e carregou, por longo tempo, com o peso dessa injusta accusação.

Estranho a tudo quanto se referia aquelle acontecimento, publicou, sem tardança, um manifesto eloquente, energico, rico de conceitos elevados, afastando de seus hombros qualquer co-participação e protestando contra os actos do representante do Governo Federal.

"Paranaense, diz elle, e amigo de meu Estado, cheio de cuidados pela união da familia paranaense jamais poderei concorrer para que á sombra do meu nome humilde, e com a responsabilidade do alto cargo que occupo, fructifique a semente do odio e da vingança, e todo o seu lugubre cortejo de horrores.

A excellencia do regimen republicano está nisso: dentro da lei ha remedio para todos os males.

Os meus patricios que por um motivo qualquer cairam debaixo da acção da lei pela communhão com a revolta, podem se conservar tranquilos quanto á perseguição e violencias por parte das auctoridades do Estado, assim como, estou certo, estarão por parte das auctoridades da União.

Nada dignifica tanto a autoridade como a severa applicação da lei.

Dos effeitos desta não devem temer os que tiverem por si a justiça".

Srs. ou era tão profunda a convicção dos seus adversarios ou era tão ardente o desejo de ennodoar e amesquinhar a individualidade do Governador que, parece, não calaram no espirito de seus accusadores as palavras sinceras e as provas categoricas de sua innocencia.

Vicente Machado continuou a ser conhecido aqui e na Capital Federal, como o heróe do kilometro 65, e foi supportando essa ignominia, até que chegou uma opportunidade feliz de produzir altiva e vibrante defesa no Senado da Republica.

Discutia-se a mensagem em que Floriano Peixoto pedia approvação de seus actos durante a revolta (Sessão de 30 de Maio de 1895).

Vicente Machado, depois de justificar o pedido de Floriano Peixoto, proferiu, com o desassombro de quem tem a consciencia pura e as mãos limpas, uma defesa de seus actos na vigen-

cia do estado de sitio no Paraná, que levou a convicção aos espiritos de seus pares. A escassez do tempo não permitte que eu reproduza aqui esse longo e notavel discurso, que o elevou bem alto e o reintegrou no conceito dos homens de bem. Referindo-se a esse facto, pronunciou estas palavras no Congresso do Estado (Sessão de 7 de Outubro de 1897):

"Outro dia, na tribuna do Senado, o orador ouviu a voz do patriotismo, do patriotismo consubstanciado na individualidade de um illustre servidor da Patria, que foi o primeiro que no dia em que punha os pés no recinto do Senado perguntou se podia cumprimentar aos representantes do Paraná, sem receio de que lhe ficasse pendente da mão uma gotta de sangue.

O espirito nacional investigou ponto por ponto esse periodo negro da historia paranaense, e dias depois o orador teve a ventura de ouvir deses benemerito servidor da Patria, cujo nome declino com veneração, o sr. Marechal Almeida Barreto, as seguintes palavras: "eu me orgulho de poder cumprimentar os dignos representantes do Paraná; elles não tiveram a minima responsabilidade das scenas sanguinolentas que se deram na Serra".

Só quem não conhecesse Vicente Machado poderia attribuir-lhe tamanha atrocidade.

Offendido, insultado, elle podia, bruscamente, de golpe, aggredir em justa revindicta; mas levar a effeito um crime premeditado covardemente, crime que revolta a consciencia de todas as pessoas normalmente constituidas, ninguem póde de bôa fé acreditar. Aquella alma bôa, nobre, altiva, accessivel, a todas as emanações do bem, não podia saturar-se jamais do odio vil que obumbra a razão e apaga os sentimentos altruistas.

Vicente Machado era um luctador impetuoso, árdego, mas nunca despia a chlamyde de cavalheiro.

Atacar de tocaia só o fazem os tarados ou os covardes, e Vicente Machado de tudo isso estava longe.

Aquelle successo da Serra ou traduz a volupia da atrocidade, a quinta essencia da malvadez ou é a consequencia de uma psychose que se comprazia nos requintes da perversidade.

Crime ou molestia? Carcere ou manicomio?

Dizem que o verdadeiro auctor dos successos barbaros do kilometro 65 terminou tristemente seus dias. Perambulando pelas ruas da metropole, lá ia, tropego, cortejando entes imaginarios, balbuciando palavras confusas e servindo de joguete e divertimento aos gurys sem trabalho.

Era a fatalidade da psychose ou o guante da consciencia que o forçava a proceder desse modo?

Como medico de longo tirocinio, inclino-me pela psychose, mesmo porque acredito que não póde haver perversidade, hediondez, atrocidade ou vingança capaz de levar uma criatura humana, san de espirito, áquelle excesso que ultrapassa tudo quanto registam os annaes da criminologia.

Insisti, Snrs., sobre a não interferencia de Vicente Machado nos successos do kilometro 65, porquê ainda ha quem acredite na connivencia do então chefe do Poder Executivo na tragedia da Serra.

* * *

De como procedeu Vicente Machado, como administrador e defensor da legalidade, dá a justa medida este telegramma em que Floriano Peixoto responde á communicação que elle faz de deixar o Governo, a 16 de Junho de 1894.

"Dr. Vicente Machado. Não posso deixar de confessar que fui surprehendido pelo vosso telegramma em que daes parte deixastes Governo do Estado, ao qual já tendes prestado e estaveis prestando relevantes serviços como administrador nos tempos mais difficeis esforçado batalhador pela consolidação da Republica.

Sem offensa ao vosso substituto, acreditae que sinto muito vossa retirada nesta quadra de sacrificios, dedicação, devotamente a esta Patria Republicana. Saudações. — Floriano Peixoto".

Em 1895, foi eleito Senador, após um pleito dos mais renhidos, que já se feriu no Paraná e onde pôs em evidencia os recursos de um luctador indefesso, e de um chefe invencivel.

Uma grande parte dos legalistas dos mais dedicados, julgando que o partido devia ao bravo Cel. Joaquim Lacerda uma

prova do alto apreço em que tinha os relevantes serviços por elle prestados, contra os invasores do Sul, indicou seu nome para preencher a vaga no Senado Federal. O Dr. Vicente Machado, supremo chefe, não estando de accordo com essa indicação, rompeu no seio do partido uma formidavel dissidencia, da qual fiz parte. Victorioso Vicente Machado, em vez de esmagar os rebeldes sob o peso do seu prestigio crescente, não tardou em chamar ao aprisco, com todas as deferencias, as ovelhas tresmalhadas e assim foi que, na primeira opportunidade, o Cel. Lacerda entrou para o Senado, amparado em seu braço forte.

"Eleito Senador da Republica, diz o Dr. J. Pernetta, assim que attingiu a edade constitucional, a sua individualidade logo se destacou no seio da alta corporação legislativa, pela sua palavra insinuante e competente, nas discussões dos problemas mais complexos, pelo seu ardor civico e pela sua inabalavel fé republicana.

Em franca opposição á politica trilhada pelo governo do Dr. Prudente de Moraes, na tribuna do Senado, os seus pares e os seus concidadãos pasmaram diante da sua energia, do seu talento e do seu vigor inexcediveis".

É bem essa Srs. a expressão da verdade e os annaes do Senado estão cheios de pareceres luminosos e discursos eloquentes que attestam a efficiencia do seu labor.

Elle exerceu tal predominio nessa corporação, desenvolveu em todas as discussões tal fecundia e auctoridade, manifestou-se, em summa, tão brilhante e completo parlamentar, que o Dr. Campos Salles, na suprema magistratura do Paiz, sopitando recentes aggravos, chamou-o e confiou-lhe a "leaderança" daquella Camara Alta.

Só este facto, Srs. basta para aquilatar-se do valor extraordinario desse politico paranaense.

Tendo combatido com ardor a candidatura de Campos Salles á suprema magistratura da Republica e infligindo-lhe uma tremenda derrota, apesar da pressão indebita e escandalosa, do Governo da União, que chegou ao extremo de mandar um vaso de Guerra ás aguas de Paranaguá, o seu valor indiscutivel fez olvidar todas as maguas, calar todos os resentimentos.

E sua palavra então vibrou no recinto do Senado á semelhança da lança de Telephus.

Campos Salles não se diminuiu ao entregar o bastão de chefe da bancada governista ao seu adversario de hontem, mas o Dr. Vicente Machado ganhou subindo pelo seu só merecimento a uma altura em que toda a Republica o enxergava.

Ainda deve estar bem viva na memoria dos que acompanham a vida parlamentar de nossa Patria, a discussão renhida que teve com o preclaro Senador Ruy Barbosa, que não se sentiu mal ao terçar armas com o jovem parlamentar.

Não me é possivel, Srs. na angustia do tempo que tenho para esta allocução, acompanhar passo a passo a fulgurante carreira de Vicente Machado no Senado Federal.

— Em 1903, foi eleito Presidente do Estado sem competidor tendo assumido o Governo a 25 de Fevereiro de 1904.

Chefe, impetuoso e auctoritario, de um partido pujante e sempre victorioso, podia não ter a exempção de espirito para governar com justiça.

Não só os adversarios, como até os amigos, pareciam ter esses justificados temores, que se desvaneceram bem depressa, ao ser inaugurado, em seu governo, um periodo de tolerancia e equidade que ainda mais alteou a sua personalidade.

Que essas supposições eram razoaveis elle proprio reconheceu e divulgou; mas, de que se devia ter esperança de ser elle rebelde, ás injuncções de um partidarismo estreito e atrophiante, eram garantias seguras estas palavras categoricas de sua primeira Mensagem:

"Homem de lucta e de partido, com um temperamento educado aos embates das paixões, produzidas pelos accidentes de uma vida publica de combatividade sem treguas, a primeira cousa a torturar-me era a suspeita que no animo de muitos poderia haver, de que o espirito superior de justiça fosse obliterado pelos ultimos resquicios de resentimentos das jornadas partidarias, ainda que, naturalmente, esmaecidos pelas generosidades geradas e acalentadas pelo successo.

E o temor era justificado: de minha parte antevendo a existência dessas suspeitas, e da parte de muitos alimentando-as.

Vicios de educação politica com raizes no regimen substituido e que não foram de modo algum eliminados da nova ordem de cousas e que, infelizmente se vão prolongando, estavam a dar azo a tudo isso. O estudo do nosso meio, o conhecimento mais ou menos exacto dos nossos males, accumulando decepções, já sobre os homens, já sobre as cousas, tinham enraizado no meu espirito a convicção de que o primeiro dever a cumprir pelos que governam, é de assegurar o mais absoluto e real dominio da justiça, em todas as ordens e em todas as relações: justiça na ordem administrativa, justiça na ordem judiciaria, justiça nas relações partidarias e completa, perfeita, integral, justiça na ordem politica".

Que estas palavras eram profundamente sinceras e não facécia ou engodo de politico marralheiro ahi estão seus actos para proval-o. Natureza de escol, conhecedor de todas as necessidades do Estado, impulsionado por um desejo ardente de ser util á communhão paranaense, com uma intuição segura sobre a escolha dos auxiliares, não podia deixar de inaugurar uma nova éra na administração, fecunda, brilhante e inolvidavel.

"Eu jamais, diz elle, governaria o meu Estado somente para superintender a administração publica em seus multiplos detalhes burocraticos, sem preoccupação de iniciativa necessarias e conducentes ao engrandecimento da terra que me foi berço e á qual dedico entranhado affecto.

E nem essa poderia ser a aspiração de quem conhece o Paraná, seus poderosos elementos de progresso, sua pujante vitalidade e a hegemonia que, em todo o sentido, elle deve gosar em futuro muito proximo, no seio da federação brasileira".

Se bem o disse, melhor o fez.

Pelejador incansavel, agitador impenitente na tribuna, na imprensa ou nas urnas, dir-se-hia que o evolver benançoso da administração publica não se coadunaria com a sua indole.

Puro engano.

Vicente Machado despiu-se das paixões partidarias ao tomar as redeas do Governo e enveredou resoluto, illuminado, pela estrada larga que lhe indicava o verdadeiro patriotismo. Como lidimo chefe politico soube repellir as chicanas partidairas.

Ao influxo de sua actividade assombrosa, de sua sagacidade de estadista e de seu extraordinario prestigio que era o eixo em torno do qual girava a vida do Estado, o Paraná passou em pouco tempo por uma transformação de tal ordem, que a todos causou espanto. A criação de novos serviços, a reorganisação das repartições publicas e a fundação de estabelecimentos de ensino e de credito, tudo foi trabalho de um momento.

A sua preocupação de bem servir á collectividade levou-o: a remodelar a instrucção, fundar o Jardim da Infancia, crear o serviço de agua e exgoto, saneando a capital, atrahir a immigração, desenvolver a viação, elevar e garantir a justiça, etc.

Na Mensagem a que me tenho reportado, elle põe em evidencia quanto fez para dotar a Capital da rêde de exgoto e abastecimento dagua e quanto de trabalho e desassocego isso lhe custou.

A população que está, tranquillamente, desfructando os beneficios decorrentes desse serviço, se já se esqueceu do que elle era outr'ora, tambem já se não lembra que deve esse melhoramento actual a Vicente Machado.

A instrucção publica mereceu um cuidado especial de sua parte. Não queria o apparato das grandes reformas: bastava crear o verdadeiro mestre para ter-se um ensino proficuo, idoneo, produzindo todos os grandes beneficios que delle se deve esperar.

Eis o seu ideal, nesse departamento: — escolher com escrupulo o pessoal docente e fiscalizal-o sem interrupção.

N'uma synthese luminosa, elle condemna as complicadas reformas e indica o caminho a seguir para ter-se um ensino no nivel que almejam os pedagogos provectos.

Nesse departamento ainda a elle se deve a equiparação do Gymnasio e a inauguração do systema Froebel, representado pelo Jardim da Infancia.

Dedicou á fundação deste instituto de ensino todo o seu carinho, providenciando, elle proprio, os menores detalhes para que satisfizesse o fim a que era destinado.

O systema penitenciario mereceu-lhe especial cuidado.

O espirito clarividente de Vicente Machado percebeu, logo que o Governo Federal annuciou o arrendamento da Estrada de Ferro Paraná, que o nosso Estado "não podia deixar correr á revelia essa concurrencia, para cujo resultado devia intervir de qualquer modo".

Pôs-se a campo, denodadamente, e conseguiu o seu "desiderato de politico atilado e administrador de largas vistas.

"Penso, disse elle, e commigo devem pensar todos os que têm uma segura intuição sobre o futuro do Estado do Paraná, que melhor e mais assignalado serviço não lhe podia ser prestado".

Pena é que um de seus successores, não percebendo todas as vantagens desse alto commettimento tenha aberto mão de tão desejada conquista, transferindo a S. Paulo — Rio Grande que está colhendo os largos proventos que deviam caber ao Paraná.

Tão vultoso é o lucro que essa estrada está dando á S. Paulo — Rio Grande, que entre os funccionarios ferro-viarios ella é cognominada "vacca leiteira".

Em todos os departamentos da administração, em toda empresa que podesse trazer beneficios ao Estado, ahi andou o genio peregrino de Vicente Machado: creou o primeiro Banco, o Jardim da Infancia, arrendou a Estrada de Ferro do Paraná, construiu a rêde de exgoto e abastecimento d'agua, melhorou as condições dos sentenciados, fomentou a immigração, remodelou e diffundiu o ensino, melhorou a viação, regularizou o serviço colonial etc.

São de hontem ainda toda essa multidão de relevantes serviços e todo esse acervo de obras grandiosas levadas a effeito em seu Governo, para que tenha necessidade de descrever com minucia, tudo quanto se deve a esse administrador insigne e tolerante.

Tolerante, digo bem, Srs. porque foi a tolerancia, essa virtude politica tão rara, um dos caracteristicos da sua administração.

Vicente Machado investido embora das insignias de chefe supremo, esquecia as dissenssões, as rebeldias e revoltas, no

seio do partido, quando se convencia que ellas eram inspiradas em sentimentos nobres, altivos e patrioticos.

Quantas vezes não foi procurar entre os adversarios que vinham acolher-se á sombra da bandeira do seu partido, auxiliares para a sua administração?

E não os tratava como adventicios importunos e nem os humilhava com a offerta de migalhas; recebia-os com todas as deferencias e dava-lhes os mais distinctos postos ao seu lado.

Assim, a um confiou a chefia do departamento da Fazenda, a outro a direcção do jornal official e ainda a outro a fiscalisação de um instituto do ensino.

A sua tolerancia não se restringia aos que vinham, confiantes, abrigar-se sob as asas amplas dessa aguia politica e ahi desfructar o calor desse conchego. Ia alem.

Os adversarios, dentro mesmo dos proprios arraiaes, obtinham, muitas vezes, concessões que, de certo modo, vinham chocar o seu partido e até melindrar os mais exaltados correligionarios.

Esta culminou, Srs. O chefe supremo da opposição não podendo, em 1905, assistir ao pleito eleitoral, para escolha dos deputados ao Congresso Legislativo do Estado, conseguiu de Vicente Machado, que se achava no goso de licença, a promessa do adiamento da eleição.

Estava eu, então, na Suprema Magistratura do Estado e expedi o decreto n.° 364 de 6 de Outubro de 1905, adiando a eleição para 20 de Dezembro, a instancia do meu chefe e amigo, que assim servia os interesses dos adversarios que iam fazer parte do Congresso Estadual.

Vicente Machado tinha consciencia do seu valor, do seu prestigio e da sua preeminencia politica no Estado e não temia cumprir a disposição da nossa Carta Constitucional que garante a representação das minorias.

Energico, até á violencia, quando deparava em seu caminho qualquer obstaculo que o impedisse de avançar na conquista de um ideal alcandorado; era docil, tolerante e até carinhoso, alcançada que fosse a Chanaan indicada por seu patriotismo.

O telegrama energico, ha poucos dias divulgado pela imprensa, que elle passou ao chefe politico do Imbituva para dar todas as garantias aos adversarios, na qualificação eleitoral, é um modelo de tolerancia e justiça que devia ser imitado.

— Se fosse necessario, Srs. mais uma prova, um facto, para aquilatar-se do atilamento, valor politico e tolerancia de Vicente Machado, bastaria lembrar a sua acção decisiva em uma eleição para deputado ao Congresso Legislativo do Estado.

Como preito á representação da minoria, consoante o Dispositivo Constitucional, elle tinha concedido o terço ao partido opposicionista; este, em vez de contentar-se com os 10 deputados que lhe eram garantidos, apresentou chapa com 20 nomes ao suffragio de seus correligionarios.

Então Vicente Machado, para vingar aquella demasia, escolheu entre os candidatos da opposição os 10 que, ao seu criterio de chefe adverso, lhe pareceram mais dignos e mandou derivar uma forte votação a esses preferidos.

Assim, conseguiu, n'um pleito liberrimo, eleger todos os seus amigos indicados e ainda escolher, na chapa da opposição, os 10 candidatos que bem entendeu.

Dest'arte o Congresso do Estado ficou organisado de inteira conformidade com sua vontade inflexivel.

* * *

Vicente Machado presentiu, com grande antecedencia, que ligeiras perturbações morbidas, com feição tão benigna, podiam ser os pródromos da molestia implacavel que o fez baquear. Esta carta que me dirigiu, de sua fazenda, a 11 de Dezembro de 1903 bem o prova: —

— "Já ha dias que conto com sua presença por aqui.

Deixei rigorosamente de fumar, tenho me medicado com possivel regularidade e me parece, que cada vez peioro. Que diabo será isto? Dar-se-ha o caso que mão invisivel esteja minando-me a vida, installada na garganta?...

Aqui o espero e quero ouvir os seus conselhos".

A sua nefasta previsão, infelizmente, não falhou.

— Quando estava na plenitude do seu vigor intellectual, quando mais amplos e bellos se descortinavam, á sua visão de estadista, novos e seductores horisontes, eis que á 3 de Março de 1907, aos 46 annos e 7 meses, a morte interrompe aquella vida de escol.

No dia seguinte ao do seu passamento, em sessão do Congresso Estadoal, o eminente "leader" da minoria Dr. Generoso Marques dos Santos, que era tambem o chefe da opposição, levantou-se commovido e pronunciou estas palavras eloquentes que bem evidenciam a elevada consideração em que era tido o preclaro paranaense: — "Snr. Presidente, com toda sinceridade, profundamente consternada, a bancada opposicionista, desta Casa, associa-se á moção de pezar que acaba de ser proposta pelo nobre "leader" da maioria, pelo infausto e lamentavel fallecimento do eminente paranaense, a quem estavam confiadas as redeas da suprema governação do Estado.

O Dr. Vicente Machado da Silva Lima, durante um quarto de seculo, que tanto durou a sua vida publica, exerceu notavel, e nos ultimos 15 annos á esta parte, decisiva influencia nos negocios publicos do Paraná, prestando relevantes serviços á sua terra natal".

Referindo-se á questão de limites, onde o povo paranaense, olvidando todas as dissensões partidarias, se levantou como um só homem, cheio de energia, de ardor e devotamento para defender a integridade do seu territorio e onde sublimou a acção de Vicente Machado, assim fallou o valoroso chefe da minoria: "... é inquestionavel que o povo paranaense, sem distinção de partidos, deve-lhe um tributo de eterna gratidão pela attitude intelligente, altiva, resoluta, energica e abnegada, com que se manteve na occasião da mais dolorosa provação porque tem passado o nosso Estado, quando esteve ameaçado de pereclitar a integridade da patria paranaense.

E isso basta, Snr. Presidente, para que o povo rodeie compungido, o corpo, hoje inanimado, desse homem, que hontem, na pujança da sua vitalidade, recebia desse mesmo povo os mais enthusiasticos applausos".

Este depoimento apotheotico Snrs. de um patricio notavel e ardoroso adversario politico, que ainda hoje representa o Paraná no Senado Federal, vale por uma verdadeira glorificação.

Foi tão rapida a passagem de Vicente Machado pela terra que faz lembrar o aerólitho que risca a atmosphera em subita fulguração e já tomba no cadoz do seu destino.

Mas Snrs, nesse rapido perlustrar por nosso ambiente, elle deixou uma obra de tal tomo e de tal vastidão, que o tempo não a conseguirá demolir, antes engrandecer.

No governo do Estado, sua benemerencia, como mostrei, é affirmada por tantos melhoramentos em todas as secções da publica administração e por tantos serviços novos e relevantes, que se chega a ter a impressão de que seus antecessores nada tinham feito e os successores nada mais teriam que fazer.

Como sóe acontecer a todos os homens superiores que se elevam muito além da mediania, Vicente Machado teve uma multidão que o admirava e o cercava de phreneticos applausos, e não deixou de ter desaffectos e inimigos que o molestavam com criticas acerbas.

Mas estas, Snrs. não passavam muitas vezes de phosphorescencias de Pyrilampos, no esforço burlesco de empanar o brilho de uma estrella e serviam, não raro, para dar mais lustre ao seu nome, á semelhança do que succede aos metaes nobres, que brilham com mais fulgor quando mais friccionados.

— Mas, Snrs. o que occorreu, na vida politica do Estado, após o resvalar, tão cedo, de Vicente Machado para o grande mysterio do tumulo?

Eu vou pedir, á mais terna poesia e á mais elevada sciencia, um simile e uma razão, que possam esclarecer e explicar os successos emanantes desse traspasse.

Guerra Junqueiro, referindo-se á influencia que sua mulher exercia em seu lar, disse que ella era a trave e a candeia, trave que o sustentava e candeia que o alumiava.

Tambem de Vicente Machado se podia dizer que elle era o esteio e o lume dessa fabrica colossal que se estendia alem e se elevava altaneira, e que se chamou Partido Republicano Federal.

Cortado o fio de sua existencia, estalou o esteio e apagou-se o lume.

Então, nessa penumbra e nesse desbarato, ficou um terreno proprio ás pullulações dos cogumelos de toda especie.

Desfosses, em um estudo recentissimo, transcendente e ao mesmo tempo saturado de uma poesia encantadoura, mostra que a vida dos mundos é a resultante das irradiações.

Os astros dos céos, o ar da atmosphera, a superficie da terra, o nucleo central do globo, os mares e os continentes, os mineraes, as plantas, os animaes, tudo emitte raios que vão, não se sabe para onde e se extinguem, não se sabe como.

Assombroso e empolgante é esse espectaculo, que resulta das ondas todas em movimento; ondas vindas de milhares e milhares de fontes, cruzando-se, entrechocando-se, entrelaçando-se, produzindo novas ondas e novas irradiações e transformando-se sem cessar.

A gravitação universal, para Tommasina, não seria mais que o resultado das ondas irradiantes vindas de todos os pontos do espaço e percorrendo o ether em todos os sentidos. Os astros não seriam attrahidos, reciprocamente, por força mysteriosa, elles seriam impellidos e sustentados pelo choque das ondas que irradiam no espaço. A attracção de Newton não seria mais que o embate de ondas irradiantes. A aurora boreal, com todo o seu esplendor apenas um phenomeno de irradiação. O perfume, que exhala uma flôr ou o seio puro de uma donzela, nada mais que irradiação.

Se tudo é choque de ondas nos espaços infinitos, e até a propria vida, se todos os mysterios da natureza não passam de irradiação, porque não ha de ser a irradiação a força que mantem as sociedades em seu equilibrio estavel e que sustenta a politica partidaria em sua perfeita estabilidade e harmonia?

Assim se explicaria por que a morte de Vicente Machado abalou os fundamentos de sua obra e tudo transmudou.

É que o fóco fugurante donde se irradiava a energia, a disciplina e o calor extinguiu-se e não houve, infelizmente, outro que o substituisse, na altura daquelle que se partiu de nós.

Eis, Snrs., que a poesia e a sciencia confraternizaram no mesmo ideal e attenderam ao meu appello.

— Tendo fallecido Vicente Machado, assumi as redeas do Governo, na qualidade de Vice-Presidente e procurei seguir, embora de longe, a trilha que elle ia percorrendo.

Logo depois, pelo voto unanime de meus correligionarios e unanime acquiescencia de todas as forças eleitoraes do Paraná, fui eleito Presidente do Estado.

Quando a calmaria de um suffragio sem opposição fazia esperar a marcha normal e tranquilla da politica dominante, eis que surge, á sorrelfa, uma dissidencia, sem programma.

Eu que não estava preso ás elevadas posições, a que fui guindado, pela ambição de mando ou por faltas ou deslizes que me accorrentassem a um lugar proeminente, onde ficasse a coberto dos devidos correctivos, e que só desejava ser util ao Estado, despi-me, num momento, de todas as investiduras.

Esse movimento de desprendimento foi levado á conta de sentimentos inferiores que nunca se abrigaram em minha alma.

O. M., que mal encobre a personalidade de um politico patricio de largo prestigio, e profundo conhecedor de nossa historia republicana, pôs em fóco essa phase da vida paranaense, em um artigo publicado no vespertino "O Dia" de 29 de Março deste anno:

> "O Dr. João Cândido descançando na lealdade partidaria de seus correligionarios não admittia a hypothese de uma trahição e só quasi á ultima hora se convenceu da existencia e da gravidade do movimento.
>
> Poderia reassumir immediatamente o governo, na qualidade de 1.° vice-Presidente do Estado, em licença, mas preferio entender-se primeiramente com o senador Xavier da Silva que o sr. coronel José Carvalho fôra buscar, em trem especial, na cidade de Castro.
>
> Amargurado com o procedimento incrivel de amigos politicos, contra os quaes nada havia feito, e enojado com a baixeza e miseria das vilanias de que era victima, resolveu, na conferencia que teve com o dr. Xavier da Silva, mediante

> um accordo que não foi cumprido, despir-se de todas as posições politicas e renunciar o mandato resultante da eleição de 20 de Outubro, para a qual aliás foi recommendado pelo partido e em cujo pleito não defrontou qualquer competidor.
>
> Esse acto de abnegação patriotica facilitou a victoria da Colligação, affastando a hypothese de uma lucta perigosa e de incertos resultados".

Essas palavras traduzem com fidelidade o verdadeiro sentimento que me dominou na occasião.

Deixei o governo e a direcção do partido, não por fraqueza ou receio de enfrentar o pequeno grupo dos descontentes, como assoalharam os que mal me conheciam.

Não podia ser o medo o movel dessa resolução quando eu tinha ao meu lado um partido forte, quando toda a milicia estadoal estava a postos, resoluta, disciplinada, sem excepção de uma praça, conforme solemne e unanime declaração dos officiaes, reunidos por um sentimento de solidariedade e confiança que ainda me commove.

Renunciei todos os cargos no momento em que, sciente da felonia em preparo, senti repulsa por esses processos subalternos tantas vezes postos em pratica nos conchavos politicos.

Talvez tenha errado; mas, pensei, um Governo empenhado em luctas partidarias desse jaez, não podia deixar de fazer uma administração esteril, e até prejudicial, e o meu ideal era servir aos altos interesses do Estado, provendo ás suas necessidades.

Assim julguei mais acertado e patriotico depôr em mãos mais aptas os poderes que me haviam sido solemnemente conferidos.

Eu acreditava piamente, então, que me despindo de todas as investiduras e entregando a direcção politica a um venerando correligionario, que levara toda sua longa e bonançosa existencia a reaffirmar intransigencia de principios e disciplina partidaria, ficaria o partido mais forte e garantida a sua hegemonia no Estado.

Se, por ventura, essa convicção não dominasse o meu espirito e mesmo assim eu desertasse as posições que estava occupando, não passaria de um trahidor vulgar, tendo um procedimento aviltante que não se compadece com os sentimentos de um homem digno.

Os acontecimentos ulteriores não confirmaram a minha previsão e o partido poderoso, invencivel, organizado e consolidado por Vicente Machado foi-se desarticulando, para logo dar lugar a uma agremiação de elementos heterogeneos, que não podia apresentar aquella cohesão e aquella disciplina que são a garantia segura de uma estabilidade duradoura.

* * *

— É tempo, Snrs.. de rematar esta incursão perfunctoria pelas cousas de um passado que não vae longe; mas, antes de o fazer, seja-me permittido recordar a opinião do eminente patriota Campos Salles quando já doente Vicente Machado e do talentoso patricio Dr. João Pernetta, quando estudou a sua personalidade como politico.

É um synthetico epitome dessa vida selecta, que para aqui traslado gostosamente.

Em carta dirigida a Vicente Machado, datada de 7 de Setembro de 1905, entre outras cousas, diz Campos Salles "são infelizmente tão raros no nosso paiz homens de sua enfibratura moral que se o não póde dispensar um momento, ainda mesmo para tratar da saude, da actividade que lhe cabe exercer em nosso meio".

'Eu ainda não vi, escreve Pernetta, em toda a vasta arena politica desta Patria, um outro homem publico surgir armado para a lucta apenas com os seus proprios recursos naturaes, e tal que conseguisse, mais que o Dr. Vicente Machado, tão rapida ascepção, maior somma de prestigio e essa ascendencia irresistivel, emfim, sobre os seus concidadãos".

Snrs, esta justa e irrefutavel observação é a resultante fatal de uma somma de predicados que constituiam a individualidade daquelle luctador impar, entre os nossos patricios.

De facto, Vicente Machado servido por uma intelligencia que mais perto o collocava da genialidade que da mediocridade,

dotado de uma alma sensivel ás menores solicitações do patriotismo, possuindo tal previsão e uma acuidade visual capaz de vislumbrar os acontecimentos atravez da caligem, não podia, Snrs. deixar de elevar-se ás mais altas posições a que chegou, pelo seu proprio esforço. Com esse conjuncto raro de dotes moraes e intellectuaes, e um pendor decidido para as luctas partidarias, elle foi pelejando sem cessar e conquistando palmo a palmo o terreno em que assentou o mais vasto e solido prestigio politico que jamais se observou em nossa terra.

Tinha cerebro e tinha musculo para alcançar os mais altos cimos da Politica, tinha fé e tinha animo para ahi se conservar firme, dominando e orientando como um verdadeiro chefe.

O tempo, Snrs., em seu carro cheio de mysterios e surpresas, vai andando, vai correndo, sem breque que o detenha nem impulso que o accelere uns no pó da estrada e outros nos pinaculos da montanha, insensivel e indifferente a tudo e a todos; mas, a justiça que o acompanha em sua trajectoria sem fim, ora célere, ora tarda, vai sondando, vai pensando e vai medindo tudo para a sua obra inexoravel de reparação, para sua sentença inapelavel e eterna.

A' medida que o tempo corre, a justiça implacavel vai penetrando mais fundo os arcanos da vida de Vicente Machado e mais saliente e mais fulgurante apparece, na historia contemporanea, a sua figura inconfundivel.

* * *

— Eis que acabo de cumprir uma das disposições do estatuto que rege a Academia de Letras do Paraná.

Na execução desta tarefa afanosa não consenti que o transbordamento da amizade suffocasse os dictames da justiça; assim, não se podem ajustar os conceitos que expendi á esserção de Miguel Pereira, exposta em estilo castiço e pomposo:

"Ensina a experiencia que, das honras tributadas aos mortos, nem sempre é injusto descontar exaggeros e demasias. Acontece muitas vezes que, impellida a penna por motivos de ordem sentimental, inconscientemente deslisa da pura verdade para o terreno em que florescem as hyperboles e, desta maneira desnorteada, chega, via de regra, a retratar uma individualidade

que ninguem póde entender bem sinão pelo avesso da formula social que se diz ter sido a sua vida".

* * *

Perdoem-me os amigos e admiradores de Vicente Machado se não consegui, no desalinho desta rapida oração, elevar o vulto do mais combatido e do mais devotado filho destas plagas á altura a que elle tem direito.

Pediram-me mais do que podia dar minha intelligencia e meu esforço, conjugados nessa obra ingente de fazer o elogio do estadista que marcou uma epoca em nossa historia.

A culpa não é minha, Snrs., se não consegui satisfazer, nem de leve, a expectativa geral, mas daquelles que, erradamente, pensaram que eu tinha folego para escalar o Himalaya.

LIÇÃO INAUGURAL DE CLÍNICA MÉDICA.(*)

Eu desejo, neste primeiro encontro com aqueles que vão ser meus companheiros no decurso do ano letivo, traçar a norma de conduta que deve ter o clínico na cabeceira do doente, fazendo-vos antever as perspectivas que desvendaremos através da estrada eriçada de tropeços, que, juntos, iremos perlustrando.

Todas as disciplinas que vos preocuparam até aqui, desde a anatomia até a terapêutica, são auxiliares de grande valia para conduzir-vos ao ápice da montanha — a clínica, que é a meta almejada pelos que querem exercer a profissão.

Eu, como companheiro mais velho, serei o vosso guia, solícito, pontual e acessível. Iremos marchando e lutando juntos, — eu na frente para desbravar a estrada, rompendo os impérvios, afastando os estrépes, quando, para tanto, ajudar-me a dedicação, o estudo e o já longo tirocínio. Quando os obices forem superiores ás nossas forças, o que sucederá repetidas vezes, irei procurar alhures quem nos possa auxiliar, iluminando as veredas.

Unidos devemos avançar, sem desfalecimento, confiantes na veracidade das palavras do grande clássico: a sociedade nos trabalhos aligeira o peso deles.

Nas enfermarias seremos todos aprendizes, pesquisando a verdade com solicitude, movidos por mútua confiança e respeito recíproco; cheios todos de carinho para com os mizeros enfermos, que nos vão servir de campo de estudo, e que nem o direito têm de escolher o médico de sua confiança.

Se o fim da medicina é curar o doente, a primeira e mais absorvente preocupação do clínico á cabeceira do enfermo é

(*) — Proferida em 1924, na Faculdade de Medicina do Paraná. Publicada nos "Arquivos Paranaenses de Medicina", Curitiba, ano V, n.º 1, (maio a julho de 1924); págs. 3-15.

decobrir o inimigo que vai enfrentar, é conhecer a área do seu domínio, a intensidade de seu ataque, e a arena onde se vai travar a peleja.

O prof. Gilbert, ampliando a concepção de Guenau de Mussy diz: "Les connaissances que nous avons acquises sur les infections nous permettent aujour d'hui d'envisager la maladie, quelle qu'en soit la cause, comme une lutte dont l'organisme est á la fois le theatre et l'un des acteurs, l'autre acteur etant de nature microbienne le plus souvent, pouvant etre aussi de nature chimique ou physique'.

Daí decorre a necessidade do estudo da patologia e da propedêutica, como grandes auxiliares da clínica.

A patologia estuda a moléstia, de modo abstrato; a propedêutica fornece os meios de caracterizá-la e a clínica preocupa-se com o doente, estudando a moléstia atravez de um organismo determinado, procurando prevêr todas as peripecias decorrentes da invasão do **morbus** e da resistencia orgânica. É desse choque, desse conflito, que nascem os sinais, os sintomas e tudo quanto serve para identificar o invasor.

É injustificável o abandono em que jaz a patologia, quando tão relevantes serviços ela presta ao clínico que inicia seu tirocínio.

Achard patenteia as íntimas relações que ligam a patologia á clínica quando escreve:

"La pathologie est faite da la clinique et la clinique ne se fait bien que sur la base solide de la pathologie. La pathologie est la science, la clinique est l'art de l'appliquer. Elles sont faites des mêmes materiaux, mais diversement agencés. La pathologie est synthetique dans sa maniére, la clinique est avant tout analytique".

A clínica tem o ideal supremo de restabelecer o equilíbrio no organismo, livrando-o do inimigo que perturba o seu funcionalismo, com esse intuito ela pede á propedêutica os meios para descobrí-lo e á terapêutica os recursos para jugulá-lo.

Assim conhecer a moléstia é o primeiro dever do clínico que tem a exata compreensão do seu apostolado, porque só quem diagnostica bem é que pode bem curar — **qui bene diagnoscit bene curat.**

Outrora o professor de clínica procurava, nos vastos e solenes anfiteatros, empolgar a atenção dos alunos, envolvendo-os no âmbito de uma oratória retumbante e sedutora.

Trousseau, na França, e Torres Homem, no Brasil, foram dois lidimos representantes dessa pleiade de gloriosos mestres, que nesses tempos afastados de nos, brilharam com grande fulgor, trazendo prezos á magia de seus verbos empolgantes várias gerações de acadêmicos.

Nessa época, bem diminutos eram os auxílios prestados pela física, química, histologia, bacteriologia etc. Não eram conhecidos os ráios X, a reação de Wassermann, o oscilómetro, punção lombar, exame citológico, dosagem da uréa no sangue, cultura de líquidos patológicos etc., recurso de nimio valimento na descoberta do diagnóstico.

O clínico devia possuir uma grande soma de conhecimentos relativos aos sinais e sintomas reveladores das moléstias e uma arte apurada no exame do doente, já que as pesquisas do Laboratório não chegavam ainda até a intimidade dos tecidos, aos mais reconditos refolhos do organismo, para de la arrancar a causa primordial das perturbações mórbidas, reveladas pelo enfermo. Assás prestadio então se mostrava o resultado de determinado medicamento no desfecho da moléstia. Era o pleno domínio do celebre aforismo que ainda hoje tantas dúvidas derime:

"natura morborum curationes ostentunt". —

"O ensino clínico, diz Achard, deve ser mais demonstrativo e menos oratório que no passado".

Hoje, principalmente na Alemanha, os surtos de uma eloquência peregrina, as orações vibrantes e ardentes do mestre vão cedendo o lugar a uma exposição severa e fria de dados fornecidos pelo Laboratório de análises.

O médico ainda que de posse do conjunto dos elementos que revelam o estado mórbido não se arrisca a firmar um diagnóstico e indicar um tratamento, sem o **placet** do Laboratório.

Entretanto é preciso que o clínico saiba utilizar-se de seus próprios recursos para chegar ao conhecimento da entidade mórbida que vai enfrentar, porque nem sempre as pesquisas

físico-químicas estão ao alcance de suas mãos e nem sempre elas vêm ao seu apelo, trazendo um auxilio eficaz e decisivo.

Assim é mistér, que o mestre, em nossos dias, guie o aluno por entre o emaranhado dos sintomas, catalogando-os, estabelecendo sua hierarquia, para que deles deflua límpido o diagnóstico e, como sequência, a indicação terapêutica.

É necessário que os processos clínicos não cedam o seu lugar ás pesquisas do Laboratório, já que tão longe ainda estamos da predição, ou antes, do sonho de Metchnikoff: "o diagnóstico das moléstias será ainda feito sem ver o doente, ao simples exame de suas reações mórbidas ou de seu sôro sanguíneo".

Se attingissemos a essa perfeição o diagnóstico seria uma simples fórmula matemática, uma equação do resultado A do Laboratório = a moléstia B.

Si a preocupação absorvente do clínico á cabeceira do doente, como disse, é o diagnóstico, o meu dever de professor é mostrar todos os recursos que devem ser postos em prática para atingir aquela meta.

Mas conhecer o nome da moléstia não basta ao prático que tem tão alta e árdua missão a cumprir. É preciso mais.

A esse respeito diz o prof. Bard:

"L'examen d'un malade n'a pas, a effet, seulement pour but le diagnostic de la maladie dont il est atteint, mais tout autant la connaissance aussi precise que possible de toutes les particularités que cette maladie presente chez lui. La recherche des symtomes et des signes, par tous les moyens etape du probléme á resoudre et l'orqu'elle a permis d'arriver au diagnostic, ce resultat n'est encorre qu'une etape dans la tache á accomplir; il reste á determiner les caracteres particuliers au melade en cause; il reste á degager en un mot le type ou' form clinique á l'aquelle il convient de rattacher son cas personnel".

O diagnóstico pode ser feito pela **inspeção,** pelo **interrogatório,** pelo **exame** do doente e pelas pesquisas de Laboratório.

Vou estudar cada um destes meios elucidativos da entidade mórbida e dest'arte terei traçado o nosso roteiro junto ao leito do doente.

INSPEÇÃO:

Algumas vezes basta a observação cuidadosa, atenta, do enfermo para que se chegue ao diagnóstico.

A côr da face, a expressão fisionômica, a atitude, a posição, os movimentos involuntários etc. podem trazer um grande auxílio ao clínico observador, iluminando o quadro escuro do diagnóstico.

A inspeção pode ser considerada sob estes vários aspétos:

Inspeção

1. — Há doentes que têm escrito na face o nome da moléstia.
2. — Há certas posições, atitudes, movimentos involuntários que denunciam a moléstia.
3. — Há casos em que a face do doente indica um grupo de moléstias.
4. — Há casos em que a inspeção do doente desnorteia o clínico.

1.° — Neste grupo em que a moléstia se retrata na face do enfermo podem figurar — lepra, sarampão, paralisia agitante, mal de Basedow, etc.

De fato, não há quem não faça um diagnóstico preciso, leigo ou médico, observando um caso de lepra tuberculosa. O povo, em certos casos, parece ter uma intuição especial, uma penetração aguda para lobrigar uma enfermidade que apenas desponta.

Também o sarampão com a inflamação das mucosas e conjuntivas, com a erupção que lhe é peculiar dificilmente escaparia á sagacidade do leigo ou ao juizo do clínico. Assim a paralisia agitante, com seu tremor **sui generis,** sua máscara severa e atitude clássica não escapa á argucia do prático e muito menos escaparia o olhar esbugalhado, o tremor e o bôcio do Basedowiano.

2.° — Neste segundo grupo podemos colocar a peritonite aguda, a meningite aguda, derrame de pleura, asistolia, pleurodinia, coréa etc. que se caracterizam, umas pelas posturas especiais e peculiares, outras pelas atitudes e movimentos involuntários que denunciam para logo a causa do mal.

3.° — Neste grupo em que a facies do doente revela um grupo de moléstias pode ser incluida a **ictericia** que tanto póde depender de uma lesão do figado, dos canais biliares, do pancreas ou hemolise; a **anemia** que pode ser a expressão de uma moléstia do rim, do coração, como póde depender de um cancro do estômago, uma infeção palustre, verminose, intoxicação, etc.; **edema** que pode revelar cardiopatia, nefrite, etc.

4.° — Neste grupo em que a inspeção só serve para desnortear o clínico eu poderia citar muitos casos pessoais. Vou apenas lembrar os seguintes especimens em que a inspeção do doente chegou a desviar o clínico da verdadeira rota. Aparece no consultório, vindo de Palmas, acompanhada dos pais, uma doente de 18 anos, muito magra, mal podendo-se manter de pé, tal gráu de fraqueza.

Estava doente há mais de um ano e trazia o diagnóstico de tuberculose pulmonar, feito pelo médico de sua cidade natal. Tinha pouca tosse, vomitava quasi diariamente, não tinha apetite, muito irascível e de tal magreza que parecia um esqueleto ambulante.

Analisando pela rama o caso impunha-se o diagnóstico de tuberculose pulmonar: a facies palida, a magreza, tosse, anemia, inapetência, nauseas, vômito, febre, algumas vezes, á tarde.

Fui examiná-la certo de confirmar o diagnóstico do coléga, o que causava horror á família da doente.

Se era grande a dificuldade para conseguir adaptar o ouvido ao tórax, completamente descarnado, fácil era ouvir todas as modalidades dos fenômenos estetacústicos que tão próximo se passavam desse órgão. Não foi pequena a surpresa que tive verificando a perfeita integridade dos órgãos respiratórios, sendo mesmo difícil encontrar melhores.

Fiquei algo desnorteado e procedendo ao exame de outros aparelhos nada encontrei capaz de explicar o estranho caso.

Fi-la voltar no dia seguinte e, após um exame da cabeça aos pés, só podia incriminar os órgãos digestivos como responsáveis por aquele estado miserável da enferma. Foi no mesmo dia submetida ao exame radioscópico que patenteou nitidamente um estômago bi-locular, responsável por aquele cortejo de sintomas.

— Outro caso. Vindo de Paranaguá, com febre intermitente que a torturava há mais de 2 meses, procurou distinto colega desta cidade, H. G. de 35 anos de idade. Este, que se dedica a cirurgia, enviou-me a doente com este recado: tem calafrio e febre á tarde, suores á noite, tosse, penso que a moléstia dela pertence a um **internista** e não a um cirurgião.

Examinei, com o máximo cuidado, os pulmões, fígado, estômago, etc. e nada absolutamente encontrei de anormal.

Foi submetida ao ráio X que nada revelou. Voltou novamente ao meu consultório para novamente ser examinada, e ainda desta vez, nada encontrei capaz de explicar aquela febre intermitente que não corria por conta do impaludismo.

Procedendo a um exame **a capite ad alcem** notei estranho exagero da sensibilidade no hipogastro. Fiz voltar a doente á presença do cirurgião que nada havia encontrado para o lado dos órgãos genito-urinários, dizendo que a única cousa que me chamava a atenção na enferma era a dôr na parte inferior do ventre e que convinha repetir o exame dos órgãos contidos na bacia. No dia seguinte fui convidado para assistir a dilatação de um pequeno abcesso do fundo do Douglas, que durante quasi três meses escapara aos exames repetidos.

Terminada a operação desapareceu com ela a pirexia — a febre saiu toda naquele pús, disse-me o marido, poucos dias depois da intervenção.

— Recebi de um ilustre coléga, que se ausentara, a incumbência de acompanhar uma doente de gripe. No fim de 20 dias fiquei desconfiado que se ocultava atraz desse diagnóstico qualquer cousa mais seria, devido a persistência, sem alteração, da febre (38° e 38,5°) que aparecia todas as tardes.

Entretanto nada absolutamente me havia revelado em exames repetidos, com o maior cuidado. Cada dia, médico e doente esperava que não mais tomasse a febre, e ela, obstinadamente, a voltar cada dia implacável desafiando, não direi a argucia, mas a dedicação do clínico que não podia atinar com a sua etiologia.

Febre, febre todos os dias, sem mais outro sintoma que orientasse o médico. De manhã estava melhor, capaz de levantar e trabalhar, á tarde voltava a febre como um ludibrio á ignorância em que me achava sobre a sua causa. Pedi a um coléga da

Profilaxia, o distinto Dr. Leal Ferreira, para fazer a sôro aglutinação de Widal, pois estava eu inclinado a pensar na existência de uma febre tífica, pelo fáto de não poder pensar em outra cousa.

Chegando á cabeceira da doente disse aquele talentoso coléga: "febre tifóide com certeza não é, pois um tífico depois de 15 dias de febre não pode ter essa aparência".

Feita a reação de Widal, verifica-se que era justamente uma febre tifóide, que terminou quando bem quiz.

INTERROGATÓRIO:

Esgotando tudo quanto pode dar, num relancear inteligente, a **inspeção** que não deve abranger sómente a face e sim todas as partes acessíveis à vista, deve passar-se ao **interrogatório** do doente.

Para proceder com método deve-se interrogar o doente sobre:

a) **antecedentes hereditários,**

b) **antecedentes pessoais** e

c) **crônica da moléstia ou estado atual.**

a) — Apesar da herança ir, cada dia, perdendo terreno em favor do contágio, ainda assim ela presta alguns serviços, quando se trata de moléstias nervosas, artritismo, sífilis, etc.

b) — Em relação aos antecedentes pessoais o clínico pode tirar deles elementos importantes em pról de um diagnóstico em dúvida. Assim, uma dôr intensa no concavo epigástrico póde ser a expressão de uma cólica hepática, tabes, úlcera do estômago, hiperchloridia etc. e as informações do paciente podem trazer a chave do diagnóstico.

Em verdade, na cólica hepática ele refere que anteriormente já tem tido dôres idênticas, ficando no segundo ou terceiro dia completamente ictérico, tendo notado areias nas fézes; na tabes, que essas dôres aparecem, de súbito, sem causa, persistem intensas, durante um curto lapso de tempo, um a dois dias e depois desaparecem sem deixar vestígio, para reaparecerem

algum tempo depois, com os mesmos caractéres; na úlcera que as dôres são agudas, propagam-se á rache, trazem vômito e cesam sob a ação do bicarbonato de sódio etc. etc..

c) — Não raro basta a exposição que faz o doente do seu sofrimento para o clínico firmar um juizo sobre a espécie mórbida de que ele é vítima.

Assim, um calafrio único, prolongado, pontada no tórax, tosse, expetoração côr de tijolo, dificilmente deixará de retratar uma pneumônia lobal; assim, emagrecimento rápido, febre vesperal, hemoptise, anemia, tosse sêca garantem o diagnóstico de tuberculose pulmonar; assim, em um velho, um empastamento na região epigástrica, acompanhado de inapetencia, de emagrecimento levam naturalmente o clínico a pensar em carcínoma do estômago.

Póde acontecer que o mais minucioso e bem orientado interrogatório, auxiliado de uma inteligente **inspeção** não forneça elementos para um diagnóstico positivo, então o prático recorre ao exame do doente.

EXAME:

Deve-se começar o exame pelo órgão ou aparelho que se julga afetado. Superfluo seria fazer uma longa e fatigante sindicância relativa aos antecedentes hereditários do doente que indica a sede evidente do seu mal. Era mostrar-se pouco adestrado na sua arte o médico que sujeitasse a um longo interrogatório o doente que, tendo febre e vômito, indicasse o ponto de Mac-Burney empastado, como sede única de seu sofrimento.

Daria prova de pouca habilidade o clínico que procedesse a um exame cuidadoso das vias respiratórias de um enfermo que apenas acusasse, — evacuações frequentes de muco com sangue, tenesmo e dôres no colon descendente.

É mistér, pois, que se inicie o exame pela sede real ou aparente do mal, indicada pelo doente. Se com esse exame não se consegue firmar um diagnóstico, deve-se examiná-lo da cabeça aos pés — **a capite ad calcem**...

Esse exame detalhado, exaustivo, deve ser feito com a máxima delicadeza, captando a simpatia do doente e inspirando-lhe confiança.

Aí é que o clínico póde revelar-se um sábio forrado de um artista pela soma de conhecimentos com que tem de jogar e pela habilidade e destreza com que se vai utilizar de todos os processos para arrancar um diagnóstico que se oculta profundamente.

Trousseau dizia aos seus alunos: "De grace, un peu moins de science, um peu plus d'art, Messieurs". Achard prefere esta formula; "Um peu plus d'art, mais pas moins de science". Ou "sience d'abord, art ensuite, jugement toujours".

Ora, se o médico perito em sua arte, provéto, conta mais de 20% de erro (F. de Castro) o que se deve dizer do que nem se exercita no exame do doente e nem madrugada no estudo?!

É verdade que Michaut em seu livro: **Pour devenir medicin** diz que "é secundária a ciência, sendo os sentimentos altruístas a qualidade primordial do médico... Sem compaixão e simpatia pelo doente é o doutor um inútil destribuidor de drogas..."

Esta doutrina de Michaut revela a nobreza de seus sentimentos e a bondade de sua alma, mas é positivamente subversiva e acoroçoadora do charlatanismo, pois considera a ciência secundária, quando "ela deve ser soberana, sem a aplicação de cujas aquisições jamais haverá diagnóstico certo, prognóstico possível, tratamento racional...

Não deveis ser teóricos puros em assuntos de medicina, nem práticos exclusivos — o que equivale a meros enfermeiros — mas verdadeiros médicos clínicos, **artistas científicos** no dizer de Renon, isto é, artistas que lançam mão de todos os meios postos ao seu alcance pela ciência", como bem diz o sábio professor J. Fróes.

A fórmula ideal seria: primeiro — ciência, depois, — arte; ciência e arte envolvidas em um hálo de bondade e carinho.

É verdade, que no exercício desta nobre e árdua profissão tantas vezes tenho visto prodígios operados pelos sentimentos altruístas, mesmo em profissional de pequeno cabedal científico. É preciso saber envolver o doente, facilmente sugestionável, em uma atmosféra de simpatia propícia ao desenvolvimento de um trabalho que só vise o seu restabelecimento.

É preciso que o doente veja em seu médico um ente supe-

rior pela bondade, pela delicadeza e pela competência científica, ainda que esta realmente seja escassa.

Aqui no Hospital devem culminar os sentimentos de delicadeza e bondade para com os miseros enfermos três vezes infelizes: pobres, privados dos carinhos dos seus e sem liberdade para escolher o médico de sua predileção.

Mesmo bem aparelhado o clínico póde não chegar ao conhecimento exáto da moléstia, em virtude de uma série de dificuldades.

Na lição inaugural de Propedêutica, com que abri o curso a 20 de março de 1917 e que corre impressa, eu disse:

"Os dois principais óbices na pesquisa de uma diagnóse, diz o ilustrado e provéto professor Fróes, da Baia, são, em síntese — a **insuficiência dos dados observados e a sua má interpretação".**

Neste quadro podemos encerrar os três fatores que costumam desviar o propedeuta da méta por ele colimada: **miopragia, casos frustos e manifestações mórbidas fóra da séde da lesão.**

Se, lançando-se mão de todos os recursos que tenho lembrado e, examinando-se cuidadosamente o doente, não chegar ao diagnóstico? Recorre-se ao auxílio do Laboratório, aos ráios X, á hemocultura, a sôro aglutinação, ao exame citológico, á reação de Wassermann, etc. etc..

Em certos casos, nem mesmo o Laboratório auxiliado pelo exame clínico cuidadoso e por todas as pesquisas tendentes a esclarecer o diagnóstico conseguem esse desiderato.

Não há clínico, por mais provéto que seja na arte de desvendar diagnósticos, que não tenha tido ocasião de acompanhar doentes, cujos organismos, periclitantes embora, ocultam o nome da moléstia que os ataca.

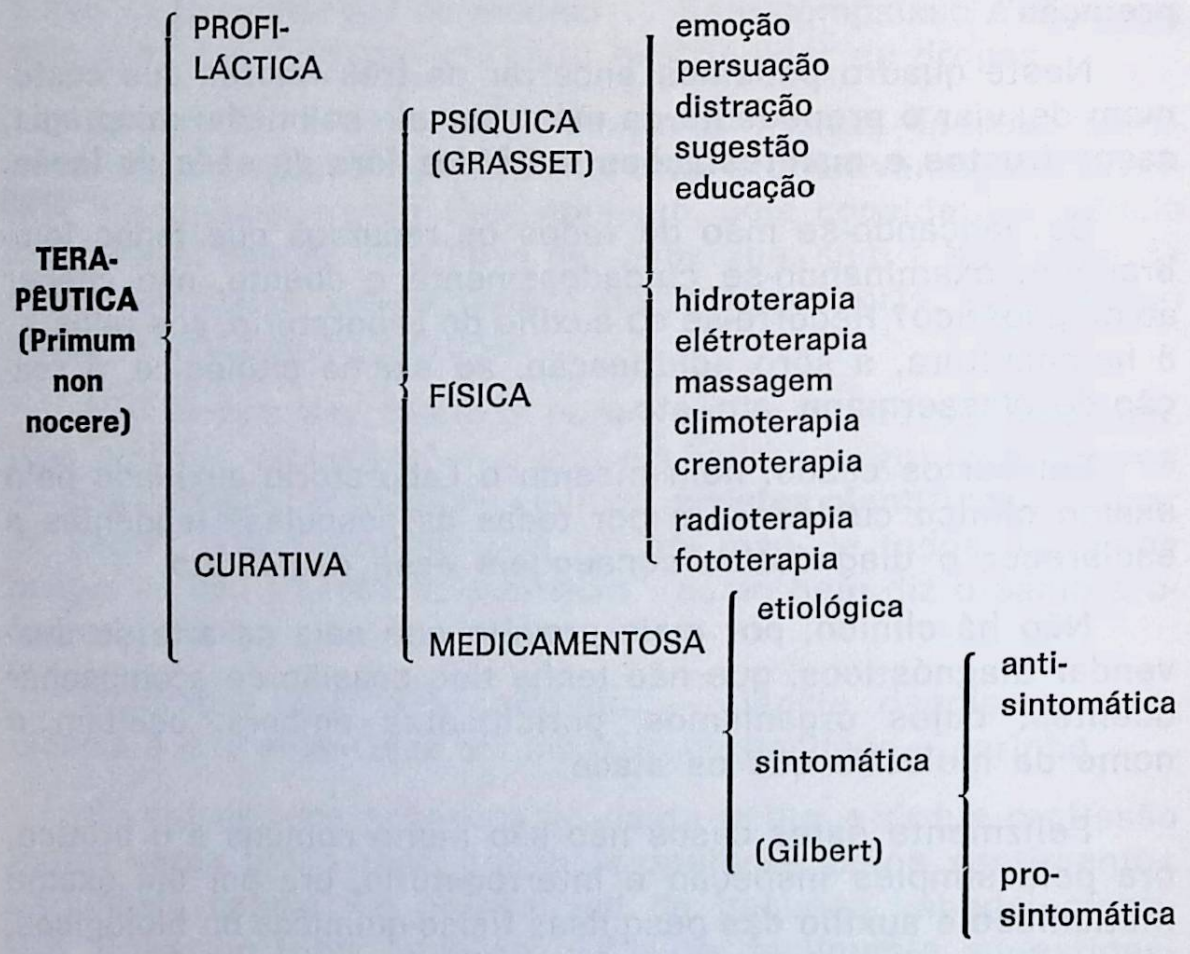
Felizmente estes casos não são muito comuns e o prático, ora pela simples inspeção e interrogatório, ora por um exame meticuloso e auxílio das pesquisas físico-químicas ou biológicas, chega a um diagnóstico preciso.

Mas não basta fazer o diagnóstico, é indispensável, como ensina o prof. Bard, que se conheça todas as particularidades que a moléstia imprime ao organismo.

Feito o diagnóstico... "il reste á determiner les caractéres particuliers au malade en cause; il reste á degager en un mot le type ou la forme clinique á laquelle il convient de rattacher son cas personnel". (L. Bard).

É necessário que se descrimine todas as particularidades do caso em lide, pois a mesma moléstia póde apresentar fórmas diversas conforme a violência e abundância dos germens, conforme o terreno em que evolve, sua resistência, tolerância, reação da idade, das moléstias anteriores, profissão, posição social etc.

Estabelecido o diagnóstico e verificada a fórma clínica com todas as suas particularidades, resta a **teraputica** que é a razão de ser da medicina.



Este esquema, confecionado de acôrdo com os ensinamentos de Grasset e Gilbert abrange toda a terapêutica, preenchendo todas as indicações.

Deste esquema imperfeito só me ocuparei da **terapêutica medicamentosa,** ciente como estou de que os Snrs. já estudaram suficientemente tudo quanto está fóra dessa chave.

A terapéutica etiológica que ataca o mal em sua origem, na própria fonte, e elimina os sintomas, por que jugula a causa, seria o ideal; infelizmente as moléstias que têm uma terapêutica específica, são tão diminutas que todas elas reunidas podem ser contadas pelos dedos de uma só mão.

Essas necessitam um tratamento, de antemão escolhido, certo, conhecido de todos, fácil de ser empregado porque específico, outras "á revelia da terapéutica vão, por si mesmas, a fio da cura; aqui mais serve ao doente o médico que menos o trata, e, de preferência, se limita a contemplar nos moldes do velho método expetante a evolução do processo mórbido, confiado na **vis medicatrix naturae".** (F. de Castro).

Entre uma e outra, entre esses extremos, está a massa compacta dos estados mórbidos que são beneficiados pela terapéutica sintomática.

Em uma alocução pronunciada a 19 de agôsto de 1916, quando fui reeleito Presidente da Sociedade de Medicina do Paraná tive ocasião de emitir conceitos referentes a este assunto.

Se em relação ás moléstias a norma é aquela traçada pelo sábio méstre e que decorre da observação dos fátos, em relação aos sintomas muito mais nítida, se ostenta a necessidade de lobrigar, entre as manifestações morbidas que caraterisam a moléstia as que devem ser combatidas e as que devem ser respeitadas.

Há sintomas que indicam franca defeza do organismo que está galhardamente resistindo à doença e pondo em contribuição os recursos para dela libertar-se.

Qualquer desvio de sua atividade, qualquer entrave ás suas reações salutares, qualquer perturbação em suas fontes de defeza pode trazer a sua derrota.

E o médico, n'um excesso de mal ponderada solicitude, administrando medicamentos que vão enfraquecer à linha de defeza vai aliar-se aos elementos agressivos, em detrimento do doente.

Nada mais exáto e digno de ponderação: se basta um simples impulso da **energia excitadora** (Defosses), n'um dado momento, para desencadear-se uma série de fenômenos de diversas espécies, lógico é que um medicamento idôneo, uma sugestão benéfica, penetrando no amago do cenário onde vai renhida a luta, possa trazer novos alentos ao organismo que ia baquear e o faça triunfar.

Também qualquer perturbação produzida por uma dróga contra-indicada por um regimen reverso, póde trazer uma **excitação** maléfica, que abala as defesas orgânicas, enfraquece e concorre para a vitória da moléstia, que sem essa intervenção intempestiva e perniciosa não lograria vencer.

Bem andou o prof. Gilbert sub-dividindo a terapéutica sintomática em anti e pró-sintomática.

Consintam os Snrs. que eu repita: — é na maneira de agir em face de uma série de sintomas, uns favoráveis, outros prejudiciais, que se conhece o verdadeiro clínico.

Junto ao leito do doente, depois de feito o diagnóstico, verificada a forma clínica da moléstia, estudada a resistência do organismo, cumpre ao clínico vir em auxílio deste, concientemente, não perturbando de qualquer modo as reações salutares. É preciso que o médico atilado e precavido saiba distinguir, claramente as manifestações mórbidas que devem ser combatidas, refreadas ou favorecidas.

"N'oubliez paz ce fait, diz Gilbert, que domine la therapeutique symphomatique tout entiére, á savoir: que bon nombre de symptômes representent des actes defensifs de l'organisme, et que ainsi noseulement ils ne doivent pas être combattus, mais respectés, ou même favorisés."

Assim, o vomito e a diarréa em certas intoxicações, o vomito, a diarréa e hemorragia nos uremicos, a tosse espetorante nas afecções dos bronchios, etc.

Insensato seria o prático que impressionado com a fébre do pneumônico, com deficiente depuração urinária, abarrotasse-o de anti-termicos que mais depressa fechariam o rim.

A fébre, os Snrs. sabem, é a mais expressiva reação do organismo que luta, que se esforça para libertar-se do inimigo

que o empolga, e só será combatida quando exeder os justos limites de uma defeza util, trazendo alterações dos elementos orgânicos.

Já se passou a época em que Liebermeister pregava que a fébre constituia o maior perigo, tanto nas moléstias crônicas como agudas, e devia sempre ser combatida.

Hoje estamos voltando aos tempos hipocráticos da — **vis medicatrix naturae** e o clínico cada dia mais se convence que o seu grande papél na arena mórbida é, inteligente e solicito, auxiliar o organismo que tem em si elementos poderosos de defeza, que mal conhecemos e pouco respeitamos.

Mais vale o prático que cruza os braços e deixa ao organismo a taréfa de lutar sósinho, contra o mórbus, que aquele que, muito dedicado, muito ativo, empreende combater, com energia, manifestações morbidas que representam verdadeiras reações defensivas. O organismo só exige que não o perturbem com auxílios intempestivos e contra-producentes.

Um celebre pediatra dizia, falando das pneumonias, sem complicação, que atacam as crianças: — prognóstico é bom, a cura é certa, salvo se o médico submete-las ao uso dos antimoniais.

Antes a expetação que a intervenção inconsciente.

Qual é o criterio que deve, pois, guiar o prático no dedalo sintomático, para não combater o que é util e não poupar o que é prejudicial?

O prof. Gilbert, tratando dos — **Princípios Gerais de Terapéutica** — estabeleceu, para guiar a medicação sintomática estas duas leis, **a de gravidade e a de valor,** expressas nos termos seguintes: — **"Loi de valeur:** tout symptôme qui, dans une maladie, se montre, defavorable ou malfaisant doit être combattu, tout symptôme favorable ou bienfaisant, menagé, voir facilité dans sa production.

Loi de gravité — tout symptôme grave, c'est-á-dire menaçant la vie des malades, doit être combattu". (**L'art de prescrire**).

O notável prof. de clínica médica de Paris fecha este capítulo com estas palavras, com que encerro esta lição:

"O bom médico não é aquele que, sistemáticamente, persegue, e ataca os síntomas das moléstias tendo a ilusão de perseguir e atingir a propria moléstia, e sim aquele que sabe apanhar as indicações das duas terapêuticas opostas e contrárias, isto é, abster-se e agir quando necessário".

ORAÇÃO DO PARANYMPHO

na solenidade da collação do grau aos doutorandos em Medicina, em 24 de Dezembro de 1927.

Exmas. Senhoras

Exmos. Senhores

Jovens Collegas.

Quando fui scientificado da resulta da eleição que me conferiu a honra de paranympho dos doutorandos de 1927, eu disse áquelle que, neste momento, acaba de pronunciar essa formosa oração, tão cheia de imagens louçans e de surtos scintillantes, que a outrem, e não a mim, devia tocar essa elevada incumbencia.

— "Não", tornou elle, "esta vez ainda a escolha deve recair em sua pessôa, porque, além do mais, o Murillo faz parte da turma dos doutorandos".

Não podeis imaginar o effeito delicioso que me causaram essas palavras, ditas com tanta espontaneidade e singeleza, e que ainda cantam dentro em meu peito com a suave harmonia de homenagem captivante e de sublimada recompensa ao meu esforço e á minha dedicação.

Essas palavras emanadas daquella vida ainda em flôr, commoveram profundamente minha alma, porque não era simplesmente o Murillo que fazia parte dos doutorandos de medicina, era o meu 6.° e derradeiro filho que se formava, e ia então receber a investidura de legionario de Hippocrates.

Não posso, pois, dissimular a grande satisfação que, nesta hora inolvidavel, inunda todo o meu ser ao assomar a esta tribuna.

É que, entre a pleiade de jovens collegas ungidos para uma luta aspera e nobre, e que aqui se acham promptos para receber a sagração de um arduo ministerio, eu vejo aquelle que, hoje, vai fechar o cyclo de um grande e incessante anhelo que sempre foi o de formar todos os meus filhos.

Mas esse ideal, srs., que tanto tem preoccupado minha existencia, não constituia mero desejo de dar a cada filho simplesmente uma carta de doutor, não era a vaidade estulta de dar a cada filho um anodyno titulo academico, com o qual elle pudesse conquistar um lugar na burocracia parasitaria, e ahi passar displicentemente a vida na penumbra.

Não; eu almejava formar todos os filhos com o intuito muito alto e patriotico de collocar na mão de cada um delles um diploma que representasse um instrumento nobre de trabalho, e com o qual elle se apresentasse na luta pela existencia, conscio do seu valor e apto para vencer com hombridade todas as vicissitudes que se lhes deparassem no curso da existencia.

Essa era a minha grande ambição, e mercê de Deus, foi plenamente satisfeita, visto como cada filho que tem conquistado seu diploma, seu armamento para o combate, tem sabido honral-o, fazendo uso delle com dignidade e independencia.

Perdoem-me, srs. esta irreprimivel expansão egoistica de um coração de pai, que, satisfeito, acredita haver neste instante attingido a Chanaan de uma ardente e tenaz aspiração.

* * *

Um predicado, quiçá o mais apreciavel, nas lucubrações daquelle que vos dirige a palavra, será hoje posto em evidencia na oração do paranympho: — a brevidade.

Uma saudação terna e sincera elaborada com a mais singela urdidura literaria, isenta de conselhos sediços e repisados, e sem a menor preocupação didactica, eis o que deve ser esta allocução.

Tambem já são bastantes as lições proferidas no Hospital, ora ao lado de um enfermo que estertora e derrama lagrimas exprimindo a dorida presumpção de ter os dias contados, apesar da providencia do remedio; ora, ao lado de um convalescente

que sorri agradecido numa commoção intensa de quem levou de vencida uma luta porfiada, e agora, pleno de esperança e alegria, já vai prelibando o gozo dos dias radiosos de uma nova existencia.

A vida é isso que vemos, em todas as espheras sociaes: — uma successão de contrastes os mais imprevistos, que nos enchem de apprehensões e temores. A alegria mais franca, mais justa e mais radiante, não raro, vai fenecer na explosão de uma enorme dôr, que nos martyriza impiedosamente.

As vibrações ruidosas de jubilo, que se diriam infindaveis, são abafadas pelos soluços de uma fatalidade que estala, sinistra, em nossos pés, como um raio em dia sereno.

A dôr anda sempre rondando de perto as mais francas expansões de prazer, para que não olvidemos um instante, quão frageis e fugazes são os encantos da ventura.

Essa triste verdade que se observa, habitualmente, na circumstancia da mais franca expressão de regozijo rematar em lagrimas e soluços mostra, com toda a clareza como estão proximos os dois polos oppostos da sentimentalidade humana.

O fulgurante ornamento, das letras brasileiras, o vulto apollineo de eloquencia demosthenica, que se chama Fernando Magalhães, já havia explorado, sob outro aspecto, o rico e aureo veio com o alvião do seu portentoso talento e com as illuminuras de sua estupenda imaginação.

Assim falou elle ao receber o prof. Lima e Castro na Academia de Medicina.

"No enunciado de Heraclito accentua-se a supremacia dos oppostos governando o homem, a sociedade e o mundo. Tudo na vida é resultado de uma luta, de um antagonismo, de um encontro de situações differentes.

E por isso a rhetorica descobre na natureza o sól que brilha e fecunda e a luz que macera e mystifica; o rio que corre mansamente como um queixume abafado e o mar que se revolta e cresce como uma affronta desencadeada; a viração que suspira como uma saudade sem fim e a tempestade que soluça como uma dôr sem limites; a estrella faiscando como uma lampada que se apaga e o meteoro rutilando como um fogo que devasta;

o brilhar do insecto a salpicar de luz a escuridão da noite e o desencadear do raio a incendiar o espaço tenebroso..." E assim foi por ahi além, librando-se nas mais elevadas regiões da eloquencia, onde só se podem elevar os priviligiados que têm asas de condor.

Neste momento, patenteia-se a confirmação desses encontros dos oppostos que se realizam sem interrupção.

De facto, a oração do novél discipulo de Esculapio, que tem os olhos fitos no deslumbramento dessa aurora boreal que passa pela retina da mocidade sedenta de glorias, vibrou neste ambiente como o clarim que desperta, ao alvorecer de vida nova, um bando de emoções e de esperanças que em revoada se alcandora aos páramos azues a entôar hosanas.

O discurso paranymphico vai fazer lembrar a hora do **Angelus,** a soar com lentidão; vai trazer á memoria o campanario da aldeia distante, que, á tarde, vibra melancholicamente, chamando os fiéis á prece e á meditação.

É a aurora e é a vespera. Sempre os contrastes, sempre os contrarios em porfia, que vão aqui misturar suas vozes dissonantes nesta assembléa augusta, mirando, ainda bem, á mesma finalidade.

Esta solennidade, srs. teria o esplendor de todos os encantos e as vibrações da mais effusiva alegria, mormente achando-se aqui presentes insignes delegados á primeira Conferencia de Educação, entre os quaes figuram mestres eminentes como Rocha Vaz e Raul Bittencourt, hygienistas notaveis e emeritos patriotas, como Belisario Penna, o indefesso batalhador em pról da grandeza de nossa terra e do vigor de nossa gente, pedagogos provectos e esforçados como Orestes Guimarães e outros; esta hora seria, pois, a mais ditosa e a mais referta de alacridade para os que attingem a meta de suas aspirações e se despedem da vida academica, se a recordação amarga de um companheiro querido, que tombou em meio á jornada, cheio de vida e de esperança, não projectasse, neste recinto, a sombra de uma saudade que jamais se extinguira.

* * *

Meus jovens Collegas, o altruismo é o que constitue a essencia, o suprasumo da profissão que elegestes. Em verdade,

o clinico que cumpre rigorosamente os sagrados ritos do sacerdocio que abraçou, não mede sacrificios no sentido de corresponder à confiança não só dos que se entregam a sua solicitude e proficiencia, senão até da sociedade em que vive, restituindo a saude aos primeiros, e velando pela salubridade da segunda.

Isto quer dizer que o medico deve procurar reduzir e, si possivel, até exterminar o elemento essencial destinado a augmentar o seu trabalho e assegurar a sua prosperidade.

Secar a fonte onde póde haurir os melhores proventos deve ser o alcandorado desiderato do facultativo consciencioso.

Sublime profissão essa, srs. que se consagra ao exterminio justamente dos factores que podem trazer-lhe a prosperidade e a abastança!

O industrial intelligente e bem orientado esforça-se por accrescer, por todos os meios licitos, a materia prima que lhe alimenta a industria, donde procura tirar o maximo rendimento; o medico, deve procurar jugular as molestias, extinguir as epidemias que constituem precisamente a materia prima da sua profissão, e da qual elle poderia locupletar-se.

* * *

Um joven collega e já, hoje, provecto clinico, um dia, que não vai longe, interrogou-me sobre duas questões attinentes á nossa profissão:

1.ª — se é a sorte que, principalmente, influe no bom exito da clinica;

2.ª — se devemos revelar ao doente o diagnostico de sua molestia contagiosa, como a tuberculose pulmonar.

Respondi á primeira, dizendo que o saber, alliado á bondade, fazem do clinico um verdadeiro sacerdote, e que, mais cedo ou mais tarde, os seus serviços profissionaes serão solicitados pelos que soffrem e sabem distinguir o ouro de lei do ouropel; entretanto, o padre Antonio Vieira, o estilista primoroso, "cuja linguagem é ainda hoje o melhor padrão da vernaculidade", com fina ironia, refere o episodio do ferreiro de Roma, o qual encerra formal contradita a esse conceito, como se pode concluir das proprias palavras do famoso jesuita que assim falou:

"Um ferrador vizinho do cardeal Palloto desappareceu de Roma; e indo depois o cardeal a Napoles com certa diligencia do summo pontifice, teve um achaque, sobre que se fez junta de medicos, e entre elles viu o ferrador por mais afamado; conheceu-o o cardeal, tomou-o á parte, e perguntou-lhe quem o fizera medico? Respondeu, que só mudara de fortuna e não de officio; porque do mesmo modo que curava em Roma as bestas, curava em Napoles os homens; e que lhe succedia tudo melhor, porque além de acertar nas curas tão bem e melhor que os demais medicos, se acertava por erro de dar com algum doente na outra vida, que ninguem o demandava por isso, como sua eminencia, que lhe fez pagar uma mula do seu coche, por lhe morrer nas mãos andando em cura".

Quanto á segunda pergunta respondi-lhe que, para evitar a disseminação da molestia, devia revelar a verdade a uma pessôa da familia, bem chegada ao enfermo, mas que o fizesse depois de expostas todas as probabilidades em prol da cura.

Com geito e habilidade, velando o intento com a indumentaria rosea da esperança, que já se vai tornando realidade, até o proprio enfermo se poderá confiar o segredo de sua doença.

Assim, convenientemente vestida e adornada, poderá a verdade prestar os seus bons serviços sem trazer desanimo, nem causar repulsa.

Então, lembrei-lhe o conto oriental de Malba Tahan, que assim resumo.

"Um dia, a Verdade resolveu visitar um grande palacio. E havia de ser o proprio palacio em que morava o sultão Harum Al-Raschid.

Envoltas as lindas formas num véo claro e transparente, foi bater á porta do rico palacio em que vivia o glorioso senhor das terras musulmanas. Ao ver aquella formosa mulher, quasi nua, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

— Quem és?

— Sou a Verdade! — Quero falar com o vosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid, Emir dos Crentes!

O chefe dos guardas, zeloso da seguarnça do palacio, apressou-se em levar a nova ao grão-vizir.

— Senhor — disse, inclinando-se humilde — uma mulher desconhecida, quasi nua, quer falar ao nosso soberano.

— Como se chama?

— Chama-se a Verdade!

— A Verdade! — exclamou o grão-vizir, subitamente asaltado de grande espanto. A verdade quer penetrar neste palacio! Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Verdade aqui entrasse? A perdição, a desgraça nossa. Dize-lhe que uma mulher nua não entra aqui.

— Não podes entrar, minha filha, — diz-lhe o chefe dos guardas. — A tua nudez iria offender o nosso Califa. Volta, pois, pelo caminho de Allah!

Vendo que não conseguia realizar o seu intento, ficou muito triste a Verdade. Mas quando Deus criou a mulher criou tambem a Obstinação. E a Verdade continuou a alimentar o proposito de visitar um grande palacio. E havia de ser o proprio palacio em que morava o sultão Harun Al-Raschid.

Cobriu as peregrinas formas de um couro grosseiro como os que usam os pastores e foi bater á porta do sumptuoso palacio em que vivia o glorioso senhor das terras musulmanas.

De novo repellida, porque era a accusação que pedia ingresso.

Mas quando Deus criou a mulher criou tambem o Capricho.

E a Verdade entrou-se de vivo desejo de visitar um grande palacio. E havia de ser o proprio palacio em que morava o sultão Harum Al-Raschid.

Vestiu-se com riquissimos trajes, cobriu-se com

joias e adornos, envolveu o rosto em um manto diafano de seda e foi bater á porta do palacio em que vivia o glorioso senhor das terras musulmanas.

Ao ver aquella encantadora mulher, linda como a lua cheia do mez de Rhamadan — o chefe dos guardas perguntou-lhe:

— Quem és?

— Sou a Fabula — respondeu ella em tom meigo e mavioso. Quero falar com o vosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid, Emir dos Crentes!

O Chefe dos guardas, zeloso das segurança do palacio, correu radiante a falar com o grão-vizir.

— Senhor — disse inclinando-se humilde — uma linda mulher, vestida como uma rainha, solicita audiencia de nosso amo e senhor, o sultão Harun Al-Raschid, Emir dos Crentes.

— Como se chama?

— Chama-se a Fabula!

— A Fabula — exclamou o grão-vizir, cheio de alegria — A Fabula quer entrar neste palacio? Que entre! Bemvinda seja a encantadora Fabula. Cem formosas escravas irão recebel-a com flores e perfumes! Quero que a Fabula tenha, neste glorioso palacio, o acolhimento digno de uma verdadeira rainha!

E abertas de par em par as portas do grande palacio, a Fabula entrou.

E foi assim, sob o aspecto de Fabula, que a Verdade conseguiu aparecer ao poderoso Califa de Bagdad, o sultão Harun Al-Rachid, emir dos crentes".

— Agora, snrs. para não faltar á promessa feita no preludio desta allocução, vou rematal-a, fazendo os mais effusivos e os mais sinceros votos pela completa felicidade dos jovens collegas que se aprestam para partir, e almejando que ao termino da viagem possam repetir as eviternas palavras de S. Paulo:

"Combati o bom combate, acabei a minha carreira, guardei a minha fé, só me resta receber o premio da Justiça".

GOMES CARNEIRO
e o cerco da Lapa

Discurso pronunciado a 9 de Fevereiro de 1928, por occasião da inauguração da estatua do General Antonio Ernesto Gomes Carneiro, erigida na cidade da Lapa.

Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado

Exmas. Senhoras

Meus senhores

Se não estivessemos investidos da honrosa incubencia de representar, nesta solennidade, um grupo de contemporaneos e participes dos tormentosos dias passados nas trincheiras, á mira dos invasores, possuiriamos os titutos seguintes, que justificam a nossa presença nesta tribuna: — O primeiro é ser lapeano, e dos que mais querem á gleba em que nasceu; o segundo é ter sido o medico de Carneiro nos derradeiros momentos de sua existencia, constituindo-se dess'arte o depositario das ultimas vibrações daquella alma de escol, dos extremos anseios daquelle coração que sempre palpitou ao influxo das causas nobres e justas; emfim, ser o official honorário do Exercito e ter conquistado uma patente sob o commando do chefe intemerato.

Não allego, Snrs., a qualidade de ser ardoroso, enthusiasta e sincero admirador do inclito soldado, porque não acredito que haja brasileiro digno desse nome, que não sinta verdadeiro orgulho e commoção intensa ao recordar a vida modelar daquelle que foi cidadão de acrisolado patriotismo, e soldado que nunca vacilou em collocar acima de seu bem-estar, e até de sua vida, os deveres com todos os percalços de sua profissão.

Os proprios adversarios que com elle terçaram armas em campos de cruentas batalhas, nutriam um mixto de admiração e respeito para com aquelle que era a antithese do nome que trazia, porque só de leão é a bravura, a resistencia e intrepidez que patenteava nos prelios em que se envolvia.

"Não se illudam", disse o General Piragibe a um grupo de officiaes, quando marchavam para a Lapa, "não se illudam, porque o commandante da praça é Carneiro só no nome".

Se os proprios adversarios, se os inimigos que elle combateu com ardor, se curvam reverentes ante os seus excelsos predicados, não será para estranhar, e menos para censurar, o transbordamento dos corações amigos ao rememorarem os seus feitos heroicos, a sua bondade ineffavel e a sua vida sem macula.

Este monumento não é levantado nesta cidade que elle immortalizou e tornou lendaria, convertendo-a em nova Meca do patriotismo, por uma facção, por um partido politico que se chamaria ridiculo se tentasse fazel-o, mas pelo benemerito Governo do Paraná, que, traduzindo o sentir e o pensar de todos os brasileiros, resolveu pagar uma divida de gratidão que a Republica havia contrahido com o seu salvador.

É, pois, digno de todos os louvores o chefe do poder executivo que promoveu esta justissima homenagem e confiou ao talento de J. Turim, consagrado artista patricio, a tarefa de perpetuar neste bronze imperecivel a figura tradiccional de Carneiro.

A RESISTENCIA DA LAPA SALVOU A REPUBLICA

Não fosse a pertinacia ao lado de um pugillo de bravos; não fosse a coragem indomita e o patriotismo de Gomes Carneiro, que tinha o condão de fazer de cada soldado um lutador e de cada lutador um amigo extremado, a cohorte federalista que vinha das bandas do sul, talando como cyclone, teria nestas plagas uma victoria facil e frutuosa como a de Cezar sobre Phárnaces, rei do Ponto, synthetizada pelo celebre romano em três palavras apenas: "Veni, vidi vici".

Muito outro foi o successo que aqui se realizou: a victoria do adversario custou tantas vidas de pelejadores adestrados

no manejo das armas, fez correr tanto sangue, que Gumercindo Saraiva poderia ter repetido as palavras de Pyrrho ao triumphar em Ásculo: — "Ainda outra victoria como esta ,e estarei perdido".

Em verdade, além do grande numero de soldados dos mais pugnazes que pereceram durante o cerco, emquanto nelle se pelejava por dilatados dias, com ardimento e ousadia a causar delirio, o governo federal teve tempo sufficiente para apparelhar a esquadra improvisada e organizar a defesa em terras da Paulicea, que, consoante o que se dizia, estava prompta para receber os revoltosos de braços abertos, encaminhando-os para o coração da Republica, onde chegariam triumphantes.

Gumercindo Saraiva devia ter em mente este facto, quando disse a uma das suas mais distinctas patricias, então na capital do Paraná, e a cuja casa chegavamos em serviço medico, apenas della saía o denodado guerreiro: — "O maior erro da revolução foi sitiar a Lapa, onde perdemos tanta gente e um tempo que nos era precioso para alcançar o nosso destino. Hoje eu torço a orelha e não sae sangue". Esta phrase do famigerado caudilho encerra claramente a decepção de não ter alcançado o eldorado paulista e a dolorosa perspectiva de uma derrota que se lhe antolhava bem proxima.

DE COMO SE JUSTIFICA A INVESTIDURA DE CARNEIRO NAS FUNCÇÕES DE COMMANDANTE DAS FORÇAS QUE OPERAVAM NO PARANÁ

Por que motivo foi Carneiro escolhido para tão alta missão?

Floriano Peixoto, possuidor de apurado tino, tendo necessidade de um official que fosse, ao mesmo tempo, bravo, competente, dedicado e energico, para commandar as forças que deviam operar no Paraná, e que se destinavam a desbaratar os federalistas, quando não pudessem impedir a sua invasão pelo Rio Negro, não vacillou, um instante, em confiar essa elevada e delicada incumbencia ao Cel. Gomes Carneiro, que possuia todos os requisitos para a bem desempenhar, como brilhantemente o demonstrou.

Carneiro, quando assumiu o commando geral das forças, não era um soldado bisonho no campo de batalha, não era um neophyto nos departamentos administrativos, nem um noviço

nos segredos da estrategia; ao contrario, era um typo perfeito de organizador e de chefe que tinha o dom de fazer despertar em cada subalterno a mais acendrada dedicação á causa que defendia.

Não havia covardes nas fileiras sob seu commando. Tal era a influencia que elle exercia no animo dos combatentes, que todos, ardegos e impetuosos, queriam primar no cumprimento de suas ordens. Dir-se-ia que de sua soberba personalidade se desprendia um effluvio magico que até aos pusillanimes dava energia e coragem. E o seu valor, como é facil mostrar, vinha-se affirmando desde os inhospitos campos do Paraguay, para culminar no sitio desta cidade, onde se encerrou, entre bençãos da Republica, o cyclo daquella existencia toda dedicada á familia e á patria.

Quando rompeu aquella guerra, que se prolongou por mais de um lustro, elle apressou-se em assentar praça, em Janeiro de 1865, como voluntario da patria, não tendo ainda completos seus 19 annos de idade.

Seguindo para o campo de acção, a 5 de Março, tomou parte activa em varios combates no Rio Grande do Sul.

No territorio paraguaio, começaram desde logo a chamar a attenção dos seus superiores a attitude caracteristica e a feição distincta que aquelle jovem soldado mostrava em cada combate que se feria.

E o seu real e indiscutivel merecimento o foi elevando gradativa e galhardamente na hierarchia militar.

A 14 de Fevereiro de 66, foi promovido a cabo de esquadra, e no mez seguinte teve tres promoções por actos de bravura: — a 1.º de Março, furriel; a sete, segundo sargento; e a 23, primeiro sargento. A 2 de Maio, foi ferido em combate, baixando ao hospital. A seis do mesmo mez foi promovido a alferes.

A 25 de Julho, teve alta do hospital, a pedido, desistindo de 6 mezes de licença, concedida por inspecção de saude, para se tratar, no Brasil, de um ferimento, que lhe havia deformado a mão esquerda.

Participou de quasi todos os grandes recontros com o inimigo, e sempre impavido, recto e desprendido, como registam os

annaes dessa guerra, que poz em relevo o merito excepcional do soldado brasileiro e elevou bem alto o nome de nossa patria no conceito das nações civilizadas.

Na occupação de Curupaiti, no reconhecimento de Humaitá, na ponte de Itororó, no combate de Lomas Valentinas e em tantos outros, lá estava Carneiro indefesso, destemido e inflammado sempre de uma pugnacidade invencivel, que o patriotismo não deixava jamais arrefecer.

Diversas vezes fôra elogiado pelo seu "distincto comportamento, zelo, dedicação, enthusiasmo e valor".

Em Lomas Valentinas, foi gravemente ferido, bem como no assalto á praça de Peribebuhi, onde soffreu profunda contusão, e ainda assim continuou combatendo, como quem nada tivesse soffrido. Este acto de estupenda calma e extraordinaria firmeza, valeu-lhe repetidos e calorosos elogios.

Regressando ao Brasil, trazendo no corpo varias condecorações, representadas pelas cicatrizes, que o fuzil, o sabre e a lança do inimigo nelle haviam traçado indelevelmente, matriculou-se, em 71, cheio de enthusiasmo, na Escola Militar, com o intuito de proseguir no serviço da patria. Ahi fez um curso dos mais brilhantes, marchetado, repetidas vezes, de episodios reveladores de grande capacidade, energia e correcção.

Nos prelios da intelligencia e na applicação aos misteres do seu officio, era quasi invariavelmente o **primus inter pares.**

Snrs., essas façanhas inauditas da vida de Carneiro e tantas outras que a exiguidade do tempo nos inhibe de registar, não significam que elle fosse impellido ou arrastado pela ambição de receber a recompensa pelo seu procedimento invulgar; mas, simplesmente o regozijo de cumprir o seu dever e a alegria de satisfazer os elevados e nobres impulsos de sua alma de soldado e patriota.

Falando-nos a seu respeito, disse o illustre e integro Marechal Alberto de Abreu: "O que caracterisava, principalmente, o caracter de Carneiro era a intransigencia associada á altivez de quem vale muito e tem consciencia do seu valor".

Em todos os relevantes successos de sua vida, patenteia-se claramente o substracto de uma personalidade que se extrema

por uma nobreza inconfundivel e por uma integridade sem jaça. Elle era grande, em summa, porque dava naturalmente expansão aos seus insignes sentimentos patrioticos, e não porque tivesse os olhos voltados para os proventos que a cobiça impulsiona o aventureiro a conquistar.

APRESTOS PARA O CERCO

Carneiro já havia assumido o commando supremo das forças militares que operavam ao sul do Paraná, quando, a 15 de janeiro de 1894, foram vistos, nas cercanias desta cidade, varios piquetes da força federalista em movimento desordenado e inexplicavel.

No dia 16, a agitação e a correria dos famosos ginetes gauchos tornaram-se mais notaveis, fazendo-nos suppor que os revolucionarios tivessem recebido noticia segura da approximação do reforço que Carneiro, ancioso, esperava do norte ou do sul, para onde enviara emissarios de inteira confiança.

Pura illusão! Todo aquelle movimento febril e inopinado, que se assemelhava aos aprestos para o exodo, outra cousa não era que as derradeiras manobras destinadas a guarnecer a Lapa, que ficava, desde então, completamente sitiada e encarcerada entre essas fortes elevações do sólo, para que a carnificina fosse executada com maior facilidade e menor perigo.

E, assim, dentro de um cerco que dia a dia mais se estreitava e mais angustioso se tornava, graças á deficiencia de munições e de pessoal, e em virtude da fallencia de esperança no almejado reforço tantas vezes solicitado, pelejaram os bravos de Carneiro durante 26 dias, com tal bizarria, com tal afinco e audacia, que até aos proprios adversarios causaram assombro.

Carneiro cercado de uma aureola de bondade e de denodo, que o tornava o idolo dos combatentes, apparecia em toda parte, — animando, estimulando, elogiando, para que ninguem esmorecesse no embate.

No dia 7 de Fevereiro, ás 6 horas da manhã, o troar de um canhão federalista annunciava o começo da refraga.

Carneiro e Lacerda percorriam os pontos mais vulneraveis, animando e incitando os soldados.

Constava que os sitiantes envidariam tudo para romper o cerco. Custasse o que custasse, blazonavam, nesse dia, a praça, até então inexpugnavel, cairia em seu poder. Era a ultima tentativa.

Carneiro, calmo e illuminado de um fulgor sobrehumano, não abandonava um instante os lutadores, que se sentiam invenciveis ao receber o influxo do seu grande chefe e amigo.

Informado, ás 9 horas, de que a trincheira da rua da Bôa-Vista, junto á pharmacia Westphalen, estava mais uma vez abandonada, por ter sido exterminada a sua guarnição, para lá correu, levando não só reforço de soldado, mas tambem o enthusiasmo e a confiança que sempre inspirava a sua presença.

TRINCHEIRA DA RUA BÔA-VISTA, JUNTO Á PHARMACIA WESTPHALEN

Foi alli Snrs, que o prelio chegou ao mais impressionante e indizivel paroxismo; foi alli que uma mesma bala fulminou um esforçado patriota e feriu gravemente um brioso official; foi alli que as facções belligerantes, em ultimo arranco, se confundiram num entreverar truculento e feroz; foi alli que, por duas vezes, ficou a trincheira desguarnecida e, por duas vezes, briosos servidores da legalidade vieram offerecer os generosos peitos aos golpes do invasor, baqueando sorridentes; foi alli, em summa, que Carneiro, qual Judas Macchabeu, no auge da peleja, animando os que lutavam e exaltando os que caíam para não mais se erguer, teve o rijo organismo varado, de lado a lado, por uma bala de fuzil.

Que fatalidade, Snrs.! Quando, cheio de civismo ardente, blindado de coragem indomavel e inflexivel, elle tomava todas as providencias para que a victoria coroasse aquelle inenarravel sacrificio dos sitiados, eis que uma bala certeira atravessa aquelle organismo que parecia invulneravel.

Erecto, estoico, sobranceiro, sem o menor queixume, sem uma imprecação sequer, comprimindo, apenas, a séde do ferimento com aquella mão que uma bala paraguaia havia já deformado, pediu que o acompanhassem até a casa em que estavamos residindo.

E a todos os que o inquiriam sobre o seu estado de saude,

ia para logo dizendo que o ferimento não tinha a menor importancia, era simples contusão, e que breve estaria ao lado dos bravos comaradas para festejar a victoria da legalidade, que seria a paschoa da Republica livre dos phariseus. Pediu-nos que o examinassemos e que, qualquer que fosse a intensidade do ferimento, dissessemos a todos, invariavelmente, ser leve e sem a menor gravidade.

— Nesse momento, Snrs. o que se passava naquella trincheira onde os canhões rugiam como pantheras sanguisedentas, os fuzís explodiam tetricos, as balas detonavam mortiferas, era tal amalgama de impetos, de valentia, de bramidos e de colera, que se não póde descrever o espectaculo medonho e pavoroso. Era o homem que se transformava em féra, era o soldado que espalhava o excidio e exterminio naquelle pugilato homerico em que os ardegos combatentes se esphacelavam num impeto selvagem, abrasados de uma furia insopitavel.

Bravura de parte a parte, heroismo de todos os lados, desapego á vida horrivelmente perturbador e caligante, — é que ali espadanava de todas as feridas a sangueira rutilante de intrepidos e valorosos filhos da mesma patria heroica e gloriosa.

DEPOIMENTO DE UMA TESTEMUNHA

Apresentando-vos agora, uma photographia tosca, sem o mínimo retoque, mas muita expressiva, do que ahi se passou, rendemos ao mesmo tempo saudoso preito ao Cel. Libero Guimarães que, com inexcedivel dedicação, acompanhava a Carneiro, como um dos ajudantes de ordens.

Libero Guimarães, em depoimento requisitado pelo Ministerio da Guerra, assim relata, sem atavios, o que se deu na trincheira fatidica.

"Depois do trise acontecimento, o Cel. Lacerda, que pressuroso, se mostrava em todos os lugares onde se combatia, mandou vir um reforço, em soccorro desse posto, seguindo para a casa do medico ,acompanhando ao Cel. Carneiro. O fogo continuava cerrado, produzindo mortandade em nossas forças, já muito resumidas. Nessa occasião caíu, a meu lado, atravessado por uma bala, o 2.° Tenente Lebon Regis, que não havia abandonado o seu posto na trincheira, erguendo vivas á Republica, fi-

cando por essa razão sem commandante a boca de fogo, cuja guarnição estava então quasi toda morta. Com o reforço pedido pelo Cel. Lacerda, veio o Cap. Sisson, que, tomando conta da peça, a carregou, atirando contra a casa donde nos atacavam, conseguindo dar por esse meio tempo aos nossos soldados a arrombarem as portas e entrarem no predio, travando-se dentro um luta terrivel, corpo a corpo, desbaratando-os completamente, ficando em nosso poder o unico ponto que então ainda offerecia resistência".

Ás 2 da tarde desse dia funesto e lugubre, após 8 horas de fogo vivo e incessante, que transformara em vulcão esta cidade, os sitiantes em verdade recuaram desorientados e assombrados de tanto denodo, deixando o campo coalhado de cadaveres.

Logo depois desse embate cyclopico, que glorificou a impavidez de tantos patriotas obscuros que tombaram galhardamente com o nome da legalidade na boca, o Cel. Serra Martins procurou Carneiro e, narrando com enthusiasmo a estonteante victoria dos sitiados, disse, com vivacidade e já prompto para se retirar: "Cel. suas ordens?" Carneiro, com a maxima energia de que ainda era capaz, respondeu acto continuo: — "A ordem é uma só — resistencia, resistencia a todo transe".

Decorridos alguns instantes, chegou o Cel. J. Lacerda, e Carneiro, no leito de morte, recebeu-o prazenteiramente com esta phrase, que vale por uma apotheose: "Eu tenho a gloria de descobrir no Paraná um verdadeiro heróe — o Cel. Lacerda".

Era, de facto, esse inolvidavel paranaense politico de fino atilamento e vasto prestigio, lapeano de enorme influencia, que conseguiu, sem difficuldade alguma, reunir nesta cidade um batalhão de patriotas destinados a defender a legalidade, os quaes no cerco se bateram como legitimos e experimentados veteranos.

Sempre animado, sempre esperançoso e cheio de gratidão aos nossos cuidados e aos do seu esforçado enfermeiro o industrial José do Amaral, Carneiro não manifestou jamais a menor duvida quanto ao triumpho completo da causa que defendia, porque era a causa da lei.

Na mais rigorosa vigilancia por parte dos sitiados e sob intermittentes disparos dos sitiantes, passaram-se os dias 7, 8

e 9 de Fevereiro, até ás 19 horas, quando concitando sempre os camaradas a não abandonarem as trincheiras, expirou sem um gemido e sem uma contracção que denotasse padecimento. Assim tambem expirara, no dia anterior, o imperterrito Cel. Dulcidio Pereira.

Tendo desapparecido o meridiano que orientava aquella colletividade em constante agitação, havendo-se delido as irradiações da estrella polar que mantinha a harmonia e o rythmo naquella massa heterogenea e reduzida, não se encontrou caminho que não fosse dar na rendição. E lá nós fomos ter a 11 de Fevereiro de 94.

RELIGIOSO E LEGALISTA

Snrs., Carneiro, sobre ser um espirito illuminado e culto, era religioso e disciplinado. Cria em Deus e acatava a lei. Repetidas vezes, de seus actos destillava a suavidade de uma crença religiosa profunda, mas sem alarde.

Era religioso, não fanatico. O fanatismo é a penumbra que deforma o contorno dos factos e turva a limpidez da verdade.

Carneiro tinha, pois, dous cultos a que prestava sincera vassalagem: — **A Religião e a Patria.**

O symbolo do primeiro era Nossa Senhora do Patrocinio, e o do segundo era a lei.

Se a lei, Snrs., fosse sabiamente cumprida, como elle pensava, e por ella os detentores de qualquer parcella do poder pautassem os seus actos, não a transformando em leito de Procusto para os dyscolos e desaffectos e em camilha fofa para os apaniguados e amigos, a existencia dos pequenos e a dos grandes correriam suavemente, sem reveses nem attritos, e a sociedade não soffreria os damnos e abalos da reacção que a injustiça fatalmente desperta. A lei não é somente, como disse Coolidge, no 6.º Congresso Pan-Americano, recentemente inaugurado em Havana, o refugio dos fracos e dos opprimidos: — é tambem a força dos poderosos e o prestigio dos grandes. Se a formula — prestigio á lei — que serviu a Victor Hugo para traçar um dois mais commovedores capitulos de sua obra immortal, fosse o lemma de todo cidadão, qualquer que fosse a sua hierarchia social, o desforço reaccionario e a revindicta, que costu-

mam percorrer toda a gamma do desvario, não poderiam alçar o collo e pôr em pratica a sua acção nefasta, que, começando na discordia, póde ir ao extermineo.

CONDIÇÕES ESTRATEGICAS DA CIDADE

Grave accusação se formulou por se haver o Cel. Gomes Carneiro deixado ficar, á espera do inimigo, nesta cidade, cuja topographia, a qualquer luz que seja considerada, é a menos estrategica possivel.

Basta olhar para esses montes, adustos uns e outros cobertos de alta vegetação, que lhe ficam a cavalleiro, e donde os sitiantes podiam, sem grande risco, metralhar os sitiados, para dar razão aos que assim pensavam. A increpação era, pois, inteiramente bem fundada; mas o chefe das forças armadas, como tivemos occasião de nos certificar, não era responsavel por esse erro, que tão caro nos custou.

Tendo Carneiro recebido ordem para acampar nesta localidade e preparar-se para rechaçar os invasores que se approximavam, fez ver ao Presidente da Republica os multiplos inconvenientes de se immobilizar nesta situação, onde tudo era desfavoravel á tropa e aos fins a que se destinava o exercito legalista.

A resposta, que teve, decisiva, foi para não abandonar a cidade, onde devia aguardar o reforço que lhe chegaria sem tardança.

Soldado disciplinado, sabendo que a ordem do superior se cumpre e não se discute, aqui ficou, mau grado seu, e contra a expectativa de muitos officiaes. Se o Marechal Floriano, grande admirador de Carneiro, conhecesse a pessima posição em que deixava o vero servidor da Republica, por certo consentiria que elle fosse em campo raso enfrentar o inimigo.

Carneiro necessitava de espaço amplo, lato, para preparar e desenvolver um ataque formidavel, onde então poderia patentear, em toda sua plenitude, a tactica de emerito capitão, a sua actividade assombrosa e a sua intrepidez indomita.

A aguia, que devia percorrer a amplidão em largos vôos e escolher um espaço dilatado para enfrentar o inimigo, ficou en-

clausurada entre muralhas que delimitavam um retalho de terreno, e ahi encontrou ao lado de tantos lutadores, o seu ultimo repouso.

CAUSAS DA INVASÃO FEDERALISTA

Logo após a capitulação da Lapa, um dos mais graduados officiaes federalistas foi visitar a casa onde havia fallecido o Cel. Carneiro, com intuito não só de verificar a exactidão do seu desapparecimento, que se suppunha simulado, senão tambem para receber os despojos opimos do invicto soldado que alli havia exalado o derradeiro alento.

Tendo respondido a varias perguntas do famoso maragato, ousamos, por nossa vez, interrogal-o desta forma: —

"Coronel, o chefe supremo do partido federalista, no Rio Grande, declarou, em recente manifesto, que os revolucionarios não depunham as armas, não abandonavam o campo da luta, emquanto estivesse vivo o tyrannete Julio de Castilhos.

Ora, Julio de Castilhos lá está governando o Rio Grande, cada vez mais forte e mais prestigiado. Como é, pois, que os Snrs. abandonam aquelle Estado ,invadem o Paraná, que nada tem com a revolução e vêm atacar-nos em nossos proprios lares?"

Retorquiu-nos com a sua calma habitual, immutavel, ainda quando mandava decapitar prisioneiros:

"O ideal revolucionario é hoje muito mais amplo, a nossa acção libertadora é mais patriotica. Vamos até ao Rio de Janeiro, e do Itamaraty arrancaremos Floriano Peixoto, porque a vida hoje no Brasil é incompativel com o governo desse tyranno. Pelejamos aqui, porque não nos deixaram livre a passagem para S. Paulo, onde vamos ser recebidos de braços abertos, e onde teremos todos os recursos para seguir para a Capital Federal e tomar conta do governo.

Os pica-paus da Lapa retardaram a nossa marcha".

Em summa, vendo os chefes federalistas que os seus recursos estavam quasi esgotados para sustentar a luta no Rio Grande, e acreditando nas informações de correligionarios deste Estado, que aqui viriam encontrar facilmente todos os meios

para prosseguir na campanha libertadora, para cá se encaminharam confiantes, não sonhando com a já hoje historica resistencia dos pica-paus engaiolados nesta praça, resistencia que, incontestavelmente, foi a causa precipua do mallogro da insurreição.

Elles nem de leve imaginaram que, irmanados, nesta santa cruzada, militares e civis levariam a audacia, na defesa das trincheiras, ás raias da insania.

— Obregon, "o maior genio militar do Mexico", disse recentemente que 'cada dia que passa mais se convence de que a força militar de uma nação reside na coragem dos civis, dos cidadãos da Republica".

Aqui, neste rincão paranaense onde se iniciou o epilogo da revolução de 94, Obregon teve a confirmação de seu modo de sentir em relação ao valor dos patriotas estranhos á carreira militar.

Em verdade, durante o cerco patentearam uma coragem indomavel — Lacerda, João Pacheco, Libero Guimarães, Amynthas, José Charlot, Fidenco Guimarães, Henrique José dos Santos. Otto Rochendorf, Faustino Riola, Emilio Blum e tantos outros, todos civis os quaes fizeram jus á calorosa admiração de um militar da estofa de Gomes Carneiro.

DOIS HEÓES EM UM SÓ CORPO

Snrs., Carneiro representou, por si só, em terras do Brasil, o papel de duas fulgurantes personalidades que scintillaram — uma, na historia fascinadora da França, e outra, nos fastos da cavalheiresca Hespanha: Bayard e Palafox.

De facto, Bayard immortalizou-se pelo arrojo com que pelejava e pela magnanimidade após as victorias. Seu coração era um sacrario de energias e de bondade. Sua alma era um repositorio das mais acrisoladas virtudes.

Palafox, no sitio de Saragoça impoz-se á admiração de todos pelo ardor e patriotismo com que se bateu em defesa da cidade gloriosa.

Não tinha momentos de repouso e nada o entibiava, nada o detinha no afan de libertar a praça do angustioso cerco.

Pois bem: — Carneiro foi ao mesmo tempo Bayard e Palafox: — valente e generoso como o primeiro, intrepido e patriota como o segundo.

PELO DEDO SE CONHECE O GIGANTE

Os homens verdadeiramente grandes não necesitam, para se extremar das mediocridades, que se lhes recordem todos os feitos vultuosos e memoraveis: basta algumas das minimas occurrencias de sua vida para os caracterizar de modo inconfundivel. Percebe-se o forte latejar do pulso do gigante, ora em um simples episodio, ora em uma phrase incisiva e opportuna.

Assim, "á bala" de Floriano Peixoto, ficará consignada na historia como a excelsa consubstanciação do destemor irreprimivel e do patriotismo exaltado, capazes de salvar e glorificar qualquer nação.

Carneiro deixou tambem uma bella colleção dessas pequenas, porém grandíloquas amostras do seu genio, que assignalam uma epoca e fixam um perfil para todo o sempre, as quaes pretendemos dar á estampa quando para isso houver lazer.

O MONUMENTO RESGATA DIVIDA E É PENHOR DE CONCORDIA

Snrs. Este monumento não foi erigido nesta praça para servir de abantesma bellico, destinado a glorificar a carnificina que empapou de sangue esta cidade, nem tão pouco para reavivar e perpetuar os soluços convulsivos, os gritos lancinantes e os gemidos abafados dos que aqui soffreram e dos que aqui baquearam.

O supremo magistrado do Paraná não pretendeu como disse Carlos de Laet, a respeito do que se tentou fazer em S. Paulo, em homenagem á legalidade, "consubstanciar em faustoso monumento publico a victoria dos legalistas sobre aquelles dos seus compatriotas que, obedecendo a suggestões diversas, acreditaram servir a verdadeira causa nacional com a deposição do governo..."

Nada disso; até porque a legalidade não triumphou aqui a 11 de Fevereiro .O seu intuito elevado e digno de encomios

foi, sem duvida, satisfazendo a aspiração dos nossos queridos patricios, pagar uma divida de gratidão que a Republica havia contrahido com um dos seus mais fieis e devotados servidores que baqueou sobranceiro para que ella se erguesse avante.

A postura que elle mantem alli, firme, resoluta, parecendo dizer com entranhada convicção: — "Aqui não entrarão", — deve despertar na alma de todos os brasileiros, amigos da sua patria, o desejo ardente de seguir a trajectoria deslumbrante desse estratego viril e impolluto, que salvou a nação do maior inimigo que a podia empolgar — a anarchia.

Acaba-se de fazer, como ultimo tributo de vassalagem ao espirito de Carneiro, aquillo, justamente, que o duque de Caxias desejava se fizesse no Rio Grande para se commemorar a victoria dos legalistas contra os denominados Farrapos.

"O que se deve celebrar", disse Caxias "é uma missa em que, co-irmanados, todos os brasileiros possam chorar os amigos que perderam e pedir a Deus o acabamento das guerras civis."

Emfim, Snrs., esta estatua que de per si era bastante para constituir a fama de João Turim, se elle já não fosse um artista de renome, não foi aqui erigida para eterno vilipendio dos vencidos, nem esplendemente glorificação dos vencedores, porque todos os que se aqui bateram, gregos e troianos, o fizeram com heroismo e extremo devoatmento aos ideaes politicos que abraçavam. Ella vai ficar aqui, guardada pelo carinho dos lapeanos para que os brasileiros, inspirando-se no exemplo de Carneiro, se conservem irmanados na aspiração suprema de servir com desinteresse e com ardor a nossa patria, elevando-a ao fastigio a que ella tem direito.

DO CHLORURETO DE SODIO Á AZOTEMIA, PASSANDO PELA NEPHRITE (*)

. . . . . .

Depois que o professor F. Widal demonstrou que, ao clinico, interessa muito mais conhecer o estado da funcção renal, que a variedade anatomica da lesão desse orgão, um novo rumo, claro e promissor, abriu-se para o therapeuta.

Não era, pois, com o auxilio da anatomia pathologica e sim da physiologia que devia ser levado a effeito o estudo das nephrites.

Já em 1897 Achard e Castaigne deram publicidade ás suas pesquizas relativas á permeabilidade renal pela prova do azul de methylenio.

Si este meio nos permittia conhecer a permeabilidade global do rim, não nos instruia, entretanto, sobre a permeabilidade relativa de cada substancia que esse orgão devia eliminar do organismo.

Foi Widal quem demonstrou que a retenção de 2 substancias, principalmente, caracterisam a insufficiencia renal — o chlorureto de sodio e a uréa, originando cada uma dellas perturbações morbidas especiaes.

Em 1903 Widal e Lemierre deram as mais convincentes provas de que somente a ingestão de chlorureto de sodio, independente de qualquer outra causa, era sufficiente para fazer reapparecer o edema em certos brighticos; ainda mais, que o edema brightico está intimamente ligado á impermeabilidade relativa do rim ao chlorureto de sodio.

No anno seguinte, ainda Widal e Javal, mostraram que, nos brighticos, o rim pode ser atacado de insufficiencia relativa

(*) Resumo de uma lição proferida no anno de 1929.

somente em relação á eliminação dos corpos azotados, particularmente na uréa.

É bem possivel que ainda sejam descriminadas e caracterisadas novas perturbações morbidas ligadas á retenção de outras substancias. Não deve surprehender o facto d'aqueles 2 syndromas exercerem influencia tão dissemelhante no organismo, quando se sabe que cada uma das substancias responsavel por seu apparecimento tem origem differente e representa papel tão diverso atravez da economia. Em verdade, o chlorureto de sodio sahe tal qual entra no organismo, sem ter passado por transformação alguma; a uréa, producto ultimo da desagregação dos corpos azotados, forma-se á custa das substancias proteicas dos alimentos e dos tecidos. Á maneira de substancia excrementicia, que o é, ella concorre para a eliminação, por intermedio do rim, dos residuos azotados da nutrição. Ao contrario do que succede com o chlorureto de sodio ella não toma parte na nutrição cellular, e não tem acção alguma sobre o equilibrio osmotico, o que a torna desprovida de qualquer poder hydro-pigenico. Ainda mais, o chlorureto de sodio em excesso accumula-se, com a sua agua de diluição, muito menos no sangue que nos tecidos, ao passo que a uréa se diffunde uniformemente, accumulando-se igualmente no sangue como em outros meios do organismo, e é por este motivo que basta dosar a uréa do sangue para ter-se a noção exacta da sua taxa em toda a economia.

Essa diffusão uniforme da uréa não occasiona desiquilibrio osmotico, como dissemos, não acarreta accumulo hydrico e por isso a azotemia, como diz Widal, é uma retenção secca.

Em summa, diversificadas pelas suas origens, pelo papel que representam no organismo, essas 2 substancias ainda se differenciam pelo mechanismo de sua eliminação renal. De facto, a uréa é substancia sem limiar, isto é, é eliminada pelo rim em qualquer taxa que se encontra no sangue, ao passo que em relação ao chlorureto de sodio do sangue, intervem alem do poder secretorio do rim o limiar da excreção, que não existe para a uréa.

Extremados assim os 2 syndromos, para logo ficou estabelecido o que convinha evitar em cada um delles para que as perturbações morbidas respectivas não se aggravassem; mas,

ampliou-se de tal arte a prohibição do uso do sal que, nesse regimen de exclusão dos chloruretos, se chegou a abranger a totalidade das lesões renaes, sem attender-se a sua natureza, a sua intensidade e principalmente a capacidade eliminatoria do rim.

Assim é que por toda parte, até com acquiescencia dos que conhecem e versam este assumpto, o regimen achloruretado tem sido imposto, olvidando-se as perturbações fuccionaes, clara e brilhantemente, demonstradas por Widal e seus discipulos que sobre ellas basearam a classificação das molestias dos rins.

O regimen achloruretado convem, pois, somente em certos doentes, em outros elle é inutil e até prejudicial, como mostrou F. Rathery em communicação feita á Academia de Medicina de Paris em 16 de Maio do anno corrente.

Há mais de 2 annos temos, em nossas lições de clinica professadas no Hospital de Misericordia desta cidade, condemnado essa prescripção de um regimen sem sal, indistinctamente, a todos os doentes do rim, quer apresentem ou não edemas reveladores da incapacidade desse orgão para eliminar o chlorureto de sodio.

Ora, se é verdade, como vimos, que se deve proscrever o chlorureto de sodio do regimen alimentar dos individuos atacados de nephrite e que não eliminam convenientemente essa substância, não é menos verdade que não se póde suprimil-o impunemente em outras variedades de molestias do rim em que essa eliminação seja normal ou até exagerada.

Entre nós basta que o paciente tenha traços de albumina na urina para ser, desde logo, condenado a um regimen em que não entra sal. Ainda bem que na constituição de alguns alimentos aconselhados, sem addição dessa substancia, já ella existe em apreciavel quantidade.

O chlorureto de sodio, diz Rathery, desempenha um papel importante em physiologia e a sua ausencia na alimentação, por longo tempo, mesmo em individuos sãos, provoca perturbações de varias ordens: asthnia, anorexia, vertigem, algumas vezes vomitos, albuminuria, consequencias todas essas da abstenção do sal. Diz ainda Rathery: existe um grupo de nephrites

que, por motivos varios, não somente deixa de reter os chloruretos, como até os elimina em quantidade excessiva, o que dá lugar a uma verdadeira hypochloruremia.

Nestes casos apparecem os accidentes ligados á chloropenia — fraqueza, anorexia, hypotensão e até augmento de uréa no sangue.

Este facto, hoje bem averiguado, da elevação da uréa sanguinea por falta de sal na eliminação é de grande importancia, quer sob o ponto de vista do prognostico, como do tratamento, e o clinico não pode prescindir de bem conhecel-o. Se a abstenção do chlorureto de sodio prolonga-se, a azotemia incrementa-se e consequencias bem graves podem sobrevir desse disturbio; se a estes doentes, porem, administrar-se chlorureto de sodio, todas essas perturbações desapparecem como por encanto e a uréa do sangue volta ao estado physiologico.

São esses casos que Leon Blum (Strasbourg) qualificou de "azotemia por falta de sal" em opposição á azotemia verdadeira dos nephriticos.

"Existe uma azotemia, dizem Blum, Grabar e Van Caulaert que por sua rapida progressão e por sua intensidade apresenta a maior analogia com a que se encontra na nephrite azotemica grave; entretanto, ella póde ser provocada unicamente pela falta de sal, sem que exista nephrite na verdadeira accepção do vocabulo. A administração do sal faz desapparecer rapidamente esta azotemia, não ficando o menor traço de uma alteração renal".

Esses illustres mestres da Clinica Medica de Strasbourg publicaram o anno passado um trabalho de grande valor subordinado ao titulo — **Azotemia por falta de sal** (Presse Medicale — 7 Nov. 1928 pag. 144). Ahi elles estudam com rara competencia a azotemia por falta de sal no diabetes grave e em outros estados morbidos.

Em relação ao diabetes elles demonstram as 3 proposições seguintes: — 1.ª A azotemia se produz após o uso de um regimen sem sal e desapparece após a ingestão de sal.

2.ª — A azotemia não se produz senão em diabeticos que estão submettidos a uma dose muito escassa de sal.

3.ª — Após a administração de sal os rins não apresentam o menor signal de lesão.

Em relação a outros estados morbidos elles procuram demonstrar que a azotemia não deixa de apparecer todas as vezes que o organismo é submettido a um regimen em que a quantidade de sal é deficiente.

E a perda de chlorureto de sodio do organismo verifica-se quasi sempre em consequencia de intensas perturbações das vias digestivas. Assim os vomitos abundantes e incoerciveis e as diarrhéas profusas eliminam grande quantidade de sal do organismo, ficando este em situação de não poder refazer as suas reservas porque o sal ingerido é, sem tardança, evacuado por aquelles processos.

Em relação ao vomito, trabalhos americanos, clinicos e experimetaes, demonstraram que a hypochloremia é acompanhada de augmento da azotemia.

Em relação á diarrhéa os documentos são mais excassos; entretanto, tem-se verificado em casos de cholera aziatico azotemia acompanhada de diminuição de chloruretos sanguineos.

Chalvet descreveu um caso de cholera com 3,gr.60 de uréa no sangue.

Blum, Grabar e Van Caulaert pensam que a azotemia descripta nas gastro-enterites (gastro-enterite uremigenica de Lesieur), nos typhicos (Rathery), nas crianças atacadas de atrepsia (Nobecourt) podem estar ligadas, ao menos em parte, ao mesmo mechanismo.

Não é somente nas doenças do tubo digestivo propriamente dito que sobrevem esse empobrecimento de sal e as suas consequências, outras affecções acompanhadas de vomitos e diarrhéas, também podem dar lugar á azotemia.

Qual o mechanismo desta azotemia por falta de sal?

A principio acreditavam todos que a existencia de uma lesão renal primitiva era a causa dessas azotemias; mais tarde, porém, Leon Blum e seus collaboradores demonstraram que ha ainda um segundo mechanismo de natureza humoral e que só secundariamente pode intervir o rim, e é o seguinte: — a au-

sência de sal nos humores acarreta uma diminuição da concentração molecular que o organismo procura compensar elevando a taxa da uréa. A azotemia, dizem aquelles experimentadores, provocada pela falta de sal apparece como um meio compensador, como um recurso de que o organismo se serve para lutar contra as consequencias advindas de uma diminuição considerável da concentração mollecular do sangue.

Na seção da **Sociedade Medica dos Hospitaes** de Paris, de 23 de Nov. 928 foram relatados varios casos de azotemia por falta de sal e que se restabeleceram, graças a um regimen chloruretado.

L. Blum e J. Weil referem a historia de um doente em o qual se desenvolveu um pronunciado syndroma azotemico (2 gr. 47 de uréa por litro) em consequencia de forte diarrhea.

Partindo do princípio, já demonstrado, que as diarrhéas abundantes, acarretam grandes perdas de sal, e a defficiencia desta substancia dá em resultado o apparecimento da azotemia, foi administrado ao doente clorureto de sódio, verificando-se desde logo que o estado geral melhorava e a azotemia baixava sensivelmente.

Foi, nessa mesma sessão, relatada a história de um brightico que apresentava grave syndroma azotemico (4,80 de uréa) constituido por vomito incoercivel, cephaléa, torpor, prostração extrema e no qual a administração de sal produziu rapida melhora do estado geral e queda da azotemia.

Como se póde saber se uma azotemia depende da falta de sal ou de uma nephrite?

A ausencia de albumina, de cylindros urinarios, de hyperthophia do ventriculo esquerdo e de intensas perturbações gastro-intestinaes, e a pressão arterial baixa ou normal depoem em favor da azotemia por falta de sal.

A seguinte observação de um doente que ainda se encontra em nossa enfermaria da Santa Casa vem em apoio das conclusões a que chegaram Blum e seus colaboradores no tocante a azotemia por falta de sal ou da azotemia que cresce a mingua de sal.

A. P. de 59 annos de idade, solteiro, natural da Allemanha, entrou para a nossa enfermaria no dia 23 de Julho deste anno. Procurou o hospital, informa elle, porque tossia muito, tinha dores no peito, fraqueza, insomnia e edemas das pernas.

O doente apresentava uma physionomia abatida e acentuada pallidez. O coração nada apresentando de anormal que explicasse o edema dos membros inferiores, apellamos para o exame da urina.

A escuta dos pulmões revelou estertores diffusos, abundantes, de medias bolhas. O exame da urina nada revelou que explicasse o edema, que continuava enigmatico. A historia pregressa do paciente auctorisava o diagnostico de grippe, doença que então reinava epidemicamente.

Apesar de nada de anormal revelar a escuta do coração e o exame da urina, o doente foi submetido a um regimen achloruretado por muitos dias.

Os estertores da bronchite, bem como o edema dos membros inferiores foram, paulatinamente, desapparecendo, entretanto o doente apresentava-se mais pallido, mais fraco, sem appetite algum e com uma somnolencia impressionante.

A inapetência, a pallidez e o torpor nos levaram a pensar em azotemia e o exame do sangue deu o seguinte resultado:

Reacção de Wasserman (13-8-29) ††, de uréa (3-9-29)-1,0, exame completo da urina (4-9-29) nada de anormal.

Conhecendo a influencia que a alimentação fortemente azotada exerce sobre a taxa de uréa do sangue (Widal e Javal) e sabendo que o nosso doente estava sob um regimen hypoazotado e hypochloruretado, e com diurese normal, achamos que uma gramma de uréa era cifra muito elevada e que indicava um mau prognostico.

Era de esperar que estando o paciente sob um regimen muito pobre de albuminas não fosse tão alta a azotemia. Este facto mostra claramente que não é só das substancias proteicas da alimentação que provem a uréa, mas também da desintegração dos albuminoides dos tecidos:- o doente não ingere albumina e a urea do sangue se eleva.

Submettido A. P. a um tratamento anti-luetico, logo às primeiras injecções de mercurio sobrevem forte estomatite o que nos obrigou a suspender esse medicamento, passando elle o tomar Neo. I. C. I.

O estado do doente ia aggravando-se cada dia e como acreditassemos que a defficiencia de chrureto de sodio pudesse ser responsavel pela falta de appetite e talvez pelo augmento da uréa do sangue, prescrevemos um regimen alimentar em que entrasse sal e os azotados, batata, aveia, macarrão, carne, em pequena quantidade, leite e caldo de feijão.- Não tardou que ele fosse despertando da antiga modorra, animando-se e até tomando certo interesse pelo que se passava em torno de sua pessôa, quando alguns dias antes era apathico e indifferente a tudo, ali permanecendo n'um estado de torpor e somnolencia que fazia prever um próximo desfecho. Estes dois signaes, alem de precoces, quasi nunca faltam na azotemia.

A 23 de Setembro foi novamente dosada a uréa que deu 0,75. Neste tempo nos surprehendeu o doente reclamando contra a deficiencia da alimentação — tinha fome e recebia pouca carne e pouco leite, dizia elle. E as melhoras foram se accentuando. Já conversava e tinha disposição de andar. Só então nos referiu que teve no norte febre palustre, e melhorando partiu para o sul e chegando em Santos recolheu-se a um hospital e d'ahi partio á pé para esta cidade, passando nessa viagem todas as sortes de privações. E agora já não é diffícil explicar a presença do edema enigmatico.

A influencia do sal neste caso parece decisiva, pois alem de uma alimentação fortemente azotada (carne, macarrão e leite) a uréa diminuiu no sangue, o que deveria ser o contrario, se no regimen não entrasse um elemento que compensasse e até sobrepujasse o effeito de substancias ricas de azoto que compunham a sua alimentação.

— Em 2 de Outubro foi novamente dosada a uréa do sangue, que diminuiu (0,73) apesar de estar o doente fazendo uso de alimentação fortemente azotada. A pesquisa de ovos de parasitos nas fezes deu resultado positivo para ankylostomo o que explica a pronunciada anemia que elle apresenta.

No dia 9 de Outubro a dosagem da uréa deu 0,62, mais tar-

de 0,60 e assim vai decrescendo paulatinamente até chegar a 0,50.

Apesar de não ter, neste caso, um effeito rapido e impressionante a ingestão do chlorureto de sodio sobre a uréa do sangue, como nos de Blum, entretanto por elle já se póde bem aquilatar da influencia do sal sobre a azotemia. De facto, estando o doente sob um regimen achloruretado e hypoazotado a taxa da uréa montava a 1,0 e submettendo-o a um regimen fortemente azotado que devia, naturalmente, elevar o grau da azotemia, a uréa baixou sensivelmente a 0,50, em consequencia, sem duvida, da influencia de um regimen fortemente chloruretado.

— Em face destas ligeiras e mal alinhavadas considerações sobre o papel do chlorureto de sodio no organismo, como deve proceder o clinico em materia de regimen chloruretado nos casos de nephrites, e qual o criterio que deve guial-o em tal emergencia?

Se o doente não apresentar edemas reveladores de franca retenção chloruretada, só a dosagem do chloro no sangue póde indicar ao clinico o caminho a seguir.

"A dosagem de chloro no sangue, diz Rathery, é tão importante como a do azoto para estabelecer um regimen racional nos nephriticos. Prescrever ás cegas o regimen achloruretado é correr o risco de prejudicar o doente".

CHARLATANISMO. BALANÇO METAPSYCHICO. ESPIRITISMO.

É a primeira vez que se vai commemorar, solemnemente, a abertura dos cursos desta Faculdade. A vacillação de quem começa uma empresa deixou confusa a Congregação, impedindo-a de escolher, com acerto, aquelle que devia inaugurar a serie destas conferencias.

O título de velho clinico, amigo dedicado desta instituição e indefesso cultor da medicina social, não póde justificar a nossa escolha para tão nobre missão, quando tantos outros podiam desempenhal-a com maior fulgor e eloquencia.

Os nossos pares, num assomo de gentileza para com o velho professor de clinica medica, sempre com as mãos livres e promptas para applaudir os que labutam com dignidade na mesma profissão, quiseram prestar uma homenagem captivante áquelle que se tem dedicado, por alguns decennios, ininterruptamente, ao culto da medicina.

Neste longo mourejar, quanto esforço despendido, quanto anseio por acertar, quanta decepção colhida e, principalmente, quantos erros teremos commetido no exercicio da mais bella e mais complexa de todas as profissões liberaes? Muitos e graves, sem duvida.

E quem os não commeterá, quando Francisco de Castro, o genial clinico patricio, "o sabio metido em um artista", na phrase de Ruy Barbosa, chegou a confessar neste dizer castiço e harmonioso: — "Um medico destro nas subtilezas de sua arte, affeito a affronta-la nas suas difficuldades, penetrado de uma forte vocação e concentrado nella, sabio na pratica e, o que não é menos, sabio, na theoria, cheio de sagacidade, de finura, de bom senso, esse medico, se apurar a estatistica dos seus erros, não os contará em proporção menor de 20 por cento".

(*) lição inaugural dos cursos proferida a 5 de abril de 1929.

Aquelle que suppõe estar fóra desse computo, aquelle que acredita, em sua ingenuidade, estar sempre com a verdade, esquiva, fugidia aos mais atilados pesquisadores, bem patenteia que muito pouco terá acertado em sua vida.

A duvida avassala amiúde o espirito dos mais precavidos clinicos. É essa duvida que nos faz investigar todas as manifestações morbidas, todos os signaes reveladores de um desequilibrio organico, no intuito de ser desvendado o mal afim de se lhe oppor efficaz therapeutica.

A duvida é, pois, a companheira inseparavel dos mais aptos e cautelosos esmerilhadores da verdade.

Não ha muito tempo, alguns clinicos estudiosos, dedicados e de longo tirocinio, não puderam, de golpe, diagnosticar uma doença que se occultava num remoinho de symptomas emmaranhados.

Não bastava serem provectos e dedicados; era de mistér serem adivinhos para extremar de suas similares a entidade morbida, sem auxilio do laboratorio.

Talvez houvesse quem, de longe, por palpite ou intuição, já que nem o tino medico, nem o saber, nem a observação accurada o podiam explicar, tivesse identificado a molestia, que os velhos collegas apenas suspeitavam. Affirmam que ha ente privilegiado, receptaculo de sciencia infusa, que não tem necessidade de madrugar no estudo nem de observar, como queria Magendie, para descobrir a doença nas profundesas do organismo. Basta-lhe saber o nome do doente para, desde logo, ter o diagnostico seguro e applicar a therapeutica idonea.

E como isso deve ser um dom raro, ineffavel, que baixa lá das alturas ignotas, para distinguir os eleitos dos céus, é bom que nós, que não somos iniciados nesses arcanos, continuemos, sem desfallecimentos, nesse afan de bem servir á profissão com os meios de que dispomos.

Não estamos fantasiando, Snrs. que o lugar e a assistencia não toleram irreverentes devaneios.

Aqui mesmo, nesta bella e attrahente Capital, onde existe uma Universidade que honra a nossa Patria, onde algumas de-

zenas de medicos solicitos, inteligentes e estudiosos exercem com brilho e competencia a profissão, surgiu, no mês passado, inopinadamente, um individuo leigo, de nascimento modesto, que affirmam, tem o dom de curar todas as molestias com fluidos emittidos pelo proprio corpo.

A população agitou-se com as noticias retumbantes das curas maravilhosas, e uma verdadeira romaria encaminhou-se para as bandas do Portão, atrahida pela fama do curandeiro milagroso.

Em poucos dias, attendeu cerca de oito mil doentes, e a todos beneficiou com a providencia do remedio, que era sempre o mesmo, passes cabalisticos e algumas gottas de um liquido saturado de **fluido astral.**

Proclamaram de tal modo as maravilhas e os milagres do subitaneo thaumaturgo Santanna, já então elevado por um dos mais lidos orgãos da imprensa local á altura de um ente extraordinário, que logo toda a gente veio a saber que elle, com um simples gesto ou um pouco de agua, praticava operações qual eximio cirurgião, e curava molestias que os mais abalizados medicos nunca puderam debellar; e tanto delle falaram, que a curiosidade nos arrastou a nós, bem como a alguns collegas, até a casa em que se achava o famigerado curandeiro.

E lá vimos e ouvimos tudo o que se póde ver e ouvir, quando a commoção, a crendice e a obcessão não obumbram o espirito e não perturbam a observação e analyse.

Tudo vulgar e natural, sem um acontecimento inedito que, sequer, pudesse despertar a curiosidade; entretanto, para lá o povo, em massa, confluia.

O que está acontecendo com respeito a Santanna, não é mais nem menos do que tem acontecido com outros curandeiros celebres, daqui e de toda a parte.

É o povo, crendeiro e insipiente, que, em arroubos de simpleza congenita, vai criando essa atmosphera impressionante e elevando um altar ao idolo, que não tardará a baquear, como todos os outros.

Um simples raciocinio justifica esta asserção:

Que poder sobrenatural tem o curandeiro Santanna, para attrahir e empolgar a multidão e ser capaz de torna-la fanatica, isto é, ancilla da sua vontade?

É o poder do incomprehensivel, do desconhecido, do mysterio em summa.

E o mysterio fascina, attrai e seduz, porque impera soberanamente sobre a imaginação, que é fertil e não tem raias; sobre a crendice, que é myope e não admitte fiscal. Bastava que ele tivesse feito melhorar uma nevralgia, que conseguisse apenas o desapparecimento de uma paralysia ou uma contractura hysterica, facto assaz trivial e corriqueiro, para que a fama o levasse em suas azas irisadas e o fizesse apparecer aos olhos da turbamulta, como um ente eleito das formidaveis forças ignotas, para deslumbrar, embevecer e pasmar, sem ser comprehendido.

A impressão que a noticia de um facto inusitado, inverosimil desperta em toda imaginação viva é de tal natureza, que, ainda sem intenção de burla ou fraude, cada individuo que o repete, fa-lo com um colorido mais intenso, com modulações mais impressivas em ordem a não ser elle reconhecido quando, de torna-viagem, chega ao ponto de partida.

Assim é a historia do ovo do philosopho, que todos conhecemos e da aza do corvo, que relataremos em duas palavras. O enfermeiro contou que um doente havia vomitado escuro; quem o ouviu, passou-a adeante, dizendo que o vomito era preto; outro a referiu mais longe, que o doente havia vomitado tão preto como a aza de um corvo, e na rua proxima divulgaram o facto assmbroso de que um doente do Hospital tinha vomitado um corvo.

A criatura humana tem uma attracção irresistivel para tudo quanto é cercado de mysticismo. Tudo quanto é inexplicavel e si apresenta como cousa sobre-natural tem a magia de abalar e seduzir as multidões, apaixonando-as.

Um exito de pouca monta do ser privilegiado, desenrolando-se em ambiente propicio, vai-se avolumando, vai tomando proporções gigantescas, e não tarda em correr de boca em boca, qual successo miraculoso e assim agita e movimenta uma população inteira o espectaculo mirabolante do milagreiro singular.

É a fagulha minuscula que, encontrando combustivel abundante, se alastra e vai produzir uma conflagração.

O curandeiro medra por toda a parte, Snrs. alliciando legiões de adeptos e enthusiastas, porque por toda a parte existem a credulidade e a crendice, que outra cousa não são que um misto de ignorancia e simpleza.

M. Santanna diz que é **medium** e cura com as luzes dos bons espiritos. "Não sou eu quem actua", disse elle, a um jornalista que o entrevistou, "são os guias do espaço, de que não sou mais do que simples instrumento".

É possivel que elle não saiba o que signifique **ser instrumento e bons espiritos,** mas a sua ignorancia não o inhibe de attrahir grande onda de enfermos que elle vai palliando e até curando, quando soffrem de molestias curaveis, por simples suggestão.

Se a fé abala montanhas, não é muito que ao seu influxo o curandeiro consiga alliviar os males de alguns credulos, conquistando esse facto as proporções de milagre.

Dizem que o fluido por elle emitido é tão poderoso, que faz andar paralyticos e desaparecer a gagueira.

Vimos um desses paralitycos, o qual soffre as consequencia de uma affecção de Heine Medin e continúa como dantes, soffrendo sempre.

O gago foi visto por um collega disticto, que nos honra com a sua presença. Respondendo elle ao collega sobre o resultado alcançado com a cura, tartamudeou, fez esgares e, depois de uns 2 ou 3 minutos de sacudidelas e esforços, conseguiu dizer que estava perfeitamente curado!

Trousseau fez fallar a um doente que era aphasico ha longo tempo, mas a noticia desse notavel successo não passou do círculo da familia do enfermo, porque Trousseau era um clínico eminente, e era muito natural que fizesse curas prodigiosas.

O povo, não podendo compreender, e com razão, como um homem modesto, sem instrução, oriundo da mais baixa camada social, pode adquirir o dom maravilhoso de curar tantos males, de afugentar tantos sofrimentos, com um simples gesto ou as-

perção de um líquido saturado de fluido, apela para o incognocivel, para o mistério, e este ministra-lhe todos os elementos para as mais estranhas fantasias, todo o material para a construção desses castelos refulgentes, cheios de encantos, de atrativos, mas que não resistem á observação atenta e calma, nem á investigação desapaixonada e séria.

Apurada a verdade, desvenda-se o mistério, quebra-se o encanto, e todas as cintilações se ofuscam, todas as refulgências se empanam, ficando apenas o estroma da realidade como escombros que despertam piedade, em vez de êxtase.

É o caso da mosca azul de Machado de Assis:
"Quis vê-la, quis saber a causa do mistério:
.....
Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ela,
Sucumbiu: e com isto esvaiu-se-lhe aquela visão
fantástica e sutil".
Santana encontrou seu poleá no delegado de Castro.

— Um fato muito conhecido, ao qual se refere Grasset, dá bem a medida da influência do mistério em cousas de medicina.

Surgiu em uma localidade da França uma personagem desconhecida que, á sorrelfa, fez algumas curas.

A fama do curandeiro milagrento foi-se-lhe espalhado e não tardou que a população inteira, ás rebatinhas, se entregasse aos seus cuidados.

Os representantes da saúde pública e os expoentes da medicina oficial, que estavam sentindo o deslocamento da clientela, levaram o curandeiro á barra do Tribunal. Verificando-se, ali, que ele era formado pela Escola Médica de Paris e possuía títulos que o abonavam como notável clínico, mandaram-no em paz. Desse dia em diante, sabendo-se que o curandeiro era um grande médico, ninguém mais o procurou; e para não morrer a fome, foi obrigado a deixar o lugar onde havia triunfado!.

Santana, dizem, não é médico, não é santo, não é explorador, e conseguiu atrair tanta gente, e até gente letrada de uma grande Capital que gosa, com justiça da fama de um dos mais notáveis centros de cultura literária de nossa pátria, porque é fervoroso espiritista.

Ainda mais: — asseveram que ele é um médium extraordinário não fossem todos os médiuns.

Que é o espiritismo, como nasceu elle, como tem evoluido, e qual a sua situação actualmente?

Um adversario apaixonado de Allen Kardec responderia, sem pestanejar: — nasceu de um embuste, tem vivido da credulidade e nada mais é que uma fantasia perniciosa. Mas nós, como homens de sciencia, não temos o direito de formular condemnação tão summaria: devemos estudá-lo em suas diversas phases e sob os varios aspectos por que tem sido considerado — hypothese, doutrina e religião.

Charles Richet, o genial homem de sciencia, que todos os medicos conhecemos e admiramos através de seus innumeros e notaveis trabalhos, definiu a **metapsychica:** "Uma sciencia que tem por objeto phenomenos mechanicos ou psychologicos, devido a forças que parecem intelligentes ou a poderes desconhecidos latentes na intelligencia humana". Por esta definição, deduz-se facilmente que é o estudo de uma nova força, que se manifesta sob varias formas, o principal escopo desta sciencia que vai surgindo das nebulosidades do incognoscivel.

A metapsychica devide-se em dous grandes capitulos distinctos, que são: a metapsychica subjectiva e a metapsychica objectiva.

Para Richet, três phenomenos fundamentaes constituem essa nova sciencia:

1.° — A **cryptesthesia** (lucidez dos antigos autores), que é a faculdade que nos dá o conhecimento de factos por outros meios que não os nossos sentidos normaes. A **telepathia** está incluida neste grupo.

2.° — **A telekinesia** (levitação ou deslocação dos corpos, sem contacto), que é uma acção mechanica differente das forças mechanicas conhecidas.

3.° — **A ectoplasmia** (materialização dos autores antigos) é a formação de objectos diversos, que muitas vezes parecem sair do corpo humano e tomar a apparencia de realidade material.

O primeiro phenomeno pertence á metapsychica subjectiva, e os dous ultimos a objectiva.

Vamos dar alguns exemplos desses diversos phenomenos, para depois entrarmos no conhecimento das varias hypotheses que pretendem explica-los.

Cryplesthesia: — Vamos citar dous exemplos bem caracte risticos desse phenomeno. Smith, empregado de um Banco, em Londres, entra em sua casa e, depois de jantar, conversa tranquilamente com a esposa. Subitamente, elle inquire: — "Que horas são? — São 8 horas e 45 minutos. Justamente a esta hora fallece Fred; acabo de vê-lo". Realmente, naquelle mesmo instante succumbira Fred, que não se achava doente.

Wingfield, nas Indias, estando em seu hiate, despertou e viu no camarote seu irmão, pallido e triste. Toma nota do dia e da hora em que se deu a visão. Naquelle mesmo dia e hora, seu irmão William Baker expirava em consequencia de uma queda de cavallo.

Na telepathia, ha transmissão de pensamento entre indivíduos que estão separados, até bem distantes uns dos outros.

Telekinesia: — Era essa a especialidade de Eusapia Paladino, que deslumbrou tantos assistentes com a formação e movimento de objectos, sem intervenção de força normal.

Croockes, entre outros factos de levitação obtidos por seu **medium** Home, viu uma garrafa cheia de agua e um copo elevarem-se bem acima de superficie da mesa, em que foram depositados, e chocaram-se para responder **sim** ás perguntas que lhe eram feitas. Eusapia repetiu, muitas vezes, perante varios sabios, a façanha de levantar mesa, e outros objectos, sem os tocar.

Anna Roth tornou-se celebre na Alemanha pela faculdade extraordinária que possuia de fazer apparecer, em suas mãos, flores e fructos. Referiu-nos um illustre magistrado que tem recebido de um velho amigo, fallecido ha annos, rosas frescas e orvalhadas.

Ectoplasmas: — Este vocabulo foi considerado pelo professor Richet synonymo de materialização, e traduz as formações que, desaggregando-se do corpo, têm todas as apparencias da vida e sem tardança desapparecem.

Maxwell observa effluvios luminosos nas extremidades dos dedos do **medium.** Crookes vê uma pequena mão, de bella forma, elevar-se de uma mesa e apresentar-lhe uma flôr.

Casos ha em que os observadores apanham essas mãos molles, cadavericas e, quando procuram aperta-las, outra cousa não encontram que o vacuo. Acontece, não raro, que materializações, menos nebulosas e menos agradaveis, distribuem pancadas. Richet levou uma bofetada no rosto e outros têm levado ponta-pés.

Outras vezes o ectoplasma "esbóça os contornos de uma forma humana, de um busto de mulher, que parece sair do medium, dirigir-se para o espectador e depois evaporar-se".

Martha Beraud, antes de ser Eva, fazia apparecer em Argel dous fantasmas bem perfeitos.

— Agora, vamos passar á parte mais difficil e quiçá, mais interessante do nosso estudo metapsychico: — a explicação desses phenomenos que são o fundamento da sciencia de Richet.

Quatro theorias ou hypotheses temos actualmente para interpretar esses phenomenos extraordinários, que têm procurado revolucionar os nossos conhecimentos scientificos.

1.ª **Hyphotese:** — Vibrações e faculdade intellectual ainda desconhecida. (Richet).

2.ª **Hypothese:** — Polygono cerebral e irradiação psychica. (Grasset).

3.ª **Hypothese:** — Espiritismo.

4.ª **Hypothese:** — Fantasmagoria (Roger e Paul Heuzé).

1.ª HYPOTHESE.

Richet como verdadeiro sabio que é, vacilla, cheio de duvidas, quando chega a occasião de explicar a causa desses factos metapsychicos. Acredita na realidade desses phenomenos extraordinários das materializações, principalmente da lucidez e da telepathia, apesar de fugirem ao dominio da sciencia official, e não obstante infringirem as leis da physica e não serem explicados pela physiologia. No começo dos seus estudos, teve

grande pendor para o espiritismo; dir-se-ia talhado para primaz da escola kardeciana; entretanto, á proporção que ia observando e estudando os phenomenos, novas concepções iam-lhe tomando vulto no espirito esclarecido, e hoje está quase divorciado daquella escola.

Nota-se em todas as suas vultosas obras, relativas á metapsychica, que a duvida lhe impera na robusta intelligencia e lhe faz vacilar o juizo, não consentindo que elle emitta opinião categorica e positiva acerca da natureza intima dos factos observados. Assim, procurando explicar o que occorreu com Smith e Wingfield, elle diz: — "Eu não posso crer, provisoriamente pelo menos — porque se deve ter muita prudencia em toda negação — seja o fantasma do morto que tenha apparecido, o que seria a hypothese espiritista".

Tentando explicar a cryptesthesia, assim expõe a sua theoria, que tem um que de ousada e nebulosa: "Ha em torno de nós vibrações do ether, que não percebemos; entretanto existem. Nesta sala em que estou falando, nenhum concerto se ouve, o que poderia fazer crer que aqui não ha musica. Collocai, todavia, um receptor de T. S. F. com um auto-falante sobre esta mesa, e todos poderão ouvir o concerto que se realiza na Torre Eiffel. Para que seja ouvido, basta um receptor. Assim, é possível que pelas cousas que nos cercam, minimas embora, sejam emittidas vibrações.

Essas vibrações, não as podemos perceber, porque não possuimos para isso uma sensibilidade especial, nem somos **mediuns**. Mas, um individuo dotado dessa sensibilidade particular, que denominei **cryptesthesia**, e que esteja presente, perceberá essas vibrações, ainda que sejam nullas para o commum dos homens. Faço duas supposições, ousadas embora: 1.ª, que as cousas e os movimentos provocam certas vibrações; 2.ª que essas vibrações podem ser percebidas por individuos que têm uma sensibilidade especial".

Surprehende que Richet prefira dar essa explicação, fundada em meras supposições, em vez de adoptar a hypothese espiritista que tanto parecia seduzi-lo. Em summa, para Richet, os phenomenos metapsychicos poderão ser explicados pela faculdade supranormal que possue nossa intelligencia de registrar vibrações, que não nos impressionam os sentidos.

E essa mesma faculdade poderia emitir uma como substancia capaz de se organizar, formando ectoplasma.

Richet, ao finalizar a conferencia sobre á **Sciencia Metapsychica,** feita na Faculdade de Paris, em 24 de Junho do anno passado, quando deixava a cadeira que tanto ilustrou, assim synthetiza a sua opinião: —

"Admito sinceramente a reserva do vosso juízo acerca da ectoplasmia. Mas, não compreendo que possais ter dúvida sobre a realidade da cryptesthesia, porque ficou estabelecido, por provas múltiplas e irrefutáveis, que a inteligência possui faculdades misteriosas, desconhecidas, que lhe permitem perceber, ainda que simbolicamente, um fragmento da realidade".

Percebe-se claramente, e não tem certa surpresa, á medida que o grande fisiologista vai avançando e procura desvendar os mistérios que cercam os fenômenos metafísicos, a hipótese ispiritista vai ficando olvidada.

Para o eminente mestre de Montepellier, os fenômenos que se ligam ao metapsychismo podem perfeitamente ser explicados pelas noções hoje bem estabelecidas sobre o psychismo inferior, isto é, a atividade psychica, inconsciente e involuntária.

Não nos permitindo a angústia de tempo vastas explanações sobre a sedutora concepção do sábio professor Grasset, apenas diremos que evidenciada a existência dos fatos de correntes do metapsychismo como levitação, materialização e deslocamento de objetos sem que lhes toque, ele explicaria taes fenômenos pela existência de uma forma, até aqui desconhecida, de irradiação que vai, ora de um indivíduo a outro para o movimentar.

Ninguém percebia as ondas hertzianas, nem supunha a existência de uma luz que pudesse atravessar o organismo, e com tudo, ahi estão o telégrafo sem fio e os raios X. Assim, não seria temeridade pensar na possibilidade da demonstração ulterior de uma forma ainda desconhecida de irradiação psychica, imperceptível aos nossos sentidos, e que permitiria a ação psychica motora a distância".

"As irradiações psychicas de certos indivíduos, assegura Grasset, podem ser tão poderosas, que cheguem ao ponto de

produzir, fora deles, impressões luminosas e tácteis com tal forma e tal dimensão que possam dar a sensação de um fantasma". De conformidade com a sua teoria os fatos que não podem ser explicados pelo psychismo inferior, têm a sua interpretação na irradiação psychica de individuos possuidores de faculdades especiais.

Não será irreverência ou indelicadeza trazer o espiritismo para este recinto, para este templo grandioso, onde pontificam os mestre da ciência médica?

Não constituirá, pelo menos, falta de espírito, reveladora de pobreza de espírito, tratar dos espíritos, nesta solenidade, onde nos honram tão luminosos espíritos?

Talvez. Mas o espiritismo, senhores, já não está encerrado nesse castello fantastico, protegido pela muralha chinesa da credulidade e da intransigencia, e inaccessivel ao profano e ao analysta. Tudo está mudado.

Hoje, a sciencia medica official já vai admittindo em seu dominio, como thema para seus estudos e investigações, a **doutrina metapsychica.**

Destarte, o professor Richet, sabio physiologista, escolheu em uma das occasiões mais solemnes de sua vida, a **Metapsychica** para assumpto da sua lição de despedida da Escola; Henrique Roger, notavel professor de clinica neurologica na Escola de Medicina de Marselha, em 12 de Outubro de 1924, tomou para thema de uma conferencia — **O balanço actual da Metapsychica;** Grasset, já tendo ventilado essa materia em suas lições de Clinica Medica, publicou, no **Esculapio de março a abril de 1914,** a sua tão conhecida conferencia sob o titulo — OS FACTOS DO ESPIRITISMO. Ultimamente, scientistas do valor de Luis Lapicque, Jorge Dumas, Henrique Pieron, Laugier e outros se têm occupado desse objecto, procurando conhecer o que ha de verdade em suas manifestações extraordinarias.

Estimulados por esses exemplos, provindos de tão elevadas espheras, não temos constrangimento em estudar a 3.ª hypothese, destinada a explicar os phenomenos metapsychicos.

— O espiritismo nasceu, propriamente, em 1847, em uma casa modesta de Hydesville, perto de Nova-York. Duas filhas do

dr. Fox começaram a ouvir ruidos mysteriosos, que attribuiram á alma, de uma pessoa que ali fôra assassinada.

Organizaram um alphabeto por meio de pancadas, e desde logo principiaram a conversar, intimamente, com o espírito do morto. Esses phenomenos serviam, no inicio, de distracção para a familia Fox, que mais tarde os explorou, fazendo representações publicas, pagas pelos assistentes.

Diz Richet que bem miseravel foi o começo do espiritismo, pois que nasceu do acaso e passou logo a um mercantilismo vergonhoso. Não tardou a espalhar-se, pela Europa inteira, a pratica das mesas girantes e falantes. Notou-se desde o começo, que era mistér a intervenção de certas pessoas — **os mediuns** — dotados de predicados especiaes, para se obterem da mesa respostas mais nitidas e mais longas.

Em 1857, appareceu a primeira edição de O LIVRO DOS ESPIRITOS, do Dr. Rivail, que logo se tornou celebre sob o pseudonymo de Allan Kardec.

Esse medico, possuidor de grande talento e exagerada credulidade, criou o corpo de doutrina do espiritismo.

A theoria espiritista de Allan Kardec pode ser resumida em poucas palavras.

A alma depois da morte, torna-se espirito, que pode manifestar-se por intermedio de certos seres privilegiados — **mediums,** — que recebem ordens e impressões dos espíritos.

Como o espirito, por sua essencia espiritual é um ser abstracto, não póde ter acção sobre a materia, e necessita de um intermediario — o **perispirito,** que é um involucro semi-material, proveniente do fluido cosmico, participando assim da materia pela sua origem e da espiritualidade por sua natureza etherea. O perispirito é, pois, o traço de união entre o espirito e a materia, o qual póde, em circumstancias especiaes, materializar-se.

Segundo Allan Kardec, os espiritos, ora encarnados, ora livres, vão progredindo sempre, vão-se purificando cada vez mais, e cada vez mais se vão desprendendo da influencia da materia. "E quando os espiritos já adquiriram num planeta a somma de progresso que comporta o estado desse planeta, deixam-no para se encarnarem em outro mais adiantado, onde adquirem novos

conhecimentos, e assim por diante, até que, já não lhes sendo util a encarnação em um corpo material, possam viver, exclusivamente a vida espiritual.

Chegados ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade: admittidos nos conselhos do Todo-Poderoso, recebem-lhe o pensamento, tornam-se os seus mensageiros, os seus ministros directos no governo do mundo".

Assim vai elle, de grau em grau, construindo, em surtos de um idealismo delicioso, a sua famosa theoria espiritista.

Como explica os phenomenos metapsychicos a hyphotese espiritista? O espirito reencarna-se no **medium,** e por seu intermedio manifesta a sua existencia, revelando factos, proximos ou remotos, passados, presentes e até futuros. A alma do morto, servindo-se do seu perispirito, do seu corpo astral, não só poderá reconstituir o corpo que lhe pertencia, mas ainda poderá apparecer sob a forma de nebulosidades, fantasmas e até animar corpos brutos.

Geley diz, á pagina 53 do seu livro DO INCONSCIENTE AO CONSCIENTE, que o processo da materialização se pode resumir assim: "Do corpo do **medium** sai, exterioriza-se uma substancia, que é a principio amorpha ou polimorpha. Esta substancia constitue-se sob formas diversas, representando, em geral, orgãos mais ou menos complexos". Crookes vai mais longe, e descreve materializações completas; não fantasmas, no sentido proprio do vocabulo, senão seres que têm, momentaneamente, todas as particularidades vitaes de individuos vivos, com respiração pulmonar, pulsação do coração, etc.

Até aqui, senhores, temos tratado, ainda que pela rama, das 3 principaes hypotheses para explicar os phenomenos metapsychicos; devemos agora pôr em relêvo o resultado das pesquisas emprehendidas no sentido de authenticar os factos attribuidos ao espiritismo.

Chegámos, emfim, á ultima hypothese, no estudo que estamos fazendo de vôo, succintamente, dos phenomenos espiritisticos.

Com a mesma imparcialidade com que vimos de expor as ideias dos corypheus do espiritismo, vamos também syntheti-

zar os resultados a que chegaram essses pesquisadores, que têm a só preocupação de authenticar os factos e apurar a verdade.

Um grupo de homens de sciencia, de valor incontestável, fundados em pesquisas reiteradas e isentas de qualquer preconceito doutrinario, cercados de toda a segurança para que resplandeça a verdade, só a verdade, qualquer que ella seja, concluem que os phenomenos espiritistas não existem — pois são apenas o resultado do logro e astucia dos **mediums** e da deficiencia de fiscalização da parte dos observadores.

Será possivel que tantos mediums celebres sejam mystificadores, e que tantos sabios se deixassem lograr e ludibriar pelos **mediuns?**

Camillo Flammarion, com a sua grande autoridade neste assunto, assim se expressa: "Posso dizer que, ha quarenta annos, quasi todos os **medims** celebres passaram por meu salão da Avenida do Observatorio, em Paris, e que os tenho na maior parte surprehendido em flagrante trapaçaria".

Na Inglaterra, o mais afamado **medium** das materializações, Eusapia Palladino, tantas introjices praticou, que a **Sociedade de Pesquisas Psychicas de Londres** não quiz registrar a resenha de suas experiencias e resolveu não tomar conhecimento dos trabalhos della, como não toma "dos que fazem outras pessoas dedicadas a uma profissão deshonesta".

O **medium** das rosas, Anna Roth, foi desmascarada na Allemanha e submetida a processo criminal.

Florencia Cook engazupou os dois sabios Crookes e Richet, e depois o confessou sem acanhamento algum.

Julio Bois deixou-lhe patente o irregular procedimento.

A Craddoch tirou-lhe a mascara um official que, segurando o fantasma que se havia materializado, verificou que era o proprio **medium.**

Gustavo Le Bon assevera que Eusapia Paladino jamais conseguiu deslocar um objeto, collocado sobre a mesa em que operava, por mais leve que fosse.

Dastre affirma que tudo quanto elle viu executado por ella era traficancia. Camillo Flammarion proclamma com esta destemida franqueza: "Eu vos asseguro, sob a minha palavra de honra, que estou convencido, fóra de toda a duvida, de que tudo é fraude, do começo ao fim". Para segurança da fiscalização, elle ficou junto á cortina do gabinete, prendendo com a sua as duas mãos de Eusapia. Flammarion, muito surpreso, sente que lhe batem fortemente no dorso, por trás da cortina. Subito, abrem a luz, e elle verificou que tinha a mão direita de Eusapia e a outra era a de um assistente! A substituição foi operada com tal prestidigitação, que nada se pôde perceber.

Gustavo Le Bon e o "Matin" ofereceram elevada somma a quem fosse capaz de pôr em movimento um lapis collocado sobre uma placa, e ninguém fez jus a ella.

O dr. Rouly escreveu um relatorio amplamente documentado sobre os embaímentos de Martha Beraud o celebre "medium" da Villa Carmen.

Se não ha duvida de que todos os celebres **mediums** têm sido pilhados em flagrante delicto de embaçadela, é de admirar que sabios como Crookes, Richet e outros ainda se deixassem lograr.

A opinião de tantos homens illustres, como os que vimos de citar, devia ser decisiva para dirimir duvidas relativamente ao assumpto que vamos perlustrando; todavia assim não acontece, porque, em geral, são elles dotados de sensibilidade mui to delicada e vibratil, e de excessiva ternura, predicados esses que não podem deixar de influir em pesquisas desta natureza, onde, não raro, a impressionabilidade só serve para perturbar a observação precisa e rigorosa.

Assim, William Crookes, um dos maiores sabios do mundo, era demasiadamente sensivel e impressionava-se facilmente nos últimos tempos de suas pesquisas metapsychicas, de maneira que a observação e o senso critico lhe não eram perfeitos, porque não tinham o rigor e a serena imparcialidade, que presidiam sempre aos seus notaveis trabalhos de chimica e de physica.

Para as suas experiencias W. Crookes utilizava-se de um **medium** — a jovem Florencia Cook, que, por sua vez, materializava um fantasma completo que parecia feito de carne e osso,

como o descreveu. O fantasma era a jovem Katie King, filha de um pirata, morta ha muitos annos. Durante todo o inverno de 1874, ella appareceu diariamente no laboratorio do sabio, andando, mas não consentia que o observador a tocasse.

Crookes ficou de tal modo impressionado com a belleza do fantasma, que mais parecia um namorado em face de sua deidade que um sabio a verificar e observar uma formação de ectoplasma.

Para que não julguem que fantasiamos, vamos trasladar para aqui, devidamente traduzido, a nosso pedido, por um poeta de muita musa, estas palavras apaixonadas do grande chimico, que se fez lyrico, para cantar as maravilhas ineffaveis de um ectoplasma:

"...Mas a photographia é tão incapaz de representar a beleza perfeita da physionomia de Katie, como as palavras são impotentes para descrever-lhe o fascinio das maneiras: como lograria ella reproduzir-lhe a pureza rutila da tez ou a expressão continuamente varia dos traços moveis, ora velados de tristeza quando referia um acontecimento acerbo do passado, ora sorridente, a irradiar toda a inocencia de uma alma jovem, quando em torno de si havia reunido meus filhos e os divertia narrando-lhes episodios das suas aventuras na India?

Circumdava-a uma atmosphera esplendida de vida. Dir-se-ia que aquelles olhos tornavam o ar mais fúlgido: eram tão suaves, tão belos que nos parecia estar, olhando-a, a gozar das delícias paradisiacas.

A sua presença nos subjugava de tal forma, que ninguem de certo nos tacharia de idolatras por ajoelharmos a seus pés".

E para remate desse episodio, que seria burlesco, se não se tratasse de um colendo sabio, recordemos um facto memoravel, que vale por uma experiencia decisiva.

Em 1880, nove annos após as manifestações de Katie King, perante a Associação dos espiritistas de Londres, um "medium", a senhorita Corner, adormecida e amarrada em uma cadeira, fazia apparecer, materializado, o espirito de um menino morto ha 12 annos. Um dos assistentes, instigado pela duvida, precipitadamente se colloca entre o fantasma e a cortina, atrás da qual devia estar o **medium** adormecido. Afastada a cortina, viu-se a

cadeira vazia: o espirito e o **medium** eram a mesma pessoa. E não parou ali o embuste, pois que a senhorinha Corner outra não era que a celebre Florencia Cook, antigo "medium" do velho Crookes. Bem diz o povo na sua sabedoria: — Cesteiro que faz um cesto faz um cento.

O professor Henrique Roger, referindo-se ao effeito que a credulidade, a crença levada ao excesso, produz no espirito de tantos homens de sciencia, desvirtuando o resultado de suas observações, interroga: — "Quem sabe se a deliciosa senhorinha Katie, resuscitada e revelada a Crookes por seu "mediun", não tenha adormecido com seus filtros amorosos a vigilancia do velho sabio, que vivia em continuo contacto com essa visão, e se essa visão de além — mundo não tenha inconscientemente falseado o seu julgamento?

Tambem Richet, tão convencido estava das materializações de Eusapia Palladino, que, sendo-lhe apresentado um ectoplasma produzido por esse "mediun", onde se percebia a impressão de um fino tecido usado por ella, que denunciava mystificação elle respondeu: — "Isso é uma prova a favor da realidade do ectoplasma, porque o "medium" póde até materializar um corpo inerte".

E o sabio, sempre movido por uma bondade infinita, não desejando nunca o desmascaramento do "medium", deslizou facilmente para o vulgar, como estudante cabula.

Mauricio de Fleury, estudando, a admiravel carreira de Richet, a quem presta homenagem, mostrou que no cerebro do mestre genial havia certas regiões acessiveis a uma credulida de causada pela sua excessiva bondade, **credulité debonnaire,** que podia prejudicar a fiscalização de factos impressionadores.

Incapaz de mystificar, de deturpar a verdade, elle acreditava piamente que todos deviam ser da mesma estofa, sobretudo em se tratando do bello sexo. E foi ludibriada mais de uma vez a sua boa fé.

Vamos agora entrar na parte propriamente scientifica do assumpto de que tratamos, explanando o resultado de investigações e experiencias feitas, com todo o rigor, para conhecer a verdade acerca dos phenomenos espiritistas. E com esse intuito não podemos deixar de ouvir o depoimento de alguns scientistas,

que se preoccupam unicamente com a revelação da verdade, qualquer que ella seja. Entre elles, Roger, Grasset, O. Pimentel, Rouby, Paul Heuzé, etc.

— Henrique Roger, professor de Clinica Neurologica de Marselha, estuda com elevado criterio e sob todas as suas formas os phenomenos metapsychicos, dividindo-os em 3 grupos:

1.° — **Os que são devidos a coincidencias certamente curiosas, mas puramente fortuitas;**

2.° — **Os que podem ser explicados por intervenção do nosso psychismo inferior, do inconsciente;**

3.° — **Os que ainda estão longe de ser demonstrados, em razão das innumeras fraudes observadas no curso de seu estudo.**

1.° GRUPO — Neste grupo Roger inclue os casos como o de Osty, em que o "medium" prevê que iria habitar uma casa em rua que começava por B, como o do estudante que annunciou com antecedencia o numero de votos que obteria para Presidente Casimiro Périèr.

2.° GRUPO — Ha uma vasta categoria de phenomenos metapsychicos, a qual depende de **recordações registradas em nossa memoria, de suggestão consciente ou inconsciente, ou de movimentos involuntarios.**

Lamentamos não nos ser possivel, no momento, acompanhar o professor Roger no desenvolvimento dessa categoria de phenomenos, que elle trata com grande elevação de vistas, alto criterio e inexcedivel competência. Elle estuda brilhantemente esse numero prodigioso de ideias e de factos que ficam armazenados no claro-escuro de nossa memoria e que uma circumstancia imprevista pode evocar a luz meridiana, com espanto até do nosso proprio "eu". Estuda a suggestão hypnotica e revela que, para a maioria dos neurologistas modernos, o hypnotismo é uma como simulação mas ou menos inconsciente. A mythomania obriga o paciente a simular, a princípio, o sommo e a entregar-se, depois, ás mais extravagantes acrobacias physicas ou psychicas, para deslumbrar a assistencia.

Estuda a **auto-sugestão inconsciente, a escripta automatica, o desdobramento da personalidade,** explicado pelo polygono de Grasset, **o pendulo explorador, as mesas girantes ou falantes, o**

cumberlandismo, etc. O eminente mestre mostra como tudo isso é explicado pelo psychismo inferior e pelo inconsciente, não havendo necessidade de intervenção do espirito para elucidar esses factos do domínio da physiologia. Esta parte do trabalho do prof. Roger é traçada com tanta segurança e brilhantismo, que merece ser lida e meditada pelos que se interessam por este assumpto.

3.º GRUPO — Neste grupo, a fraude é demonstrada scientificamente, ou é verosimil, e delle fazem parte os factos mais interessantes e extraordinarios, como as **levitações ou deslocamento de objecto sem contacto e as materializações ou ectoplasmas.**

Regista Roger as circunstancias mysteriosas de que se cerca o "medium" e que são indispensaveis para o seu trabalho: quasi escuridão, ou luz vermelha, gabinete negro com cortinas, para que o "medium" opére atrás dellas, athmosphera de confiança, palestra e canto para desviar a attenção, demora de duas ou três horas para apparecer o phenomeno, cansando dest'arte o observador, e o transe que obriga o "medium" a fazer toda a sorte de contorções, proprias para os assistentes perderem a fiscalização dos seus membros. Conseguida a materialização, é expressamente prohibido o toque nas formações ectoplasmicas, por serem ellas hyper-sensiveis.

Relata Roger grande numero de experiencias em que foram descobertas escandalosas fraudes de **mediums.** Lembra o facto historico do celebre Holme, que teve grande influencia sobre a imperatriz Eugenia, e que, pilhado em vergonhosa trapaça, foi expulso por Napoleão III. Recorda o caso do ousado dr. Ferroul, muito conhecido de todos por ler através dos corpos opacos, e que foi desmacarado.

"Não ha, diz Roger, "nenhum dos grandes "mediums", desde Eusapia Palladino até Klusk e Gusik, que não tenha sido surprehendido em flagrante contravenção de fraudulencia. O dólo é de tal maneíra frequente, que os ingleses, inventaram um nome especial — "spiritgraber", para designar os experimentadores que desmascaram os seus "medíums".

As experiencias de Craword com o "medium" senhorinha Goligh são considerados como fundamentaes para os metapsy-

chicos; entretanto, após a morte de Craword, o seu melhor alumno, Fournier Albe, tambem crente, procurando continuar e completar a obra do mestre, comprovou a imprudente astucia do "medium".

Sobre serem desmoralizados pelos experimentadores, os proprios "medíums" confessam, amiúde, a sua simulação. Uma das irmans Fox, depois de casada, confessou todos os disfarces de que lançara mão. Martha Beraud, antes de ser Eva Carrière, declarou como fazia apparecer Bien Boa, ludibriando o general Noel e Richet.

Esses embustes e embelécos são considerados por uma das autoridades na materia, Ochorowicz, tão inseparaveis da mediumnidade como a simulação do hypnotismo.

Richet, como dissemos, é tão bondoso e sentimental, que fica exasperado contra os que procuram tirar a mascara aos "mediuns" e, principalmente, contra aquelle que, em vez de auxiliar Eusapia Palladino a não ser levada a simular, tratou de a desmoralizar.

Os metapsychicos dizem que se não podem negar os phenomenos espiritistas, quando homens como Crookes e Richet têm delles provas palpaveis. É a isso que Achilles Delmas chama **o argumento das autoridades.**

Por serem sabios, não estão isentos de possuir maior ou menor dóse de credulidade.

"Lendo as suas obras de psychophysiologia", diz Roger, "verifica-se que elles não têm applicado nessas experiencias o mesmo rigor que costumam applicar nos seus trabalhos de physica, chimica ou biologia".

Um dos mais preeminentes e brilhantes apologistas do Kardecismo — Léon Dénis, affirma que "os sabios são effectivamente homens, e, como todos os homens, têm as suas fraquezas e preconceitos".

Mauricio Fleury assim descreve os caracteres psychologicos fundamentaes dos metapsychicos: imaginação viva, impressionabilidade ardente, profunda bondade, veracidade completa.

É o excesso de bondade que os torna amiude credulos: sensiveis, vibram ao ouvir soluços e gemidos do "medium", e per-

dem parte das suas faculdades criticas. "São elles" diz Boll, "que entram em transe, antes que o "medium" o tenha feito".

Gustavo Le Bon assegura, referindo-se a Lombroso: "Desde que elle iniciou o estudo dos phenomenos espiritisticos a sua sciencia evaporou-se e uma immensa credulidade veiu substituila".

Ninguém poderá contestar que as experiencias só dão resultado completo no meio em que há fé metapsychica.

Quando os homens de sciencia, sem ideias preconcebidas, querem estudar taes phenomenos, ou os "mediums" não se prestam á fiscalização ou as experiencias falham completamente.

Após longo e consciencioso estudo dos phenomenos metapsychicos, diz Roger: "Até á hora presente, não se chegou a provar a realidade scientifica das materializações".

"E em minha opinião", continúa elle "é este o balanço actual dos factos metapsychicos — **coincidencias fortuitas,** de uma parte; e de outra parte, **manifestações anormaes da nossa propria inconsciencia,** deixando de lado as fraudes e embustes.

Eis-nos longe das reencarnações do espirito e até das faculdades especiaes attribuidas á intelligencia humana".

O illustre professor Roger fecha o seu notavel estudo com estas palavras agridoces: "Como todas as crenças, a fé metapsychica é eminentemente respeitavel. Mas eu não posso deixar de me insurgir com energia contra aquelles que procuram impôr a um publico em demasia credulo, como verdadeiramente scientificos, factos que ainda não estão na hora actual sufficientemente demonstrados".

— O dr. Oscar Pimentel, no intuito de escrever sua these inaugural sobre o espiritismo, procurou certificar-se, durante cerca de 2 annos, do que havia de verdade sobre esse assumpto.

Rodeando-se de todas as cautelas, no sentido de bem authenticar os phenomenos e apurar a verdade, começou frequentando os pequenos nucleos espiritistas, depois foi subindo, até chegar á **Federação Espirita Brasileira.**

O trabalho do dr. Pimentel, foi meticulosamente elaborado junto ás maiores summidades do Rio, no tocante aos estudos

neurologicos, defendido perante uma comissão examinadora composta de professores da Faculdade de Medicina e obteve distincção.

O resultado a que elle chegou, após de tão longo e penoso inquerito, resume-se nesta sentença esmagadora: "O espiritismo do Rio de Janeiro é apenas um producto de 3 agentes perniciosos: **a ignorancia, o charlatanismo e a superstição".**

Parece não estar muito longe de commungar nas mesmas ideias o professor Henrique Roxo, respeitavel lente cathedratico de clinica psychiatrica na Faculdade do Rio e medico do Hospicio Nacional. O "O Jornal" que é dos mais importantes diarios da Capital Federal, desejando ouvir a opinião de uma autoridade competente, não só pelo saber, senão também pela integridade moral, sobre o projecto da fundação de um manicomio espiritista no Rio, não podia deixar de ouvir a opinião do professor de clinica psychiatrica, que reune todos os requisitos para opinar a esse respeito.

E a sua resposta foi clara, positiva e categorica. Ei-la, em resumo: —

"A intervenção do espiritismo no tratamento de qualquer nevrose é sempre prejudicial. Se esse tratamento fosse ministrado por pessoa de certa cultura e intelligencia, talvez fizesse effeito apreciavel, agindo por suggestão. Não é isso, porém, o que se vê. Os espiritas, que mais se dedicam a tratamento são, em regra geral, individuos boçaes e analphabetos, sem nenhuma noção dos perigos a que expõem os doentes.

O espiritismo é, pode-se dizer sem exagero, uma verdadeira fabrica de loucos. Entre os dementes que diariamente dão entrada no Hospicio, grande parte, — a maioria, mesmo, vem de centros espiritas. O espiritismo, tal como é praticado actualmente, é, sem exagero, repito, uma fabrica de loucos, sendo, desse modo, nefasto. Para reforçar minha asserção, poderia citar centenas e centenas de casos, e minha opinião não pode ser posta em duvida, uma vez que não tenho nenhuma prevenção contra o espiritismo.

Se fôr levado adiante o projecto desse manicomio espirita, entendo que a Saude Publica deve intervir energicamente. Faz parte das suas attribuições a defesa publica contra os charla-

tães e exploradores, e, no caso presente, não me parece tratar-se de outra cousa".

O dr. Juliano Moreira, director do Hospital Nacional de Alienados, cuja competencia dispensa qualquer encomio, pensa exactamente como o professor Roxo, conforme se deprehende de sua entrevista publicada no "O Jornal" de 24 do mês preterito.

"Se observarmos bem essas curas pelos processos espiritas", diz elle, "veremos que ellas, de facto, não têm significação nenhuma favoravel á doutrina espirita. Quando não são curas espontaneamente realizadas por uma reacção natural do organismo, são curas obtidas por suggestão, processo que nós outros empregamos tambem e sob um criterio rigorosamente scientifico".

"Tem razão o dr. Roxo", prossegue elle "quando diz que esse espiritismo por ahi praticado **é verdadeira fabrica de loucos.** Realmente é grande o número de doentes, procedentes de centros espiritas, que vão bater diariamente ás portas do Hospital Nac. de Alienados.

A pratica do espiritismo, por conseguinte, está muito longe de ser innoffensiva, conforme se apregoa geralmente".

— Indo por diante devemos agora saber como pensa o professor Grasset em relação aos phenomenos espiritistas. É este o seu parecer, em synthese: "Mesmo que se chegasse, o que me parece impossivel, a demonstrar que certos "mediuns" podem materializar fantasmas, isto ainda não provaria a existencia dos espiritos reencarnados; provaria apenas uma força nova, visivel, das irradiações psychicas do "medium".

Grasset mostra que todos os factos espiritistas têm sido reproduzidos pelos prestidigitadores. Um destes realizou sessões, cujo relato foi publicado como victoria notavel para o espiritismo, e no dia seguinte, elle declarou "que tudo era embaçadela e desvendou os seus truques.

Para mostrar a importancia que se deve ligar aos trabalhos e revelações dos "mediuns", lembra o que se passou com Helena Smith que, como "medium" celebre, encarnava o espírito de Lourenza Feliciani, até o dia em que lhe demonstraram que Lourenza Feliciani não tinha existencia real, pois era uma fan-

tasia de Alexandre Dumas. Dai em diante, encarnava e evocava Maria Antonietta.

O professor Flournoy condensa destarte o seu conceito: "As suppostas communicações espiritistas são, nada mais, o resultado da imaginação subconsciente do "medium, a trabalhar sobre recordações ou preoccupações latentes".

— Chegamos, emfim, á parte propriamente experimental do espiritismo, e muito se deve, neste particular, á dedicação de um publicista insigne e fulgurante — —Paulo Heuzé, que se tem imposto á consideração de todos pela imparcialidade e desinteresse com que se tem esforçado por authenticar factos.

Paulo Heuzé, almejando que a verdade surgisse radiante e inconcussa para dirimir controversias apaixonadas sobre os phenomenos metapsychicos, conseguiu, não sem grande trabalho e habilidade, fazer que a sciencia official se interessasse pela solução de um problema, que ainda não tinha enterado em suas cogitações.

Motivou essa norma de proceder uma successão de factos que assim se foram desenrolando: — Martha Beraud, cujas proezas na "Villa Carmen" já foram narradas, veio a Paris e, com o nome de Eva Carriera, sob a direcção da senhora Bisson, dama muito intelligente e insinuante, recomeçou uma grande serie de materializações assombrosas. Violenta polemica travou-se, por longo tempo, acerca desses phenomenos, até que, em 1922, Paulo Heuzé conseguiu que fossem feitas experiencias officiaes, — unico meio de saber onde se achava a verdade. A tarefa era ardua e difficil: tornava-se preciso que Eva Carrieri e sua directora se sujeitassem a fazer experiencias perante homens de sciencia, para serem rigorosamente verificados os phenomenos; era preciso que conseguisse uma commissão composta de homens cultos, fidedignos, imparciaes e que inspirassem confiança a todos os interessados pela isenção de ânimo com que iriam apurar a verdade.

Para alcançar esse desiderato, que todos deviam querer e applaudir, Paulo Heuzé teve que enfrentar não pequenas difficuldades. Foi, com tenacidade, vencendo-as todas e obteve o consentimento de Eva e a acquiescencia de vultos notáveis, que se promptificaram a fiscalizar, com o maximo rigor e imparcialidade, os phenomenos que se apresentassem.

A Commissão, que se devia reunir na Sorbona, era composta de Jorge Dumas, professor de psychologia na Faculdade de Sciencias e director do Laboratorio de Physiologia Geral na Sorbona; Henrique Pieron, director do Laboratorio de Psychologia Physiologica, tambem na Sorbona e Henrique Laugier, chefe dos trabalhos de physiologia, ainda na Sorbona. Não era possivel organizar uma commissão que inspirasse mais confiança e que mais autoridade offerecesse para o mister a que se destinava. A Commissão, acreditando que as experiencias deviam preencher certas condições, necessarias ao apparecimento dos phenomenos de que se tratava, pediu á senhora Bisson que indicasse tudo quanto era preciso relativamente ao preparo e arranjo do gabinete destinado ao "medium".

Foi-lhe concedido tudo o que ella exigiu, no sentido de facilitar a producção dos phenomenos. Além de outras cousas, queria sala mal illuminada, gabinete do "medium" cercado de cortinas pretas, assim como exigiu que os observadores não cessassem de palestrar, e que não tocassem nas substancias emanadas do organismo do "medium". Satisfeitas todas essas exigencias, os observadores tomaram as necessarias precauções afim de authenticar rigorosa e imparcialmente os phenomenos que, no dizer da Commissão, "parecendo estranhos no estado actual dos nossos conhecimentos, são, entretanto, considerados reaes por observadores serios".

Após 15 trabalhosas sessões, que tiveram inicio a 20 de março de 1922 e terminaram a 23 de Junho, a Commissão formulou um relatorio extenso, claro e preciso, dando minudenciosas informações a respeito de tudo quanto havia occorrido, rematando-o com estas decisivas palavras: "Em relação á existencia de um ectoplasma, que seria inexplicavel por meio dos elementos actuaes da physiologia, as nossas experiencias deram resultados que sómente podem ser considerados como inteiramente negativos".

É surprehendente e muito significativo este resultado: um "medium" produz ectoplasmas nas sessões em que trabalha, mas, durante dois meses, em 15 sessões, devidamente fiscalizadas, não conseguiu uma só materialização, apesar de possuir todos os recursos e gozar de toda a liberdade.

Bastou que fosse estabelecido um processo de verificação rigorosa, para não apparecerem os phenomenos. Não é difficil tirar uma conclusão logica dessa occorrência.

As experiencias mais recentes, levadas a effeito pelo famoso "medium" polaco — Guzik, autorizam a mesma conclusão. Ha pouco mais de dois annos, Guzik chegou a Paris a chamado do dr. Gustavo Geley, e deu uma serie de sessões no **Instituto Metaphsyco,** as quais tiveram grande repercussão em toda a Europa. Alguns espiritistas, em numero de 34, apresentaram um relatorio sobre o que haviam observado em algumas sessões, concluindo que "os phenomenos obtidos com João Guzik não são explicaveis nem por illusão, nem por allucinações individuaes ou collectivas, nem por meio de fraude".

Não tendo esses observadores actuado como fiscaes rigorosos e imparciaes diante dos phenomenos que presenciaram, e sim como adeptos das manifestações metapsychicas, Paulo Heuzé criticou vehementemente os methodos empregados pelo instituto da Avenida Niel. Os amadores da metapsychica, em face dessa critica e fiados no resultado que seria apurado, resolveram pôr o "medium" Guzik á disposição de Paulo Heuzé.

Este, que tem a preoccupação unica de authenticar factos e conhecer a verdade, qualquer que ella seja, acceitou e logo conseguiu que eminentes homens de sciencia do Collegio de França da Faculdade das Sciencias se incumbissem de uma verificação scientifica dos illusorios fantasmas.

A Commissão foi composta dos seguintes mestres: Langevin, professor de physica geral e experimental; Laugier, chefe dos trabalhos de physiologia na Sorbona; A. Marcelin, assistente de chimica e physica também na Sorbona e J. Meyerson, director adjuncto do Laboratorio de psychologia physiologica da mesma Sorbona. Esses não tinham motivos para desejar qualquer resultado que não fosse fundado na verdade.

Essa commissão entendeu-se com Jelski, que dirigia o "medium", e satisfez as suas exigencias, afim de facilitar o apparecimento dos phenomenos, que consistiriam, conforme a especialidade de Guzik, em levitações e phenomenos luminosos. Satisfeitos os desejos de Jelski, (sala na obscuridade e que ninguem tocasse nos **phenomenos),** a commissão iniciou o seu delicado papel de verificadora das manifestações espiritisticas.

Os observadores, ansiando por exercer uma fiscalização imparcial e rigorosa, resolveram nas primeiras sessões, assistir o "medium" sem vigilancia especial, e depois dividir as experiencias em 2 series: — a 1.ª composta de seis sessões, e a 2.ª de quatro. E a conclusão a que chegou a commissão, depois de um trabalho exhaustivo, foi a seguinte: — "Os abaixo assignados declaram que a sua convicção é completa e sem reservas: os phenomenos que lhes foi dado presenciar não põem em jogo nenhum mecanismo mysterioso. O "medium" é quem os produz: — servindo-se do seu cotovelo para certos contactos na região da espadua; libertando da fiscalisação uma das pernas, elle produz com esse membro transferencias, contactos e projecções de objectos". Por tornar maior esse fracasso capaz de abalar a convicção do mais extremado apologista de A. Kardec, sobreveio a confissão de Jelski, que foi a nota pinturesca por excellencia: "Se eu soubesse que vinha a Paris fazer sessões para homens de sciencia", disse elle, "teria trazido outro "medium" menos esgotado.

Agora, o ultimo dos grandes "mediuns" da actualidade — Paschoal Erto, muito conhecido na Italia, onde conquistou grande fama no que diz respeito aos phenomenos luminosos. Chegou a Paris em 1923, e deu duas series de sessões maravilhosas no Instituto Metapsychico da Avenida Niel. Começaram a vir a lume "artigos dithyrambicos, nos quaes Erto era saudado como um "medium" extraordinario". Num destes artigos, Geley não hesitou em escrever: "Estamos em presença de um descobrimento prodigioso: **o das irradiações humanas luminosas".**

Como após uma sessão dada por Erto no Instituto do Radium, se espalhasse a noticia de que o grande **medium** não passava de um escamoteador vulgar, ficou resolvido que se elle publicamente limpasse desse labéu. Foi, então, organizada uma série de sessões na Faculdade de Phamacia da Universidade de Paris, com uma Commissão de Verificação composta de homens notaveis. Os transes grotescos e espalhafatosos do **medium** foram desmascarados com auxilio de apparelhos e a illação que tiraram os observadores foi a seguinte: o **medium** não tem transe, simula-o apenas. E os phenomenos luminosos são produzidos pelo attrito de um fragmentozinho de ferro **cerium** e um pedaço de penna de aço.

Lamentamos que a exiguidade de tempo não consinta a reproducção de mais amplos exerptos desses pormenorizados relatorios, onde se descrevem, com tanta clareza e precisão, os extraordinarios phenomenos espiritisticos que não passam de intrujices e artimanhas mais ou menos limpas, mais ou menos vergonhosas.

Albertina Bourniquel, famigerado **medium** official dos espiritistas franceses, foi, a 12 de março de 1925, desmascarada pelo dr. Osly, adepto do espiritismo. Ella conseguia libertar-se da fiscalisação e fazia os fantasmas por meio de disfarces e arteficios.

Paulo Heuzé, depois de porfiadas investigações e inauditos esforços para authenticar os phenomenos metapsychicos, chegou a estes resultados, que mais e mais se lhe roboram no espirito:

1.° — quando o **medium** não é fiscalisado apparecem os phenomenos;

2.° — quando o **medium** é fiscalisado, os phenomenos deminuem á medida que a fiscalisação augmenta;

3.° — quando a fiscalisação é completa, não apparecem, de modo nenhum os phenomenos.

E assim termina Heuzé:

"Um grande **medium** apparece, espalha-se-lhe a fama, triumpham os metapsychicos, publicam-se estudos entusiasticos. Depois, decorridos alguns annos, alguem se resolve a fazer experiencias com fiscalisação methodica, e tudo se acaba. Ha um grande **medium** de menos e um charlatão de mais".

Eis-nos, senhores chegados ao termino da nossa tarefa, tendo deixado apenas esboçadas as hypotheses que pretendem explicar os phenomenos metapsychicos; phenomenos esses que têm exercido forte influencia na vida de uma multidão de sectarios de Allan Kardec, — embevecendo a uns, a outros servindo de lenitivo e ainda a outros obliterando a razão.

E, se os nossos alumnos quisessem agora saber a nossa opinião, e nos interrogassem sobre a illação que se poderia tirar

desse acervo de factos discrepantes, diriamos: — Qualquer conclusão categorica è prematura, quiçá temeraria; a metapsychica ainda não alcançou o prova dos factos em que se funda, e não lhe são favoraveis as ultimas experiencias, feitas com o maximo rigor scientifico.

OS MERCURIAES COMO DIURETICOS (*)

X. Senhora ainda moça, casada, veio ao nosso consultorio, acompanhada de um illustre collega.

Examinando-a cuidadosamente verificamos que o resultado do exame clinico estava de perfeito accordo com a radiographia reveladora de uma ulcera do estomago. Prescrevemos-lhe a medicação classica — bismutho e belladona, e um diuretico (santheose) para corrigir a deficiencia urinaria.

Algum tempo depois fomos chamados em conferencia para ver a mesma doente que tendo tido uma intoxicação alimentar, poucos dias antes, apresentava-se com vomito, gastralgia, oliguria (250 cc. de urina em 24 horas). Tinha albumina na urina e cylindros hyalinos. Tendo sido submetida, pelo medico assistente á dieta hydrica por 24 horas e depois ao regimen lacto-vegetariano por algum tempo, sem resultado, achei que não era fóra de proposito aconselhar alguns alimentos leves — fruta, bolacha dagua com chá etc.

Alem da dieta referida fomos de opinião que se devia insistir nos diureticos, em vista da excassez da urina, e então indiquei uma injecção de novasurol (1 cc.) que podia ser administrada duas vezes por semana, no caso de ter a primeira produzido bom effeito.

Soubemos no dia seguinte que a doente havia passado melhor tendo urinado bem. Voltando a oliguria e não devendo repetir a injeção de novasurol, em tão curto lapso de tempo, lembramos a injecção de theobril.

Sobre os efeitos do novasurol eis o que nos informa o medico assistente:

(*) Trabalho lido perante a Sociedade Medica dos Hospitaes, em sessão de 11 de Outubro de 1931.

"Por occasião do emprego do novasurol, informa elle, a quantidade da urina era de 230 cc., havia 0,46 centigr. de algumina em 24 horas e presença de cylindros hyalinos.

Depois da injecção verificou-se diurese abundante durante 24 horas, não tendo a paciente apresentado perturbações gastro-intestinal, nem estomatite. Seis dias depois da injecção a doente urinou 550 grammas e ainda perdia 11 centigrammas de algumina em 24 horas e apresentava cylindros".

Até aqui a historia sumaria da doente, que conhecemos, apenas, como medico auxiliar e por informações do dedicado assistente que apresentou a observação desse caso na sessão transacta.

Este distinto collega não guardou na exposição dos fatos clinicos, dessa interessante observação, a ordem chronologica em que elles se foram processando, de maneira a faltar a sua narração a regular concatenação e certa clareza que viriam facilitar, de golpe, um juizo seguro sobre o caso em lide. Mas, nossa presença deante desta sociedade tem por fim precipuo justificar a indicação de um sal de mercurio como diuretico em um doente que apresentava signaes de comprometimento dos rins, provavelmente ligado a intoxicação alimentar, e não discutir o caso clinico que, felizmente, terminou bem. O illustre collega só por hyperbole, ou por amor aos superlativos podia classificar o ataque para o lado dos rins de nephrite super-aguda, visto como neste grupo morbido as lesões são assáz profundas e irremediaveis, como diz Cantaigne e geralmente produzem a morte, rapidamente. A cura é a excepção. A trilogia seguinte caracteriza-a, na opinião de alguns clinicos: anuria, coma e morte. Vidal diz que as nephrites super-agudas alem da anuria occasiona uma azotemia rapidamente progressiva. Ainda mais, a pequena quantidade de urina emittida contem sempre cylindros granulosos o que não se verificou no caso que vamos estudando. Não é raro observarem-se na clinica casos de intoxicação alimentar com albumina, cylindros urinarios e oliguria. Tendo a doente uma ulcera do estomago e sendo victima de uma intoxicação alimentar é natural que ficasse na contingencia de soffrer o contra-choque que as perturbações morbidas ligadas a esta intoxicação deviam exercer sobre a lesão de que já era portadora. Assim, não nos deve sorprehender que os vomitos repetidos e a gastralgia tanto lhes fizessem soffrer.

Feitos estes ligeiros comentarios sobre a observação de um doente que não tivemos opportunidade de acompanhar em toda sua evolução morbida, devemos passar a uma outra ordem de considerações a que ligamos todo interesse.

Os estudos modernos relativamente a acção dos mercuriaes como diureticos não justificam a exclusão a que estão condemnados, por parte de grande numero de clinicos illustres, esses preparados, como pretendemos demonstrar.

Não obstante ser a nossa divisa, como medico, aquella inscrição do templo de Delphos que os latinos traduziram por estas 3 palavras — **nosce te ipsum;** e como clinico o **primum non noscere** do lidimo therapeuta, a consciencia não nos accusa de termos aconselhado em alguns casos, de nephrites com oliguria, o emprego dos diureticos mercuriaes, pobres de principio activo.

Em medicina, nem sempre as convicções arraigadas, tidas algumas até como dogmas, representam a verdade e só longo tempo depois de terem ellas exercido sua influencia, nem sempre benefica, chega-se a verificar que estavam em completo desacordo com a rigorosa observação dos factos. Eram nada mais, nada menos que verdades de convenção, que iam atravessando incolume gerações e gerações.

Podemos lembrar, porque de perto nos toca, o caso da super-alimentação na tuberculose pulmonar que era tido como o mais importante meio curativo dessa doença.

A super-alimentação empregada até contra a vontade do doente, de **gré ou de force,** como diziaDaremberg, era o recurso heroico contra a tuberculose.

Quanto tivemos em 1900 a ousadia inominavel de protestar contra a validade desse recurso e dar combate a esse processo de bôa intenção e de mau efeito, levantou-se contra nós uma onda de embargos e uma saraivada de protestos que não nos abateram e nem nos fizeram recuar porque a nossa convicção se abroqueava nos preceitos physiologicos e estava alicerçada nos ditames do bom senso.

A nossa opinião foi acoimada de exdruxula, ousada, heretica, singularissima e destoante de tudo quanto os grandes mestres, os provectos tisiologos, ensinavam a prescreviam. Hoje não ha livro, nem livreco, não ha clinico e nem curandeiro que não condemnem aquilo que todos os medicos de todos os paízes, sem excepção, aconselhavam como o salvaterio do phymatoso. Outro exemplo do nosso panurgismo em cousas de therapeutica, Ha meio seculo o professor Jaccoud accusou o salicylato de sodio de exercer acção irritante sobre os rins e d'ahi em diante todos os clinicos se abstinham de empregar esse medicamento em doentes que apresentavam albumina, mesmo soffrendo de doença de Bouillaud. A proposito dessa idéia erronea cristalisada no cerebro dos clinicos e Professor Miguel Couto passou por grande decepção que elle assim relata:

"De uma feita, em casa de um doente de rheumatismo agudo com albumina tive de me defender de um collega que sem embargos, nem meias palavras me responsabilisava pela crise uremica que eu estava provocando com a salicylato". Hoje está feito o acordo sobre a ação benefica deste medicamento mesmo nos casos de albumina na urina.

Saindo das indicações therapeuticas para o dominio das conceções doutrinarias é typico o que se tem passado em relação ás lucubrações sobre a etiologia da tuberculose, onde se confirma a veracidade d'aquelle versinho, tantas vezes lembrado para focalizar a divergencia, entre esculapios melitantes: — Hypocrates, diz sim, mas Galeno diz não. O imortal medico de Cós dizia que um tisico nascia de oturo tisico e Galeno, acompanhando Aristoteles, acreditava no contagio, afirmando que "o tisico torna mau e nocivo o ar da respiração".

No seculo passado Laennec proclamava a herança como causa da tuberculose e falando dos que acreditavam que ella fosse contagiosa, ingenuamente dizia que, pelo menos na França, não parecia que o fosse. A quasi totalidade dos medicos modernos proclama o contagio como o unico meio de propagação da tuberculose pulmonar. O grande mestre do hospital Laennec, Leon Bernard, assim se exprime na 2.ª, edição de sua obra sobre a tuberculose pulmonar, publicada em 1925 "a tuberculose só se pode contrahir pelo contagio".

Não é menos categorico R. Brunon, prof. de clinica medica e director da Escola de Medicina de Rouen e tisiologo de reconhecido saber, quando diz (Tuberculose pulm. — 1924) (actualmente admitte-se que todo caso de tuberculose provem do contagio. É um dogma que não mais se discute". Graças aos notaveis estudos e decisivas experiencias de Cardoso Fontes, gloria da medicina brasileira, não se pode mais negar que a herança é um factor ponderavel na propagação da peste branca.

Agora o nosso caso. Todos os medicos sabem que é das mais temiveis para os rins a intoxicação pelo mercurio, quando administrado em dose elevada ou quando prolongado seu uso em individuos refractarios a sua acção. Entretanto em pequenas doses o seu effeito pode ser util, e em alguns casos, até insubstituivel.

A este respeito diziam Vidal, Lemiere e Pasteur Vallery-Radot: "está assentado que as doses therapeuticas dos saes de mercurio, exercendo sobre o rim uma irritação moderada, dão resultado inteiramente diferente daquele que provocam as doses fortes. Recentemente, acrescentam, o uso dos saes de mercurio como diureticos **a sub un regain de faveur,** que podemos trazer **adquiriu certa importância.**

Depois que Milian e Lelong, em 1920, preconisaram as injeções de cyanureto de mercurio, como diuretico, nos casos de nephrites dos syphiliticos, a questão tomou interesse e mudou de rumo.

Só mesmo a grande autoridade desses dois nomes podiam, nesse tempo, opinar contra o postulado da contra-indicação dos mercuriaes nos casos de nephrites, mormente lançando mão do cyanureto que contem mais de 70% de mercurio.

Saxl e Heilig estudaram a acção diuretica de um composto de hydrargyrio o **novasurol** que contem apenas 34% de mercurio menos da metade da riqueza mercurial do cyanureto e **ipso facto** menos irritante para os rins. Os alemães empregam outro preparado — o **salyrgan** que conta com grande numero de adeptos entre os clinicos. A França não quiz ficar na retaguarda de sua velha rival e apresentou um agente therapeutico mercurial ainda menos toxico que esses dois ultimos — o **neptal,** que se emprega em injecções intra-muscular, como diuretico, ainda mesmo atacado o rim.

Ora, se o cyanureto de mercurio, sal riquissimo do agente irritante do rim é, com as precisas cautelas, aconselhado nas nephrytes, o que se pode dizer do **novasurol,** do **salvyrgan** e do **neptal** que contêm muito menos quantidade de mercurio?!

Numerosos trabalhos têm sido publicados em França sobre a acção desse grupo de diureticos empregado nos casos de nephrites e mal de Bright.

Vidal e seus colaboradores acham que não se deve recorrer ao **neptal** nos brighticos edemaciados sem previa dosagem da uréa do sangue.

Estudando recentemente (Jornal dos Prat. 22 Agosto — 31) **as intoxicações mercuriaes** o Dr. Flandin, medico do Hospital Cochim, diz, referindo-se ao uso do mercurio, que é raro observarem-se nephrites nessa intoxicação.

Blum, analisando a acção dos diureticos mercuriaes diz que pequena dose de mercurio, espaçadamente, pode empregar-se, principalmente intercalado cm o chlorureto de calcio. (Presse Med. 928, pag. 353).

Assim, o que é necessário é apanhar a oportunidade da indicação e preenche-la com a maxima discrição, empregando doses fracas e espaçando sempre o seu uso.

O receio que sempre despertou o emprego dos diureticos mercuriaes era grande, e si nos antolhava justificavel porque acreditavamos que o seu efeito era exclusivamente o resultado da ação exercida sobre os rins que elles irritavam, produsindo uma nephrite ainda que benigna e passageira.

Loper, porem, debatendo perante a Sociedade Medica de Paris (sessão de 21 de Junho de 1929) o mecanismo da diurese provocada pelos saes mercuriaes (Presse Medic. — 1929, pag. 870) mostrou que suas pesquisas evidenciavam que o factor renal não era o unico a intervir nesse resultado. Após varias considerações sobre o assunto conclue elle que o factor tissular e sanguinico concorrem para que se obtenha o effeito diuretico.

Schmidt já havia publicado em 1927 um trabalho notavel (Contribuição ao estudo experimental e clinico de alguns diureticos mercuriaes) citado por Vidal, Lumiére e Vallery-Radot. Tendo Schmidt realisado experiencias sobre a acção dos mercu-

riaes, e procurando elucidar o mechanismo da diurese que elles determinam em grande numero de individuos, uns em perfeito estado de saude e outros atacados de hepatite, de cardiopathia e de nephrite chegou a resultados que suffragam a importancia que está adquirindo a theoria extra renal da depuração urinaria. Em verdade, utilisando-se elle da prova da hydrophilia julga-se autorisado a affirmar que se produz uma desembebição das albuminas dos tecidos e que estes após as injecções não se acham mais em estado de reter toda sua agua que então vai ter ao sangue e este por sua vez a elimina. Schmidt serviu-se, em suas experiencias de novastirol, salyrgan e, principalmente, do neptal.

Ainda mais. Duvon escolhendo para assumpto de sua these defendida em Paris, em 1929. — **Os factores extra renaes da diurese pelos saes de mercurio**, mostrou que a diurese provocada por esses saes não é exclusivamente de origem renal, porque elles actuam igualmente sobre o figado, os tumores e os tecidos. Resumindo seu modo de pensar, diz Duron: os saes mercuriaes diminuem a hydrophylia dos tecidos que abandonam sua agua rapidamente.

Os interessantes estudos de Achardt, já incorporados na sciencia, sobre o systema lacunar e a circulação intersticial, não devem ser extranhos ao mechanismo extra-renal da diurese pelos saes de mercurio.

Baseado nestas novas acquisições scientificas podiamos bordar largos commentarios que viriam corroborar nosso modo de pensar sobre o thema que nos occupa, mas devemos finalisar esta ligeira explanação que nos parece justificar suficientemente a prescrição extranhavel para darmos lugar a que assumptos de maior relevancia sejam aqui debatidos.

Em suma, do que acabamos de expôr muito pela rama e á **vol d'oiseau** pode-se, logicamente, concluir que não sendo a ação dos diureticos mercuriaes, como outr'ora se acreditava, exclusivamente de origem renal não ha motivo para proscrever-se **in intrigum** um precioso medicamento que, administrado com todos os cuidados, pode prestar bons serviços, principalmente quando seus congeneres deixam de produzir o effeito almejado.

CONTRIBUIÇÕES ORIGINAIS BRASILEIRAS EM TISIOLOGIA (*)

(ULTRAVIRUS E SUPERALIMENTAÇÃO)

Quiz a generosidade da diretoria da Associação Medica do Paraná que, o mais antigo professor de Clinica Medica de nossa Faculdade, viesse, com essa unica credencial, inaugurar a série de conferencias medicas que pretende levar a efeito neste recinto.

A escolha, por tão honrosa, não admitia excusa, eis porque me encontro nesta eminencia, cumprindo um árduo e elevado mandato.

A Associação Medica do Paraná, que representa a soma de tres sociedades medicas que existiam nesta Capital, tem a sua frente, como penhor de sua prosperidade, uma pleiade de jovens discipulos de Esculapio, que honram a cultura medica paranaense. A diretoria da novél associação distinguindo um velho clinico, com longo passado de labuta, sem brilho e sem relevo, corre o risco de ser acoimada de passadista pela facécia bregeira, que irreverente, e um tanto iconoclasta, creou a classe mal definida dos medalhões.

Confesso, não sei bem o que significa um medalhão na acepção pejorativa que se empresta a esse vocabulo, mas faço idéa que deve ser uma antitese do casmurro — que é cabeçudo e sorumbatico.

Será um individuo que já deu, em esforço e dedicação tudo quanto póde dar um espirito modesto e operoso; será um trabalhador indefesso que, tendo tomado parte ativa nos prélios da inteligencia e já avançado em anos, deve deixar a estrada livre para a passagem da nova geração, pioneiros do progresso?

(*) Conferencia pronunciada na Associação Medica do Paraná, em 09-9-33.

Medalhão será Miguel Couto, com 70 anos de idade, para quem a clinica medica não tem segredos, que se impoz á admiração da classe medica do paiz e do extrangeiro, que tem versado com inexcedivel elevação e patriotismo todos os problemas que contendem com o engrandecimento e felicidade de nossa patria?

Será Lloyd George, mais velho ainda, que estudando com rara clarividencia a situação atual das nações civilizadas, indica com precisão o rumo a seguir para debelar-se a crise que assoberba o mundo inteiro?

Será Victor do Amaral que, ao lado de Nilo Cairo, realisou um verdadeiro trabalho de Hercules com a fundação, em meio pobre e hostil, da Universidade do Paraná que, nesta bela e acolhedora metropole, se ostenta imponente e magestosa, despertanto a admiração dos que a visitam, espalhando os multiplos beneficios de um modelar ensino superior, elevando e aprimorando essa vasta e bela cultura que distingue a classe medica do Estado?

Se o medalhão, além de velho, valido e operoso é tudo isso que aí fica exarado em largas palhetadas, então, Snrs. bemditos sejam os medalhões e compreende-se sem esforço que eles provoquem sátiras e remoques dos que não têm pernas e nem coração para as escaladas grandiosas.

A velhice é ponderada, analisa as situações com calma, não tira ilações apressadas, serve-se dos ensinamentos da experiência para nortear o presente e prevêr o futuro. Age cautelosa e mansamente, não tem impetos romanescos, nem ilusões mirabolantes que, não raro, comprometem o exito da jornada. Marcha firme e resoluta, porque sonda o terreno que vai palmilhar: — Pára, escuta, olha e passa.

A velhice tem uma atração inefavel para essa mocidade estuante de enthusiasmo e de sonhos alcandorados. Ao lado della, em intimo convivio sente que, seu vigor e energia periclitantes, recebem nóvos incentivos, nóvas forças, como o Anteu da fabula ao tocar o sólo.

A mocidade, sempre idealista, é ardega, tem arrancadas cavalheirescas e não méde com precisão os perigos da senda a percorrer.

Desdenha os obstaculos porque é força e energia. Analisa pouco porque se impressiona muito. Se sincera no seu idealismo trepidante, não receia a concurrencia dos que visam o mesmo escopo. Prefere levar tudo de roldão a contornar dificuldades.

A mocidade e a velhice, não falo da senelidade, quando labutam no mesmo campo parecem-se com o simpatico e o pneumogastrico agindo sobre o coração. Em verdade, o simpatico é a juventudo que acelera o ritmo dos acontecimentos, desperdiçando energias; a velhice é o pneumogastrico que modera as contrações cardiacas, poupando a força do miocardio. Entretanto, é desse entre-choque, é desse antagonismo que resulta o perfeito funcionamento do orgão central da circulação, a regularidade da mecanica circulatoria e a vitalidade dos tecidos bem irrigados. Imitemos, pois, o exemplo que nos dá esse orgão maravilhoso da economia. Velhice e mocidade, isto é, experiencia e calma, pujança e ardor, duas forças que se completam e que, aqui, neste templo sagrado da ciencia, integradas, irão atuar em pról do engrandecimento e progresso da medicina, da solidariedade da nossa classe, do prestigio e felicidade dos membros que a compõe.

Esses devem ser os nossos votos.

* * *

Ao iniciar esta palestra que versará sobre algumas das contribuições brasileiras á tisiologia, devo prevenir que não é meu intento analisar detalhadamente tudo quanto têm feito nossos patricios em pról da solução do mais grave problema da medicina social — a tuberculose.

O meu fim é tratar de algumas das cooperações originaes que tenham, de qualquer fórma, concorrido para auxiliar a solução do problema sanitário ou minorar a situação do doente.

Começarei pelo estudo do virus filtravel de Cardoso Fontes, principalmente sob o ponto de vista clinico.

— ULTRAVIRUS —

O trabalhos de Cardoso Fontes operaram verdadeira revolução no dominio da microbiologia e da patologia.

Conceitos e preceitos assentados em bases que pareciam inabalaveis foram inteiramente derrocados, como se tivessem pedestal de barro.

Asserções firmadas por sabios mestres, que iam atravessando incolumes como verdades intangiveis, foram abaladas em seus fundamentos.

E mais uma vez se verifica que, em medicina, não ha verdades absolutas, tudo é relativo, provisorio, porque tudo evoluciona e progride sem cessar; o que hoje passa por um dogma amanhã aparece como um erro de observação ou falsa interpretação dos fatos.

São essas mutações desconcertantes, esses avanços e recuos que constituem a essencia mesma das concepções ficarem estagnadas como dogmas.

A versatilidade é propria da ciencia que desvenda doenças e lhes dá combate. A estagnação é o inicio do esfacelo.

* * *

Depois que o espirito previligiado de Koch descobriu o bacilo da peste branca, que traz seu nome, e estudou suas propriedades intrinsecas e extrinsecas, dir-se-ia que nada mais havia a fazer no que concerne á biologia do germen nefasto e a etiologia da tuberculose.

Puro engano, aparece um brasileiro inteligente, com acentuado pendor para os estudos de microbiologia, orientado pelo mago da escola de Manguinhos e revela ao mundo medico nova forma do germen da tuberculose, que explica a etiologia e a patogenia, até então ignoradas, de uma serie de perturbações morbidas.

Febres misteriosas, distrofias extranhas, artrites rebeldes, dermatoses e adenites criptogeneticas, tudo se explica pela ação patogenica do ultravirus ou virus filtravel. A descoberta que imortalisou Fontes e atraiu a atenção para a cultura medica brasileira, não é um produto do acaso, ao contrario, é o resultado de uma série de pesquisas e investigações inteligentes e tenazes, como pretendo mostrar servindo-me, não só dos varios trabalhos que o sabio biologista já deu á estampa, como também dos comentarios e criticas que eles têm provocado.

Não vou acompanhá-lo em todas as fases das suas lucubrações e experiencias, apenas procurarei fazer uma sumula de sua obra imperecivel, suficiente para bem aquilitar-se da extraordinaria importancia de suas pesquizas e das consequencias que delas decorrem.

A odisséa bateriologica de Fontes, que depois de umcolapso lamentavel terminou em retumbante apoteose, começou assim: — Em 1906, estando Antonio Cardoso Fontes em casa de Oswaldo Cruz, em companhia de Parreiras Horta, foi pelo imortal criador da medicina experimental no Brasil, incumbido de estudar as propriedades do bacilo da tuberculose no sentido de descobrir um agente eficaz contra ela.

"Recebendo a orientação de Oswaldo, diz Fontes, tive como meu primeiro cuidado o estudo da natureza quimica do corpo bacilar. Dele resultou o conhecimento dentre as substancias que o compõe, de uma cêra em cuja constituição entra um alcool isomero da colesterina, acido palmitico e lecitina".

Trabalhando com afinco, verificou cuidadosamente a propriedade acido-resistente do bacilo, experimentou metodos de coloração varios e chegou a resultados extraordinarios, que muito contribuiram para o advento de sua obra grandiosa.

Fazendo depois investigações sobre a coloração eletiva diferencial entre tuberculose e pseudo-tuberculose apresentou o metodo de colaração combinada, que consiste na superposição do metodo de Gram ao metodo de Ziehl.

Fazendo uso desse processo verificou que os bacilos da tuberculose se apresentavam corados de vermelho, mostrando em seu interior granulações esparças, intensamente coradas em violeta. Em vez de superpôr os dois metodos basicos, Ziehl e Gram, empregou conjuntamente dois corantes de anilina, verificando a coloração vermelha do corpo, do bacilo e violeta das granulações, distinguindo destarte, na estrutura do bacilo de Koch, duas substancias com eletividade corante diversa, uma gramofila — as granulações e outra fucsinofila — o resto do bastonete.

O estudo dos germens nas lesões tuberculosas evidenciou que, a forma fucsinófila ou acido resistente, não existe em certos produtos lesionaes, fócos de natureza tuberculosa, emquan-

to que neles é abundante a forma gramofila ou granular de Much.

"E sabendo-se, diz Fontes, que o fenomeno de acido resistencia estava intimamente ligado á presença no corpo bacilar de substancias cereas e gordurosas que constituem o involucro do bacilo, logico era supor que deixando essa propriedade de manifestar-se no virus tuberculoso, quando este existe no pús consequente á infecção por ele produzida, deveria existir neste produto qualquer fermento capaz de saponificar essas substancias, transformando morfologicamente o virus, destruindo a forma bacilar, e permitindo a desagregação dos bastonetes com a libertação das granulações existentes em seu corpo.

Investigando neste sentido pude então, prosegue ele, pôr em evidencia no pús tuberculoso a preesnça de um fermento hidrolisante, oriundo das celulas linfaticas, que têm a propriedade de destruir os bacilos da tuberculose a que denominei de "tuberculo-cirase". Essa verificação de Fontes, feita em 1908, foi confirmada em 1909 por Noel Fiessinger, na França, e Bergel na Alemanha.

Chegando por essas experimentações ao conhecimento exato da complexidade do bacilo da tuberculose, tinha Fontes necessidade de saber como se desenvolviam os bastonetes, e qual o papel que as granulações exerciam na biologia do germen, o que o levou a estudar a citologia do bacilo.

Experimentando sobre culturas homogeneas e produtos patologicos (escarro e pús tuberculoso) fez uso da tecnica de fixação humida de Schaudin e de seu metodo de coloração que dá dupla coloração do corpo do bacilo. Dessas experimentações decorreu a noção da função "essencial" que a granulação exerce na vida do bacilo. Acompanhando o desenvolvimento de culturas homogeneas verificou que a granulação, por processo analogo á gemulação, dá origem a outras granulações que, por sua vez, se constituem centros de reprodução.

Em alguns preparados Fontes notou que a granulação se dividia e multiplicava, mesma quanto isolada do corpo do bacilo, representando ela, pois, um "centro de reprodução", como "unidade viva" que deve ser.

Convencido, por essa serie de investigações, que a granulação representa papel essencial na biologia do bacilo de Koch,

era necessario proseguir nessas pesquizas com o fim de verificar a função reprodutora dessa mesma granulação. Urgia que, nos produtos patologicos e nas culturas, em estudo, fosse perfeitamente isolada a granulação do bacilo, porque só assim poder-se-ia saber exatamente o que corria por conta de um e de outro.

Ocorreu então á Fontes a idéa de separar os dois elementos por meio do filtro.

Vai agora culminar a obra do sabio microbiologista brasileiro que com tanta prevenção e hostilidade foi recebida por toda parte.

Para atingir o seu desiderato utilisou-se Fontes da vela Berkefeld que retem os bacilos e deixa passar as granulações.

As duas celebres e escarnecidas experiencias do experimentador brasileiro deram, em resumo, o seguinte resultado.

Experiencia I — Diluiu 5cc, de pu's caseoso, de cobaia infetada com bacilo humano, em 20cc. de agua fisiologica e filtrou. O produto obtido por filtração foi dividido em duas porções iguaes. Uma foi centrifugada e o sedimento revelou em preparado microscopico, devidamente corado, a existencia de granulação e detritos de bacilos e a outra porção foi inoculada sob a pele de uma cobaia que, 15 dias após a inoculação, começou a revelar reação ganglionar na zona da inoculação.

Sacrificada a cobaia, um mês depois da inoculação e cuidadosamente autopsiada, mostrou glanglios aumentados de volume, duros e hiperemiados. Foram feitas preparações por esfregaços que revelaram ausencia de bacilo da tuberculose e existencia de granulações incluidas em linfocitos. O baço aumentado de volume e congesto mostrava, em córtes, ausencia de bacilo e presença de granulações. Deante deste resultado animador Fontes levou a efeito a segunda experiencia, que lhe trouxe as mais extraordinarias revelações.

Experiencia II.

Com o fim de verificar se a reação obtida no animal da 1.ª experiencia corria por conta de bacilos, uma quarta parte do baço, depois de finamente dividido, foi injetado sob a pele de uma

cobaia. Oito dias depois formou-se um nodulo do ponto da inoculação e após um mês ainda permanecia. Como houvesse aumento de volume dos ganglios da região, foram retirados por biopsia e examinados em serie, não mostrando reação tuberculosa.

No fim de 5 mêses, em estado de saúde aparente, foi sacrificada a cobaia e a autopsia não mostrou alteração macroscopica dos orgãos, a não ser ligeiros fócos hiperemicos da base do pulmão e pequena hipertrofia do baço. Foram retirados fragmentos dos ganglios, baço e pulmões para exame microscopico. Os córtes dos ganglios e pulmões revelaram a existencia do bacilo da tuberculose em numero muito pequeno.

Estava assim experimentalmente demonstrada a função regenerativa da granulação bacilar bem como decifrado o enigma da fimatose latente. E "a tuberculose em potencial, diz Fontes, devia substituir a velha noção de terreno tuberculisavel".

E tudo isso se deve a uma serie de pesquizas que assim se sucederam: Em 1895 Strauss assinalou a existencia de corpusculos cromófilos no bacilo da tuberculose, em 1908 Much estudou-os cuidadosamente, dando-lhe o nome de granulações gramófilas; finalmente Fontes, em 1910, foi mais longe, isolando-as, demonstrando sua filtrabilidade e desvendando o papel que elas desempenham no drama pathologico.

A descoberta do nosso eminente patrício que devia ecôar como um pregão de vitoria, que devia despertar os mais calorosos aplausos porque trazia a solução de varios problemas de patologia e de clinica, modificava, corrigindo, varias noções arraigadas relativas á formologia e biologia do bacilo de Koch, prometendo, com as novas aquisições no terreno apenas desbravado, impulsionar, senão resolver a terapeutica de um dos maiores flagelos da humanidade, foi recebida com a mais fria indiferença e até com protestos veêmentes e remoques ofensivos. De todos os lados surgiam criticas acerbas, contra a obra extraordinaria do modesto discipulo de Oswaldo Cruz; dizendo uns, que o resultado obtido era consequencia do defeito da tecnica bisonha e outros que o filtro que servira para a experiencia estava rachado (sic).

* * *

Dois anos depois, em 1912, quando ainda não estava extinto o clamor que despertaram as imprevistas conclusões de Fontes, eis que surge um bateriologista de renome, Philebert, do Instituto Pasteur de Paris, disposto a repetir a malsinada experiencia realisada em Manguinhos sobre a filtrabilidade do virus da tuberculose. Pode-se imaginar o mixto de esperança e de temor que devia dominar o espirito de Fontes, esperando o **veredictum** de um microbiologista acatado que devia trazer-lhe a glorificação ou o fracasso. Capitolio ou rocha Tarpeia. Gehena ou pinaculo.

A indecisão não durou muito. Philebert serve-se de 10 amostras de pús provenientes de diversas lesões de origem tuberculosa (coxalgia, tumor branco, ganglios, etc.), verifica que todas elas apresentam bacilo, certificando-se da virulencia das amostras em inoculação de cobaias que morreram. Procede então a filtração do material, inocula o filtrado em cobáias e não determina senão um caso de tuberculose. Philebert, em face desse resultado, acredita possivel uma contaminação acidental ou que o filtro utilisado tenha sido permeavel á passagem do bacilo, concluindo por negar a filtrabilidade do virus da tuberculose.

Essa conclusão de Philebert representava, para os adversarios de Fontes, o tiro de misericordia no resultado de suas investigações.

O microbiologista não sucumbiu, mas teve um colapso prolongado.

"Abriu-se um iáto em minhas pesquizas, confessa ele, que durou até 1923".

Deante desse resultado divergente, e não decisivo, A. Fontes não devia interromper, como o fez, as suas experiências. Aos olhos dos seus contraditores, numerosos então, tal procedimento podia ser tomado como justificativa da falta de confiança no exito de suas investigações, traduzindo uma confissão tacita do erro de tecnica ou defeito do filtro, como apregoavam.

Em 1922, 12 anos depois do retumbante fracasso, Vaudremer, que vinha estudando o desenvolvimento do bacilo, em meios pobres, verificou a possibilidade da passagem através da vela de Chamberland das formas atípicas, não resistentes.

A semeadura destes filtrados dava origem á colonias de bacilos acido resistentes ao cabo de 8 dias.

Em suma, Vaudremer notavel bateriologista do Instituto Pasteur, de Paris, verificou que o bacilo da tuberculose possuia formas filtrantes, como ha 12 anos havia afirmado Fontes.

E assim tiveram expressiva e brilhante confirmação no extrangeiro, as pesquizas do nosso patricio que, com toda justiça, ainda que tardiamente, recebeu a consagração de emerito biologista. Dessa época em diante começaram a aparecer, em todos os quadrantes, com raras divergencias, noticias confirmativas da veracidade das conclusões de Fontes.

Calmette, em abril de 1923, confiou, aos seus mais competentes colaboradores, o encargo de repetir as suas experiencias, e esses trouxeram-lhe a seguinte conclusão: "Os fatos enunciados por Fontes acham-se plenamente confirmados, e nossas experiencias autorisam a estabelecer que os filtrados de culturas, de escarros e de pús tuberculoso, encerram elementos que, apesar de invisiveis e não cultivaveis nos meios de que nos servimos, são virulentos e tuberculigenicos".

Ainda não cessou a efervescencia em torno da questão em apreço; uns negam a existencia do ultravirus e a passagem da forma granular através das vélas; outros, negam a existencia do ultravirus e acreditam na passagem da forma granular.

A grande maioria dos experimentadores fazem justiça á Fontes, reconhecendo a veracidade de suas conclusões e o seu incontestavel valor.

Depois do período memoravel, de tormentas, recifes e naufragios parece que o batel do microbiologista indigena, vae singrando em mar de rosas.

Na sessão da Academia de Medicina de Paris, em março de 1930, Calmette fez uma notavel comunicação sobre o virus filtravel que a imprensa medica assim regista. "Calmette (Journal des Praticiens — —1930 — pg. 190) refere-se aos trabalhos empreendidos por ele e seus colaboradores durante 7 anos, sobre os elementos filtraveis do virus da tuberculose, descoberto por Fontes, em 1910. O resultado desses trabalhos tem importancia consideravel, diz Calmette, obrigando-nos a modificar radicalmente nossas concepções sobre a patogenia da tuberculose.

Eles demonstram que o bacilo de Koch representa apenas um dos estádios da evolução e uma forma de resistência do virus tuberculoso. Antes de tornar-se bacilo o virus tem outras formas de evolução.

A principio é invisivel e filtravel nas velas de porcelana ou através da placenta de mulheres em gestação, e neste estado de **ultravirus** ele determina acidentes e varias molestias. O ultravirus dá nascimento ás formas granulicas e depois á bacilos normaes. Calmette propõe grupar as doenças agudas, determinadas pelo ultravirus, sob a denominação de **granulemia pre-bacilar** e as doenças cronicas devidas ao bacilo de Koch sob o nome de **bacilose;** existindo entre elas uma forma de transição que é a **tuberculose granulica,** onde se encontram abundantes ultravirus e raros elementos bacilares. Entre as doenças produzidas pelo ultravirus cita Calmette — derrames pleuraes e outros, eritema nodoso, erítemas polímorfos, diversas afeções da péle, tifo-bacilose de Landouzy, granulia, etc.

Arloing, Dufom e Malarte sistematisaram o quadro das infecções tuberculosas atipicas, atribuidas ao virus filtravel, distinguindo 3 formas clinicas: nodular, cachetisante e efemera.

O Dr. E. de Almeida Magalhães que carrega, galhardamente, o nome de um verdadeiro legionario da medicina brasileira, julga-se autorisado a tirar as seguintes conclusões dos seus reiterados trabalhos sobre a biologia do germen da tuberculose, conforme comunicações que fez ao 2.° Congresso Pan-Americano de tuberculose, reunido no Rio de Janeiro, em junho e julho de 1929:

1.° — O bacilo de Koch, considerado como unico agente etiologico da tuberculose, não explica satisfatoriamente todo o polimorfismo anatomopatologico e clinico dessa enfermidade.

2.° — A microbiologia, a patologia experimental e a clinica mostram que nas lesões tuberculosas ativas, existem diferentes fórmas baterianas, das quais, o virus filtravel de Fontes, o micrococo de Ravetllat-Pla e o bacilo acido-resistente de Koch, representam fases evolutivas de um mesmo virus.

3.° — Essas diferentes fórmas com que se apresenta o virus nos organismos parasitados, explicam o polimorfismo da tuberculose; — sendo as fórmas filtrantes responsaveis pelas

septicemias tuberculosas, o micrococo pelas fórmas inflamatorias e o bacilo pelas fórmas destrutivas.

4.° — Além da diversidade do agente etiologico e das lesões anatomo-patologicas, essas fórmas clinicas da tuberculose se distinguem pelo modo de evolução: as septicemias e fórmas inflamatorias frequentemente são curaveis; as fórmas destrutivas geralmente caseificam e ulceram, raramente são curaveis.

Sergent, estudando com alguns dos seus discipulos, em julho de 1930, o virus filtrante, em clinica, deixou patente o seu preparo para trabalhos de laboratório e a sua vasta cultura medica. Referindo-se aos clinicos mostra o interesse excepcional, que representa para eles, a descoberta de Fontes. Reivindica para estes a prioridade da demonstração do virus filtravel numa serie de exsudatos humanos — escarros, liquidos pleuraes e articulares.

Não menos importante, diz ele, foi a parte ulterior dos clinicos nas pesquisas realizadas sobre o virus. Seguindo uma ordem cronologica lembra que o virus foi encontrado: em diversos exsudatos, no sangue dos granulicos, na tifo-bacilose, nas ascites, no liquido cefalo-raqueano e recentemente Leon Bernard o encontra no sangue do escarro.

Emfim, diz Sergent, os clinicos têm evidenciado a utilidade das novas noções para o diagnostico, trazendo aos báteriologistas a confirmação de suas pesquizas.

Depois de criticar, com elevação e justiça, a classificação clinica que Calmette propôz para os estados morbidos produzidos pelo virus de Fontes, o notavel clinico mostra que bacilo e virus andam constantemente associados, em grande intimidade; onde está um, quasi sempre se encontra outro. Assim não se póde estabelecer a equação: — existencia do virus em um exsudato igual á tuberculose produzida pelo virus. Acha prematura toda classificação baseada sobre a dualidade do virus e do bacilo, entretanto afirma: podemos considerar como casos de tubérculose autentica certos estados morbidos que eram suspeitos de ter apenas intimas relações com essa doença. Sua afirmação frisa com a de Fontes, quando este diz: o terreno tuberculisavel nada mais é que tuberculose em potencial. A reunião

desses fatos, que a escola de Sergent descreve sob a denominação de periodo **ante-bacilar virulento**, aparece ultimamente com a designação de **estado pre-bacilar.**

Corroborando essa maneira de encarar o problema da tuberculose inicial, ele cita casos de eritema nodoso, congestões pleuro-plumonares subitas, astma, etc. em que sómente a presença do virus filtrante demonstra a natureza da tuberculose.

Tantas vezes, diz Sergent, o interrogatorio revela — semanas, mêses e anos antes da explosão bacilar, episodios febrís inexplicaveis, emagrecimentos rebeldes, polimicroadenias, eritema nodoso, estados reumatoides, gripaes, bronquites, congestão pulmonar, em que a pesquiza bateriologica só encontra o virus de Fontes. Entre esses doentes observados na fase bacilar virulenta, uns recuperam a saúde, abortando a doença; a maioria, porém, é atacada de tuberculose bacilar, localisada em qualquer ponto do organismo, o maior número de vezes no pulmão. E aí se fecha o cíclo morbido, terminando a fase ante-bacilar.

Qual o valor biologico desta fase? O eminente mestre a quem vou acompanhando em seu excelente estudo, pensa que não se deve atribuir unicamente ao virus os acidentes dessa fase, porque este póde existir ao mesmo tempo que um fóco bacilar antigo; alem disso, no seio das lesões conjestivas provocadas pelo virus podem aparecer alguns bacilos de recente formação. Se são possiveis essas eventualidades lembradas pelo grande mestre, não é menos possivel o caso em que sómente o virus, possa produzir perturbações morbidas com exclusão de todo e qualquer bacilo. Se ha observações em que sómente se encontra o virus, podendo sua presença explicar os acidentes morbidos, por que apelar para o bacilo que está ausente:

Abandonando terreno firme dos fatos o prof. Sergent passa a formular hipoteses, muito palusiveis algumas, sobre o assunto que estou perlustrando. Entre essas, algumas tidas hoje como verdades, figuram as seguintes, que vão em forma de aforismo.

— A tuberculose apresenta em clinica duas etapas — inicial, onde só existe o virus, e tardia com manifestação bacilar classica.

— A penetração do germen no organismo é variavel: here-

ditaria e transplacentaria quando o virus é o responsavel e exogena quando o bacilo e o virus. O agente infectuoso penetrando em estado de bacilo dá origem a embolias linfaticas bacilares.

— Variações da raça infectante desempenham papel nitido no determinismo dos acidentes.

— Os novos estudos sobre o germen confirmam as ideas geraes sobre o despertar da tuberculose no adulto: — pululação bacilar e exacerbação do virus, parecendo ser esta mais frequente.

— Acidentes morbidos atribuidos anteriormente ás toxinas hoje correm por conta do virus de Fontes.

* * *

Snrs. Por este rapido esforço todos podem vêr que as mais recentes investigações no campo da microbiologia e da clinica vão corroborando as conclusões que Fontes deduziu do estudo da estrutura e da filtrabilidade do virus tuberculoso.

Há bem pouco tempo ainda o classicismo via no contagio o unico meio certo de propagação da tuberculose, entretanto após os seus trabalhos ninguem tem duvida sobre a possibilidade da passagem do virus através da placenta, contaminando o féto.

O prof. Monckeberg, possuidor de vasta cultura medica, aprimorada no que toca á tuberculose, publicou, ha pouco tempo, um notavel trabalho sob o titulo — **infecção tuberculosa congenita**, e nele, assim se externa sobre o nosso patricio:

"A experiencia de Fontes é, sem duvida alguma, a base, o ponto de partida, de todas as investigações posteriores sobre o tema que versamos e tem as proporções de um descobrimento transcendental, porque com ela seu autor demonstrou a filtrabilidade do virus da tuberculose, a modalidade especialissima da sua ação patologica e sua transformação posterior em bacilo".

O sabio professor sintetisando tudo quanto exaustivamente expôz diz: "baseando-se nos fatos clinicos observados e nas experiencias de laboratorio podemos resumir o estado atual da questão nos seguintes termos — a herança da infecção tuberculosa é um fato..."

É muito longa a lista dos pesquizadores que tem verificado a passagem do virus atraves da placenta, uns por experiencias de laboratorios e outros por meio de observações clinicas.

Depois da reunião, em Roma, da VI Conferencia Internacional contra tuberculosa, de 24 a 29 de setembro de 1928, onde representantes de varios países, manifestaram-se de perfeito acordo com as conclusões de Fontes, ninguem, em bôa consciencia, tem direito de duvidar de sua veracidade.

Laubry e Marchal, em um estudo exaustivo e recente (setembro de 1932) sobre a linfogranulomatose maligna ou doença de Hodgkim, acha, que o virus de Fontes vem trazer o elemento de prova que faltou a Stemberg quando já em 1896, registrava as estreitas relações existentes entre essa doença e a tuberculose.

Depois de uma excursão, ponderada, pela clinica, anatomia, bateriologia e experimentação eles chegam a esta conclusão: "as formas filtrantes do virus tuberculoso parece determinar uma serie de reações, correspondendo algumas á linfogranulomatose maligna. Em sum,a "a doença de Hodgkin, afirmam, é uma tuberculose atipica do tecido reticulo-endotelial".

Em nossa enfermaria da Santa Casa, encontra-se atualmente um caso bem característico que, de inicio, foi inteligentemente diagnosticado por nosso distinto colega Dr. Mario Abreu, e que se tem prestado a uma serie de observações, que virão á lume.

Se alguem ainda tivesse duvida sobre a instabilidade de nossos conhecimentos sobre cousas essenciaes da medicina, bastaria recordar o que se tem passado com as diversas opiniões relativas á propagação da tuberculose.

Hipocrates dizia: um tisico nasce de outro tisico: Laennec duvidava do contagio, pelo menos na França.

Grisolle dizia: julgamos, sem fundamento, o receio do contagio.

Os fimatólogos modernos afirmavam que o contagio é o meio de propagação da tuberculose, sendo imponderavel o con-

tigente fornecido pela herança. A descoberta de Fontes veio demonstrar que não é tão insignificante como se supunha este fator.

Lumiére, em trabalho publicado em 1930, estudando o contagio e a herança na tuberculose tira esta estranha conclusão, traduzida ao pé da letra: — "A tuberculose parece extremamente pouco contagiosa para os adultos em bôa saude".

Ainda uma justa referencia para encerrar esta sinopse.

Motta Resende, talentoso livre docente e assistente do serviço clinico neurologico do prof. Austragesilo, mostrou em recente publicação o papel importante que desempenham as formas filtraveis do germen da tuberculose em casos de meningite, em que raramente ou quasi nunca se encontra o bacilo de Koch, dando razão a Calmette quando define tuberculose — como fase final de uma infecção muito antes já realizada pelo ultravirus.

Motta Resende deposita grande confiança no emprego das vacinas antituberculosas Bruschettini, mormente quando se chega a um diagnostico precoce pelo indice leucocitemico de Váldez, que ele procura divulgar com entusiasmo.

Pelo que acabo de expôr, um tanto atabalhoadamente que, em parte, justifica a angustia do tempo que me foi concedido para preparar esta palestra, pode ver-se claramente que o trabalho de Fontes, revolucionando a microbiologia, é de tal alcance e de tal importancia que ainda é muito cedo para avaliar-se a projeção que ele vai ter na clinica e na terapeutica.

FUNDAMENTOS DO ROTARY

Discurso pronunciado pelo Presidente **João Candido Ferreira,** na sessão de sua posse, aos 4 de Julho de 1935.

"Eleito presidente do Rotary Club de Curitiba, apesar de nossa esquivança, envidaremos todos os esforços para acompanhar, embora sem brilho e sem relevo, a róta traçada e perlustrada por Clotario Portugal, que bem alto lhe elevou o nome no conceito geral.

Culto, integro, provéto e ocupando lugar de destaque na magistratura do Estado, não lhe foi difícil conduzir a novél instituição por entre os tropeços de uma vida que se inicia, até coloca-la na posição invejavel em que se hoje encontra.

Não é facil, claramente o presentimos, a tarefa de substituir esse patricio eminente, que deixa seu nome ligado para sempre á vida do Rotary Club de Curitiba; entretanto, conjugando todas as nossas energias e contando com o auxilio eficaz dos dignos membros do Conselho Diretor e com a boa vontade de todos os companheiros, procuraremos desempenhar com devotamento e retidão a missão que nos foi confiada.

Como nem todos conhecem a estrutura intima do Rotary, sua origem e suas finalidades precipuas, pensamos não ser de todo desprovido de interesse o trabalho de fornecer uma sinopse de sua organização e seus objetivos, que o extremam de qualquer outra instituição.

* * *

Que é Rotary, como nasceu, porque esse nome, quais os seus fundamentos, quais as suas finalidades, por que se reune ás refeições?

Diz a literatura oficial: — "O Rotary é uma escóla teorico-pratica de civismo e bôa conduta profissional. E como esta bôa conduta profissional pressupõe a retidão de todos os átos da vida, Rotary tem, ainda, por objeto induzir os seus sócios e por mediação a todos os companheiros de profissão ou negocio, ao melhor cumprimento dos seus deveres familiares e cívicos.

Não tem carater politico nem religioso. Nunca se propõe a formar partidos nem seita alguma, nem adota codigo particular de moral. Não é sociedade secreta e nem sediciosa. Suas reuniões, celebradas em lugar publico, não escondem as suas finalidades, meramente de prestar serviços em ambiente de ampla e clára democracia.

Em sintese, póde-se dizer como Pinto Serva: — "O fim do Rotary é o de elevar ao mais alto gráu o nivel da Etica e da Moral em todos os negócios e profissões, desenvolver a amizade entre os homens de todas as classes e de todas as nacionalidades e pugnar pela melhoria das instituições existentes, locais ou universais, escolhendo entre os elementos do trabalho de cada cidade os cidadãos mais representativos de suas classes, o Rotary consegue reunir uma verdadeira "élite" de homens uteis, mantendo apenas um representante de cada classe, elimina rivalidade e atritos, compondo um ambiente propicio á mais completa camaradagem".

O Rotary nasceu em 1905, em Chicago, das locubrações de Paulo Harris que, depois de longas viagens de observações e estudos, contemplando o panorama da vida comercial de sua terra, teve a idéa genial de pôr em pratica os elevados principios de socialisação, em beneficio de todas as classes e profissões honestas. Com o intuito de pôr por obra a idéa que lhe amadureceu no espirito, reuniu-se, em 23 de fevereiro de 1905 a 4 companheiros no escritório de seu amigo Gustavo Lochr e em perfeita concordancia assentaram a criação do Rotary. E eis triunfante uma nova ideologia que se destina a congregar as pessôoas de bôa vontade e de espirito de renuncia em pról de cometimentos que redundem em beneficios da comunhão social.

Com que alegria e ternura Paulo Harris, esse velhinho fórte e jovial, que se abeira dos 80 anos, fundador da nova escóla de trabalho e de camaradagem, ha-de contemplar, atravez de todas as nações civilizadas, a propagação vertiginosa e o sucesso assombroso dessa singular concepção.

Pelo demonstrar a vôo de pássaro, basta dizer que, de cinco sócios que eram os rotarianos em 1905, ascenderam a cêrca de 15.000, em 2.630 clubes, em 42 nações, durante o primeiro decenio.

Por que deu ele á nova criação o nome de Rotary? Porque Rotary significa — "dar a vólta como róda", indicando dest'arte que as reuniões se faziam em rotação nas casas dos primeiros sócios. Como simbolo da nova entidade, foi adotada uma róda com 24 dentes e 6 raios.

Quais os seus fundamentos e os seus objetivos? O Rotary assenta sua organisação em 2 postulados e subordina sua atividade a seis objetivos, alem de varias comissões que velam pelo bom funccionamento de toda a engrenagem.

Os 2 postulados são os seguinte:

I — Dar de sí antes de pensar em sí.
(Service above self).

"Dar de si" não quer dizer dar sua propriedade, seu dinheiro, seus bens; quer dizer, sim, alguma cousa de mais alta significação, como seja o dar um pouco de nossa alma, de nosso coração de nossa inteligencia, isto é, servir sempre na medida de nossas possibilidades, animando o estimulando.

Para que o rotariano possa prestar tão assinalado serviço, é necessario que possúa um acervo de excelentes predicados, morais, porque só assim póde repartir os tesouros de sua alma com os que deles necessitem.

"Dar de si antes de pensar em si" é, como diz Othelo Rosa, "a formula prestigiosa que nos eleva sobre nós mesmos, incutindo-nos a nobre ambição de aumentar a nossa utilidade, o nosso valor individual, para uma projeção quanto possivel fecunda e eficiente na comunhão social".

Aí está o canon em que assenta a filosofia rotariana: — "o ideal de servir".

Vai mais longe o ilustre jornalista quando diz: — "Inspira-nos um criterio rigoroso de utilidade — utilidade bem entendida, que nos guia nesse caminho de cooperação permanente para conseguir, — para os individuos, maior conforto e mais justiça;

para a sociedade, maior ordem e mais harmonia; para as nações, maior fraternidade e mais progresso.

O segundo lema (He profits most who serves best) — "mais lucra quem melhor serve", conforme a primeira tradução vulgarisada entre nós, interpretava com fidelidade a concepção materialista ou mercantil de seu autor.

Atualmente estas palavras não significam o que se recebe ou ganha em bens materiais, servindo melhor, mas o que se alcança na ordem moral.

Não é a preocupação de lucro material; mas, principalmente, o sentimento de bem-estar, de euforia que experimenta aquele que, afastando qualquer injunção de egoismo ou ambição de ganho, vai ao encontro de seu semelhante para o auxiliar e servir.

Assim se harmoniza a justa e nobre ambição de lucro com a satisfação de ser util aos outros.

Diz Moraes Sarmento: — "A medida que se tornava mais e mais intensa a espiritualisação do Rotary, este lema passou a ter significação muito diversa, embora conservada a fórma primitiva. A palavra "lucro" passou a ser compreendida como proveito de natureza moral e "servir" passou a ser considerado, não na acepção estritamente comercial, mas na significação ampla de ser prestadio, altruista, desinteressadamente util ao próximo".

Ruy Barbosa já havia concretisado esta idéa na seguinte sentença: — "A nossa felicidade consiste na felicidade alheia, generosamente criada por um áto nosso".

Entre as traduções do segundo postulado podemos citar as seguintes:

— Mais lucra quem melhor serve.

— Mais feliz se torna quem melhor serve.

— Mais se beneficia quem melhor serve aos outros.

— Mais prospera quem melhor serve.

Todas elas consignam a idéa de servir como elemento essencial á existencia do Club, o que significa que no ideal de servir está o substrato, a filosofia do Rotary.

Os objetivos que lhe norteiam a vida estão consubstanciados nas seguintes formulas:

I — O ideal de servir como base de todo empreendimento digno.

II — A ética como norma da vida comercial e profissional.

III — A aplicação do ideal de servir por todos os rotarianos, assim na vida particular, como na profissional e social de cada um.

IV — O desenvolvimento da camaradagem como oportunidade para servir.

V — O reconhecimento do merito de toda ocupação util e o exercicio que enobrece a profissão de todo rotariano tendo em vista a oportunidade de servir á coletividade.

VI — O entendimento, a bôa vontade e a paz entre todas as nações por meio de companheirismo de seus homens de negocio e de seus profissionais, unidos pelo ideal de servir.

Apesar da fórma pouco literaria e das redundancias, que encerram esses seis mandamentos, vê-se claramente o elevado escopo a que visa o Rotary, adotando-os como norma de proceder.

Si quizessemos resumir tudo quanto acabamos de dizer em relação á vida complexa e dinamica do Rotary e sua finalidade, não poderíamos encontrar uma expressão, um símbolo, que o fizesse com mais precisão e fidelidade do que a palavra — servir — tomando este vocabulo na mais ampla e elevada acepção.

E por que se realizam as sessões durante os ágapes ou refeições?

Ágapes, como todos sabemos, eram refeições que os primeiros christãos tomavam em companhia de seus amigos, para manterem entre si a união e a concórdia.

O Rotary, adotando esse alvitre, teve em mira 3 motivos que se justificam por si mesmos: — maior cordialidade entre os companheiros, economia de tempo e maior frequencia nas sessões.

Agóra que, de corrida, tentamos dar uma idéa exata da origem, da organisação, e da maxima aspiração do Rotary, podemos comentar alguns fátos que, bem de perto se relacionam com a grandiosa criação de Paulo Harris.

— Um sacerdote amigo disse-nos, ha poucos dias, que o clero tinha certa prevenção contra o Rotary, parecendo-lhe suspeita a origem e obscura a organisação dessa sociedade.

Só podemos atribuir tal prevenção ao desconhecimento cabal da sua organisação. Porque na vida do Rotary não ha segredos entre os iniciados, não ha formulas ocultas, nem sinais cabalisticos que sirvam para revelar os membros da associação. Tudo entre nós é claro, simples, limpido e toda sua estrutura se ostenta á luz meridiana, sem sombras que ocultem qualquer cousa na dobra do misterio.

Pensamos que os primeiros organisadores do Rotary andaram acertadamente, com afastar as discussões sobre politica e religião das suas palestras, evitando assim, controversias apaixonadas e dissidios destoantes da bôa camaradagem.

O Rotary, ao receber em seu seio um novo companheiro, não indaga das suas crenças religiosas, nem das suas convições políticas, que todas podem ser respeitaveis e dignas de acatamento. O essencial é que o novo socio seja o lidimo representante de uma classe, que desempenhe honestamente suas funções e que esteja disposto a cumprir com devotamento os estatudos do Club de que vai participar.

É justamente no seio desta grande familia harmoniosamente constituida que as expansões dos sentimentos altruisticos nos levam sem constrangimento, á pratica do primeiro postulado — dar de si antes de pensar em si.

* * *

Foi empolgado pelo conceito de inefavel espiritualidade deste lema rotariano, que o nosso chanceler Macedo Soares alcançou a maior vitória de sua vida concorrendo bravamente para a pacificação de um territorio que se encontra bem perto de nossas fronteiras e se abrazava em guerra de exterminio.

De fáto, cessou a carnificina do Chaco, que durante 3 anos empapou de sangue humano aquele sólo opulento, e cessou gra-

ças ao espirito abnegado digo de abnegação, de renuncia e filantropia de um pugilo de estadistas impelidos por sentimento francamente rotariano.

Entre os mais ardorosos e proeminente propugnadores da obra da paz e da confraternização figura, sem sombra de duvida, um brasileiro ilustre, que bem alto elevou o nome de nossa patria reafirmando sua indole eminentemente pacifista.

Um dos mais notaveis publicistas patricios assim comenta o glorioso feito:

"Unicamente conduzido pelas idéias filantropicas, um elenco de homens se reuniram em Buenos Aires decididos a encontrar a formula da paz. Eram os bombeiros do Chaco. Capacitaram-se que a preço de bôa vontade, de espirito de sacrificio e de muito pouco amor proprio extinguiriam o incendio, que arde ha 3 anos".

E a paz voltou em uma das mais ricas zonas da America do Sul, graças, principalmente a dedicação e ao otimismo de Macedo Soares, portador do prestigio sugestivo do Itamaratí de Rio Branco.

Ao partir do Rio de Janeiro, em companhia do supremo magistrado do Brasil, o nosso eminente Chanceler levava o firme proposito de envidar os maiores esforços em pról da pacificação desse sólo tão rico e infeliz.

Sairia vitorioso dessa campanha temeraria onde 17 tentativas semelhantes já haviam falhado com fragor, ou estaria encerrada para sempre sua carreira politica, que ia prosseguindo com tanto brilhantismo.

A vitória veio coroar a obra altamente meritória do patricio eminente e ei-lo que regressa á patria coberto de glorias.

* * *

Que os filantropicos objetivos do Rotary inspirem sempre os governantes que têm as maiores responsabilidades junto ás grandes correntes humanas, no sentido da manutenção da ordem, da tranquilidade e da camaradagem; e que o nosso caro Brasil consolide, cada vez mais o conceito em que é tido, universalmente de nação pacifista por excelencia, — eis o que de coração todos devemos ardentemente almejar".

SYNDROMO CONJUNCTIVO — URETRO — SYNOVIAL DE NOÉL FIESSINGER

No exercicio da clinica encontram-se cousas bem desconcertantes e incongruentes, que deixam perplexo o pratico: ora, a mesma causa produzindo os mais dissemilhantes effeitos e o mesmo effeito produzido por causas diversas; ora, uma só perturbação morbida a manietar todas as energias do organismo: ora, um grupo numeroso de symptomas não o abalando profundamente, de modo a poder-se garantir-lhe o proximo retorno ao estado hygido.

Cada dia surge nova entidade morbida enriquecendo o quadro nosologico e desafiando a argucia do clinico, cada dia symptomas varios se entrelaçam e se cruzam impondo-se como nova doença a ampliar o dominio da pathologia. E não é muito para espantar quando sabemos que a molestia é a resultante da reacção provocada por agentes de diversas naturezas — vivos, chimicos e physicos. Attentando-se sobre a grande variedade destes elementos etiologicos que podem actuar sobre o individuo, e a maneira diversa por que este responde á aggressão, não admira o polymorphismo das manifestações da mesma entidade morbida, se cada individuo faz a doença consoante as reacções de seus orgãos e de seus tecidos, tão differentes entre si como differente é a physionomia de cada pessoa.

E a duvida continúa a ser o pesadelo do clinico conscienCioso e provecto.

Nas doenças pulmonares tão banaes e tão bem estudadas, como a pneumonia e a tuberculose, são tantas as modalidades que ellas revestem que deixam, não raro, o clinico embaraçado quanto á sua verdadeira natureza.

Ha doenças possuidoras de vasta symptomatologia que ora se apresentam despidas de grande numero de suas habituaes

manifestações morbidas, difficultando a caracterisação do caso deante das diminutas reacções do organismo.

Assim, casos de febre typhoide, que geralmente apresentam grande numero de disturbios pathologicos, podem evolver com tão reduzidas reacções organicas que difficilmente são diagnosticadas. Publicamos, ha annos, uma observação desta septicemia em que o doente durante muitos dias só apresentava um symptoma-febre, apesar dos rigorosos exames para desvendar qualquer cousa mais que nos indicasse o diagnostico, que só foi revelado pela sôroagglutinação positiva.

Caso em tudo semelhante a este observamos em um militar, moço e forte que, durante mais de 20 dias, só apresentava, á tarde, elevação thermica que o prostrava, e nada mais conseguiram apurar pesquizas levadas a effeito por varios collegas de longo tirocinio. Entretanto, uma injecção de 914 jugulou a pyrexia em 24 horas e o diagnostico foi confirmado pela reacção de Wassermann.

Em contraposição a esta defficiencia de reacções morbidas, observamos casos que deixam o pratico confuso e desorientado tal a abundancia de symptomas e signaes que ostentam, como se todos os orgãos fossem invadidos pelo agente pathogenico, e reagissem com energia e independencia, criando um panorama nosologico denunciador da invasão do organismo por doenças completamente diversas.

Assim é o caso que vamos relatar e que acompanhamos com o illustre collega Dr. Loureiro Fernandes, onde symptomas reveladores de varias affecções agrupam-se, reunem-se e emmaranham-se, constituindo uma nova entidade complexa que difficultariam o diagnostico e perturbariam a orientação da therapeutica se mestres illustres já não tivessem revelado o mysterio do estranho syndromo.

OBSERVAÇÃO

Dr. N., de 48 annos de idade, de excellente aspecto, tendo soffrido varios ataques de gotta.

Tem vida sedentaria, sempre entregue aos seus estudos. Abusa da alimenatção azotada, principalmented os derivados da carne.

Nada apresenta de anormal para os orgãos respiratorios, nem para os apparelhos circulatorio e renal. Faz uso, moderadamente, de bebidas alcoolicas e não fuma.

No dia 16 de Dezembro do anno passado apresentou-se com "desarranjo intestinal". No dia 17 fomos chamados para medical-o. Depois de rapido interrogatorio verificamos que elle estava soffrendo de perturbações morbidas que se enquadravam perfeitamente no syndromo dysenterico — evacuações frequentes, com muco e sangue. Muitas vezes evacuava somente muco e sangue, sem fezes.

As dores eram moderadas no momento de exonerar o intestino. Prescrevemos-lhe uma poção com sulfato de sodio e dieta hydrica, durante 24 horas. Ao findar este prazo as melhoras eram notaveis e então começou a alimentar-se com agua de arroz e caldo de cangica. Repetiu a poção. As evacuações foram diminuindo, tomando aspecto normal, e no fim de uma semana já não vimos mais o doente, que se considerava restabelecido, apesar de não se terem ainda normalisado completamente as dejecções.

No dia 24 de Dezembro, achando-se bem disposto, comeu fructas seccas e tomou cerveja. Do dia 25 em diante, como não sentisse colicas, embora não se apresentassem normaes as evacuações abusou novamente de fructas seccas e passadas — tamaras, ameixas, nozes, castanha do Pará, avelã, etc.

No dia 30 de Dezembro, diz o doente: "senti, logo que me levantei, dôr na junta do pé esquerdo (tibio-tarsica) mas essa dôr não me impediu de calçar. Caminhei muito durante o dia todo; e quando voltava para casa, ás 6 horas da tarde, a dôr era insupportavel. Cheguei, deitei-me immediatamente, e, pondo o thermometro, este marcava 38,5".

No dia 31 consultou o nosso distincto collega Dr. Loureiro Fernandes.

Durante alguns dias continuou a apresentar todos os symptomas de dysenteria com manifestações inflammatorias para a articulação tibio-tarsica esquerda, onde teve inicio, depois para a direita e mais tarde para o joelho esquerdo e direito successivamente, com temperatura que oscilava de 37,5 a 39. As articulações atacadas apresentavam derrames que se reabsorviam rapi-

damente para tornar a apparecer e com a mesma rapidez desapparecerem.

O illustre collega já tinha lançado mão de todos os meios therapeuticos, que um clinico consciencioso e bem avisado costuma empregar em taes emergencia, sem grande resultado. E como o caso não tivesse inteiramente dentro de sua especialidade, chamaram-me para auxilial-o no tratamento.

Tendo examinado cuidadosamente o doente, e verificado todas as prescripções, notei que, apesar do acerto destas, o paciente não tendia ainda para a cura.

Foram feitas as pesquizas de laboratorio destinadas a identificar a especie de dysenteria em lide e estas não trouxeram decisão categorica, o que não é de estranhar. De facto, "o exame bacteriologico das fezes, affirma Houmbourger, só raramente revelará bacillos dysentericos; ora pela demora em fazer-se a pesquisa, o episodio intestinal já remontando a 10 dias, no mínimo; ora por causa da fragilidade bem conhecida destes bacillos, deante da concurrencia microbiana intestinal, sobre tudo fóra da phase aguda". (*) E Houbourger conclue: "só excepcionalmente temos conseguido descobrir o germe especifico nas evacuções de nossos anthralgicos".

De tal maneira é aleatoria esta prova bacteriologica que não admira o resultado negativo fornecido pelo laboratorio.

Cruzou e Rosenthal, em condições identicas, só encontraram paracolibacillo.

E Fiessinger, em um centro de observações, não conseguiu identificar por esse meio a causa do syndromo.

Logo no início do compromettimento das articulações, mormente deante da ausencia do elemento etiologico, podiamos pensar em uma arthirte blenorrhagica, mas o Dr. Loureiro Fernandes, provecto especialista, tinha anteriormente verificado a ausencia indubitavel de infecção gonococcica. Foi também lembrado o rheumatismo articular agudo, para logo ser afastado de

(*) As numerosas experiencias de H. Violle levadas a effeito com o bacillo da dysenteria e relatados á Academia de Medicina de Paris, em Julho de 1930, demonstram a acção destruidora do intestino sobre esse germe. Mesmo no caso de ser ele innoculado, em um ponto qualquer do organismo, distante do inestino, não lhe escapa á attracção especial e consequente destruição.
(La presse medicale — pag. 945 — 1930).

nossas cogitações, não só porque os disturbios e a evolução das arthropathias eram differentes da doença de Bouillaud, como o uso do especifico falhou inteiramente por duas vezes que foi ministrado. Estavamos, pois, em face de um doente de dysenteria rebelde com manifestações arthriticas intensas, que não cediam aos mais variados e adequados agentes therapeuticos.

É de observação corrente o compromettimento das articulações em doentes de dysenteria, mas as complicações para o lado das synoviaes em nosso caso afastavam-se do que, desde lonça data, os classicos vem registrando.

Foram administradas fortes doses de sôro anti-dysenterico, bem como emetina, derivados do acido salicylico e analgesicos para acalmar as dores lancinantes das articulações atacadas, e tudo se mostrava improficuo, dando pouco alivio ao doente que, apesar de robusto e resistente, ia definhando e apresentando signaes reveladores da defficiencia da alimentação e decadencia do organismo, como tonturas, obnubilações, asthenia crescente, bulhas cardiacas abafadas, etc.

Depois de finda a serie de injecções de sôro, e da applicação de clyteres d'água de Labarraque, lactozym alfa, iopyronal, coramina e tonicos cardiacos, começaram a apparecer signaes claros de declinio da infecção.

Lembrando-nos de ter, ha annos, lido alguns casos de manifestações morbidas semelhantes ás do Dr. N , fizemos uma busca em nossa bibliotheca e, sem tardança, encontramos o trabalho do Dr. Hombourger, medico dos Hospitaes militares de Paris que, durante alguns annos, observou 57 doentes de complicações uretraes, oculares e articulares, no decurso da dysenteria bacillar.

Se algumas destas complicações, que nos trazem á memoria as metástese dos velhos classicos, cedem rapidamente, como a uretrite e a conjunctivite, as arthropathias e algumas vezes até a dysenteria, prolongam-se por um e dois mezes. O nosso doente só depois de mez e meio teve alta e permissão para ir convalescer em uma fazenda donde voltou gordo e forte, mas queixando-se ainda de leves dôres nos musculos e articulações.

E como ainda não foi registrado entre nós, que nos conste, caso semelhante, achamos que seria de alguma utilidade a di-

vulgação deste complexo morbido tão bem caracterizado e já incorporado no quadro nosologico. (*).

De longa data são conhecidas as complicações da dysenteria para o lado das articulações (*), mas a concomitancia, no decurso dessa infecção, das uretrites e conjunctivites foi registrada, pela primeira vez, pelo professor Noel Fiessinger e Leroy em 1916. Depois desse trabalho ficou creada a entidade nosologica — **syndromo conjunctivo-uretro-synovial** de origem dysenterica, que, mais tarde, tomou a denominação de syndromo de Noel Fiessinger. Decorreu longo tempo, 8 annos, sem que se falasse nesse complexo morbido; depois, appareceram muitas observações de dysenteria, ora com lesões oculares, ora uretraes, até que Hombourger apresentou em 12 de Julho de 1930 um excellente estudo onde, além de acompanhar a marcha que seguiram as investigações sobre este assumpto, dá o resultado colhido em 57 casos que conseguiu observar.

É desse estudo exhaustivo do syndromo de Fiessinger que nos vamos servir, em rapidas synopses, para justificar o nosso diagnostico e ampliar a therapeutica.

"Os doentes, diz Hombuorger, apresentam nos 8 ou 20 dias precedentes, raramente mais, diarrhéa com fezes liquidas ou muco-sangulnolentas. Este episodio intestinal é, algumas vezes, muito frustro e passageiro, mas sempre constante no início da infecção". Tal qual o que se verificou em nosso doente: teve os primeiros disturbios intestinaes caracteristicos, que no fim de 8 dias desappareceram quasi inteiramente, para reapparecerem uma semana depois. Não raro o syndromo de Fiessinger começa com os signaes occulares — conjunctivite intensa, algumas vezes com chimosis.

Segundo Worms, são observados com frequencia phenomenos hyperemicos intensos dando lugar a verdadeira esclero-conjunctivites, identicas ás lesões produzidas pelo gonococco. Con-

(*) — De passagem por S. Paulo, logo depois de escripto este trabalho, conversamos sobre o assumpto que elle versa, com os sabios mestres Rubião Meira e Ovidio Pires de Campos, Cathedraticos de Clinica Médica, dizendo-nos o primeiro que tem tido em sua clinica grande numero de casos de dysenteria bacillar mais ainda não havia observado as complicações referidas; e o segundo, que já tem verificado casos de dysenteria complicada de arthoropathias, mas não o sydromo de Noel Fiessinger e nem lhe consta que algum collega já o tenha registrado em S. Paulo.

(**) — Sobre ellas diz o Prof. Dopter: "Não merecem descripção particular, porque se revelam, sob o ponto de vista clinico, semelhantes aos peseudo-rheumatismo de qualquer outra infecção".

comitantemente, ou logo depois, apparece a uretrite com exsudato muco-purulento. Em geral, as arthrites apparecem ao mesmo tempo ou logo após as inflamações oculares e uretraes; mas em nosso doente antecederam, talvez por ser elle gottoso ou ter andado o dia todo logo que se iniciou a segunda phase da doença, conforme disse: "caminhei muito durante o dia todo e quando voltei para casa estava com 38°, 5".

Nove vezes sobre dez é a articulação do joelho a primeira atacada e de um só lado, ficando tumefacta e globulosa, devido ao derrame que logo apparece.

No Dr. N... foi invadida, em primeiro lugar, a articulação tibio-tarcica esquerda que se tornou muito dolorosa e tumida, depois a direita. Decorridos poucos dias, tendo apenas arrefecido o soffrimento dos pés, sobreveio arthrite do joelho esquerdo e dois dias depois do direito, com derrame que desappareceu sem demora para reapparecer em seguida e desapparecer completamente. A rapidez com que vinham e se reabsorviam os derrames nos impediu de punccionar a articulação e examinar-lhe o conteudo.

As arthopathias encommodavam muito mais á noite que durante o dia.

Refere Hombourger que tendo observado desde as arthralgias, até as arthrites sero-purulentas, notou que os casos mais communs são de hydrarthroses e que as arthrites se assemelham ao pseudo-rheumatismo infectuoso e em particular ás ar-arthropathias gonococcicas, principalmente deante da presença da uretrite e conjunctivite e da prova negativa das evacuações.

Percorrendo com o Dr. Loureiro grande numero de observações que illustram o trabalho do Dr. Houbuorger e contejando-as com a nossa não tivemos duvida em considerar esta como authentica representante do sydromo de Fiessinger, ainda não registrado entre nós, conforme dissemos.

* * *

Quanto á therapeutica, notamos que pouca influencia teve sobre a marcha da doença o sôro anti-dysenterico em doses elevadas e repetidas, bem como nullos foram os effeitos do salicylato de sodio sobre as arthropathias.

A despeito das insistentes e variadas prescripções medicamentosas, verificamos lentas melhoras com alternativas de recrudescencia do mal, até que, depois de um mez de lucta, se foram accentuando os signaes do restabelecimento do doente.

Houbuorger, referindo-se á therapeutica faz as seguintes considerações e indica o tratamento que melhor resultado lhe deu.

Diz elle que a sorotherapia antidysenterica em alta dose e diaria pode calmar as dôres, attenuar mesmo as manifestações fluxionarias, mas não cura as arthrites "a affecção segue seu curso com marcha vacilante", affirma elle.

Acrescenta que a medicação anti-infectuosa se mostrou inefficaz.

Em virtude destes resultados pouco animadores lançou mão da physiotherapia, especialmente da thermo-phototherapia, e as consequencias foram encorajadoras, apesar de alguns insucessos.

Em 1928, em collaboração com A. Duval, recorreu á varios methodos de tratamento, chegando as conclusões seguintes:

1.ª — Nas formas de media intensidade, sem derrame articular, os effluvios de alta frequencia produzem rapidamente sedação das dôres e regressão da arthrite, em alguns dias.

2.ª — Nas formas hydrathrosicas as applicações transarticulares de corrente galvanica dão excellente resultado, sobretudo após punção evacuadora. A regressão das algias e da fluxão articular se processam em 8 á 10 dias.

3.ª — As sequellas articulares têm sido beneficamente influenciadas pela diathermia ou pela phototherapia. Quando persiste um ligeiro derrame é preferivel a corrente galvanica;

4.ª — As sequellas tardias (dôres, perturbação funccional) cedem rapidamente ao uso da thermo-phototherapia.

Concluindo, diz Hombourger, "o tratamento, pela sôro-therapia precoce e physiotherapia consegue abreviar a marcha da doença".

Em summa, de tudo quanto aqui fica registrado sobre o syndromo de Fiessinger, apesar de sua marcha algumas vezes alarmante, podemos tirar estas duas conclusões auspiciosas:

1.ª — o prognostico é bom, não deixando a infecção sequellas permanentes;

2.ª — o sôro específico e a physiotherapia seleccionada abreviam-lhe a duração.

Abril de 1936.

INJECÇÕES INTRADERMICAS DE HISTAMINA CONTRA ALGIAS DOENÇAS ALBERGICAS

Se a medicina não conseguisse alcançar outro desiderato, além do de jugular a dôr com todas suas nefastas consequencias, já faria jús ao conceito expresso nesta sentença empolgante — **divinum opus est sedare dolorem** — que a extrema de outras sciencias, sagrando-a como a mais nobre e prestadia entre todas.

Se a dôr não é a razão unica da medicina é o grande inimigo do clinico que contra ella movimenta poderoso arsenal therapeutico.

Onde explode a dôr que tortura e ameaça a existencia, ahi surge o medico para lhe dar combate. São dois adversarios irreconciliaveis que vivem em luctas sem treguas. E quando o clinico adquire mais uma arma contra ella, é como se conquistasse mais um aliado contra o inimigo de todos os tempos.

É deste assumpto, que actualmente occupa a attenção de physiologistas e clinicos eminentes, que vamos tratar, em uma visão panoramica, dando idéa do que já se tem feito, e do que ainda conseguirão as lucubrações e pesquizas de mestres provectos.

No momento em que traçamos estas linhas apressadas está tilintando o telephone com insistencia. Vamos attendel-o e uma voz impaciente e tremula nos diz: Doutor, venha sem demora attender a doente F... que está com pontada muito forte no peito.

A dôr começou ontem, mas agora está intoleravel.

Ahi o inimigo do clinico e do seu repouso, enchendo de sombras o ambiente, e provocando lagrimas e queixumes por onde passa.

* * *

São tão impressionantes os resultados das injecções intradermicas contra casos de algias de differentes especies que não podemos deixar de relatar alguns delles, ainda que resumidamente, porque podem ser uteis aos que nos ouvem e ainda não tenham experimentado esse agente therapeutico prodigioso. De proposito escolhemos casos dissemilhantes,ainda que igualmente suggestivos e observados em territorios muito distantes.

O do professor lacchia de Trieste, é tão chocante que poderia leva-lo a pensar em milagre se elle fosse credulo.

Trata-se de um operario de 32 annos que, em dia de rigoroso inverno em 1929, fora atingido casualmente na nuca e no dorso por violento jacto dagua de bomba possante. Teve immenso abalo e ficou tão perturbado e transido de frio que cahindo no solo gelado não sentiu a fractura de um dos pollegares. No dia seguinte sobrevieram dôres atrozes na região lombar, obrigando-o a ficar de cama 8 dias. Dez dias depois do acidente sentiu intenso ardor na região sacra e coccygea e dôr urente na nuca.

Este estado prolongou-se por mais de anno e meio, não tendo obtido alivio com as mais energicas prescripções de varios medicos. As dôres na região do occipital e do coccyx eram tão intensas que lhe não consentiam conciliar o somno durante semanas. Em 1931 as algias moderaram um pouco, não conseguindo ainda o doente deitar-se de costas; mas em 1933 recrudesceram, não consentindo o paciente que lhe tocassem nas regiões referidas.

Fez uso de raio X, diathermia, alem de muitos medicamentos. Os movimentos da cabeça e do quadril eram limitados pelas dôres que provocavam. A 3 de Fevereiro de 1936 foi o doente enviado, para fim de diagnostico, ao prof. lacchia que, examinando-o, nada de anormal encontrou além do que ficou relatado. No dia 6 de Fevereiro foram-lhe applicados 4 injecções de cloridrato de histamina, de 1/10 de milligramma cada uma, na nuca, distantes de alguns centimetros.

Para evitar qualquer acção suggestiva foi dito ao doente que ellas tinham apenas fim diagnostico. Deccorridos dois ou tres minutos o paciente declarou que a dôr causticante desapparecera como por encanto. Poucos minutos antes mal supportava o simples contacto da mão e agora, não lhe fazia grande

mal, uma serie de golpes energicos sobre a nuca. Nessa noite dormiu bem, até em decubito dorsal. Na manhã seguinte exigiu injecções semelhantes na região sacra e o resultado foi rapido e efficaz como da primeira.

Todo o tratamento consistiu em 2 series de injecções intradermicas no pescoço e sacro, empregando-se ao todo 2 milligr. de histamina, em 3dias. O effeito foi o mais completo possivel, excedendo a mais optimista espectativa: — desaparecimento de todos os symptomas dolorosos, volta do somno, sensação de absoluto bem estar, mobilidade completa. Decorridos 8 mezes ainda se mantinha a cura.

O paciente que vinha supportando, havia 7 longos annos, dôres angustiantes, o supplicio de não dormir noites seguidas ao libertar-se em poucos minutos de tantos soffrimentos devia acreditar no milagre do remedio empregado. O caso de Deutsch pode ser referido em poucas palavras e não é menos interessante que o de Paulo Iacchia.

Uma mulher soffria havia 20 annos de myalgia da espadua, não podendo livremente movimentar a articulação escapulo-humeral, e uma só applicação de histamina fez cessar completamente a dôr que difficultava a funcção do braço. Prodigio assim só mesmo a varinha de Moysés...

— Estas duas observações seriam sufficientes para despertar a attenção do mais pessimista e indiferente dos clinicos, animando-os a verificar a veracidade de tão asombrosos resultados; entretanto, pedimos permissão para também apresentar o nosso caso, apesar de saber que santo de casa não faz milagre.

Em meados de Agosto deste anno, consultou-nos a senhora J. R. de 40 annos de idade, casada, sem filhos, queixando-se que faz 5 annos soffre de dôr na região lombar esquerda em area de oito centimetros de diametro. Essa dôr lhe encommoda o dia todo, sendo porém mais intensa de manhã, muito cedo, ao levantar-se. Veio a esta cidade a conselho de alguns medicos que, tendo exgottado os recursos therapeuticos, lhe aconselharam que recorresse á cirurgia, fazendo ablação da zona dolorosa, que parecia um tumor.

Realmente a forma da região, sede da dôr, assemelhava-se a um lipoma, molle e mal limitado. Era um dermatoma sensivel,

não tanto ao contacto, como aos movimentos que a doente fazia para andar, vestir-se e voltar-se no leito. Acreditando que as applicações intradermicas de agua distillada ou de histamina, que tanto louvores têm merecido, podessem aliviar a doente que tinha horror ao bisturi, praticamos a 1.ª injecção de 1 cc. de agua bidistilada em 2 punccções, bem afastadas. A dôr foi intensa, e como de costume, durou 3 a 5 minutos.

Formou-se immediatamente erythema diffuso em torno das picadas, alem das vesiculas pela distenção da epiderme, (pipocas como bem caracterisou a pessôa que a acompanhava).

No dia seguinte referiu a doente, ao fazer nova injecção, que tinha experimentado grande alivio.

No 3.º dia veio ao consultorio, muito satisfeita, declarando que já não sentira dôr de manhã, o que não lhe acontecia havia 5 annos, apesar de andar bastante durante o dia, fazendo compras. Fizemos injecção de histamel de Raul Leite, metade da ampola em duas picadas.

Decorridos 6 dias de tratamento a senhora J. R. considerava-se perfeitamente curada de um mal que vinha soffrendo havia 5 anos e contra o qual fez uso de muitos medicamentos sem o menor resultado.

Para fechar esta pequena, mas expressiva serie de observações, que proclamam o alto valor antalgico das injecções intradermicas, vamos citar em poucas palavras o caso seguinte referido pelo prof. Emile Aron: M. M. de 54 annos. Sofre ha 3 mezes de **angor pectoris,** hypertensão, insufficiencia ventricular esquerda chronica e aortite. Dôres constantes na região precordial que lhe apertam como torno. Nenhuma melhora, apesar dos tratamentos. Injecção de histidina na região pre-esternal. A primeira produziu-lhe alivio imediato mas a dôr voltou, para desaparecer definitivamente depois da 6.ª picada. Até dois annos o paciente foi observado e os phenomenos anginosos não mais reappareceram.

* * *

Vamos agora fazer uma pequena digressão, sobre este assumpto que está na ordem do dia, mostrando, não só a evolução, por que tem passado este novo methodo de tratamento, como o mechanismo das curas que, em alguns casos, são verdadeiramente assombrosos.

Em 1924, Lemair, inspirando-se nas doutrinas metamericas empregou injecções intradermicas de novocaina contra as algias visceraes.

Mais tarde Jarricot publicou interessantes observações pondo em evidencia o effeito antialgico da agua pura em pequenas doses (1/4 e 1/2 cc.) injectada no derma, **loco dolente.**

Em 1929, o prof. Sicard e Lichwitz conhecendo os excelentes successos desta pratica, procuraram explicar o mechanismo de tão surprehendentes resultados, isto é, **"O papel do derma no tratamento das algias visceraes".** Estudaram nesse trabalho erudito a acção do agente therapeutico introduzido no derma, **loco dolente,** verificando que os velhos remedios seculares, mosca de Milão, senapismo, cataplasma, pontas de fogo, ventosas escarificadas, etc. actuam por mechanismo identico, evidenciando mais que o resultado analgesico não depende da modalidade physica ou chimica da substancia empregada, mas de sua applicação no derma.

Em 1931 Roussy e Mosenger (Soc. de Biologia — Paris — 19 Dez. 31) expondo o resultado de seus trabalhos sobre a reação cutanea da histamina, mostraram que foram Epinger e Gutman os primeiros a estudar essa reação. Aquelles dois experimentadores verificaram a triplice reação de Lewis (rubor local, erythema diffuso e edema). Em 1933, Halbron, Lenormand e Pierre Daltigue, sob o título — **Tratamento da angina do peito por alguns acidos aminados,** puzeram em evidencia o valor das injeções intradermicas.

Estes pesquisadores não esquecendo a moderna concepção ecletica que considera a angina do peito como **grito de soffrimento** do plexo cardiaco solicitado: — ora, directamente, por lesões visinhas (cardio-aortite); ora, por um reflexo, mais ou menos afastado; ora por um estado nevrotico especial, comprovaram este facto extraordinario: "a therapeutica empregada contra a angina do peito calma a dôr qualquer que seja sua etiologia". A medicação usada por elles constava de uma solução de tryptophan e histidina.

Estes acidos aminados não só podem combater o accesso anginoso como impedir a repetição e intensidade das crises.

Em 1935 Noel Fiesseinger publicou o resultado de seus estudos sobre **urticaria reincidente.** Sabendo elle que grande numero de experimentadores attribuem papel importante á histamina na pathogenia das doenças allergicas (asthma, urticaria etc.) procurou desensibilizar varios doentes de urticaria reincidente por meio de ionisação de histamina conseguindo effeitos notaveis.

Desses trabalhos o grande mestre de medicina experimental tirou a seguinte conclusão: "Sem querer sustentar a theoria puramente histaminica da anaphylaxia e dos phenomenos allergicos não pode, entretanto, deixar de atrribuir a esta substancia papel importante na etiologia destes disturbios".

Em 1936 Weisenbach e Perle communicaram os excellentes resultados obtidos com o emprego da histamina intradermica contra a dôr e contractura do rheumatismo chronico, contra lombarthrias, nevralgias, perarthrites, torcicolo etc.

— No mez de Julho do anno corrente foram publicados dois trabalhos de alto valor sobre o thema que versamos — o da Radvan (Bukarest) e de Emile Aron (Tours).

Radvan, já ha alguns annos vem estudando os phenomenos, variaveis sob o ponto de vista clinico, da cryo-allergia sobrevindos em individuos sensiveis ás impressões thermicas e expostos a acção repetida do frio. Mostrou o perigo dos banhos frios nestes casos, podendo até causar a morte do paciente em consequencia de colapso cardio-vascular a que fica sujeito, mesmo tomando banhos em regatos ou piscinas pouco profundas. É bem provavel que fosse dessa natureza o accidente que há annos victimou no Rio de Janeiro (balneario da Urca), um distincto quintanista de medicina paranaense.

As pesquisas de Radvan, vém em apoio da theoria de Lewis segundo a quarto frio determina ao nivel da pelle sensivel a este agente, o apparecimento de uma substancia analoga á histamina, responsavel pela gravidade das perturbações referidas, agindo como antigeno da reacção allergica.

Skooge verificou a analogia flagrante que existe entre a acção da agua fria e as applicações da histamina. Fazendo-se um estudo comparativo de um banho frio e uma injecção subcutanea de 2 centgr. de histamina notar-se-ha, quer sobre a pressão san-

guinea, quer sobre a hemoglobina, as hematias e produção de acido chloridrico no estomago, que os effeitos são absolutamente identicos. Radvan meditando sobre a semelhança do choque do cryoallergico com o choque da histamina e sabendo que adrenalina é antagonista dos corpos histaminicos deduziu logicamente que o frio produz em um cryo-allergico insufficiencia relativa da secreção adrenalinica por asthenia das glandulas supra-renaes, favorecendo dest'arte o apparecimento do choque respectivo. E a contra prova elle a teve eloquente evitando o choque com injecção de adrenalina.

Concluindo o estudo exhaustivo sobre o choque histaminico e o perigo dos banhos frios em casos de cryo-allergia, diz o grande mestre de Bukarest:

"A frequencia relativa dos casos nos obriga a insistir sobre a importancia do choque histaminico no determinismo dos accidentes graves, muitas vezes mortaes, por occasião dos banhos frios".

— O prof. Emile Aron, da Faculdade de Medicina de Tours ha pouco mais de dois mezes, em 14 de Julho de 1937, publicou um trabalho onde recorda as mais notaveis pesquizas relativas ao valor anti-algico das injecções intradermicas e põe em relevo os estados morbidos diversos que se atenuam ou desapparecem sobre a influencia dessa applicação.

Não resistimos ao desejo de citar as principais passagens desse estudo, abroquelado em observações cuidadosas e factos bem comprovados. O prof. Aron compulsando os trabalhos dados a lume sobre este assumpto julga-se autorizado a tirar delles 3 conclusões principaes:

1.ª — A injecção intradermica de qualquer substancia **loco dolenti** é dotada de acção anti-algica.

2.ª — A via intradermica augmenta a rapidez e efficacia da acção das substancias neurotropicas (histidina).

3.ª — A injecção intradermica de histamina por sua poderosa propriedade vaso-dilatadora capillar e por sua acção propria é efficaz no tratamento da dôr e da contractura das affecções rheumaticas.

Para elucidar e justificar estas proposições o prof. Aron apresenta, para cada uma dellas, 2 observações que são por elle analysadas. Nestas observações elle deixa patente o alto alcance dessa nova therapeutica que já tem espalhado grandes beneficios aos portadores de algia de varias especies. Concluindo diz o eminente mestre:

"Sem nos preoccupar com hypotheses pathogenicas, reunimos, propositalmente neste trabalho, tres series de pesquisas differentes, cujos resultados foram por nós comprovados.

Toda injecção intradermica, em particular a de agua distillada, é dotada de efficacia anti-algica, ás vezes notavel, quando feita no ponto do derma onde repercute a dôr. Ainda mais, as soluções de histamina e histidina exercem acção peculiar á toda picada, intradermica, isto é, especificas, antalgicas e neurotropicas.

Impressionado com os resultados surprehendentes dos resultados clinicos resolvemos, fala o mestre, proseguir empregando solução de histidina a 4 por 100, contendo 1/10 de millgr. de histamina por centimetro cubico.

Os resultados obtidos com a mistura histidina-histamina nos pareceram mais constantes e duradouros que os obtidos com a histidina e histamina separadamente.

Todas as dermalgias, prosegue o professor Aron, quer sejam de origem rheumaticas, vascular, nervosa ou visceral, podem ficar rapidamente curadas ou melhoradas com as injecções intradermicas da solução histidina-histamina".

Estes notaveis resultados das observações clinicas, colhidas em fontes differentes e com successos semelhantes, alem de trazer novos agentes therepeuticos de valor comprovado, vêm justificar a pratica sabia de nossos antepassados que com a maxima confiança combatiam o mal onde elle se manifestava.

Para corroborar estas asserções e ao mesmo tempo prestar homenagem aos nossos antepassados duramente criticados pelos clinicos hodiernos, vamos ouvir a opinião auctorisada de dois pesquisadores notaveis que sobre esta materia podem opinar e doutrinar. São elles Delherme e Gajdos que deram á estampa em 1935, um trabalho precioso onde estudam a histamina sob todos os aspectos.

Desse trabalho deduz-se que qualquer que seja o agente irritante da pele verifica-se a triade de Lewis (rubor local, erythema diffuso e edema) identica á reacção determinada pela histidina. Apoiando-se em numerosos dados chegaram a conclusão de que a irritação da pele põe em actividade um processo biochimico no evolver do qual a histidina-amino acido, que se encontra em todas as cellulas do organismo, transforma-se em histamina, pela perda de um grupo C O O H.

A histamina assim liberta provoca a excitação cutanea neuro-vascular ou reacção de Lewis, esta, por sua vez, é o agente precipuo dos extraordinarios effeitos therapeuticos alcançados com a nova medicação.

— De todas estas pesquizas e observações que vimos apreciando decorre um facto singular e digno de registro, — o proprio organismo, mediante a irritação, mechanica ou chimica, de certa camada de seu tegumento, fornece o agente therapeutico capaz de combater tão diversas manifestações morbidas de que elle é victima.

* * *

Mechanismo da acção antalgica das injecções intradermicas

Apesar de numerosos trabalhos publicados sobre este assumpto exaltando o effeito therapeutico da histamina e reiteradas pesquisas tendentes a elucidar sua acção curativa, ainda não passamos do terreno das hypotheses.

Ao clinico é secundario o conhecimento exacto do mechanismo em virtude do qual se consegue a acção therapeutica efficiente, o essencial é a efficacia do agente medicamentoso em proveito do doente.

Apezar de assim pensarmos não devemos deixar de lembrar algumas hypoteses destinadas a esclarecer materia tão importante. — Sicard tentando explicar o mechanismo da acção antalgica da injecção intradermica começa recordando que, as dores originadas em uma viscera, são transmitidas á medulla por via sympathica. A marcha do complexo morbido seria a seguinte: a incitação visceral seguiria o simpathico, reflectir-se-hia sobre o ganglio rachiano (1.° articulação) depois sobre a meduda (2.° articulação), ahi se dicotomisando — uma parte essen-

cial, ascendente, dirigir-se-hia para a corticalidade cerebral onde a algia se tornava consciente, a outra accessoria iria a peripheria cutanea do metamero medular (dermatoma). O mechanismo das injecções antalgicas seria o seguinte: Primeiro tempo, acção sobre o derma, excitação das terminações nervosas; segundo tempo — acção local repercutindo por via centripeta sobre o centro sympathico latero-medular que de outra parte é estimulado pela excitação sympathica de origem visceral. Assim o centro sympathico latero-medullar recebe duas sortes de solicitações: de um lado acção excitadora de origem visceral e de outro a acção inhibidora de origem dermica, que interromperá a corrente viscero-medullo-cortical.

Em outros termos, á excitação algica de origem visceral responde a acção therapeutica (ou antalgica) de origem dermica. Se a acção inhibidora dermica sobrepujar a excitadora visceral, ipso facto, a dôr desapparecerá.

Sicard, finalmente tira esta desalentadora conclusão: "Se a therapeutica dermica representa um recurso notavel contra as dores visceras, o mechanismo de sua acção ainda é mysterio"

— O professor Iacchia ao relatar a interessante observação que conhecemos diz que, sendo sceptico em relagão a milagres e desprovido de poder suggestivo, só pode atrribuir á histamina o sucesso espantoso que obteve; entretanto não acha facil explicar o mechanismo da acção **fulminante** do medicamento. (O grypho é nosso).

O illustre mestre entra em largas divagações relativas ao poder curativo dessa substancia, visando principalmente o rheumatismo. A acção therapeutica mais simples da histamina baseia-se na intensa hyperemia activa por vaso-dilatação, profunda e superficial, eliminando residuos retidos, provenientes de disturbios locaes. Outra hypothese attribue á carencia de histamina nos tecidos ou nos orgãos dando logar este facto a sensação dolorosa.

Lembra ainda a possibilidade do augmento embora transitorio, da reserva alcalina do sangue que neutralisaria a acidose dos tecidos atacados e dest'arte causadores das perturbações morbidas.

Por fim attribue a acção da histamina a um choque semelhante ao colloide classico, correndo por conta de antigenos lançados bruscamente na circulação e irrigação exaltada do territorio doente. Depois de tantas conjecturas o illustre prof. lacchia parece ter cortado o nó gordio da controversia quando affirma: "a hypothese que se impõe é que o cathion histamina levado pelo sangue ou pela lympha, mesmo em doses infinitesimaes, vae agir directamente sobre os tecidos alterados ou morbidos, normalisando alterações reversiveis".

Devemos confessar francamente como fez o prof. Sicard — o mechanismo que resista a uma critica severa ainda é incognita.

CONCLUSÕES

A injecção intradermica é antialgica graças a histamina liberta e attrahida na sede da aplicação.

* * *

A histamina tem intensa acção vaso-dilatadora sobre os capilares, sendo provavel que seu poder antialgico dependa em grande parte, dessa propriedade.

* * *

A injecção intradermica põe em contacto o agente therapeutico com as ultimas expansões cutaneas do sympathico.

* * *

As cataplasmas, pontas de fogo, senapismo, ventosas, injecção de agua pura, **loco dolenti,** provocam o apparecimento de histamina e d'ahi seu effeito sedativo.

* * *

A acção anti-algica não depende tanto da natureza do agente empregado como da sede em que é applicado (Sicard).

* * *

Actualmente a escala de valor therapeutico ascendente é a seguinte: agua dist., histidina, histamina e, no topo, a mistura histidina-histamina. (E. Aron).

* * *

É incontestavel a acção anti-algica da nova terapeutica e sendo assim não devemos deixar de empregal-a todas as vezes que seja indicada.

Curitiba, 1.° de Outubro de 1937.

VIDA DO DR. FAIVRE

Se o lema do Rotary pode resumir-se em uma unica palavra —servir; são, entretanto, multiplas as fórmas por que cada individuo procura atingir essa meta — mística alcandorada desta singular instituição.

Em verdade, uns servem aliviando o sofrimento dos que padecem, consolando e estimulando os que perdem o animo; outros, sugestionando ações nobilitantes, orientando atividades e agremiando-as para um trabalho construtor em pról da comunidade.

Mas, ha entes privelegiados que, satisfazendo o ideal rotariano em toda sua plenitude, exercem influencias beneficas em tão vasto âmbito que chegam abranger todas as modalidades de bem servir, sem preocupação de recompensa, sem outro intuito que fazer o bem.

É de tal magnitude, de tamanha singularidade esta afirmativa que todos os companheiros devem estar pedindo um exemplo concreto, um, apenas, desse individuo modelar e **sui-generis.** possuidor de taes predicados, que o elevariam á categoria de super-homem. E eu os atenderei, revelando que o motivo desta ligeira palestra é, justamente, apresentar um lidimo rotariano que assim se mostrou na exuberancia de uma vida apostolar e que poucos dos presentes conhecem.

Refiro-me ao Dr. João Mauricio Faivre, que antecedeu por mais de meio seculo Paulo Rarris na pratica dos movimentos altruisticos que o levaram á fundação do Rotary.

De fato, o Dr. Faivre revelou-se em todos os seus átos um verdadeiro apostolo do bem, um batalhador indefesso animado sempre dos mais elevados sentimentos rotarianos. Culto, integro, operoso e caritativo, passou toda sua longa existencia ser-

vindo, não só sua patria adotiva como todos os que precisavam de um conselho, orientação ou mera sugestão. Desenvolvia sua ação multiforme, desde a mais alta esfera da cultura medica de nossa patria, até o mais modesto labor agricola em nosso Estado, isto é, foi um dos fundadores da Associação Medica do Rio de Janeiro, depois Academia Imperial de Medicina, composta dos mais elevados representantes da classe medica do Brasil, menos um, que os companheiros conhecem e foi, em nosso Estado o primeiro que lá nos sertões do Ivaí, empunhou a rabiça de um arado sulcando o solo ubertoso daquelas plagas dadivosas. Foi chefe da famosa 7.ª Enfermaria do Hospital do Rio de Janeiro onde se dedicava ao tratamento dos mais humildes enfermos e foi medico assistente, que contraste, do maior vulto de sua epoca — o patriarca José Bonifacio.

Assim, como vêem os companheiros, esse extraordinario obreiro de nosso engrandecimento exercia sua sacrosanta missão, desde a mais alta culminancia social onde se achava José Bonifácio de Andrade e Silva até a planice raza onde gemia o mais obscuro enfermo em catre miseravel.

E sua bondade inefavel a todos os acolhia, pobres e ricos, grandes e pequenos, o lenitivo de sua palavra austera e seu saber profundo.

* * *

O ilustre medico e historiador Dr. Alfredo Nascimento, em bem elaborado trabalho, traz interessantes informes sobre este grande homem, bom clinico e clinico bom, e daí tirei material precioso para documentar esta ligeira palestra.

O Dr. Nascimento, por sua vez, socorreu-se de subsidios que o Snr. Joaquim Antunes de Almeida, nosso distinto patricio, com zelo e dedicação louvaveis adquiriu em pacientes pesquizas.

O nosso jovem e illustrado patricio David Carneiro, em seu livro **Casos e Coisas da Historia Nacional traz** magnifico capitulo intitulado — **O Dr. Faivre e sua ação** — onde põe em evidencia os raros predicados que exornavam a personalidade desse heroico desbravador de nossas selvas.

Si houvesse qualquer sombra de duvida sobre o que avancei atinente á nobreza dos propositos de Faivre, e os sentimen-

tos filantropicos que impulsionavam, a carta dirigida por êle ao Snr. Felisbino da Rosa, datada de 24 de Março de 1849, estampada nesse volume de David Carneiro e cujo original aqui apresento aos companheiros bastaria para sagral-o rotariano de escól peoneiro de nossa prosperidade.

x x x

O Dr. Faivre nasceu em 2 de setembro de 1795 em Combe-Raillard, no Jura, e, doutorando-se em Medicina pela Faculdade de Paris, veio para o Brasil em 1826, com a idade de 31 anos. No Rio de Janeiro exerceu sua profissão, destacando-se, desde logo, como facultativo caridoso e provécto.

Nomeado medico do Hospital da Côrte e tendo a seu cargo a 7.ª Enfermaria de Medicina aí prestou, com a maxima dedicação inestimaveis serviços.

Reunindo-se a quatro colegas esforçados, Soares Meireles, De Simoni, Jobim e Sigaud, com eles fundou em 28 de maio de 1829 a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro com a mesma preocupação altruistica que levou Paulo Hárris a fundar o Rotary Club, em fevereiro de 1905; o objetivo daqueles clinicos era tornar mais eficiente o serviço medico, mais prestigiosa a classe e mais intimo o contacto entre os membros da mesma profissão.

Designado pelo Governo Imperial para ir a Goiás estudar as aguas termaes de Caldas Novas, de lá voltou, escrevendo notaveis memorias e relatorios que lidos na Academia Imperial de Medicina conquistaram para seu autor a comenda de Cavalheiro da Ordem de Cristo conferida por D. Pedro II.

x x x

Sua existencia fluida e feliz prospera quando em 1841 caiu doente sua esposa Ana Taulois que, após 44 dias de pertinaz enfermidade veiu a falecer, a despeito de tudo quanto é possivel esperar da ciencia aliada á dedicação e ao carinho.

O golpe inesperado que o atingiu em pleno coração, como raio em manhã clára e serena, produziu larga ferida que nunca logrou cicatrizar, obringando-o a afastar-se do campo de seus triunfos.

Partiu para Goiás e lá fazendo novos estudos das apregoadas virtudes das Caldas-Novas não lhe confirmou a eficacia contra a lepra, como era crença popular.

Internando-se, logo depois, no sertão, rumo á Guarapuava foi deter-se ás margens do rio Ivaí, onde fundou a Colonia Tereza, em homenagem á Imperatriz do Brasil Tereza Cristina e aí faleceu a 30 de agosto de 1858.

O Barão de S. Felix, no ano seguinte fez-lhe o elogio biografico perante a Academia Imperial de Medicina que ele ajudou a fundar.

Nada de positivo se sabe quanto ao lugar exato em que foi êle inhumado na Colonia Tereza, onde viveu cerca de 16 anos, trabalhando sempre pela grandeza dessa zona e onde poucos, rarissimos mesmo, terão noticia das excelsas virtudes do sabio varão que na floresta bravia procurava remedio para o sofrimento que lhe torturava a alma.

x x x

Num ambiente tão diverso daquele em que, até então, havia passado vida feliz e próspera, não ficou inerte durante longo tempo em que aí permaneceu isolado do rumor dos grandes centros; ao contrario, multiplicou sua atividade dedicando-se aos mais variados mistéres, procurando, talvez, sufocar numa intensa expansão de energias e grande dôr que foi ocultar na solidão magestosa das matas virgens do Paraná.

Conhecendo Faivre a fertilidade assombrosa da zona onde havia fixado seu **habitat,** pôs em pratica metodos racionaes de cultura do sólo.

Tendo falta de braços para os trabalhos agricolas e contando com a preciosa carga para o sertão, através de mil dificuldafoi á França e de lá trouxe 25 familias de agricultores, num total de 60 pessoas..

Regressando gastou 52 dias de viagem de Antuerpia ao porto de Antonina, onde desembarcou em fevereiro de 1846, seguindo com a preciosa carga para o sertão, através de mil dificuldades, até alcançar a terra de Canaan de seus sonhos de viuvo inconsolável.

Ensinava noções de agronomia e fazendo uso do arado, talvez o primeiro que sulcou terras paranaenses, mostrava todas as vantagens de tão util instrumento.

Abriu estradas comunicando a colonia com Ponta Grossa, Imbituva e Guarapuava. Aconselhou o Governo do Paraná a adotar o arado no preparo do sólo para plantar trigo.

Não tendo abandonado a clinica, como desejava, era constantemente chamado para atender doentes em varias localidades, principalmente, em Curitiba, Palmeira e Villa do Principe.

Em Palmeira era hospede do Cel. Theodorico Maciel em cuja casa existia um quarto conhecido pela denominação de quarto do Dr. Faivre.

Quando vinha á Curitiba morava em casa do venerando paranaense Antonio Ricardo Lustosa de Andrade e na Vila do Principe era hospede do Comendador da Ordem da Rosa Gregorio Maciel, meu avô, de cuja fonte cheguei a conhecer varios episodios da vida de Faivre. Tão máus eram os caminhos e tão dificil a viagem para atender doentes de pontos distantes que, sendo chamado, para tratar de uma senhora da familia Virmond, na Lapa, quando chegou na então Vila do Principe foi para assistir a missa do 7.° dia em sufragio da alma da cliente.

x x x

Graças á gentileza do Dr. Loureiro Fernandes, atual Diretor do Museu Paranaense e sempre dedicado ao estudo de nossos homens e de nossa história posso agora apresentar aos companheiros a fotografia do Dr. João Maurício Faivre, obtida do retrato á óleo, devidamente autenticado, existente na pinacoteca anexa a esse museu e que foi entregue pelo Sr. Jocelyn Augusto Morocines Borba, último Diretor da Colônia, ao Sr. Manoel Caetano Pinto, em 9 de dezembro de 1874.

O Dr. Faivre, em todos os setores das realizações filantrópicas, destacou-se como pulinuro pugnaz que não sente desânimo, nem dificuldades, quando se trata de servir, de ser útil.

São notáveis os serviços por ele prestados à assistência médico-social, à colonização e à agricultura incipiente do Paraná, que apenas iniciava sua vida autônoma.

Desbravando sertões, abrindo estradas, cultivando o solo fundando escolas e clinicando, era sempre a mesma benemerrência sem deslise, sem vaidade, sem jatancia e sem fadiga.

Quando Faivre faleceu, em 1858, a Colônia Tereza era composta de 252 pessoas tendo 62 casas, modesta igreja cristã e uma escola frequentada por 52 meninos, 18 do sexo feminino e 34 do masculino. O Paraná que nunca jamais olvidará o nome de tamanho benfeitor, já lhe prestou duas homenagens, colocando-lhe o retrato na galeria dos homens notáveis e dando seu nome a uma das ruas desta capital.

Agora dirão os ouvintes se eu tinha ou não razão em anunciar-lhes que ia lembrar em rápidas palhetadas a vida de um grande homem que alguns decenios antes de Paulo Harris já havia alcansado o desiderado do Rotary em toda sua complexidade e grandeza.

Foi um perfeito rotariano animado, curando, orientando e ensinando a todos que o procuravam confiados na pureza dos seus sentimentos altruisticos e na cultura do seu nobre espírito polarizado sempre para o bem.

Curitiba, 5 de Janeiro de 1938.

x x x

"HISTÓRIA DOS TRABALHOS MÉDICO-CIRÚRGICOS DURANTE O CERCO DA LAPA".

Companheiros:

Aqui estou para cumprir ordens da Comissão de Programas que designou o dia 21 de novembro de 1939 para minha palestra sobre "História dos trabalhos médicos e cirúrgicos durante o cerco da Lapa".

Falar do sítio da Lapa é recordar "uma odisséa de dor a confundir-se com uma epopéa de heroísmo". Odisséa escrita com lágrimas. Epopéa escrita com sangue". Nessa justa homérica os combatentes elevaram-se tão alto, pelo denodo e patriotismo que todo o Brasil conhece, exalta e guarda seus nomes como símbolos da bravura.

Quando me falecessem todos os méritos, quando nada de útil tivesse feito na profissão que exerço, ninguém me poderia negar esse serviço, que o tenho como galardão, qual o de fazer parte dos sitiados e ter prestado assistência ao Cel. Gomes Carneiro, conquistando-lhe a estima.

Mas eu não estou aqui para exaltar-me senão para dizer algo sobre serviços médicos-cirgúrgicos durante o sítio da Lapa, que teve iniício em 16 de janeiro de 1894 e terminou em 11 de fevereiro, durando, portanto, 26 dias.

A Comissão de Programas desejando, talvez, facilitar-me a tarefa, escolheu um tema que, frisando com minha profissão devia ser de rápido preparo.

Entretanto, resolvendo o assunto achei que não seria facil tratar de cirurgia e medicina na guerra, sem trazer ao Rotary recordações tristes quiçá chocantes, que se não coadunam com o ambiente de alegria e bom humor que deve reinar aqui.

Em todo caso, por amor á disciplina, e sem afastar-me do assunto eleito, vou passar sobre ele como gato por braza, e recordarei em compensação alguns episódios ocorridos no inolvidável sítio.

Três médicos prestamos serviços aos sitiados, eu, Woff e Albernaz. Os trabalhos cirúrgicos consistiam em intervenções de pequeno vulto, mesmo porque nenhum de nós tinha presunção de operar consumado.

Eu daria prova de mal gosto e submeteria os caros companheiros, que tanto considero, a um verdadeiro constrangimento se viesse, neste recinto, descrever ferimentos e amputações que a ninguém poderia interessar.

Assim, direi apenas duas palavras sobre cirurgia de guerra e finalisarei mostrando que o fator emotivo intenso não é como muita gente acredita, elemento etiológico imediato da grande nevrose de Charcot — a histeria.

* * *

O hospital de sangue instalado em vasto prédio do Largo da Matriz, hoje Praça General Carneiro, ficou em poucos dias superlotado; alojamos, então, doentes portadores de ferimentos leves, de moléstias internas no teatro S. João, que, muito breve, ficou repleto. Alguns feridos eram levados para casas particulares onde recebiam tratamento adequado.

O maior número de doentes internados nas infermarias era de fraturas por projétil, hemorragias e ferimentos penetrantes do tórax.

O General Gomes Carneiro, foi ferido no dia 7 de fevereiro por bala de fuzil que lhe atravessou o estômago e o fígado, vindo a falecer no dia 9.

O seu ferimento apresentava muita semelhança com o de Sadi Carnot, ex-presidente da França, que ao mesmo ano fora vítima de um punhal de Casernos, anarquista italiano.

Logo que se sentiu ferido o ínclito soldado da legalidade, pediu que o levassem para a casa em que eu estava residindo. Verifiquei que a bala havia atravessado aquele organismo rijo que se nos afigurava invulnerável, deixando na saída um largo orifício.

Tudo indicava mau prognóstico: sede, abalo e hemorragia. Convencido embora que seu estado era grave não passou o comando da praça e recomendou-me que a todos dissesse que era sem gravidade e que dentro de poucos dias, 2 ou 3, estaria ao lado dos seus comandados. Apesar de não desejar outro médico, mandei chamar o dr. Wolff e com ele combinei aterapêutica mais conviniente ao caso.

O Cel Dulcídio foi ferido gravemente por estilhaço de granada, no hipogastro, quando observava da torre da igreja o movimento do inimigo.

O dr. Aminthas de Barros teve morte instantânea, por bala de fusil no crânio, quando imprudentemente, procurava penetrar na casa situada junto à trincheira que comandava e a qual os federalistas tinham invadido... Aminthas, passando por minha residência, pediu-me que fosse ver sua filhinha doente e segui para seu posto. Decorridos poucos minutos, veio um soldado avisar-me que ele havia sido morto. Fui às pressas ver a doentinha e encontrei a esposa na janela a espera do marido para a refeição. Pressuroso mediquei a doente e retirei-me antes que chegasse a triste notícias naquele lar feliz.

* * *

Certa vez estava eu medicando um federalista, gravemente ferido, que acabava de chegar á enfermaria, quando ví Carneiro dirigir-se para o lado onde eu trabalhava. "Dr. faça tudo por ele, disse, forneça-lhe o que desejar, o inimigo ferido deixa de ser adversário e necessita todos os nossos cuidados". Retirou-se, prosseguindo em suas visitas costumeiras.

Mais tarde cientifiquei-lhe que aquele soldado gaucho, tendo chegado de Curitiba no mesmo dia em que foi ferido, referia que esta cidade tinha sido abandonada aos federalistas e que o General Pego havia fugido deixando armas e munições á mercê do inimigo. Carneiro mostrou-se indignado afirmando que Pego fora um herói no Paraguai e pediu-me que o acompanhasse ao hospital onde estava o ferido. Lá chegando disse-lhe: "Olhe camarada, eu pedí ao doutor que o cuidasse, tratasse com todo carinho, mas se você continuar a espalhar mentiras sobre a tomada de Curitiba eu lhe mando fuzilar". O ferido, apesar da veracidade que havia relatado, compreendeu a situação melindrosa do momento e não abrir mais a boca para falar no caso.

Era preciso evitar que essa verdade desconcertante em sua hediondês se espalhasse porque o desânimo invadiria os combatentes e a causa da legalidade correria perigo.

* * *

Há indivíduos que têm tanto pavor de sucumbir vítima de determinada arma letal, expondo-se a toda a sorte de sofrimentos e vexames para fugir a esse destino.

Observei alguns casos que corroboram o asserto.

Ao passar o Cel. Serra Martins pelo teatro onde estavam alojados os doentes, comunicou-lhe um oficial que a munição de guerra estava escasseando e breve estaria esgotada.

Justamente ao defrontar a porta do teatro, Serra Martins gritou: "Pouco importa, mataremos á faca, á faca".

Foi um alvoroço entre os doentes. Um deles que tinha pavor áquela arma, esqueceu-se da doença e conseguiu subir até uma janelinha situada no fundo do teatro e tão alto que pessoa sã dificilmente poderia atingí-la e de lá se precipitou no quintal da casa contígua...

Socorrido, declarou horrorisado, que já estavam matando á faca os doentes da enfermaria.

* * *

Quando tivemos ordens de seguir rumo ao Rio Negro, para enfrentar o inimigo, um soldado da reserva, para não marchar pos a mão espalmada em um cepo e com um velho machado deu vários golpes, procurando decepar os dedos.

Quando regressávamos do Rio Negro, em marcha forçada, verificamos, ao chegar á ponte do Rio da Várzea que esta linha havia sido dinamitada, não tendo vau o rio. A surpresa foi enorme e o receio de ficarmos entre dois fogos causou intensa emoção aos retirantes bisonhos. Um oficial da guarda nacional moço distinto e inexperiente, ao ter notícia de nossa situação, ficou por tal forma abalado que tirando a pistola da cinta, detonou-a contra o coração, morrendo instantaneamente.

O medo da morte tem levado muita gente ao suicídio. A natureza humana tem coisas dificilmente explicáveis pelo senso comum.

* * *

Pouco tempo depois de levantado o cerco alguém ponderou-me que devia ter observado muitos casos de histeria, durante os 26 dias de sofrimento e nervosismo.

Médicos e profanos sabem que a histeria é produzida principalmente por emoções em terreno predisposto. Ora, sendo as praças sitiadas viveiros de perturbações nervosas parecia lógico que aí se encontrassem numerosos casos desta doença; entretanto, todos os clínicos que já assistiram o metuendo e selvagem espetáculo de homens civilizados destroçar impiedosamente seus semelhantes, são acordes em declarar que nunca observaram em tais situações, a nevrose convulsiva de Charcot.

A causa deste fato não é difícil de encontrar: entre os sitiados ou submetidos á violentos choques nervosos, as emoções são intensas e abalam profundamente o sistema nervoso tornando-se impróprio ao imergir da histeria que é despertada por uma agitação leve, passageira, superficial, como arrufos entre namorados, contrariedades domésticas, emoções ligeiras, etc.

Em suma, estas pequenas emoções podem despertar crises histéricas que se repetirão se a família, a entourage e até o médico cultivarem esse estado mórbido com descrições impresionantes do acesso e comentários inconvinientes que sensibilizam o terreno e o preparem para novas convulsões.

O conceito que acabo de externar sobre a gênese da histeria está acorde com a opinião de notáveis especialistas. Assim Klippel e Pierre Wiel afirmam "a emoção foi sempre considerada como causa da histeria. Parece, todavia, que a emoção intensa (la très grand emotion) não a provoca pelo menos no momento em que sobrevem".

Babinski, autoridade máxima no assunto que estou versando diz: "as emoções, quando intensas, impedem o desenvolvimento dos fenômenos histéricos..... Quando as emoções sinceras e profundas atuam sobre a alma humana não há lugar para a histeria".

É decisivo o testemunho de Clovis Vincent que se manifesta nestes termos: "Tomei parte em rudes batalhas; eu e meus camaradas vimos companheiros cortados por metralhadoras, esmagados por obuses; ví homens fugirem, dar expansão a acessos emotivos violentos, mas não ví crise de histeria.

Nos campos de batalha onde os projetis fazem mortos e feridos e onde as emoções vão ao auge, nunca ví essas emoções produzirem fenômenos histéricos".

O fato estranho é inexplicável diante da concepção de Babinski que considera a histeria moléstia produzida por sugestão; e a sugestão só pode ser recebida por um cérebro que não esteja profundamente conturbado.

Nas praças de guerra não há tempo nem lazer para essas expansões um tanto românticas que já vão caindo em desuso.

E a histérica percebendo que ninguém pode atendê-la, quando em crise, trata de adiar o "chilique" para ocasião mais oportuna".

MECANIZAÇÃO DA MEDICINA

A medicina não é somente a mais bela das profissões, é também a mais nobre e prestadia, porque devassando o organismo, penetrando-lhe a intimidade dos tecidos e órgãos, tem a preocupação alcandorada de colher elementos com o fim de orientar a terapêutica.

Outrora o facultativo contava somente com seus recursos pessoais para tão ingente desiderado; hoje, graças às contribuições de várias procedências, dispõe ele de um rico arsenal para desvendar a doença e dar-lhe acertado combate.

A habilidade e a proficiência do clínico na cabeceira do doente vão cedendo terreno a um vasto e aperfeiçoado instrumental que atua com segurança e rapidez, obrigando o abnegado discípulo de Hipócrates a submeter-se resignadamente às injunções da lei do menor esforço.

As lições de Piorry, de Potain e os geniais ensinamentos de Laennec vão sendo relegados para um segundo plano.

Atualmente ninguém percute, como ensinavam aqueles mestres, a área precordial para demarcar as dimensões do órgão central da circulação, porque o Raio X espalhado por toda parte, resolve esse problema clínico com precisão e rapidez.

Notável radiologista já emitiu, com a autoridade de um grande nome e justa fama mundial, estes conceitos categóricos e rudemente severos:

"Estamos longe do período pré-radiológico em que a auscutação e a percussão constituiam os elementos de exploração física dos pulmões. "Hoje esses velhos métodos pertencem à história da tisiologia e ainda são lembrados por alguns retardatários, não especializados, preguiçosos ou vaidosos, que não têm

a necessária coragem para estudar tudo de novo, numa atitude humilde e atenta, seguindo cursos ou serviços de radiologia pulmonar".

As tentativas bem dirigidas no sentido de serem utilizados os recursos de uma aparelhagem aperfeiçoada, vão sendo, incontestávelmente, coroadas de êxito, mas não chegarão até o extremo de levar o enfermno a prescindir do concurso do clínico com seu valioso contingente moral.

As previsões arrojadas de Metchnikoff vão se dessipando como um belo sonho de sábio visionário —: "o diagnóstico das moléstias, diz ele, será ainda feito sem ver o doente, ao simples exame de suas reações mórbidas ou de seu soro sanguíneo".

Se os problemas de medicina chegarem a ser resolvidos, consoante o sonho do velho mestre, por uma equação algébrica, então a clínica ficará inteiramente mecanizada.

Confrange-nos dizê-lo: — apesar do grande auxílio trazido ao facultativo pelas ciências accessórias, no sentido de facilitar-lhe a magna tarefa de curar o doente, as estatísticas consignam que o número global de óbitos pouco têm diminuido, o que representa insofismavel índice do passo tardo em que vai marchando a terapêutica.

Do balanço entre as novas conquistas da medicina no campo experimental e os velhos ensinamentos da escola clássica, sublimada no longo tirocínio de Miguel Couto — haverá talvez, divergências, mas não incompatibilidade de qualquer espécie. Podem ambas marchar juntas, e desse consórcio quem tira proveito é o doente.

Se é verdade, para dar apenas um exemplo, que a radiografia desvenda alterações no pulmão que escapam ao ouvido mais provecto, há entretanto, certas minucias estetoscópicas decorrentes de alterações especiais do órgão lezado que não estão ao alcance do Raio X e o ouvido descobre e lhe indica a origem.

Roentgen e Laennec podem e devem marchar de mãos dadas num mutuo auxílio.

Ainda que as ondas avassaladoras continuassem a progredir não se deve receiar que a vultuosa bagagem que se vem acumulando durante longos anos no exercício diuturno da profissão, fosse alijada como coisa inutil.

Se todo esse acervo de conhecimentos adquiridos no próprio tirocínio e na palavra de mestres insignes, ficasse submerso ainda restaria ao clínico a missão sacerdotal de assistência carinhosa, dedicada e consoladora junto ao leito do doente.

O justo e expressivo apoftegma: "o médico cura algumas vezes, alivia muitas e consola sempre" traduz admiravelmente o modesto papel do profissional que deve ter sempre presente as oraculares palavras de Miguel Couto: "Se toda medicina não está na bondade, muito menos vale seperada dela..."

DR. MANOEL PEDRO (*)

Já escrevi sôbre o Dr. João Maurício Faivre e sôbre os grandes mestres brasileiros — Torres Homem, Cardoso Fontes e Miguel Couto.

Para completar a galeria dos maiores vultos da medicina pátria ainda devo falar de Francisco de Castro sôbre quem, no momento, estou preparando ligeiro trabalho, destinado ao Rotary Clube de Curitiba.

Agradecendo ao Dr. Perreira da Cunha o delicado convite para ser o intérprete da Associação Médica do Paraná na sessão destinada a solenisar o centenário do nascimento do dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, não me podia esquivar, mormente estando o assunto enquadrado no plano que me tracei de homenagear eminentes médicos brasileiros.

Sabia que a tarefa não era fácil, mas o pedido gentil, em tom afetuoso, do preclaro colega e o fato de ter exercido a profissão durante dez anos, ao lado do inolvidável lapeano, fizeram-me esquecer os óbices de tôda ordem e aceitar desvanecido o convite honroso.

Ponderei então ao bondoso e delicado colega, portador do convite: — estou aturdido e perplexo diante da superabundância de material sôbre a vida e obra de Francisco de Castro, achando difícil uma seleção equitativa.

Ao passo que do Dr. Manoel Pedro, são assás excassos os elementos existentes, apesar do extraordinário valor do humanitário e sábio facultativo lapeano, que nada deixou escrito

(*) Trabalho lido na sessão solene realizada pela Associação Médica do Paraná, em 29 de de junho de 1943, por ocasião da passagem do centenário natalício do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima.

de sua lavra, quando podia fazê-lo, com a abundância e a riqueza de material que possuia.

Apenas foi encontrado em seu arquivo, um livro, grande parte em branco, onde estão lançadas traduções resumidas de artigos da Gazeta dos Hospitais, Boletim Geral de Terapêutica, e das lições de Jaccoud e Potain, não se podendo por esta amostra avaliar o quilate de sua inteligência, e a latitude de seu saber.

Dessas ligeiras traduções podia dizer-se o que Ruy Barbosa disse de Farncisco de Castro, prefaciando-lhe os discursos: ..... "São frutos de seus breves lazeres, diversões em que esparecia o ânimo nas raras horas subcessivas de uma vida absorta na profissão e no estudo".

Podia apelar-se para a tradição oral que tem incontestável importância, mas ainda que rica de fatos, ela se vai deluindo e o perpassar inexorável do tempo desgasta os acontecimentos e acaba extinguindo ou adulterando as que deviam ficar indeléveis.

O Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima nasceu na cidade da Lapa, no dia 29 de junho de 1843 e faleceu no dia 1.º de setembro de 1898, tendo apenas 55 anos de idade.

Iniciou seus estudos em Minas Gerais e completou o curso secundário em São Paulo.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, revelando-se estudante assíduo e inteligente.

Interno do Professor Torres Homem deixou gratas recordações na infermaria Santa Izabel.

Escreveu a tese inaugural sôbre "Eclâmpsia durante a prenhez e o parto", diplomando-se em 1868.

Logo depois, se instalou na cidade natal aí clinicando durante tôda a sua existência, com pequenos interrupções. Não tardou que sua fama de grande médico e humanitário profissional se divulgasse, e de tôda a parte da Província vinham doentes procurar conselhos e remédios para seus sofrimentos.

O destacado clínico não se envaidecia com a justa fama que lhe aureolava o nome benemérito.

Atendia a todos igualmente, não levando em conta a hierarquia, a opulência ou pobreza.

Seus vastos conhecimentos, e sua dedicação proverbial, estavam sempre ao dispor dos que sofriam, sem distinção, nem preferência.

Passava, muitas vezes, noite inteira ao lado de um enfermo, sabendo embora, que êle nada tinha para gratificar seu trabalho.

O pagamento de serviços que prestava não o preocupava. Raramente mandava conta de honorários aos clientes e quando era obrigado a fazê-lo, sempre os avaliava muito a quem do que realmente valiam.

O fato seguinte é característico.

Tendo prestado serviços de real importância ao chefe de uma família de tratamento, foi por êste solicitada a nota de seus honorários. O pedido foi retirado várias vezes inutilmente. Um belo dia, o médico notável e despreendido, recebe um **ultimatum** do cliente, nestes têrmos:

— Meu caro, dr., se não mandar a sua conta até tal dia, (o prazo era curto) passará pelo vexame de receber em casa o oficial de justiça que vai buscá-la.

* * *

Era um colega leal e acolhedor, não tinha ciumes do oficial do mesmo ofício.

Pairava sempre em plano superior e de lá espalhava os benefícios de sua ciência e os favores de seu prestígio, sem preocupação subalterna.

Êle, talvez, jamais tenha sabido a satisfação imensa que me proporcionou por ocasião do primeiro encontro que tivemos diante de um cliente.

Eu acabava de chegar diplomado e fui chamado, em sua ausência, para atender uma senhora que há pouco dera à luz.

Ao penetrar no quarto da doente notei grande confusão e soluços mal contidos. Examinei-a e verifiquei que se tratava de eclâmpsia, precisamente o assunto da tese do Dr. Manoel Pedro. Lamentei minha falta de sorte ao iniciar o tirocínio clínico.

Procurei atender a paciente, ancioso que chegasse o médico da família. O marido pediu-me a receita para levar à farmácia. Em uma saleta contígua, sentei-me, e procurando dominar a emoção e a angústia que me torturavam, fui vagarosamente formulando o que julguei mais acertado.

Meu pavor era prescrever qualquer agente terapêutico mal indicado, passível da reprovação ou censura do mestre, que não devia tardar.

À noite, não tendo ainda cessado as crises convulsivas, chegou afinal o médico da família.

Referi tudo quanto havia feito.

Examinou, calmamente a doente, confirmou o diagnóstico e acalmou a família angustiada.

Ficamos ambos ao lado da paciente.

Decorrido cerca de uma hora, o marido trazendo o vidro do remédio por mim prescrito, e dirigindo-se ao recem-chegado, disse-lhe que tinha terminado a poção.

O Dr. Manoel Pedro, recebendo-o, leu vagarosamente a prescrição, enquanto eu, aflito, esperava a sentença inapelável. Terminando a leitura, restituiu o vidro e apenas disse: — Mande repetir...

O júbilo que experimentei foi inefável, e nunca se apartou de minha memória êsse gesto fidalgo, e alviçareiro, por parte de quem, estando na situação privilegiada de aniquilar para sempre o modesto colega, que apenas iniciava seu tirocínio, entretanto eleva-o no conceito dos clientes dedicados, conquistando-lhe a estima e a consideração.

Trabalhamos na mesma localidade durante dez anos e é natural que sobreviesse desacordo no exercício de tão complexa profissão, mas entre nós, se houve divergência, nunca chegou à animosidade, sendo sempre de pouca duração e fàcilmente dirimida.

Eu o respeitava como mestre ensigne e êle não se julgava diminuido ao aceitar as observações do concorrente leal.

Os misteres absorventes da clínica, exercida com devotamento altruístico, ainda lhe davam lazer para cuidar da instrução e bem estar dos conterrâneos.

Em verdade, tomou acertadas providências para a construção da casa escolar da Lapa, a primeira erigida em nosso Estado, coadjuvou a manutenção da escola noturna, foi um dos fundadores da Associação Literária Lapeana, destinada a organizar uma biblioteca modelar e construir um teatro, que ainda lá existe, defrontando a estátua do General Gomes Carneiro.

Em 1884 foi nomeado por D. Pedro 2.°, oficial do Ordem da Rosa como recompensa de serviços prestados ao ensino obrigatório.

Possuindo vasta cultura médica, conhecendo humanidades profundamente, além de memória prodigiosa, nada lhe faltava para deixar preciosa e farta documentação escrita do seleto cabedal que seu espírito, ávido de saber, devia ter acumulado; entretanto nada legou aos que o não conheceram para aquilatar da pujança de sua inteligência e da amplitude da sua cultura.

Ensinava com proficiência humanidades, música e desenho não aceitando remuneração alguma.

Apesar de modesto, refratário a tôda espécie de exibição, a sua extraordinária competência e reconhecida bondade, conquistavam amigos e um largo círculo de admiradores.

Não falava em público e nem escrevia para jornais.

Modéstia, escasses de tempo, falta de hábito ou de vocação?...

O que eu sei e posso assegurar é que êle tinha competência para versar qualquer assunto sem dificuldade, principalmente no que tangia à História Natural, Belas Artes e Medicina.

Neste setor êle se achava em seus domínios e no terreno que mais lhe aprazia.

Seus diagnósticos eram bem deduzidos e seguros, sua terapêutica sóbria e orientada no sentido dos ensinamentos hipocráticos e cativante era a sua dedicação ao lado do cliente. Não podia dest'arte deixar de grangear a confiança, o respeito, a

estima e a gratidão dos que o conheciam e especialmente dos que recebiam os salutares benefícios do seu sacerdócio.

* * *

Tinha predileção pelo estudo das doenças do coração e moléstias infecto contagiosas. Destas a que mais o preocupara era a febre tifóide, então endêmica na cidade da Lapa.

Várias vezes tive feliz oportunidade de ouví-lo discorrer sôbre esta entidade mórbida; ora, sôbre o diagnóstico precoce, destacando sinais e sintomas que a revelam ao iniciar-se; ora, sôbre a diversidade das manifestações mórbidas que dificultam o seu reconhecimento; ora sôbre a terapêutica que melhor resultado lhe havia dado.

Sua exposição era clara e precisa, sem que se lhe notasse o menor desejo de mostrar erudição.

Expunha e comentava problemas elevados de clínica, despretenciosamente e sem tropeço, como se tratasse de cousa trivial.

Pessôa que faz parte da família do homenageado informou-me que o seu ilustre ascendente manteve correspondência epistolar com Pasteur.

É deplorável que tão, preciosas cartas tenham desaparecido do arquivo do ilustre extinto, pois elas por si só dariam a medida exata do seu merecimento e bastavam para a glorificação do seu nome.

Por ocasião da revolução federalista em 1893, que culminou com o cerco da Lapa em fevereiro de 94, o Dr. Manoel Pedro foi preso e recolhido à Câmara Municipal da cidade heróica. Sua detenção não foi motivada por qualquer ato subversivo contra o govêrno legal, mas pela circunstância de ser êle chefe de grande prestígio, gozando de incontrastável influência entre seus correligionários, adversários dos sitiados.

Fui mais de uma vez visitá-lo encontrando-o absorvido na leitura de livros de História Universal e Medicina.

Terminado o cerco foi solto e conservou-se na cidade.

Retomado o Paraná pelas forças florianistas êle ocultou-se, fora do Município, e foi então que manteve correspondência

epistolar com o Coronel Joaquim Lacerda, bravo chefe legalista. Estranhando as versões insistentes que corriam contra si e seu genro, pedia providências ao Coronel Lacerda, seu velho amigo, que o atendeu com tôda solicitude. Em duas dessas missivas, que estiveram em minhas mãos e pertencem ao arquivo do notável historiador patrício Daví Carneiro, o próprio Dr. Manoel Pedro traçou, em têrmos claros e incisivo, o seu perfil moral.

As cartas escritas ao correr da pena, sem preocupação literária, revelam um estilo elegante, correto e conciso.

Nos dois tópicos que translado para aquí, o missivista concretiza com energia e desassombro, que lhes não eram habituais, o substrato de sua personalidade, como médico e como cidadão.

Diz uma das cartas:

— "Fui para aí (Lapa) moço ainda, dediquei-me com entuziasmo à minha profissão, não como meio de fazer fortuna, mas como um sacerdócio".

Outra articula cabal defesa, quando diz:

— "Nunca persegui ninguem, nunca fiz mal à pessôa alguma, sempre procurei fazer bem a todos."

Exerceu a profissão como um sacerdócio e nunca fez mal a ninguem... Circunscreveu nestas palavras incisivas o âmbito de uma vida longa e indefessa na prática do bem.

Não podia ser mais claro, mais eloqüente e nem mais justo o auto-panegírico que ressalta dessas palavras singelas, brotadas do fundo de uma alma apreensiva e atribulada.

* * *

Em tôdas as diversas modalidades da existência — profissional, política e social, o seu desiderato era servir, sem preocupação de recompensa. Fazer o bem pelo prazer de o fazer e ser útil.

* * *

Adquirio a moléstia que o vitimou no exercício da profissão.

Tratando de uma doente pobre e luética, em pleno período contagiante, ferio-se no dedo e por aí entrou o germe infectante que lhe não respeitou o coração.

* * *

Fui seu médico assistente nos últimos tempos da moléstia fatal e tive então novas oportunidades de avaliar, com segurança, a extensão de sua cultura geral, bem como a argúcia e resignação com que seguia e suportava a fase final da doença implacável.

A Lapa, unânime, reconhecera a benemerência de seu sacerdócio e prestou-lhe tôdas as homenagens a que tem direito um facultativo dedicado, humanitário e competente.

De fato, logo depois do seu passamento movimentou-se a sociedade lapeana, no sentido de eregir um mausoléo no cemitério de sua cidade natal, que lhe perpetuasse o nome abançoado, por todos, e traduzisse a profunda gratidão dos seus conterrâneos.

O Coronel João Sampaio, amigo dedicado do extinto, relata nestes têrmos singelos, à maneira como agio e desobrigou-se a comissão escolhida para dar desempenho a essa piedosa incumbência. Diz o Coronel Sampaio: "Logo após o falecimento do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, em 1898, um grupo de amigos e admiradores cogitou de prestar homenagem à sua memória, dando demonstração, pública e duradoura da estima e gratidão que a população lapeana, era devedora ao grande médico que dedicou a existência e o seu grande saber sem visar interêsse pecuniário.

Para êsse fim promoveu-se uma reunião que se realizou em casa do farmacêutico Olimpio Westefalen. Aí se deliberou erigir um mausoléu de mármore no cemitério local e que fosse essa obra custeada com a contribuição exclusiva de filhos da Lapa.

Para encarregar-se da execução dessa idéia, foi escolhida uma comissão composta das seguintes pessoas:

Snrs. Dr. João Cândido Ferreira, Pedro Fortunato de Souza Magalhães, Eduardo Corrêa, Olímpio Westfalen, Francisco Teixeira da Cunha e João da Silva Sampaio.

Esta comissão organizou-se do modo seguinte:

Dr. João Cândido — Presidente.

Pedro Fortunato — Tezoureiro.

João Sampaio — Secretário.

De início, a comissão derigio cartas às diversas oficinas de marmoristas de Curitiba pedindo projetos e preços do referido mausoléo.

Foi escolhido o do marmorista Carlos Hüber, com quem contratou-se a execução do trabalho pelo preço de 4:00$ (quatro contos) — preço que dadas as devidas proporções corresponderia cerca de 30 a 40 mil cruzeiros da nossa moeda atual.

A seguir tratou a comissão de angariar os fundos para o pagamento da obra, o que não foi difícil em face das contribuições expontâneas.

Terminada a montagem do mausoléu fez-se a inauguração com toda solenidade.

No dia marcado foi celebrada uma missa na matriz da cidade e terminada esta, a comissão, tendo à frente o pároco, de cruz alçada, seguida de grande multidão, dirigio-se ao Cemitério local onde depois da benção teve lugar a inauguração do monumento, falando em nome da comissão o seu presidente Dr. João Cândido Ferreira que proferiu emocionante discurso, historiando e enaltecendo o grande mérito do ilustre extinto.

O mausoléu é um bonito trabalho em mármore branco, medindo 4 a 5 metros de altura e tem no alto uma estátua simbolizando a caridade, que foi o traço mais assentuado e característico do grande e humanitário médico.

Se não é um monumento faustoso, avulta no entanto a sua bela significação moral como repercussão do reconhecimento de um povo".

* * *

Depois destas palavras do Coronel João Sampaio, repassadas de emoção, que traduzem a saudade de um amigo sincero vou finalizar esta ligeira contribuição sôbre a extraordinária personalidade do clínico provecto que nasceu, mourejou e descança coberto de bençãos na Saragossa paranaense.

Se não trouxe farto subsídio sôbre a individualidade do preclaro médico lapeano, que sirva ao menos êste pequeno trabalho de um preito de admiração e justa homenagem ao batalhador infatigável e ao maior vulto da medicina paranaense.

FUNDAÇÃO SANTOS LIMA PRÓ-MEMÓRIA MÉDICA
DO PARANÁ

Instituidores:

— Diretoria: Eduardo Corrêa Lima
José Maurício Holtz
Murillo Gonçalves Coimbra
Manoel Pedro Pereira Lima
Rachel Pereira Lima

Conselho Fiscal:
Carlos Alberto Faraco
Edson Fischer da Silva
Antonio Carlos Santos Lima
Ayssor Jamur
José Antonio Santos Rosa
Di Marco Pozzo

— Lourdes Maria Santos Lima
Zeny dos Santos Carrano Almeida

ÍNDICE REMISSIVO

— Traços Biográficos 1
José Loureiro Fernandes

— Reminiscências 19
Eduardo Corrêa Lima 21
Moysés Paciornik 23
Atlântido Borba Côrtes 29

Homenagens Póstumas: 31
— Orlando de Oliveira Mello 33
— Ruy Noronha de Miranda 37
— José Pereira de Macedo 45
— Carlos Osborne 57

Ecos de seu Jubileu profissional 67
— Victor do Amaral e Nilo Cairo 135
(Confrontos e contrastes em fragmentos)

Para lembrar:
— Bento Munhoz da Rocha Netto
"Elogio a Vicente Machado e João Cândido Ferreira" .. 143
— Túlio Vargas
João Cândido Ferreira — sua vida Política 149
BIBLIOGRAFIA: 153

— Diagnóstico e Tratamento das Nevrites Periféricas ... 157
— Profilaxia da Tuberculose 159
— Influência da Gravidez sobre as Doenças do Coração .. 175
— A Super-Alimentação na Tuberculose Pulmonar 197

- – Higiene Alimentar 209
- - Lepra de Forma Seringomiélica 235
- - Actinomicose 245
· Lição Inaugural de Clínica Propedeutica 251
– Profilaxia da Febre Tifóide em Curitiba 267
— O Ar e o Sol Perante a Medicina 277
— Febre Luética 305
— Oração de Paraninfo de 1920 321
— Em Torno do Espiritismo 331
— A Sífilis como problema Social 377
— O Álcool não é Aperitivo, Nem Termogênico 395
— Alocução de Paraninfo 409
— Nevrose Respiratória 421
— Elogio de Vicente Machado 427
— Lição Inaugural de Clínica Médica 457
— Oração do Paraninfo 473
— Gomes Carneiro e o Cerco da Lapa 481
— Do Clorureto de Sódio à Azotemia, Passando pela Nefrite 497
— Charlatanismo, balanço Metapsíquico, Espiritismo 507
— Os Mercuriais como Diuréticos 537
— Ultra-Vírus e Cardoso Fontes 545
— Fundamentos do Rotary 561
— Síndrome de Fiessenger 569
— Injeções Intradérmicas de Histamina Contra Algias e Doenças Albérgicas 579
— Vida do Dr. Faivre 591
— História dos Trabalhos Médicos-Cirúrgicos Durante o Cerco da Lapa 597
— Mecanização da Medicina 603
— Dr. Manoel Pedro 607